

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS**

DANIEL DE FIGUEIREDO

**A ATUAÇÃO POLÍTICO-RELIGIOSA DO IMPERADOR TEODÓSIO II NA
CONTROVÉRSIA ENTRE CIRILO DE ALEXANDRIA E NESTÓRIO DE
CONSTANTINOPLA (428-450 d.C.).**

**FRANCA
2018**

DANIEL DE FIGUEIREDO

**A ATUAÇÃO POLÍTICO-RELIGIOSA DO IMPERADOR TEODÓSIO II NA
CONTROVÉRSIA ENTRE CIRILO DE ALEXANDRIA E NESTÓRIO DE
CONSTANTINOPLA (428-450 d.C.).**

**Tese apresentada à Faculdade de Ciências
Humanas e Sociais, Universidade Estadual
Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, como pré-
requisito para obtenção do Título de Doutor em
História.**

Área de Concentração: História e Cultura.

**Orientadora: Profa. Dra. Margarida Maria de
Carvalho.**

**FRANCA
2018**

Figueiredo, Daniel de.

A atuação político-religiosa do imperador Teodósio II na controvérsia entre Cirilo de Alexandria e Nestório de Constantinopla (428-450 d.C.) / Daniel de Figueiredo. – Franca : [s.n.], 2018.

407 f.

Tese (Doutorado em História). Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências Humanas e Sociais.

Orientadora: Margarida Maria de Carvalho

1. Antiguidade tardia. 2. Pensamento religioso.
3. Controvérsia nestoriana. I. Título.

CDD –935

DANIEL DE FIGUEIREDO

**A ATUAÇÃO POLÍTICO-RELIGIOSA DO IMPERADOR TEODÓSIO II NA
CONTROVÉRSIA ENTRE CIRILO DE ALEXANDRIA E NESTÓRIO DE
CONSTANTINOPLA (428-450 d.C.).**

Tese apresentada à Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” para obtenção do Título de Doutor em História.

BANCA EXAMINADORA

PRESIDENTE: _____
Profa. Dra. Margarida Maria de Carvalho – UNESP/Franca

1º EXAMINADOR: _____
Prof. Dr. Gilvan Ventura da Silva - UFES

2º EXAMINADOR: _____
Prof. Dr. Cláudio Umpierre Carlan - UNIFAL

3º EXAMINADOR: _____
Profa. Dra. Érica Cristhyane Morais da Silva – UFES

4º EXAMINADOR: _____
Profa. Dra. Márcia Pereira da Silva – UNESP/Franca

Franca , ___ de _____ de 2018.

*À memória de Marisa de
Figueiredo Miranda, que militou
na defesa do ensino público de
qualidade e gratuito.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço à orientadora Profa. Dra. Margarida Maria de Carvalho por dirigir minha formação acadêmica, desde o início do curso de graduação em História, na UNESP/Franca, em 2005, até a materialização dessa tese de doutoramento. Espero, apesar das minhas limitações, ter sido merecedor da sua valorosa dedicação, da sua direção firme e da sua capacidade intelectual. Gratidão pela confiança no meu trabalho, pelo estímulo e carinho de sempre!

Agradeço à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) pela concessão da bolsa de pesquisa no país (Proc. 2013/24320-4) e da bolsa estágio de pesquisa no exterior (BEPE) (Proc. 2015/09002-1), sem as quais, certamente, não poderia ter me dedicado de forma plena à execução desse árduo trabalho.

De forma muito especial, com todo o carinho e amor, agradeço e reverencio, eternamente, meus pais Antônia Aparecida de Figueiredo e Joaquim José de Figueiredo, pelo dom da vida e pelo exemplo da retidão de caráter. Agradeço a eles, ainda, por colocarem na minha trajetória a companhia de irmãos generosos e amigos, sem os quais a jornada até aqui teria sido muito mais árdua. É uma honra partilhar da companhia de vocês nessa existência.

Gratidão a todos os amigos e amigas com os quais tenho o privilégio de conviver. Não irei nomeá-los, mas todos eles sabem da admiração, respeito e amizade sincera que procuro lhes dedicar. Estarei sempre em dívida com a generosidade e o carinho de todos.

Agradeço à Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” pela formação que me propiciou. Presto homenagens aos professores, funcionários e direção da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais de Franca, bem como ao seu Programa de Pós-graduação em História. Estendo o meu carinho aos colegas do G.LEIR – Grupo do Laboratório de Estudos do Império Romano, da UNESP/Franca, pelas trocas de conhecimentos, contribuições e pelo convívio que desfrutamos na busca do aperfeiçoamento como pesquisadores. Em especial sou grato à Profa. Dra. Helena Amália Papa (UNIMONTES), à Profa. Dra. Natália Frazão José, à Profa. Dra. Bruna Campos Gonçalves e à Profa. Dominique Monge de Souza.

Estendo especiais agradecimentos ao Prof. Dr. Pedro Paulo de Abreu Funari, da Universidade Estadual de Campinas, e ao Prof. Dr. Julio Cesar Magalhães de Oliveira, da Universidade de São Paulo, por acompanharem minha trajetória de pesquisa desde o Mestrado. Espero ter feito jus às considerações que sempre me honraram no sentido de

aperfeiçoar a pesquisa. Gratidão especial, ainda, à Profa. Dra. Érica Cristhyane Morais da Silva (UFES), à Profa. Dra. Semíramis Corsi Silva (UFSM) e ao Prof. Dr. Cláudio Umpierre Carlan (UNIFAL) pela confiança e pelas oportunidades concedidas para que eu divulgasse minha pesquisa nas respectivas universidades em que atuam.

Agradeço, de forma não menos especial, à Profa. Dra. Marie-Odile Boulnois por ter-me recebido durante o estágio de pesquisa no exterior, na *École Pratique des Hautes Études* (EPHE), em Paris, durante o ano letivo de 2015/2016. Sua receptividade, dedicação, acompanhamento e sugestões à pesquisa foram fundamentais no amadurecimento do tema, sobretudo no que se refere à obra de Cirilo de Alexandria, à qual é referência nos estudos e traduções.

Por fim, gratidão às queridas mestras Maria Izabel Alves (Português), Beatris Ribeiro Gratti (Grego) e Luciane Casimiro (Francês) pela dedicação e desprendimento com que me auxiliaram a preencher as carências das quais sou portador nas suas respectivas áreas de domínio. Agradeço a Marcelo Martins pela confecção da arte gráfica das representações cartográficas inseridas na tese.



*Quanto mais diferente
de mim alguém é,
mais real me parece,
porque menos depende
da minha subjetividade.*

**Bernardo Soares
(heterônimo de Fernando Pessoa),
no Livro do Desassossego**

Effigie de Teodósio II
Mármore, Séc. V d.C.
Fonte: www.louvre.fr/ Acesso: 23/01/18

FIGUEIREDO, Daniel de. **A atuação político-religiosa do imperador Teodósio II na controvérsia entre Cirilo de Alexandria e Nestório de Constantinopla (428-450 d.C.)**. 2018. 407 f. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Franca, 2018.

RESUMO

Essa pesquisa tem por objetivo analisar a atuação político-religiosa e administrativa do imperador Teodósio II (401-450 d.C.) no gerenciamento da *Controvérsia Nestoriana*, conflito que emergiu na hierarquia eclesiástica do Império Romano do Oriente, durante a segunda metade do seu governo, de 428 a 450 d.C. Na esfera teológica, tal controvérsia esteve relacionada às divergências mantidas pelos bispos Cirilo de Alexandria e Nestório de Constantinopla no que se refere ao entendimento da interação entre as naturezas humana e divina no Cristo encarnado. Consoantes aos respectivos imaginários político-religiosos em que se inseriam, Cirilo, originário da região do Egito, advogava uma união (ἔνωσις) entre aquelas naturezas, ao passo que Nestório, oriundo de Antioquia, na província da Síria I, defendia apenas uma conjunção (συνάφεια) entre elas. Tais divergências resultaram em uma polarização da sociedade romana oriental em torno daquelas ideias, tendo em vista o estreito entrelaçamento que as questões religiosas e políticas eram percebidas na Antiguidade Tardia. A amplitude do conflito pode ser verificada pela participação de diferentes segmentos de funcionários da administração imperial que se alinharam às facções formadas, pois os conflitos dessa natureza, naquele contexto, estavam, também, relacionados a construções ideológicas que contribuíam para dar sustentação e unidade ao poder imperial. Essa adesão dos funcionários nos indica que Teodósio II não arbitrou apenas um conflito teológico entre membros da hierarquia eclesiástica, mas que sua intervenção necessitou que ele negociasse a sua própria posição na topografia do poder com segmentos das aristocracias que formavam esses quadros de funcionários. A partir daí, caracterizamos o conflito não somente como teológico, mas, também, como político-administrativo. Essa percepção foi possível por meio da catalogação e mapeamento das cartas imperiais e episcopais consultadas, que nos permitiram visualizar a formação das redes de sociabilidade mantidas entre bispos e funcionários imperiais. As informações colhidas nesses documentos, sobretudo no que se refere aos dados prosopográficos dos missivistas, ou daqueles indivíduos citados nas cartas, foram cotejadas com as obras *Livro de Heraclides*, de Nestório, e *Contra Nestório*, de Cirilo, no sentido de reforçar a percepção de sinergia entre bispos e funcionários na defesa dos seus interesses político-religiosos comuns. Assim, trabalhamos a hipótese de que Teodósio II, e aqueles auxiliares que contribuíam na elaboração das suas estratégias de atuação, não estavam negociando somente a unidade doutrinal em torno de uma ortodoxia religiosa com membros da hierarquia eclesiástica. Tais negociações também visavam a manutenção da unidade imperial em torno da diversidade de elementos culturais, políticos, administrativos e territoriais, com outros grupos detentores de poder, ou seja, os funcionários imperiais que contribuíam para legitimar a posição de centralidade de Teodósio II como governante. O jogo de concessões estabelecido pelo imperador por meio da alternância de apoio entre as facções ciriliana e nestoriana, que pode ser percebido por ocasião do Concílio de Éfeso I (431), da *Fórmula da Reunião* (433), do Sínodo de Constantinopla (448) e do Concílio de Éfeso II (449), não nos indica uma inabilidade política de Teodósio II em conduzir o conflito, conforme frequentemente registrou a historiografia sobre o assunto. Em nossa perspectiva de análise, tais movimentos abarcavam negociações estratégicas que visavam acomodar interesses e contrabalancear poderes com as aristocracias de funcionários oriundas de diferentes regiões do Império e que se associavam aos bispos na disputa teológica.

Palavras-chave: Império Romano do Oriente. Conflito político-religioso e administrativo. Imperador Teodósio II. Cirilo de Alexandria. Nestório de Constantinopla.

FIGUEIREDO, Daniel de. **The political-religious role of the emperor Theodosius II in the controversy between Cyril of Alexandria and Nestorius of Constantinople (AD 428 – 450)**. 2018. 407 f. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Franca, 2018.

ABSTRACT

This research aims to analyze the political-religious and administrative performance of the emperor Theodosius II (401–450 A. D.) related to the management of the Nestorian Controversy, conflict that emerged in the ecclesiastical hierarchy of the Eastern Roman Empire during the second half of his rule, from 428 to 450 A. D. In the theological sphere, this controversy was related to the disagreements maintained by the bishops Cyril of Alexandria and Nestorius of Constantinople regarding the understanding of the interaction between the human and the divine nature of Christ incarnate. Consistent with the respective political-religious imaginary to which each one belonged, Cyril, a native of that region in Egypt, advocated a union (ἔνωσις) between those two natures, whereas Nestorius, a native of Antioch, in the province of Syria I, defended only a conjunction (συνάφεια) between them. Such divergent opinions resulted in a polarization of the Eastern Roman society regarding those ideas, considering that religious and political aspects used to be perceived as being narrowly interlaced in Late Antiquity. The extent of the conflict can be verified by the participation of officials from various segments of the imperial administration who aligned with the formed factions, as such conflicts, in that context, were also related to ideological constructions that contributed to provide support and unity to the imperial power. The adherence of the officials indicates that Theodosius II not only did manage a theological conflict between members of the ecclesiastic hierarchy but also that his intervening in the conflict demanded him to negotiate his own position on the topography of power with segments of the aristocracy that composed these groups of officials. Therefore, we characterize the conflict not only as a theological one, but also as a political-administrative one. This perception was made possible through the cataloging and mapping of the imperial and episcopal letters analyzed, which allowed us to visualize the formation of the sociability networks kept between imperial officials and bishops. Data extracted from those documents, particularly those referring to the prosopographical data of the letters' authors, or from those individuals mentioned in the letters, were analyzed in contrast with Nestorius's work entitled *Book of Heraclides*, and Cyril's work entitled *Against Nestorius*, in order to reinforce the perception of synergy between the bishops and officials in the defense of their common political-religious interests. Thus, we study the hypothesis that Theodosius II and those who assisted him in elaborating his strategies of action, were not only negotiating the doctrinal unity around a religious orthodoxy with members of the ecclesiastical hierarchy. Such negotiations also aimed at keeping the imperial unity regarding cultural, political, administrative, and territorial elements, with other groups that had the power, i.e. imperial officials that used to contribute to legitimate the position of centrality of Theodosius II as a ruler. The concessions game established by the emperor by alternating support between cyrillian and nestorian groups, which can be observed during the Council of Ephesus I (431), the *Formula of the Reunion* (433), the Synod of Constantinople (448), and the Council of Ephesus II (449) do not indicate a political inability of Theodosius II to conduct the conflict, as frequently recorded in the historiography on the subject. From our standpoint, such moves included strategic negotiations that aimed at accommodating interests and balancing powers with the aristocracies of officials from various regions of the empire and that joined the bishops in the theological dispute.

KEYWORDS: Eastern Roman Empire. Political-religious and administrative conflict. Emperor Theodosius II. Cyril of Alexandria. Nestorius of Constantinople.

FIGUEIREDO, Daniel de. **Le rôle politique et religieux de l'empereur Théodose II dans la controverse entre Cyrille d'Alexandrie et Nestorius de Constantinople (428-450 ap. J.-C.)**. 2018. 407 f. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Franca, 2018.

RÉSUMÉ

Cette recherche a pour but d'analyser le rôle politique, religieux et administratif de l'empereur Théodose II (401-450 ap. J.-C.) dans la gestion de la *Controverse nestorienne*, conflit qui est apparu dans la hiérarchie ecclésiastique de l'Empire romain d'Orient pendant la seconde moitié de son gouvernement (428-450 ap. J.-C.). Dans le domaine théologique, cette controverse était liée aux divergences entretenues par les évêques Cyrille d'Alexandrie et Nestorius de Constantinople à propos de la compréhension de l'interaction entre les natures humaine et divine dans le Christ incarné. Conformément à leurs respectifs imaginaires politiques et religieux, Cyrille, originaire de la région d'Égypte, défendait une union (ἔνωσις) entre ces natures, alors que Nestorius, originaire d'Antioche, dans la province de Syrie I, défendait une conjonction (συνάφεια) entre elles. Telles divergences ont abouti à une polarisation de la société romaine orientale autour de ces idées, parce qu'il y avait un étroit entrelacement des questions religieuses et politiques dans l'Antiquité tardive. L'étendue du conflit peut être vérifiée par la participation de différents segments de fonctionnaires de l'administration impériale qui s'alignaient aux factions formées, puisque les conflits de cette nature dans ce contexte étaient aussi liés à des constructions idéologiques qui ont contribué pour soutenir et donner de l'unité au pouvoir impérial. Cette adhésion des fonctionnaires nous indique que Théodose II n'a pas arbitré seulement un conflit théologique entre les membres de la hiérarchie ecclésiastique, mais que son intervention a nécessité qu'il négocie sa propre position dans la topographie du pouvoir avec des segments des aristocraties qui ont formé ces cadres de personnel. À partir de là, nous caractérisons le conflit non seulement comme théologique, mais aussi comme politique et administratif. Cette perception a été possible à travers notre catalogage des lettres impériales et épiscopales consultées, ce qui nous a permis de visualiser la formation de réseaux de sociabilité entretenues entre les évêques et les fonctionnaires impériaux. Les informations recueillies dans ces documents, en particulier en ce qui concerne les données prosopographiques des auteurs ou des personnes mentionnées dans les lettres, ont été comparées aux œuvres *Livre d'Heraclide*, de Nestorius, et *Contre Nestorius*, de Cyrille, afin de renforcer la perception de la synergie entre les évêques et les fonctionnaires pour la défense de leurs intérêts politico-religieux communs. Ainsi, nous avons travaillé sur l'hypothèse que Théodose II et les auxiliaires qui ont contribué à l'élaboration de ses stratégies d'action n'ont pas négocié seulement l'unité doctrinale autour d'une orthodoxie religieuse avec les membres de la hiérarchie ecclésiastique. Telles négociations visaient également à maintenir l'unité impériale autour de la diversité des éléments culturels, politiques, administratifs et territoriaux avec d'autres groupes détenteurs du pouvoir, c'est-à-dire, les fonctionnaires impériaux qui contribuaient à légitimer la position centrale de Théodose II en tant que gouverneur. Le jeu de concessions établi par l'empereur à travers l'alternance de soutien entre les factions cyrillienne et nestorienne, qui peut être perçu à l'occasion du Concile d'Éphèse I (431), de la *Formule de Réunion* (433), au Synode de Constantinople (448) et du Concile d'Éphèse II (449), ne nous indique pas l'incapacité politique de Théodose de conduire le conflit, comme l'historiographie a fréquemment signalé à ce sujet. Dans notre perspective analytique, les mouvements impériaux comprenaient des négociations stratégiques visant à accommoder les intérêts et à contrebalancer des pouvoirs avec les aristocraties de fonctionnaires issus de différentes régions de l'Empire qui s'associaient aux évêques dans le conflit théologique.

Mots-clés: Empire Romain d'Orient. Conflit politico-religieux et administratif. Empereur Théodose II. Cyrille d'Alexandrie. Nestorius de Constantinople.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Palácio de Antioco, em Constantinopla.....	125
Figura 2 – Plano de Constantinopla no século V d.C.....	141
Figura 3 – Mapa do Oriente Médio na Antiguidade Tardia.....	148
Figura 4 – Mapa da Armênia e regiões vizinhas na Antiguidade Tardia.....	149

LISTA DE TABELAS

Quadro 1 – Manuscritos inseridos nos Tomos I e II dos <i>ACO</i>	45
Quadro 2 – Amostra de Prefeitos Pretorianos no governo de Teodósio II.....	112
Quadro 3 - Amostra dos <i>Magistri Officiorum</i> no governo de Teodósio II.....	119
Quadro 4 - Amostra de <i>Quaestores Sacri Palatii</i> no governo de Teodósio II.....	122
Quadro 5 - Amostra dos <i>Praepositi Sacri Cubiculi</i> no governo de Teodósio II.....	126
Quadro 6 – Presentes de Cirilo para a Corte em Constantinopla.....	127
Quadro 7 - <i>Magistri Utriusque Militiae (MVM)</i> durante o governo de Teodósio II.....	132
Quadro 8 – Guerras no período de Teodósio II.....	134
Quadro 9 – Sucessão imperial no Oriente.....	135
Quadro 10 – Algumas transferências de carreiras entre funções administrativas e eclesiásticas durante o governo de Teodósio II.....	159
Quadro 11 – Representatividade dos bispos por dioceses no Concílio de Éfeso I (431).	186
Quadro 12 – Apoio político-religioso e rivalidades locais.....	217
Quadro 13 – Representatividade dos bispos por dioceses no Concílio de Éfeso II (449).....	237

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACEC	<i>Actes des Conciles Éphèse et Chalcédoine</i>
ACO	<i>Acta Conciliorum Oecumenicorum</i>
Actio I	Manuscrito primeira sessão do Concílio de Calcedônia, em 8/10/451
Adv. Gal.	Contra os galileus
Adv. Nes.	Contra Nestório
Ath.	<i>Collectio Atheniensis – ACO I, 1, 7</i>
Cas. alt.	<i>Collectio Casinensis, pars altera – ACO, I, 4</i>
Cas. prior	<i>Collectio Casinensis, pars prior – ACO, I, 3</i>
CPG	<i>Clavis Patrum Graecorum, Tomus III</i>
CRP	<i>Comes rei privatae</i>
CSL	<i>Comes sacrarum largitionum</i>
DBC	Dicionário de Biografias Cristãs
Ep. Fest.	Cartas Festais
Ep. M	<i>Epitularum Collectio M – ACO, II, 1</i>
Frag. hist.	<i>The Fragmentary History of Priscus</i>
Hist. eccl.	História Eclesiástica
Liber	<i>Liber Heraclidis</i>
MVM	<i>Magister utriusque militiae</i>
Not. Dig.	<i>Notitia Dignitatum</i>
Pal.	<i>Collectio Palatina – ACO, I, 5</i>
PCBE	<i>Prosopographie Chrétienne du Bas-Empire</i>

<i>PG</i>	<i>Patrologia grega, J.-P. Migne</i>
<i>PLRE</i>	<i>Prosopography the Later Roman Empire</i>
<i>PPO</i>	<i>Praefectus praetorio</i>
<i>PSC</i>	<i>Praepositus sacri cubiculi</i>
<i>PVC</i>	<i>Praefectus urbis constantinopoleos</i>
<i>QSP</i>	<i>Quaestor sacri palatii</i>
<i>Ques.</i>	<i>Collectio Quesneliana – ACO, I, 5</i>
<i>Seg.</i>	<i>Collectio Seguerana – ACO I, 1, 7</i>
<i>Sic.</i>	<i>Collectio Sichardiana – ACO, I, 5</i>
<i>Vat.</i>	<i>Collectio Vaticana – ACO I, 1-6</i>
<i>Ver.</i>	<i>Collectio Veronensis – ACO, I, 2</i>
<i>Win.</i>	<i>Collectio Winteriana – ACO, I, 5</i>

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	17
CAPÍTULO 1 A CONTROVÉRSIA NESTORIANA NO GOVERNO DE TEODÓSIO II: ANÁLISE DOCUMENTAL, CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS E INSERÇÃO CONTEXTUAL.....	31
1.1 Considerações iniciais.....	31
1.2. As redes sociais na Antiguidade Tardia: cartas e missivistas.....	33
1.3. A transmissão das cartas imperiais e episcopais nos <i>Acta Conciliorum Oecumenicorum</i>	44
1.4. O <i>Contra Nestório</i> , de Cirilo de Alexandria, e o <i>Livro de Heraclides</i> , de Nestório de Constantinopla.....	51
1.5. Definindo a divindade encarnada: <i>ἔνωσις</i> (união) e <i>συνάφεια</i> (conjunção) nas concepções de Cirilo e Nestório.....	57
1.6. Os eventos relacionados à atuação de Teodósio II transmitidos pelas cartas imperiais e episcopais e pelo <i>Livro de Heraclides</i>	63
1.7. A inserção da <i>Controvérsia Nestoriana</i> no histórico de conflitos nas comunidades cristãs dos séculos I ao V d.C.....	74
CAPÍTULO 2 PODER, ADMINISTRAÇÃO IMPERIAL E HIERARQUIA ECLESIÁSTICA NO IMPÉRIO ROMANO DO ORIENTE SOB TEODÓSIO II (408-450).....	86
2.1. Considerações iniciais.....	86
2.2. Teodósio II, a construção da imagem e a realidade de um imperador protobizantino.....	87
2.3. A estrutura do poder imperial no Império Romano do Oriente na primeira metade do século V d.C.....	107
2.3.1. <i>As diversidades nas estruturas político-administrativas civil e militar do Império Romano do Oriente, na primeira metade do século V d.C</i>	110
2.3.2. <i>O Senado de Constantinopla, o Consistorium e a Corte imperial</i>	135
2.3.3. <i>A cidade imperial de Constantinopla e sua diversidade político-religiosa</i>	140

2.3.4. <i>Os componentes externos: o Império Persa e o reino da Armênia</i>	147
2.4. A sobreposição de problemas políticos, administrativos e teológicos entre a estrutura administrativa imperial e a hierarquia eclesiástica	154
CAPÍTULO 3 NEGOCIANDO PODERES: TEODÓSIO II E A MANUTENÇÃO DA UNIDADE IMPERIAL POR MEIO DA DIVERSIDADE POLÍTICO-RELIGIOSA	173
3.1. Considerações iniciais	173
3.2. Aproximando o adversário: a nomeação de Nestório para o episcopado de Constantinopla, em 428	175
3.3. A carta imperial de convocação do Concílio de Éfeso I: omissões que revelam intenções	180
3.4. O enfrentamento das facções no Concílio de Éfeso I (431)	189
3.5. A continuidade das negociações: da <i>Fórmula da Reunião</i>, em 433, ao exílio de Nestório, em 436	210
3.6. O avanço das forças político-religiosas de inclinação nestoriana e o Sínodo de Constantinopla, em 448	220
3.7. O Concílio de Éfeso II: conexões políticas, administrativas e religiosas no final do governo de Teodósio II (449-450)	234
CONSIDERAÇÕES FINAIS	247
BIBLIOGRAFIA	250
APÊNDICES	268
APÊNDICE A - CARTAS DOS OU AOS IMPERADORES E FUNCIONÁRIOS IMPERIAIS (E CARTAS EM QUE IMPERADORES E FUNCIONÁRIOS FORAM CITADOS)	269
APÊNDICE B - CATÁLOGO DO LIVRO <i>HERACLIDES, DE NESTÓRIO</i> (ASSUNTOS E REFERÊNCIAS)	289
APÊNDICE C - CATÁLOGO DA CORRESPONDÊNCIA EPISTOLAR DO BISPO CIRILO DE ALEXANDRIA EM QUE IMPERADORES E FUNCIONÁRIOS FORAM CITADOS	318
APÊNDICE D - CATÁLOGO DO LIVRO <i>HERACLIDES, DE NESTÓRIO</i> – CONTEXTUALIZAÇÃO (ASSUNTOS E REFERÊNCIAS)	333

APÊNDICE E - CATÁLOGO DA CORRESPONDÊNCIA EPISTOLAR DO BISPO CIRILO DE ALEXANDRIA COM RESUMO DOS ASSUNTOS (CONTEXTUALIZAÇÃO).....	342
APÊNDICE F - CATÁLOGO DO LIVRO “CINCO TOMOS CONTRA NESTÓRIO”, DE CIRILO DE ALEXANDRIA.....	357
APÊNDICE G - BISPOS QUE SUBSCREVERAM A SETENÇA DE DEPOSIÇÃO DE NESTÓRIO NO CONCÍLIO DE ÉFESO I, SESSÃO DE 22 DE JUNHO DE 431 – ACO I, 1, 2, p. 55-64.....	363
APÊNDICE H - BISPOS QUE SUBSCREVERAM A SETENÇA DE DEPOSIÇÃO DE CIRILO DE ALEXANDRIA E MENÃO DE ÉFESO NO CONCÍLIO DE ÉFESO I, SESSÃO DE 26 DE JUNHO DE 431 – ACO I, 4, p. 37-38.....	368
APÊNDICE I - BISPOS QUE SUBSCREVERAM A SETENÇA DE DEPOSIÇÃO DE FLAVIANO DE CONSTANTINOPLA NO CONCÍLIO DE ÉFESO II, EM 449 – ACO II, 1, p. 194-195.....	370
APÊNDICE J - CATÁLOGO PROSOPOGRÁFICO DE ALGUNS MEMBROS DA HIERARQUIA ECLESIAÍSTICA QUE ESCREVERAM CARTAS CONSTANTES NOS APÊNDICES “A” OU “C” OU FORAM CITADOS NESSES DOCUMENTOS E NO <i>LIVRO DE HERACLIDES</i> (APÊNDICE B).....	374
APÊNDICE K - CATÁLOGO PROSOPOGRÁFICO: Alguns funcionários imperiais, membros da família de Teodósio II e agregados na Corte imperial de Constantinopla.....	392
APÊNDICE L – MAPA 1 – IMPÉRIO ROMANO DO ORIENTE – SÉC. V d.C. Dioceses e Províncias.....	404
APÊNDICE M – MAPA 2 – IMPÉRIO ROMANO DO ORIENTE – SÉC. V d.C. Concílio de Éfeso I, em 431.....	405
APÊNDICE N – MAPA 3 – IMPÉRIO ROMANO DO ORIENTE – SÉC. V d.C. Concílio de Éfeso II, em 449.....	406
APÊNDICE O – DINASTIA TEODOSIANA.....	407

INTRODUÇÃO

O propósito dessa pesquisa é analisar a atuação do imperador Teodósio II (401-450 d. C.)¹ no gerenciamento do conflito político-religioso e administrativo que ocorreu na hierarquia eclesiástica oriental, durante a segunda metade do seu governo, de 428 a 450. Esse conflito ficou conhecido pela historiografia como *Controvérsia Nestoriana*. Teodósio II governou o Império Romano do Oriente por quarenta e dois anos, de 408 a 450, período em que as porções oriental e ocidental do Império já se encontravam divididas, política e administrativamente.² Tal divisão ocorrera no ano de 395, após a morte do imperador Teodósio I, ocasião em que seus dois filhos, Arcádio (377-408), pai de Teodósio II, assumiu o governo do Império Romano do Oriente e Honório (384-423), o governo do Império Romano do Ocidente. Quando da morte do imperador Arcádio, em 408, Teodósio II contava com apenas sete anos de idade e durante o seu período de minoridade o Império do Oriente foi governado por meio de um sistema de compartilhamento de poder entre os funcionários da Corte imperial (HARRIES, 2013; MILLAR, 2006, p. 225-226).

O longo governo de Teodósio II foi marcado por realizações nas áreas política, cultural, urbanística, diplomática e militar. Foram empreendimentos atribuídos à sua iniciativa: a compilação do *Código Teodosiano*; a melhoria da segurança e da urbanização da capital do Império, Constantinopla; a criação de instituições de ensino superior; o envio de expedições militares ao Ocidente, com o objetivo de resguardar a dinastia teodosiana ameaçada de usurpação em duas ocasiões, 410 e 425; e o auxílio na proteção das fronteiras do Império vizinho em relação aos povos germânicos. Registra-se, ainda, a disposição de Teodósio II em favorecer diplomacia na sua política externa, principalmente como alternativa às guerras em relação ao Império Persa, exceto em dois breves conflitos bélicos ocorridos nos anos de 421 e 440 (MORRISSON, 2012, p. 19; BURY, 1923, p. 231-235)³.

¹ Todas as demais datas (anuais) seguintes referem-se ao período depois de Cristo, salvo indicação contrária.

² A região que correspondia ao Império Romano do Oriente, na Antiguidade Tardia, englobava uma extensa área que reunia uma diversidade de povos e de culturas, mas que se hibridizavam ao longo da Antiguidade, também em função da circularidade de pessoas em uma região que era rota de passagem entre o Ocidente e o Extremo Oriente. Anteriormente ao início da conquista romana da região, no século II a.C., a maior parte dessa região havia abrigado os antigos reinos helenísticos que se formaram após a morte do general Alexandre da Macedônia. Em comparação com a geografia política atual, o Império Romano do Oriente incluía as regiões da Península Balcânica, Ásia Menor, Egito, Líbia e parte do Oriente Médio, na região conhecida como Levante (APÊNDICE L – Mapa 1).

³ Segundo Jan Willem Drijvers (2009, p. 447-448), essas duas curtas guerras parecem ter sido provocadas pelos persas por motivos religiosos e financeiros e pela necessidade de afirmação interna do rei persa por meio da confrontação com um inimigo externo.

Apesar dessas realizações nas diversas áreas da administração imperial, a imagem que perdurou em relação aos feitos administrativos de Teodósio II foi àquela relacionada à sua atuação no gerenciamento da *Controvérsia Nestoriana*. No plano teológico, o conflito esteve voltado à necessidade de se afirmar uma ortodoxia que propiciasse a unidade doutrinal acerca de como se estabeleceria o relacionamento entre as naturezas divina e humana quando a segunda pessoa da trindade (o Cristo ou *Logos*) encarnou entre os homens. Na hierarquia eclesiástica oriental, os dois principais protagonistas que desenvolveram ideias divergentes acerca dessa questão foram os bispos Cirilo de Alexandria (aprox. 375-444) e Nestório de Constantinopla (aprox. 386-451). Cirilo advogava a existência de uma verdadeira união (*ἔνωσις*) entre as duas naturezas, de modo que a Virgem Maria deveria ser reconhecida pelo epíteto de Portadora de Deus (*Θεοτόκος*). Nestório, por sua vez, pregava uma conjunção (*συνάρχεια*), sem a fusão entre o humano e o divino, e entendia que, ao gerar o Cristo, a Virgem teria sido portadora tão somente da sua porção humana. Nesse sentido, seria mais adequado que ela fosse denominada de Portadora de Cristo (*Χριστοτόκος*).

Conflitos relacionados à definição da natureza da divindade emergiram muito cedo nas diversas comunidades cristãs que floresceram no Império Romano, desde o período do Principado.⁴ Em vista da vastidão territorial e da diversidade cultural do Império, pensadores cristãos de diferentes localidades se apropriavam das mais variadas concepções filosóficas helênicas com o objetivo de darem explicações racionais para a natureza da divindade cristã. O refinamento dessas explicações objetivava fazer com que os postulados da doutrina fossem aceitos pelas elites romanas e contribuíssem na conversão delas. Contudo, o surgimento de diferentes vertentes doutrinárias, em decorrência da diversidade de possibilidades disponíveis para se explicar a divindade cristã, encontrava obstáculo na necessidade de se obter a unidade doutrinal almejada por uma religião de caráter universal, que abrangesse não apenas os limites do Império, mas, também, que se propagasse para além das suas fronteiras (CAMERON, 1994; SPINELLI, 2002, p. 16).

⁴ Sistema de governo que emergiu progressivamente a partir da ascensão do imperador Augusto (27 a.C. – 14 d.C.) e se estendeu até meados do século III d.C. No plano político, esse regime caracterizou-se pela concentração de magistraturas e dignidades na figura do *princeps*, anteriormente ocupadas pela aristocracia senatorial (LE GLAY et al., 2009, p. 209-212).

As dificuldades em se obter a homogeneidade de pensamento contribuíram para que os conflitos se renovassem com frequência na Antiguidade Tardia⁵. Tal persistência decorria, ainda, da percepção de que a defesa de determinado postulado doutrinal representava a defesa de normas e valores que contribuíam para dar coesão e identidade às diferentes comunidades cristãs (BERSTEIN, 2009, p. 31; SIRINELLI, 1992)⁶. As concepções doutrinárias de Cirilo, por exemplo, foram elaboradas tendo como base o pensamento teológico dos seus antecessores alexandrinos, que buscavam sustentar argumentos para explicar a encarnação de Cristo, por meio da Virgem Maria, no sentido de não comprometer a sua divindade (BOULNOIS, 1994). Enquanto Nestório, originário da região de Antioquia e de ascendência persa, buscava um modo de justificar a relação entre humano e divino que se interagem, mas não se fundiam em Cristo, no sentido de ressaltar a sua humanidade (CHESNUT, 1978).

Como observa Carlos Roberto Galvão-Sobrinho (2013), embora os conflitos teológicos já fossem recorrentes nas comunidades cristãs iniciais, as divergências eram objetos de discussões em que as partes envolvidas buscavam privilegiar a obtenção do consenso na sua resolução. Contudo, o autor constata que na passagem entre os séculos III e IV d.C., por ocasião dos conflitos relacionados à definição da natureza trinitária da divindade⁷, passou-se, a partir de então, a se verificar um padrão bastante virulento entre facções de clérigos que se formavam para defender suas ideias. Nessa perspectiva de análise, o principal motivo levantado por aquele autor para essa mudança de paradigma foi aquele

⁵ O período entre os séculos III e VIII d.C., conhecido pelos especialistas por Antiguidade Tardia, é caracterizado por rupturas, permanências e transformações em relação aos valores clássicos, como, por exemplo, a emergência de novas concepções ideológicas relacionadas ao Cristianismo. Julio César M. Oliveira (2008, p. 135) considera o período como a “última” Antiguidade que, embora dotado de características próprias, ainda conserva formas antigas. Apesar de uma maior preponderância de trabalhos historiográficos com ênfase nos aspectos culturais, Oliveira advoga que “nenhuma interpretação de conjunto das transformações do período deveria prescindir de uma abordagem global que leve em conta não só as ideias, mas também a materialidade da existência e as condições de vida da maioria da população”.

⁶ Fazemos uso dos conceitos de Culturas Políticas propostos por Serge Berstein (1998, 2009) e Jean-François Sirinelli (1992) para quem determinada Cultura Política é uma espécie de código de referências formalizado e difundido no interior de uma tradição política. Uma vez que na Antiguidade Tardia a religião estava intrinsecamente ligada às demais esferas da vida social, consideramos melhor definir as representações que se originavam dessas interações por Culturas Político-religiosas.

⁷ Conflitos acerca da natureza trinitária da divindade perpassaram por quase todo o século IV d.C. A emergência desses conflitos teve início com as proposições do presbítero Ário de Alexandria (aprox. 256-336) que estabelecia uma subordinação entre as pessoas divinas: o Pai, o Filho e o Espírito Santo. Em suma, Ário, e as diferentes nuances de pensamentos que a sua doutrina ensejou, advogavam que a Palavra (o Filho ou Cristo), não é coeterna ao Pai, ou seja, ela foi gerada. Portanto, Jesus, a Palavra ou o *Logos* (nomes pelos quais se designa a segunda pessoa da Trindade) é dependente e subordinado ao Pai (Deus). Tais ideias colidiam com a ortodoxia que veio a ser oficializada no final desse século. Essa ortodoxia enfatizava a unidade e a igualdade entre as três pessoas, rompendo, assim, com a noção de subordinação entre elas (GRILLMEIER, 1975, p. 245-248).

relacionado à emergência do bispo cristão como ator político atuante na sociedade romana. O acréscimo de autoridade que poderia advir à determinada liderança eclesiástica em virtude do reconhecimento da formulação doutrinal por ela defendida, não limitava sua projeção apenas ao campo religioso. Ela lograria, também, estender sua esfera de influência para segmentos mais amplos da sociedade, em virtude do contingente de pessoas que se mobilizavam na defesa dessas ideias (BOURDIEU, 2007, p. 62-64; CHAUI, 2004).

O apelo que os debates de ordem religiosa exerciam sobre indivíduos da Antiguidade Tardia decorria do fato desses indivíduos serem portadores de marcantes sentimentos de religiosidades⁸ e, em consequência dessa disposição, adorar o deus correto era requisito para obtenção da boa vontade divina aqui na terra e uma condição que, se não observada, comprometeria a salvação na vida futura.⁹ Essa religiosidade esteve bastante presente na concepção helenística da realeza sagrada (*βασιλέα*), que ao definir os atributos de um imperador no período (*βασιλεύς*) outorgava a ele a condição de representante da divindade perante a humanidade. Portanto, a adoração do deus correto por parte do governante era requisito para a proteção e segurança do Império (DRAKE, 2014). No que se refere aos modelos de divindades propostos por Cirilo e Nestório, consoantes com suas respectivas culturas político-religiosas, percebe-se que, em ambos os casos, eles ensejavam percepções distintas sobre o nível de relação entre o imperador e a divindade e, conseqüentemente a posição do soberano na topografia do poder. Conforme destaca Peter Brown (2002, p. 102-103), a noção de união das naturezas humana e divina em Cristo, proposta por Cirilo, projetava para os indivíduos a percepção de aproximação entre divindade e humanidade, ao passo que a noção de separação, embutida na teologia de Nestório, indicava um distanciamento da divindade, percepções estas que eram extensivas ao imperador que a representava perante os súditos.

Desse modo, os imperadores da Antiguidade Tardia nutriam interesses nessas definições teológicas, no sentido de atuarem como coparticipantes na construção da entidade divina que eles próprios iriam representar. Observa-se, desse modo, que a partir do governo

⁸ De acordo com Pedro Paulo Funari (2012, p. 7-9), pode-se considerar o sentimento de religiosidade como algo inerente aos indivíduos, assim como tantos outros sentimentos infáveis que caracterizam o ser humano. A religiosidade está na raiz das religiões institucionalizadas ou dos movimentos humanos em prol de determinada causa.

⁹ Na concepção de Cirilo de Alexandria, inspirado na soteriologia (estudo da salvação) do bispo Atanásio (296-373), a união das naturezas divina e humana em Cristo era necessária para que se operasse a redenção da humanidade, uma vez que a mudança do comportamento humano por meio do ensino ou do exemplo não era suficiente para tal propósito (LYMAN, 1993). Na concepção de Nestório, a partir das proposições do bispo Teodoro de Mopsuéstia (350-428), a salvação seria uma tarefa humana de ascensão rumo a uma era perfeita, que se realizaria a partir dos exemplos do homem Jesus (FAIRBAIRN, 2007, p. 392).

do imperador Constantino (274-337), momento em que a religião cristã passou a ser permitida no Império, condição que foi seguida da conversão desse imperador (VEYNE, 2009, p. 55-68), os governantes adquiriram a prerrogativa de convocar Concílios episcopais, que tinham por finalidade buscar a unidade do pensamento cristão em torno da definição sobre a divindade correta (DVORNIK, 1951). Por meio da mediação das negociações entre as facções de clérigos em litígio, os imperadores almejavam influir nos resultados desses Concílios, no sentido de estabelecer como ortodoxa a corrente doutrinal que melhor aliasse suas convicções religiosas aos seus interesses políticos de governante.

Na perspectiva de embates de interesses divergentes entre Cirilo e Nestório, e seus respectivos aliados, que como já indicamos não se restringiam ao campo das ideias religiosas, mas, também, se relacionavam à aquisição de poder, prestígio e autoridade, tanto pelos bispos como por aqueles que se congregavam em torno dos seus projetos é que iremos inserir a atuação de Teodósio II no conflito. Nossa análise irá priorizar as negociações que o imperador empreendeu em relação às duas facções no sentido de assegurar o papel de centralidade e unidade que ele exercia no Império. Mas, percebemos que esse papel de negociador de conflitos se tornou ainda mais abrangente na medida em que detectamos que os indivíduos que se associaram aos projetos político-religiosos de Cirilo e de Nestório não eram apenas membros do clero, mas dentre eles havia um expressivo contingente de funcionários da administração imperial. Esse segmento era formado por forças políticas que tomaram posição em relação à questão doutrinal e, portanto, também deveria ser contemplado nas negociações. Deve-se considerar que a unidade imperial se concretizava pela combinação de aspectos religiosos, políticos, administrativos e militares (INGLEBERT, 2015, p. 9). Nesse sentido, Teodósio II atuou como mediador do conflito, mas também se inseria nele, pois a definição de divindade que viesse a ser estabelecida como ortodoxa iria influir na percepção do grau de participação dele dentro de um sistema imperial ancorado em bases de múltiplos interesses em jogo.

Os quadros desses funcionários que se associaram aos bispos no conflito eram formados pelas elites oriundas das mais diferentes regiões do Império Romano do Oriente. Os dados prosopográficos dos membros dessas elites nos indicam a existência de verdadeiras dinastias de funcionários que atuavam no serviço imperial por gerações. Durante o período de minoridade de Teodósio II, elas haviam participado de forma mais ostensiva do núcleo de poder através dos mecanismos de compartilhamento de decisões e rotatividade de posições na Corte imperial (HARRIES, 2013). Tudo indica que a *Controvérsia Nestoriana*, que eclodiu alguns anos após a maioridade de Teodósio II, também esteve relacionada à distribuição da

carga de poder entre o imperador e essas elites. Portanto, esse novo segmento que percebemos atuando em sinergia com os bispos possuía interesses nas definições teológicas que iriam determinar a percepção do papel do imperador como representante da divindade entre os homens. A definição de ortodoxia que se impusesse por meio do enfrentamento político viria resultar em maior ou menor participação dessas elites na estrutura político-administrativa de um Império centralizado na figura do governante, que nesse momento estava fixado na capital imperial, Constantinopla. O grau de presença do imperador nos negócios do governo dependia, portanto, daquela ideologia que viesse a predominar e ensejaria, em qualquer resultado, a movimentação das forças político-religiosas que davam sustentação ao regime.

Além do imperador e dos bispos, essa percepção que agrega os funcionários imperiais como atores no conflito foi possível a partir do mapeamento e catalogação da própria documentação produzida por Teodósio II e pelos bispos Cirilo de Alexandria e Nestório de Constantinopla. Esses documentos se referem às cartas escritas tanto pelo imperador quanto às cartas trocadas pelos bispos com seus respectivos aliados ou adversários, dentre eles, os funcionários imperiais. Tais cartas foram preservadas em manuscritos que foram reunidos na obra *Acta Conciliorum Oecumenicorum (ACO)*, tomos I e II, editada por Eduard Schwartz, nas primeiras décadas do século XX. As informações contidas nessas cartas serão analisadas conjuntamente com as obras *Contra Nestório*, tratado escrito por Cirilo no início do conflito para combater as ideias do seu adversário, e o *Livro de Heraclides*, apologia escrita por Nestório nos anos finais da sua vida para reabilitar a sua imagem de herético. Nosso objetivo é colocar essa documentação em diálogo por meio do cruzamento das informações nelas contidas, procedimento efetivado na forma de catálogos apensos ao final desse trabalho (APÊNDICES A, B, C, D, E e F). Esse método de análise propiciou-nos mapear as redes de apoio entre os bispos que se congregaram em torno dos projetos político-religiosos de Cirilo e Nestório. Possibilitou-nos, ainda, visualizar a inserção de funcionários no conflito, segmento até então desconsiderado nas análises historiográficas sobre a atuação de Teodósio II na *Controvérsia Nestoriana*. Nesse sentido, a troca de cartas entre imperador, bispos e funcionários, ou mesmo a citação deles no conjunto da documentação, juntamente com seus dados prosopográficos (APÊNDICES J e K) irão nos indicar a confluência de objetivos comuns ou a natureza dos desentendimentos entre as facções litigantes, bem como a maneira pela qual o imperador se posicionou no conflito no sentido de resguardar seus interesses.

A partir desses procedimentos, percebemos que os acontecimentos que envolveram a emergência da *Controvérsia Nestoriana* são amplos e não podem ser analisados somente na perspectiva de uma querela religiosa em torno de diferenças doutrinárias entre dois indivíduos.

A atuação de Teodósio II requisitou a implementação de arranjos político-religiosos estratégicos no sentido de equacionar as demandas das forças internas que sustentavam a unidade do sistema imperial. Mapear as redes de relacionamentos políticos nos permitiu detectar a formação de grupos compostos por bispos e funcionários, que embora possuíssem interesses variados, tendiam a se conectar para alcançarem objetivos comuns (WOLF, 2016, p. 46; SCHOR, 2011). Além de visar o equilíbrio interno entre essas forças, as ações do imperador também contemplavam negociações relacionadas ao Império Romano do Ocidente e ao Império Persa, em vista das zonas de contato que os grupos em conflito estabeleciam com as elites desses impérios vizinhos. O bispo de Roma, por exemplo, exercia influência na hierarquia eclesiástica da Prefeitura Pretoriana do Ilírico, mesmo essa região fazendo parte do Império Romano do Oriente (BAVANT, 2012; PIETRI, 1984) e o Império Persa abrigava expressivas comunidades cristãs em seu território e sempre fora um foco de tensões fronteiriças durante toda a história do Império Romano (GREATREX; LIEU, 2002).

De acordo com a documentação consultada, o conflito logo se tornou evidente após o Teodósio II convocar Nestório para assumir o episcopado de Constantinopla, em 428. Na viagem que fez de Antioquia a Constantinopla, naquele ano, Nestório foi acompanhado, a pedido do imperador, pelo *MVM*¹⁰ Flávio Dionísio, que retornava de uma missão na Pérsia, cujo objetivo fora renovar o tratado de paz que finalizara o breve conflito armado entre os dois Impérios, ocorrido no ano de 421. Deve-se ressaltar que no mesmo ano de 428, o clero do reino da Armênia havia se unido às aristocracias locais e, com apoio do Império Persa, destituíram o seu rei (TRAINA, 2009, p. 3). Ou seja, identifica-se aqui um sério precedente que, seguramente, contribuiu, dentre outros fatores, para pautar as ações de Teodósio II na controvérsia. Também após a posse de Nestório, as rivalidades entre as Sés episcopais de Alexandria e Constantinopla em torno de disputas jurisdicionais, que já eram antigas, tomaram novo impulso (BAYNES, 1926; JONES, 1964). Nestório interferia na autoridade de Cirilo, em Alexandria, acolhendo recursos de indivíduos condenados em tribunais episcopais daquela metrópole (*ACO I*, 1, 1, p. 25-28). Cirilo, por sua vez, dispunha de vários agentes em Constantinopla com o objetivo de exercer influência sobre o clero, a comunidade monástica da capital imperial e funcionários da Corte imperial (*ACO I*, 1, 2, p. 66-68). Foi por intermédio desses representantes que o bispo alexandrino tomou conhecimento das pregações de Nestório contra o uso do termo *Theotokos* logo após sua posse no episcopado.

¹⁰ O *MVM* (*Magister Utriusque Militiae*) era o general que comandava as unidades de exército de campo (LEE, 2013a, p. 97).

Desde essa fase inicial é possível perceber a formação dos blocos de apoiadores aos dois bispos tanto na hierarquia eclesiástica como na administração imperial. Do lado de Nestório, a maior parte dos bispos da diocese do *Oriens* e de funcionários da Corte imperial, tanto aqueles ligados à administração civil quanto militar (*ACO I*, 4, p. 222-225; Nestório, *Liber*, 515¹¹). Do lado de Cirilo se alinharam o bispo de Roma (*ACO I*, 1, 1, p. 75-77), o bispo Juvenal de Jerusalém (*ACO I*, 1, 1, p. 96-98), que almejava autonomia da sua Sé episcopal em relação à Antioquia, os bispos da diocese do Egito e a maioria dos bispos das regiões onde Nestório estava envolvido em interferências locais, como naquelas localidades situadas na Prefeitura Pretoriana do Ilírico e em províncias na diocese da Asiana (APÊNDICE G e M). Percebemos, ainda, que apoiava Cirilo a maioria dos *cubicularii*, segmento de funcionários lotados na Corte imperial (*ACO I*, 4, p. 222-225), composto majoritariamente por eunucos, que tinham por função o atendimento das necessidades pessoais do imperador e, portanto, exerciam poder de acesso a ele.

Com a ampliação do conflito, as intervenções de Teodósio II se deram por meio da convocação, preparação e realização de dois Concílios episcopais que ocorreram nos anos de 431 e 449, ambos na cidade de Éfeso, além de negociações intermediárias a esses dois encontros. Analisando os eventos no período, as ações do imperador indicam a alternância de apoio entre as facções nestoriana e ciriliana. No primeiro Concílio de Éfeso I (431), convocado pelo imperador a pedido de Nestório, o bispo da capital imperial buscava defender-se dos ataques que recebia de Cirilo e seus aliados, que o ameaçavam de excomunhão, caso não se retratasse em relação a sua doutrina (*ACO I*, 1, 5, p. 10-12). Teodósio II deixou claro, quando convocou o Concílio, que os bispos deveriam chegar a um consenso sobre a fé, sem que interferências externas comprometessem esse objetivo. Contudo, ele nomeou o *comes*¹² Candidiano, aliado de Nestório, para representá-lo na assembleia, permitindo, ainda, a presença de um amigo junto à delegação que acompanhava o bispo da capital imperial, o *comes* Irineu (*ACO I*, 1, 1, p. 120-121). O Concílio se desenrolou em um ambiente tumultuado, repleto de manobras por ambas as partes, em que, além de não se chegar ao acordo almejado em torno da questão teológica, as duas facções se excomungaram mutuamente (Nestório, *Liber*, 168)¹³. No *Livro de Heraclides*, Nestório (*Liber*, 391)¹⁴ relatou

¹¹ As citações do *Liber Heraclidis* foram traduzidas a partir da edição em língua francesa de François Nau (1910, p. 327-328) e da inglesa de Godfrey R. Driver; Leonard Hodgson (2002, p. 375-376).

¹² *Comes* (κόμης) ou companheiro do imperador: designava uma dignidade conferida a título honorífico ou uma função dentro do conjunto do *entourage* imperial (Corte) (LANÇON, 1992, p. 72). O título poderia ser atribuído a um funcionário de qualquer ramo do serviço imperial, seja na administração civil, financeira ou militar (MIILAR, 2006, p. 195-196).

¹³ Nau, p. 236-237; Driver; Hodgson, p. 266-267.

que havia se sentido traído pelas atitudes do imperador no Concílio, uma vez que acreditava no apoio dele à sua doutrina, mas Teodósio II, frustrando essa expectativa, confirmou a sua excomunhão e deposição. Por outro lado, mesmo também tendo sido excomungado pelos bispos nestorianos reunidos em Concílio paralelo, Cirilo pode voltar para Alexandria e reassumir suas funções episcopais (*ACO I*, 1, 7, p. 147-150). Cirilo ainda teve sucesso em negociar com o imperador para que um aliado seu ocupasse a vaga deixada por Nestório. Nessa fase, são perceptíveis a movimentação e o alinhamento de importantes segmentos da administração imperial a ambas as facções (*ACO I*, 4, p. 222-225).

Em vista do impasse que se formou após a dissolução do Concílio, no final de 431, Teodósio II determinou que, na sequência, se iniciassem negociações para que uma fórmula doutrinal intermediária fosse alcançada. Em 433, após diversas negociações entre as duas facções, que se mantinham irredutíveis nas suas posições, o imperador forçou, por meio da intermediação de funcionários imperiais, os bispos Cirilo e João de Antioquia, agora o representante dos nestorianos, a assinarem a *Fórmula da Reunião*, na qual continha um dogma de fé que embutia os postulados teológicos de Nestório relativos à separação das naturezas em Cristo. Em contrapartida à concessão feita por Cirilo, os nestorianos tiveram que confirmar a excomunhão de Nestório e, em seguida, ele foi exilado em um deserto egípcio, em 436 (*ACO I*, 1, 4, p. 15-20; LOOFS, 1914, p. 57).

Nesse período entre os dois Concílios, o acordo obtido através da negociação patrocinada pelo imperador se mostrou frágil e as duas facções continuaram se enfrentando, mas agora, por meio de ataques às teologias de Atanásio e Teodoro de Mopsuéstia, cujas ideias haviam inspirado Cirilo e Nestório, respectivamente (*ACO I*, 5, p. 310-315). Na Corte imperial, rumores e acontecimentos nos revelam um ambiente permeado por disputas envolvendo os funcionários e a família imperial: acusação de adultério contra a imperatriz Eudócia, esposa de Teodósio II; a execução do funcionário Paulino, a mando do imperador, por, supostamente, ser o amante da imperatriz (Nestório, *Liber*, 520)¹⁵; a possível tentativa de assassinato do imperador pelo *MVM* Lúcio (*PLRE* 2, p. 692); o receio de Teodósio II de que o *MVM* Zenão planejava usurpar o poder imperial (Prisco, *Frag. hist.*, 14, 7); o afastamento da *Augusta* Pulquéria, irmã do imperador, da Corte (CHEW, 2006, p. 220-221); e a morte prematura de Arcádio, provável filho masculino e herdeiro do imperador (BEVAN, 2005, p. 515). Esses acontecimentos podem nos indicar um avanço das forças políticas que se

¹⁴ Nau, p. 251; Driver; Hodgson, p. 283-284.

¹⁵ Nau, p. 331; Driver; Hodgson, p. 378-379.

congregavam no núcleo nestoriano, que se tornou mais evidente ainda após a morte de Cirilo, em junho de 444 (RUSSELL, 2000, p. 58).

Em decorrência desse recrudescimento no conflito, o imperador convocou um segundo Concílio em Éfeso, em 449. Naquela reunião, Teodósio II deu uma demonstração de força e obrigou os bispos lá reunidos, inclusive nestorianos, a assinarem o compromisso de fé proposto pelo monge Eutiques de Constantinopla, que aprofundava a ideia de união das naturezas anteriormente proposta por Cirilo (Nestório, *Liber*, 464)¹⁶. Teodósio II permitiu, ainda, a deposição do então bispo Flaviano, que ocupava a Sé de Constantinopla naquele momento. Flaviano era apoiado pelo bispo Leão de Roma, pois ambos eram defensores da *Fórmula da Reunião*, na qual os postulados da doutrina de Nestório estavam subjacentes. Por meio dessa imposição, Teodósio II atuou, nesse momento, para favorecer a doutrina da união, de origem ciriliana, diferentemente daquela de orientação nestoriana que havia sido o objeto de acordo por meio da *Fórmula da Reunião*, em 433 (ACO II, 1, 1, p. 68-69).

Essas atitudes de alternar apoio entre as duas facções projetaram a imagem de Teodósio II como um imperador fraco e inconstante nas suas decisões em relação à política religiosa a ser adotada no Império, uma vez que ele seria susceptível à manipulação por bispos e membros da Corte imperial. Essa imagem depreciativa começou a ser difundida desde os relatos produzidos após a morte do imperador, em 450, por escritores da Antiguidade Tardia como Prisco de Pânio (*Frag. hist.*, 52-54), que ressaltava a inabilidade política e covardia do imperador, Evágrio Escolástico (*Hist. eccl.*, I, 5), que enfatizava o seu caráter flutuante na tomada de decisões, e João Malalas (*Chron.*, XXIV, 19), que sugeriu, até mesmo, que a fraqueza de Teodósio II estava na atração que o imperador nutria pela excessiva beleza do *cubicularius* e eunuco Crisáfio.

A historiografia reproduziu, até recentemente, esses traços da personalidade e da atuação política de Teodósio II, dando sequência ao que também fizera o historiador iluminista Edward Gibbon, na obra *Declínio e Queda do Império Romano* (2005). A maior parte dessas análises posteriores àquela de Gibbon, contudo, não tinham por objetivo um exame aprofundado do governo daquele imperador, pois se restringiam a inserir, de forma breve, a sua atuação dentro de narrativas que almejavam cobrir o amplo recorte cronológico dos acontecimentos dos séculos finais da Antiguidade, como, por exemplo, os trabalhos de John B. Bury (1923), Arnould H. M. Jones (1964) e Ferdinand Lot (1980).

¹⁶ Nau, p. 297; Driver; Hodgson, p. 338-339.

Na sequência, outras análises historiográficas também contemplaram o envolvimento de Teodósio II na *Controvérsia Nestoriana*, mas ainda em perspectiva secundária, uma vez que os objetivos principais desses trabalhos se concentravam em entender os aspectos doutrinários, as tentativas de resolução do conflito no âmbito da esfera eclesiástica ou a proeminência que os membros femininos da família imperial teriam exercido nas decisões imperiais em relação às questões teológicas. Dentre esses estudos destacam-se as obras dedicadas a analisar as doutrinas e atuações de Cirilo (WICKHAM, 1983; MCGUCKIN, 1994; RUSSELL, 2000), as de Nestório (FRAISSE-COUÉ, 1995; BEVAN, 2005) ou a desempenho das imperatrizes teodosianas: a irmã do imperador, Pulquéria, e sua esposa, Eudócia (HOLUM, 1982; CHEW, 2006).

Recentemente, o governo de Teodósio II tem merecido atenção mais aprofundada pelos historiadores da Antiguidade Tardia. Os trabalhos publicados a partir da primeira década desse século nos ajudam a compreender as estruturas política, administrativa e religiosa do Império Romano do Oriente sob a administração de Teodósio II. Dentre eles, se mostra fundamental para essa pesquisa o estudo de Fergus Millar (2006), *A Greek Roman Empire: Power and belief under Theodosius II - 408-450*, coletânea de seis conferências nas quais o antiquista debateu o *corpus* documental disponível para análise do Império Romano do Oriente na primeira metade do século V d.C. A ênfase da obra recai nas análises dos *Acta Conciliorum Oecumenicorum* e do *Código Teodosiano*, e, a partir desses documentos, o autor oferece uma análise do cotidiano da estrutura administrativa imperial e eclesiástica. Embora ele detalhe o funcionamento da cadeia de comando operada pelos funcionários imperiais, por meio de influência e persuasão, intermediando petições de bispos das mais distantes regiões do Império, Millar não contempla em sua análise a associação entre bispos e funcionários durante a *Controvérsia Nestoriana* e, desse modo, não oferece uma explicação para a alternância de posicionamento do imperador em relação às duas facções.

Na coletânea editada por Christopher Kelly (2013) intitulada *Theodosius II: Rethinking the Roman Empire in Late Antiquity*, esse autor indica que o objetivo da obra não se trata de uma tentativa revisionista em ampla escala da reputação de Teodósio II, mas a reavaliação de aspectos da política administrativa por ele conduzida. Dentre as contribuições que são significativas para a nossa pesquisa destacamos o capítulo de Jill Harries, *Men without women: Theodosius II' consistory and the business of government*, no qual é analisado o compartilhamento de poder na Corte Imperial, sobretudo durante o período de minoridade do imperador; o capítulo de autoria de Thomas Graumann, *Theodosius II and the politics of the first Council of Ephesus*, que aborda os objetivos do imperador para o Concílio

de Éfeso I a partir de uma análise minuciosa da *sacra* imperial de convocação emitida no final do ano de 430; e o capítulo *Theodosius and his generals*, no qual Doug Lee indica as estratégias de relacionamento entre o imperador e seus funcionários militares. Tais análises sejam elas na esfera administrativa, na política eclesiástica ou na arena militar não contemplam, também, a formação de blocos entre bispos e funcionários no conflito.

Destacam-se, ainda, dentre os estudos recentes que reavaliam de forma positiva a atuação de Teodósio II, a tese de doutorado George A. Bevan (2005), *The case of Nestorius: Ecclesiastical Politics in the East – 428-451 CE*, defendida na Universidade de Toronto, e o artigo de Susan Wessel (2001), *The Ecclesiastical Policy of Theodosius II*. Ambos os trabalhos enfatizam a bem articulada política eclesiástica adotada pelo imperador. Wessel (2001, p. 305) destaca que o comprometimento de Teodósio II na questão teológica era com o credo de Niceia e suas intervenções visavam coibir inovações naquela doutrina. Bevan (2005, p. 230-235), por sua vez, indica que a estratégia de alternância do imperador visava promover divisão na hierarquia eclesiástica como forma de enfraquecer as facções e chega a sugerir que os funcionários se mantiveram neutros no conflito por não fazerem parte do meio eclesiástico. As perspectivas de análises de ambos os estudos resultam na percepção de que o imperador mediou um conflito restrito à esfera teológica, no sentido de estabelecer uma ortodoxia, sem, ainda, se adentrarem nas questões político-administrativas subjacentes que a nossa análise pretende aprofundar. Por outro lado, Hugh Elton (2009, p. 133-142) indica que Teodósio II estava comprometido com a unidade da Igreja, mas não estava preocupado com qual forma de pensamento religioso deveria predominar. Elton percebe, ainda, que os funcionários imperiais estavam intimamente envolvidos nos negócios religiosos, uma vez que as decisões de governo se davam de forma colegiada na Corte Imperial. Mas tal envolvimento se daria em virtude apenas de questões burocráticas relacionadas às posições que ocupavam.

No sentido de ampliar o contexto em que emergiu a *Controvérsia Nestoriana*, o estudo de Giusto Traina (2009), *428 AD: An Ordinary Year at the End of the Roman Empire*, nos fornece um panorama ampliado do contexto do ano de convocação de Nestório para o episcopado de Constantinopla, analisando, em especial, a situação da política externa do Império Romano do Oriente. A partir do quadro fornecido, esse estudo de Traina contribuiu para que estabelecêssemos o elo de confluência entre fatores internos e externos que condicionaram a atuação do imperador. Percebemos que as ações tomadas por Teodósio II também estiveram ligadas ao equilíbrio de forças mantido com o Império Romano do Ocidente e o Império Persa.

Manteremos diálogo com esses trabalhos que reveem as percepções da atuação de Teodósio II no conflito e removem os antigos estereótipos de inabilidade política do imperador, pois entendemos que a confluência político-religiosa-administrativa, em vista do envolvimento de funcionários imperiais, requeria negociações nas quais ambas as facções deveriam ser contempladas em proveito da unidade imperial. Desse modo, nossa análise das ações do imperador através da catalogação dos documentos nos levará a expandir o significado do conflito. Quando se percebe na documentação o envolvimento de funcionários imperiais se aliando às facções lideradas por Cirilo ou Nestório entendemos que a questão se apoiava no tripé religião, política e administração, que se interagiam por meio de um complexo equilíbrio de forças dentro de uma sociedade repleta de diversidades e, portanto, com interesses variados. Nesse sentido, levantamos a hipótese de que Teodósio II não estava negociando somente a unidade doutrinal em torno de uma ortodoxia com membros da hierarquia eclesiástica, mas estava, também, negociando a unidade imperial em torno de elementos culturais, políticos, administrativos e territoriais, com outros grupos detentores de poder, que contribuía para legitimar a sua posição de governante. O jogo de concessões estabelecido pelo imperador ao alternar seu apoio entre as facções longe de caracterizar que ele estava conduzindo as negociações somente com o clero, ou sendo susceptível de ser conduzido pela habilidade dos bispos, nos indica que as negociações abarcavam estratégias de acomodação de interesses e contrabalanceamento de poderes com a aristocracia de funcionários. Inclusive o imperador necessitou considerar nessa balança as relações mantidas com os Impérios vizinhos, sobretudo em vista do precedente criado na Armênia em que o clero e a aristocracia local se uniram e depuseram o soberano sob o patrocínio do Império Persa. Essas negociações que envolvem bispos e funcionários se tornam mais perceptíveis na documentação produzida pelo próprio imperador por ocasião dos eventos relacionados ao Concílio de Éfeso I (431), a *Fórmula da Reunião* (433), o sínodo de Constantinopla (448) e o Concílio de Éfeso II (449).

Para que demonstremos essa hipótese estabelecemos o seguinte roteiro de pesquisa: o Capítulo 1 faz uma análise dos documentos utilizados na pesquisa, as cartas imperiais e episcopais, o tratado *Contra Nestório*, de Cirilo, e o *Livro de Heraclides*, de Nestório. O objetivo desse capítulo é fornecer indicações sobre os autores, os gêneros e estilos de escritas adotados, bem como indicar a tradição manuscrita que permitiu que tais documentos que evidenciam a atuação de Teodósio II na *Controvérsia Nestoriana* chegassem até nós. No sentido de posicionar o leitor quanto aos acontecimentos que permearam a atuação de Teodósio II na controvérsia, fornecemos um relato dos principais eventos que julgamos

significativos para a compreensão do conflito a partir da própria documentação consultada. Indicamos, ainda, o significado de uma controvérsia religiosa na Antiguidade e a maneira como a historiografia registrou a atuação do poder imperial nas diferentes circunstâncias em que emergiram.

O Capítulo 2 aborda a contextualização que possibilitou a emergência da controvérsia e condicionou a atuação do imperador. Discorremos sobre o significado de ser um imperador na Antiguidade Tardia, com ênfase na construção da imagem e na realidade que circundou a atuação de Teodósio II. Nesse sentido, analisamos, ainda, a estrutura político-administrativa do Império Romano do Oriente e a relação do imperador com seus funcionários na Corte imperial, na cidade de Constantinopla. Estendemos essa análise para a organização da hierarquia eclesiástica na primeira metade do século V d.C., com destaque para a inserção das cidades de Alexandria e Antioquia e a relação delas com a capital imperial. A partir dessas considerações, foi-nos possível indicar as redes de sociabilidades formadas entre bispos e funcionários imperiais e os interesses comuns e adjacentes à questão teológica que possibilitaram tais associações. A detecção dessas redes de relacionamentos foi fundamental para a sustentação da hipótese apresentada acima. Nesse capítulo buscaremos indicar, ainda, como o relacionamento com os Impérios vizinhos, do Ocidente e da Persa, influenciaram, em nossa percepção, as ações do imperador na condução do conflito.

No Capítulo 3, destacamos a percepção que tivemos da atuação de Teodósio II no conflito, a partir da documentação consultada, no sentido de demonstrar a nossa hipótese acima. Essa percepção será contrastada com as percepções que Cirilo e Nestório tiveram da atuação do imperador presentes nos documentos produzidos por eles. Entendemos que as percepções de ambos os bispos e a forma como a documentação foi preservada nos *ACO* e no *Liber Heraclidis* condicionaram as percepções historiográficas de inabilidade política de Teodósio II. Nas Considerações Finais, apresentamos os resultados da pesquisa, bem como indicações para possíveis desdobramentos da mesma. Nos Apêndices, inserimos a catalogação dos documentos utilizados, em que buscamos cruzar informações e estabelecer diálogo entre eles. Inserimos, ainda, catálogos prosopográficos e representações cartográficas que auxiliaram no percurso de demonstrar a hipótese.

CAPÍTULO 1 A *CONTROVÉRSIA NESTORIANA* NO GOVERNO DE TEODÓSIO II: ANÁLISE DOCUMENTAL, CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS E INSERÇÃO CONTEXTUAL.

1.1 Considerações iniciais.

Como forma de nos aproximarmos das ações de Teodósio II relacionadas ao gerenciamento da *Controvérsia Nestoriana*, durante o seu governo, optamos por entendê-las não a partir dos relatos tardios àqueles acontecimentos, mas através da documentação produzida pelo próprio imperador e pelos demais protagonistas do conflito, em especial, Cirilo de Alexandria e Nestório de Constantinopla.¹ Essa perspectiva almeja, tanto quanto possível, remover as camadas interpretativas posteriores que circundaram os acontecimentos, uma vez que a pesquisa histórica se constitui uma forma de relação que determinada sociedade mantém com o passado (CHARTIER, 2009, p. 21). Entretanto, mesmo adotando esse caminho, ainda permanecem as dificuldades inerentes tanto à realidade e à subjetividade dos atores que deixaram evidências das suas atuações quanto daqueles que as preservaram e transmitiram para que pudéssemos interpretá-las na atualidade. Isso porque, os documentos históricos são monumentos que guardam uma memória coletiva, de gerações sucessivas, daquilo que é interessante ser preservado, transmitido e da forma como almejavam que fossem lidos no futuro (LE GOFF, 2003, p. 535-536).

Nessa perspectiva, portanto, a leitura do passado, não é completa e definitiva, pois diferentes abordagens interpretativas permitem que releituras sejam produzidas sobre um mesmo acontecimento (JENKINS, 2014, p. 12-13), desde que elas estejam empiricamente embasadas e teoricamente orientadas pelas ferramentas disponíveis à disciplina histórica no momento em que é elaborado o produto do seu conhecimento. Assim, como primeiro passo

¹ A controvérsia teve início no governo de Teodósio II, contudo os desdobramentos do conflito se prolongaram na Antiguidade Tardia. No final do seu governo, por ocasião do Concílio de Éfeso II (449), Teodósio II impôs como ortodoxa uma vertente mais radical sobre a união das naturezas divina e humana no Cristo, inspirada na cristologia de Cirilo de Alexandria. Tal vertente foi reconhecida, mais adiante, por monofisismo. As impressões positivas ou negativas sobre a atuação do imperador ficaram na dependência da filiação político-religiosa dos escritores que deixaram suas impressões acerca do conflito, ou seja, aqueles que seguiam as orientações emanadas do Concílio de Éfeso II (monofisista) ou aqueles seguidores do Concílio de Calcedônia (451), ocorrido já após a morte de Teodósio II e que impôs uma cristologia diofisista, de inspiração nestoriana.

para que possamos desenvolver a nossa representação sobre as ações do imperador Teodósio II relacionadas à *Controvérsia Nestoriana*, esse capítulo é dedicado a entender os artefatos discursivos textuais forjados no decorrer do conflito. Em uma leitura aprofundada, as evidências que eles encerram nos indicam estarem repletos de intenções partidárias, contradições e permeados por claros objetivos propagandísticos, que são elementos sempre presentes nos relatos que descrevem situações de conflitos.

O recurso metodológico que encontramos para minimizar essas dificuldades foi o de aproximar os diferentes tipos de documentos selecionados: as cartas imperiais e episcopais, nas quais Teodósio II e seus funcionários se fazem presentes, a correspondência epistolar do bispo Cirilo, inseridas nos *Acta Conciliorum Oecumenicorum*, a apologia que Nestório fez da sua atuação, no *Livro de Heraclides*, e o tratado de autoria de Cirilo *Contra Nestório*. Tais documentos estabeleceram diálogos entre si, característica marcante dos discursos polêmicos que permearam os debates que visavam estabelecer uma ortodoxia cristã na Antiguidade Tardia (CAMERON, 2014, p. 20).

Percebe-se, sem grande dificuldade, que nesses discursos os autores tentaram direcionar – ou mesmo a tradição manuscrita subsequente que os manipulou – a leitura para se construir uma realidade conforme os interesses daqueles grupos que, por longo tempo, se enfrentaram na arena político-religiosa. Buscaremos, então, explicitar esse diálogo ao longo da pesquisa, a partir do cruzamento das informações contidas nos diferentes documentos, sobretudo ancorados nos catálogos que produzimos para tal finalidade e que se encontram apenas ao final do trabalho.

Após essa análise documental, no sentido de orientar o leitor sobre o que estava em debate na questão teológica, buscaremos explicitar as principais ideias divergentes entre Cirilo e Nestório em matéria doutrinal, uma vez que, em nosso entendimento, as concepções acerca da divindade propostas pelos autores traziam no seu bojo diferentes maneiras de se pensar o ordenamento político da sociedade, em especial, o relacionamento entre governantes e governados e o papel do imperador na topografia do poder. Portanto, elas se constituíam de sistemas de explicação do mundo que são revestidos por mensagens mobilizadoras para a sociedade (GIRARDET, 1987, p. 98). No que se refere à atuação dita contraditória atribuída a Teodósio II – que, ao contrário, nossa perspectiva de leitura demonstrará tratar-se de uma estratégia política do imperador – faremos, ainda, um relato da controvérsia a partir da própria documentação selecionada com o intuito de, nos capítulos seguintes, demarcar a diferença da nossa interpretação acerca da atuação imperial. Na sequência, buscaremos inserir a *Controvérsia Nestoriana* no contexto mais amplo dos conflitos religiosos na Antiguidade

Tardia e indicar como a historiografia tem percebido o significado desses conflitos no que se refere ao envolvimento dos imperadores em diferentes contextos.

1.2. As redes sociais na Antiguidade Tardia: cartas e missivistas.

A troca de cartas se constituiu em meio privilegiado de comunicação na Antiguidade e, em especial, durante a Antiguidade Tardia elas se tornaram uma rica fonte de informações para o historiador, em vista da imensa quantidade que foi preservada e dos conteúdos que transmitem, sobretudo relacionados à difusão e afirmação da doutrina cristã na sociedade romana. Mas, estudar aquelas ideias difundidas por esse gênero de escrita no sentido de referendá-las ou não como verdades universais atemporais sem inseri-las juntamente com seus autores no contexto que possibilitou a proliferação desses documentos, redundando em explicações incompletas das intenções e motivações dos seus formuladores. Permanecer nas discussões se Cirilo de Alexandria e Nestório de Constantinopla eram ortodoxos ou não, seria deixar arrastar-se para um debate que nem mesmo os teólogos modernos chegaram a um acordo. A percepção que se tem é que nem mesmo Nestório era nestoriano. Ele foi condenado, e assim permaneceu, mesmo após a sua morte, por ideias que lhe foram atribuídas por Cirilo e seus seguidores, indicando-nos, desse modo que a questão extrapolava a esfera teológica (ANASTOS, 1962; BRAATEN, 1963). Entendemos que acordos nessa matéria, naquele contexto, não eram para serem alcançados, mesmo porque, tanto na Antiguidade Tardia como nos dias atuais, em que foram retomadas e atualizadas, as ideias teológicas desses autores encerram problemas sociais e políticos tão profundos quanto os próprios postulados teológicos e filosóficos que serviram de suporte para explicá-las.

Essa constatação decorre de que toda teologia é política na medida em que se trata de um sistema simbólico que prescreve normas de comportamentos individuais e coletivos a serem seguidas pela sociedade e visam garantir autoridade e prestígio para quem os formula (CHAUI, 2004, p. 119), nesse caso, dois destacados bispos da emergente hierarquia eclesiástica oriental. Esse entendimento nos auxilia a compreender as questões relativas às tentativas de afirmação de um modelo de divindade debatidas na *Controvérsia Nestoriana*, na primeira metade do século V d.C., e expressas nas cartas imperiais e episcopais que iremos analisar. Nesse sentido, os métodos de abordagens com que a historiografia recente tem trabalhado esse gênero de documento contribuem para a inserção do debate em uma

problemática mais ampla relacionada às tensões políticas e sociais de uma sociedade repleta de diversidades, como podemos caracterizar a sociedade romana oriental na Antiguidade Tardia.

As cartas na Antiguidade Tardia nos dizem muito mais do que o seu conteúdo em si deseja transmitir (FOURNET, 2009, p. 63). Para se perceber a riqueza de possibilidades analíticas que elas encerram deve-se, por conseguinte, atentar, além dos seus conteúdos, para os aspectos formais que o gênero epistolar apresenta em determinada época, tais como o estilo retórico empregado, as formas de tratamento, o lugar de onde se fala, o público alvo que o seu conteúdo poderia atingir além do próprio destinatário e o suporte empregado na escrita. Ou seja, atentar-se para os requisitos que norteiam as críticas interna e externa do documento como forma de extrair das cartas informações adicionais tão relevantes quanto o próprio conteúdo delas em si (FUNARI, 2003, p. 26-29).

Uma útil ferramenta que nos auxilia a entender o gênero epistolar na Antiguidade Tardia são os manuais que foram produzidos no período cuja finalidade era a de instruir os escritores de cartas nas normas e regras estabelecidas para se produzir uma carta considerada de qualidade para os padrões das elites letradas. Dentre esses manuais, destacam-se aqueles atribuídos a Pseudo-Libânio, Pseudo-Demétrio e Proclo, o neoplatônico (HAGGE, 1989, p. 31; MALOSSE, 2004, p. 11-19). Como parte desse esforço, o manual *ἐπιστολιμαῖοι χαρακτήρες* (estilos epistolares), de Pseudo-Libânio elenca quarenta e um tipos diferentes de cartas e dá exemplos das características formais e do estilo retórico a serem utilizados nas diferentes circunstâncias a que se destinavam.² Cirilo e Nestório certamente tinham conhecimento desses manuais e nas cartas que trocaram entre si eles fazem uma combinação daqueles tipos recomendados por Pseudo-Libânio, tanto no conteúdo quanto na forma. Os tipos mais frequentes de cartas produzidas por aqueles bispos, além daquelas de natureza dogmática e exegética, são as cartas *parenética* (incitar alguém a tomar certa direção ou se desviar de alguma coisa), de advertência (também chamada de protestatória), de ameaça, de contra-acusação (na qual se responde ao acusador devolvendo a ele a acusação recebida), de refutação (que refuta alguém que nega uma acusação ou palavra que lhe foi atribuída) e de admoestação (que reprova alguém por conduta indigna) (Pseudo-Libânio, *Ep.Char.*, 5-45).

Percebe-se, ainda, a partir desses manuais e das próprias cartas a que serviram de modelo, que escrever uma carta na Antiguidade Tardia, além de ser um meio essencial de

² Esse manual não é reconhecido como sendo de autoria do sofista Libânio (314-393). Ele pode ser datado do século IV ao VI d.C. e, provavelmente, o seu autor atribuiu a autoria àquele sofista em vista dele ter sido referência na arte epistolar no período. Somente na atualidade, existe em torno de 1.500 cartas de Libânio que foram preservadas o que atesta a sua condição de referência no assunto (TRAPP, 2003, p. 17).

comunicação, também era uma atividade literária que poderia servir como uma marca distintiva da *Paideia*³ do seu autor, o que era revelador da sua posição social (MILES, 1999a, p. 428-429). A educação recebida por um indivíduo naquele momento relacionava-se à aquisição de uma cultura literária através do conhecimento dos textos clássicos, das Escrituras Sagradas e, no caso dos postulantes a altos cargos na hierarquia eclesiástica, do emprego da língua culta, do uso da oratória e da retórica. Essa última ferramenta também ocupava lugar central na formação dos membros das elites civis e militares, no sentido de capacitá-los a operar dentro dos códigos linguísticos requeridos para se ter acesso aos meandros da administração imperial e da hierarquia eclesiástica (FLUSIN, 2012b, p. 258). Desse modo, as cartas não se resumiam apenas à sua função clássica de conversa escrita com uma pessoa ausente. Elas assumiam características de um gênero flexível que comportava, além de assuntos de natureza diversa entre as partes, espaço para a divulgação de leis, decretos, homilias, libelos e, até mesmo, longos tratados exegéticos e doutrinários, extrapolando aqueles tipos propostos por Pseudo-Libânio. Essa maleabilidade inseria as cartas dentro de um gênero misto a ser empregado com diferentes propósitos (ALLEN; NEIL, 2013, p. 16).

Cirilo e Nestório eram portadores de grandes habilidades retóricas em vista do treinamento que receberam para que pudessem ocupar as importantes Sés episcopais de Alexandria e Constantinopla. O primeiro fora assistente do seu tio e antecessor, Teófilo (?-412) na chefia do episcopado egípcio⁴ e o segundo, apesar de serem escassas as informações sobre a sua vida pregressa, fora escolhido por Teodósio II para ocupar a vaga de bispo da capital imperial devido as suas alegadas qualidades oratórias (Sócrates, *Hist. eccl.*, VII, 7 e 29). As primeiras cartas trocadas entre ambos os bispos, entre os anos de 429 e 430, nos indicam as habilidades de ambos e do farto uso de recursos estilísticos, conforme nos demonstra Cirilo:

Para o mais pio e amado em Deus companheiro Nestório, Cirilo envia saudações no Senhor. Homens veneráveis e dignos de fé chegaram à Alexandria e me relatam que sua reverência está extremamente aborrecida e agita o céu e a terra para me humilhar. E como eu desejava saber o motivo da tristeza da Tua Piedade, eles me disseram que alguns alexandrinos fazem

³ Conforme definiu Margarida M. Carvalho (2010, p. 24), a *Paideia* de um indivíduo era demonstrada pela educação que ele recebia através de um conjunto de ações pedagógicas que envolviam o aprendizado em conhecimentos nas áreas políticas, filosóficas e religiosas, aprimorando, desse modo, o discurso persuasivo (retórico) que habilitaria seus portadores a exercerem atividades públicas que necessitassem demonstrar e impor poder.

⁴ A jurisdição do bispo de Alexandria era estendida para toda a Diocese do Egito, de modo que ele consagrava a escolha de todos os bispos metrópolitas das capitais das províncias daquela região: Egito, Arcádia, Augustamnica, Tebaida, Líbia Superior e Líbia Inferior (WIPSZYCKA, 2010, p. 331). Vide ainda Mapa 1 (APÊNDICE L).

circular a carta que eu escrevi aos santos monges⁵ e que esta era o motivo do seu desgosto e desprazer. Eu estou surpreso se Tua Piedade não refletiu sobre isso: a confusão sobre a fé não veio primeiramente da carta que eu escrevi, mas de algumas palavras que foram pronunciadas por Tua Piedade, ou não foram (ACO, I, 1, 1, p. 23-25).⁶

Em resposta a outra carta de Cirilo (ACO, I, 1, 1, p. 25-28), subsequente à carta acima, em que o bispo alexandrino dizia não haver tomado conhecimento da carta anterior de Nestório, o bispo de Constantinopla enviou-lhe uma admoestação bastante incisiva e irônica, entremeada pela sua noção de divindade:

Para o mais piedoso companheiro e amoroso em Deus, Cirilo, Nestório envia saudações no Senhor. Eu dispenso os ultrajes que me endereça em suas surpreendentes cartas. Elas merecem a paciência de um médico e a resposta que ele lhe dará somente será dada por ele no tempo devido. Mas o que não suporta silêncio, uma vez que envolve grande perigo se ele for mantido, na medida em que eu possa, eu me esforçarei por fazer uma breve exposição, sem me alongar, te economizando a náusea do discurso longo, obscuro e indigesto. Eu começarei pelas palavras muito sábias de Tua Caridade, citadas na sua carta. Quais, portanto, são as palavras admiráveis de ensinamento de tua carta? [...] (6) Eu louvo a distinção das duas naturezas em acordo com a definição de humanidade e divindade e a conjunção [συνάρεια] delas em uma pessoa [πρόσωπον]. (ACO, I, 1, 1, p. 29-32).⁷

A carta escrita por Cirilo aos monges do Egito (ACO, I, 1, 1, p. 10-23), no início de 429, foi uma das primeiras manifestações explícitas do bispo alexandrino em relação às suas

⁵ ACO, I, 1, 1, p. 10-23, extensa carta em que Cirilo conclama os monges egípcios a se manterem firmes na fé dos Santos Padres, sobretudo naqueles ensinamentos transmitidos pelo bispo Atanásio, seu antecessor não imediato no episcopado de Alexandria. Essa carta, que pode ser datada do início de 429, é sugestiva de que em um curto espaço de tempo depois da sua posse no episcopado de Constantinopla, Nestório já buscava estender sua esfera de influência para a jurisdição episcopal de Cirilo.

⁶ Τῶι εὐλαβεστάτῳ καὶ θεοσεβεστάτῳ συλλειτουργῶι Νεστορίῳ Κύριλλος ἐν κυρίῳ χαίρειν. Ἄνδρες αἰδέσιμοι καὶ πίστεως ἄξιοι παραγεγόνασιν ἐν Ἀλεξανδρείᾳ, εἴτα μετέδοσαν ὥσανει τῆς σῆς θεοσεβείας ἀγανακτοῦσης σφόδρα καὶ πάντα κινούσης κάλων εἰς τὸ λυπεῖν ἐμέ. Βουλομένοι δέ μοι τῆς σῆς θεοσεβείας τὴν λύπην ἀναμαθεῖν ἔφασαν ὅτι τὴν πρὸς μοναστὰς ἀγίους γενομένην ἐπιστολὴν περιφέρουσι τινὲς τῶν ἀπὸ τῆς Ἀλεξανδρείας καὶ ἡ τοῦ μίσους ἀφορμὴ καὶ τῆς ἀνδίας αὕτη γέγονεν. Θεθαύμακα τοίνυν εἰ μὴ ἐκεῖνο μᾶλλον ἢ σὴ θεοσέβεια καθ' ἑαυτὴν ἐλογίσατο οὐ γὰρ πρότερον ἐμῆς γραφείσης ἐπιστολῆς ὃ ἐπὶ τῇ πίστει γέγονε θόρυβος, ἀλλ' ἡ εἰρημένων τινῶν παρὰ τῆς σῆς θεοσεβείας ἡ μὴ.

⁷ Τῶι εὐλαβεστάτῳ καὶ θεοσεβεστάτῳ συλλειτουργῶι Κυρίλλῳ Νεστόριος ἐν κυρίῳ χαίρειν. Τὰς μὲν καθ' ἡμῶν ὕβρεις τῶν θαυμαστῶν σου γραμμάτων ἀφήμι ὡς μακροθυμίας ἀξίας ἱατρικῆς καὶ τῆς διὰ τῶν πραγμάτων αὐτῶν κατὰ καιρὸν πρὸς αὐτὰς ἀποκρίσεως, ὃ δέ γε σιωπῆς οὐκ ἀνέχεται, ὡς μέγαν φέρον, εἰ σιγηθεῖ, τὸν κίνδυνον, τούτου, καθὼς ἂν οἷός τε ᾧ, οὐ πρὸς μακρολογίαν ἀποτεινόμενος, ποιήσασθαι πειράσομαι τὴν διήγησιν σύντομον, τὸν τῆς σκοτεινῆς καὶ δυσπέπτου μακρηγορίας ναυτιασμόν φυλαττόμενος. ἄρξομαι δὲ ἀπὸ τῶν σῆς ἀγάπης φωνῶν, αὐτὰς αὐτολεξεῖ παραθεῖς. Τίνες τοίνυν αἱ τῆς θαυμαστῆς τῶν σῶν γραμμάτων διδασκαλίας φωναί; [...] ἐν ᾧ τὴν μὲν τῶν φύσεων ἐπήνουν διαίρεσιν κατὰ τὸν τῆς ἀνθρωπότητος καὶ θεότητος λόγον καὶ τὴν τούτων εἰς προσώπου συνάρειαν.

discordâncias com Nestório. Nessa carta, Cirilo dizia aos monges que se sentia preocupado por alguns deles estarem questionando se a Virgem Maria devia ser chamada de portadora de Deus ou não, uma vez que os rumores das pregações do bispo de Constantinopla já haviam chegado à Alexandria e a todo o Egito. Ele utilizou-se da carta para discorrer uma extensa explanação doutrinal na defesa da união (*ἔνωσις*) das naturezas em oposição à noção de conjunção (*συνάφεια*) proposta por Nestório. Mas, além de explicitarem suas divergências teológicas, as cartas de Cirilo e Nestório nos dão outras indicações da natureza das discordâncias entre ambos e o modo como o gênero epistolar foi utilizado na batalha retórica que travaram na defesa dos seus interesses religiosos e jurisdicionais. Logo, a análise formal dos documentos nos auxilia a entender motivos subjacentes ao conflito.

Conforme destaca Pauline Allen e Bronwen Neil (2013, p. 21), as cartas dos membros do episcopado, sobretudo em momentos de disputas, apresentavam “confidencialidades destinadas à publicação”, pois os próprios escritores se encarregavam de editá-las, publicá-las e distribuí-las, se as circunstâncias assim exigissem, de modo a persuadir clérigos e leigos através das diversas regiões do Império. Nesse sentido, pode-se inferir que uma carta não tinha por intenção alcançar somente o destinatário expressamente nomeado nela (MORELLO; MORRISON, 2007, p. vi). Emitentes e recebedores de cartas, no período, poderiam manter arquivos regulares desses documentos com finalidades propagandísticas (TRAPP, 2003, p. 11-17), a fim de divulgarem suas ideias para mobilizar um público mais amplo e obterem adesão às suas reivindicações, assim como ocorreu com a carta de Cirilo aos monges egípcios que foi distribuída até mesmo em Constantinopla, o que incitou Nestório a reagir contra seu colega de episcopado.

Uma vez que a hierarquia eclesiástica estava se estruturando, tendo como molde a estrutura administrativa imperial (DVORNIK, 1951, p. 3), a resposta ríspida dada por Nestório a Cirilo nos indica que havia, além da divergência teológica entre ambos, uma disputa por poder e autoridade dentro dessa organização que se formava. Nesse sentido, Jennifer Ebbeler (2007, p. 301-302) denomina de “jogos epistolares” esse recurso relacionado à negociação de status social entre os missivistas a partir do modo de tratamento dispensado entre as partes. Cirilo e Nestório estavam em condições de igualdade dentro da hierarquia, contudo o bispo de Constantinopla reivindicava preeminência sobre os demais bispos do Oriente em virtude de chefiar a Sé episcopal da capital imperial. Essa distinção de honra reivindicada relacionava-se apenas a um critério político visto que a cidade de Constantinopla não possuía nenhum referencial apostólico que a credenciasse a uma posição superior na hierarquia, ao contrário de outras metrópoles do Oriente, como Alexandria, Jerusalém,

Antioquia e Éfeso (BAYNES, 1929, p. 145-156). Isso fica explicitado em carta que Cirilo enviou a um clérigo que atuava como representante da Sé episcopal de Alexandria junto à capital imperial relatando as intervenções que Nestório estava operando em sua jurisdição:

Nada há de surpreendente no que falam mal de mim os estrumes da cidade, Xeremão, Vítor, Sofronas e o subalterno e fraudulento Flaviano. Eles têm sido ruins, em relação a si mesmos e em relação a todos. Que saiba, portanto, aquele que os colocou contra nós [Nestório] que nós não tememos nem uma viagem nem um processo com ele – se houver uma ocasião para o encontro – isso acontece do fato que a providência do Salvador, por causa dessas pequenas e leves matérias, reúne um Concílio para purificar sua Igreja, de modo que ela guarde sem alterações e confusões a nobre fé. O infeliz [Nestório] não deve imaginar, *mesmo se são numerosos e dignos de crença aqueles que, empurrados por seu zelo, devem nos acusar*, que ele será juiz da nossa doutrina; que ele saiba que, se a coisa é ordenada devido a sua ambição, nós recusaremos, uma vez indo lá, seu julgamento e que, para dizer com Deus, ele deverá se justificar por suas blasfêmias. Assim, de modo algum podemos fugir da paz, mas alcançá-la, se ele confessar a fé correta e parar de dizer aquelas coisas, pois ao usar a sua terminologia estranha ele está chamando para si a morte. Pois o panfleto que foi enviado contém muitas dessas blasfêmias e distorções que podem contaminar quem o lê (ACO, I, 1, 1, p. 110-112, destaque nosso).⁸

A leitura da íntegra da carta nos informa que Cirilo tratava por “estrumes da cidade” aos cidadãos de Alexandria que cometeram delitos comuns e foram condenados por ele em um tribunal episcopal, mas que recorreram da sentença a Nestório, em Constantinopla. O fato de Nestório acolher tais recursos indica-nos que essa interferência jurisdicional contribuiu para aumentar o fosso das divergências entre ambos na questão teológica. Mas, a indignação de Cirilo ainda nos sinaliza que o conflito não ficava restrito ao meio eclesiástico, pois a afirmação de que Nestório era apoiado nas suas ações contra ele por indivíduos “numerosos e dignos de crença” é indicativa de que funcionários da administração imperial estavam associados na disputa. Isso se torna ainda mais claro adiante quando Cirilo investe sobre esses

⁸ Οὐδὲν δὲ θαυμαστὸν εἰ κακῶς ἡμᾶς λέγουσιν αἱ κοπρίαὶ τῆς πόλεως, Χαιρήμων Οὐίκτωρ Σωφρονᾶς καὶ τὸ τοῦ φυρατοῦ Φλαυιανοῦ παιδαρῦλλον· αἰεὶ γὰρ γεγόνασιν καὶ περὶ ἑαυτοὺς καὶ περὶ πάντας κακοί. ἴστω δὲ ὁ εἰσβαλὼν αὐτοὺς ὅτι οὔτε ἀποδημίαν φοβούμεθα οὔτε ἀπολογίαν τὴν πρὸς ἐκείνους, καὶ εἰ γένοιτο τούτου καιρὸς (συμβαίνει γὰρ ὅτι ἡ τοῦ σωτῆρος οἰκονομία διὰ μικρῶν καὶ εὐτελεστάτων πραγμάτων συνάγει σύνοδον, ἵνα καθαρῶς τὴν ἑαυτοῦ ἐκκλησίαν ἄσπιλον καὶ ἀσύγχυτον ἔχουσιν τὴν εὐγενῆ πίστιν), μὴ προσδοκάτω [δὲ] ὁ δειλαῖος [ὅτι] εἰ καὶ πλείους καὶ ἀξιόλογοι εἶεν οἱ διὰ τῆς αὐτοῦ σπουδῆς κατηγορεῖν ἡμῶν μέλλοντες, δικαστὴς ἔσεσθαι τῶν καθ’ ἡμᾶς, κἂν τοῦτο προσταχθῆι ἐξ ἀμβιτίωνος, παραιτησόμεθα ἐκεῖσε ἐλθόντες καὶ, σὺν θεῷ φάναι, ταῖς ἑαυτοῦ δυσφημίαις ἀπολογήσεται. ὅθεν φεύγομεν τὴν εἰρήνην οὐδαμῶς, ἀλλὰ μᾶλλον ἀρπάζομεν, ἐὰν ὁμολογηθῆι ἡ πίστις ὅπθι καὶ παύσονται τοῦ λέγειν τιοῦτα ἄπερ ξενοποῦτες ἐπικαλοῦνται θάνατον τοσαύτην γὰρ διαστροφὴν ἔχει τὸ ἀποσταλεν τετράδιον τῶν αὐτοῦ δυσφημιῶν, ὡς μολύνεσθαι τὸν ἀναγινώσκοντα.

funcionários, familiares e subalternos para tentar neutralizar o apoio deles ao bispo de Constantinopla, conforme carta enviada por seu secretário Epifânio ao clero de Constantinopla que fazia oposição a Nestório na capital imperial:

Apressa-te, portanto, você, meu santíssimo, para suplicar à serva de Deus, a *Augusta* Pulquéria [irmã de Teodósio II], para que ela preste atenção em Cristo, nosso senhor, pois eu penso que agora não há cuidado suficiente de seu santíssimo irmão Cirilo, e assim que você pedir a todos que estão no palácio e [fornecer] o que está faltando à avareza <serviço> deles, embora não faltem bênçãos [ouro e presentes] para eles também, de modo que eles escrevam para João [de Antioquia, aliado de Nestório] repreendendo-o, de modo que nem mesmo a memória daquele ímpio [Nestório] deva existir. E escreva uma carta para o magnífico Aristolau [tribuno e notário] para que ele possa rapidamente instigá-lo [João de Antioquia]. E peça à dama Olímpia [esposa do Prefeito Pretoriano] para também nos ajudar, e que ela peça também à Marcela e à Droséria [*cubiculariae*], pois elas o têm em suficiente consideração. Pois, existe entusiasmo de alguns bispos do Oriente em receber Nestório. Cuide-se para não se ocupar dia e noite, pois você tem muitos dos santos [homens] para isso. (*ACO*, I, 4, p. 222-224).⁹

As cartas, assim como outros documentos que acumularam vestígios do passado, são como cristais brutos que precisam ser polidos em todas as suas dimensões de modo que o olhar do historiador não capte simplesmente a luz que se reflete desordenadamente de uma superfície irregular. Os métodos de abordagens documentais nos auxiliam a aparar arestas para que essa luz atravesse o material e emerja como uma refração da realidade que, embora com desvios, permita-nos construir uma representação do passado. Documentos são representações do passado, e estas são “atravessadas por disputas e lutas pelo poder de categorizar e classificar – pelo poder de *representar* e de *se fazer representar*” (BLAZQUÉZ, 2000, p. 188, destaque do autor). No sentido de aprimorar a nossa leitura dessas disputas e lutas pelo poder mediados pelo imperador Teodósio II, o gênero epistolar ainda nos proporciona uma ferramenta adicional além daquelas já levantadas acima. Ou seja, as cartas nos permitem traçar as redes de sociabilidade dos missivistas no sentido de identificar os

⁹ festina igitur et tu ipse, sanctissime, supplicare dominae ancillae dei Pulcheriae Augustae ut iterum ponat animam suam pro domino Christo (puto enim quod nunc non satis curet pro sanctissimo uestro frate Cyrillo), et ut omnes qui sunt in palatio, roges et quicquid auaritiae eorum deest, <praestes>, quamquam non desint et ipsis diuersae benedictions, ut scribant increpatiuè Iohanni quo nec memoria illius impij fiat, scribatur uero et magnificentissimo Aristolao, ut instet ei celeriter. et roga domnam Olympiadem ut et ipsa coadiuet nos et ut usuper roget Marcellam et Droseriam, quia sati seam patienter auscultent. [et] stadium namque est Orientalium nonnullorum ut impium Nestorium recipient. et si non uoluerit <te> nocte ac die pro temet ipso cura, multos habes perturbare sanctorum.

interesses subjacentes às questões teológicas que nortearam as ações dos protagonistas: imperador e bispos.

Desse modo, a troca de cartas possibilita-nos mapear os itinerários, convergentes ou divergentes, percorridos por esses indivíduos em relação às suas demandas político-religiosas e interesses jurisdicionais na organização eclesiástica, bem como a associação estabelecida entre os membros dessa organização e funcionários imperiais. As cartas, nesse sentido, podem ser entendidas como “um espaço virtual compartilhado de comunicação” (HENDERSON, 2007, p. 37-85), um lugar privilegiado de sociabilidade em que podemos visualizar as redes de interesses e a organização de um grupo de pessoas em torno de indivíduos que desempenhavam papéis de destaque em projetos políticos comuns (MALATIAN, 2009, p. 208-209). Esse recurso irá nos indicar que as preocupações do imperador Teodósio II na controvérsia não estiveram apenas relacionadas a mediar um embate teológico, que era essencial para a sua posição de governante, mas, também, para salvaguardar a própria unidade de um Império repleto de diversidades político-religiosas.

As teias de relacionamentos estabelecidas através desses movimentos, tanto na esfera eclesiástica quanto na administração imperial, é que buscaremos estabelecer, no sentido de interpretar a atuação do imperador no conflito que propomos nessa pesquisa. Para tanto, o cruzamento das informações contidas nos catálogos que elaboramos das cartas imperiais e episcopais nas quais Teodósio II e seus funcionários foram citados (APÊNDICE A) e o epistolário de Cirilo de Alexandria (APÊNDICES C e E) cruzando-as com informações do *Livro de Heraclides*, de Nestório (APÊNDICE B e D) e o *Contra Nestório*, de Cirilo (APÊNDICE F), são fundamentais na metodologia dessa pesquisa. Embora perpassasse todo o conjunto das cartas, essas redes de interesses que foram construídas no decorrer do conflito podem ser mais bem vislumbradas na sequência da carta de Epifânio, cuja citação iniciamos anteriormente e damos prosseguimento:

Agora, então, meu santíssimo senhor [Cirilo] direcionou todo o seu zelo a essa causa [destituição de Nestório]. Pois uma carta foi escrita por meu senhor, seu irmão, para a reverendíssima serva de Deus, a dama Pulquéria, para Paulo, o Prefeito; para Romano, o *cubicularius*; para a dama Marcela, a *cubicularia*; e para a dama Droséria. Ricas bênçãos foram enviadas a eles. E para aquele que é contra a Igreja, o Prefeito Crisero [*Praepositus sacri cubiculi*], o magnífico Aristolau [tribuno e notário] foi preparado para escrever algumas coisas que o seu mensageiro deve obter; e para ele próprio [Aristolau] ricas bênçãos também foram enviadas. Além disso, meu senhor, o seu irmão mais sagrado, também escreveu para o senhor Escolástico [*cubicularius*] e para o magnífico Artaba [*cubicularius*], de modo que eles se

reúnam com Crisero, a fim de persuadi-lo da persistência do seu ataque contra a Igreja e, para isso, bênçãos verdadeiramente ricas foram despachadas. (ACO, I, 4, p. 223).¹⁰

As considerações descritas em relação ao gênero epistolar na Antiguidade Tardia e analisadas até agora a partir da correspondência epistolar do bispo Cirilo, são aplicáveis às cartas do imperador e dos seus funcionários. Contudo, alguns acréscimos explicativos se fazem necessários. As cartas dos membros do episcopado relacionadas a questões dogmáticas e doutrinárias, tomadas como ortodoxas pela maioria dos pares, eram consideradas documentos oficiais da organização eclesiástica. Algumas cartas de Cirilo enviadas a Nestório foram lidas e consideradas canônicas pelas assembleias de bispos reunidas nos Concílios de Éfeso I e II e anexadas oficialmente nas atas daquelas reuniões (McENERNEY, 1987a, p. 2; ACO, I, 1, 1, p. 25-28, 32-42 e ACO, I, 1, 4, p. 15-20; PRICE; GADDIS, 2007).

As cartas imperiais por se tratarem de documentos oficiais do Império tinham força de lei. Conforme observa Millar (2006, p. 7-8), todo o material legal consistia de documentos relacionados à comunicação interna dentro da administração imperial. Esses documentos (*constitutiones*) eram emitidos em nome de ambos os imperadores, do Oriente e do Ocidente¹¹ e, quando endereçados na forma de carta para um alto funcionário administrativo, eram transformadas em éditos que passavam a compor a legislação imperial. Muitas dessas cartas eram respostas a memorandos (*sugestiones*, em latim, e *ἀναφορᾶ*, em grego) de funcionários que detalhavam problemas levantados em localidades e contextos específicos. Após o Concílio de Éfeso I, em 431, Teodósio II, por exemplo, optou por confirmar a destituição de Nestório como bispo da capital imperial e o fez através do envio de carta ao Prefeito Pretoriano Flávio Antêmio Isidoro, que, em seguida, emitiu um édito para que a sentença fosse cumprida (ACO, I, 3, p. 182-183):

Bem que nosso zelo pelo cuidado dos negócios públicos seja evidente, nós não nos preocupamos menos da segurança da mais santa religião, pois, se servimos essa religião, temos a certeza de que somos ajudados também nas

¹⁰ nunc igitur, domine meus sanctissime, impone tibi omne in hac causa stadium. scriptum enim est a domino meo fratre uestro et dominae ancillae dei reuerentissimae Pulcheriae et praeposito Paulo et Romano cubiculario et domnae Marcellae cubulariae et domnae Droseriae, et directae sunt benedictiones dignae eis. et ei qui contra ecclesiam est, Chryseroti praeposito magnificentissimus Aristolaus paratus est scriber de nonnullis quae angelus tuus debeat impetrare; et ipsi uero dignae transmissae sunt eulogiae. scripsit autem dominus meus sanctissimus frater uester et domno Scholasticio et magnificentissimo Artabae, ut ipsi conueniant et persuadant Chryseroti tandem desistere ab oppugnatione ecclesiae; et ipsis uero benedictiones dignae directae sunt.

¹¹ Conforme ainda destaca Millar, a despeito da ênfase na unidade, que ele chama de “retórica do Império”, as duas porções já se encontravam separadas administrativamente, assim como uma quase completa separação entre as leis do Oriente e Ocidente (MILLAR, 2006, p. 1-38).

necessidades do Estado. Por essa razão, desde que Nestório, antes sacerdote da Igreja católica, agora traidor da fé, parece dificultado por tais massas de abominações é necessário que seja golpeado por uma sentença de Nossa Serenidade (ACO, I, 3, p. 180).¹²

Outro aspecto a destacar nas cartas imperiais, conforme observa Carles Buenacasa Pérez (2009, p. 177), é a disposição dos imperadores de evitarem nas cartas dirigidas aos membros do episcopado a utilização de termos ou formas de tratamento que pudessem sugerir ligação deles à administração imperial, embora os bispos assumissem, paulatinamente, naquele contexto, atividades públicas em favor das suas comunidades, conforme discorreremos no capítulo seguinte. Dessa forma, os imperadores não buscavam diferenciar hierarquias no interior do episcopado, tais como arcebispos, metrópitas ou patriarcas. Os membros dessa camada superior da hierarquia eram sempre citados nos documentos imperiais unicamente como bispos. Essa não distinção nos indica uma forma de estratégia imperial no sentido de não se atribuir poderes excessivos a determinados indivíduos que pudessem se associar a funcionários ou integrantes da Corte imperial movidos por interesses comuns.

Em vista da quantidade e diversidade de atores envolvidos no conflito, sejam eles eclesiásticos, civis e militares que se corresponderam por meio de cartas, ou nelas foram citados, conforme relacionamos nos Apêndices J e K, a análise prosopográfica também é um recurso que auxilia na ampliação dos significados da *Controvérsia Nestoriana*. O propósito do método prosopográfico é coletar dados biográficos das elites políticas e religiosas que transcendam suas vidas individuais na perspectiva de analisar grupos de indivíduos a partir dos seus contatos mútuos e interesses comuns. (KOENRAAD; CARLIER; DUMOLYN, 2007, p. 41-43). Através da análise de fatores gerais dos grupos podemos vislumbrar as motivações das suas ações. Essa perspectiva será mais bem trabalhada no capítulo subsequente.

O potencial do uso da prosopografia na análise e explicação da história política romana nos foi demonstrado por Ronald Syme, em sua obra *Roman Revolution* (1939). Nesse trabalho, Syme aplicou o método prosopográfico para interpretar o período de transição entre a República romana e o Principado, o que o permitiu construir uma narrativa dos eventos a partir de uma análise das estruturas políticas e sociais. Através de análises genealógicas e biográficas dos líderes proeminentes da sociedade romana, de 60 a.C. a 14 d.C., Syme

¹² Licet circa sollicitudinem publicarum rerum clarum sit nostrum, non tamen minor apud nos est religionis cautela sanctissimae, qua uidelicet a nobis custodita etiam in publicis utilitatibus nos adiuuari confidimus. et propterea quoniam Nestorius, catholicae ecclesiae aliquando sacerdos, nunc autem fidei proditor, tantis nequitiae molibus implicatus apparet et necessarium est ut sententiae nostrae tranquillitatis subditus.

identificou a emergência de novos grupos sociais oriundos de toda a Itália e das demais províncias romanas que passaram a obter destaque político. Assim, a partir dessa nova configuração, ele identificou o aparecimento de novos grupos dirigentes.

Outro trabalho nessa perspectiva obteve resultados similares aos alcançados por Syme, mas, dessa vez, analisando o Império Romano do Ocidente, na Antiguidade Tardia. Trata-se da obra *Western Aristocracies and Imperial Court, AD 364-425*, de John Frederick Matthews (1975). A partir dos trabalhos sobre prosopografia de Arnould H. M. Jones, John Martindale (*PLRE* 1 e 2) e de André Chastagnol (1960 e 1962), Matthews (1975, p. 30) percebeu que o segmento senatorial do século IV d.C. constituía-se de uma aristocracia hereditária que fora valorizada, sobretudo entre os governos de Valentiniano I (321-375) e Valentiniano III (419-455), devido as mudanças ocorridas na estrutura administrativa do Império Romano. Dentre essas transformações, a ascensão do imperador Graciano (359-383) e a transferência da Corte ocidental para o norte da Itália teria possibilitado às aristocracias senatoriais itálicas e gaulesas oportunidades para aumentar sua influência, através de uma maior participação na vida pública e no controle das fontes de influência (terra e patrocínio).

Essas análises de Syme e Matthews nos levaram a perceber a emergência de novas camadas dirigentes, sobretudo entre segmentos estrangeiros, portadores de diferentes etnias e formas de religiosidade, que, paulatinamente, foram sendo incorporados na sociedade e administração romana oriental e que ansiavam por maior participação política no interior de uma estrutura centralizada. Indivíduos nessa condição, pertencentes à administração civil e militar, tenderam a apoiar a doutrina de Nestório pelos motivos que discutiremos no capítulo seguinte, momento em que analisaremos a constituição da administração imperial.

Em vista dessa constatação, mapearemos as lideranças mais representativas do episcopado que aparecem na documentação atuando no conflito e que elencamos no APÊNDICE J. Dentre eles, citamos: Cirilo de Alexandria, Nestório de Constantinopla, João de Antioquia, Celestino de Roma, Juvenal de Jerusalém, Rufo de Tessalônica, Teodoreto de Ciro, Maximiano de Constantinopla, Menão de Éfeso, Flaviano de Filipe, Flaviano de Constantinopla, Eusébio de Dorileia, Dalmácio, Eutiques, Dióscoro de Alexandria e Leão de Roma. Para tanto, lançaremos mão dos dados biográficos desses indivíduos fornecidos pela própria documentação utilizada, com subsídio da historiografia consultada, sobretudo das obras *A Dictionary of Christian Biography and Literature to the End of the Sixth Century A.D.* (WACE; PIERCY, 1999) e *Prosopographie Chrétienne du Bas-Empire* (PIETRI; PIETRI, 1999 e 2000; DESTEPHEN, 2008a e 2008b).

No que se refere ao grupo de funcionários imperiais, analisaremos aqueles indivíduos que emitiram/receberam cartas ou que transitaram pela documentação, sejam nas cartas imperiais e episcopais ou no *Livro de Heraclides*, de Nestório. Os dados biográficos desses indivíduos, elencados no APÊNDICE K, também foram coletados na própria documentação, na historiografia de apoio e na obra *Prosopography of the Later Roman Empire* - Vol. 1 e 2, editadas por John Martindale (1980) e Jones, Martindale e J. Morris (1971), respectivamente. Daremos atenção especial aos funcionários que orbitavam a esfera do imperador e sua família e receberam investidas dos líderes eclesiásticos. Dentre esses funcionários, os mais representativos, citamos: Candidiano, Aristolau, Crisero, João, Irineu, Lauso, Elpídio, Crisáfio, Flávio Florêncio, bem como os chefes militares, que também estão relacionados no referido apêndice.

Com esses procedimentos, almejamos estabelecer as redes de interesses forjadas no episcopado oriental que se estenderam para dentro da Corte e administração imperial (Capítulo 2) e como o imperador, visando resguardar seus interesses de governante, negociou esquemas políticos com funcionários da administração imperial que estavam associados aos dois polos divergentes representados pelas doutrinas de Cirilo e Nestório (Capítulo 3).

1.3. A transmissão das cartas imperiais e episcopais nos *Acta Conciliorum Oecumenicorum*.

As cartas do imperador, dos funcionários imperiais e dos membros da hierarquia eclesiástica que utilizaremos para entender as ações de Teodósio II, na *Controvérsia Nestoriana*, durante o seu governo, foram reunidas na obra *Acta Conciliorum Oecumenicorum*, editada pelo filólogo Eduard Schwartz e colaboradores, no início do século XX. Os *Acta* abrangem não somente os registros das sessões conciliares – que reuniram bispos de diferentes províncias do Império por determinação do imperador – mas, também, de uma miríade de cartas trocadas entre membros da organização eclesiástica, decretos e cartas dos imperadores e funcionários imperiais, homilias, transcrições de relatos verbais das sessões dos Concílios e citações de tratados doutrinários contemporâneos aos acontecimentos e também subsequentes (MILLAR, 2006, p. 236-237).

Esses documentos foram preservados através de diferentes tradições manuscritas medievais nos idiomas grego e latino. Para o período relacionado ao governo de Teodósio II,

as cartas estão inseridas nos manuscritos: *Collectio Vaticana* (ACO, I, 1, 1-6), *Collectio Atheniensis* (ACO, I, 1, 7), *Collectio Segueriana* (ACO, I, 1, 7), *Collectio Veronensis* (ACO, I, 2), *Collectio Casinensis pars prior* (ACO, I, 3), *Collectio Casinensis pars altera* (ACO, I, 4), *Collectio Palatina* (ACO, I, 5, 1), *Collectio Sighardiana* (ACO, I, 5, 2), *Collectio Quesneliana* (ACO, I, 5, 2), *Collectio Winteriana* (ACO, I, 5, 2), todos relativos ao Concílio de Éfeso I, de 431, com seus antecedentes e desdobramentos, *Codex Venetus 555* e *Codex Vindobonensis* (ACO, II, 1) relativos ao Sínodo de Constantinopla, de 448, e ao Concílio de Éfeso II, em 449. O quadro abaixo esquematizado por Millar nos auxilia localizar as origens e os conteúdos dos manuscritos:

Quadro 1 – Manuscritos inseridos nos Tomos I e II dos ACO.

<u>Relativos ao Concílio de Éfeso I (431) e desdobramentos.</u>		
<i>Manuscritos em grego – Tomo I – Volume 1 (ACO, I, 1)</i>		
<u>Parte</u>	<u>Manuscrito/datação</u>	<u>Conteúdo</u>
1 a 6	<i>Collectio Vaticana</i> (Século XIII)	- Coleções privadas contemporâneas de partidários de Cirilo de Alexandria.
7	<i>Collectio Atheniensis</i> e <i>Collectio Segueriana</i> (Século XII)	- Documentos que relatam os resultados do Concílio, entre os anos 431-432. Alguns são versões alternativas da <i>Collectio Vaticana</i> .
<i>Manuscrito em latim – Tomo I – Volume 2 (ACO, I, 2)</i>		
-	<i>Collectio Veronensis</i> (Século X)	- Atas do Concílio; - Cartas, particularmente do bispo Celestino de Roma
<i>Manuscrito em latim – Tomo I – Volume 3 (ACO, I, 3)</i>		
-	<i>Collectio Casinensis pars prior</i> (Século XIII)	- Versões latinas de cartas dos imperadores e dos bispos Cirilo, Nestório e João de Antioquia; - Atas do Concílio.
<i>Manuscrito em latim – Tomo I – Volume 4 (ACO, I, 4)</i>		
-	<i>Collectio Casinensis pars altera</i> (Século XIII)	- Trabalho do diácono Rústico baseado na Tragédia de Irineu.

Manuscritos em latim – Tomo I – Volume 5 (ACO, I, 5)		
1	<i>Collectio Palatina</i> (Período Carolíngio)	- Trabalho de Mário Mercator (contemporâneo do bispo Agostinho de Hipona).
2a	<i>Collectio Sichardiana</i> (Século XVI)	- Cartas sinodais de Cirilo; - Cartas de Cirilo e Teodoreto de Ciro.
2b	<i>Collectio Quesneliana</i> (Século XVI, a partir de compilações do ano 600)	- Cartas teológicas e documentos do Concílio.
2c	<i>Collectio Winteriana</i> (Século XVI)	- Documentos teológicos em traduções latinas.
<u>Relativos ao Sínodo de Constantinopla (448) e Concílio de Éfeso II (449)</u>		
Manuscritos em grego – Tomo II – Volume 1 (ACO, II, 1) Codex Venetus 555 (Séc. XI) e Codex Vindobonensis (Séc. XII)		
1a	<i>Epistularum Collectio M</i>	- Cartas de Leão de Roma, Teodósio II, Licínia Eudóxia e Pulquéria.
2c	<i>Actio I</i>	- Procedimentos da primeira sessão do Concílio de Calcedônia, de 08/10/451, incluindo cartas e procedimentos do Sínodo de 448 e Concílio de Éfeso II, em 449.

Fonte: ACO, I e II; MILLAR, 2006, p. 235-247.

O mais extenso desses manuscritos é a *Collectio Vaticana*, que compreende 172 itens, em idioma grego, dentre os quais se encontram muitas cartas de Cirilo e dos seus principais aliados. Essa coleção é composta pela junção de quatro manuscritos do século XIII que foram publicados pelo papa Paulo V, em 1608, provenientes da Biblioteca Vaticana, da Biblioteca Sforza, do cardeal Collona, e do arcebispo de Tarragona, Antônio Agostinho. As *Collectiones Atheniensis e Seguerana*, também em grego, são manuscritos do século XII, que à exceção de 50 textos próprios, reproduz alguns documentos inclusos na *Vaticana*. A *Collectio Veronensis* reúne manuscritos do século X, particularmente relativos ao bispo Celestino de Roma. A *Collectio Casinensis pars prior* reúne manuscritos do século XIII em que constam versões latinas das cartas de Teodósio II, Cirilo, Nestório, João de Antioquia e as atas de Éfeso I. A *Collectio Casinensis pars altera* refere-se à reprodução do trabalho denominado *Synodicum*, escrito pelo diácono Rústico, em 565, em latim, que teve por base o trabalho *Tragédia de Irineu*, escrito em grego, pelo *comes*, e posteriormente bispo de Tiro, Irineu. Contém,

portanto, documentos preservados por partidários de Nestório. A *Collectio Palatina* trata-se de manuscritos do período carolíngio que preservou as traduções do grego para o latim feitas por Mário Mercator, partidário de Cirilo, na primeira metade do século V d.C.

A *Collectio Shichardiana* é uma coleção impressa no século XVI com traduções latinas de cartas de Cirilo e Teodoreto de Ciro. A *Collectio Quesneliana*, também do século XVI, traz documentos do Concílio de Éfeso I, cartas de Cirilo e João de Antioquia. Completando o Tomo I dos *Acta*, a *Collectio Winteriana*, também coleção impressa no século XVI, contém traduções latinas de alguns tratados teológicos contemporâneos (DEVREESE, 1929, p. 224-229; GRAUMANN, 2011, p. 28-31; MILLAR, 2006, p. 242-244). Os documentos da *ACO*, Tomo I, abarcam o início do conflito entre Cirilo e Nestório (428), perpassando pelo Concílio de Éfeso I (431), a *Fórmula da Reunião* (433), e seus desdobramentos até as vésperas das disputas que emergem entre Eutiques, que se aliou a Dióscoro de Alexandria, contra o bispo Flaviano de Constantinopla que, assim como Nestório, era defensor da separação das naturezas.

Portanto, as *Collectiones* reunidas nos *ACO*, I reproduzem cartas iguais, às vezes em traduções latinas, omitem outras e as organizam de maneiras distintas, uma vez que cada uma delas apresenta propósitos diferentes, os quais necessitaria serem analisados nos diversos contextos das suas edições. Um recurso que auxilia a localizar as cartas imperiais e episcopais e suas diferentes reproduções no interior dos *Acta* é o catálogo *Clavis Patrum Graecorum*, organizado por Maurice Geerard (1979), que lista, inclusive, aquelas cartas cirilianas nos idiomas copta e siríaco, não reproduzidas por Schwartz nos *Acta*, mas que foram traduzidas na obra de McEnerney (1987ab). Geerard indica, ainda, as cartas que se repetem nas diferentes *Collectiones*, as quais, também, indicamos nos catálogos (APÊNDICES A, C e E). A despeito dessas repetições, não há indicações de divergências nos conteúdos daquelas cartas escritas originalmente em grego, mas preservadas em traduções latinas.

Os registros das sessões conciliares referentes ao Sínodo de Constantinopla (448) e ao Concílio de Éfeso II (449) foram preservados em manuscrito no idioma siríaco, sem tradução para uma língua moderna. Esse *codex* é mantido na British Library, sob o registro *BM Add.* 14530, e foi produzido em um monastério próximo a Apamea, em 535 d.C. (MILLAR, 2011, p. 45-69). Mas, uma vez que as cartas do imperador e de seus funcionários, juntamente com alguns procedimentos relacionados ao Sínodo de Constantinopla (448), que condenou o monge Eutiques, e ao Concílio de Éfeso II (449), que condenou Flaviano de Constantinopla e reafirmou a condenação de Nestório, foram lidas e registradas nas atas da primeira sessão do Concílio de Calcedônia, em 8 de outubro de 451, tais documentos também foram preservados

por meio dos manuscritos *Codex Venetus 555* e *Vindobonensis* (ACO, II, 1), no idioma grego (MILLAR, 2006, p. 245; PRICE; GADDIS, 2007, p. 111).

A produção, circulação e reprodução dos documentos reunidos nos *Acta* se inserem, portanto, em uma longa tradição manuscrita, manipulados em diferentes contextos, para atender aos interesses propagandísticos das facções em disputa. Esse uso intencional explica a escolha e a disposição dos documentos dentro das coleções e o crescimento do material em torno do núcleo original dos procedimentos conciliares à medida que o conflito se reproduzia (GRAUMANN, 2011, p. 27-28; DELLA TORRE, 2017). Tais documentos, antes praticamente restritos a análises teológicas, têm sido, nas últimas décadas, objeto da preocupação dos historiadores da Antiguidade Tardia, sobretudo a partir das traduções recentes feitas para línguas modernas, que têm procurado inserir suas pesquisas em problemáticas mais amplas, a partir da perspectiva de que a religião não pode ser apartada das demais esferas na sociedade romana tardia.

No que se refere às cartas relacionadas ao conflito durante o governo de Teodósio II, utilizamos as seguintes traduções daqueles documentos contidos nos *Acta*: a tradução para a língua francesa elaborada por André-Jean Festugière, na obra *Ephèse et Chalcédoine – Actes des Conciles* (1982) e as traduções para a língua inglesa elaboradas por Richard Price e Michael Gaddis – *The Acts of the Council of Chalcedon* (2007) e a de John I. McEnerney – *The Fathers of the Church, St. Cyril of Alexandria, Letters, 2v.* (1987ab).

As cartas traduzidas por Festugière (1982) estão relacionadas no APÊNDICE A, ao final da pesquisa. São documentos preservados nos idiomas grego e latino extraídos, em grande parte, dos manuscritos *Collectio Atheniensis* (ACO, I, 1, 7), *Vaticana* (ACO, I, 1, 1 a 6) e *Casinensis pars prior* (ACO, I, 3). Elas compreendem 76 (setenta e seis) cartas enviadas/recebidas pelo imperador Teodósio II e seus funcionários, ou, ainda, aquelas cartas trocadas entre bispos nas quais o imperador e seus funcionários são citados. Portanto, as cartas de Teodósio II e Valentiniano III que seriam incorporadas à legislação imperial encontradas nessas coleções foram traduzidas para o grego, pois eram todas originalmente redigidas em latim. Isso se deve, conforme destaca Millar (2006, p. 7), ao princípio de colegialidade em que o uso do latim visava dar aspecto de unidade aos dois Impérios já divididos administrativamente, mas comandados pela mesma dinastia. Dentre esse conjunto, 07 (sete) cartas imperiais também foram traduzidas do grego por Price e Gaddis (2007) a partir dos atos da primeira sessão do Concílio de Calcedônia (ACO, II, 1). Outras 07 (sete) cartas, não traduzidas por Festugière, Price e Gaddis, se referem a negociações após o Concílio de Éfeso II (449) e foram extraídas do epistolário do bispo Leão de Roma constante

da obra *Nicene and Post-Nicene Fathers, Second Series*. Uma carta foi traduzida por François Nau (1910), carta esta escrita por funcionários imperiais e destinada a um seguidor de Nestório de nome Cosmas. O conjunto de cartas relativas a Teodósio II e funcionários imperiais, portanto, perfaz o total de 84 (oitenta e quatro) cartas, cobrindo o período de 428 a 450.

As cartas referentes à correspondência epistolar de Cirilo de Alexandria foram, ainda, traduzidas dos *Acta* por John I. McEnerney (1987ab). Elas perfazem o total de cento e quinze cartas¹³, sendo que 50 (cinquenta) são cartas trocadas por Cirilo com Teodósio II ou seus funcionários ou, ainda, cartas nas quais o imperador ou seus funcionários foram citados. Essas cartas estão catalogadas no APÊNDICE C. As demais 65 (sessenta e cinco) cartas do epistolário ciriliano catalogadas no APÊNDICE E, serão utilizadas como subsídio para a contextualização do conflito, perfazendo, assim, o total de cento e quinze cartas.

As informações contidas nessas cartas catalogadas nos APÊNDICES A, C e E serão cruzadas entre si e, ainda, com o conteúdo do *Livro de Heraclides*, de Nestório, que catalogamos nos APÊNDICES B (excertos em que há citações do imperador e seus funcionários) e D (excertos que subsidiarão a contextualização). Empreenderemos a análise desses documentos, no transcorrer da pesquisa, a partir dos procedimentos anteriormente descritos, atentando para o seu conteúdo retórico, “jogos epistolares”, dados prosopográficos e estabelecimento das redes de sociabilidade mantidas por Cirilo e Nestório com membros da hierarquia eclesiástica e funcionários imperiais objetivando negociarem com o imperador a ortodoxia a ser seguida.

A elaboração desses catálogos visou cumprir procedimentos metodológicos da pesquisa, no sentido de reunir, classificar e avaliar o conteúdo informativo das fontes que possa responder à hipótese (RÜSEN, 2007, p. 118). Conforme destaca Roger Chartier (1998, p. 7-13), as formas com que os livros manuscritos e, mais tarde, impressos foram ordenados pela autoridade que os encomendou ou permitiu suas publicações pressupõem regras que visam controlar as significações que os diferentes públicos atribuem aos textos que se inserem nesses trabalhos. As diversas *Collectiones* de documentos referentes à *Controvérsia Nestoriana* foram preservadas a partir das iniciativas posteriores de partidários das duas linhas de pensamento divergentes, de Cirilo e Nestório. É perceptível naqueles manuscritos que a inclusão, omissão e ordenamento dos documentos dentro das diferentes coleções buscavam

¹³ Com exceção das cartas 106 a 110, que foram preservadas em idioma copta e das cartas 100-105, preservadas no idioma siríaco (McENERNEY, 1987a, p. 1-8).

contar uma história que satisfizesse os interesses daqueles que retomaram e atualizaram aqueles acontecimentos em diferentes momentos, até os dias atuais. Os próprios tradutores para as línguas modernas, sobretudo as traduções francesas e inglesas que citamos acima privilegiaram traduzir as cartas a partir daquelas coleções cirilianas, sem, contudo justificar a escolha (FESTUGIÈRE, 1982) ou reunir todas as cartas conhecidas de Cirilo (McENERNEY, 1987ab). Nesse sentido, os catálogos por nós elaborados têm por objetivo reunir e ordenar os documentos cronologicamente e cruzar as informações entre eles de modo a fornecer respostas às nossas indagações sobre a atuação de Teodósio II, na forma de uma narrativa que represente aquele passado a partir das nossas indagações presentes. O propósito é obter dos documentos leituras diferentes àquelas que foram, anteriormente, direcionadas a partir daqueles ordenamentos prévios, cujos propósitos em inquirir o passado eram outros.

Como destacamos anteriormente, esses conflitos teológicos também estavam relacionados à afirmação dos líderes da hierarquia eclesiástica dentro das suas comunidades e, também, para além delas. Portanto, as disputas doutrinárias na Antiguidade Tardia visavam manter ou ampliar a autoridade dos bispos e, para isso, eles empreendiam esforços para arregimentar aliados que dessem suporte às suas pretensões político-religiosas. Essa disposição é percebida nas cartas no momento que detectamos os bispos Cirilo e Nestório tentando delimitar as suas fronteiras de influência junto a outros membros do episcopado e funcionários da administração imperial. Assim, utilizaremos a documentação para indicar como os desdobramentos desses movimentos estratégicos poderiam alterar o equilíbrio de forças mantido pelo imperador, funcionários administrativos e hierarquia eclesiástica. Uma vez que tanto Cirilo quanto Nestório e seus seguidores buscaram arregimentar aliados na Corte e na administração imperial, a documentação ordenada nos catálogos nos indica uma polarização também nesse núcleo administrativo, como já era evidente na esfera eclesiástica (ACO, I, 4, p. 222-225).

Percebe-se, através das cartas cirilianas, que os bispos da cidade de Roma, aqueles lotados nas cidades das dioceses da Dácia e Macedônia, de algumas províncias da diocese da Asiana (Lídia, Cária e Ásia), a totalidade daqueles situados na diocese do Egito, uma substancial parcela dos clérigos e monges lotados na cidade de Constantinopla e outros bispos distribuídos espacialmente de maneira irregular se manifestaram a favor de Cirilo e votaram com ele na primeira sessão do Concílio de Éfeso, em 431, que excomungou Nestório (ACO, I, 1, 2, p. 55-64; APÊNDICE G). Os bispos situados nas cidades da diocese do Oriente em quase a sua totalidade – uma das exceções foi Juvenal de Jerusalém – e outros esparsos distribuídos pelo Império, emprestaram seu apoio a Nestório e votaram pela condenação de

Cirilo no contra-Concílio liderado por João de Antioquia, aliado de Nestório (ACO, I, 4, p. 37-38; APÊNDICE H). Tentaremos entender os motivos adjacentes que porventura tenham animado esses clérigos a tomarem partido para além da questão doutrinária. A percepção inicial que temos é que problemas jurisdicionais estavam subjacentes à questão teológica, pois conflitos regionais poderiam modificar a orientação que se era esperada de determinado bispo em função da sua localização geográfica. Em decorrência dessas disputas na esfera religiosa, os dois blocos concorrentes, aglutinados na liderança inicial de Cirilo e Nestório, buscaram apoio entre os funcionários imperiais. Estes, por sua vez, também tinham as suas agendas de reivindicações por maior participação política em um Império centralizado em Constantinopla.¹⁴

A despeito da riqueza analítica que encerram, não somente as cartas episcopais e imperiais contribuirão para essa percepção. Desse modo, o *Livro de Heraclides*, de Nestório, é peça fundamental para que complementemos nosso olhar sobre como as ações de Teodósio II foram percebidas pela historiografia antiga e atual e contribuíram para que se cristalizasse no tempo a imagem de governante ineficiente na condução do conflito. Também no sentido de melhor visualizar a atuação imperial, a obra *Contra Nestório*, de Cirilo, nos traz indicações valiosas de como os agentes envolvidos no conflito são produtos da incorporação de estruturas sociais (BOURDIEU; CHARTIER, 2012, p. 58), que permitiu a formação de diferentes culturas político-religiosas no interior de um Império construído sob a égide da diversidade.

1.4. O *Contra Nestório*, de Cirilo de Alexandria, e o *Livro de Heraclides*, de Nestório de Constantinopla.

Em complemento às informações contidas nas cartas acima mencionadas, utilizaremos, também, o tratado escrito por Cirilo intitulado *Cinco Tomos Contra Nestório*. Ao que tudo indica, Cirilo escreveu a obra antes do Concílio de Éfeso, em 431. Norman Russell (2000, p. 130-131) sugere-nos que Cirilo fez circular cópias dele durante as

¹⁴ Como discorreremos no Capítulo 2, muitos desses funcionários eram oriundos das elites regionais que cumpriam funções na administração imperial, em Constantinopla. Eles exerciam suas atividades por períodos limitados, em cargos que apresentavam alta rotatividade entre os ocupantes. No final dos seus *cursus honorum* eram distinguidos com o título de senadores, sem, contudo, terem a obrigatoriedade de residirem na capital imperial.

negociações que se seguiram àquele Concílio. Um dos destinatários, que pode ser identificado em carta redigida pelo secretário de Cirilo, Epifânio, ao bispo Maximiano de Constantinopla (ACO, I, 4, p. 224-225) trata-se do *Praepositus Sacri Cubiculi* Crisero (APÊNDICE K), que além de uma cópia do *Contra Nestório*, também recebeu de Cirilo grandes quantidades de ouro e presentes para que fosse persuadido a apoiá-lo na Corte Imperial. A tradução do *Contra Nestório* utilizada por nós foi feita para a língua inglesa por Edward B. Pusey e editada por James Parker & Co. e Rivingtons, em 1881. Essa tradução é anterior à edição dos ACO, e na sua longa introdução, Pusey (1881, p. vii-cv) não deixa clara a origem do texto que norteou o seu trabalho. Mas, o texto grego do *Contra Nestório* encontra-se reproduzido na *Collectio Vaticana* (ACO, I, 1, 6, p. 13-105).

O *Contra Nestório*, bem como os demais tratados intitulados de *Contra*, de escritores do período, têm sido, sobretudo, analisado pela historiografia no viés religioso em que sua leitura à primeira vista direciona¹⁵. O destaque dado ao seu conteúdo centra-se nos argumentos de Cirilo acerca das implicações cristológicas do epíteto *Theotokos* (Tomo I) e no modo pelo qual divindade e humanidade se uniram na Segunda Pessoa da Trindade, que se fez carne (Tomos de II a V). Contudo, como já indicado, partimos do princípio que, na Antiguidade Tardia, a política e a religião estavam imbricadas, com reflexo em questões políticas e administrativas (CARVALHO; FIGUEIREDO, 2013, p. 213)¹⁶. A partir dessa constatação, analisaremos o *Contra Nestório* na perspectiva de que ele encerra indicações acerca das disputas por poder e autoridade na hierarquia eclesiástica, com desdobramentos na administração imperial. As formulações teológico-filosóficas nele presentes são densas e repletas de significações político-culturais.

Em contraponto aos escritos cirilianos e no sentido de melhor elucidar os eventos ocorridos durante os Concílios de Éfeso I (431) e Éfeso II (449), envolvendo a atuação do imperador Teodósio II e de seus auxiliares, agregamos à pesquisa o *Livro de Heraclides* – discurso apologético escrito por Nestório contra as acusações que lhe foram imputadas por Cirilo e seus seguidores. Nestório escreveu originalmente em grego, entre os anos de 435, início do seu exílio, e 451, provável ano da sua morte, uma vez que ele dá notícias da morte do imperador Teodósio II, ocorrida em 450, e da fórmula cristológica alcançada no Concílio de Calcedônia, em 451, a partir dos entendimentos contidos nas cartas trocadas entre os

¹⁵ Vide Malley (1978).

¹⁶ Robert A. Markus (1997, p. 13-28) considera a interpenetração entre o secular e o espiritual como uma das características fundamentais da Antiguidade Tardia.

bispos Flaviano de Constantinopla e Leão de Roma (Nestório, *Liber*, 506 e 514¹⁷; BETHUNE-BAKER, 1998, p. 34-35; LOOFS, 1914, p. 19).

No prefácio da obra, Nestório indica o seu objetivo de esclarecer todas as heresias. Percebe-se que ao descrevê-las, sua intenção recai em associá-las aos ensinamentos de Cirilo. E, na sequência desse relato, ele faz uma defesa das suas ideias teológicas:

Agora convém, em minha opinião, àquele que quiser pesquisar a verdade com toda diligência, não compor seus discursos com ideias preconcebidas, mas produzir (primeiramente) tudo aquilo que é oposto à verdade e discutí-lo. Assim, é por comparação entre um e outro que aqueles que conhecem o ouro, mostrem a diferença do ouro bom e aquele que é inferior, aos olhos daqueles que querem tomar a liga como (ouro) pura. Muitos, de fato, escolhem o mal ao bem e a mentira em lugar da verdade, porque as duas coisas lhes são iguais e que eles preferem lutar contra eles [o bem e a verdade] e vencer, antes que estabelecer a verdade. Como vários (homens) professam diversas (opiniões) sobre o Cristo e não se acordam em seu nome, enquanto outros discutem sobre seu nome, nos parece bom expor, além da opinião de cada uma dessas heresias em relação a Cristo, a fim de que a verdadeira fé seja conhecida por comparação às heresias e que nós não as chancelamos para cair numa ou noutra, como aqueles que não veem (Nestório, *Liber*, 1-11)¹⁸.

Pela descrição detalhada que faz, no transcorrer do livro, dos eventos que circundaram o Concílio de Éfeso II e pelas circunstâncias em que se deu a deposição do bispo Flaviano de Constantinopla (449), que comparou à sua deposição, Nestório, mesmo durante o exílio, parece ter recebido documentos para auxiliar na sua narrativa (NAU, 1910, p. ix). Contudo, essa descrição dos fatos que ele ofereceu está condicionada a defesa de si próprio, em que ele escolhe o que deve ser dito em seu benefício e o que deve omitir, no sentido de oferecer uma versão personalizada dos acontecimentos:

Eu omito as coisas que foram lançadas contra minha pessoa, contra Flaviano e todos aqueles que não nos queriam anatematizar¹⁹. Eles depuseram Flaviano da mesma maneira que eu. Aqueles oprimidos foram depostos sem julgamento, pois não viram o julgamento nem o tribunal. Não lhes foi permitido se defender nem falar, mas a exceção daqueles que agradavam ao imperador e à Eutiques (Nestório, *Liber*, 476)²⁰

¹⁷ Nau, p. 322 e 327; Driver; Hodgson, p. 368 e 375.

¹⁸ Nau, p. 5; Driver; Hodgson, p. 7.

¹⁹ O termo grego *anathema*, de forma literal significa “colocado no alto, suspenso, anulado”. Consistia na maior excomunhão que se poderia ser promulgada contra um indivíduo, realizada com grande solenidade (CROSS; LIVINGSTONE, 1997, p. 58).

²⁰ Nau, p. 304; Driver; Hodgson, p. 347-348.

A obra foi inicialmente preservada através de uma tradução para o idioma siríaco, feita entre os anos de 525 e 540. A origem das traduções inglesa e francesa que utilizaremos nesta pesquisa provém de um manuscrito do século XI ou XII, que se encontrava na biblioteca do patriarca nestoriano em Kotchanès, no Curdistão turco (SCIPIONI, 1956, p. 1; LOOFS, 1914, p. 11). Posteriormente, tal trabalho foi citado sob o título de “Tragédia” por Augustus Neander, em 1825, que o identificava através das citações feitas por Evágrio Escolástico, no século VI d.C., sobre a história dos infortúnios de Nestório, durante o seu exílio (Evágrio, *Hist. eccl.*, I, 7, 10-15). Neander fazia, também, referência à obra de Ebedjesu, metropolitano nestoriano do século XIV, que listava os trabalhos dos escritores eclesiásticos sírios. (DRIVER; HODGSON, 2002, p. ix).

Esse arquétipo²¹ foi destruído durante a Primeira Guerra Mundial, mas antes uma cópia dele havia sido feita, em 1888, por um membro da Missão Presbiteriana Americana e outra, em 1898, a partir dessa cópia norte-americana, por um membro da missão Anglicana, estabelecidas na região do lago Urmia, atual Irã (RUSSELL, 2000, p. 223). O texto ficou conhecido no Ocidente, no início do século XX, através de James F. Bethune-Baker (1998), professor de teologia na Universidade de Cambridge, que publicou uma monografia sobre o livro. Em 1903, o texto siríaco já havia sido publicado por Paul Bedjan, em Leipzig, na Alemanha, e, posteriormente, traduzido para o francês por François Nau, em 1910 (NAU, 1910). Utilizaremos nessa pesquisa duas traduções da referida obra: essa edição em língua francesa, de Nau (1910) e a edição em língua inglesa, de G. R. Driver e Leonard Hodgson (2002)²², que também fez sua tradução a partir da cópia do manuscrito publicado por Paul Bedjan (DRIVER; HODGSON, 2002, p. xi). Isso possibilita comparar as duas traduções feitas a partir daquela cópia do manuscrito siríaco.

O tradutor do grego para o siríaco, no século VI d.C., indicou no prefácio da sua tradução que dividiu o *Livro de Heraclides* em duas seções, no seguinte esquema: Livro I: Parte 1: “sobre todas as heresias opostas à Igreja e diferenças em relação à fé”; Parte 2: “exame dos julgamentos e acusações de Cirilo”; Parte 3: sua própria apologia e uma comparação de suas cartas”; Livro II: Parte 1: “refutação das ações contra ele a respeito das matérias pelas quais foi excomungado” e Parte 2: “da sua excomunhão até o fim da sua vida”.

²¹ Na linguagem filológica, o arquétipo é o texto recuperado como antepassado da tradição textual, mas não se confunde com o original perdido (CANFORA, 2012, p. 35-42).

²² Russell (2000, p. 222, nota 159) indica que o título dado à tradução inglesa ao *Livro de Heraclides* como *O Bazaar de Heracleides* decorre de um erro de tradução de J. F. Bethune-Baker, que foi encampado por Driver e Hodgson, do termo siríaco *Tegurta*, cuja tradução mais adequada seria *Tratado*.

Para atender aos propósitos da nossa pesquisa, optamos por dividir o livro em duas partes: dos parágrafos 1 a 146 e 207 a 365 (APÊNDICE D)²³, que tratam das diferenças teológicas entre Nestório e Cirilo, e dos parágrafos 147 a 208 e 366 a 521 (APÊNDICE B)²⁴, que constituem um relato histórico da controvérsia e no qual podemos melhor visualizar as ações do imperador Teodósio II e seus funcionários.

O Livro I é apresentado na forma de um diálogo em que Nestório responde a questões teológicas apresentadas por um interlocutor, Sofronius. Roberta C. Chesnut (1978, p. 398) remete a datação dessa secção do livro ao início do conflito, chegando a conjecturar que ela seja anterior ao Concílio de Éfeso I, em 431. O Livro II, que será mais explorado nessa pesquisa, como já indicado, foi escrito no final da vida de Nestório (BEVAN, 2005, p. 29) e compreende uma defesa da sua posição doutrinária e um relato histórico da controvérsia citando, ao longo da sua narrativa, algumas cartas de Cirilo, dos imperadores e de funcionários da administração imperial. Nos termos apresentados por Cameron (2014, p. 35), em que os diálogos cristãos da Antiguidade Tardia podem ser vistos como veículos apologéticos ou polêmicos para agendas sectárias, julgamos adequado considerar os parágrafos do *Livro de Heraclides* que reunimos no APÊNDICE D como um *Contra Cirilo* em diálogo com o *Contra Nestório*, anteriormente analisado, tendo em vista a datação proposta por Chesnut dessa primeira parte, que torna as duas obras contemporâneas.

Sobre a autenticidade do livro, Luise Abramowski (1995, p. 45), a partir da crítica literária que faz da obra desde seus trabalhos publicados na década de 1960, considera que, na realidade, o *Livro de Heraclides* se trata da junção de dois livros distintos. A primeira parte do livro, composto de perguntas e respostas, teria sido acrescentada após a morte de Nestório e a segunda parte teria sido escrita principalmente por ele, mas conteria extensas interpolações posteriores. O interpolador seria um indivíduo de Constantinopla, que poderia, precisamente, ser datado de 451 a 470. Entretanto, segundo Aloys Grillmeier (1975, p. 560-562), essa visão foi contestada por Luigi Scipioni, em 1974, no trabalho *Nestorio e il concilio de Efeso*, que avaliou os argumentos de Abramowski como baseados em elementos filológicos não decisivos. Chesnut (1978, p. 392-398) também considera frágil a hipótese de Abramowski de não atribuir a Nestório a primeira parte do livro. Para ela, embora produzidas em momentos distintas, as duas partes da obra foram reunidas após a morte de Nestório. Quanto à segunda parte, Bevan (2005, p. 26) afirma que todas as interpolações apontadas por Abramowski já foram explicadas, com exceção de uma profecia anacrônica no final do trabalho. Essa

²³ Nau, p. 5-170 e p. 124-235; Driver; Hodgson, p. 7-192 e p. 140-262.

²⁴ Nau, p. 89-125 e p. 236-331; Driver; Hodgson, p. 96-141 e p. 264-380.

interpolação, que já havia sido apontada por Nau (1910, p. xix) no prefácio da sua tradução, refere-se à entrega dos vasos sagrados da Igreja aos bárbaros pelo bispo Leão de Roma (NESTÓRIO, *Liber*, 520)²⁵. Esse fato teria ocorrido no ano de 452, portanto, após a morte de Nestório.

Além das questões teológicas, pode-se considerar que os argumentos de Nestório no *Livro de Heraclides* se dividem em dois eixos de defesa: a forma com que acusa Cirilo de agir inescrupulosamente contra ele, conseguindo manter-se no episcopado através da compra, em dinheiro, de funcionários imperiais que persuadiram Teodósio II (Nestório, *Liber*, 479)²⁶; e o argumento de que foi traído pelo imperador, que, no início da controvérsia pareceu apoiar a sua doutrina (Nestório, *Liber*, 391)²⁷.

As percepções que nortearão a análise dessa obra de Nestório, bem como dos demais documentos acima analisados, será no sentido de entendê-los como discursos que buscaram representar uma realidade que melhor satisfizesse a sua defesa. Trata-se de representações da realidade, que entendemos como esquemas intelectuais incorporados pelas sociedades, cujos sentidos são produzidos historicamente e as significações são construídas, permitindo aos indivíduos dar sentido ao presente, tornar o outro inteligível e decifrar o espaço que o circunda. Portanto, as memórias não dizem respeito unicamente ao passado. Os depoimentos de Nestório também dizem respeito ao presente da sua escrita, pois nas memórias de um indivíduo também estão contemplados o silêncio e o esquecimento (MUDROVICIC, 2009, p. 105-109).

Conforme nos indica Chartier (2002, p. 17-19), tais elaborações são sempre determinadas pelos interesses dos grupos que as forjam, de modo que as percepções do mundo social não são neutras. Tratam-se, portanto, de construções históricas e coletivas, que descrevem a sociedade tal como pensam que ela é ou como gostariam que ela fosse. Nesse sentido, em nossa percepção os excertos que transcreveremos dos autores analisados nessa pesquisa, evidenciam que o conflito teológico que esteve representado na documentação abarcava questões mais amplas. A sociedade romana da Antiguidade Tardia foi caracterizada por expressões de marcantes religiosidades, individuais e coletivas, que não podem ser destacadas das demais esferas de ação das pessoas que viveram naquele momento, e as representações delas são reais e não excluem os conflitos político-administrativos subjacentes à questão teológica, daí entendermos que o imperador Teodósio não negociou com

²⁵ Nau, p. 328-331; Driver; Hodgson, p. 375-389.

²⁶ Nau, p. 305-306; Driver; Hodgson, p. 349-350.

²⁷ Nau, p. 251; Driver; Hodgson, p. 283-284.

funcionários e bispos apenas uma querela teológica, mas um conflito político-religioso-administrativo.

1.5. Definindo a divindade encarnada: *ἔνωσις* (união) e *συνάφεια* (conjunção) nas concepções de Cirilo e Nestório.

Os tratados *Contra Nestório*, de Cirilo, a primeira parte do *Livro de Heraclides*, de Nestório, bem como as cinco cartas trocadas por ambos os bispos na fase inicial do conflito, no intervalo de junho de 429 a novembro de 430, nos dão um panorama da maneira divergente que ambos concebiam a forma pela qual a segunda pessoa da trindade (Cristo/*Logos*) encarnou através da Virgem Maria (ACO, I, 1, 1, p. 23-42). Ambos partiam de pontos de vistas diametralmente opostos para explicar o mistério da encarnação a partir da premissa estabelecida pelo Concílio de Niceia, em 325, de que Cristo era verdadeiramente Deus e homem ao mesmo tempo. Contudo, enquanto a preocupação de Cirilo era explicar como o Cristo tornou-se humano, sem deixar de ser divino, Nestório tentava responder como ele era divino, sem comprometer a sua humanidade (RUSSELL, 2000, p. 39-40).

Embora fatores não-teológicos, como disputas por prestígio e poder na hierarquia eclesiástica, contribuíssem para dificultar o entendimento entre ambos os bispos nessa questão, observa-se, ainda, que pensadores cristãos do período buscavam sistematizar suas doutrinas a partir da apropriação de diferentes correntes filosóficas disponíveis naquele contexto, com o intuito de dar aspectos de racionalidade às suas pregações doutrinárias (SPINELLI, 2002, p. 18-19). O mal-entendido entre ambos se fixava na proposição de Cirilo de que todo o intrincado processo de união (*ἔνωσις*) entre o divino e o humano na encarnação se operou dentro de uma única entidade, o *Logos* (SORO, 1998, p. 191), conforme pode ser percebido na segunda carta escrita por Cirilo a Nestório, no início do conflito:

O santo e grande Concílio [Niceia] disse, portanto, disse que o Filho unigênito gerado por natureza de Deus-Pai, verdadeiro Deus nascido do verdadeiro Deus, luz nascida da luz, pelo qual o Pai criou todas as coisas, desceu, tomou a carne, tornou-se um homem, sofreu, ressuscitou no terceiro dia e ascendeu ao céu. Nós devemos seguir essas palavras e esses dogmas, considerando que essa fé significa que o *Logos* nascido de Deus encarnou e tornou-se um homem. Nós não queremos dizer que a natureza do *Logos* foi alterada quando ela se tornou carne. Nem que ela se transformou em um

homem composto de uma alma e um corpo. Nós dissemos, ao contrário, que o *Logos* se uniu hipostaticamente à carne animada de uma alma racional e, de maneira inexplicável e incompreensível, tornou-se homem. Ele foi chamado Filho do homem não por um simples querer e boa vontade, nem porque ele estaria associado unicamente a uma pessoa, mas porque as duas naturezas diferentes foram trazidas juntas em uma verdadeira unidade, resultando um único Cristo e Filho das duas. A diversidade das naturezas não foi suprimida pela união, mas no sentido que a divindade e a humanidade formaram para nós o único Senhor Cristo e Filho através da inefável e incompreensível combinação para a unidade. (ACO, I, 1, 1, p. 25-28).²⁸

Tal proposição de Cirilo se mostrava inaceitável para Nestório, pois este deduzia que se a noção de união das naturezas tivesse se operado no *Logos*, na própria pessoa do Cristo, isso pressupunha que a porção divina, unida à humana nesse nível, fosse susceptível de nascer, sofrer e morrer. Portanto, a principal acusação de Nestório contra Cirilo era que ele concebia uma divindade passível (*theopatheia*) (GAVRILYUK, 2003, p. 190-191). Conforme indica Boulnois (1994, p. 86-98), nessa matéria, Cirilo se apropriou dos métodos hermenêuticos e exegéticos do bispo Atanásio (296-373), cuja preocupação era dar explicações às contradições sobre as naturezas de Cristo existentes entre o Antigo e o Novo Testamento (antes/depois da encarnação). Atanásio dialogava, no século IV d.C., principalmente, com as correntes arianas e as dificuldades exegéticas engendradas nessas discussões se davam no sentido de reafirmar a igualdade de condição das três pessoas divinas, em oposição àquelas correntes que eram acusadas de defender uma adoção do Filho pelo Pai, que teria ascendido a uma posição superior por méritos próprios sem, contudo, em condição de igualdade a ele.

Estabelecida como ortodoxa, no Concílio de Niceia, em 325, e referendada no Concílio de Constantinopla, em 381 (DAVIS, 1990, p. 115-119), essa igualdade entre as três pessoas era condição subscrita tanto por Cirilo quanto por Nestório na primeira metade do século V d. C. Mas, nesse momento, o debate entre ambos passou, doravante, a se centrar na segunda pessoa, e a forma como as porções humana e divina interagiram no momento da

²⁸ Ἐφη τοίνυν ἡ ἀγία καὶ μεγάλη σύνοδος αὐτὸν τὸν ἐκ θεοῦ πατρὸς κατὰ φύσιν γεννηθέντα υἱὸν μονογενῆ, τὸν ἐκ θεοῦ ἀληθινοῦ θεὸν ἀληθινόν, τὸ φῶς τὸ ἐκ τοῦ φωτός, τὸν δι' οὗ τὰ πάντα πεποιήκεν ὁ πατήρ, κατελθεῖν σαρκωτῆναι ἐνανθρωπήσαι παθεῖν ἀναστῆναι τῇ τρίτῃ ἡμέρῃ καὶ ἀνελθεῖν εἰς οὐρανοῦς. τούτοις καὶ ἡμᾶς ἔπεσθαι δεῖ καὶ τοῖς λόγοις καὶ τοῖς δόγμασιν, ἐννοοῦντας τί τὸ σαρκωτῆναι καὶ ἐνανθρωπήσαι δηλοῖ τὸν ἐκ θεοῦ λόγον. οὐ γὰρ φαμέν ὅτι ἡ τοῦ λόγον φώσις μεταποιηθεῖσα γέγονε σὰρξ, ἀλλ' οὐδὲ ὅτι εἰς ὅλον ἄνθρωπον μετεβλήθη τὸν ἐκ ψυχῆς λογικῆς ἐνώσας ὁ λόγος ἐαυτῶι καθ' ὑπόστασιν ἀφράστως τε καὶ ἀπερινοήτως γέγονεν ἄνθρωπος καὶ κεκηράτικεν υἱὸς ἀνθρώπου, οὐ κατὰ θέλησιν μόνην ἢ εὐδοκίαν, ἀλλ' οὐδὲ ὡς ἐν προσλήψει προσώπου μόνου, καὶ ὅτι διάφοροι μὲν αἱ πρὸς ἐνότητα τὴν ἀληθινὴν συνεχεθεῖσαι φύσεις, εἰς δὲ ἕξ ἀμοιβῶν Χριστὸς καὶ υἱός, οὐχ ὡς τῆς τῶν φύσεων διαφορᾶς ἀνηρημένης διὰ τὴν ἔνωσιν, ἀποτελεσασων δὲ μᾶλλον ἡμῖν τὸν ἕνα κύριον καὶ Χριστὸν καὶ υἱὸν θεότητος τε καὶ ἀνθρωπότητος διὰ τῆς ἀφράστου καὶ ἀπορρήτου πρὸς ἐνότητα συνδρομῆς.

encarnação do Cristo. Essas tentativas suscitaram a utilização de uma plêiade de termos técnicos, muitas vezes apropriados de correntes filosóficas distintas que, em virtude disso, por vezes, apresentavam significados distintos para ambos os bispos (ANASTOS, 1962, p. 120).

Nessa discussão doutrinal, as palavras de Nestório dirigidas a Cirilo, carregadas de ironia e tom professoral, revelam o desejo de delimitar fronteiras e se posicionar, sobre essa questão, acima do colega de episcopado:

O santo e grande Concílio diz que ele, o Filho unigênito, foi gerado pela natureza de Deus, o Pai, verdadeiro Deus de Deus, luz de luz, através de quem o Pai fez todas as coisas, que ele desceu, fez-se carne e tornou-se homem, sofreu e ascendeu. Essas são as palavras de Sua Reverência e, talvez, você as reconheça. Mas ouça também as nossas palavras, uma exortação fraternal à piedade e que solenemente o grande Paulo declarou a seu amado Timóteo: ‘Seja diligente à leitura, à exortação e ao ensino. Pois ao fazê-lo você salvará a si próprio e aqueles que te ouvem’. O quê implica ‘ser diligente’? Significa que na leitura dos ensinamentos daqueles Santos Padres sem a devida atenção você caiu na ignorância, de qualquer forma perdoável. Você pensa que eles disseram que o *Logos*, que é coeterno com o Pai, é passível (*παθητόν*)? Olha atentamente, se te agrada, no preciso significado de suas palavras e você encontrará que o inspirado coro dos Padres não disse que a consubstancial divindade é passível (*παθητήν*), nem que a divindade, coeterna com o Pai, foi gerada, nem que a divindade ressuscitou da morte quando seu templo foi destruído. E se deres ouvido à minha medicina fraternal, citando a você as palavras dos Santos Padres, eu te livrarei dessas palavras que você profere contra elas e contra as Escrituras sagradas. (*ACO*, I, 1, 1, p. 29-32).²⁹

Nestório contestava Cirilo negando que a união entre as naturezas tenha se operado no *Logos*, mas, sim, por meio da união dos *prosopa* (*πρόσωπα*) humano e divino (união prosópica), de modo a separar as condições e vicissitudes da natureza humana que não são passíveis de serem atribuídas a um deus. Causava estranheza a Nestório a utilização por Cirilo da fórmula que sugeria uma união hipostática *μία φύσις τοῦ θεοῦ λόγου σεσαρκωμένη* (uma natureza encarnada de Deus a Palavra) (Cirilo, *Adv. Nest.*, II, Proêmio), que ele erroneamente

²⁹ Ἡ ἀγία φησὶν καὶ μεγάλη σύνοδος αὐτὸν τὸν ἐκ θεοῦ πατρὸς κατὰ φύσιν γεννηθέντα υἱὸν μονογενῆ, τὸν ἐκ θεοῦ ἀληθινοῦ θεὸν ἀληθινόν, τὸ φῶς τὸ ἐκ φωτός, τὸν δι’ οὗ τὰ πάντα πεποιέκεν ὁ πατήρ, κατελθεῖν σαρκωθῆναι ἐνανθρωπήσαι παθεῖν ἀναστῆναι. Ταῦτα τῆς σῆς θεοσεβείας τὰ ῥήματα καὶ γνωρίζεις ἴσως τὰ σὰ ἄκουε δὲ καὶ τὰ παρ’ ἡμῶν, ἀδελφικὴν ὑπὲρ εὐσεβείας παραίνεσιν καὶ ἦν ὁ μέγας ἐκεῖνος Παῦλος τῷ φιλουμένῳ παρ’ αὐτοῦ Τιμοθέῳ διεμαρτύρατο, πρόσεχε τῇ ἀναγνώσει, τῇ παρακλήσει, τῇ διδαχῇ. τοῦτο γὰρ ποιῶν καὶ σεαυτὸν σώσεις καὶ τοὺς ἀκούοντας σου. τί δέ μοι τὸ πρόσεχε βούλεται; ὅτι τὴν τῶν ἁγίων ἐκείνων ἐξ ἐπιπολῆς ἀναγνώσκων παράδοσιν συγγνώμης ἀξίαν ἠγνόησας ἄγνοιαν, **παθητόν** αὐτοὺς εἰρηκέναι νομίδας τὸν τῷ πατρὶ συναίδιον λόγον; ἔγκυψον δέ, εἰ δοκεῖ, τοῖς ῥητοῖς ἀκριβέστερον καὶ τὸν θεῖον ἐκεῖνον τῶν πατέρων εὐρήδεις χορὸν οὐ τὴν ὁμοούσιον θεότητα **παθητήν** εἰρηκότα οὐδὲ πρόσφατον γεννητὴν τὴν τῷ πατρὶ συναίδιον οὐδὲ ἀναστᾶσαν τὴν τὸν λελυμένον ναὸν ἀναστήσασαν. κἄν μοι τὰς ἀκοὰς εἰς ἀδελφικὴν ἰατρίαν παράσχῃς, αὐτάς σοι τὰς τῶν ἁγίων πατέρων φωνὰς παραθέμενος τῆς κατ’ ἐκείνων ἀπαλλάξω συκοφαντίας καὶ τῆς κατὰ τῶν θεῶν γραφῶν δι’ ἐκείνων.

teria atribuído a Atanásio, mas que se tratava de uma interpretação apolinarista e que havia sido declarada herética no século precedente:

Pelo *prosopon*, ele [Cristo] se eleva acima de toda a humanidade, a tal ponto que ele é outro por essência, aquele que é eternamente como é, não começado, não crescido, nem aperfeiçoado. Na união e na manifestação em um *prosopon* ele é Deus que se encarnou e homem que se divinizou. Ele não foi mudado nem modificado na sua divindade, do mesmo modo que a humanidade do Cristo não era diferente, em natureza, daquela dos homens, mas em honra e em *prosopon*; pois ele é Deus do universo, Senhor e Filho; em todas as coisas onde a divindade é por essência, em todas aquelas que a humanidade é por honra; não por uma honra qualquer, mas pela honra daquele que tomou o *prosopon*: a humanidade utilizando o *prosopon* da divindade e a divindade o *prosopon* da humanidade. (Nestório, *Liber*, 289).³⁰

Segundo destaca Chesnut (1978, p. 401), Nestório entendia que ser *prosopon* de Deus significa ser a imagem de Deus e, acima de tudo, ter a vontade e o propósito de Deus e, de forma recíproca, Deus torna-se o *prosopon* do homem:

A segunda pessoa da Trindade, que é a imagem de Deus, encarnou-se e tomou a imagem do servo, isto é, a forma humana, em um ser humano, ser humano decaído como o resto de nós (da ‘natureza que tinha pecado’) e ele fez esta imagem sua própria, de modo que se tornou seu *prosopon*.

Ou seja, há nessa proposição de Nestório, dois movimentos contrários e reflexivos que pressupunham um esquema de salvação: a imagem da divindade se “rebaixando” para transformar a imagem da humanidade (decaída) na imagem de Deus. Esse movimento se operou no *Logos* não para unir as naturezas nele, mas a partir da conjunção (*συνάφεια*), do encontro voluntário de ambos *prosopa*: “porque, então, ele se humilhou em todas as coisas de um modo incompreensível para uma humilhação sem paralelo, e apareceu ainda um único espírito, uma única vontade, uma única inteligência inseparável e indivisível, como em um único ser” (Nestório, *Liber*, 102).³¹ Entendimento esse que Cirilo refutaria de forma veemente no *Contra Nestório* e acusaria Nestório de dividir o Cristo em dois e produzir uma subordinação entre essas duas partes, uma vez que entendia *hipostasis* e *prosopon* como termos sinônimos.

³⁰ Nau, p. 183; Driver; Hodgson, p. 206-207.

³¹ Nau, p. 67; Driver; Hodgson, p. 70.

A complexidade que se reveste o debate teológico/filosófico sobre essa questão a torna inconclusiva, pois essa discussão ainda é permeada por diferenças político-religiosas das diferentes agremiações cristãs na atualidade. Estudiosos que se debruçaram sobre o assunto são divergentes nas suas conclusões. Lionel Wickham (1983, p. xix-xx) argumenta que “Nestório perdeu o argumento porque seu quadro de Cristo era inacreditável; ele perdeu seu trono porque falou inadvertidamente; [...] foi tolice colocar em dúvida o título de ‘Mãe de Deus’ aplicado à Abençoada Virgem Maria”. Por outro lado, Milton Anastos (1962) e Carl E. Braaten (1963) defendem que Nestório não dividia a divindade e a humanidade em Cristo e que, portanto, nem mesmo ele seria adepto da doutrina que Cirilo e seus seguidores lhe imputava. Essa perspectiva pode até mesmo ser encontrada em Sócrates de Constantinopla que, contemporâneo aos acontecimentos, escreveu:

Não me parecia que Nestório fosse um partidário de Paulo de Samosata ou de Fotino, nem mesmo que ele jamais tenha dito que o Senhor fosse um simples homem, mas ele reduziu aquela única expressão [*Theotokos*] como um espantalho e fez aquilo em razão da sua grande ignorância. (Sócrates, *Hist. eccl.*, XXXII, 9).³²

O próprio Nestório reconheceu, no *Livro de Heraclides*, que suas ideias eram as mesmas do bispo Flaviano, que estão expressas no Tomo a Flaviano, escrito pelo bispo Leão de Roma. Flaviano foi condenado no Concílio de Éfeso II, em 449, mas depois reabilitado no Concílio de Calcedônia, em 451:

Os maus se juntaram contra todos aqueles que eram ligados a ele e que partilhavam sua fé [de Flaviano]. Eu era dos primeiros nas perseguições violentas e na fuga, nos exílios e nas ordens que davam poder aos seus, em todo país, e fazer o que quisessem àqueles que pensassem as mesmas coisas [que Flaviano]. Flaviano e eu pensávamos as mesmas coisas. (Nestório, *Liber*, 495).³³

Ao passo que as ideias de Cirilo estavam associadas à tradição teológica alexandrina, uma vez que ele retomava constantemente as proposições do bispo Atanásio para legitimar as suas afirmações, as ideias de Nestório se vinculavam a uma forma de pensamento enraizado

³² Οὔ μοι δοχεῖ ὁ Νεστόριος οὔτε τὸν Σαμοσατέα Παῦλον ζηλῶν οὔτε μὴν Φωτεινὸν μηδ’ ὄλωσ φιλὸν ἄνθρωπον λέγειν τὸν κύριον, ἀλλὰ τὴν λέξιν μόνην ὡς τὰ μορμολυκεῖα πεφόβηται, καὶ τοῦτο πέπονθεν ὑπὸ ἀμαθίας πολλῆς.

³³ Nau, p. 316; Driver; Hodgson, p. 362.

na tradição antioquena, cujos representantes de destaque foram os bispos Teodoro de Mopsuéstia (350-428) e Diodoro de Tarso (?-392). Segundo nos indica Arnaldo Momigliano (1986, p. 291-293), estava implícito nas discussões das controvérsias cristológicas na Antiguidade Tardia a necessidade de se justificar a afirmação de uma forma de Cristianismo no Império. Tais doutrinas se constituíam em teologias políticas que relacionavam a estrutura imperial ao mundo divino, no sentido de se afirmar, no discurso, a unidade tanto do Império quanto de uma Igreja que se pretendia ortodoxa. Nesse sentido, pode-se perceber que ao refutar a divindade de Nestório, Cirilo o fazia tendo como parâmetro o próprio ordenamento político do Império, ao tentar fazer uma analogia entre as relações mantidas pelas naturezas humana e divina no Cristo e a forma de relacionamento que deveria ser mantida pelos governantes. Neste caso, entendemos que ele fazia uma referência implícita aos imperadores Teodósio II e Valentiniano III:

Por que, então, você finge que é correto na fé dizendo que o Senhor Jesus Cristo é uno e, em seguida, corta-o em duas *prosopa* [πρόσωπά] e *hipostaseis* [ὑποστάσεις]³⁴, desonrando a verdadeira união através da qual Cristo é uno e único e chama isso, ignorantemente, de conexão de honra? De que tipo é esse modo de *conjunção* [συναφεία]? *Ou você não sabe que tudo o que é caro é sempre para aqueles na vida que são ricos em honras vindas dos governantes para serem reconhecidos mundanamente? Mesmo eles sendo, por vezes, em igual dignidade são separados um do outro em seres individuais, além de que nos seus desejos de pensarem e fazerem as mesmas coisas. Mas se o tipo de hierarquia fosse um laço necessário qualquer os reunindo em unidade apenas como um físico vindo junto; eles não, estando em igualdade de honra ou hierarquia, foram separados um do outro em pessoas e mente, de modo a ser um e outro.* Onde, então, devemos colocar a sua conexão? Como ela operou? Persuadi-los a ser uma liga? Deviam vir juntos em uma união mística? Você não pode dizer isso, porque a razão tem revelado que aquela conexão [mística] é totalmente fraca entre ambos (Cirilo, *Adv. Nest.*, II, 1, destaque nosso).³⁵

³⁴ Cirilo entendia o termo *hipostasis* como realidade individual concreta (pessoa) e associava esse termo ao entendimento que Nestório tinha de *prosopon*, daí ele deduzir que Nestório dividia a segunda pessoa da trindade em duas realidades distintas (RUSSELL, 2000, p. 40).

³⁵ Τί τοιγαροῦν ὑποπλάττη μὲν εἶναι τὴν πίστιν ὀρθῶς ἕνα λέγων Χριστὸν Ἰησοῦν κύριον, εἴτα διατέμνων εἰς δύο *πρόσωπά* τε καὶ *ὑποστάσεις* τὸν ἕνα καὶ τὸν μὲν τῆς ἀληθοῦς *ἐνώσεως* ἀτιμάζεις τρόπον, δι' ἧς ἀληθῶς εἰς τε καὶ μόνος ἂν εἶη ὁ Χριστός, συνάφειαν δὲ ἀμαθῶς ὀνομάζεις τὴν ἰσοτιμίαν; ποῖος γὰρ οὗτός ἐστι *συναφείας* τρόπος; ἢ οὐκ οἶσθα ὅτι φίλον τως αἰε τοῖς κατὰ τόνδε τὸν βίον τὸ ἐν εὐκλείαις εἶναι κοσμικαῖς, οἷ τὰς παρὰ τῶν *κρατούντων* πλουτοῦσι τιμάς, ἀλλ' ἐν ἴσοις ὄντες ἀξιώμασιν ἔσθ' ὅτε διεστήκασιν ἀλλήλων, ὑπάρξει τε τῆι καθ' ἕνα φημι καὶ μέντοι τῶι μὴ βούλεσθαι τὰ αὐτὰ φρονεῖν τε καὶ δρᾶν; ἀλλ' εἴπερ ἦν τις δεσμός ἀναγκαῖος εἰς ἐνότητα συλλέγων αὐτοὺς τῆς ἀξίας ὁ τρόπος καθάπερ ἀμελεῖ καὶ σύμβασις φυσικῆ, οὐκ ἂν ἐν ἰσότητι γερῶν ἦτοι τῆς ἀξίας ὑπάρχοντες ὑποστάσεσιν τε καὶ γνώμας εἰς τὸ ἕτερος εἶναι καὶ ἕτερος ἰδικῶς ἀλλήλων ἀπενοσφίζοντο. ποῦ τοιγαροῦν τὴν σὴν συνάφειαν θήσομεν, τί δὲ καὶ δρᾶσαι λογισόμεθα; ὁμογνωμονεῖν ἄρα πέπεικεν αὐτοὺς ἢ συμβῆη παρεσκεύασεν εἰς ἐνότητα μυστικῆν; (*ACO*, I, 1, 6, p. 35).

As noções de divindade que Cirilo e Nestório representavam se inseriam em projetos político-religiosos concorrentes, enraizados no imaginário dos seguidores das escolas de pensamento de Alexandria e Antioquia. Conforme nos indica Jacques Le Goff (1994, p. 12), o campo do imaginário, individual ou coletivo, ganha sentido a partir da realidade em que os atores estão inseridos, ou seja, ele nos informa acerca de uma dada realidade social subjacente e as formas como os indivíduos buscam interferir nela. É perceptível no excerto acima do *Contra Nestório*, que Cirilo também pensava a relação entre as naturezas divinas a partir da realidade concreta da existência de dois Impérios divididos, mas governados pela mesma dinastia teodosiana. Ou seja, as ideias teológicas de ambos os bispos embutiam teologias políticas que, assim como buscavam determinar a natureza e posição do *Logos* na esfera divina, buscavam também determinar a posição dos governantes dentro de um Império que se fragmentava. Essa posição do imperador será mais bem detalhada no capítulo seguinte, mas antes iremos fornecer um relato de como as fontes, da maneira como nos foram transmitidas e sem um tratamento documental, direcionam a leitura para uma percepção da atuação de Teodósio II que o qualifica como vacilante nas decisões. Em seguida, buscaremos inserir a *Controvérsia Nestoriana* no contexto dos conflitos teológicos da Antiguidade Tardia e indicar como a historiografia tem percebido a atuação imperial nos diferentes momentos em que esses conflitos emergiram.

1.6. Os eventos relacionados à atuação de Teodósio II transmitidos pelas cartas imperiais e episcopais e pelo *Livro de Heraclides*.

Segundo Nestório, Teodósio II o teria convocado para ocupar a Sé episcopal de Constantinopla, em 428, em virtude das acirradas disputas entre as facções do clero da capital imperial que buscavam fazer o sucessor do bispo Sisínio, seu antecessor no posto (Nestório, *Liber*, 378-380).³⁶ O cargo havia sido anteriormente oferecido ao Arquimandrita³⁷ Dalmácio, aliado de Cirilo, que o recusou devido a opção pela vida reclusa (Nestório, *Liber*, 377).³⁸ Até a sua morte, em 451, ele se queixava da atitude de Teodósio II em abandoná-lo durante o conflito, aceitando a sua deposição e excomunhão uma vez que ele pensava gozar de grande

³⁶ Nau, p. 243-245; Driver; Hodgson, p. 274-276.

³⁷ Arquimandrita: monge dirigente de monastério.

³⁸ Nau, p. 242-243; Driver; Hodgson, p. 273-274.

apreço do imperador quando fora convocado para exercer suas atividades episcopais na capital imperial:

Mas ele [Cirilo] me temia por causa do socorro que o imperador me dava. Dizem que, na realidade que esse último [imperador] queria me render e me trair em vez de me socorrer. Mas admitamos isso, o que impedia que houvesse um julgamento sem a ajuda do imperador? Ele estava já convencido de que eu sairia de Constantinopla e o Concílio do Oriente pediria que houvesse julgamento e exame da fé, mesmo sem mim. (Nestório, *Liber*, 391).³⁹

As atitudes ambíguas do imperador, como nesse caso de fazer Nestório acreditar que tinha o seu apoio e, em seguida, abandoná-lo, criaram a imagem de um imperador manipulável pela Corte e por Cirilo e de pouca habilidade política. O sentimento de incompreensão, quanto às atitudes do imperador, fez Nestório atribuir seu desfortúnio à atitude traiçoeira de Teodósio II, que o teria preterido em favor de Cirilo. Para Nestório, o bispo alexandrino ambicionava estender sua influência sobre a capital imperial e, também, sobre os segmentos do clero de Constantinopla que lhe faziam oposição desde a sua eleição para o episcopado (Nestório, *Liber*, 147, 152).⁴⁰

Se a aparente atitude inicial de Teodósio II era apaziguar as facções do clero de Constantinopla através da convocação de um bispo estrangeiro, o resultado esperado não se confirmou. As evidências indicam que Nestório foi absorvido pela competitiva dinâmica política e veio a sofrer resistência de importantes segmentos locais. Essa disposição pode ser percebida pelas acusações que ele recebeu de tentar regular a vida monástica na capital, perseguir heréticos, inclusive para além da sua jurisdição de competência, e se indispor com a irmã do imperador, a Augusta Pulquéria, ao vedar a ela acesso ao local reservado ao imperador, no palácio episcopal, para receber os serviços religiosos (Nestório, *Liber*, 383 e *Ep. Cosmas*).⁴¹

As insatisfações geradas por essas medidas iniciais de Nestório, bem como a oposição no clero que se sentia preterida pelo imperador ao nomear um bispo alheio à comunidade (Nestório, *Liber*, 377)⁴² alcançou o debate teológico quando, no verão de 428, as “facções do povo”, nas palavras de Nestório, se dirigiram à sua residência para que ele dirimisse uma disputa teológica e respondesse se Maria deveria ser chamada de *Theotokos* (portadora de

³⁹ Nau, p. 251; Driver; Hodgson, p. 284.

⁴⁰ Nau, p. 89, 92 e 251; Driver; Hodgson, p. 96, 99-100 e 283-284.

⁴¹ Nau, p. 246 e 362-366; Driver; Hodgson, p. 277-278.

⁴² Nau, p. 242-243; Driver; Hodgson, p. 273-274.

Deus) ou *Anthropotokos* (portadora do homem) (Nestório, *Liber*, 151).⁴³ Nestório atribuiu a proposição daquele debate a uma artimanha do clero egípcio que se encontrava em Constantinopla e, implicitamente, ainda, ao bispo Proclo de Cízico, que ambicionava ocupar o seu lugar.⁴⁴ Para tentar contornar a situação, Nestório argumentou que a expressão *Christotokos* (portadora de Cristo) seria mais adequada por estar em conformidade com a linguagem do Novo Testamento (Nestório, *Liber*, 152).⁴⁵

A primeira evidência que temos da entrada de Cirilo no debate é através da Carta Festal dirigida aos bispos da diocese do Egito, na virada dos anos 428 e 429, que, sem citar nominalmente Nestório, consagrou quase todo o seu conteúdo na defesa da união das naturezas (Cirilo, *Ep. Fest.*, 17, 2-4). Em seguida, ele escreveu carta aos monges do Egito exprimindo sua preocupação em vista de alguns deles estarem questionando se a Virgem Maria deveria ser chamada de portadora de Deus ou não (*ACO*, I, 1, 1, p. 10-23) e outra carta ao clero de Constantinopla para rebater acusações do sacerdote Anastácio, que ele afirmava ser aliado de Nestório e que pregava contra o apelativo *Theotokos* (*ACO*, I, 1, 1, p. 110-112).

A partir desse momento, as acusações se tornam diretas e públicas através da troca de cartas entre ambos nas quais se percebe, também, disputas de poder dentro da hierarquia eclesiástica, como mencionamos anteriormente (*ACO*, I, 1, 1, p. 23-32). Ambos os bispos apelaram ao bispo Celestino de Roma que, todavia, tomou partido de Cirilo (*ACO*, I, 1, 1, p. 75-77). Começou-se, assim, a delinear a divisão na hierarquia eclesiástica oriental em que ambos os lados recebem apoios de peso dentro da organização, como Juvenal de Jerusalém (*ACO*, I, 1, 1, p. 96-98) e Menão de Éfeso (*ACO*, I, 1, 7, p. 147-150), do lado de Cirilo, e João de Antioquia, do lado de Nestório (*ACO*, I, 1, 1, p. 92-93).

A situação se tornou insustentável para Nestório quando, em novembro de 430, Cirilo convocou um Sínodo em Alexandria e lançou doze anátemas contra as suas ideias, decretando, em um desses anátemas, que “se alguém não confessar que a Palavra de Deus sofreu na carne e foi crucificada na carne e provou a morte na carne e tornou-se o primogênito dos mortos, desde que ele é vida e vivificante como Deus, que seja anátema” (*ACO*, I, 1, 1, p. 33-42).⁴⁶ Nesse meio tempo, Nestório construiu a ideia da necessidade de se convocar um Concílio Ecumênico, que ele esperava ser realizado em Constantinopla ou nos seus arredores.

⁴³ Nau, p. 91; Driver; Hodgson, p. 98-99.

⁴⁴ Proclo, anteriormente, havia sido consagrado bispo de Cízico, na província do Helesponto, mas fora rejeitado pela população que apoiava um clérigo local. Finalmente, em 434, ele seria consagrado bispo de Constantinopla, após a morte de Maximiano, que sucedera Nestório, sob o apoio de Cirilo (APÊNDICE J).

⁴⁵ Nau, p. 92; Driver; Hodgson, p. 99-100.

⁴⁶ Εἴ τις οὐχ ὁμολογεῖ τὸν τοῦ θεοῦ λόγον παθόντα σαρκὶ καὶ ἐσταυρωμένον σαρκὶ καὶ θανάτου γευσάμενον σαρκὶ γεγονότα τε πρωτότοκον ἐκ τῶν νεκρῶν, καθὼς ζωὴ τέ ἐστι καὶ ζωοποιὸς ὡς θεός, ἀνάθεμα ἔστω.

Para a sua surpresa, o Concílio foi convocado por Teodósio II, em novembro de 430, para se realizar na cidade de Éfeso, em junho de 431, na igreja dedicada à Virgem *Theotokos*, justamente na jurisdição de um aliado de Cirilo, o bispo Menão de Éfeso (*ACO*, I, 1, 1, p. 73-74).

Contudo, na *sacra*⁴⁷ imperial, emitida no início de junho de 431, que dava instruções sobre os procedimentos conciliares, cuja abertura da reunião deveria ser feita mediante a leitura dessa *sacra* no dia sete daquele mês e na presença de todos os bispos convocados (APÊNDICES G e H), Teodósio II permitiu que Nestório fosse acompanhado a Éfeso por dois funcionários imperiais que eram seus aliados, o *comes* Candidiano (*PLRE* 2, p. 257-258), que representaria o imperador no Concílio e se encarregaria de dar abertura aos trabalhos e o *comes* Irineu (*PLRE* 2, p. 624-625), que era amigo pessoal de Nestório (*ACO*, I, 1, 1, p. 120).

No dia marcado para o início dos trabalhos ainda se encontrava ausente a delegação dos bispos orientais liderada por João de Antioquia, que enviou uma carta a Cirilo através de um mensageiro para se justificar e atribuir o atraso às péssimas condições do caminho por terra entre Antioquia e Éfeso, mas que esperava completar a jornada rapidamente (*ACO*, I, 1, 1, p. 119; Nestório, *Liber*, 197⁴⁸). Cirilo aguardou a delegação antioquena até o dia 22 de junho e, ainda na ausência dela, através de uma manobra pediu que Candidiano lesse a *sacra* do imperador para que os presentes pudessem tomar conhecimento das intenções imperiais para o Concílio. Imediatamente após Candidiano ler o teor das instruções imperiais, Cirilo deu o Concílio como instalado, sob veementes protestos do representante do imperador e dos bispos orientais (Nestório, *Liber*, 164⁴⁹; *ACO*, I, 1, 2, p. 66-68).

Nessa primeira sessão do dia 22 de junho, foram lidas as acusações contra Nestório e foram votadas a sua excomunhão e deposição (*ACO*, I, 1, 2, p. 52-64; APÊNDICE G). Dos 197 bispos signatários das sanções contra Nestório muitos (68 bispos) eram apoiadores de Nestório já presentes em Éfeso e uma parte deles foi compelida, inclusive com violência física por parte dos monges egípcios que acompanhavam Cirilo e daqueles sob as instruções de Menão de Éfeso, a aderir à resolução (Nestório, *Liber*, 198).⁵⁰ Em contrapartida, a delegação de João de Antioquia chegou à cidade de Éfeso, em 26 de junho, reuniu-se em Concílio paralelo e deliberou pela excomunhão e deposição de Cirilo e Menão (*ACO*, I, 4, p. 37-38; Nestório, *Liber*, 368⁵¹). Face ao impasse criado e a partir de relatos enviados ao imperador por

⁴⁷ Carta imperial endereçada ao Concílio (TEJA, 1995, p. 76).

⁴⁸ Nau, p. 118-119; Driver; Hodgson, p. 133-134.

⁴⁹ Nau, p. 99-100; Driver; Hodgson, p. 108.

⁵⁰ Nau, p. 119; Driver; Hodgson, p. 134.

⁵¹ Nau, p. 236-237; Driver; Hodgson, p. 266-267.

Candidiano (Nestório, *Liber*, 176)⁵², Teodósio II enviou a Éfeso o *comes* João (*PLRE* 2, p. 596) com ordens expressas de colocar sob prisão Nestório, Cirilo e Menão (*ACO*, I, 1, 3, p. 45-46; NESTÓRIO, *Liber*, 384⁵³).

Em seguida, o imperador determinou que delegações compostas por oito bispos de cada uma das duas facções se reunissem com ele no palácio de Rufinianai, em Calcedônia, a fim de chegarem a um acordo. Em vista da permanência do impasse, Teodósio II dissolveu o Concílio, autorizou todos os bispos a retornarem às suas cidades e, ao mesmo tempo, restaurou Cirilo e Menão da pena imposta pelos orientais no Concílio paralelo (*ACO*, I, 1, 7, p. 97). Apesar de Nestório relatar que Teodósio II tenha ficado extremamente aborrecido naquela reunião ao ser informado pelos orientais que os cirilianos defendiam um Deus passível. Mais uma vez de forma contraditória, o imperador respondeu aos orientais que ele não iria admitir tal proposição, mas, apesar dessa promessa, permitiu que bispos partidários de Cirilo entrassem em Constantinopla e consagrassem Maximiano em substituição a Nestório (Nestório, *Liber*, 392-397⁵⁴; *ACO*, I, 1, 3, p. 72-74). Nestório, por sua vez, permaneceu deposto e excomungado (*ACO*, I, 1, 3, p. 72; Nestório, *Liber*, 388⁵⁵).

Do início do ano de 432 a meados de 433, as movimentações foram intensas no sentido de que um acordo fosse alcançado. Conforme Nestório, Teodósio II teria lançado as bases de uma reconciliação e, para tanto, teria sugerido que os orientais o abandonassem e que Cirilo, por outro lado, retirasse os doze anátemas (Nestório, *Liber*, 399)⁵⁶. É nesse momento que temos conhecimento da imensa quantidade de presentes e ouro despachados pelo secretário de Cirilo, Epifânio, para membros da Corte imperial em Constantinopla (*ACO*, I, 4, p. 224-225; *ACO*, I, 4, p. 222-224). Para intermediar as negociações, o imperador destacou o tribuno e notário Aristolau (*PLRE* 2, p. 146-147), cuja atuação se mostrou francamente pró-ciriliana, uma vez que ele e sua esposa também estavam na lista de beneficiários dos presentes despachados de Alexandria e entregues na Corte imperial, no final de 431.

Do lado dos orientais, se destacaram nas negociações os bispos Paulo de Emesa e Acácio de Bereia (APÊNDICE J). Este último teria sido indicado pelo imperador em virtude da posição de autoridade que desfrutava por ser o bispo decano no Oriente. Conforme carta que Cirilo enviou ao bispo Rábula de Edessa, metrópita oriental da província de Osroena e dissidente pró-ciriliano (APÊNDICE J), Teodósio II agiu com todo peso da sua autoridade

⁵² Nau, p. 106; Driver; Hodgson, p. 117-118.

⁵³ Nau, p. 246-247; Driver; Hodgson, p. 278.

⁵⁴ Nau, p. 251-255; Driver; Hodgson, p. 284-288.

⁵⁵ Nau, p. 249; Driver; Hodgson, p. 281-282.

⁵⁶ Nau, p. 256; Driver; Hodgson, p. 289-290.

nessa questão. Mas, o grau de dificuldades transparece nas interpretações que Cirilo percebe no jogo duplo das intenções do imperador:

O mais pio e amado em Cristo imperador direcionou meu senhor, o mais admirável tribuno e notário Aristolau, um homem cristão que está lutando duramente pela verdadeira fé, para unir as igrejas em paz. O imperador também escreveu claramente que o antioqueno [João de Antioquia] deve primeiro subscrever a condenação de Nestório, anatematizar seus perversos ensinamentos e, assim, buscar comunhão conosco. Meu senhor, o mais religioso e excelente ancião, o bispo Acácio, escreveu-me uma proposição incongruente como se fosse composta pelos bispos do Oriente, ou melhor, falando a verdade, por aqueles que compartilham as opiniões de Nestório. Enquanto era apropriado que eles concordassem com que fosse próprio e anatematizassem a doutrina perversa de Nestório, de acordo com a intenção do mais pio imperador e de todos os ortodoxos. Por outro lado, eles buscam cancelar tudo que foi escrito por mim em panfletos ou em livros. Desse modo, eles dizem, as igrejas estariam em comunhão umas com as outras (ACO, I, 4, p. 140).⁵⁷

A despeito de todas as manobras interpostas por membros de ambas as facções, o acordo foi, finalmente, celebrado após um longo périplo de idas e vindas de Aristolau e Paulo de Emesa à Alexandria e Antioquia. Os termos do acordo ficaram registrados através de carta que Cirilo endereçou a João de Antioquia, em meados de 433, que ficou conhecida como *Fórmula da Reunião*:

Portanto, nós confessamos que nosso senhor Jesus Cristo, o unigênito Filho de Deus, é perfeito Deus e perfeito homem, de alma e corpo racionais, gerado do Pai antes dos tempos de acordo com a sua divindade e que em tempos recentes, para nossa salvação, ele nasceu da Virgem Maria de acordo com a sua humanidade, consubstancial ao próprio Pai de acordo com a divindade, consubstancial a nós de acordo com a humanidade, ***para uma união feita das suas duas naturezas. Consequentemente, nós confessamos um Cristo, um Filho, um Senhor. Com esse entendimento de uma união sem fusão, nós confessamos que a Virgem é Portadora de Deus***, porque

⁵⁷ Piissimo et amatore Christi imperatore dirigente dominum meum mirandissimum tribunum notariumque Aristolaum, Christianum uirum et ualde pro recta fide certatum, ut ad pacem copularet ecclesias, et scribente clare quod Antiochenus deberet prius suscribere quidem Nestorii damnationem, anathematizare uero scelestae eius dogmata et tunc iam communionem nostrum quaerere, scripsit ad me dominus meus religiosissimus et optimus senex episcopus Acacius incongruam quondam propositionem quasi ab Orientis episcopis, magis autem, si oportet dicere ueritatem, ab eis qui ea quae sunt Nestorii, saperent. nam dum eos oporteret sequi quod congruity, et <secundum> intentionem piissimi principis omniumque orthodoxorum anathematizare scelestae Nestorii dogmata, e contrario petunt uacare uniuersa quae a nobis scripta sunt siue in tomis siue in conscriptionibus, et sic, inquirunt, ecclesiae communicabunt ad inuicem.

Deus, a Palavra, foi feito carne e foi feito homem e desde a sua concepção ele uniu para si um templo tomado dela. (*ACO*, I, 1, 4, p. 7-9, destaque nosso).⁵⁸

Esse acordo celebrado entre Cirilo e João de Antioquia, costurado sob a intervenção de Teodósio II, mostrou a fragilidade a que ambos os bispos ficaram submetidos naquelas circunstâncias. A aceitação por parte de João de Antioquia dos doze anátemas que excomungava Nestório foi a contrapartida para que Cirilo redigisse a profissão de fé acima que deu margem para ser interpretada como uma capitulação à dualidade das naturezas em Cristo (conforme destacamos na transcrição):

Mas vocês [Cirilo e João de Antioquia] refletiram entre vocês e se reconciliaram um com o outro sobre o que justamente estavam criticando a fim de justamente confirmar os dois Concílios [de Cirilo e de João de Antioquia] ou por medo, por paciência, por hipocrisia ou por tudo isso ao mesmo tempo. Qual resposta você [Cirilo] dá àqueles que te reprovam por ter feito uma paz dissimulada pela hipocrisia e pela fraude? (exceto) que era ordem do imperador; é o imperador que nos comandou, e que nos levou a isso. Diz-me; por que, então, você me pergunta como aqueles que não admitiam de início minha deposição a admitiram em seguida? Não é o caso de você me interrogar, mas de eu perguntá-lo do por que você aceitou a fé que não aceitava antes. (Nestório, *Liber*, 399).⁵⁹

Cirilo e João ficaram extremamente vulneráveis às críticas recebidas das bases que os apoiavam. Cirilo por ter aceitado uma fórmula que sugeria adesão às teses nestorianas (*ACO*, I, 1, 7, p. 164-165; *ACO*, I, 1, 4, p. 49-61) e João de Antioquia por ter aceitado a confirmação da excomunhão e deposição de Nestório (Cirilo, *Ep.*, 57 e 58)⁶⁰. Várias ações foram interpostas a mando do imperador para que os bispos recalcitrantes de ambos os lados entrassem em comunhão com Cirilo e João (*ACO*, I, 4, p. 206; *ACO*, I, 4, p. 230). Com a morte do substituto de Nestório, Maximiano, em 434, a sucessão episcopal finalmente

⁵⁸ Ὁμολογοῦμεν τοιγαροῦν τὸν κύριον ἡμῶν Ἰησοῦν τὸν Χριστὸν τὸν υἱὸν τοῦ θεοῦ τὸν μονογενῆ, θεὸν τέλειον καὶ ἄνθρωπον τέλειον ἐκ ψυχῆς λογικῆς καὶ σώματος, πρὸ αἰῶνιν μὲν ἐκ τοῦ πατρὸς γεννηθέντα κατὰ τὴν θεότητα, ἐπ' ἐσχάτου δὲ τῶν ἡμερῶν τὸν αὐτὸν δι' ἡμᾶς καὶ διὰ τὴν ἡμετέραν σωτηρίαν ἐκ Μαρίας τῆς παρθένου κατὰ τὴν ἀνθρωπότητα, ὁμοούσιον τῷ πατρὶ τὸν αὐτὸν κατὰ τὴν θεότητα καὶ ὁμοούσιον ἡμῖν κατὰ τὴν ἀνθρωπότητα. δύο γὰρ φύσεων ἔνωσις γέγονεν δι' ὃ ἓνα Χριστόν, ἓνα κύριον ὁμολογοῦμεν. κατὰ ταύτην τὴν τῆς ἀσυγχύτου ἐνώσεως ἐννοίαν ὁμολογοῦμεν τὴν ἁγίαν παρθένον θεοτόκον διὰ τὸ τὸν θεὸν λόγον σαρκωθῆναι καὶ ἐνανθρωπήσαι καὶ ἐξ αὐτῆς τῆς συλλήψεως ἐνώσει αὐτῷ τὸν ἐξ αὐτῆς ληφθέντα ναόν.

⁵⁹ Nau, p. 256; Driver; Hodgson, p. 289-290.

⁶⁰ Essas duas cartas escritas por Cirilo ao diácono Máximo de Antioquia não se encontram inclusas nos *ACO*. McEnerney (1987b, p. 39-42) as numera como 57 e 58 e Geerard (1979, p. 45) as numera como 5357 e 5358. A referência do manuscrito de onde foram extraídas é o *Codex Vaticanus gr. 1431*.

contempla Proclo, que, por sua vez, se incumbiu de alimentar o conflito ao propor a Teodósio II a condenação dos ensinamentos dos bispos orientais Teodoro de Mopsuéstia e Diodoro de Tarso, já falecidos (ACO, I, 4, p. 231-232). Esses dois bispos tinham suas memórias reverenciadas no Oriente em virtude da boa reputação que angariaram no combate ao arianismo. Essa proposição (*Tomo aos armênios*) foi levantada por Proclo a pedido do clero armênio que via nos ensinamentos daqueles bispos o cerne da doutrina de Nestório (ACO, I, 5, p. 310-315). Cirilo tentou intermediar a questão escrevendo a Teodósio II e relatando o problema (ACO, I, 4, p. 210-211) e se mostrava bastante preocupado, pois se tal condenação ocorresse os bispos orientais ameaçavam que “essa mancha seria lançada para todos os lugares, mesmo para os nossos santos padres, eu quero dizer, na verdade, Atanásio, Basílio, Gregório, Teófilo e o resto” (ACO, I, 4, p. 231-232)⁶¹.

A *Controvérsia Nestoriana* se caracterizou pela sua persistência, pois alguns atores se renovavam, mas o cenário se mantinha. Saíram de cena João de Antioquia, em 441, Cirilo de Alexandria, em 444, e Proclo de Constantinopla, em 447. A morte de Cirilo foi um grande desfalque para os apoiadores da sua doutrina. Um movimento político de Teodósio II parece, à princípio, que corrobora a percepção desse enfraquecimento da corrente ciriliana ao nomear, após a morte de Proclo, o bispo Flaviano (APÊNDICE J), que se mostrou, juntamente com o bispo Leão de Roma, um intransigente defensor da *Fórmula da Reunião*, cujos postulados da doutrina de Nestório estavam inseridos (Nestório, *Liber*, 495)⁶². É perceptível, ainda, nesse momento, a contraofensiva dos bispos orientais, sobretudo através do bispo Teodoreto de Ciro (APÊNDICE J), que, no mesmo ano da posse de Flaviano, escreveu o tratado *Eranistes*, uma dura crítica à doutrina ciriliana, e o retorno do *comes* Irineu, o antigo aliado que havia sido banido juntamente com Nestório, mas que foi reabilitado e consagrado bispo de Tiro, na província da Fenícia I, pelo sucessor de João de Antioquia, o bispo Domo.

A reação a esse avanço foi prontamente respondida pela facção monástica de Constantinopla, que desde o início do conflito havia interposto cerrada resistência a Nestório e seus apoiadores. Somou-se a isso, um Édito imperial que proscovia todos os trabalhos de Nestório e dava ordens para a deposição de Irineu (ACO, I, 4, p. 204). Nesse momento, o arquiandrita Eutiques, superior dos mosteiros de Constantinopla, veio a assumir o protagonismo político-religioso nessa fase do conflito:

⁶¹ omnino percurrit haec macula et ad sanctos patres nostros, Athanasium dico et Basilium et Gregorium et Theophilum et ceteros.

⁶² Nau, p. 316; Driver; Hodgson, p. 361-362.

Depois de Proclo, Flaviano foi bispo de Constantinopla, homem que se conduzia na retidão e na modéstia. Ele não tinha grande capacidade para falar em público e publicar seus discursos. Assim, aquele que acusava todos os bispos tinha a audácia, aquele que ficou sozinho de todos os outros que haviam morrido, quero dizer Eutiques. Como ele não era bispo, ele se deu um outro papel, graças ao poder imperial: aquele de bispo dos bispos. Ele dirigia os negócios da Igreja, ele se servia de Flaviano como um servidor para todas as ordens que eram dadas à Constantinopla, e este, por causa da sua grande humildade, não sabia o que se tramava. Eutiques expulsou da Igreja, como heréticos, todos aqueles que não partilhavam suas opiniões; quanto àqueles que o ajudava, ele os elevava e lhes prestava socorro; afora isso, ele usava do poder imperial, poder sólido, e ele não queria que dissessem, nem mesmo em palavra, duas naturezas em Cristo. (Nestório, *Liber*, 460-461).⁶³

Juntamente com o bispo Dióscoro de Alexandria, sucessor de Cirilo, Eutiques aprofundou a doutrina da união das naturezas e veio a ser acusado pelo bispo Eusébio de Dorileia (APÊNDICE J) de não professar a fé dos ortodoxos, pois, segundo Nestório, Eutiques havia dito que:

Convém desenraizar todas as hipocrisias; para mim, após a união, eu não reconheço essência estrangeira em Nosso Senhor, eu não considero nem mesmo que Nosso Senhor seja consubstancial conosco, ele que é Nosso Senhor e nosso Deus, pois ele é consubstancial ao Pai na divindade. (Nestório, *Liber*, 465).⁶⁴

A desenvoltura com que Eutiques conduziu a suas ações foi registrada por Nestório, que reproduziu as próprias palavras que o monge teria dito para convencer o bispo Eusébio de Dorileia, que o acusava: “Seria bom para a tua liberdade desenraizar-se daqueles que se apoiam na heresia de Nestório. Deus te enviou para isso, não que você falha em alguma coisa, pois o imperador a tudo previu e preparou” (Nestório, *Liber*, 462)⁶⁵. Contudo, a partir da denúncia de Eusébio, Flaviano convocou um Sínodo em Constantinopla, para se realizar em novembro 448, com a finalidade de deliberar sobre a doutrina do arquiandrita. Mas, a despeito daquela advertência de Eutiques a Eusébio, que poderia sugerir um apoio do imperador a ele, contraditoriamente Teodósio II designou o Patrício Flávio Florêncio (*PLRE* 2, p. 478-480), antigo funcionário imperial originário da Síria e que já ocupara diversos postos na administração e, acima de tudo, um defensor das duas naturezas, para representá-lo no

⁶³ Nau, p. 294-295; Driver; Hodgson, p. 336-337.

⁶⁴ Nau, p. 297; Driver; Hodgson, p. 338-339.

⁶⁵ Nau, p. 295-296; Driver; Hodgson, p. 337-338.

Sínodo. Flaviano sentindo-se amparado pelo representante imperial, presidiu a reunião que deliberou pela condenação do monge. Concomitantemente, Flaviano escreveu para o bispo de Roma, Leão, para que reconhecesse a pena aplicada (Nestório, *Liber*, 465-466)⁶⁶.

Apesar dessa condenação, Dióscoro de Alexandria aliou-se a Eutiques em comunhão e pediu a Teodósio II que convocasse um Concílio geral. O imperador respondeu a Dióscoro, em 30 de março de 449, informando que o Concílio deveria se reunir, no mês de agosto do mesmo ano, novamente na cidade de Éfeso (*ACO*, II, 1, p. 68-69). Informou, ainda, que havia proibido o bispo Teodoreto de Ciro, antigo aliado de Nestório, de participar do Concílio. Dois meses depois, Teodósio II enviou outra carta a Dióscoro informando que havia designado o arquiandrita Barsuma (APÊNDICE J), reconhecido inimigo de Teodoreto, para que tomasse assento no Concílio e atuasse como representante de todos os arquiandritas do Oriente e com direito a voto. A justificativa era a de que o monge assessorasse Dióscoro no combate à heresia de Nestório (*ACO*, II, 1, p. 71). Teodósio II ainda nomeou Dióscoro como presidente do Concílio (*ACO*, II, 1, p. 74). Para representá-lo no Concílio, o imperador designou dois funcionários, que deveriam evitar tumultos e cuidar para que os aliados do bispo Flaviano não participassem das deliberações sobre a doutrina (*ACO*, II, 1, p. 72-73).

Em vista das ordens expressas do imperador a Dióscoro e aos funcionários Elpídio e Eulógio, que controlavam, inclusive, quais os bispos aptos a deliberar sobre o dogma a ser instituído, o Concílio condenou e depôs Flaviano (APÊNDICE N – Mapa 3) e estabeleceu como ortodoxa a doutrina de Eutiques. Até mesmo a carta que foi enviada pelo bispo Leão de Roma (*Tomo a Flaviano*), em apoio ao bispo de Constantinopla, foi interceptada por Dióscoro de Alexandria para que não fosse lida no Concílio em favor de Flaviano (Nestório, *Liber*, 475)⁶⁷. A agressividade com que as determinações imperiais foram cumpridas nos indica a disposição com que Teodósio II se empenhou para favorecer a doutrina que era do seu interesse:

Imediatamente, desde que soubemos que ele [Flaviano] foi deposto, ele foi retirado como que por lobos e leões, pelos condes ante os quais havia acontecido aquela deposição; ele foi atirado e empurrado; todos diziam e faziam coisas diferentes; ele foi abandonado e oprimido por todos e seu espírito foi preenchido de amargura. Eles o entregaram aos soldados e pediram para tirá-lo dos lugares santos; eles o levaram e colocaram na prisão; ele não podia respirar. [...] Parecia que o imperador não se preocupava com sua vida, mas buscava unicamente puni-lo e não mantê-lo vivo. Eles o fizeram descer pela força e o entregaram a um homem

⁶⁶ Nau, p. 297-298; Driver; Hodgson, p. 340.

⁶⁷ Nau, p. 303-304; Driver; Hodgson, p. 346-347.

assassino, como para destruí-lo. Eles o enviaram, em palavras, sem misericórdia, ao seu país, mas, na realidade, à perdição. Assim, arrastado e conduzido, ele não pode resistir mais do que quatro dias, pois a cada dia sua alma se destacava do seu corpo e eles consideraram sua morte como uma festa. (Nestório, *Liber*, 494-495).⁶⁸

Esse relato que as fontes nos passam é amplamente entendido por grande parte da historiografia como sendo a realidade da *Controvérsia Nestóriana*, que a tem explorado, sobretudo como um conflito inerente à hierarquia eclesiástica e à definição dos dogmas da Igreja. A imagem construída de Teodósio II como um imperador de pouca habilidade política decorre da sua alternância no apoio às facções, sobretudo a partir do início do conflito até o advento da *Fórmula da Reunião*, em 433. Essa ortodoxia imposta por ele à mão de ferro, seria revista um ano após a sua morte, ocorrida em 450, no Concílio de Calcedônia, convocado pelo imperador Marciano, um ex-funcionário imperial. Além disso, bispos condenados em Éfeso II como Teodoreto de Ciro, Ibas de Edessa, Eusébio de Dorileia e, postumamente, Flaviano foram reabilitados em comunhão (GADDIS, 2009, p. 516).

Em resumo, identificamos as seguintes circunstâncias em que Teodósio II aparenta fazer um jogo político duplo ao intervir no conflito entre as duas facções:

- 1) Convidar o monge Dalmácio (aliado de Cirilo) para substituir o bispo Sisínio, mas nomear Nestório;⁶⁹
- 2) Concordar com o desejo de Nestório sobre a convocação do Concílio, em 431, mas determinar que fosse instalando em Éfeso, terreno hostil a Nestório;
- 3) Determinar a prisão de Cirilo, Menão e Nestório, mas, em seguida, liberar os dois primeiros, restituindo seus cargos, e manter Nestório deposto;
- 4) Concordar com as queixas dos bispos orientais, na reunião em Calcedônia, prometendo providências contra quem defendia um deus passível, mas permitir que aliados de Cirilo consagrassem o substituto de Nestório;
- 5) Forçar a celebração de um compromisso de fé ambíguo (*Fórmula da Reunião*) que enfraquecia tanto Cirilo quanto João de Antioquia;
- 6) Substituir o bispo Proclo (partidário de Cirilo), em Constantinopla, pelo bispo Flaviano (partidário das duas naturezas);

⁶⁸ Nau, p. 316; Driver; Hodgson, p. 361-362.

⁶⁹ A alegação de Dalmácio para não aceitar a indicação era a de que ele nunca havia deixado o seu monastério, portanto, entendemos que o imperador fez o convite para alguém que ele sabia previamente que não deveria aceitá-lo.

7) Indicar Flávio Florêncio, defensor da *Fórmula da Reunião*, para investigar Eutiques, em 448, mas, depois, em 449, forçar a condenação de Flaviano, que também defendia as duas naturezas.

Nos próximos dois capítulos, buscaremos ampliar o significado do conflito, incorporando novos atores, sobretudo os funcionários imperiais, para entender os problemas político-administrativos subjacentes, no que se refere ao peso que as formulações doutrinárias representavam para a manutenção da unidade do poder imperial. Longe de se referendar as percepções que construíram uma imagem negativa da sua atuação, sobretudo pela corrente calcedoniana que reverteu as decisões de Éfeso II, necessitamos ampliar e entender o contexto de atuação do imperador para muito além de uma questão eminentemente religiosa.

1.7. A inserção da *Controvérsia Nestoriana* no histórico de conflitos nas comunidades cristãs dos séculos I ao V d.C.

A definição de uma verdade sobre a divindade de Jesus esteve no centro das discussões desde bem cedo no seio das embrionárias comunidades cristãs da Antiguidade. Conforme nos indica Bart D. Ehrman (2014, p. 308-334), nos primeiros textos literários cristãos, como as epístolas de Paulo, e também naqueles que hoje são reconhecidos como relatos históricos da vida de Jesus, como os Atos dos Apóstolos, observa-se a existência de duas visões distintas acerca da sua natureza divina. Uma se tratava da cristologia adocionista, cuja lógica implicava que, ao ser adotado por Deus, Jesus teria sido exaltado ao status divino, sem, contudo, ser divino por natureza ou da mesma essência desse ser. Os adeptos dessa corrente acreditavam que Jesus, por ser mais justo que os demais seres humanos, tenha recebido um favor especial de Deus, apesar de ter iniciado sua vida na terra como um ser humano como os outros.

Essa forma de exaltação da figura de Jesus era vista de maneira distinta nas diversas comunidades cristãs iniciais. Em consequência, essa diversidade veio a gerar, mais tarde, dificuldades que pareciam incontornáveis para a racionalização e sistematização de uma visão ortodoxa, que redundasse na apropriação dos bens religiosos de salvação por determinado grupo (WEBER, 2006, p. 207). Dentre as diversas concepções, Jesus poderia ter sido exaltado

ao status divino no nascimento (Evangelhos de Lucas e Mateus)⁷⁰, no batismo (Evangelho de Marcos)⁷¹ ou na ressurreição (Atos dos Apóstolos)⁷², passando, a partir de então, a ser reconhecido como o Messias ou Cristo (FUNARI; CHEVITARESE, 2012, p. 14).

Essas doutrinas não estavam descoladas do imaginário coletivo da época, pois na composição de certa narrativa de como uma realidade chegou a existir, a construção do mito traz no seu bojo as perturbações políticas e sociais de determinada realidade (GIRARDET, 1987, p. 9-13). Independentemente da crença sobre o momento que tenha ocorrido essa exaltação, isso guardava estreitas conexões de como era entendido o sistema de adoção de filhos na sociedade romana. Um imperador romano no período do Principado, por exemplo, era filho de deus porque fora adotado pelo imperador precedente, que havia sido divinizado ao morrer. A dinastia julioclaudiana, por exemplo, iniciada com o imperador Augusto, “passava adiante sua divindade e o ofício do sumo sacerdote, incluindo o título de *pontifex maximus*, supremo condutor da ponte entre o céu e a terra” (CROSSAN; REED, 2007, p. 145). Não se atribuía, desse modo, ao indivíduo adotado, um status inferior ao filho natural. Por essa analogia, Jesus teria herdado tudo o que era de Deus e passou a ser reverenciado como divino, o Cristo salvador da humanidade.

A outra visão foi aquela que ficou conhecida como encarnacionista. Essa perspectiva postulava que Jesus já era filho de Deus mesmo antes do nascimento, como se pode verificar através das Epístolas de Paulo e do Evangelho de João⁷³, ou seja, era o Messias desde sempre. Aloys Grillmeier (1975, p. 26-28) destaca que, em relação a todas as outras, a cristologia joanina adquiriu dinamismo ao postular que Cristo, a Palavra de Deus, já existia antes do mundo. A partir do Evangelho de João, o Filho ou o *Logos* passou a ser entendido como a palavra falada em contraste ao *Logos* como razão, um conceito oriundo da filosofia grega. O pensamento que inspirou esse tipo de cristologia também não era estranho às tradições greco-romanas. Deuses poderiam vir a terra e conviver com humanos e influir em suas vidas, bem como certos indivíduos dotados de características especiais poderiam ser elevados à categoria de homens divinos, como podemos encontrar o exemplo do sábio Apolônio, cuja biografia “Vida de Apolônio de Tiana”, escrita pelo sofista Filóstrato, dotava esse personagem com

⁷⁰ “O Espírito Santo virá sobre ti [Maria] e o poder do Altíssimo vai te cobrir com a sua sombra; por isso o Santo que nascer será chamado Filho de Deus”. (Lucas, 1:35).

⁷¹ “E, logo ao subir da água, ele viu os céus se rasgando e o Espírito, como uma pomba, descer até ele, e uma voz veio dos céus: ‘Tu és o meu Filho amado, em ti me comprazo’”. (Marcos, 1:10-11).

⁷² “O Deus de nossos pais ressuscitou Jesus [...] o exaltou com a sua direita, fazendo-o chefe e Salvador.” (Atos, 5:30-31).

⁷³ “E o verbo se fez carne, e habitou entre nós” (João, 1: 14); “O primeiro homem era da terra, e era feito de pó [Adão]; o segundo homem é do céu [Cristo]” (1 Coríntios, 15:47).

qualidades especiais, inserindo na sua personalidade elementos da realeza sagrada como forma de legitimar o governo do imperador Septímio Severo (193-211) (SILVA, S. C. 2014, p. 137-138).

No que pese a variedade de interpretações sobre a divindade de Jesus, as ideias do intelectual convertido ao Cristianismo Justino Mártir, na primeira metade do século II d.C., orientaria os contornos daquilo que se pretendia vir a ser considerado ortodoxo posteriormente. O ponto de partida do apologista Justino foi reafirmar Cristo como um ser divino preexistente, o primeiro gerado por Deus, ou seja, antes da criação do mundo e que, em determinado momento tornou-se humano. Na opinião de Justino, os filósofos gregos possuíram apenas frações do *Logos*, que era caracterizado, na filosofia helênica, como o Discurso verdadeiro e a Razão Perfeita. Com a encarnação desse *Logos* em Jesus Cristo, os cristãos passaram a ter a posse da verdadeira filosofia e a viverem conforme o *Logos* divino (HADOT, 2004, p. 336).

Nos séculos II e III d.C., diferentes vertentes floresceram na tentativa de explicar esse relacionamento entre Deus e Jesus. Algumas correntes, como os ebionitas, negavam a divindade de Cristo, considerando-o o mais justo dos homens, porém não diferente deles por natureza. Para essa corrente de inspiração adocionista, Jesus era o messias enviado pelo deus israelita para o cumprimento da lei. Essa vertente de pensamento seria retomada no século IV d.C. pelos defensores da doutrina ariana.

Havia, ainda, aquelas correntes que negavam a humanidade de Jesus, pois ao interpretarem os textos antigos entendiam que ela era homem apenas na aparência. Os seguidores dessa crença eram conhecidos como docetistas ou marcionitas (DROBNER, 2008, p. 119-120). Também no século IV d.C. os defensores do apolinarismo foram acusados de negar a humanidade de Cristo. Retomando e atualizando essas doutrinas no século V d.C., Nestório acusava Cirilo de apolinarista, pois, ao entender que o bispo alexandrino promovia uma união entre o divino e humano no Cristo, tornava-o um deus passível. Por outro lado, Cirilo acusava Nestório de ariano, pois ao separar as naturezas, fazia crer a existência de uma quarta pessoa na trindade, com subordinação entre elas.

Essas duas correntes opostas, ebionitas e docetistas, seriam, mais tarde, duramente atacadas pelos chamados modalistas, que pregavam que Jesus era verdadeiramente divino e humano ao mesmo tempo. Para os modalistas, Deus existia em diferentes “modos”, como Pai, Filho e Espírito Santo, sem distinção entre os três (EHRMAN, 2014, p. 388-410). Na passagem dos séculos II para o III d.C., essa concepção modalista foi desenvolvida por teólogos como Tertuliano de Cartago (160-220) e Hipólito de Roma (170-236), que

introduziram a ideia de “economia” divina. Essa concepção buscava uma forma de organizar os relacionamentos entre o Pai, o Filho e o Espírito Santo em uma tríade de seres distintos, porém unificados nos propósitos. Para Tertuliano, a economia divina distribuía a unidade em uma Trindade que colocava as três pessoas em uma ordem de mesma condição (Pai/Filho/Espírito Santo). Contudo, essa condição não implicava que essas pessoas estivessem no mesmo grau, o que acarretava em uma relação de subordinação entre elas (GRILLMEIER, 1975, p. 118-131).

Outra corrente a propor sua visão para explicar a relação entre Deus e Jesus ficou conhecida como gnosticismo. Seus adeptos, conhecidos como gnósticos, acreditavam que a salvação não vinha da fé na morte e na ressurreição de Cristo, mas através do conhecimento que se obtém por meio da revelação aos iniciados (LIÉBAERT, 2000, p. 59). Eles pregavam uma cristologia separacionista em que Jesus era um ser humano comum que fora temporariamente habitado por um ser divino. Entendiam a ressurreição de Cristo na forma simbólica, ou seja, a ressurreição do espírito e não da carne. (PAGELS, 2006, p. xvii-xxiii e 10). Essa corrente filosófico-religiosa híbrida originada na síntese de elementos orientais, gregos, judaicos e nas concepções cristãs nos parece que representou perigo para afirmação da hierarquia eclesiástica, uma vez que a autoridade na organização eclesiástica cristã se baseava na sucessão apostólica daqueles que haviam presenciado essa ressurreição. Foram duramente atacados por críticos, sobretudo, Irineu de Lion (130-202) e Clemente de Alexandria (150-217).

No século III, Orígenes de Alexandria (182-254) também concebeu a sua proposição para entender como o Cristo poderia ser humano e divino ao mesmo tempo, em uma só pessoa e não em duas. Esse teólogo atualizou a cristologia em que Jesus seria a sabedoria de Deus, que sempre existiu com ele. Jesus era a Palavra que comunicava ao mundo a sabedoria divina. Para explicar a encarnação, Orígenes afirmava a crença na pré-existência da alma para todos os indivíduos. Mas uma dessas almas, dentro de uma miríade de tantas outras, nunca se afastou de Deus. Pela contemplação, essa entidade teria assumido as características da Palavra, que mais tarde se tornaria humana na figura de Jesus Cristo (EHRMAN, 2015, p. 420-425). A concepção de divindade de Orígenes dialogava e se contrapunha à visão politeísta defendida pelo filósofo Celso, para quem os deuses governavam o mundo sob um deus supremo, da mesma forma que os sátrapas governavam o Império Persa sob o comando do rei dos reis (MOMIGLIANO, 1986, p. 289).

Através das cartas de Cirilo de Alexandria, podemos perceber que Orígenes era muito popular na comunidade monástica do Egito e, também fora dela, durante a *Controvérsia*

Nestoriana. Para refutar Nestório, Cirilo atacou duramente essas ideias de Orígenes sobre a pré-existência da alma pela noção dualista que subjazia a elas:

Se Orígenes é um professor da Igreja, então os arianos, eunomianos e pagãos exultam. [...] Ele não pensa como um cristão, mas divaga no acaso porque seguiu o absurdo dos pagãos. O começo do seu erro aconteceu disso. Ele diz que nossas almas existiam antes dos nossos corpos, e da santidade foram trazidas para o mau desejo e se rebelaram contra Deus. Por causa dessa culpa, ele as condenou a encarnação e elas estão na carne como prisão. (Carta 81, de Cirilo para os monges da Cítia).⁷⁴

As mesclas culturais operadas por pensadores cristãos como Justino, Tertuliano e Orígenes, dando novos sentidos à tradição helênica, sejam por convicções ou interesses próprios, também despertariam outros tantos conflitos na busca por definir a correta relação entre as “pessoas” divinas. O reflexo disso na *Controvérsia Nestoriana* é marcante e pode ser verificado pela introdução de uma imensidade de outros termos técnicos que, além da noção já apropriada do *Logos*, foram subtraídos da filosofia helênica e apresentados de forma confusa para que se pudesse explicar a natureza do corpo do Cristo encarnado. Cirilo e Nestório, de forma propositada ou não, tiveram dificuldades em entrar em acordo sobre o significado de uma pletera de termos chaves para o entendimento de suas doutrinas tais como: *ousia*, *hipostasis*, *prosopon* e *phisis* (ACO, I, 1, 1, p. 23-32, 33-42; Cirilo, *Adv. Nest.*, II, 46; Nestório, *Liber*, 34-37⁷⁵).

O significado desses conflitos entre as diferentes comunidades cristãs transcendia as dificuldades teológicas que pareciam incontornáveis. Quando emergiam, pareciam mais complexos por envolver questões políticas, administrativas, econômicas e também identitárias. No Império Romano, a religião desempenhava um importante papel na definição da identidade, na forma como os indivíduos se percebiam e como gostariam que fossem reconhecidos. Se de um lado esses conflitos delimitavam fronteiras identitárias, por outro lado os líderes dessas diferentes correntes de pensamentos religiosos buscavam expandir as suas áreas de influência tanto nas suas comunidades como para além delas. Ao se engajarem em uma luta sobre a definição da verdade divina, também miravam os significantes ativos

⁷⁴ Essa carta foi traduzida por McEnerney (1987b, p. 105-107) a partir do manuscrito inserido nos Acta, Tomo III, referente aos Concílios realizados em Constantinopla e Jerusalém, em 536, contra os monofisistas e origenistas.

⁷⁵ Nau, p. 5-46; Driver; Hodgson, p. 7-48.

políticos e econômicos que uma autoridade em matéria religiosa poderia conferir naquele contexto (GALVÃO-SOBRINHO, 2013, p. 153-155).

Portanto, a formação e a contestação de uma identidade religiosa estão, fundamentalmente, durante esses conflitos, relacionadas ao poder ou, mais especificamente, conforme Richard Miles (1999b, p. 5), ao poder de representar. No contexto do Principado, o nível de fidelidade dos adeptos dessas diversas doutrinas cristãs os impedia de participar da religião pública romana. A quebra desses laços, em consequência disso, gerou conflitos com o poder imperial, por ameaçar romper os liames entre as identidades religiosa e cívica, que caracterizava a religião normativa romana (RIVES, 2000, p. 273). Embora pareçam superestimadas nas fontes de autores cristãos, perseguições ocorreram por parte do poder imperial, no sentido de coibir uma possível perda identitária e as consequências que poderiam advir para a organização social. Embora as perseguições não tenham ocorrido de forma homogênea em todo o Império Romano (BASLEZ, 2008), o escritor cristão Lactâncio (240-320), na passagem do III para o IV séculos, nos dá o seu testemunho de como a dissidência religiosa poderia ser tratada pelo Estado romano:

Enquanto ainda estava escuro, o Prefeito veio à igreja com líderes militares e tribunos. Ele forçou as portas e buscou pela imagem de Deus. Eles encontraram as Escrituras e as queimaram; tudo foi espoliado; as cenas eram de pilhagem, pânico e confusão [...]. Então a guarda pretoriana veio em formação, empunhando machados e outras ferramentas de ferro e, em poucas horas, levaram o sublime edifício ao chão (Lactâncio, *De Mortibus Persecutorum*, 12, 2-5).

As diferentes vertentes de Cristianismos que vicejaram na Antiguidade Tardia se apropriaram de elementos de outras culturas para a construção dos seus dogmas. Portanto, a interdependência cultural resultou na grande diversidade daquilo que veio a ser chamado de Cristianismo. Os convertidos de outras crenças à fé em Jesus Cristo seja ele Deus, homem ou ambas as coisas, não anularam o seu imaginário com o ato de conversão. Isso pode explicar a inatingível meta de se alcançar uma uniformidade doutrinária, como era desejo daqueles que perseguiram a criação de uma Igreja universal. Isso pode nos indicar a dificuldade que Teodósio II teria, mais tarde, de alcançar a unidade na Igreja caso esse fosse o desejo que atribuíam a ele.

A partir dessas proposições, outras perspectivas foram contempladas no transcorrer do século III d. C., como aquela do teólogo Sabélio (?-215), que propunha a existência de um só Deus, mas em três “modos” de existência diferentes. Essa visão modalista de Sabélio seria

firmemente combatidas por Dionísio de Roma (?-268) e Dionísio de Alexandria (?-265) que afirmavam a necessidade de haver uma individualidade não subordinada entre três “pessoas” divinas e não “modos” em um só ser (ALTANER; STUIBER, 1988, p. 177 e 216). Todas essas questões são exaustivamente abordadas pelos teólogos e historiadores da Patrística na atualidade. Torna-se interessante tratar delas aqui porque os ecos desses embates estiveram presentes na chamada *Controvérsia Ariana*, que eclodiu no Egito no início do século IV d.C., durante o governo do imperador Constantino (306-337). Os desdobramentos desse conflito nos ajudarão a entender as questões político-religiosas enfrentadas por Teodósio II na *Controvérsia Nestoriana*.

No que se refere às questões teológicas, a *Controvérsia Ariana* emergiu a partir dos ensinamentos de Ário, um sacerdote de Alexandria, no início do século IV d.C. Suas proposições enfatizavam uma incompatibilidade entre Deus Pai, único inconcebido e sem princípio, e uma subordinação da Palavra ou *Logos* a ele. Na crença de Ário, a trindade era composta de três entidades de naturezas distintas. Ordenadas hierarquicamente, ou seja, apresentavam uma relação apenas de harmonia e subordinação entre elas. Seu propósito parece que esteve em salvaguardar na Trindade a originalidade e os privilégios do Deus Pai (MARROU, 1985, p. 36-40).

Poucos documentos sobreviveram de autoria do próprio Ário e de seus seguidores, pois aqueles escritores considerados heréticos tinham as suas obras destruídas como forma de conter seus ensinamentos, assim como os de Nestório também viriam a ser (ACO, I, 3, p. 180-181). Pelo menos parece razoável indicar, a partir dos relatos acusatórios às suas doutrinas, que a cristologia de Ário assumia que o *Logos* e a carne estavam diretamente conectados no Cristo, sem a necessidade de uma alma humana. Essa negação não se tratava de uma questão secundária naquele momento, pois afetava a percepção da natureza redentora dos atos de Cristo. Ou seja, a salvação dos homens dependia dessa relação entre a divindade e a humanidade. (GRILLMEIER, 1975, p. 238-239).

Essas questões foram debatidas em uma reunião convocada pelo imperador Constantino, na cidade de Niceia, em 325. Na confissão de fé emitida pelo Concílio, a noção subordinacionista de Ário foi rejeitada e, em seguida, ele foi condenado. A nova fórmula de fé declarava que o Filho era da mesma substância que o pai, ou seja, consubstancial a ele (*homoousios*), gerado pelo Pai e completamente idêntico à sua natureza. O imperador Constantino acolheu as deliberações do Concílio, sem, contudo, conseguir a unidade que parecia ser desejada. Várias outras correntes doutrinárias prosperaram no Império a partir de uma radicalização ou abrandamento das proposições de Ário.

Conciliar a crença na trindade divina com a fé monoteísta em um Deus único foi o grande desafio que permeou os conflitos na hierarquia eclesiástica em construção no transcorrer do século IV d.C. Isso demandou um refinamento nas proposições anteriores sobre a natureza da divindade, na mesma medida em que os conflitos se tornavam mais violentos. Galvão-Sobrinho (2013, p. 1-9) percebe que o padrão de violência verificado, até então desconhecido nos conflitos que emergiram até o século III d.C., combinado com o envolvimento expressivo de diferentes camadas sociais por todo o Oriente, fizeram da *Controvérsia Ariana* um paradigma para se entender a afirmação das lideranças eclesiásticas na sociedade romana. Essa mudança no padrão de comportamento dos líderes da Igreja visava, portanto, alimentar a disputa como questão fundamental para o relacionamento entre autoridade e ortodoxia, teologia e poder. Ou seja, essas disputas também estiveram relacionadas à emergência do bispo cristão como um ator revestido de autoridade e poder na sociedade romana tardia.

A disputa ariana teve o seu impacto aumentado a partir da intervenção do imperador Constantino através da criminalização da dissidência doutrinal que se seguiu à proclamação da ortodoxia nicena (325), tornando as posições teológicas mais politicamente carregadas. Uma vez que o Concílio de Niceia falhou em produzir um consenso teológico, a disputa reacendeu logo após o Concílio e os desentendimentos teológicos se perpetuaram (GALVÃO-SOBRINHO, 2013, p. 78-97). As atitudes do poder imperial em relação às facções arianas e nicenas em confronto eram flutuantes, ora exilando, ora suspendendo o exílio dos seus principais líderes (FLOWER, 2013, p. 14; RUBENSTEIN, 2001, p. 112).

Após a morte de Constantino, em 337, seus três filhos, já proclamados Césares antes da sua morte, Constâncio II, Constante e Constantino II são elevados à condição de Augustos e passam a dividir a administração do Império⁷⁶. Em 340, Constantino II foi morto em uma tentativa de confronto com Constante. A partir desse episódio, os dois irmãos restantes dividiram as regiões antes administradas por Constantino II, de modo que coube a Constâncio II a administração do Oriente e a Constante a administração do Ocidente (SILVA, G. V., 2003, p. 52-53). Esse período foi marcado por um ciclo de tentativas de usurpações do poder imperial e pelos desdobramentos dos conflitos teológicos originados com a *Controvérsia*

⁷⁶ Também haviam sido proclamados Césares, antes da morte do imperador Constantino, seu filho Crispo e seu sobrinho Dalmácio, por parte do seu meio-irmão Flávio Dalmácio. Crispo morreu assassinado em 326 e Dalmácio morreu no que ficou conhecido como “Massacre de Constantinopla”, em 2 de agosto de 337, juntamente com outros parentes próximos de Constantino. Em 9 de setembro de 337, o Senado proclama como Augustos os filhos de Constantino: Constantino II, Constâncio II e Constante (SILVA, G. V., 2003, p. 45-47).

Ariana. A partir de então, o imperador Constante, no Ocidente, favorecia as decisões tomadas no Concílio de Niceia enquanto o imperador Constâncio II, no Oriente, se inclinou a apoiar uma vertente específica do arianismo. Essa orientação político-religiosa distinta dos dois irmãos demonstra o quanto essas noções religiosas acerca da natureza da divindade estavam entrelaçadas à questão da política imperial e o que ela representava no equilíbrio de poder.

O arianismo, nesse período, se dividiu em outras tendências que apresentavam uma gradação no relacionamento entre as pessoas divinas. Os anomeus, mais radicais, propunham um Filho totalmente diferente do Pai, os homoiusianos sustentavam que o Filho era semelhante ao Pai quanto à substância (*homoiousios*), enquanto os homoianos ou homeus afirmavam que o Filho era semelhante ao Pai, mas não quanto à substância (*homoios*) e sim gerado pela vontade do Pai (MARROU, 1985, p. 44-55; CHADWICK, 1993, p. 136-145). Em 350, o imperador Constâncio II emergiu como governante único do Império, após a morte de Constante, em decorrência de uma tentativa de usurpação. Constâncio II favoreceu a facção dos homoianos durante o seu governo. Esse período é marcado por frequentes enfrentamentos entre os líderes das diferentes facções de arianos e nicenos pelo domínio de suas comunidades. Mesmo não amparados pela proteção imperial muitos bispos interpuseram resistência às tentativas de hegemonia da facção homoiana através da produção de pesadas inventivas contra o imperador (FLOWER, 2013, p. 6). Para se ter a dimensão da diversidade de crenças que se enfrentaram no espaço social romano nesse período, sete credos diferentes foram proclamados, entre os anos de 341 e 351, nos Concílios patrocinados pelo poder imperial (MAGALHÃES, 2012, p. 96-97).

Relatos de violência física e banimento contra bispos da oposição são abundantes nos documentos do período. Um ingrediente a mais foi adicionado a esse ambiente conflituoso com a ascensão do imperador Juliano (361-363), após a morte do seu primo, Constâncio II. Adepto do neoplatonismo, Juliano instituiu o favorecimento das correntes religiosas neoplatônicas em consonância com a sua teologia política. Esse imperador incrementou a construção e reparação dos templos não-cristãos, insistiu na importância da filantropia como forma de revitalizar a religião neoplatônica e colocou objeções ao ensino da retórica helênica pelos professores cristãos, num momento em que o discurso cristão se sofisticava rumo a uma maior difusão das suas ideias (CARVALHO; FIGUEIREDO, 2013, p. 218). Em seu tratado *Contra os galileus*, Juliano desferiu ataques contundentes ao que considera contraditório na mescla que os cristãos faziam entre as Escrituras hebraicas e a noção de *Logos* nas definições da divindade cristã:

Mas vocês são tão desventurados [cristãos] que nem mesmo permanecem fiéis aos ensinamentos que foram transmitidos a vocês pelos apóstolos. E aqueles também têm sido alterados, de modo a serem piores e mais ímpios, por aqueles que vieram depois. Mas o digno João desde que percebeu que um grande número de pessoas de muitas das cidades da Grécia e da Itália já haviam sido infectadas por essa doença [Cristianismo], e porque ele ouviu, eu suponho, que as tumbas de Pedro e Paulo estavam sendo adoradas, - secretamente, é verdade, mas ainda assim ele fez ouvir isso, - ele [João], eu digo, foi o primeiro a arriscar chamar Jesus de Deus. (JULIANO, *Adv. Gal.*, 327A e B).⁷⁷

Juliano era sobrinho do imperador Constantino, filho do seu meio-irmão Júlio Constâncio. Ao que a documentação sugere, parece que na infância fora educado na religião cristã, mais precisamente em uma das vertentes do arianismo (CARVALHO, 2010, p. 52). Possuía, portanto, conhecimento para explorar as inconsistências que percebia existir no emaranhado das apropriações judaicas e helênicas que os cristãos se utilizavam na construção do seu Deus. No intuito de ampliar as disputas entre as facções rivais, Juliano revogou o banimento dos bispos de orientação nicena que haviam sido exilados durante o governo do imperador Constâncio II. Nas palavras de Amiano Marcelino, Juliano teria agido nesse sentido “pois sabia por experiência que nenhuma fera era tão perigosa para os homens como os próprios cristãos entre si” (Amiano, *Historia*, XXII, 5, 4). Nesse sentido, pode-se entender que o imperador Juliano explorou a diversidade de correntes cristãs durante o seu governo de modo que o resultado dos enfrentamentos entre elas terminasse em prejuízo e enfraquecimento delas próprias. Em nosso entendimento, Teodósio II usou de artifício similar nas negociações entre as facções ciriliana e nestoriana, compostas por clérigos e funcionários da administração imperial.

Após o governo de Juliano, outros imperadores de orientação político-religiosa ariana ou nicena se alternaram no comando do Império ou partilharam a administração entre o Oriente e o Ocidente⁷⁸. A disposição anteriormente citada, de a hierarquia eclesiástica estruturar-se no modelo da malha administrativa imperial, levou os imperadores, por vezes, a alterarem a configuração político-administrativa imperial para atingir posições e prejudicar facções rivais. Divisões de províncias ou dioceses e alteração no status de determinada cidade

⁷⁷ Οὕτω δέ ἐστε δυστυχεῖς, ὥστε οὐδὲ τοῖς ὑπὸ τῶν ἀποστόλων ὑμῖν παραδεδομένοις ἐμμενῆκατε καὶ ταῦτα δὲ ἐπὶ τὸ χεῖρον καὶ δυσσεβέστερον ὑπὸ τῶν ἐπιγινόμενων ἐξειργάσθη. τὸν γοῦν Ἰησοῦν οὔτε Παῦλος ἐτόλμησεν εἰπεῖν θεὸν οὔτε Ματθαῖος οὔτε Λουκᾶς οὔτε Μάρκος. ἀλλ’ ὁ χρηστός Ἰωάννης, αἰσθόμενος ἤδη πολὺ πλῆθος ἑαλωκὸς ἐν πολλαῖς τῶν Ἑλληνίδων καὶ Ἰταλιωτίδων πόλεων ὑπὸ ταύτης τῆς νόσου, ἀκούων δέ οἱμαι, καὶ τὰ μνήματα Πέτρου καὶ Παύλου λάθρα μὲν, ἀκούων δὲ ὁμῶς αὐτὰ θεραπευόμενα πρῶτος ἐτόλμησεν εἰπεῖν.

⁷⁸ Joviano (363-364); Valentiniano I (364-375); Valente (364-378); Graciano (375-383); Valentiniano II (375-392).

tinham reflexos correspondentes na esfera eclesiástica e poderiam gerar conflitos de bispos e seus seguidores dentro de uma mesma cidade, província ou diocese. O desmembramento da diocese do Egito da diocese do *Oriens* (JONES, 1964, p. 373) e a divisão da província civil da Capadócia (BAYNES, 1926, p. 146-147), pelo imperador Valente (364-378) são exemplos que podem estar relacionados ao gerenciamento de conflitos que atendia aos interesses político-religiosos dos imperadores e seus aliados na hierarquia eclesiástica.

Conforme destaca Julio Cesar Magalhães (2012, p. 98-99), após a morte, em 378, do imperador Valente, que havia favorecido o arianismo homoiano, na porção oriental do Império, novas formulações doutrinárias relativas à trindade, com base nas proposições do Concílio de Niceia, foram apresentadas pelos teólogos orientais Basílio de Cesareia, Gregório de Nissa e Gregório de Nazianzo, os chamados padres capadócios. O objetivo foi definir com precisão o vocabulário trinitário de modo a evitar incompreensões mútuas entre o Ocidente latino e o Oriente grego. A definição que passou a ser adotada utilizava-se do termo *hipostasis* não para definir o princípio da divindade, a sua substância, mas suas peculiaridades distintas. Deus seria a partir daí entendido como formado por uma única essência ou natureza (*ousia*), que se manifestava em três pessoas distintas (*hipostasis*).

Essa proposição, desse modo, excluía qualquer relação de subordinação entre o Pai, o Filho e o Espírito Santo, reafirmando a unidade e igualdade dos três, apesar da distinção entre eles. Essas ideias saíram vitoriosas no Concílio de Constantinopla, em 381, e foram referendadas pelo imperador Teodósio I (379-395), que no ano anterior havia declarado o Cristianismo, na sua forma nicena, como religião oficial do Império, a partir da emissão de uma lei específica para esse fim. As demais correntes consideradas heréticas, sobretudo a ariana e suas vertentes, foram objeto de diversas interdições (MARAVALL, 2005, p. 19).

Percebe-se que no processo de luta para se estabelecer uma ortodoxia, determinado grupo que se identificava com uma posição fazia inovações na doutrina apesar de dizer que defendiam os postulados estabelecidos em Niceia, em 325. Defender e tentar afirmar sua doutrina como ortodoxa era elemento fundamental na posição do bispo perante a sua comunidade (GALVÃO-SOBRINHO, 2013, p. 15-22). Cirilo nos dá exemplo disso:

Nós rejeitamos os que ousaram acrescentar ou excluir para corromper a fé que foi definida em Niceia pelos abençoados Santos Padres. Confessamos que Nosso Senhor Jesus Cristo é Filho unigênito de Deus, pois sabemos das diferenças e das propriedades das naturezas a despeito da unidade suprema inseparável delas. Ao mesmo tempo, pensamos que aqueles que introduzem

uma dualidade de filhos ou cristos são estranhos à verdadeira fé (ACO, I, 5, p. 310-315, carta de Cirilo a João de Antioquia).⁷⁹

E é contra-argumentado por Nestório que o acusa de distorcer o credo niceno:

Onde, pois, eu disse que Cristo era um simples homem ou dois Cristos e que não havia um Senhor Jesus Cristo, Filho único de Deus: da união das duas naturezas resultou um *prosopon*? [...] Onde os Padres disseram que Deus, o Verbo, nasceu da carne de uma mulher? [...] Você interpreta, de fato, não para evitar que Deus, o Verbo, seja dito passível e mortal, mas para persuadi-los [os seguidores de Cirilo] que os Padres foram proibidos de dizer (Nestório, *Liber*, 214-222)⁸⁰.

Como buscaremos mostrar ao longo dessa pesquisa, o conflito entre Cirilo e Nestório, assim como os outros descritos anteriormente, se deu pela necessidade de se explicitar uma fé correta. As tentativas de alcançar uma unidade doutrinal, contudo, estiveram associadas às dinâmicas de interações de uma sociedade altamente diversificada. Portanto, outros componentes de cunho político-administrativo vieram associados à questão teológica, como pudemos perceber através do histórico das controvérsias religiosas que precederam a *Controvérsia Nestoriana*. Essa disposição requereu do imperador Teodósio II gerenciar a conflito no sentido de manter uma unidade, não em torno da hierarquia eclesiástica, mas em torno de si, através da sua atuação em manobrar estrategicamente a diversidade. Para que possamos evidenciar a atuação do imperador no conflito faz-se necessário entender a dinâmica político-administrativa subjacente ao conflito teológico.

⁷⁹ et eos qui additamentis uel ablationibus corrumpere ausi sunt fidem quae in Nicaea definite est a sanctis et beatissimis patribus, abdicauimus, confitentes unum dei <filium> unigenitum, dominum nostrum Iesum Christum. sic enim differentias proprietatesque nouimus naturarum, uerumtamen summamet inseparabilem adunationem; simul et eos qui dualitatem filiorum aut Christorum introducunt, alienos existimamus a recta fide.

⁸⁰ Nau, p. 129-134; Driver; Hodgson, p. 145-151.

CAPÍTULO 2 PODER, ADMINISTRAÇÃO IMPERIAL E HIERARQUIA ECLESIAÍSTICA NO IMPÉRIO ROMANO DO ORIENTE SOB TEODÓSIO II (408-450).

2.1. Considerações iniciais.

As condições que propiciaram a Teodósio II governar o Império Romano do Oriente, em um contexto de enfretamento entre diferentes facções político-religiosas, perpassaram por estratégias políticas refinadas que certamente foram requeridas desse imperador e dos auxiliares diretos que o cercavam no sentido de gerenciar uma sociedade repleta de diversidades. Um governante rotulado como facilmente manipulável e vacilante no gerenciamento político-administrativo, como as fontes tardias ao seu governo propagaram e a historiografia deu sequência a essa percepção, dificilmente teria assegurado a chefia do poder imperial por longos quarenta e dois anos. Em um Império multiétnico e multicultural fazia-se necessário negociar e acomodar a diversidade de interesses que deveriam ser contemplados para a manutenção da unidade imperial em torno dele.

Com o objetivo de levantar subsídios para a nossa análise dessa atuação, pretende-se, nesse capítulo, delinear o ambiente que permitiu a Teodósio II, no plano interno, relacionar com as elites de funcionários que davam sustentação ao seu poder e se serviram da questão teológica para disputar espaço na administração imperial e, no plano externo, as circunstâncias geopolíticas que também influenciaram nas suas tomadas de decisões. Essa questão externa se refere, em especial, ao relacionamento com o Império Romano do Ocidente, já separado administrativamente da porção oriental e, também, com outros povos vizinhos, como o Império Persa, que representou ameaça às fronteiras imperiais em qualquer período da história do Império Romano.

Na perspectiva de leitura que iremos imprimir na análise da atuação do imperador Teodósio II na controvérsia entre os bispos Cirilo de Alexandria e Nestório de Constantinopla, dentro das possibilidades analíticas que a documentação selecionada nos permita, julgamos necessário atentar para a confluência desses ambientes que, certamente,

pesou nas negociações e tomadas de decisões do imperador. Desse modo, buscaremos indicações acerca das construções ideológicas que sustentavam o regime imperial na Antiguidade Tardia, em especial a elaboração da teologia política que buscava dar legitimidade aos poderes do imperador; a estrutura administrativa do Império Romano do Oriente e as relações que ele mantinha com os Impérios vizinhos e a organização da hierarquia eclesiástica, destacando os níveis de interação que essa estrutura em formação estabeleceu com a administração imperial, sobretudo em seus escalões superiores.

Acreditamos que essa trajetória nos propiciará, no Capítulo 3, seguinte, oferecer uma forma de interpretação para as ações daquele imperador a partir da própria documentação escrita por ele. Nosso propósito, portanto, é inserir Teodósio II como um ator político atuante nas negociações que conduziam as políticas administrativa e religiosa do seu governo e não meramente um espectador que foi conduzido passivamente em virtude dos interesses de funcionários e bispos poderosos que manobravam sua atuação, leitura essa que, até recentemente, dominou a percepção das análises sobre a sua atuação, conforme indicamos anteriormente.

2.2. Teodósio II, a construção da imagem e a realidade de um imperador protobizantino.¹

O imperador romano, em qualquer período na história romana imperial, foi o símbolo da unidade, da continuidade e da existência do Império. Conforme destaca Drijvers (2015, p. 83) “o imperador era efetivamente a personificação do Império. Ele simbolizava mais do que qualquer coisa a unidade desse Estado cultural, linguístico e religioso diverso. Nele as várias tradições e povos do Império estavam ideologicamente associados”.

¹ Império Bizantino é uma denominação de cunho cultural que se aplica ao Império Romano do Oriente de idioma grego e religião cristã. Algumas publicações recentes (BAGNALL, 2010; MORRISON, 2012) iniciam essa periodização a partir da elevação, pelo imperador Constantino, em 330, de Constantinopla, antiga cidade de Bizâncio, como uma das capitais do Império ao lado da cidade de Roma. Assim como Jean-Michel Carrié (2006, p. xiv) e Bernard Flusin (2012a, p. 3), julgamos mais adequado considerar o período que vai do início do século IV ao início do século VII d.C. com a denominação de protobizantino. Nesse intervalo podemos observar o avanço dos membros da hierarquia eclesiástica na vida política e social do Império com a emergência dos grandes patriarcados no Oriente e sua consolidação no final desse período. As conquistas árabes das regiões do Egito, Líbia e da Síria, na primeira metade do século VII d.C., restringiram ainda mais o território do Império oriental aos falantes do idioma grego (MILLAR, 2006, p. 4).

Desde a instauração do Principado, em um longo processo de acumulação de magistraturas, dignidades e prestígio, a figura do soberano foi revestida com uma gama de atributos tais como chefe do exército (*imperium proconsulare maius*), juiz supremo (*iudex*) e supervisor do culto imperial (*pontifex maximus*). A elaboração desse projeto de personalização e institucionalização se ancorava na capacidade de fazer crer que o *princeps* dominava essa multiplicidade de atribuições, que no passado republicano foram ocupadas pela aristocracia senatorial (BARCELÓ, 2011, p. 26-27). Nesse sentido, o imperador era pensado, por seus contemporâneos, ser um líder capaz e ativo que supostamente alcançava seu alto cargo através do reconhecimento das suas habilidades, mais frequentemente a habilidade militar acima de qualquer outra qualificação (McEVOY, 2013, p. 10). Mesmo nas circunstâncias em que a chefia do poder imperial era compartilhado por mais de um imperador, o princípio unitário de *imperium* sempre foi reafirmado por meios políticos e retóricos, sobretudo pela existência de um princípio de senioridade entre eles (INGLEBERT, 2015, p. 9-10).

Na Antiguidade Tardia, os atributos práticos relacionados ao ofício imperial mantiveram-se em relevo nos discursos retóricos dos cronistas que exaltavam a imagem imperial. Mas, observa-se, também, nesse período, a emergência de discursos cristãos que se pretendiam associar como fiadores dessa legitimidade ao colocar em destaque outras qualidades que o soberano deveria ser depositário. Dentre essas virtudes, Cirilo (*ACO*, I, 1,1, p. 10-23), por exemplo, exaltava a piedade (*εὐσέβεια*), que caracterizava a boa vontade divina para aqueles que professassem a verdadeira fé no deus único, e a filantropia (*φιλανθρωπία*), que representava o amor de Deus pela humanidade, virtude esta que concentrava todas as demais virtudes, por se tratar de atributo reservado somente à divindade e ao imperador que a imitasse em relação aos seus súditos (SILVA, G. V., 2003, 109-110).

Toda uma máquina de propaganda esteve a serviço da difusão da imagem imperial que enaltecia o carisma dos imperadores e os elevavam a uma posição mais alta do que os seus predecessores imediatos. No sentido de exaltar a imagem de Teodósio II, o cronista cristão Sozomeno (375-447) (*Hist. eccl.*, Prefácio), por exemplo, escrevendo durante o governo daquele imperador, afirmava que os soberanos virtuosos eram aqueles caracterizados por diferentes inclinações. Alguns eram mais afeitos à ordem político-administrativa (*κόσμος*), outros mais produtivos na esfera cultural (*λόγος*) e ainda havia aqueles que eram especialistas na arte militar (*πόλεμος*) (TRAINA, 2009, p. 31-32). Na opinião de Sozomeno, Teodósio II foi o imperador ideal que soube conciliar todas essas habilidades. Os sucessos obtidos nessas

diferentes áreas eram percebidos pelos contemporâneos como sinal de aprovação dos poderes sobrenaturais ao regime estabelecido:

É considerada a maior e real coisa para o governante de todo povo possuir, pelo menos, uma das simples virtudes. Mas nenhuma tão grande estimativa tem sido feita da piedade, que é, acima de tudo, o verdadeiro ornamento do Império. Tu, porém, ó mais poderoso imperador Teodósio, tem, em uma palavra, pela ajuda de Deus, cultivado todas as virtudes. Cingido com o manto púrpura e a coroa, um símbolo da sua dignidade para os espectadores, você veste sempre aqueles verdadeiros ornamentos da soberania: a piedade e a filantropia. Por isso os poetas, escritores e a maior parte dos seus funcionários preocuparem-se, em todas as ocasiões, com você e com os seus atos. [...] Rumores dizem que durante o dia você pratica exercícios corporais e militares, organiza os assuntos do Estado e profere as decisões judiciais, [...] e à noite você se preocupa com os livros. [...] Eu tenho devotado à sua mais inocente e amada em Cristo majestade que Deus sempre o preserve em sua inquebrantável boa vontade, triunfando sobre os inimigos, tendo todas as coisas sobre os seus pés e transmitindo o santo Império para os filhos dos seus filhos com a aprovação de Cristo (Sozomeno, *Hist. eccl.*, Prefácio).²

No mundo retoricamente construído por Sozomeno, a legitimidade do imperador era assegurada, sobretudo, pela piedade e não pela vitória militar, embora esse, também, fosse um requisito desejado (HARRIES, 2013, p. 70). Ainda como característica exemplar, no caso de Teodósio II, essa propaganda discursiva também buscou reafirmar como um traço de singularidade desse imperador, segundo nos indica Giusto Traina (2009, p. 29-31), a exaltação da sua qualidade de primeiro imperador porfirogênito, isto é, aquele nascido na púrpura. Tal condição associava Teodósio II diretamente a um símbolo identificado com a realeza. O objetivo desse discurso era levar a crer que era desejado pela vontade divina perpetuar a dinastia iniciada por seu avô, Teodósio I, conforme também ressaltou Sozomeno no excerto acima.

² ἄλλος δὲ εὐζωνον καὶ ξένον περὶ τὰ ὄπλα τρόπον εἰσηγούμενος μέγιστον δὲ καὶ βασιλικὸν ἐνομίζετο ταυτησί τῆς δημῶδους ἀρετῆς μόριον ἔν κεκτηῖσθαι τὸν πάντων ἡγούμενον, εὐσεβείας δέ, τοῦ ἀληθοῦς κόσμου τῆς βασιλείας, οὐδενὶ τοσοῦτος λόγος ἐγένετο. Σὺ δέ, ὦ κράτιστε βασιλεῦ Θεοδόσιε, συλλήβδην εἰπεῖν πᾶσαν ἐπίσηκσας ἀρετὴν διὰ θεοῦ, ἀλουργίδα δὲ καὶ στέφανον πρὸς τοὺς θεωμένους σύμβολον τῆς ἀξίας περιεείμενος, ἔνδοθεν αἶε τὸν ἀληθῆ κόσμον τῆς βασιλείας ἡμφίεσαι, τὴν εὐσέβειαν καὶ τὴν φιλανθρωπίαν. Ὅθεν ἐκάστοτε ποινταὶ καὶ συγγραφεῖς καὶ τῶν ὑπάρχων οἱ πλείους καὶ τῶν λοιπῶν ὑπηκόων περὶ σὲ καὶ τὰς σὰς πράξεις ποιοῦσιν [...] Φασι δὲ μεθ' ἡμέραν μὲν τὰ περὶ τὰ ὄπλα καὶ τὰ τῶν ἀρχομένων διατάπειν πράγματα, δικάζοντά τε καὶ ἅ χρῆ γράφοντα, ἰδίᾳ τε καὶ κοινῇ τὰ πρακτέα διασκοποῦντα νύκτωρ δὲ τὰς βιβλους περιέπειν [...] τὸ δὲ ἔννατον βιβλίον ἀνατέθεικα τῇ φιλοχρίστῳ καὶ εὐαγεστάτῃ ὑμῶν κορυφῇ, ἣν εἰσαεὶ φυλάττοι θεὸς ἐν ἀκλονήτοις εὐθυμίαις, κατευμεγεθοῦσαν ἐχθρῶν καὶ πάντας ἔχουσαν ὑπὸ πόδας καὶ εἰς παῖδας παίδων παραπέμπουσαν τὴν εὐσεβῆ βασιλείαν, κατανεύοντος τοῦ Χριστοῦ δι' οὗ καὶ μεθ' οὗ τῷ θεῷ καὶ πατρὶ ἡ δόξα σὺν τῷ ἁγίῳ πνεύματι εἰς τοὺς αἰῶνας ἀμήν.

Esse aparato propagandístico que foi criado em torno da figura do soberano não se limitava apenas aos discursos escritos. Além deles, elaboradas práticas cerimoniais imagéticas foram introduzidas com o intuito de potencializar o aparato simbólico que realçava a majestade imperial, sobretudo nos eventos que marcavam o contato do imperador com seus funcionários e súditos, como nas ocasiões do seu *adventus*³, nas procissões que iam do palácio imperial às igrejas da capital, nas aparições no hipódromo durante as corridas e cerimônias e nas audiências na Corte.

Tal era a importância das demonstrações de religiosidade⁴ para a legitimação do poder imperial em torno de Teodósio II que discursos e práticas combinavam-se para projetar a santidade tanto do imperador quanto da família imperial. A Augusta Pulquéria, irmã mais velha do imperador, que supervisionou a educação do jovem príncipe, era vista como símbolo de devoção cristã e de castidade. Atributos esses que ela teria imprimido, com sucesso, no caráter do mais “pio imperador cristão” (Sozomeno, *Hist. eccl.*, IX, 1). A imperatriz Eudócia, esposa do imperador, cumpriu, por sua vez, uma agenda pública de forma a ser comparada a uma nova Helena em virtude da sua peregrinação à Terra Santa, assim como fizera a mãe do imperador Constantino no século anterior (Sócrates, *Hist. eccl.*, VII, 47). Registra-se, ainda, que ela tenha sido uma grande protetora e incentivadora da vida monástica, de onde se extraía modelos de conduta cristã para toda a sociedade (Evágrio, *Hist. eccl.*, I, 22, 10).

A simbologia que revestia essas encenações fazia parte da construção de representações refinadas de sacralização da realeza. O objetivo dessa engenharia simbólica era demonstrar os laços estreitos que eram mantidos entre o governante e a fonte divina de onde emanava substancial parte da sua autoridade e legitimidade para exercer o poder. Logo, esse relacionamento entre a divindade e a realeza sagrada projetava o governante para seus súditos na forma de uma *mimesis* de Deus (DRAKE, 2014, p. 219), que comandava na terra um prolongamento da Corte divina que se idealizava nas esferas superiores.

Toda essa majestade incorporada na figura do imperador é percebida em uma carta que Teodósio II enviou ao Concílio de Éfeso I, em junho de 431, cujo portador fora o *comes* Candidiano, a quem ele delegou representá-lo naquela reunião de bispos no sentido de dirimir as dúvidas suscitadas entre Cirilo de Alexandria e Nestório de Constantinopla acerca dessa verdadeira divindade que ele deveria representar entre os homens. A carta traz no seu

³ Chegada do imperador em uma cidade, ocasião em que o ritual era cuidadosamente coreografado para definir e expressar um ideal de relacionamento entre o imperador e seus súditos (KELLY, 2008, p. 142).

⁴ Pedro Paulo Funari (2012) caracteriza a religiosidade como uma forma de sentimento inefável inerente à espécie humana, que impulsiona os indivíduos, através de movimento espiritual, subjetivo e imaterial, em direção a uma causa ou crença. A religiosidade estaria na raiz das religiões institucionalizadas.

preâmbulo algumas informações que nos permitem refletir sobre como o próprio imperador percebia a natureza e a extensão do poder sobre o Império que ele governava:

Os césaes autocratas Teodósio e Valentiniano, Vencedores, triunfantes, grandíssimos, muito reverentes a Deus, Augustos, ao Santo Concílio. Nós nos preocupamos grandemente daquilo que é vantajoso ao Estado, mas particularmente das coisas que se referem à piedade, pois dessas coisas resultam, em acréscimo pelos homens, todos os outros bens. (*ACO*, I, 1, 1, p. 120-121)⁵.

As construções ideológicas que legitimavam o poder de um imperador na Antiguidade Tardia e lhe assegurava ser portador de todos aqueles epítetos que Teodósio II atribuiu a si e ao seu primo que governava o Império do Ocidente, Valentiniano III, foram produtos de hibridismos político-culturais que remontavam ao período republicano, momento em que as elites romanas deram início às expansões territoriais rumo ao Oriente. Concomitantemente a esse processo, essas elites absorveram influências das culturas helenísticas, sobretudo no que se refere à noção de realeza sagrada (*βασιλέα*), que contribuiu, nos séculos seguintes, para a percepção do acúmulo daqueles diversos predicados e funções em um único indivíduo. Essa aproximação resultou, por outro lado, de acordo com Millar (1977, p. 611-613), no progressivo distanciamento do imperador das instituições e tradições coletivas locais da antiga cidade de Roma para inseri-lo na construção do imaginário de um Império que se diversificava ainda mais.

Se ao imperador romano do período do Principado fora atribuído uma natureza semidivina, em virtude desse amálgama cultural decorrente da apropriação de elementos orientais na construção da sua identidade, na Antiguidade Tardia, em especial a partir dos séculos III e IV d.C., pensadores cristãos e não-cristãos⁶ desenvolveram teologias políticas que se complementavam para sintetizar um personagem altamente complexo que passou a ser o portador da vontade divina no mundo, e não mais um ser divinizado como outrora fora percebido. O discurso de Eusébio de Cesareia, no início do século IV d.C., por exemplo, parece fazer desse bispo um dos pensadores cristãos pioneiros na junção entre elementos da

⁵ Αὐτοκράτορες Καίσαρες Θεοδόσιος καὶ Οὐαλεντινιανὸς νικηταὶ τροπαιοῦχοι μέγιστοι ἀεισέβαστοι αὔγουστοι τῆι ἁγία συνόδωι. Πάντων μὲν τῶν κοινῆι λυσιτελούντων πολλὴν φροντίδα ποιούμεθα, διαφερόντως δὲ τῶν εἰς εὐσέβειαν ἠκόντων, δι' ὧν καὶ τῶν λοιπῶν ἀγαθῶν ἡ χορηγία τοῖς ἀνθρώποις προσγίνεται.

⁶ Como destaca Bruna C. Gonçalves (2015, p. 58-66), o filósofo não-cristão Temístio, na segunda metade do século IV d.C., agregou ao conceito de realeza diversos atributos de ordem moral, dentre eles a filantropia (síntese de todas as virtudes) conjugada a elementos que deveriam distinguir o imperador como apontado pelos céus em virtude da demonstração de bom caráter e como aquele capaz de exercer a humanidade à maneira do Ser Supremo visto que ele representava a personificação da lei.

doutrina cristã e os postulados da filosofia helênica do seu tempo. Eusébio buscou estabelecer um modelo de imperador cristão a partir da complementaridade entre o que estabelecia a doutrina cristã e os saberes filosóficos inculcados no imaginário fortemente impregnado pelo sentimento de religiosidade daquele contexto.

Em seu panegírico *Louvor a Constantino*, Eusébio apresentou as virtudes de um bom imperador e as características do poder imperial ao estabelecer um paralelo com o *Logos*. Virtudes como a racionalidade, a sabedoria, a bondade, a justiça e a coragem o imperador as possuía em razão da intrínseca comunicação que ele estabeleceu com o *Logos*, que como indicamos no capítulo anterior, estava associado, no pensamento cristão, à pessoa de Cristo, o Verbo encarnado da divindade. Logo, esses atributos faziam do imperador um indivíduo revestido de uma função pedagógica que o habilitava a ensinar a verdadeira doutrina e guiar os destinos dos seus súditos (MARAVAL, 2001, p. 54). Portanto, o discurso cristão naquele momento revestia o imperador com poderes sobrenaturais, algo que na teoria o transformava em um governante cujas decisões tomadas deveriam ser incontestáveis, visto que eram tomadas em simetria com a vontade divina.

Ou seja, ao se postular que o imperador não era mais um ser divinizado, o entendimento que se passou a ter era o de que a instituição que ele representava é que era dotada de sacralidade, e não a pessoa do imperador em si, que agia em consonância com as forças divinas (SILVA, G. V., 2003, p. 113). Devemos lembrar que tais representações simbólicas adquiriam uma existência material que, em geral, se traduziam em atos e práticas. Desse modo, como representante divino, o imperador passou a ser visto como um vice-governante (CHEYNET, 2005, p. 7), que de um lado seria dotado de autoridade ímpar que suas pretensas virtudes pessoais lhes conferiam e, ao mesmo tempo, por outro lado, revestido de um poder supremo supostamente outorgado por uma potência transcendente.

Mas, entendemos que, por outro lado, essa construção discursiva que dava um caráter divino representativo à figura do imperador constituía-se num fator de instabilidade para sua posição. No período que ora analisamos, a lealdade dinástica era um sentimento que deveria ser constantemente reafirmado, ao contrário de ser algo estruturalmente inerente àquela realidade (McEVOY, 2013, p. 311). Daí entendermos a necessidade de Teodósio II e sua família dedicarem excessiva preocupação em negociar essa imagem de piedade e castidade por meio de artifícios discursivos retóricos e simbólicos. Outros discursos poderiam concorrer com o discurso oficial e projetar outros indivíduos oriundos de uma das tantas famílias tradicionais que ocupavam posição de destaque na administração imperial, a partir de construções de alegadas qualidades superiores às das de Teodósio II. Isso porque, “o

discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder pelo qual nos queremos apoderar (FOUCAULT, 2006, p. 10).

Mas, no sentido também de reafirmar sua posição é que Teodósio II se denominava autocrata (*αὐτοκράτωρ*), o imperador governante cujas ações deviam estar em consonância com a piedade para o bem-estar da sociedade.⁷ Essa preocupação parece reforçada no preâmbulo da carta de Teodósio II acima mencionada, sobretudo naquela circunstância em que o que estava em discussão na controvérsia teológica era a natureza da própria divindade que ele representava. Essas construções simbólicas que buscavam estreitar os vínculos entre a pessoa do imperador e os poderes divinos encontraram um campo fértil de possibilidades à medida que a hierarquia eclesiástica cristã emergia como uma força política na sociedade romana e determinados grupos tentavam se impor como fiadores de uma específica verdadeira fé. Nestório, por exemplo, relacionou que a correta fé que o imperador deveria professar, no caso aquela que ele advogava e se opunha à concepção ciriliana, era fator imprescindível para atrair a boa vontade divina contra as catástrofes de toda ordem que poderiam advir contra aqueles que não a observassem:

Quando aquelas coisas começaram a acontecer relativas à fé e durante a disputa contra Deus, o Verbo, que não teria sido imortal e impassível⁸ [...] começaram a ser destruídos e subjugados. [...] Eles sofreram doenças, fome, privação de chuva, o granizo, o calor, tremores de terra surpreendentes, o cativeiro, o medo, a fuga e todos os males. (Nestório, *Liber*, 497).⁹

Percebe-se, portanto, que no contexto da *Controvérsia Nestoriana* essas formulações teológicas se revestiam de implicações práticas para toda a sociedade. O imperador não regulava apenas as relações entre humanos, mas, também, as relações entre a humanidade e a divindade (DAGRON, 2003, p. 1). Essa percepção amplia o leque de significados do conflito para além do campo religioso. Ao buscar estabelecer suas definições de divindade, Cirilo e

⁷ Autocrata por vezes é utilizado, no sentido moderno, para equiparar o imperador romano às características de um ditador, déspota ou tirano. Os conceitos são históricos e não se pode atribuir uma conotação genérica ao sentido que a palavra trazia em contexto específico (BOBBIO; MATTEUCCI; PASQUINO, 1998, p. 540). No contexto em questão, a palavra grega *autokrator* pode ser a correspondente da palavra latina *imperator*, que embutia o significado de poder autônomo (McCORMICK, 2008, p. 142) ou de acordo com Paul Veyne (2009, p. 9) “poder absoluto e completo (o mesmo de um oficial em campo de batalha, detentor do direito de vida e de morte sobre seus homens, em que desobediência e delito não se distinguem)”.

⁸ Nestório justamente separava as naturezas humana e divina em Cristo porque defendia que a sua porção divina, aquela não teria sido gerada pela Virgem Maria, não fora passível de sofrer dor, medo e outros sentimentos inerentes à natureza humana.

⁹ Nau, p. 317; Driver; Hodgson, p. 362.

Nestório estavam, também, implicitamente, de forma consciente ou não, buscando definir o que seria um bom imperador para a concepção cristã das diferentes culturas político-religiosas em que estavam inseridos.

Através das construções retóricas contidas nos documentos antigos que exaltavam os poderes do soberano, historiadores da atualidade se inclinaram a subscrever toda uma imensa carga de autoridade e poder atribuídos naqueles discursos a um único indivíduo que ocupava a posição de imperador em determinado momento. Jones (1964, p. 321), por exemplo, entendeu que tanto na teoria quanto na prática a constituição dos poderes do imperador era absoluta: “ele controlava a política externa, fazendo a paz e a guerra à vontade, ele pessoalmente indicava todos os seus funcionários, civis e militares, ele tinha o poder de vida e de morte sobre todos os seus súditos”. Tais afirmações podem ser respaldadas, por exemplo, através da carta que Cirilo de Alexandria escreveu ao arquiandrita Shenoute nas vésperas dos preparativos para o Concílio de Éfeso I, em 431. Percebe-se nela o temor que o descumprimento de uma ordem imperial despertava no imaginário da época:

Há um grande rumor, que foi comunicado a mim através do clero de Constantinopla, que o pio e amado em Cristo imperador decidiu enviar alguém dentre aqueles que estão muito próximos a ele para impelir você e eu a irmos até ele. E, ao que me parece, nós não devemos encontrar um modo de evitar o convite. Então, eu desejo que sua reverência venha rapidamente para Alexandria e, em caso de necessidade, embarquemos juntos. Enquanto isso, não deixe chegar ao conhecimento de estranhos. Que isso seja apenas do seu conhecimento. Apressa-te a vir. (Cirilo, *Ep.* 110).¹⁰

Contudo, afirmações como as de Jones acima, cuja intenção fora fornecer uma narrativa que visava cobrir o amplo recorte do Império Romano na Antiguidade Tardia, período em que a sociedade romana presenciou a emergência abundante de novas formas de relacionamentos em todas as esferas do mundo social, induzem a pensar que, em decorrência de dispor desse amplo leque de poderes, os imperadores não necessitaram negociar a aplicação deles em contextos distintos. Quando Cirilo sugere a Shenoute que eles não deviam recusar a convocação do imperador, isso indica-nos que a ordem imperial deveria ser cumprida de forma discricionária. Contudo, não se tem registros de que Cirilo e Shenoute tenham feito tal viagem ordenada pelo imperador. No capítulo seguinte trataremos de outras

¹⁰ Esta carta não se encontra inserida na obra *Acta Conciliorum Oecumenicorum*, portanto não há registro dela nos manuscritos gregos ou latinos. Ela foi traduzida do copta para o inglês por D. W. Johnson para o volume 77 da coleção *The Fathers of the Church*, editada pela *The Catholic University of America Press* (McENERNEY, 1987b).

situações ocorridas durante o governo de Teodósio II em que as ordens do imperador foram descumpridas com as mais variadas formas de subterfúgios, tanto pelos funcionários imperiais quanto pelos bispos, sem que se tenham notícias de retaliações por parte do imperador. Essas circunstâncias nos indicam que, a despeito da seriedade com que uma ordem imperial devia ser observada, existiam possibilidades de que elas fossem contornadas por meio de negociações entre as forças políticas.

Desse modo, devemos considerar que a amplitude e eficácia do exercício do poder imperial, na Antiguidade Tardia, além de estar relacionadas às características individuais e habilidades de cada governante (McCORMICK, 2008, p. 143) também dependiam dos mecanismos que o imperador dispunha, em um contexto específico (FINLEY, 1997, p. 19), para que o seu poder e autoridade fossem efetivados através do corpo de auxiliares responsáveis pelo funcionamento do governo (BROWN, 1998, p. 23). Portanto, a preocupação que Teodósio II expressa “com aquilo que é vantajoso para o Estado” (*πολιτεία*) reflete uma preocupação com a maneira com que o seu governo estava sendo conduzido e o modo como a sua atuação estava sendo percebida. Isso tudo contribuía para assegurar sua legitimidade.

Cabe ressaltar, novamente, que entendemos que uma das principais preocupações de Teodósio II ao alternar suas posições em relação ao conflito entre as facções litigantes esteve relacionada às investidas da hierarquia eclesiástica sobre esse corpo de funcionários. Isso nos indica que as questões teológicas debatidas naquele momento influenciavam o arcabouço ideológico que sustentava o seu poder e também eram utilizadas por grupos que disputavam espaço no seio da administração imperial. Portanto, aqui estava em jogo a manutenção da lealdade ao imperador por meio de um conjunto de crenças ideológicas que contribuía para legitimar sua posição, que deveria ser objeto de constante negociação.

Isso porque o Estado romano se personificava para os súditos na figura do imperador e na sua burocracia¹¹, pois como enunciou Harold Laski (apud FINLEY, 1997, p. 18) “o cidadão só pode compreender o Estado através do governo [...] um Estado é o que o governo faz.” Não havia um ordenamento estatal na forma de uma Constituição moderna que representasse o que era esse Estado. O que se observa são leis que na maioria das vezes eram emitidas na forma de cartas para tentar solucionar demandas específicas, cuja elaboração contava com a participação efetiva dos altos funcionários que compunham o núcleo

¹¹ Embora o conceito de burocracia seja moderno, cunhado no século XVIII, e esteja relacionado à emergência das sociedades modernas industriais, o aplicamos para a Antiguidade Tardia para indicar uma espécie de organização baseada em regras e hierarquia de posições (GIDDENS; SUTTON, 2016, p. 107).

administrativo imperial, o *Consistorium*. (HARRIES, 2013, p. 73). Ademais, como não havia uma clara divisão entre o público e o privado naquele contexto, as línguas antigas não dispunham de uma palavra para explicitar um conceito de Estado como algo distinto e superior aos seus cidadãos (BARNISH; LEE; WHITBY, 2008, p. 170) e, em especial, a sua aristocracia dirigente.

Conforme explicita Harold A. Drake (2011, p. 213-216), o que se entendia por Estado antigo fundava-se em uma premissa inteiramente distinta daquela que entendemos hoje em dia, ou seja, como uma espécie de contrato social. Na Antiguidade, a noção de que a divindade intervinha ativamente nos negócios humanos, como indicou Nestório no excerto citado anteriormente, fazia com que um dos deveres primários dos líderes desse Estado fosse assegurar a boa vontade divina para que essas intervenções fossem benéficas, pois, ao contrário, a punição recairia sobre toda a comunidade e não apenas sobre aquele que provocou a ofensa às forças sobrenaturais. Logo, torna-se impossível uma distinção entre as categorias política e religiosa na análise dos conflitos que emergiram na Antiguidade Tardia.

Além das questões de cunho ideológico, contribuía, ainda, para a percepção de que o imperador detinha grande prestígio e poder o fato do soberano ser possuidor de um patrimônio material pessoal considerável como detalha Roland Delmaire (1989, p. 675-698). Também o núcleo de indivíduos que o assessorava era composto pelas elites aristocráticas e proprietárias oriundas das mais diversas regiões do Império e que possuíam interesses particulares e coletivos a defender. Em vista dos recursos materiais que possuíam as elites romanas, dentre elas a família imperial, proviam bens e serviços à população que numa perspectiva atual seriam atribuições de responsabilidade do aparelho estatal. Portanto, um enfrentamento entre essas elites, que forneciam os quadros para compor a administração imperial, induzida por um conflito que poderia alterar a natureza da divindade que legitimava o poder imperial, redundaria em prejuízo a esse Estado, cuja unidade era percebida através do imperador e seu governo.

Desse modo, a preocupação de Teodósio II era de que sua administração, já composta de uma grande diversidade de indivíduos, pudesse vir a ter sua unidade afetada a partir de disputas entre essas elites que utilizariam a questão teológica para conquistar mais poder. Para que ele mantivesse toda a aura de soberano com todos aqueles poderes a ele atribuídos na teoria era necessário manter a imagem de uma administração harmônica. Uma carta de Cirilo ao bispo Acácio de Melitene, em 433, sobre as negociações que foram determinadas por Teodósio II para que alcançasse uma unidade doutrinal, nos revela que esses funcionários

estavam sujeitos ao assédio da hierarquia eclesiástica com o intuito de fazerem valer suas posições:

E embora fosse apropriado que eles [bispos orientais] me cativassem pela tristeza que me causaram, pedindo desculpas pelas coisas que precederam e por aquelas que foram feitas em Éfeso [Concílio de 431], eles ainda tiveram a oportunidade de dizer que foram provocados contra mim pelo zelo que tinham pelos ensinamentos sagrados. Mas eu ouvi dizer que não foi o zelo divino que os moveu e nem se alinharam contra mim porque lutavam pelos ensinamentos sagrados, mas porque estavam cedendo a lisonjas de homens e porque eles estavam, em causa própria, estendendo as mãos em amizade àqueles que estavam no poder naquela época. (ACO, I, 1.4, p. 20-31).¹²

Como abordamos anteriormente, as disputas entre Cirilo e Nestório no campo religioso extravasaram para o campo do poder imperial no momento em que aqueles bispos tentaram cooptar altos funcionários da administração imperial para os seus projetos político-religiosos. Ademais, a própria noção daquela divindade que Teodósio II deveria representar estava em questionamento por aqueles líderes da hierarquia eclesiástica. Outra carta de Cirilo, dirigida ao clero de Constantinopla, relatou a perplexidade dos bispos reunidos no Concílio de Éfeso I, em 431, ante a ordem de Teodósio II de colocar o bispo alexandrino em prisão, juntamente com Nestório e Menão de Éfeso, em virtude da atuação deles naquela reunião. O que se percebe nela é a confiança dos membros do episcopado no sucesso em enquadrar o imperador dentro daquelas inovações que eles promoviam na doutrina que fora estabelecida no Concílio de Niceia. Desse modo, percebe-se também na *Controvérsia Nestoriana* uma disputa entre imperadores e bispos pela autoridade de determinar a natureza e o acesso à esfera divina:

Depois de considerar isso [a carta do imperador cujo portador era o *comes* João] o santo Concílio levantou-se, até mesmo o último homem, dizendo: “Nós não insultamos a nós mesmos. Pois não fomos convocados como heréticos. Nós viemos restaurar a fé que foi rejeitada, e a estamos restaurando. Não é necessário que o imperador aprenda a fé agora, desde que ele a conhece e foi batizado nela.” (ACO, I, 1, 3, p. 45-46).¹³

¹² Καίτοι γε δέον ταῖς ἀπολογίαις τὴν ἐμὴν καταγοητεῦσαι λύπην τὴν ἐπὶ γε τοῖς φθάσαι καὶ παρ’ αὐτῶν γεγονόσι κατὰ τὴν Ἐφεσί’ν. Καὶ εὐαφόρμως ἔφασκον παρωξύνθαι κατ’ ἐμοῦ διὰ τὸν ζῆλον τὸν ὑπὲρ γε τῶν ἱερῶν δογμάτων. ἀλλ’ ἤκουον ὅτι οὕτε ζῆλος αὐτοῦς κекίνηκεν θεῖος οὕτε τῶν τῆς ἀλεθείας δογμάτων ὑπερμαχόμενοι συνεφράττοντο κατ’ ἐμοῦ, ἀλλά ταῖς ἀνθρώπων εἴξαντες κολακείαις καὶ τὰς τῶν ἰσχύοντων τὸ τηνικάδε φιλίας ἐφ’ ἑαυτοῦς ἀρπάζοντες.

¹³ Τοῦτο νοήσασα ἡ ἀγία σύνοδος πάλιν ἐνέστη ἄχρι παντός λέγουσα ὅτι οὐχ ὑβρίζομεν ἑαυτοῦς οὐ γὰρ ὡς αἰρετικοὶ κεκλήμεθα, ἀλλ’ ἤλθομεν πίστιν ἀθετουμένην στήσαι, ἣν καὶ ἐστήσαμεν, καὶ οὐ χρήζει ὁ βασιλεὺς τοῦ μαθεῖν νῦν τὴν πίστιν, εἰδὼς αὐτὴν καὶ ἐν αὐτῇ βαπτισθεῖς.

Essas mudanças nas relações entre hierarquia eclesiástica e o poder imperial foram levantadas por Rita Lizzi Testa (2009, p. 535), cujos contornos foram se modificando à medida que os membros do episcopado conquistavam maior autoridade na esfera pública. Até o governo do imperador Teodósio I (379-395) aquela autora indica que os discursos do episcopado estavam mais voltados para construção de um bispo ideal, que exprimisse virtudes e valores morais que os credenciassem ao exercício das suas funções eclesiásticas. Após a oficialização de uma das vertentes do Cristianismo, pelo mesmo imperador, percebe-se que tais discursos se voltaram para a afirmação do bispo no espaço público e sua atuação como líder comunitário.¹⁴ O trecho da carta acima nos indica que, ao menos na intenção, os bispos se viam com autoridade para tentar influir na verdadeira fé que o imperador deveria seguir. Ou mesmo, ainda, eles criavam imagem negativa de fraqueza do imperador porque percebiam que ele não estava contemplando seus interesses. Essas disposições, portanto, geravam tensões entre os líderes da hierarquia eclesiástica e o poder imperial na medida em que interferiam no arcabouço ideológico do regime imperial.

Relatos como aquele de Cirilo contribuíram, em grande medida, para criar a imagem de que Teodósio II foi um imperador sem vontade própria e inconstante na própria fé. Essa aura de passividade que lhe foi atribuída permeou até mesmo os relatos sobre o nascimento do imperador, como aquele registrado na biografia do bispo Porfírio de Gaza (347-420), escrita por seu discípulo Marcos, o diácono. Relata-se que esse bispo da Palestina teria viajado com uma comitiva à Constantinopla, em 402, para convencer o imperador Arcádio, pai de Teodósio II a destruir um templo dedicado a Zeus, em Gaza. É registrado naquela biografia de Porfírio que havia uma grande hostilidade de cristãos contra os pagãos e uma resistência desses últimos aos ataques que recebiam naquela província (SAUGET, 2013, p. 3257). Para vencer a relutância do imperador Arcádio, que via na adoção de medidas dessa natureza a possibilidade da perda das rendas que eram geradas pelos templos, Porfírio teria obtido o apoio da imperatriz Eudóxia, mãe de Teodósio II (ELTON, 2009, p. 135). Em troca, o bispo de Gaza teria prometido que a imperatriz ficaria grávida de um príncipe. Consumada a

¹⁴ Em 380, o imperador Teodósio I, avô de Teodósio II, emitiu um Édito oficializando aquela forma de Cristianismo consagrado no Concílio de Niceia, em 325, onde se lê: “todos aqueles que estão sob a influência da nossa clemência devem aderir àquela religião que, de acordo com seu próprio testemunho, chegou aos nossos próprios dias e que o abençoado Pedro entregou aos romanos, isto é, aquela doutrina que o pontífice Dâmaso e Pedro, o bispo de Alexandria, homens de santidade apostólica, agora seguem”. (*Cod. Theo.*, xvi, I, 2 apud BOYD, 1905, p. 44-45).

profecia, no dia do batizado de Teodósio II, conforme a vontade de Eudóxia, Porfírio levou a criança em seus braços para receber o sacramento, sendo seguidos por uma procissão de altos dignitários vestidos todos de branco. Na ocasião, Teodósio II portava em suas pequenas mãos uma petição para que o templo pagão na Palestina fosse destruído. Essa imagem, segundo o biógrafo do bispo palestino, teria sido suficiente para reverter as resistências de Arcádio em autorizar a demolição do templo (KELLY, 2013, p. 3-4). Ou seja, desde o nascimento começa-se a construir uma imagem do imperador que subordinava a sua vontade àquela daqueles que o circundavam.

Teodósio II foi proclamado Augusto, coimperador juntamente com seu pai, aos nove meses de idade, no mesmo ano da visita do bispo Porfírio à Constantinopla. Após a morte de Arcádio, em 408, permaneceu como o imperador que por mais tempo governou o Império Romano. No que se refere à investidura precoce de um imperador, Meagham A. McEvoy (2013, p. 2) observa a emergência de um novo padrão de política imperial na Antiguidade Tardia ao constatar que, além de Teodósio II, outros imperadores proclamados Augustos quando crianças estabeleceram governos de considerável duração como, por exemplo, Graciano (367-383), Valentiniano II (375-392), Honório (393-423), Arcádio (383-408) e Valentiniano III (425-455). Segundo a autora supracitada, a longevidade desses imperadores alçados precocemente ao ofício imperial não podem ser explicadas somente através das tentativas de se construir imagens positivas que os dotassem de piedade, senso de justiça, temperança, vitoriosos nas batalhas e todas outras virtudes que pudessem lhes assegurar os favores divinos. Nem tampouco o princípio dinástico isoladamente lhes asseguraria a lealdade da Corte e dos generais do exército, em vista da diversidade de indivíduos que compunham essas instituições e a multiplicidade de interesses que defendiam.

Essas considerações a respeito do caráter dinástico que McEvoy constatou são corroboradas pela tentativa de usurpação no Império Romano do Ocidente pelo funcionário de etnia goda João (*PLRE* 2, p. 595), *Primicerius notariorum*, na sucessão do imperador Honório em favor do seu primo Valentiniano III. João chegou a governar o Ocidente entre os anos de 423 a 425, quando Teodósio II enviou suas tropas para assegurar a proclamação de Valentiniano III e os direitos dinásticos da sua família (BLOCKLEY, 2008a, p. 136). Também no Oriente é relatada a constante preocupação de Teodósio II com a possibilidade de

usurpação do seu governo pelo general isáurio¹⁵ Flávio Zenão (*PLRE* 2, p. 1199-1200; LEE, 2008, p. 35-37), que ocupou a função de *Magister utriusque militiae per Orientem*, entre 447 e 451.

Pode-se cogitar que a permanência duradoura desses imperadores no poder, e Teodósio II em especial, esteve relacionada a uma maior distribuição da carga de poder entre as elites que compunham o governo. Como iremos analisar no item seguinte deste capítulo, alguns desses funcionários faziam parte de verdadeiras dinastias de funcionários que serviam na administração imperial de longa data. No caso do governo de Teodósio II, os vínculos familiares desses funcionários são rastreados tão longe quanto o período do imperador Constâncio II (HARRIES, 2013, p. 76). Na esfera da administração civil esse compartilhamento de poder, sobretudo durante o período de minoridade de Teodósio II, teve o efeito de inibir as aventuras de usurpadores. Mesmo porque, após a maioridade de Teodósio II, esses grupos continuaram a exercer influência dentro da Corte, motivo pelo qual entendemos que o imperador necessitava negociar com eles a questão teológica. O que não significa dizer que Teodósio II tenha se mantido a todo o momento passivo ao jogo de influências de poderes paralelos. Mas, também, apesar dos discursos darem uma percepção de que os poderes do imperador eram ilimitados, ao contrário, percebe-se que ele não governava sozinho. A estratégia para a durabilidade do regime visava, desde o período da minoridade do imperador, compartilhar o poder para se preservar o governante e o princípio dinástico.

A mesma lógica foi seguida na esfera militar e a própria teologia política cristã contribuiu para o distanciamento dos imperadores do campo de batalha. A partir dos governos dos filhos do imperador Teodósio I, Honório e Arcádio, o governo itinerante cedeu lugar para uma forma sedentária de administração. Os imperadores não deixavam o palácio para resolver assuntos diretos do governo como fizeram antes. O discurso para justificar essa ausência era que eles permaneciam orando no Palácio pelo sucesso do exército nas guerras, certos de que os favores divinos os fariam triunfantes (McCORMICK, 2008, p. 135-143). Apesar do período de governo de Teodósio II ter registrado poucos enfrentamentos externos, por meio dessa disposição os seus generais certamente conquistaram maior autonomia no comando de suas tropas. Quando observamos a origem étnica e a política-religiosa defendida pelo conjunto dos generais desse imperador, majoritariamente formado por indivíduos de etnia

¹⁵ Os isáurios são citados na documentação do período frequentemente como assaltantes e depredadores que invadiam as províncias vizinhas com objetivo de saques. A província da Isáuria foi destacada da província da Galácia no início do século IV d.C. por ocasião das reformas administrativas do imperador Diocleciano (EDWARDS, 1999, p. 515-516).

goda, pagãos ou arianos, podemos entender como a imensa diversidade que caracterizava a administração de Teodósio II deveria ser manobrada para a segurança do seu poder.

Garantias adicionais a esses arranjos já despertavam as preocupações do pai de Teodósio II, o imperador Arcádio. Para assegurar uma sucessão pacífica e evitar as insurreições verificadas durante o seu governo, como aquela promovida pelo *comes* Gainas (*PLRE* 1, p. 379-380), Arcádio teria estabelecido um acordo com o monarca sassânida da Pérsia, Yazdegerd I (399-420) (*PLRE* 2, p. 627) para que enviasse um guardião para o pequeno príncipe e se tornasse fiador na transmissão do poder. Esse papel foi desempenhado pelo eunuco Antioco (*PLRE* 2, p. 101-102), um persa e dito cristão devotado, que exerceu a influente função de *Praepositus sacri cubiculi* na Corte oriental durante a minoridade de Teodósio II, de 404-414 (GREATREX; BARDILL, 1996, p. 171-172; GREATREX, 2008, p. 85-87; BLOCKLEY, 2008b, p. 433-434).¹⁶

Essas estratégias revelam-nos um arranjo político-administrativo complexo que Teodósio II parece ter tido sucesso em manejar durante parte do seu governo. Isso porque, em nossa percepção, o imperador exerceu, em determinadas circunstâncias, o papel que o enquadrava na definição daquilo que entendemos ser um imperador romano na Antiguidade Tardia: o administrador de conflitos na diversidade. Dessa forma, não entendemos que os conflitos na Antiguidade Tardia se trataram de algo negativo que poderia vir a caracterizar a progressiva desestruturação do Império Romano. Ao que nos parece, a recorrência deles foi uma forma encontrada para dar vazão aos anseios de uma sociedade bastante diversificada. Esses conflitos tiveram mais visibilidade do que talvez em outros contextos porque a documentação que chegou até nós sobre o período esteve, em grande parte, relacionada às relações conflituosas no interior da hierarquia eclesiástica e que transbordavam para outras esferas da sociedade. Tais enfrentamentos denotam a existência de uma sociedade dinâmica e a emergência deles criava uma ocasião propícia para que os imperadores afirmassem a autoridade e o poder que detinham.

Como vimos, a imagem e as funções dos imperadores da Antiguidade Tardia foram sofrendo adequações na medida em que a sociedade romana se diversificava cada vez mais. Líderes de segmentos externos que antes lutavam contra o Império passaram, paulatinamente, a serem absorvidos na sociedade romana e na administração imperial. Essa diversidade requeria novas formas de gerenciar o poder político. Isso não significa endossar que as

¹⁶ Yazdegerd é referido nas fontes orientais com a alcunha de “o pecador”. Essas fontes provavelmente refletem o descontentamento com o controle que ele exerceu sobre o clero zoroastriano e sua tolerância em relação aos cristãos da Pérsia (BLOCKLEY, 2008b, p. 433).

funções do imperador foram esvaziadas, mas transformadas de modo a se adequar a novos desafios. O imperador ainda representava a autoridade máxima sobre a qual a unidade do Império repousava. Mas, dentro desse contexto complexo, inovações foram necessárias para acomodar novos atores políticos que eram incorporados à sociedade.

Além de não comandarem mais suas tropas, como indicamos acima, a partir do governo do imperador Valente, por exemplo, os imperadores passaram a delegar a administração judicial civil aos Prefeitos Pretorianos (Amiano, *Hist.*, XXX, 4, 2). Essas mudanças parecem remeter às transformações ligadas à emergência das novas formas de percepção do ofício imperial relacionadas ao pensamento político adjacente aos debates teológicos do período. Não se tratou de mera coincidência, como destaca Brown (2002, p. 97), a emergência da *Controvérsia Nestoriana* na mesma geração em que a Corte imperial tornou-se permanente em Constantinopla. A questão teológica estava subjacente na construção de um modelo de governante que contemplasse o equilíbrio entre proximidade e distanciamento de quem era o representante da divindade no mundo.

A leitura da documentação sobre a disputa teológica entre Cirilo e Nestório nos despertou a atenção nesse sentido. Ao acusar Nestório de separar a humanidade e a divindade na pessoa de Cristo, Cirilo o acusou de tornar a divindade ainda mais transcendente, distante da humanidade. Na opinião do bispo alexandrino, Nestório estaria construindo um Deus tão remoto como a figura de um monarca persa. Na quarta homilia que Cirilo pregou no Concílio de Éfeso I, em 431, ele expressou essa sua preocupação:

Você [Nestório] não foi persuadido por Paulo quando ele disse: ‘Mesmo se um anjo dos céus pregar ao contrário daquilo que pregamos que ele seja amaldiçoado’? Paulo não parou sua arrogância [de Nestório]. Mas Isaías, quando ele disse, ‘Observem, uma Virgem conceberá, e ela dará à luz um filho, e ele se chamará Emmanuel, que é interpretado Deus está conosco’? Ele [Isaías] não fez de outro modo. Pois você possui uma mente de terrível perversidade. Ouça ao menos os demônios que dizem: ‘O que você tem a ver conosco, Ó Filho de Deus? Você veio no princípio dos tempos para nos torturar?’ Que conselho você dá para esse inútil argumento? Quem trabalhou com você nessa inoportuna calamidade? ***Você [Nestório] não tem vergonha de comparar Deus a um rei persa?*** Você não tem vergonha de rejeitar as tradições dos Padres, dos evangelistas e dos profetas na intenção de dominar sobre todas as Igrejas; você não se lembra do que te levantou do monte estrume às alturas celestes e, concentrado nas criaturas, você não reconhece o Criador. [...] Mas imitando Beliar você pensa que pode convencer, pelas correntes do seu pensamento sem lei, um imperador afeiçoado da doutrina ortodoxa e adorador da consubstancial trindade, através da qual ele reina continuamente, esmaga os inimigos hostis, e através do qual reinam o coro das virgens perpétuas [irmãs imperiais] e ele restaura

a paz no mundo, - você pensa que pode fazer desse homem um apóstata com suas enganosas palavras (ACO, I, 1, 2, p. 103-104, destaque nosso).¹⁷

Com essa retórica contundente, Cirilo expõe um paradoxo na doutrina de Nestório. Para o bispo alexandrino, ao enfatizar a humanidade do Filho (Cristo), Nestório tornava ainda mais transcendente a porção divina representada pelo Pai. Analisando essa questão, Wessel (1999, p. 37) aponta que com essa refutação Cirilo teria construído uma imagem da Virgem Maria que serviu a fins políticos. Como portadora de um deus em que as porções divina e humana estavam unidas, a Virgem de Cirilo incorporava ao conjunto o Deus/Filho que Nestório relegava ao status de um Deus mundano. A partir dessa consideração e na perspectiva que o discurso cristão buscava estabelecer uma simetria entre a divindade com as funções do seu representante na terra – o imperador – deduz-se que, na prática, esse pensamento de Nestório poderia redundar em uma descentralização do governo imperial, como resultado do distanciamento do imperador dos negócios de governo, na medida em que ao postular um deus transcendente, ele afastava a divindade da humanidade (BROWN, 2002, p. 103).

É relevante indicar, conforme Ernst H. Kantorowicz (1998, p. 27-28), como essas definições serviram de base, mais tarde, para os juristas elisabetanos formularem a teologia política dos Dois Corpos do Rei a partir dos debates cristológicos sobre a natureza de Cristo, num período em que a preocupação era afirmar a centralização do poder real nos séculos finais do Medievo:

Em termos genéricos, é de grande interesse notar como, na Inglaterra quinhentista, através dos esforços dos juristas em definir eficaz e acuradamente os Dois Corpos do Rei [corpo natural e corpo político], todos os problemas cristológicos da Igreja antiga relativos às Duas Naturezas mais

¹⁷ ἄρα γὰρ οὐκ ἐπέισθης Παύλῳ λέγοντι κἄν ἄγγελος ἐξ οὐρανοῦ εὐαγγελίσηται παρ' ὃ εὐηγγελισάμεθα, ἀνάθεμα ἔστω; Παῦλος οὐκ ἔπαυσέ σου τὸ κενὸν φρόνημα ἀλλ' Ἡσαίας εἰπὼν ἰδοὺ ἡ παρθένος ἐν γαστρὶ ἔξει καὶ τέξεται υἱὸν καὶ καλέσουσι τὸ ὄνομα αὐτοῦ Ἐμμανουήλ, ὃ ἐστι μεθερμηνευόμενον μεθ' ἡμῶν ὁ θεός, οὐδ' αὐτός διάνοιαν γὰρ ἐκτίσω δεινῆς κακοφροσύνης. ἄκουσον κἄν τῶν δαιμόνων λεγόντων τί ἡμῖν καὶ σοί. υἱὲ τοῦ θεοῦ; ἦλθες πρὸ καιροῦ βασανίσαι ἡμᾶς. τίς δέ σοι τοῦτον τὸν εὐτελεῖ λογισμόν συνεβούλευσε κηρῦξαι; τίς ὁ συμπονήσας τῷ ἀκαίρῳ νοσήματι; οὐκ ἠιδέσθης θεὸν ἑξομοιωῶν Περσικῆν βασιλείαν; οὐκ ἐνετράπησ ἀθετεῖν βουλόμενος πατέπων καὶ εὐαγγελιστῶν καὶ προφητῶν παραδόσεις καὶ νομίσας ἄρχειν πασῶν τῶν ἐκκλησιῶν οὐκ ἐμνήσθης τοῦ ἀπὸ κοπρίας εἰς ὕψος οὐράνιον ἀναγαγόντος σε καὶ τοῖς ἔργοις προσέχων οὐκ ἐπέγνωσ τὸν δημιουργόν. [...] ἀλλὰ γε μὴ ζητούμενον πρὸ καιροῦ, Βελίαν μιμησάμενος ἐνόμισας σειραῖς τῶν σῶν ἀνόμων ἐνοιῶν πειθεῖν βασιλέα φίλον ὀρθοδοξίας καὶ προσκυνητὴν ὁμοουσίου τριάδος, δι' ἧς διηνεκῶς βασιλεύει, δι' ἧς ἔθνη τὰ πολέμια συνεντρίβη, δι' ἧς χορὸς ἀειπαρθένων βασιλεύει, δι' ἧς κόσμον ἐν εἰρήνῃ καθίστησι, τοῦτον λόγους σοῖς ἀπατηλοῖς ἐνόμισας ἀποστάτην γενέσθαι καὶ λαὸν θεοφιλεῖ πορθεῖν ἐβουλήθησ καὶ πατέρων πλῆθος εἰς ἀναπνοὴν τυγχάνοντας διέσκυλας.

uma vez foram atualizados e ressuscitados nos primórdios da monarquia absoluta. [...] O perigo de um nestorianismo da realeza foi certamente grande em todas as épocas. Pode-se dizer, contudo, que os juízes se empenhavam em evitar uma cisão dos dois corpos enfatizando continuamente sua unidade [a despeito da ortodoxia calcedoniana]. [...] Um toque de monofisismo [...] resultava da relativa indiferença à encarnação mortal ou individuação do corpo político [em relação ao corpo natural] (KANTOROWICZ, 1998, p. 28).

Pode-se inferir que esse discurso nestoriano, que se projetou a partir do período de maioridade de Teodósio II, casava-se bem com as pretensões de compartilhamento de poder da aristocracia de funcionários, já que durante a sua menoridade essa aristocracia havia participado ativamente das decisões de governo e estava inclinada a não abrir mão dessa perda de poder. Daí a necessidade, mesmo após a maioridade de Teodósio II, se continuar enfatizando os discursos de um imperador incompetente que era controlado pelos seus funcionários.

Cirilo foi persistente e bem sucedido no seu intento de associar Nestório à imagem daquele que foi considerado o arquétipo do herege naquele contexto, o presbítero Ário, que negava a divindade de Cristo. Pois, nessa perspectiva ariana que postulava um Cristo humano, a centralização do poder sagrado na figura do imperador ficaria ainda mais prejudicada¹⁸. E como iremos indicar logo adiante neste capítulo, a aristocracia militar no governo de Teodósio II era composta de vários generais arianos. Na mesma linha, Cirilo também associou Nestório ao bispo antioqueno Paulo de Samosata, que no século III d. C. havia sido acusado de adocionismo por pregar que Jesus era um mero homem. Para se ter a noção da sobreposição entre as esferas religiosa e política no período Paulo de Samosata, antes de se tornar bispo de Antioquia, fora funcionário e conselheiro na Corte da rainha Septímia Zenóbia, que entre os anos de 267-272 tentou estabelecer um reino independente de Roma na região de Palmira. (*PLRE* 1, p. 990-991). Embora de duração fugaz, além da região da Síria, o governo de Zenóbia estendeu sua influência para o sudeste da Arábia, Egito e Ásia Menor (*DRINKWATER*, 2005, p. 50). Essa vasta região viria a corresponder a uma considerável porção do que era o Império Romano do Oriente no século V d.C. Ou seja, já havia

¹⁸ Nota-se que a fragmentação do Império Romano do Ocidente inicia-se, paulatinamente, entre os séculos IV e V d.C., cujo objetivo era a autonomia em relação ao poder imperial através das alianças formadas entre as aristocracias locais e grupos bárbaros que culminaram no estabelecimento dos reinos romano-bárbaros (*FRIGHETTO*, 2012, p. 133-134). A formação da maior parte dessas novas unidades político-administrativas se deu sob as bases de projetos político-religiosos de orientação ariana, como os visigodos na península ibérica, os vândalos no norte da África, os francos na região da Gália e os ostrogodos na península itálica.

precedentes sobre os conflitos de que tal concepção ideológica acarretavam na unidade imperial.

Em nossa percepção, portanto, distanciar a divindade da humanidade correspondia, na prática, tentar alterar o lugar do imperador na topografia do poder. Como o poder não admite vácuo, entendemos, desse modo, que o espaço criado por esse distanciamento do imperador poderia ser ocupado pelos funcionários imperiais em funções que antes eram prerrogativas do governante, como aquelas que anteriormente foram sendo absorvidas na arena judicial e militar, que citamos anteriormente. Esses auxiliares diretos do imperador se engajariam em enfrentamentos para ocupar esse poder, delineando uma forma talvez semelhante ao que se dava na distribuição de poder na administração da Pérsia, onde o grau de centralização político-administrativa era menor do que aquela verificada no Império romano.¹⁹

Entretanto, não está explícito na documentação que Nestório e Cirilo tenham difundido seus pensamentos de forma deliberada com o propósito de alterar a configuração do poder imperial. Continuamos a entender que as suas preocupações eram teológicas, mas cujos resultados poderiam redundar em uma nova forma de se pensar as relações políticas e sociais daquele contexto que possibilitou esses modos de pensar. Sobre essa relação entre política e religião na Antiguidade Tardia, ou mesmo nos dias atuais, Elaine Pagels (1989, p. xxvii) percebeu que ideias religiosas não podem ser reduzidas a uma agenda política, mas que escolhas morais frequentemente são escolhas políticas e que “um ato de afirmação religiosa é sempre, em algum sentido, um ato prático e consequente”.

Portanto, era como se a teologia que Nestório representava erigisse um muro entre o humano e o divino, ao contrário do pensamento ciriliano onde essa fronteira era mais fluída e o movimento era de aproximação entre divindade e humanidade. Essa perspectiva ciriliana

¹⁹ Conforme tem destacado Ze'ev Rubin (2008, p. 651-654), o quadro de uma sociedade hierárquica bem ordenada, controlada e regulada por uma monarquia forte tem sido reavaliado pela historiografia em relação ao Império Persa na Antiguidade Tardia. No período da dinastia sassânida (224-651 d.C.) o controle do vasto império persa era exercido por um governo central, mas não uniformemente efetivo. Os soberanos sassânidas respeitavam os territórios assegurados pelos grandes senhores do reino, alguns dos quais pertenciam a linhagens cujas raízes alcançavam tão longe quanto o período parta (247 a.C.-224 d.C.). No século V d.C. os líderes daquelas linhagens admitiam apenas uma fidelidade nominal ao governo central e, desse modo, gozavam de certa autonomia nos seus domínios territoriais hereditários. Nesse sentido é que entendemos a alcunha de “Rei dos reis” que o soberano persa atribuía a si. Cabe ressaltar, ainda, que no campo religioso a teologia do Zoroastrismo, religião predominante na Pérsia do período, concebia a divindade de forma dualística, assim como na teologia de Nestório, que, por sua vez, possuía ascendência persa. Sebastian Brock (1995, p. 32) ainda nos indica que as perseguições empreendidas aos cristãos na Pérsia fizeram com que eles emigrassem para o Império Romano do Oriente em busca de segurança. Muitos deles se tornaram estudantes no que ficou conhecida como Escola Persa de Edessa antes de retornarem às suas origens em tempos mais calmos. A partir da década de 420, a cristologia ensinada nessa escola tomou uma característica notadamente diofisista impactada pelos escritos de Teodoro de Mopsuéstia, inspirador de Nestório.

redundava numa percepção de maior aproximação do imperador das questões do seu governo e, conseqüentemente, de fortalecimento do poder imperial. Teodósio II teve essa percepção e, como mostraremos no capítulo subsequente, somente apoiou Nestório para o episcopado da capital imperial porque esse bispo estava associado a funcionários com que o imperador necessitava negociar. Nestório tratou o caso simplesmente como uma traição do imperador a ele. Nada mais natural essa postura visto que no *Livro de Heraclides* ele está tentando fazer uma defesa da sua doutrina e uma tentativa de reabilitar a sua imagem de herético:

Nenhum deles estava sem objetivo, ninguém estava separado da comunhão; eu não falo somente dos cristãos, mas também dos pagãos. Eles buscaram persuadir todo o mundo daquilo que eles viam e se comparavam a anjos de luz. Para tudo aquilo eles haviam previsto: amolecer o espírito do imperador para que não fosse colocado em exame aquilo que foi pedido e pelo qual o concílio foi reunido. Como era oposto a seu pedido absurdo e imprudente [de Cirilo], pelo qual eles pediram que não fosse a julgamento, eles deram uma grande quantidade de bens àqueles que se aproximaram deles. Eu nada tive a acrescentar: o imperador deixou fazer na prática tudo ao contrário (Nestório, *Liber*, 374).²⁰

O trecho acima evidencia que Teodósio II estava inserido em uma rede de poderes paralelos. Tais forças tendiam a avançar sobre as prerrogativas do soberano, mas isso não significa endossar a perspectiva de que o imperador foi mais governado do que governou, conforme acredita Dirk Schlinkert (2002, p. 285-286). Teodósio II também parece ter operado no interior de uma estrutura paradoxal que, ao mesmo tempo em que proclamava um discurso que realçava seus atributos de governante e exaltava o seu poder, tendia a restringir a sua atuação. Essa situação requeria constantes negociações com as forças políticas que davam sustentação a esse quadro. Essa constatação ficará mais bem demonstrada no capítulo seguinte, momento em que aprofundaremos a análise das atuações de Teodósio II, no decorrer do conflito, a partir dos documentos de sua autoria, de autoria dos bispos e de funcionários imperiais.

Ao se analisar a natureza dos problemas relativos ao poder em determinada sociedade, a perspectiva historiográfica moderna concebe as culturas políticas como representações das normas e valores que caracterizam os agrupamentos políticos. Preconiza-se, para isso, situar o lugar e o momento onde os portadores dessas culturas estão inseridos como forma de melhor compreender a concepção de sociedade ideal de que são portadores (BERSTEIN, 1998, p.

²⁰ Nau, p. 240; Driver ; Hodgson, p. 271-272.

350-351). Nesse sentido, para entendermos a diversidade das redes de poderes que cercavam o imperador, e posteriormente, no Capítulo 3, oferecer uma leitura de como ele manejou e negociou essa realidade e em que medida também possa ter sido manejado por ela, é necessário que exploremos os espaços a partir dos quais esses poderes foram exercidos: a estrutura político-administrativa do Império Romano do Oriente, a Corte Imperial e a capital imperial, Constantinopla, na primeira metade do século V d.C.

2.3. A estrutura do poder imperial no Império Romano do Oriente na primeira metade do século V d.C.

Observando o Mapa 1 (APÊNDICE L)²¹ do Império Romano do Oriente, no século V d.C., verifica-se que a maior parte do seu vasto território fora constituído a partir das conquistas dos antigos reinos helenísticos, durante o processo de expansão romana iniciado no período republicano. Além da hibridização étnico-cultural decorrente dessas conquistas naquele período e também no decorrer do período imperial, a partir da Antiguidade Tardia, no que se refere ao Império oriental, podemos incorporar a esse amálgama, sobretudo, os povos germânicos, persas e armênios em vista da fluidez que caracterizou o estabelecimento das fronteiras imperiais em relação àqueles povos. Ademais, o livre trânsito entre os cidadãos romanos das diferentes partes do Império, mesmo após a divisão territorial nas porções ocidental e oriental, reforçou essa heterogeneidade. Claudia Moatti (2014, p. 150) observa através de dados epigráficos que, a partir do século II d.C., o Império Romano passou a ser visto como um espaço fluído onde as pessoas poderiam se deslocar livremente. Em virtude dessa mobilidade humana entre as diferentes regiões, pode-se constatar que as identidades individuais não eram pensadas em termos de exclusão, mas de acumulação. Os laços que os migrantes estabeleciam nas novas comunidades resultavam na justaposição de experiências que afetavam suas identidades, linguagem e práticas, inclusive aquelas relacionadas às experiências religiosas.

A emergência do Cristianismo, por sua vez, contribuiu nesse processo de interação etnocultural. Em especial, a partir do século IV d.C., o fenômeno do monasticismo, por

²¹ As representações cartográficas apresentadas como APÊNDICES L, M e N ao final da pesquisa foram elaboradas a partir dos subsídios fornecidos pelas listas de votações nos Concílios de Éfeso I e II (ACO, I, 1, 2, p. 55-64; ACO, I, 4, p. 37-38; ACO, II, 1, p. 194-195; JONES, 1937; BADEL; INGLEBERT, 2014).

exemplo, deslocou muitos indivíduos das mais remotas partes do Império para monastérios situados no Egito, na Síria, na Capadócia ou mesmo para a capital imperial do Oriente, Constantinopla.²² Some-se a isso os assentamentos de povos germânicos em território romano durante o governo de Teodósio I, através de negociações que incorporavam esses segmentos à estrutura imperial. Muitos desses indivíduos estabeleceram-se como agricultores ao sul do rio Danúbio, enquanto outros tantos serviram como fonte de recrutamento para o exército romano (ERRINGTON, 2006, p. 65).

O que podemos observar através de toda essa circularidade de indivíduos, perpassando por toda a história romana, foi a constituição de uma sociedade extremamente rica em diversidade. Nas famílias aristocráticas da Antiguidade Tardia, por exemplo, estabeleceram-se estratégias de poder através de laços matrimoniais mistos entre romanos e bárbaros que conciliavam interesses familiares e políticos. Nem mesmo as oposições religiosas colocavam interdições a esses casamentos (MATHISEN, 2012, p. 155). Dentre vários exemplos, a genealogia de Teodósio II, citada no capítulo anterior, é emblemática nessa questão. O avô materno do imperador era de origem germânica, o general franco Bauto (*PLRE* 1, p. 159-160), que fora *Magister militum* do Ocidente entre 380-385. Teodósio II, reconhecido como um pio imperador cristão, casou-se, por sua vez, com Athenais, a futura *Augusta* Eudócia, uma não cristã que era filha de um sofista ateniense (APÊNDICE O).

Essa grande diversidade foi um dos elementos que caracterizou o Império Romano por toda a sua história e nos parece que ela tenha se acentuado na Antiguidade Tardia. Um dos objetivos centrais de todo governo romano foi o de controlar e gerenciar essa diversidade (GUARINELLO, 2014, p. 141). Cabia, então, ao imperador exercer a complexa função de mediar e interagir com os agentes que representavam grupos diversos de indivíduos e que detinham poder na sociedade, como os funcionários imperiais, os comandantes militares, as elites senatoriais e as aristocracias provinciais e locais (BARCELÓ, 2011, p. 23-24). Essa tarefa nos parece de grande complexidade, sobretudo no que se refere ao gerenciamento da crise nestoriana, uma vez que as ideias, tanto de Cirilo quanto de Nestório, se ramificavam em vários níveis de gradação acerca da relação entre as naturezas divina e humana em Cristo. O sucessor das ideias cirilianas no conflito, o monge Eutiques, por exemplo, não reconhecia a

²² Papiros egípcios do início do século IV d.C. registravam a existência dos *monachoi*, que literalmente significava “pessoa solitária”. A complexidade que se revestiu o monasticismo cristão tem sido revelada através de pesquisas que indicam que os monges não preconizavam seguir um novo estilo de vida, mas viver os preceitos cristãos ao máximo. A extensão de suas práticas ascéticas não os diferenciava dos primeiros ascetas pagãos, judeus ou cristãos (LEYSER, 1999, p. 583-584).

consustancialidade da divindade de Cristo com a humanidade após o seu nascimento (NESTÓRIO, *Liber*, 465).²³

Nessa perspectiva, estudos recentes que buscam analisar a questão da identidade em escala individual têm demonstrado que os agentes sociais são portadores de identidades múltiplas. Conforme destaca Éric Rebillard (2014, p. 105), cristãos e não cristãos na Antiguidade Tardia dispunham de certo número de pertencimentos a compartilhar e, por vezes, não consideravam necessariamente seu pertencimento religioso como o mais importante na relação entre eles. Devemos considerar ainda que interesses políticos e materiais entravam como elementos variáveis na equação que resultava desses relacionamentos. Isso explica nos depararmos com determinados indivíduos como bispos e funcionários imperiais, ou mesmo o próprio imperador, agindo de forma diversa ao que proclamavam nos seus discursos e, desse modo, alternavam apoios entre as facções divergentes durante os eventos relacionados à *Controvérsia Nestoriana*:

Mas ele [Cirilo] me temia por causa do socorro que me dava o imperador. Diz-se que, na realidade, esse [imperador] me traiu bastante, que ele não me socorreu. Mas admitamos isso, o que impedia então que houvesse um julgamento sem o socorro do imperador? Ele já estava convencido que eu deixaria Constantinopla (Nestório, *Liber*, 391).²⁴

Isso pode ser mais verossímil em uma sociedade tão diversificada como a sociedade romana oriental. Não bastaria, portanto, identificar se determinado indivíduo era cristão, se pertencia a essa ou àquela corrente doutrinal, ou mesmo, se não era cristão. A tendência ou filiação religiosa, embora fatores presentes nas decisões, não eram determinantes nas tomadas de ações do imperador e dos funcionários imperiais que se envolveram na disputa, porque a controvérsia era política, religiosa e administrativa. Nesse sentido, para uma melhor compreensão da forma como agiram no decorrer do conflito necessitamos, previamente, entender como funcionava a estrutura de poder em que eles estavam inseridos e os interesses subjacentes que estavam em jogo além da questão teológica.

²³ Nau, p. 297; Driver; Hodgson, p. 338-339.

²⁴ Nau, p. 251; Driver; Hodgson, p. 283-284.

2.3.1. *As diversidades nas estruturas político-administrativas civil e militar do Império Romano do Oriente, na primeira metade do século V d.C.*²⁵

Muito se atribuiu ao processo de centralização e burocratização administrativa do Império Romano como uma das causas que teriam levado ao declínio e à corrupção das suas instituições. Ao contrário, entendemos esse fenômeno como uma forma de adaptação e acomodação encontrada pelos contemporâneos para fazer frente à crescente diversidade da sociedade romana na Antiguidade Tardia. A multiplicidade de cargos oferecidos na administração imperial ajudava no propósito de manter possíveis poderes concorrentes sob a proximidade e vigilância do poder imperial. Dentre essa multiplicidade, encontravam-se altos chefes da administração imperial, comandantes militares e membros influentes da casa imperial que eram absorvidos junto ao centro de poder e passavam a ser conhecidos coletivamente como *proximi*. Com o propósito de aproximar essas elites, Teodósio II, se compararmos com outros governantes antes e depois dele, foi o imperador que mais concedeu títulos, honrarias e promoções civis e militares a elas (LEE, 2013a, p. 104-105).

No que se refere à administração oriental, a *Notitia Dignitatum* – inventário da estrutura e organização da burocracia imperial definido em termos de insígnias e subordinação – relacionou uma imensa quantidade de cargos civis e militares alocados na capital imperial e nas províncias²⁶. Em vista dessa magnitude organizacional, necessitamos de antemão compreender a disposição e funcionamento dessa estrutura político-administrativa para, mais adiante, percebermos como ela condicionou a atuação de Teodósio II no conflito.

A geografia política do Império Romano na Antiguidade Tardia é fruto das reformas iniciadas durante o governo do imperador Diocleciano (284-305) e aprofundadas na gestão do imperador Constantino (306-337) (JONES, 1964, p. 565-566). Essa configuração não permaneceu estática, sendo que imperadores subsequentes operavam modificações nessa estrutura de acordo com os interesses políticos de cada governo. Na primeira metade do

²⁵ Dada a complexidade e extensão da burocracia imperial na Antiguidade Tardia, essa pesquisa não comporta uma análise detalhada de todo o funcionalismo. Indicaremos aqui aqueles quadros que julgamos essenciais para a compreensão do nosso objeto de trabalho. Sobre a estrutura imperial romana, para mais informações sugerimos consultar: JONES, 1964; LEE, 2013b; CAMERON; WARD-PERKINS; WHITBY, 2008a; CAMERON; GARNSEY, 2008b; DELMAIRE, 1989 e 1995.

²⁶ A *Notitia Dignitatum omnium tam ciuilium quam militarium in partibus Orientis et Occidentis* é um documento da Antiguidade Tardia (séculos IV e V d.C.) estruturado na forma de um meticuloso e exaustivo elenco da disposição burocrática civil e militar. As dignidades dos funcionários civis e militares são definidas em termos de insígnias e subordinações, muito mais do que em funções. No Império Romano do Oriente ela foi organizada refletindo as cerimônias imperiais em Constantinopla (NEIRA FALEIRO, 2005, p. 29; BARNISH; LEE; WHITBY, 2008, p. 176).

século V d.C., o Império Oriental estava dividido, na administração civil, em duas grandes regiões denominadas de Prefeituras Pretorianas: a do Oriente e a do Ilírico. Cada uma delas administrada por um Prefeito Pretoriano (*PPO*) que nesse período havia perdido as prerrogativas militares que outrora caracterizara a função do mesmo nome durante o Principado. Segundo destaca Inglebert (2015, p. 14-15), a criação dessas prefeituras regionais obedeceu a razões complexas que envolveram não somente questões de ordem administrativa, mas, também, de caráter defensivo relacionado às diferentes frentes militares e, sobretudo, acomodações políticas oriundas do período da tetrarquia e a partilha de poder entre os herdeiros do imperador Constantino. Pode-se perceber que o aumento da burocracia decorrente dessa nova configuração, ao mesmo tempo em que ensejava a centralização político-administrativa, absorvia, também, contingentes regionais dentro da administração imperial, contemplando, com isso, as expectativas de participação política das elites.

Os Prefeitos Pretorianos eram as maiores autoridades do Império depois do imperador e detinham responsabilidade global em matérias administrativas e judiciais. Através dos departamentos que dirigiam, eles controlavam a cobrança de impostos para financiar o trabalho público imperial, a administração, os salários e materiais para o exército e, ainda, a garantia do suprimento de grãos para a capital do Império. O posto de Prefeito Urbano de Constantinopla (*PVC*) estava igualado aos postos dos prefeitos pretorianos, mas a atuação do seu titular estava restrita a controlar as relações administrativas, financeiras e judiciais da capital imperial (KELLY, 2008, p. 167; PIGANIOL, 1972, p. 358).

A maior parte das leis era endereçada aos prefeitos. Eles eram responsáveis por emitir os éditos que colocariam em prática as determinações imperiais. Contudo, antes de provocarem os efeitos desejados, essas determinações percorriam a extensa cadeia de comando que caracterizava a burocracia imperial e, com isso, poderiam sofrer interferências de escalões inferiores na sua aplicação. Na tentativa de destruir os escritos e coibir as ações dos nestorianos após as negociações que resultaram na *Fórmula da Reunião*, em 433, Teodósio II endereçou uma lei aos Prefeitos Pretorianos que, apesar da ênfase na redação, não resultou nem na eliminação da facção nestoriana nem na circulação de suas ideias:

Flávio Antêmio Isidoro, Flávio Basso²⁷ e Flávio Simplício Regino, prefeitos, editam. [...] [os imperadores ordenam] que aqueles que tenham adulterado as doutrinas da fé que pensem melhor e finalmente cessem de fazer e não se reúnam em nenhum lugar e nem façam de nenhuma de suas propriedades um

²⁷ Flávio Basso foi *PPO Italiae* de 426 e 435 (*PLRE* 2, p. 220-221).

meio de impiedade para os outros, nem na cidade nem próximo dela, em uma palavra, que nenhuma parte da terra seja acessível para tais reuniões. Quanto àqueles que se apegam às obras dementes de Nestório e que possuem seus livros como meio de induzir ao erro, [os imperadores] têm misericórdia, em vez de castigar, mas lhes ordenam levar ao fogo e os destruir. (ACO, I, 1, 3, p. 69-70).²⁸

Essa dificuldade na aplicação da lei decorria, portanto, da heterogeneidade de interesses intermediários que se interpunham à intenção original que ela trazia. Isso pode ser visualizado através da amostra abaixo referente aos indivíduos que foram prefeitos pretorianos durante o governo de Teodósio II. A identificação deles e a rede de relacionamentos que mantinham podem ser rastreadas através de elementos onomásticos²⁹ (LANIADO, 2012, p. 33) e pelos documentos escritos quando no exercício de suas funções, cujos conteúdos por eles escritos podem trazer, inclusive, indicações sobre suas inclinações e possíveis apoios entre as facções em conflito³⁰ (HONORÉ, 2010, p. 72):

Quadro 2 – Amostra de Prefeitos Pretorianos no governo de Teodósio II.

NOMES	FUNÇÃO	PERÍODO	APOIO	ORIGEM	PLRE 2 (página)
Antêmio 1	PPO Oriente	405-414	Cristão -	Egito	93-95
Gésio 2	PPO Ilírico	421	Não cristão? (irmão Eudócia)	Macedônia	510-511
Flávio Florêncio 7	PVC PPO/Ilir.? PPO/Or.	422 428-429 438-439	Cristão Nestório	Síria	478-480
Asclepiodoto 1	PPO Oriente	423-425	Simpatizante de judeus e pagãos	-	164-168

²⁸ Φλαύιος Ἀνθέμιος Ἰσίδωρος, Φλαύιος Βάσσος, καὶ Φλαύιος Σιμπλίκιος Ῥηγῖνος οἱ ἑπαρχοὶ λέγουσιν [...] τοὺς μὲν παραχαράττοντας τὰ τῆς πίστεως δόγματα προστάττουσιν ἡσυχάζειν τε τοῦ λοιποῦ καὶ μεταβουλεύσασθαι κάλλιον καὶ μήτε αὐτοὺς εἰς τινα τόπον συνιέναι μήτε ἑτέροις στάδιον ἀσεβείας ἀποδεικνύναι τι τῶν αὐτοῖς διαφερόντων χωρίων ἢ ἐν ἅσπει ὄν ἢ ἀπωικισμένον ἢ πλησιάζον πόλει ἢ ἀπλῶς δ' ἄβατον εἶναι τοιαύτης συνόδου πᾶσαν τὴν γῆν τοὺς δὲ γε ταῖς φρενοβλαβέσι συνθέσειν Νεστορίου τιθεμένους καὶ ἐφόδια τῆς φλάνης τὰς βίβλους ἔχοντας αὐτοῦ οἰκτεῖραντες μᾶλλον ἢ τιμωρησάμενοι προαγγέλλουσιν ἐκεῖνά τε πυρὶ παραδιδόναι καὶ ἀφανίζειν.

²⁹ A formação dos nomes dos dignitários protobizantinos é diversificada. Contudo, observam-se duas regras, não necessariamente obrigatórias: 1) o último elemento é o nome diacrítico, aquele que distingue o indivíduo; 2) o nome diacrítico é precedido por vários nomes, sendo que o primeiro é o gentílico imperial *Flavius*. A composição dessa polinomia pode fornecer informações prosopográficas de parentesco, de afinidade, do local de origem, de etnia ou, até mesmo, de devoção religiosa (LANIADO, 2012, p. 27-50).

³⁰ Os funcionários imperiais não se identificavam como pertencentes a essa ou aquela facção religiosa. Essa indicação de filiação ou alinhamento político-religioso na coluna “apoio” é sugerida pela percepção que extraímos da atuação deles na documentação (citações na documentação e troca de cartas) e através dos dados prosopográficos.

Flávio Antêmio Isidoro 9	<i>PPO/Ilir.</i> <i>PPO/Or.</i>	424 435-436	Cristão Cirilo	Egito	631-633
Flávio Tauro Seleuco Ciro 7	<i>PVC</i> <i>PPO/Or.</i>	426 439-441	Cristão, acusado de paganismo Nestório	Egito	336-339
Antioco 7 (Chuzon I)	<i>PPO</i> Oriente	430-431	Cristão Nestório	Síria/ Antioquia	103-104
Rufino 8	<i>PPO</i> Oriente	431-432	Cristão Nestório?	Parente do imperador	953
Flávio Simplício Regino	<i>PPO</i> Oriente	433-434 445	Cristão Cirilo	-	1056
Eubulo	<i>PPO</i> Ilírico	436	Não cristão -	-	403
Antioco 10 (Chuzon II)	<i>PPO</i> Oriente	448	Cristão Nestório	Síria/ Antioquia	104
Hormisda	<i>PPO/Ilir.</i> <i>PPO/Or.</i>	448 450	Cristão -	Descend. persa	571

Fonte: *PLRE 2*

O quadro acima nos demonstra a existência de poderes regionais alternando a posição de Prefeito Pretoriano no Império do Oriente, tanto na Prefeitura do Oriente quanto na Prefeitura do Ilírico. Essa rotatividade nos parece que permitiu a Teodósio II manter afastada a possibilidade de permanência de facções fortes em um posto chave que pudesse colocar em risco a sua posição de imperador. Entendemos que as rivalidades entre Alexandria e Antioquia não estavam restritas ao problema teológico entre Cirilo e Nestório. As disputas em torno de ideias são expressões dos interesses de grupos que se defrontam (RÉMOND, 2003, p. 18). Nesse sentido, pode-se perceber, através da troca de cartas, a existência de redes de solidariedade entre esses funcionários e membros da hierarquia eclesiástica. O bispo nestoriano Teodoreto de Ciro, apoiador de Nestório, escreveu diversas correspondências³¹ para funcionários imperiais solicitando demandas diversas como a remissão de taxas devidas pelos habitantes de sua província, o apoio para indicação de aliados ao episcopado, bem como a intercessão desses funcionários em favor de si próprio por ocasião da sua deposição do episcopado, em 449. Dentre seus correspondentes estão os prefeitos Antioco 7 (Chuzon I) (*PLRE 2*, p. 103-104) e Flávio Florêncio (*PLRE 2*, p. 478-480). Por sua vez, o bispo Firmo de Cesareia, um notório apoiador de Cirilo, escreveu para o egípcio Flávio Antêmio Isidoro 9

³¹ Dentre a vasta correspondência epistolar desse bispo de Teodoreto que chegou aos nossos dias, citamos cartas aos funcionários: Ariobindas (carta 23), Neão (carta 18, governador da Eufратensis), Teodoro (carta 40, vicário), Anatólio (cartas 45, 79, 92, 111, 119, 121 e 138), Nomo (cartas 58, 81 e 96), Zenão (cartas 65 e 71), Tauro (carta 88), Florêncio (carta 89), Antioco (carta 95), Protógenes (carta 94) e Aspar (carta 139).

(*PLRE* 2, p. 631-633) tratando-o como “aliado e campeão da Igreja”. A rotatividade na função de Prefeito Pretoriano durante a controvérsia parece ter sido condicionada pelo desenrolar do conflito. O sírio Antioco 7, que tudo leva a crer que era um simpatizante da teologia nestoriana (HONORÉ, 2010, p. 87), foi substituído na sequência dos acontecimentos do Concílio de Éfeso I, que depôs Nestório, pelo *PPO* Rufino 8 que era ligado a Teodósio II por laços de parentesco e pode ter recebido essa indicação para reforçar a lealdade ao cumprimento das determinações do imperador.

Como já indicamos, muitas famílias de funcionários imperiais asseguraram postos na administração imperial por muitas gerações. O *PPO* Antêmio 1 era neto de Flávio Filipo (*PLRE* 1, p. 696-697), que fora prefeito pretoriano do imperador Constâncio II (337-361). Ele também era pai de Flávio Antêmio Isidoro, *PPO* do Ilírico (424) e do Oriente (435-436), avô do lado materno do imperador do Ocidente Antêmio 3 (*PLRE* 2, p. 96-98), de 467-472, e sogro do *MVM per Orientem* Procópio 2 (*PLRE* 2, p. 920), que, por sua vez, foi pai do imperador do Ocidente Antêmio 3. Antioco 7 (Chuzon I) era avô de Antioco 10 (Chuzon II). Flávio Tauro Seleuco Ciro 7 também era neto de Flávio Tauro 4 (*PLRE* 1, p. 879-880), *PPO* do imperador Constâncio II, entre 355-361. Conforme destaca Harries (2013, p. 76), pouco faltava para que um desses indivíduos se aventurasse na usurpação do poder imperial em decorrência das redes de alianças e tradição familiar que detinham. Daí entendermos que o imperador Teodósio II, ao contrário de possuir pouca habilidade política, buscou negociar com facções, dentro da liberdade de manobra que lhe era possível, nesse ambiente imerso em conflitos de interesses regionais, que poderia se tornar instável em vista das ambições pessoais e familiares.

Dentre os Prefeitos Pretorianos, do Oriente e do Ilírico, e Prefeitos Urbanos de Constantinopla, identificamos que dez deles também ocuparam o posto de Cônsul: Antêmio 1; Antioco 7 (Chuzon I), Asclepiodoto 1, Flávio Florêncio 7, Flávio Tauro 4, Flávio Eustáquio 12 (*PLRE* 2, p. 436), Hiério (*PLRE* 2, p. 557), Flávio Antêmio Isidoro 9, Flávio Monácio (*PLRE* 2, p. 764-765), Flávio Florêncio Romano Protógenes (*PLRE* 2, p. 927). O consulado nesse período foi uma distinção de honra, prestígio e proeminência, uma vez que esses indivíduos, em número de dois por ano, tinham seus nomes inscritos nas leis e eram responsáveis por organizar os jogos urbanos em Constantinopla (JONES, 1964, p. 537). Flávio Tauro Seleuco Ciro 7, por exemplo, parece ter angariado tanta popularidade que Teodósio II o excluiu da administração e, em seguida, ele veio a se tornar bispo de Cotyaeum, na Frígia, em 443 (*PLRE* 2, p. 336-339). Identificamos quatro deles como também tendo obtido o título de *Patricius*, a quem o imperador queria conceder privilégios e prestígio acima

dos cônsules. A função embora pareça ser decorativa, era revestida de um profundo significado simbólico. Eles portavam uma túnica que os distinguiu dos demais e eram considerados como um pai que o imperador escolhera para si (PIGANIOL, 1972, p. 346-347). Figurava nessa posição Antêmio 1, Antioco 10 (Chuzon II), Flávio Florêncio Romano Protógenes e Flávio Tauro 4. Aqui, percebe-se a estratégia de cooptar essas grandes famílias com cargos e prestígio como forma de garantir a lealdade delas.

Além do prestígio e poder que os Prefeitos Pretorianos dispunham, pois também recebiam o título de *illustres*,³² eles indicavam os funcionários que iriam ocupar os escalões inferiores na malha administrativa, embora a escolha requeresse a chancela do imperador (KELLY, 2008, p. 151). Abaixo da hierarquia dos Prefeitos Pretorianos estavam os vicários (delegados dos Prefeitos Pretorianos), que eram os administradores das dioceses. A Prefeitura Pretoriana do Oriente era dividida nas dioceses da Trácia, Asiana, Pôntica, *Oriens* e Egito. A Prefeitura Pretoriana do Ilírico era composta pelas dioceses da Dácia e da Macedônia. Essas divisões obedeciam a lógicas estratégicas de acomodação política e defensiva (INGLEBERT, 2015, p. 15).

Cada uma dessas dioceses era subdividida em províncias administradas pelos governadores provinciais, que eram os funcionários civis encarregados da justiça e coleta de impostos na sua jurisdição. Pela mesma lógica das dioceses, províncias poderiam ser desmembradas ou anexadas a outras em função do equilíbrio político. Existia uma hierarquia entre esses governadores, dependendo a quem eles deveriam responder sobre suas atividades: *proconsules*, *consulares*, *correctores* e *praeses*. Os *proconsules* (no Oriente, províncias da Ásia e Acaia), por exemplo, não respondiam nem aos vicários nem os Prefeitos pretorianos, mas se reportavam diretamente ao imperador, em nome de quem eles julgavam (PIGANIOL, 1972, p. 350-351). Isso nos esclarece a preocupação de Cirilo de Alexandria em não ser julgado por um tribunal asiático em Éfeso, capital da província da Ásia (BERARDINO, 1990, p. 821), em decorrência dos problemas que poderiam ocorrer durante o Concílio de Éfeso, o que indica que ele já estava preparado para isso. Nesse caso, a carta escrita por Cirilo, logo que chegou a Éfeso, ao monge egípcio Vítor, parece indicar que ele não teria direito a apelação da pena que por ventura lhe fosse imposta por um governador que, provavelmente, poderia ser aliado de Nestório:

³² De acordo com Roland Delmaire (1995, 14-15), em 372 a hierarquia dos senadores, em virtude dos cargos exercidos, era composta, em ordem decrescente, por: *illustres*, *spectabilis* e *clarissimus*. Abaixo deles encontravam-se os antigos cavaleiros oriundos da ordem equestre que eram classificados de *perfectissimus*. Portanto, os prefeitos pretorianos, bem como outros funcionários que recebiam essas distinções eram oriundos da ordem senatorial.

Se Deus quiser, depois da santa festa [Páscoa] devemos seguir de Alexandria para Éfeso. Mas a sua piedade, que ultrapassa a nossa, pode, entretanto, ficar em guarda em outros lugares, uma vez que alguns desejam enganar-nos, ou melhor, [...] desejam levar petições ante o pio imperador, no sentido de que sejam ouvidos no Concílio, ou, ainda, pelo grande prefeito, pelo trono ou pelo governador da província. Em resumo, todos aqueles [nestorianos] buscam meios de se colocarem como perturbadores dos propósitos do Concílio. Portanto, vigie e tome cuidado para que, se vier acontecer dessa forma, advirta-os que os ensinamentos da fé devem permanecer firmes acima de tudo e, depois, se eles desejarem denunciar um bispo ou clérigo, estes devem ser julgados no Concílio ou em Constantinopla. ***Pois, não desejamos ser ouvidos pelos governantes em Éfeso, nem por um tribunal de justiça asiático, sob pena de sermos oprimidos por muitas dificuldades em campo estrangeiro*** (Cirilo, *Ep.* 107, destaque nosso).³³

Ainda na primeira metade do século V d.C., as cidades que compunham as províncias eram as unidades básicas da administração imperial. O papel administrativo delas era fundamental na estrutura de poder em vista da alta demanda de tributação imperial requerida para sustentar a burocracia civil e militar do Império. Elas eram geridas por um conselho formado pela aristocracia local denominado *boulé*. Os membros desse conselho em função do status que desfrutavam na sociedade e pela busca por prestígio e reconhecimento tinham, em contrapartida, de prover suas cidades com monumentos públicos, comodidades e entretenimento que criassem o ambiente adequado para o mundo que se pensava ser civilizado e que fora herdado da tradição política grega. (WARD-PERKINS, 2008, p. 375-378). Mesmo os funcionários que já pertenciam aos altos escalões da administração imperial, civis e militares, angariavam prestígio ao proverem benfeitorias para as suas localidades de origem ou nas quais viviam. Várias inscrições em monumentos registraram esses atos de munificência por parte de Prefeitos pretorianos, e também por muitos outros funcionários dos escalões superiores, como os *PPOs* do Oriente Antioco 6 (Chuzon I) que reconstruiu os muros de Antioquia (*PLRE* 2, p. 103-104), Flávio Tauro Seleuco Ciro 7 que proveu a cidade de Constantinopla com iluminação nas ruas (*PLRE* 2, p. 336-339). Isso nos indica que o vínculo que os funcionários imperiais estabeleceram, seja com cirilianos ou nestorianos, extrapolava aos interesses puramente religiosos, mas estavam, também, relacionados ao próprio gerenciamento dos interesses das suas comunidades de origem.

³³ Essa carta não se encontra incluída na obra *Acta Conciliorum Oecumenicorum*, mas foi preservada em fragmentos em idioma copta. A tradução dela por McEnerney foi feita com base em Kraatz, *Koptische Akten*, 5-6 (McENERNEY, 1987b, p. 170, nota 1).

As cidades que eram capitais de províncias eram denominadas de metrópoles, pois se distinguiam das demais por sua importância cultural, militar, econômica e político-religiosa (SILVA, E. C. M., 2012, p. 105). Havia uma concorrência entre elas para se estabelecerem e se manterem nessa condição. Os imperadores operavam com essas rivalidades em todos os níveis da administração, seja promovendo ou rebaixando o status de cidades, dividindo províncias ou dioceses quando queriam favorecer ou desprestigiar determinado grupo político que poderia se formar pela associação de funcionários imperiais e membros da hierarquia eclesiástica (BAYNES, 1926, p. 146-147; JONES, 1964, p. 373).

Além dos Prefeitos pretorianos e o Prefeito urbano de Constantinopla (*illustres*) que por força das suas altas atribuições gozavam de proximidade com o imperador, a hierarquia de funcionários do palácio imperial contemplava quatro ministros (*spectabilis*) que estavam na chefia do pessoal civil e militar que serviam ao palácio imperial: o *Magister Officiorum* (MO), o *Quaestor Sacri Palatii* (QSP) e os dois ministros financeiros, o *Comes Rei Privatae* (CRP) e o *Comes Sacrarum Largitionum* (CSL) (DELMAIRE, 1995, p. 13-15).

O *Magister Officiorum* era o chefe da administração do palácio. Ele supervisionava o secretariado (*scrinia*) que lidava com petições, relatórios, pedidos de embaixadas, traduções e a emissão de cartas de nomeações dos funcionários de baixo escalão (*probatoriae*). O *Magister* também era responsável, porém não de forma exclusiva, pelo sistema de correio imperial (*cursus publicus*), pela guarda do palácio (*scholae*), pela fábrica de armas (*fabricae*) e pelos *agentes in rebus*, que eram encorajados a coletar informações sobre as atividades dos outros departamentos administrativos.

Os *agentes in rebus* compartilhavam essas atividades com os *notarii*, corpo de servidores, principalmente escrivães e taquígrafos, que funcionavam como um secretariado imperial independente, ou seja, não vinculados ao *Magister Officiorum*. O corpo de notários era liderado pelo *Primicerius Notariorum* e compreendia diversas categorias. No Oriente, ao final do século IV d.C., o título de tribuno e notário equivalia ao ranking de *Comes Orientis* (vicário da diocese do Oriente) e *Praefectus Augustalis* (vicário da diocese do Egito). Esses dois grupos de funcionários, *agentes in rebus* e *notarii*, acompanhavam matérias administrativas, diplomáticas, eclesiásticas e militares (KELLY, 2008, p. 159-165). Para se mensurar a amplitude dessa estrutura, Kelly aponta em torno de 1.200 *agentes in rebus* em serviço, de acordo com uma lei, de 16 de abril de 430, assinada por Teodósio II.

Essa sobreposição de funções entre funcionários de diferentes departamentos permitia ao imperador alternar os canais de informação e comando. Essa estratégia assegurava uma maior supervisão e controle dos funcionários nos diversos níveis da administração imperial,

inclusive nas questões eclesiásticas, como se pode observar pela alternância de funcionários destacados pelo imperador para atuar na controvérsia. Durante o impasse que se seguiu no decorrer do Concílio de Éfeso, em 431, Teodósio II substituiu o *comes* Flávio Candidiano (*PLRE 2*, p. 257-258), identificado como um apoiador de Nestório, pelo *comes* João 12 (*PLRE 2*, p. 596), que, pela atuação nas negociações que se seguiram ao Concílio, indica que tenha atuado ao lado de Cirilo. João ocupava o posto de *Comes Sacrarum Largitionum (CSL)* naquele momento e, em seguida, no mesmo ano, assumiu o posto de *Magister Officiorum (MO)*. Seu apoio a Cirilo se deu pela junção de convicções religiosas com o recebimento de suborno em vista da posição que ocupava. O relato de Nestório nos é sugestivo dessa estratégia do imperador de alternar funcionários na condução do conflito, sobretudo o revezamento entre simpatizantes de Cirilo e de Nestório:

Quando o *comes* João, que era encarregado do tesouro público, foi enviado a Éfeso, pensava-se que ele estava vindo para que Cirilo e eu pudéssemos falar um com o outro. Todo o concílio estava reunido e era uma coisa que não se podia doravante recusar. Tudo aquilo apavorou e deixou estupefatos os outros [cirilianos], tão grande foi o medo e o terror deles de falar comigo e de ter um julgamento sobre as coisas controversas. Entretanto, isso [o encontro] não aconteceu, pois esse que é amado dos homens [Cirilo] havia chegado à casa dele [Alexandria]: isso que foi contado, por conseguinte, como um barulho; ao fim, aquele [Cirilo] que revelava as coisas escondidas as revelou e trouxe à luz e fez conhecer à vista de todos. Durante sua vida ele se cobriu de vergonha e após sua morte ele foi convencido; assim como aquele que vendeu a verdade, quero dizer João, como aquele que vendeu mais do que ele, quero dizer Cirilo, quando o ouro da iniquidade foi exigido (Nestório, *Liber*, 385).³⁴

Outro funcionário bastante atuante após o encerramento do Concílio de Éfeso I foi o tribuno e notário Aristolau (*PLRE 2*, p. 146), que foi encarregado pelo imperador de mediar o acordo que ficou conhecido como *Fórmula da Reunião*, alcançado em 433. A estratégia parece aqui se repetir, pois ao que as evidências nos indicam Aristolau teria participado do lado de Cirilo, mas o imperador encarregou, também, o decano bispo oriental Acácio de Bereia (APÊNDICE J), partidário de Nestório, para acompanhar o notário nas negociações:

Não é completamente adequado, uma vez que a paz foi feita, que enviemos cartas àqueles que estão destacadamente acima dos outros mais santos bispos em todos os lugares, porque eles também, por estarem de acordo, podem

³⁴ Nau, p. 247-248; Driver ; Hodgson, p. 278-279.

restaurar a comunhão com eles? Finalmente, quem haveria de convencê-los se algo deveria ser feito diferente do que é agradável a todos, e que todos tem perseverado, da necessidade de considerar Nestório deposto e seus ensinamentos mais escandalosos anatematizados, ou melhor, seus absurdos contra Cristo, o Salvador de todos nós? Mas quando eu estava dominado pela tristeza e insuportavelmente ofendido pelo que foi feito contra mim pelos bispos orientais, longe do clero de Alexandria e de todos os mais tementes em Deus bispos da diocese do Egito, meu mais admirável senhor, o tribuno Aristolau, mitigou a minha tristeza e criou uma maneira muito fácil de fazer a paz e todos vieram ao desejo disso. E eu confesso que sou um devedor de sua excelência, porque ele é cooperativo comigo em todas as coisas e pelo seu plano competente removeu o que me entristecia (Cirilo a Acácio de Bereia, *ACO*, I, 1, 1, p. 147-150).³⁵

No quadro abaixo, tentamos identificar alguns *Magistri Officiorum* que serviram durante o governo de Teodósio II e a posição que assumiram em relação ao conflito entre Cirilo e Nestório.

Quadro 3 - Amostra dos *Magistri Officiorum* no governo de Teodósio II.

NOMES	PERÍODO	APOIO	ORIGEM	PLRE 2 (página)
Hélio 1	414-427	-	-	533
Flaviano 1	430	-	Trácia	473
Paulino 8	430	Cristão Nestório?	-	846-847
João 12 ³⁶	431-433	Cristão Cirilo	-	596
Valério 6	435	Não cristão?	Acaia? (irmão de Eudócia)	1145
Flegécio 1	441	-	-	880
Nomo 1	443-446	Cristão Cirilo	-	785-786
Lupicínio 2	448	Cristão Nestório?	-	693

³⁵ [...] εἴτα τίς ὁ ἀναπεῖθων αὐτούς, εἴ τι γένοιτο παρὰ τὸ πᾶσι δοκοῦν καὶ τὴν εἰς τοῦτο παρὰ πάντων ἔνστασιον εἰς τὸ χρῆναι καθηρημένον ἔχειν Νεστόριον ἀναθεματίσαι τε τὴν ἐκτοπωτάτην αὐτοῦ διδασκαλίαν, μᾶλλον δὲ φλυαρίαν κατὰ τοῦ πάντων ἡμῶν σωτῆρος Χριστοῦ; λυπουμένους δὲ σφόδρα καὶ ἀφορήτως ἔχοντας διὰ τὰ κατ' ἐμοῦ πεπραγμένα παρὰ τῶν ἐκ τῆς τε ἀπὸ τοῦ κλήρου τῆς Ἀλεξανδρείας, καὶ πάντας δὲ τοὺς κατὰ τὴν Αἰγυπτιακὴν διοίκησιν θεοσεβεστάτους κατεπράνουν οὕτως ὁ κύριός μου ὁ θαυμασιώτατος τριβούνος Ἀριστόλαος, ὥστε μοι καὶ λειοτάτην ἀπεργάσασθαι τὴν εἰς τὴν εἰρήνον ὁδὸν καὶ εἰς τοῦτο γνώμης ἐλθεῖν ἅπαντας, καὶ πλείστην ὅσιν ὁμολογῶ τῇ θαυμασιότητι αὐτοῦ τὴν χάριν, συνεργασαμένωι πρὸς ἅπαντα καὶ τοῖς καθήκουσι λογισμοῖς ἀφανίσαντι τὸ λυποῦν.

³⁶ Também foi *Comes Rei Privatae*, de 426 a 429 e *Comes Sacrarum Largitionum*, entre 429 e 30 de maio de 431 (*PLRE 2*, p. 596).

Flávio Ariobindo Marcial	449	Cristão ariano Nestório	Germânico	729
-----------------------------	-----	----------------------------	-----------	-----

Fonte: *PLRE 2*

Embora os dados sobre esse grupo de funcionários sejam escassos, algumas considerações podem ser feitas em relação à diversidade que o compunha. Além de João 12 que pela atuação durante o Concílio de Éfeso em 431 nos leva a crer ter atuado ao lado de Cirilo e daqueles que o sucederam nas suas ideias, outros dois *Magistri* são sugestivos de terem seguido na mesma linha. Nomo 1 (*PLRE 2*, p. 785-786), juntamente com o cubiculario Crisáfio (*PLRE 2*, p. 295-297), apoiou o monge Eutiques durante o Concílio de Éfeso II, em 449. Eutiques havia, naquele momento, aprofundado as ideias de Cirilo.

Interessante notar a trajetória de Eusébio 15 (*PLRE 2*, p. 430-431) no transcorrer do conflito. Antes de se tornar bispo da cidade de Dorileia, ele foi *agente in rebus* na administração oriental, de 428-429. Nessa condição, ele se tornou famoso como porta-voz dos cirilianos ao acusar Nestório por este negar o uso do termo *Theotokos*, aplicado à Virgem Maria. Depois, já como bispo, ele se tornou acusador de Eutiques, em 448, em virtude de o monge ter radicalizado as ideias de Cirilo. Sua postura nos indica a fluidez dos posicionamentos dos atores no conflito de acordo com as circunstâncias políticas do momento. Por apoiar o bispo Flaviano de Constantinopla, ele foi condenado no Concílio de Éfeso II, em 449, mas, depois, foi reabilitado no Concílio de Calcedônia, em 451.

O quadro dos *Magistri Officiorum* também nos revela as redes familiares e de amizades que se formavam para assegurar lealdade ao regime instituído. Valério 6 (*PLRE 2*, p. 1145), cônsul em 432 e *MO* em 435, era irmão da imperatriz Eudócia, que não era cristã antes de se casar com Teodósio II. Há possibilidades que ele possa ter permanecido nessa condição de não cristão mesmo após fazer parte da administração imperial. Os exemplos de outros tantos funcionários não cristãos na administração de Teodósio II nos indicam que essa diversidade seria benéfica para se evitar a ascensão de poderes concorrentes com força para ameaçar a posição do imperador. Paulino 8 (*PLRE 2*, p. 846-847) foi amigo de infância e cresceu junto com Teodósio II. Teria sido ele quem, juntamente com a Augusta Pulquéria, apresentou Eudócia para se casar com o imperador. A família de Eudócia era proveniente de Atenas, situada na província de Acaia, diocese do Ilírico. Essa diocese permaneceu, conforme discutiremos mais adiante, como área de disputa entre a hierarquia eclesiástica oriental e ocidental após a divisão do Império. O casamento pode ter servido ao objetivo de selar aliança com uma família influente naquela região e assegurar o domínio dela pelo Oriente. Os

interesses que essas ligações contrariavam podem ser vislumbrados nas intrigas que esses personagens foram alvos na Corte, em Constantinopla. Nestório percebeu esses acontecimentos relacionados à família imperial como se fosse um castigo divino em resposta ao apoio de Teodósio II à teologia de Cirilo:

Mas, desde que você me culpa por não dizer claramente o que se passou, ó chefe dos santos, Sofrônio, escuta isso também que você sabe através de outros, e tome testemunho da verdade que será dita: no momento em que, como você já sabe, você vê que a morte raptou a filha do imperador [provavelmente, Flacila, que morreu em 431] e, após isso, daquele demônio [Paulino], príncipe do adultério, que jogou a imperatriz no opróbrio e na vergonha. (Nestório, *Liber*, 520).³⁷

Em 433, Paulino teria sido executado por Teodósio II ao ser acusado de ser amante da imperatriz Eudócia. Contudo, outras versões indicam que Paulino teria cometido adultério não com Eudócia, mas com a Augusta Pulquéria (*PLRE* 2, p. 847). Esses rumores talvez não passassem de boatos, mas indicam que todas as estratégias eram utilizadas na luta pelo poder de se estabelecer espaço político na administração imperial. Essa situação certamente causou graves danos à imagem da família imperial, cujo símbolo de devoção e piedade era um dos alicerces em que se ancorava a legitimidade do regime. Não é de surpreender que essa acusação de adultério de Eudócia tenha surgido após emissão de um Édito imperial que colocava várias restrições para que os nestorianos se reunirem (*ACO*, I, 3, p. 182-183).

Outra categoria que compunha o núcleo da administração imperial durante o governo de Teodósio II, e nos ajuda a vislumbrar a diversidade dos seus membros são os funcionários designados como *Quaestores Sacri Palatii*. Eles recebiam funções judiciais e eram responsáveis pela redação das leis imperiais. Durante os anos de 429 e 438, foram eles que organizaram a compilação do Código Teodosiano. Pode-se perceber, pelo quadro abaixo, que alguns deles foram alçados ao posto de Prefeito Pretoriano, seja do Oriente ou do Ilírico, ao término das atividades de questura, passando, em consequência, da categoria de *spectabilis* para *illustres*:

³⁷ Nau, p. 331; Driver; Hodgson, p. 378-379.

Quadro 4 - Amostra de *Quaestores Sacri Palatii* no governo de Teodósio II.

NOMES	PERÍODO	APOIO	ORIGEM	PLRE 2 (página)
Flávio Eustáquio 12	414-417	Cristão -	-	436
Salústio 4	422-424	Cristão -	-	972
Antioco 7 (Chuzon I)	425-426	Cristão Nestório	Antioquia	103-104
Antioco 10 (Chuzon II)	427-430	Cristão Nestório	Antioquia	104
Domiciano 4	432-433	Cristão Nestório	-	370
Eubulo	434-435	Não cristão -	-	403
Maximino 5	436	Não cristão -	-	742
Martírio 2	438-439	Cristão -	-	731

Fonte: PLRE 2; HONORÉ, 2010, p. 71.

Em estudo acerca dos funcionários que ocupavam esse nível da administração de Teodósio II, Tony Honoré (2010, p. 69-72), principalmente baseando-se no estilo de redação e no vocabulário que eles empregavam, identificou a inclinação religiosa de sete *QSPs* que foram atuantes na redação do Código Teodosiano. Incluímos na tabela acima o *QSP* Domiciano 4 para demonstrar a presença de facções divergentes na administração imperial. Domiciano além de fazer parte da rede de sociabilidade do bispo Teodoreto de Ciro, apoiador de Nestório, recebeu de Teodósio II a incumbência de forçar os bispos cirilianos da província da Cilícia a entrar em comunhão com o bispo João de Antioquia após a assinatura da *Fórmula da Reunião*, em 433. Portanto, o imperador deve ter escolhido um nome adequado às suas expectativas para executar essa função contra bispos recalcitrantes, por isso o incluímos no grupo de funcionários que se inclinaram a apoiar os nestorianos. Em relação aos demais, Honoré julga que cinco deles eram cristãos. Segundo ele, outros indivíduos, e não somente os *QSPs*, que ocupavam funções equivalentes as de advogados no período, não deixavam de expressar a sua fé nos textos que redigiam. Portanto, expressões como “*nostra fides*” e “*vera religio*” são recorrentes na redação das leis e outros documentos elaborados por juristas cristãos, auxiliando na identificação das suas inclinações religiosas. Honoré (2010, p. 94) demarca o governo de Teodósio II como um momento em que se percebe a gradual fusão das

tradições jurídicas não cristãs com a fé cristã, num momento que, até então, a maioria dos juristas ainda não professavam o Cristianismo.

O grupo de funcionários imperiais identificados como *Praepositi Sacri Cubiculi* (PSC) também atuou de forma destacada na *Controvérsia Nestoriana*. O *Praepositus Sacri Cubiculi*, normalmente era um eunuco que chefiava a equipe dos *castrensis*. Essa equipe de funcionários atendia às necessidades pessoais do imperador e da família imperial. Dentre eles se destacavam o *Primicerius Sacri Cubiculi* (superintendente da câmara imperial), o *Castrensis Sacri Palatii* (mordomo do palácio sagrado), o *Comes Demorum per Cappadociam* (conde das propriedades imperiais na Capadócia) e o *Comes Sacrae Vestis* (conde do guarda-roupa sagrado). Essa equipe supervisionava as atividades de cozinheiros, pajens, atendentes e indivíduos que cuidavam do guarda-roupa imperial (KELLY, 2008, p. 165).

Eles se constituíram em um canal de comunicação privilegiado na administração imperial, dada à proximidade que gozavam junto ao imperador e seus familiares. Essa proximidade fazia com que eles fossem percebidos ter certa ascendência sobre o imperador e, com isso, influenciar nos assuntos de governo. Contudo, entendemos que se essa proximidade os tornava poderosos ela também, paradoxalmente, constituía a fonte da vulnerabilidade deles. Os eunucos eram estrangeiros e, na Antiguidade Tardia, eram recrutados entre indivíduos de origem persa, germânica ou armênia, que eram vendidos ou presenteados como escravos para cumprirem funções domésticas, sejam elas na família imperial ou na aristocracia. Muitas vezes eles caíam em desgraça com a troca dos imperadores, como no caso de Crisáfio, que foi assassinado a mando das facções rivais na Corte após a morte de Teodósio II. Eles poderiam, ainda, cair em descrédito mesmo durante o período do imperador a que serviam em vista, talvez, de exorbitarem da influência que exerciam. Esse parece o caso do eunuco Antioco, que teve suas propriedades confiscadas e foi forçado por Teodósio II a deixar o palácio e tornar-se sacerdote na grande igreja de Constantinopla (Malalas, *Chronicle*, XIV, 15 e 32).

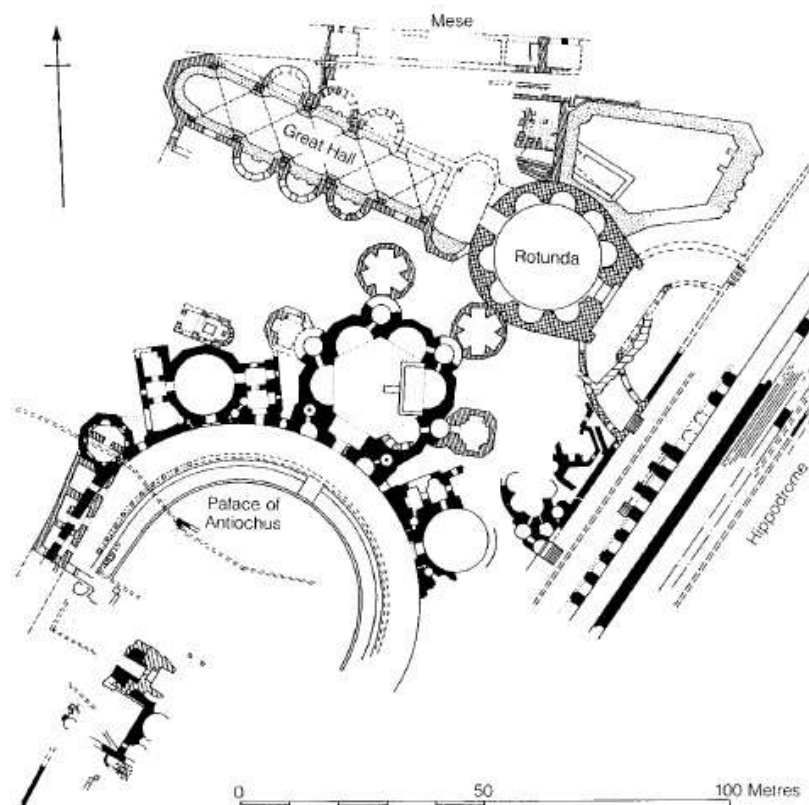
Shaun Tougher (2008, p. 48) indica que uma teoria para a emergência de uma Corte de eunucos na Antiguidade Tardia postula que eles seriam uma força política criada pelos imperadores em contraposição ao aumento da ordem senatorial que havia absorvido nas suas fileiras a antiga ordem equestre. Entretanto, entendemos que indivíduos estrangeiros de origem servil na Corte, no máximo, se envolveriam como canais de comunicação entre o imperador e a sociedade e como mediadores na rede de trocas políticas em que estavam inseridos, sem, contudo, terem maiores pretensões de avançarem na hierarquia política. Em nossa opinião, por mais poder, riqueza e influência que um eunuco pudesse angariar ele nunca

seria um indivíduo elegível para ocupar posições na administração imperial reservadas a cidadãos romanos, como, por exemplo, o posto de imperador.

Como nos demonstra Walter Stevenson (2002, p. 123-138), os eunucos não foram estranhos na literatura cristã dos séculos II e III d.C. A prática da emasculação já é verificada nesse período entre cristãos, sobretudo em algumas ordens monásticas que requeriam a castração dos seus membros. A existência de que essa prática ocorria em cidadãos romanos na Antiguidade Tardia é corroborada pela emissão da lei pelo imperador Constantino (306-307) que proibia essa prática no Império (TOUGHER, 2002, p. 144). Esse dispositivo legal não impediu, contudo, o incremento de eunucos na Corte de Teodósio II. Esse crescimento nos parece, também, ligado à necessidade de projetar a ideologia imperial de uma Corte que queria se mostrar casta e devotada à religião, do mesmo modo como também teria contribuído para isso os votos de castidade da Augusta Pulquéria.

A despeito da origem servil e estrangeira, os eunucos se posicionaram bem no mercado de influências, situação paralela que souberam exercer àquela que seria a ocupação principal deles nos cuidados pessoais do imperador e sua família. Eles amealharam riquezas expressivas como no caso do eunuco Antioco que possuía um palácio na esquina do hipódromo e próximo do palácio imperial, um lugar privilegiado de poder na capital imperial, Constantinopla:

Figura 1 – Palácio de Antioco, em Constantinopla



Fonte: GREATREX; BARDILL, 1996, p. 195.

O protagonismo percebido da atuação dos eunucos junto a Teodósio II foi bastante explorado após a morte do imperador. Os cronistas que tentaram depreciar a atuação de Teodósio II afirmavam que a sua fraqueza advinha de ele ser dominado pelos eunucos (Prisco, *Frag. Hist.*, 52) ou que Crisáfio, por exemplo, havia exercido grande influência porque fora cobiçado pelo imperador em virtude da sua excessiva “boa aparência” (Malalas, *Chron.*, XXIV, 19).

Durante o governo de Teodósio II, identificamos os seguintes *PSCs* listados no quadro abaixo. Além dos nomes abaixo mencionados outros *cubiculari* que exerceram papel de destaque nas negociações que envolveram a *Controvérsia Nestoriana* como os eunucos Escolástico, Crisáfio, Romano e Artabas que exerciam funções subordinadas aos *praepositi*:

Quadro 5 - Amostra dos *Praepositi Sacri Cubiculi* no governo de Teodósio II.

NOMES	PERÍODO	APOIO	ORIGEM	PLRE 2 (página)
Amâncio 2	Vários	Provavelmente cristão	-	66
Lauso 1	420	Cristão Cirilo	-	660
Antioco 5	421	Cristão -	Pérsia	101-102
Crisero 1	431	Cristão (nestoriano)	Provavelmente romano	297
Paulo 10	431	Cristão Cirilo	-	850
Félix 8	434-442	Cristão Cirilo	-	460
Artaxes	442	Cristão Cirilo	Pérsia ou Armênia	154
Maximino 9	450	Provavelmente cristão	-	742

Fonte: PLRE 2

A influência desse grupo de funcionários imperiais foi decisiva no desdobramento do conflito entre as facções lideradas por Cirilo e Nestório. Após o Concílio de Éfeso I, em 431, que foi seguido pelas negociações em que Teodósio II determinou que um acordo intermediário fosse alcançado através de uma fórmula doutrinal que agradasse a ambas as facções (*Fórmula da Reunião*, de 433), um embarque de presentes e ouro foi despachado de Alexandria, a mando de Cirilo, para a Corte de Constantinopla com o objetivo de aliciar membros da Corte em seu apoio (*ACO*, I, 4, p. 222-225). Cirilo não teria despendido com os *cubiculari* a fortuna relacionada no quadro abaixo se não soubesse da efetividade deles em auxiliá-lo nas suas demandas. A estratégia acertada de Cirilo foi acusada por Nestório:

Eles prepararam ainda outras maldades. Pois eles fizeram reuniões de padres e tropas de monges e mantiveram conselhos contra mim, os ajudando nesse objetivo. Eles tinham por auxiliares nessas coisas todos os eunucos do imperador (Nestório, *Liber*, 375)³⁸.

Para isso, Cirilo contou ainda com o apoio de Maximiano que fora eleito bispo de Constantinopla em substituição a Nestório:

³⁸ Nau, p. 241; Driver; Hodgson, p. 272.

Ao mais reverendo e caro a Deus confrade no ministério, Maximiano, Cirilo saúda no Senhor. É justo, eu penso, mesmo agora, desde que sua perfeição foi consagrada no trono episcopal, que nós oramos muito que você receberia. [...] Mas fomos resgatados dos laços desse caçador insaciável [Nestório]. Fomos salvos através de Cristo o Salvador de todos nós. Porque acreditamos que ele é Deus e professamos que a Mãe de Deus o portou de acordo com a carne, e dizemos com ele: ‘Você irá nos reviver e nós não nos apartaremos de você e proclamaremos seu nome’ para todo o sempre. E de todas essas coisas o patrono era o divino, misterioso e sobrenatural decreto e a intenção do mais religioso e cristão imperador, uma intenção que ocorreu pelos comandos do alto (ACO, I, 1, 3, p. 72-74).³⁹

Apesar de Cirilo e seus aliados expressarem que foram salvos por obra do Cristo, foi necessário que o bispo alexandrino esvaziasse os cofres da Igreja de Alexandria para contar com a ajuda de alguns membros da Corte para que a nomeação do seu aliado, Maximiano, fosse mantida no episcopado da capital imperial. A relação abaixo mostra a substantiva soma despendida com alguns funcionários palacianos em troca de apoio. Essa relação, juntamente com os presentes, foi enviada pelo secretário de Cirilo, Epifânio, a Constantinopla para que fossem distribuídos por Maximiano:

Quadro 6 – Presentes de Cirilo para a Corte em Constantinopla.

FUNCIÓNÁRIO	FUNÇÃO	PRESENTES RECEBIDOS
Paulo	<i>PSC</i>	- 4 tapetes grandes de lã; - 2 tapetes médios de lã; - 4 capas de poltronas; - 4 toalhas de mesas; - 6 <i>bila</i> grandes (tapetes?); - 6 <i>bila</i> médias; - 6 capas para bancos; - 12 capas para portas; - 2 caldeirões grandes; - 4 cadeiras de marfim; - 2 bancos de marfim; - 4 <i>persoina</i> (móbilias?); - 2 mesas grandes; - 2 avestruzes (móbilias?); - 50 libras de ouro.
<i>Domesticus</i> de Paulo	<i>Domesticus</i>	- 1 tapete de lã; - 2 tapetes; 4 <i>bila</i> ; - 2 capas de bancos; - 100 moedas de ouro.
Marcela	<i>Cubiculariae</i>	- o mesmo enviado ao anterior; - 50 libras de ouro.

³⁹ Τῶι εὐλαβεστάτῳ καὶ θεοφιλεστάτῳ συλλειτουργῶι Μαξιμιανῶι Κύριλλος ἐν κυρίαῳ χαίρειν. Πρέπειν οἶμαι καὶ νῦν εἰπεῖν, τῆς σῆς τελειότητος τὴν πολυεκτον ἡμῖν λαχούσην ἱερωσύνην εὐφρανθήτω ὁ οὐρανὸς ἄνωθεν, χαιρέτω δὲ καὶ ἡ σύμπασα γῆ καὶ βοάτω μετ' εὐφροσύνης κατὰ τὴν τοῦ προφήτου φωνὴν [...] ἀλλ' ἐξηιρήμεθα μὲν ἡμεῖς τῆς τοῦ θηρεύοντος ἀπλήστου παγίδος, σεσώσμεθα δὲ διὰ τοῦ πάντων ἡμῶν σωτῆρος Χριστοῦ, ὃν καὶ θεὸν εἶναι πιστεύοντες, ὁμολογοῦντες δὲ θεοτόκον καὶ τὴν κατὰ σάρκα τεκοῦσαν αὐτόν, αὐτῶι πρόσμιεν λέγοντες ζωώσεις ἡμᾶς καὶ οὐ μὴ ἀποστῶμεν ἀπὸ σοῦ, καὶ τῶι ὀνόματι σου ἐξομολογησόμεθα εἰς τοὺς αἰῶνας. ἀπάντων δὲ τούτων ἡμῖν τῶν τριποθήτων ἀγαθῶν γέγονε πρόξενος ἡ θεία τε καὶ ἀπόρρητος καὶ ἄνωθεν ψῆφος καὶ ἡ τοῖς ἄνωθεν νεύμασι συντρέχουσα γνώμη τοῦ εὐσεβεστάτου καὶ φιλοχρίστου βασιλέως.

Droséria	<i>Cubiculariae</i>	- o mesmo enviado a Marcela; - 50 libras de ouro.
Crisero	<i>PSC</i>	- 6 tapetes grandes de lã; - 4 tapetes médios; - 8 capas de bancos; 6 toalhas de mesas; - 6 bila grandes; 6 <i>bila</i> médios; - 6 capas de banco; - 12 capas de cadeiras; - 4 caldeirões grandes; - 4 cadeiras de marfim; - 4 bancos de marfim; - 6 persoina; - 4 mesas grandes; - 6 avestruzes; - 200 libras de ouro.
Salomão	<i>Domesticus</i> de Crisero	- 2 tapetes grandes de lã; - 4 capas de bancos; - 4 toalhas mesas; - 4 <i>bila</i> ; - 4 capas de poltronas; - 6 capas de cadeiras; - 6 caldeirões; - 2 cadeiras de marfim; - 2 avestruzes; - 50 libras de ouro.
Heleniana	Esposa do Prefeito Pretoriano	- as mesmas coisas enviadas para Crisero; - 100 libras de ouro.
Florentino	<i>Domesticus</i> do Prefeito	- o mesmo que para Salomão; - 50 libras de ouro.
Romano	<i>Cubicularius</i>	- 4 tapetes grandes de lã; - 4 capas de bancos; - 4 <i>bila</i> ; - 4 capas de poltronas; - 6 capas de cadeiras; - 2 caldeirões; - 2 cadeiras de marfim; - 30 libras de ouro.
Dominino	<i>Cubicularius</i>	- 4 tapetes grandes de lã; - 4 tapetes grandes; - 4 <i>bila</i> médias; - 4 capas de bancos; - 6 capas de poltronas; - 6 capas de cadeiras; - 2 caldeirões grandes; - 2 cadeiras de marfim; - 2 bancos de marfim; - 4 avestruzes; - 50 libras de ouro.
Escolastício	<i>Cubicularius</i>	- as mesmas coisas despachadas a Crisero; - 100 libras de ouro;
Teodoro	<i>Domesticus</i> de Escolastício	- 50 libras de ouro.
Outros	Amigos de Escolastício	- 2 tapetes de lã; - 2 capas de bancos; - 4 toalhas de mesas; 4 tapetes; - 4 bancos; - 6 capas de poltronas; - 2 caldeirões; 2 avestruzes.
Artabas	<i>Cubicularius</i>	- o mesmo despachado para Escolastício; - 100 libras de ouro.
<i>Magister</i>	<i>MO</i>	- o mesmo que enviado para Artabas; - 100 libras de ouro.
Doméstico do <i>Magister</i>	<i>Domesticus</i>	- o mesmo que enviado para Rufino;
<i>Quaestor</i>	<i>QSP</i>	- as mesmas coisas enviadas ao <i>Magister</i> ; - 100 libras de ouro;
Ablábio	<i>Domesticus</i> do <i>Quaestor</i>	- o mesmo enviado para Eustáquio;

Amônio	<i>Comes</i>	- 1.500 libras de ouro
--------	--------------	------------------------

Fonte: *ACO*, I, 4, p. 222-224; *ACO*, I, 4, p. 224-225.

Uma análise da lista de presentes acima nos revela o posicionamento de alguns membros da Corte no início do conflito. Aqueles indivíduos a quem Cirilo destinou quantidades dobradas de presentes certamente eram os funcionários que faziam oposição acirrada a ele. O segmento dos *cubiculari*, à exceção do *PSC* Crisero, recebeu menor quantidade de presentes. Isso nos parece decorrer do fato de que os eunucos já eram aliados de Cirilo, mas que, mesmo assim, não poderiam ficar à margem de um sistema de compra de influências institucionalizado. Crisero recebeu duzentas libras de ouro enquanto o outro *PSC* Paulo recebeu um quarto dessa quantia.⁴⁰ Entretanto, há indicações de que, embora fosse chefe da equipe dos *cubiculari*, Crisero não fosse um eunuco (*PLRE* 2, p. 297). A esposa e o *domesticus* do *PPO*, provavelmente Rufino 8, receberam também quantidades expressivas. O *Magister*, que pode ser identificado como João 12, recebeu a mesma quantidade dos *cubiculari*, Escolástico e Artabas, que estavam em posição inferior aos *PSCs*. Portanto, essa distribuição de presentes nos indica que, dentre o conjunto dos funcionários, os eunucos tendiam a apoiar Cirilo e os demais funcionários, Nestório.

Na carta a qual vai anexada a lista dos presentes acima se percebe a preocupação de Cirilo ao que parece uma desvantagem dele em relação à facção que apoiava Nestório na Corte. Ele tentou, inclusive, manobrar para que o *PSC* Crisero fosse substituído nas funções por alguém da sua confiança, o *cubicularius* Lauso:

Os clérigos que estão aqui estão tristes, pois a igreja de Alexandria está sendo despojada por causa desse distúrbio. E é devido, além das coisas que foram expedidas a partir daqui: mil e quinhentas libras de ouro para o *comes* Amônio, para que ele mantenha a sua promessa. Mas, sua igreja [deve] prover a avareza daqueles a quem você conhece, para que a igreja de Alexandria não se entristeça por sua santidade ter agido contra as suas promessas. Como você o conhece, fale ao *comes* Amônio de modo que sua santidade possa persuadi-lo e trazê-lo para mais perto de nós, de modo que não haja tristeza sobre isso também. O magnífico Aristolau, que trabalha por sua santidade, está completamente triste, pois você escreveu tais coisas a ele. Deixe, portanto, a sua santidade pedir à sua senhora esposa [de Aristolau] que escreva a ele pedindo esse trabalho com perfeição e que também o reverendíssimo Eutiques escreva a ele. Além disso, sua santidade deve se

⁴⁰ Esses dois funcionários eram chefes dos *cubiculi* de Teodósio II e Pulquéria. Não há indicações de quem servia a quem. A *PLRE* 2, p.297, não faz referência se Crisero era eunuco, nem Shaun Tougher (2008, p. 133-171) o inclui no inventário prosopográfico dos eunucos que serviram à Corte no Império Bizantino. Essa hipótese se torna plausível uma vez que, de todos os *cubiculari*, foi único que fez oposição a Cirilo.

apressar em perguntar à dama Pulquéria se ela deixou o senhor Lauso entrar para ser prefeito, de modo que o poder de Crisero seja destruído e, assim, nosso ensino seja reforçado. Caso contrário, estamos prestes a estar sempre aflitos. (*ACO*, I, 4, p. 222-224).⁴¹

Assim como já havia percebido Raymond Janin (1960, p. 98), a nossa impressão é que Nestório possuía apoio majoritário na Corte, caso contrário não haveria necessidade de Cirilo despender tão volumosa soma de recursos para persuadi-la. A lista de presentes e ouro que indicamos acima está preservada no manuscrito *Collectio Casinensis* (*ACO*, I, 4), produzido e transmitido por apoiadores de Nestório, ao passo que não se verifica documento similar nos manuscritos preservados pelos cirilianos que indiquem que essa prática também tenha sido adotada por Nestório e seus aliados. O propósito propagandístico que norteou a confecção e a transmissão desses documentos não deixaria de incluir nas coleções cirilianas, *Collectio Vaticana* (*ACO*, I, 1, 1-6) e *Collectio Atheniensis* (*ACO*, I, 1, 7), uma lista de suborno de Nestório aos funcionários, caso ela existisse. Cirilo, portanto, investia na direção dos funcionários imperiais que eram hostis a ele na tentativa de equilibrar o jogo de forças políticas que lhe parecia desfavorável:

Não é pela fé que ele [Cirilo] demonstrava confiança e zelo, mas que não se examinasse e não se julgasse os seus negócios e os meus: por cartas e toda sorte de outras coisas, ele corrompeu aqueles que se aproximavam do imperador e das imperatrizes (Nestório, *Liber*, 394).⁴²

O grau de intromissão com que os membros, de ambas as facções, da hierarquia eclesiástica tentaram interferir nas negociações de Teodósio II, utilizando-se para esse fim dos funcionários imperiais que gozavam da proximidade do imperador, nos indica que tanto Cirilo quanto Nestório conseguiram estender a disputa entre eles para o núcleo do poder imperial, pois, participar da querela era um meio de os funcionários disputarem espaço na administração imperial. Nesse sentido, ambos os bispos e as facções que eles representavam

⁴¹ clerici enim qui hic sunt, contristantur quod ecclesia Alexandrina nudata sit huius causa turbelae; et debet praeter illa quae hinc transmissa sunt, Ammonio comiti auri libra mille quingentas et nuc ei denuo scriptum est ut praestet. sed de tua ecclesia praesta auaritia quorum nosti, ne Alexandrina ecclesia contristetur quod praeter promissa gerat sanctitas tua. ut nosti, loquere Ammonio comiti et suadat ei ea quae scit religiositas tua, et fac illum scriber hic, ne sit etiam de hoc tristitia. magnificentissimus Aristolaus, qui pro tua sanctitate laborat, contristatur omnio quod ei talia scripseris. roget itaque sanctitas tua domnam iugalem eius ut scribat ei rogans illum ut perfecte laboret et ut reuerentissimus Eutyches scribat ei. festinet autem sanctitas tua rogare dominam Pulcheriam ut faciat domnum Lausum intrare et Praepositus fieri, ut Chryserotis potential dissoluatur et sic dogma nostrum roberatur. alioquim simper tribulaturi sumus.

⁴² Nau, p. 253; Driver ; Hodgson, p. 285-286.

interferiam no arcabouço do regime ao tentarem manipular o equilíbrio de forças que Teodósio II tentava manter para assegurar a governabilidade. A situação teve um efeito potencialmente nocivo para o imperador em vista da discussão teológica se referir a uma construção ideológica que estava no cerne da legitimidade do poder imperial: a construção de uma realeza cristã espelhada no plano superior cuja elaboração estava em disputa entre o imperador e a hierarquia eclesiástica.

Ao que os documentos nos indicam, a disputa teológica era o móvel central que animava o conflito, mas ele se revestia, também, de efeitos colaterais que se traduziam em prestígio e autoridade para os bispos e funcionários imperiais. Os primeiros almejavam estabelecer como ortodoxa a doutrina que pregavam, com todas as vantagens que viriam auferir em caso de sucesso dentro de um sistema religioso que se pretendia universal. Os segundos, aumentar seus poderes e a representatividade de suas regiões de origem em um sistema altamente centralizado. Conforme indica Brown (2002, p. 101) “através da sua aliança com o imperador, Nestório entrou em um mundo onde a vida cerimonial da Corte imperial dava regular apoio imaginativo às suas noções centrais da natureza das relações entre Deus e a humanidade”. Ou seja, a noção de distanciamento imperial embutida na teologia de Nestório ensejaria maior participação dos funcionários na vida administrativa e no cerimonial imperial. Daí entendermos a acusação de Cirilo de que a Corte imperial era majoritariamente nestoriana no início da controvérsia, motivo pelo qual Cirilo teve que despende vultosas somas na persuasão de seus membros.

As teses teológicas, portanto, resultavam na construção de modelos de realeza que afetaria o modo de percepção e de atuação do imperador. Conforme indicou Bourdieu (2007, p. 38), a autonomia do campo religioso facultava ao corpo de sacerdotes a racionalização de uma determinada teologia que é erigida na forma de dogma cuja validade e perpetuação ele garante. Contudo, como veremos no capítulo seguinte, essa autonomia não era plena, pois Teodósio II atuava por meio de negociações para que se afirmasse aquela doutrina que melhor representaria os seus interesses de governante. Isso porque as ações dos bispos adentraram o campo político de atuação do imperador, e este, ao mesmo tempo, interferiu no campo religioso como forma de manter o equilíbrio que assegurasse a sua legitimidade de governar.

Essa situação tornou-se ainda mais complexa em virtude da associação dos bispos com outro corpo de funcionários, os *Magistri Utriusque Militiae (MVM)*, que eram os chefes das divisões do exército romano. No Oriente havia cinco *Magistri* que eram responsáveis por determinada região do Império: o Oriente, a Trácia, o Ilírico e dois *praesentalis*, cujas tropas ficavam estacionadas próximas à cidade de Constantinopla e tinham fácil acesso à capital e ao

palácio imperial. Havia ainda uma divisão das tropas em *comitatenses*, sob a supervisão direta dos *magistri*, e os *limitanei*, que ficavam alocadas nas fronteiras e sob o comando dos *comites* e *duces* (LEE, 2013a, p. 97).

A descentralização do comando militar parecia ser uma estratégia para evitar a concentração de poder em um único general, pois isso encorajava a competição entre eles em proveito do imperador. A partir do governo do imperador Teodósio I percebe-se o incremento de assentamentos de godos, alanos e hunos dentro das fronteiras do Império, cuja contrapartida era fornecer unidades com status de aliados para campanhas específicas do exército romano (*foederati*) (BLOCKLEY, 2008a, p. 103). Durante o governo de Teodósio II percebe-se que esses grupos já haviam se incorporado à sociedade romana, pois os chefes de determinadas famílias comandavam divisões do exército romano por várias gerações, o que demonstra a existência de verdadeiras dinastias de funcionários de origem germânica dentro do exército.

No quadro abaixo indicamos a grande diversidade que compunha esse grupo de funcionários:

Quadro 7 - *Magistri Utriusque Militiae (MVM)* durante o governo de Teodósio II.

NOMES	FUNÇÃO	PERÍODO	APOIO	ORIGEM	PLRE 2 (página)
Lúcio 2	<i>MVM Praesent.</i>	408-450	Não cristão Nestório	-	692
Flávio Plinta	<i>MVM Praesent.</i>	419-438	Cristão ariano Nestório	Godo	892-893
Procópio 2	<i>MVM Or.</i>	422-424	-	Romano	919
Candidiano 3	<i>MVM Or.</i>	424	-	-	257
Flávio Ardabur 3	<i>MVM Or.</i>	424-425	Cristão ariano Nestório?	Alano	137-138
Flávio Dionísio 13	<i>MVM Or.</i>	428-431 434-435	- Nestório?	Romano (Trácia)	365-366
Flávio Ardabur Aspar	<i>MVM Or.</i>	431-471	Cristão ariano Nestório	Alano	164-168
Flávio Anatólio 10	<i>MVM Or.</i>	433-446 450-451	Cristão Nestório	Romano (Síria)	84-86
Flávio Ariobindo 2	<i>MVM Or.</i>	434-449	Cristão ariano Nestório?	Godo	145
Elias 3	<i>MVM</i>	435	- Nestoriano	-	390
Inobindo	<i>MVM Or.?</i>	441	Ariano	Godo	592

João 13	<i>MVM</i> Trácia	441	-	Vândalo	597
Apolônio 3	<i>MVM</i> <i>Praesent.</i>	443-451	-	-	121
Arnegisclo	<i>MVM</i> Trácia	447	Ariano	Godo	151
Flávio Zenão 6	<i>MVM</i> Or.	447-451	Não cristão Nestório	Romano (Isáuria)	1199

Fonte: *PLRE 2*

Os dados prosopográficos dos *MVMs* são relevantes para nos indicar as forças que dentro do próprio Império do Oriente poderiam fazer frente ao imperador. O general Flávio Ardabur Aspar, por exemplo, foi *Magister* por longos quarenta anos. Ele era filho de Flávio Ardabur 3, que também fora *Magister*, e foi casado com a filha do general Flávio Plinta. Em 424, ambos participaram da campanha vitoriosa contra o usurpador João e tiveram sucesso em instalar o primo de Teodósio II, Valentiniano III, no governo do Ocidente. Aspar também participou das negociações para sucessão de Teodósio II, quando da morte do imperador, logrando nomear seu *domesticus* Marciano, após o casamento deste com a Augusta Pulquéria. Após a morte de Marciano, em 457, o candidato apoiado por ele, Leão, veio a tornar-se imperador. Tem-se registro, ainda, que ele afirmava que o Senado de Roma teria oferecido o posto de imperador do Ocidente a ele, mas que o mesmo teria recusado. Esse convite pode não passar de uma propaganda que ele fazia de si próprio, mas que demonstra o prestígio e o poder que ele reuniu em torno de si. Ele era de origem alana e professava a fé ariana, mas tudo indica que tenha apoiado a facção nestoriana, pois o bispo Teodoreto de Ciro escreveu-lhe para agradecer a sua interseção para colocar fim no exílio que lhe fora decretado no Concílio de Éfeso II, em 449 (*PLRE 2*, 164-168)⁴³.

Flávio Anatólio 10, que foi *magister* de 433 a 446, também foi apoiador dos bispos orientais. Ele recebeu ou foi citado em várias cartas dos bispos nestorianos Paulo de Emesa, João de Antioquia e Teodoreto de Ciro⁴⁴. Este último declarou em uma de suas cartas que Anatólio foi “um firme aliado doutrinal e um generoso doador” (SCHOR, 2011, p. 147), o que nos mostra o grau de relação entre eles. Além disso, inscrições epigráficas indicam que ele tenha construído uma basílica em Antioquia, que ficou conhecida como Basílica de Anatólio. Ele foi, novamente, *MVM* no Oriente entre 450-451, cônsul em 440 e patrício entre 447-451 (*PLRE 2*, 84-86).

⁴³ Carta nº 139.

⁴⁴ *CPG*, p. 214, 226 e 233.

Procópio 2 era descendente do usurpador Procópio 4 (365-366) (*PLRE 1*, p. 742-743), foi casado com a filha do *PPO* Antêmio 1 e pai do imperador Antêmio 3, que governou o Império do Ocidente, de 467 a 472 (*PLRE 2*, p. 96-98). O filósofo neoplatônico Damascio 2 (*PLRE 2*, p. 342-343), citou em uma de suas obras, do final do século V d.C., que o *Magister* Lúcio 2 (*PLRE 2*, p. 692) havia tentado matar Teodósio II, embora esse fato não tenha sido mencionado em outras fontes. Teodoreto de Ciro também enviou várias cartas ao *Magister* Flávio Zenão 6. Há relatos de que Teodósio II, no final do seu governo, se preocupava com uma possível usurpação de Zenão e que, também, ele tenha feito planos para matar o imperador, fato que não teria se concretizado pelo acidente precoce que vitimou de morte Teodósio II, em 450 (*PLRE 2*, p. 1199).

A fonte de poder desses generais residia no controle das unidades militares e na longa tradição de seus familiares no serviço militar. Eles também gozavam de influência junto ao imperador, que pouco interagia com as tropas de soldados. Uma das estratégias que Teodósio II utilizou para limitar o poder deles nos é indicada por Prisco de Pânio, que acusou o imperador de covardia por trocar a paz com os persas e os hunos por dinheiro (Prisco, *Frag. Hist.*, 54). Ou seja, ao se inclinar mais para a diplomacia do que para o enfrentamento militar, o imperador limitava o prestígio e a riqueza desses generais, pois uma das fontes de riqueza deles eram os butins de guerra que poderiam ser utilizados em patronagem como forma de angariar prestígio em suas comunidades de origem (LEE, 2013a, p. 100).

Quadro 8 – Guerras no período de Teodósio II.

ANO	INIMIGO	GENERAL(IS)	RESULTADO
421-422	Persas	Ardabur 3	Acordo
424-425	João (usurpador no Ocidente)	Ardabur 3 Aspar	Vitória
431	Vândalos (norte da África)	Aspar	Acordo
440	Persas	Anatólio 10	Acordo
442	Vândalos	Ariobindo	Acordo
447	Átila (Hunos)	Aspar Ariobindo	Derrota e acordo

Fonte: MORRISSON, 2012, p. 19-20; HARRIES, 2013, p. 71-72; LEE, 2013a, p 90-96.

A sucessão imperial após a morte de Teodósio II nos dá um panorama de como essas dinastias de funcionários civis e militares poderiam colocar em risco a posição do imperador.

O quadro abaixo indica que dentre sete imperadores que o sucederam cinco deles eram oriundos do meio militar:

Quadro 9 – Sucessão imperial no Oriente.

NOME	PERÍODO	FUNÇÃO EXERCIDA ANTES	PLRE 2 Pág.
Marciano 8	450-457	Soldado, <i>domesticus</i> de Aspar	714-715
Leão 6	457-474	Soldado, <i>tribunus militum</i>	663-664
Leão 7	474	Cônsul	664-665
Zenão 7	474-491	<i>MVM</i> Trácia	1200-1202
Anastácio 4	491-518	Silentiário	78-80
Justino 4	518-527	<i>Comes rei militaris</i>	648-651
Justiniano 7	527-565	<i>MVM Praesentalis</i>	645-648

Fonte: PLRE 2

Ao que os dados acima nos indicam, Teodósio II necessitava negociar para manter e controlar esses poderes rivais à distância no exército, uma vez que alguns desses militares, em vista da tradição familiar, asseguraram seus ofícios por longos anos, diferentemente daqueles funcionários civis, mais próximos do imperador na Corte, cuja rotatividade nos cargos era bastante alta. Como prêmio pelos serviços prestados na burocracia imperial esses funcionários militares, ao final das suas carreiras, assim como os altos funcionários civis, também ascendiam à ordem senatorial, outra forma que o imperador dispunha para recompensá-los e mantê-los sob seu controle.

2.3.2. O Senado de Constantinopla, o Consistorium e a Corte imperial.

Na primeira metade do século V d.C., a composição da elite senatorial havia experimentado algumas mudanças, desde a implantação do Senado de Constantinopla pelo imperador Constantino. Tais transformações foram, paulatinamente, sendo introduzidas desde

o transcurso do século IV d.C. Embora o Senado ainda permanecesse uma instituição que abrigasse membros de famílias aristocráticas tradicionais do Império, também passaram a ascender a ele aqueles funcionários que haviam servido na burocracia administrativa do Império, como uma última distinção no seu *cursus honorum*. Essa nova janela de possibilidades incrementou substancialmente o número de senadores, ao ponto que no início do século V d.C. havia em torno de três mil funcionários em cada um dos Impérios, que ao final das suas carreiras seriam distinguidos com os títulos de senadores nas categorias de *illustres*, *spectabiles* e *clarissimi* (JONES, 1964, p. 529).

Nesse sistema separado em três níveis ascendiam à ordem senatorial como *illustres* os Prefeitos Pretorianos (*PPO*), os Prefeitos Urbanos de Constantinopla (*PVC*), os Cônsules, os *Praepositi Sacri Cubiculi* (*PSC*) e os *Magistri Utriusque Militiae* (*MVM*). Como *spectabiles*, os governadores proconsulares, os *comites consistoriani* e os *duces*, esses últimos, altos funcionários militares. No grau de *clarissimi* recebiam essa distinção os demais governadores, os *notarii*, os *agentes in rebus* e demais burocratas palacianos (HEATHER, 2008, p. 190; DELMAIRE, 1995, p. 15). Considerando-se a alta rotatividade desses funcionários, pode-se deduzir que aquele número de três mil postos cujos titulares ao final da carreira se tornariam senadores era, ainda mais, incrementado.

Muitas vezes se percebeu que, na Antiguidade Tardia, as atribuições dos senadores ficaram restritas ao âmbito local e o Senado era visto apenas como um símbolo físico de uma ordem social rica, poderosa e herdeira de grande prestígio. Mas como observa Carlos Augusto Ribeiro Machado (1998, p. 28-29), também cabia aos senadores, muitas vezes, a indicação dos candidatos que iriam ocupar altos postos na administração imperial. Desse modo, eles tinham o poder de intervir na composição do alto escalão do regime. A atuação dos senadores também foi incrementada durante o governo de Teodósio II, que era presidido pelo Prefeito Urbano de Constantinopla (*PVC*) (PIGANIOL, 1972, p. 383). Conforme destaca Millar (2006, p. 203-204), embora não haja registro de sessões do Senado durante o governo de Teodósio II, o imperador envolveu o Senado de Constantinopla no processo de codificação do *Codex Theodosianus*. Nos anos finais do governo, em 446, Harries (2013, p. 78) percebe que antes da edição de uma lei, a peça era discutida entre Senado e Consistório e, somente depois, era redigida pelo *Quaestor Sacri Palatii*.

Mesmo já não participando da administração direta do Império esses ex-funcionários ainda detinham influência e prestígio perante as suas comunidades de origem e na sustentação do regime. Os senadores eram oriundos das mais diferentes regiões do Império e não havia a exigência de que residissem na capital imperial. Isso permitia que eles funcionassem como

um elo entre as redes de patronagem em que eles estavam inseridos, juntamente com as elites locais, e o poder central. Peter Heather (2008, p. 209-210) afirma-nos que a expansão da ordem senatorial fez com que os senadores cumprissem esse importante papel político de comunicação entre o centro do poder imperial e as demais regiões para manter a unidade do Império. Portanto, o imperador favorecia a concessão de títulos, dignidades e promoções no intuito de que essas elites permanecessem leais ao regime e evitassem a sua fragmentação.

Contudo, em algumas circunstâncias os senadores atuavam em bloco para favorecer as agendas ligadas às suas redes de patronagem, das quais faziam parte, inclusive, os membros da hierarquia eclesiástica. A divisão verificada na sociedade romana oriental em virtude da *Controvérsia Nestoriana* nos indica que Teodósio II não estava apenas preocupado com a unidade da Igreja. A sua preocupação também era preservar a lealdade de funcionários e senadores que fizeram parte da burocracia imperial e contribuía de maneira importante na sustentação do regime. Os riscos do conflito se estender para o Senado e causar instabilidade ao poder imperial eram reais, conforme podemos perceber na carta que o bispo João de Antioquia escreveu para os senadores a fim de relatar os acontecimentos que tumultuaram o Concílio de Éfeso I, em 431. O bispo antioqueno estava, naquele momento, incitando os senadores para que condenassem as ações de Cirilo e de seus seguidores:

Ao Senado, caro a Deus e amigo do Cristo, do Santo Concílio. Nós sofremos muito de ser obrigados a anunciar a Vossas Magnificências o obstáculo construído entre nossos próprios membros. Bem que a separação dos membros apodrecidos seja necessária, contudo ela causa uma amarga dor ao resto do corpo. ‘Se um membro sofre’, diz o bem-aventurado Paulo, ‘todos os membros sofrem com ele’. Contudo, os médicos não devem recusar a retirada dos membros inúteis e nocivos, pois o prudente e sábio médico dos corpos tem de olhar a saúde dos outros membros e desprezar o membro podre, porque ele se dá a esse trabalho pela saúde do corpo inteiro (*ACO*, I, 1, 5, p. 127).⁴⁵

Ao enviar essa carta, João de Antioquia reconhecia o Senado como uma instância de poder e não meramente um órgão decorativo que existia apenas para acomodar com dignidades os ex-funcionários oriundos da administração. Ao se dirigir aos senadores para

⁴⁵ Τῆι θεοφιλεῖ καὶ φιλοχρίστωι συγκλήτῳ ἡ ἀγία σύνοδος. Δίαν ἀλγοῦμεν οἰκείων μελῶν ἔκτομῆν τῆι ὑμετέραι μεγαλοπρεπεῖαι μνηνεῖν ἀναγκαζόμενοι. εἰ γάρ καὶ ἀναγκαῖος ὁ χωρισμὸς τῶν σεσηπότην μελῶν, ἀλλ’ ὅμως ὀδύνην πικράν τῶι λοιπῶι σώματι κατεργάζεται. εἰ πάσχει γάρ φησιν ὁ μακάριος Παῦλος, ἐν μέλος, συμπάσχει πάντα τὰ μέλη. ἀλλ’ ὅμως οὐ παραιτητέα τοῖς ἀχρήστον καὶ ἐπιβλαβῶν μελῶν ἡ τομὴ ὁ γὰρ ἐχέφρων καὶ σοφὸς τῶν σωμάτων θεραπευτῆς εἰς τὴν τῶν λοιπῶν ἀφορῶν ὑγίαν καταφρονεῖ τοῦ σεσηπότης, παντὶ τῶι σώματι τὴν σωτηρίαν πραγματευόμενος. τοῦτο καὶ ἡμεῖς ἐπὶ τοῦ παρόντος πεποτήκαμεν.

denunciar as irregularidades que ele considerou cometidas pela facção ciriliana, João aguçava as rivalidades do mesmo modo que Cirilo, com sucesso, investiu na direção dos funcionários imperiais com ouro e presentes.

Dentre a gama desses funcionários que exerciam suas atividades na administração imperial, o imperador escolhia aqueles que iriam compor o seu conselho privado, o Consistório. Nesse grupo restrito era onde se debatiam os problemas administrativos de toda natureza, inclusive os eclesiásticos, e de onde eram emitidas as leis em resposta às demandas para esses problemas. Embora esse conselho pudesse ser composto por aqueles funcionários que recebiam o título honorífico de *comes* (companheiro do imperador), as principais figuras que emergiam dentre eles eram o *Magister Officiorum* e o *Quaestor Sacri Palati* (PIGANIOL, 1972, p. 344-345; LANÇON, 1992, p. 72-74). Essa preeminência em relação aos demais certamente pesou para que Cirilo enviasse a eles a mesma quantidade de ouro que fora destinada ao PSC Crisero, que lhe fazia oposição na Corte (ACO, I, 4, p. 222-224).

Mesmo a Augusta Pulquéria e a imperatriz Eudócia a quem foram atribuídas serem detentoras de grande influência em matérias político-administrativas, conforme Kenneth G. Holum (1982, p. 134), tinham suas ações limitadas nessa área. Elas angariavam seus poderes por projetar a face pública do regime teodosiano como pio e legitimado pela divindade. Segundo constata Harries (2013, p. 73), muitas vezes observa-se que a influência delas parava na porta do Consistório, pois as leis emitidas por esse colegiado não refletiam as demandas que eram direcionadas a elas a partir das cartas que recebiam das mais diferentes regiões do Império portando solicitações diversas.

Membros do Consistório, funcionários imperiais civis e militares, eunucos, família imperial e, até mesmo, o bispo de Constantinopla, faziam parte de uma coreografia cerimonial carregada de gestos simbólicos que visava encenar para a sociedade a centralidade que o imperador ocupava no regime. Nas audiências solenes do imperador, regras de precedência eram muito bem demarcadas e delimitavam a posição e o prestígio que os cortesãos ocupavam na escala de acesso ao soberano e o grau de influência que detinham nas tomadas de decisões. Estruturas altamente hierarquizadas em ordens e níveis de status e prestígio como aquelas que caracterizavam as sociedades de Corte são muito competitivas em razão dessa estratificação. Essa competição era estimulada durante o governo de Teodósio II pela própria configuração do sistema, que previa uma alta rotatividade entre os servidores civis e pela sobreposição de funções entre eles, e por ações individuais do próprio imperador, que como já observamos nunca escalou um único indivíduo para fazer cumprir as suas ordens no decorrer do conflito. Desse modo, a existência de poderes rivais operando e competindo entre

si na administração imperial era garantia da não emergência de uma unanimidade que viesse confrontar a posição do imperador. Caso contrário, como constatou Norbert Elias (2001, p. 134-135), o nível de pressão sobre o soberano seria insuportável se a maioria daqueles que estivessem nos níveis abaixo na Corte agissem contra ele na mesma direção. Analisando a situação no contexto do Antigo Regime na França, Elias percebeu que o rei assegurava a sua posição ao promover a divisão para governar. Nessa circunstância, o soberano ponderava as relações de forças e buscava balancear o equilíbrio das tensões a seu favor. Bevan (2005, p. 235-236) também percebeu essa estratégia de Teodósio II de dividir para conquistar, contudo, temos a percepção de que muito pouco o imperador necessitou agir nesse sentido, em vista da própria diversidade de indivíduos que caracterizava a sociedade e a classe dirigente romana oriental que, naturalmente, já engendrava conflitos de interesses tanto na administração imperial quanto na hierarquia eclesiástica.

Portanto, o que observamos na Corte teodosiana é que esse equilíbrio já era dado naturalmente quando Teodósio II buscava contemplar dentro da sua administração indivíduos representativos das mais diferentes regiões do Império oriental, conforme elencamos nos quadros acima em que relacionamos os ocupantes das principais funções palacianas. A questão, portanto, que se colocava para Teodósio II era manter essa representatividade para que naturalmente a sua Corte fosse heterogênea, sem a necessidade de despender esforços em articulações políticas divisionistas. Nesse sentido, uma das linhas de atuação do imperador nos estágios iniciais da *Controvérsia Nestoriana*, como iremos melhor discutir no Capítulo 3, parece ter sido a de manter essa diversidade presente na Corte ao alternar o seu apoio entre as diferentes facções que entrariam em confronto para defender seus interesses e ambições. Essa estratégia evitaria o surgimento de um pensamento hegemônico que poderia unir os funcionários em uma causa comum e, paradoxalmente, afetar a unidade imperial em torno do imperador em virtude do assédio dos bispos sobre esse segmento.

A constatação de que funcionários imperiais poderiam ambicionar o trono imperial nos é indicada pela percepção de McCormick (2008, p. 145) que verifica que, após o fim do governo de Teodósio II, houve no período entre os anos 450 a 602 uma grande diversidade de imperadores que governaram na média de cinco a dezesseis anos, oriundos de famílias estabelecidas em diferentes regiões do Oriente. Assim, esse autor constata que “a Corte havia tornado-se mais do que um centro de poder: ela era também a melhor avenida para o poder”.

Entendemos que essa diversidade de indivíduos e interesses que compunha o núcleo da administração imperial foram fatores chave na maneira pela qual Teodósio II conduziu o conflito na hierarquia eclesiástica. Ele precisava compor um governo que fosse representativo

das elites do Império do Oriente de modo a contemplar as demandas desses segmentos dentro do governo central. Ao mesmo tempo, necessitava dosar, constantemente, o equilíbrio dessas forças em proveito da sua posição. Deve-se acrescentar a essa disposição a própria dinâmica político-social da capital imperial como um dos condicionantes para se entender a atuação do imperador. Não apenas as elites eram importantes nesse arranjo, mas, também, os segmentos inferiores da população, em especial em Constantinopla, devido à proximidade com o centro de poder. Conforme já demonstrou Julio Cesar Magalhães de Oliveira (2012) as intervenções populares devem ser consideradas nesse jogo político, pois se davam a partir de laços de solidariedade que os indivíduos mantinham em consonância com suas culturas políticas.

2.3.3. A cidade imperial de Constantinopla e sua diversidade político-religiosa.

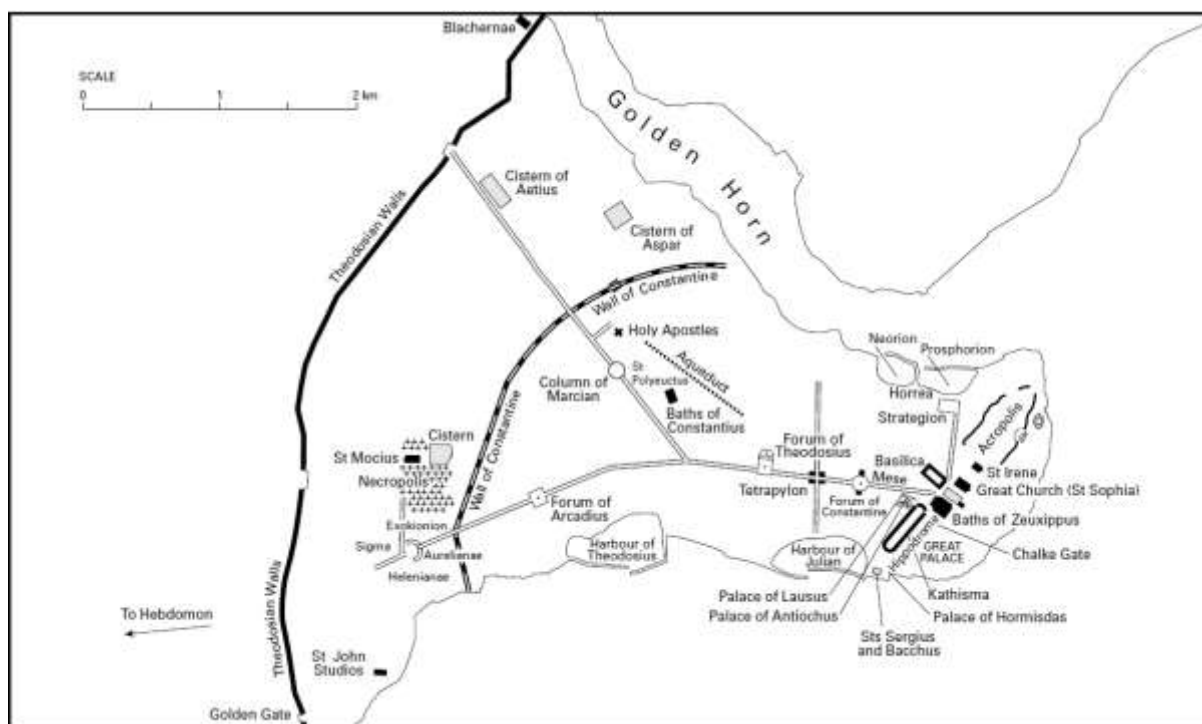
A dinâmica política, social e religiosa da cidade de Constantinopla nos fornece um quadro representativo, em menores proporções e com especificidades, mas não menos complexo, da diversidade de indivíduos, crenças e interesses que compunham a sociedade romana oriental na Antiguidade Tardia. Em decorrência da sua condição de capital político-administrativa de um Império centralizado na figura de um imperador sedentário e as pretensões do seu clero em afirmar a sua preeminência na estrutura administrativa eclesiástica, a cidade exercia sua força gravitacional sobre todo o Império oriental e para além das suas fronteiras. Desse modo, são registradas as tentativas do bispo de Constantinopla de exercer sua autoridade sobre as igrejas da Prefeitura Pretoriana do Ilírico, que estavam sob a jurisdição do bispo de Roma (JONES, 1964, p. 887-889) e as negociações do imperador, em conjunto com o bispo Nestório, para proteger o clero cristão no Império Persa (RUBIN, 2008, p. 641). Some-se a essas condições a sua localização privilegiada, à margem ocidental do estreito de Bósforo. Essa posição fazia da cidade um entreposto de passagem entre o Ocidente e o Oriente, condição que a dotava das características de uma cidade cosmopolita onde se podia presumir uma abundante troca de bens materiais e culturais.

Constantinopla emergiu como capital da porção oriental do Império Romano, no início do século IV d.C., a partir das reformas urbanísticas empreendidas pelo imperador Constantino na preexistente cidade de Bizâncio. No sentido de adaptar a sua infraestrutura ao aumento populacional que decorreria da sua nova posição, foram promovidas, nos anos iniciais da sua implantação, melhorias que visavam o abastecimento, a construção de prédios

públicos e de fortificações de modo a suprir as necessidades que sua importância político-administrativa e religiosa viria a assumir. Estima-se que a cidade tenha atingido sua população máxima na Antiguidade Tardia em meados do século V d.C., momento em que os habitantes no interior das suas muralhas era da ordem de 300 a 400 mil indivíduos (MANGO, C., 2004, p. 51).

Conforme destaca Sarah Basset (2004, p. 97), no período constantiniano a agenda de desenvolvimento da cidade esteve voltada para um contexto de afirmação urbana em que o reuso de antiguidades provenientes de diferentes regiões do Império desempenhava funções ideológicas através da utilização de temas apropriados aos diferentes locais públicos. Com a dinastia teodosiana, o objetivo não era mais o de se construir uma capital, mas erigir uma narrativa através de novas construções e remodelações de prédios e monumentos que promovessem o regime e legitimasse o direito dessa dinastia governar.

Figura 2 – Plano de Constantinopla no século V d.C.



Fonte: MANGO, M. M., 2008, p. 921.

Conforme mostra a Figura 2, acima, a disposição do conjunto de edifícios do centro administrativo da capital espelha na sua topografia as forças políticas que se interagem na capital imperial. O complexo formado por palácios, igrejas, hipódromo, fóruns e outros monumentos, servia de palco onde eram encenadas as coreografias que buscavam congregar

e, ao mesmo tempo, delimitar a participação de cada segmento – poder imperial, clero e súditos – na vida política da cidade. O governo do imperador Teodósio II soube utilizar, de modo recorrente, as representações simbólicas no espaço urbano que legitimavam o imperador e a família imperial como depositário de uma sacralidade nos moldes de uma teologia política baseada nos preceitos cristãos consoantes com as normas de ortodoxia vigente. Mas, os fundamentos desse pensamento ideológico ortodoxo ainda se encontravam em construção devido às disputas travadas entre as diferentes correntes espalhadas pelo Império que reivindicavam ser portadoras da interpretação correta dos textos sagrados a partir das visões particulares de cada grupo, consoantes às culturas político-religiosas nas quais estavam inseridos.

Essas diferentes facções se faziam representar no espaço urbano da capital imperial através da organização de grupos de pressão que buscavam angariar o capital político necessário para consagrar como válidas as inovações que promoviam na ortodoxia vigente, seja tentando influenciar diretamente o imperador e sua família, ou seja utilizando os funcionários imperiais para esse fim. Mas não apenas sobre os segmentos superiores da capital as facções lideradas por Nestório e Cirilo atuaram. Elas agiram no mesmo sentido para cooptar escalões inferiores da população de Constantinopla, que também exerciam parcela de pressão sobre a política imperial. Além dos grupos ciriliano e nestoriano, que disputavam a primazia de representar a ortodoxia vigente, havia na capital imperial a presença de uma diversidade de correntes religiosas, das quais Nestório nos dá indicação ao tentar justificar os motivos da sua deposição, em 431:

O mesmo ânimo animava a todos: *judeus, pagãos e todas as seitas*, eles se esforçaram por fazer aceitar sem exame as coisas que tinham sido feitas sem exame contra mim. Todos estavam de acordo, mesmo aqueles que tinham sido meus companheiros à mesa, nas preces e em pensamento; eles se juntaram numa amizade inseparável, por visitas e reuniões nas casas para confirmarem aquilo que foi feito contra mim. (Nestório, *Liber*, 373, destaque nosso).⁴⁶

A despeito da existência de leis emitidas por Teodósio II que buscavam restringir a presença de grupos não cristãos e cristãos heterodoxos na sociedade romana (WESSEL, 2004, p. 58), a permanência desses grupos durante o conflito indica-nos que essa diversidade era tolerada pelo poder imperial. O objetivo dessa tolerância podia estar relacionado a

⁴⁶ Nau, p. 240; Driver ; Hodgson, p. 271.

contrabalançar as forças políticas no clero, do mesmo modo como constatamos a presença de funcionários de diferentes orientações político-religiosas em importantes cargos na administração imperial. Essa diversidade era benéfica aos propósitos políticos do imperador, pois não vislumbramos outra possibilidade para a existência de hierarquias eclesiásticas paralelas na cidade em Constantinopla formadas por nicenos, novacianos e eunomianos, cada uma delas elegendo os seus próprios bispos, conforme indica Peter Van Nuffelen (2010, p. 427). Mas, assim como cirilianos e nestorianos investiram na direção dos funcionários imperiais, a mesma estratégia foi utilizada por eles em relação a esses segmentos, conforme nos indicou Nestório na passagem acima. Ou seja, a diversidade de Constantinopla refletia a diversidade da população de todo o Império e as tentativas de homogeneização, tanto na esfera administrativa imperial quanto no clero e na população em geral, não serviam aos propósitos políticos do imperador. Isso redundaria em insegurança pela ausência de interlocutores que pudessem ser utilizados para contrabalançar o jogo político.

Uma vez que, desde a morte de Teodósio I, a Corte imperial não era mais itinerante, foi justamente no espaço público de Constantinopla que Teodósio II buscou exteriorizar o aparato simbólico que demonstraria sua majestade imperial como detentora da vontade divina para governar. A centralização do governo em Constantinopla, desse modo, ampliou a diversidade na cidade ao atrair segmentos das elites e da população das mais diferentes regiões do Império, tornando-a um nicho representativo de um Império multicultural onde coexistiam diferentes correntes de ideias e etnias. No âmbito das elites, essa demonstração era colocada em prática no altamente hierarquizado ritual de Corte, onde se demarcava, claramente, por meio das dignidades de que cada um era portador a posição de cada indivíduo, inclusive a do imperador. No âmbito da população em geral, clérigos e leigos, essas demonstrações se davam através da presença do imperador e da sua comitiva nas procissões que efetuavam entre o palácio imperial e as igrejas da cidade e, também, em ocasiões de comemorações de triunfos militares ou jogos que eram oferecidos no hipódromo. Essas oportunidades eram criadas como forma de promover a interação entre o imperador e a cidade (McCORMICK, 2008, p. 159).

Os rituais e formalidades que caracterizavam essas ocasiões geravam expectativas tanto para o imperador quanto para o clero e a população em geral. Conforme destaca Van Nuffelen (2012, p. 185), essas cerimônias eram ocasiões em que os cidadãos traziam suas demandas através de petições ou aclamavam ou expressavam seu inconformismo através de insultos. Dependia da habilidade do imperador improvisar para que, em circunstâncias desfavoráveis a ele, não eclodissem revoltas que poderiam ser incitadas por parcelas

descontentes da população. Tratava-se de um artifício do bispo da cidade a tentativa de capitalizar politicamente em seu proveito essas aparições do imperador no sentido de tentar agir como um intermediador.

A habilidade de improvisação frente ao rígido protocolo, ao qual se esperava que o imperador seguisse, era requerida em vista de a cidade ser dividida em diversos grupos de interesses, que eram patrocinados por membros das elites ou do clero, sendo que os principais se congregavam nas facções verde e azul, que eram insufladas à desordem caso suas demandas fossem frustradas. Havia nessas ocasiões a possibilidade de confluência de interesses entre as elites e o povo na defesa dos interesses de ambos. Durante a *Controvérsia Nestoriana*, e nos séculos seguintes dos seus desdobramentos, observa-se uma tendência da facção dos verdes, que congregava uma expressiva parcela de indivíduos das camadas inferiores da população, do clero e monges, e tinha Teodósio II como um dos patrocinadores, de defender a união das naturezas nos moldes propostos inicialmente por Cirilo e, mais tarde, radicalizadas pelo monge Eutiques. Os azuis, por sua vez, eram representados, sobretudo, pelas camadas superiores e defendiam a visão diofisista antioquena, que mais tarde seria consagrada no Concílio de Calcedônia, em 451 (JARRY, 1960, p. 348-351). Em carta escrita ao bispo Celestino de Roma, em 430, Cirilo tentou descrever o comportamento desses grupos em Constantinopla, uma vez que ele dispunha de agentes na capital imperial que o mantinham informado sobre as ações de Nestório:

Havia em Constantinopla um bispo de nome Doroteu que tinha as mesmas opiniões que ele [Nestório], um homem que facilmente se deixava bajular e de boca perversa, como está escrito. Quando o mais piedoso Nestório estava sentado no trono em assembleia na igreja de Constantinopla, ele se levantou e se atreveu a dizer em voz alta: ‘Se alguém diz que Maria é a mãe de Deus, que seja anátema’. E houve um grande grito de todas as pessoas que correram para fora. Elas não queriam perder mais tempo com aqueles que tinham essa opinião, de modo que mesmo agora as pessoas de Constantinopla se mantêm afastadas, com exceção de uns poucos frívolos e daqueles que o lisonjeiam. Mas quase todos os mosteiros e seus arquiemandritas e muitos dos senadores não se juntaram a ele. Eles temem serem feridos na fé, enquanto ele e aqueles que estão com ele, que ele trouxe de Antioquia, dizem tudo pervertido. (ACO, I, 1, 5, p. 10-12)⁴⁷.

⁴⁷ ἦν ἐν Κωνσταντινουπόλει ἐπίσκοπος ὀνόματι Δωρόθεος, τὰ αὐτὰ φρονῶν αὐτῷ, ἀνὴρ χρειοκόλαξ καὶ προπετῆς χεῖλεσι, καθὼς γέγραπται ὡς ἐν συνάξει, καθεζομένου ἐπὶ τοῦ θρόνου τῆς ἐκκλησίας τοῦ τῆς Κωνσταντινουπόλεως εὐλαβεστάτου Νεστορίου, ἀναστὰς μεγάλην τῆι φωνῇ τετόλμηκεν εἰπεῖν εἴ τις λέγει θεοτόκον εἶναι τὴν Μαρίαν, οὗτος ἀνάθεμα ἔστω. καὶ γέγονε μὲν κραυγὴ μεγάλη παρὰ παντὸς τοῦ λαοῦ καὶ ἐκδρομὴ οὐ γὰρ ἤθελον εἶτι κοινωνεῖν αὐτοῖς τοιαῦτα φρονοῦσιν, ὥστε καὶ τῶν κολαλευόντων αὐτόν, τὰ δὲ μοναστήρια σχεδὸν ἅπαντα καὶ οἱ τούτων ἀρχιμανδρίται καὶ τῆς συγκλήτου πολλοὶ οὐ συνάγονται, δεδιότες μὴ

A força desses arranjos entre facções não deveria ser negligenciada pelo imperador, pois incidentes poderiam se irromper e sair do controle. Antecedentes de tumultos já haviam sido registrados na capital imperial durante o governo do seu pai, o imperador Arcádio, por ocasião do conflito envolvendo o bispo João Crisóstomo. Precedentes dessa natureza influenciaram na conduta de Teodósio II ao lidar com as disputas entre facções pela liderança no episcopado de Constantinopla. A pronta atuação do imperador nessas ocasiões lhe renderia dividendos políticos que reforçariam a sua legitimidade e percepção de bom governante. Nestório nos deu indicações de como o imperador Teodósio II agiu em uma circunstância que poderia deflagrar uma revolta na cidade. Por ocasião do Concílio de Éfeso I, em 431, o imperador foi confrontado pelo arquiandrita Dalmácio, aliado de Cirilo, e pela multidão que o acompanhava para solicitar ao imperador a deposição de Nestório. A resposta dada por Teodósio II, segundo o relato de Nestório, nos dá uma percepção da habilidade do imperador em agir nessas circunstâncias:

O imperador lhe diz [a Dalmácio]: eu não encontro nenhuma iniquidade nesse homem [Nestório] e nenhuma causa para que ele seja deposto. Eu protesto diante de ti e de todos os homens de que eu sou inocente. [...] Nem agora e nem antes eu me ocupei dessa ordenação, para que se possa pensar que eu me vingou ou que eu busco uma revanche por causa da sua eleição. É por causa de vocês todos que eu fiz vir esse homem de força, quando ele era muito ligado à sua família e a seus parentes. [...] Você foi a causa de tudo isso, e não eu. Quando, ó Dalmácio, eu supliquei a você de se encarregar desse caso e te solicitei com insistência para não recusar o serviço de Deus e você me suplicou, ao contrário, para não o constranger, porque você não era instruído. [...] Você mesmo me disse: Constantinopla tem necessidade de um bispo que seja amado por todo mundo graças às suas palavras e condutas, a fim de que seja o doutor das igrejas e a boca de todos em tudo (Nestório, *Liber*, 376-377)⁴⁸.

A repreensão de Teodósio II a Dalmácio estava relacionada à sucessão episcopal que culminou com a indicação de Nestório para a Sé episcopal da capital imperial, em 428. Naquela ocasião, Sócrates de Constantinopla (*Hist. eccl.*, VII, 29) relatou que “por causa do ambicioso espírito de rivalidade apresentado pelos eclesiásticos de Constantinopla, os imperadores resolveram que ninguém daquelas igrejas deveriam preencher o bispado vago”.

ἀδικηθῶσιν εἰς πίστιν, αὐτοῦ καὶ τῶν σὺν αὐτῷ οὓς ἀπὸ τῆς Ἀντιοχείας ἀναβαίνων ἤγαγε, πάντα λαλούντων τὰ διεστραμμένα.

⁴⁸ Nau, p. 242; Driver ; Hodgson, p. 272-273.

Portanto, a razão pela qual Teodósio II optou pela escolha de um bispo estrangeiro à comunidade esteve relacionada a essas disputas na cidade, inclusive dentre as próprias facções do clero niceno. A escolha de um representante de uma delas era potencial de revoltas da população, bem como um desequilíbrio de poder entre elas. Na continuação da fala do imperador a Dalmácio pode-se perceber o ambiente bélico que estava criado:

O que eu deveria fazer que eu não tivesse feito? Vocês, monges, não estavam de acordo com o clero; por outro lado o clero não estava unânime; os bispos estavam divididos, e o povo estava da mesma maneira, uns combatendo com os outros. Mesmo assim, eu não me dei o poder (de escolher o bispo), mas eu deixei a você a escolha. Depois desse insucesso, vocês todos me deram o poder de escolher aquele que eu desejaria (Nestório, *Liber*, 379)⁴⁹.

Aqui também se observa a manobra de Teodósio II, conjuntamente com os auxiliares que o assessoravam, em consonância com a política que observamos ter sido adotada por ele, mais tarde, no gerenciamento do Concílio de Éfeso I: manter facções enfraquecidas para melhor administrar as tensões políticas em seu favor. A estratégia incluía convidar, de antemão, alguém da cidade que provavelmente iria declinar da indicação. A presença de Dalmácio perante o imperador, para fazer a petição de destituição de Nestório, havia sido a primeira vez que o monge se ausentara do monastério, desde a investidura na função de arquiandrita. A sua justificativa para a recusa foi por conta do seu compromisso com a vida reclusa (RUSSELL, 2000, p. 32). Nesse sentido, entende-se a forma descompromissada com que o imperador recusou, a princípio, a destituição de Nestório.

A importância que revestia ter o controle dessas facções dentro de Constantinopla fazia com que o imperador interferisse diretamente na nomeação do seu bispo. Foi assim, de modo direto, por ocasião da investidura de Nestório e indiretamente quando permitiu que bispos cirilianos entrassem na capital para consagrar Maximiano, após o final do Concílio, momento em que aceitou a renúncia de Nestório:

Mas o imperador dispensou os orientais e pediu a vocês – eu chamo de ‘vocês’ seus partidários [de Cirilo], aqueles que te defendiam – de entrar em Constantinopla e colocar outro bispo no meu lugar. Onde se encontrava feito o julgamento? Diante de quem? Diga-me, na presença de quem? (Nestório, *Liber*, 393)⁵⁰.

⁴⁹ Nau, p. 243-244; Driver; Hodgson, p. 274-275.

⁵⁰ Nau, p. 252; Driver; Hodgson, p. 284.

Essa indignada incompreensão de Nestório com a atitude do imperador de descartá-lo, pouco tempo após ter feito veemente defesa dele perante Dalmácio, também contribuiu para a percepção historiográfica que imagina Teodósio II um imperador ineficiente e medíocre na política. Contudo, para se perceber melhor o motivo dessa conduta do imperador é necessário inserir os eventos da nomeação e deposição de Nestório em um contexto mais amplo, que não se é observado nas análises que restringem o conflito apenas aos desentendimentos na esfera eclesiástica.

2.3.4. Os componentes externos: o Império Persa e o reino da Armênia.

Se um dos objetivos de Teodósio II foi convocar Nestório à Constantinopla para controlar as disputas entre facções na capital imperial, percebe-se que a sua postura estava relacionada, também, num significado mais amplo, a questões geopolíticas. A indicação de Nestório, em 428, em nossa percepção esteve interligada ao relacionamento que o Império do Oriente mantinha com o seu vizinho Império Persa e à preocupação mais ampla de manutenção da unidade imperial. Quando Nestório foi confirmado no cargo, Teodósio II determinou ao *MVM* do Oriente Flávio Dionísio que o escoltasse de Antioquia a Constantinopla. Mas essa não foi a única missão do general naquela viagem. Na mesma ocasião, ele fora encarregado pelo imperador de missão diplomática junto aos persas para atualizar o tratado de paz que colocasse fim à breve guerra entre os dois Impérios, entre 421-422 (TRAINA, 2009, p. 1-6).

Figura 3 – Mapa do Oriente Médio na Antiguidade Tardia.

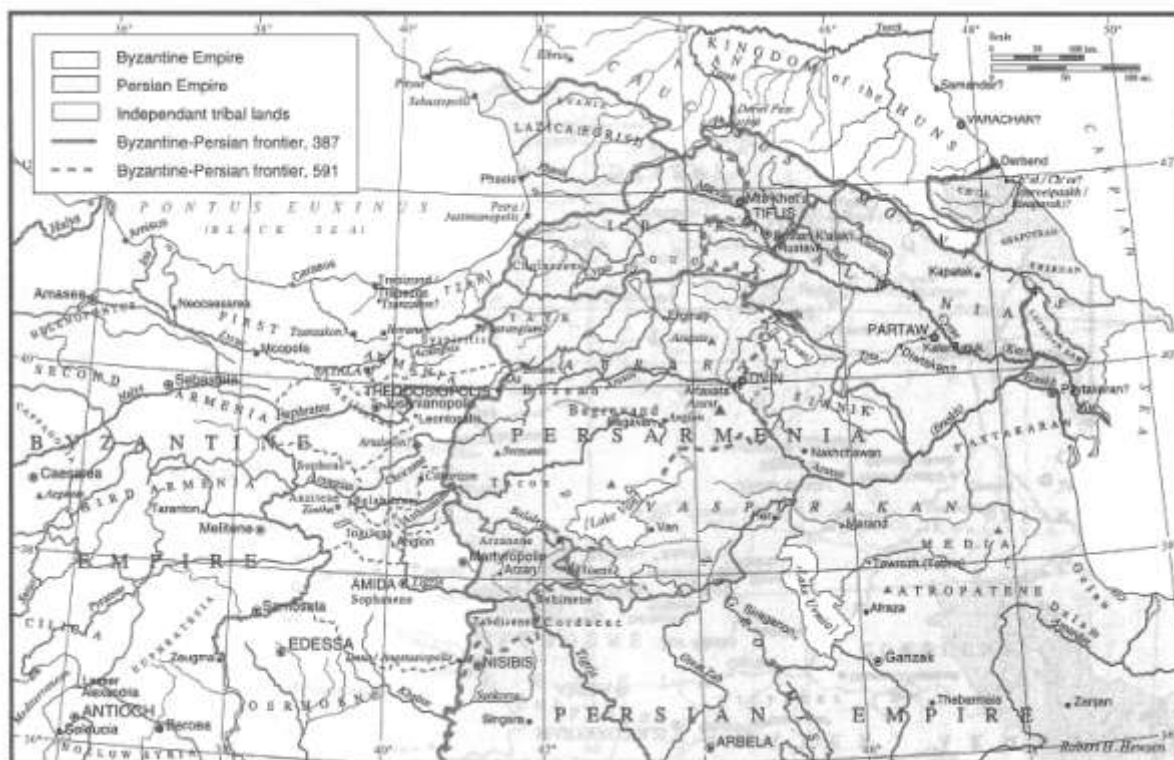


Fonte: GREATREX; LIEU, 2002, mapa 1.

Durante o governo do rei persa Yazdegerd I e até a deflagração daquele conflito as relações entre os dois Impérios se mantiveram amistosas. Após a morte desse soberano persa, em 420, as relações com o seu sucessor, Bahrã V, haviam se deteriorado em função da perseguição aos cristãos persas pelo novo soberano (Sócrates, *Hist. eccl.*, VII, 18). Mas esse conflito se revestiu de algo mais amplo do que a questão religiosa e, em nosso entendimento, extrapolava para a influência de ambos os Impérios sobre o reino da Armênia. O território dos povos armênios compreendia uma grande extensão em que um quinto da sua porção ocidental formava duas províncias romanas, Armênia I e II, sob a jurisdição da diocese da Pôntica (APÊNDICE L – Mapa 1; GARSOÏAN, 1998). Os outros quatro quintos formavam o antigo reino da Armênia que, até a eclosão do conflito com os persas, estava sob a zona de influência de Constantinopla (Figura 4). Nesse período de confronto entre romanos e persas, as elites e o clero do reino da Armênia se uniram contra o seu rei, Artashes IV, da dinastia dos Arsácidas, destituindo o soberano com o aval do rei da Pérsia. Nesse acordo, um governador persa (*marzpan*) foi nomeado com a função de coletar impostos e recrutar contingentes militares

para servirem no exército persa. Em contrapartida, as elites armênias obtiveram uma maior autonomia no gerenciamento dos seus próprios interesses e domínios territoriais (THOMSON, 2008, p. 665).

Figura 4 – Mapa da Armênia e regiões vizinhas na Antiguidade Tardia.



Fonte: GREATREX; LIEU, 2002, mapa 3.

Esses acontecimentos nos parecem de grande relevância nas estratégias políticas de Teodósio II para evitar a fragmentação de territórios do Império Romano, situados na região do rio Eufrates. E a convocação de Nestório para ocupar a Sé episcopal de Constantinopla estava inserida nessas estratégias. Como registramos no capítulo anterior, Nestório possuía ascendência persa e fora convocado por Teodósio II em vista das suas propaladas qualidades de exímio orador. Nestório advogava uma teologia política que, em simetria com a sua noção dualística da divindade, redundava em um distanciamento entre o imperador e seus súditos, à moda de um rei persa, conforme já constatamos por meio das acusações de Cirilo. A conclusão a que chegamos é que Teodósio II moveu as peças no tabuleiro político com a finalidade de trazer para perto de si uma ameaça futura. Um clérigo que já era reconhecido pelo dom da oratória em uma região que, potencialmente, poderia vir a seguir a mesma trajetória das elites armênias através da associação entre clero oriental, funcionários imperiais

oriundos daquela região e elites locais em busca de maior autonomia no interior de um Império altamente centralizado e de um imperador confinado na capital imperial. Essa nossa percepção é corroborada pelo Mapa 2 (APÊNDICE M), no qual se visualiza a concentração dos bispos que partilhavam o pensamento nestoriano na diocese do Oriente, região limítrofe entre o Império Romano do Oriente e o Império persa.

Os bispos não agiam sozinhos, pois a cultura político-religiosa que era majoritária nos limites desses dois Impérios, à qual Nestório estava inserido, era partilhada por amplo espectro da população oriental, desde o clero que lhe deu sustentação até as elites locais e aqueles funcionários que foram destacados para assumir postos na administração central em Constantinopla. Através de largas zonas de contato e osmose, culturas políticas diferentes se interagem e compartilham elementos que são aceitos em comum (BERSTEIN, 1998, p. 350). Essa interação entre elas fornecia aportes para ambos os lados através da circularidade de ideias que é característica das zonas de fronteiras. Após o banimento definitivo de Nestório, em 436, por exemplo, houve um grande êxodo de seguidores das doutrinas dele que foi acolhido no Império Persa (DRIVER; HODGSON, 2002, p. xxiv), o que denota a aceitação delas para além dos limites do Império Romano do Oriente. Cabe lembrar ainda que as proposições teológicas de Nestório não se iniciaram com ele. Elas faziam parte da atualização de uma cultura político-religiosa que emergia desde os tempos dos bispos orientais Teodoro de Monpsuéstia (350-428) e Diodoro de Tarso (?-392), que elaboraram os contornos iniciais daquela doutrina no final do século IV d.C. em um contexto de fragmentação do Império Romano em duas novas entidades administrativas autônomas: os Impérios Romanos do Oriente e do Ocidente.

Mas, apesar das exitosas negociações políticas de Cirilo junto à grande parcela do clero do Oriente e do Ocidente (ACO, I, 1, 1, p. 96-98), dos tratados retóricos que escreveu ao imperador e à família imperial em defesa da sua doutrina⁵¹ e os apoios conquistados na Corte imperial a peso de ouro (ACO, I, 4, p. 222-225), qual teria sido o outro motivo pelo qual o imperador abandonou Nestório em uma questão que era tão sensível para a segurança do Império? Dentre as possíveis respostas a esse ponto, uma delas remete às relações entre imperador e bispo e à disputa teológica pela manipulação do sagrado empreendida por eles, que almejavam embolsar o capital político nas relações de ambos com a população, de modo a demarcar posições de afirmação e legitimação dentro do espaço urbano de Constantinopla.

⁵¹ Conforme relacionamos no Capítulo 1.

Nestório nos dá uma indicação nesse sentido por ocasião de sua prisão, da prisão de Cirilo e de Menão de Éfeso durante o Concílio de 431:

Aproveite ao imperador que eu permanecesse deposto e que Cirilo e Menão permanecessem do mesmo modo. Pensava-se que ele fazia isso para nos obrigar a entrar em acordo e para que recebêssemos uns aos outros. Ele prolongaria minha deposição para nos trazer numa única vontade. Ele (prolongou minha deposição) e ficou sem se reconciliar com aqueles, a fim de que, sem uma reconciliação com os outros, ***ele poder usar-nos em um propósito***. (Nestório, *Liber*, 384, destaque nosso)⁵².

Essas disputas na esfera teológica geravam batalhas de forças centrípetas, de centralização, e centrífugas, de autonomia, que, embora colidissem mais visivelmente na capital imperial, tinham, também, seus vetores direcionados para todo o Império e além dele. Nesse sentido, todos os caminhos levavam à Constantinopla quando se tratava de assuntos relacionados à esfera político-administrativa. Isso era decorrente da centralização resultante da fixação da residência, de modo permanente, do imperador na cidade. Além disso, como destacaremos mais adiante, Constantinopla também pleiteava preeminência político-religiosa em relação a Alexandria e Antioquia e, como o céu parecia ser o limite, pois os modelos de governança terrena eram projetados no plano sensível visando à construção de uma sociedade ideal, suas elites tentavam, ainda, expandir essa influência para além das fronteiras do Império do Oriente, disputando a liderança que Roma construía nessa área e tentando influir nos destinos dos cristãos na Pérsia e na Armênia.

Enfrentamentos entre imperador e bispo são percebidos nas circunstâncias em que Nestório tentou cercar a participação do imperador em eventos públicos ou mesmo interferir na correlação das forças políticas da capital ao empreender obstinada perseguição às minorias religiosas. No sermão que proferiu na presença do imperador, por ocasião da sua investidura no episcopado da capital, em 428, Nestório teria proferido a seguinte sentença, de acordo com Sócrates de Constantinopla (*Hist. eccl.*, VII, 29): “Dai-me, ó imperador, a terra livre de heréticos, e eu darei a você o céu em recompensa. Ajuda-me destruir os heréticos e eu ajudarei você a vencer os persas”. Essas palavras de Nestório teriam sido o prelúdio de uma intensa mobilização que ele moveu contra os arianos e novacianos na capital imperial e “com

⁵² Nau, p. 246-247; Driver ; Hodgson, p. 278.

calamidades, ele visitou os quartodecimanos⁵³ através da Ásia, Lídia e Cária, ocasião em que multidões morreram em tumultos populares dos quais ele [Nestório] foi a causa em Mileto e Sardis”.

Essas campanhas persecutórias de Nestório causavam, inclusive, distúrbios entre as os mais variados segmentos da população na capital:

Essas coisas eram ditas livremente, por esses, por aqueles e pelos heréticos; elas eram cantadas [blasfêmias] e aplaudidas nas casas, nas ruas e em todas as igrejas. Por esse motivo, não se podia distinguir as coisas que eram ditas dentro das igrejas, nem mesmo se as igrejas pertenciam aos heréticos ou aos ortodoxos. [...] eles se ocupavam de sedição, de perseguições e de coisas análogas. Quanto àqueles que lhes forneciam bens, comida e riquezas, também os incitavam e lhes pediam para se ocupar constantemente daquelas coisas. (Nestório, *Liber*, 384)⁵⁴.

Evidências sugerem que o próprio escritor Sócrates, que também escreveu um panegírico desmesuradamente elogioso a Teodósio II (Sócrates, *Hist. eccl.*, VII, 22), era um membro da seita dos novacianos. Como destaca Van Nuffelen (2010, p. 430-433), os novacianos de Constantinopla possuíam estreitas conexões com as elites da sociedade e seus bispos eram oriundos desses mesmos estratos superiores. A insistência de Nestório em contrapor a esse segmento certamente redundou em desequilíbrios políticos que afetavam as correlações de forças que o poder imperial almejava manter. Não seria outro o motivo da existência e organização deles em uma hierarquia paralela, a despeito da edição de lei específica, emitida em 423, que classificava os novacianos como heréticos.

Também uma carta escrita por partidários de Nestório⁵⁵, que pode ser datada do início do seu período de exílio, a certo indivíduo nomeado Cosmas⁵⁶, refutava as acusações feitas ao agora ex-bispo de ter estabelecido enfrentamento contra a Augusta Pulquéria desde os primeiros dias de episcopado. Essa carta trata-se de uma espécie de panfleto propagandístico em defesa de Nestório. Dentre as várias acusações que lhes foram imputadas, destacam-se:

⁵³ Indivíduos pertencentes a um grupo cristão que, desde o século II d.C., mantiveram a celebração da Páscoa no décimo quarto dia do mês de *Nisan* do calendário judaico, daí o nome de Quartodecimanos (STEWART-SYKES, 1998, p. 2).

⁵⁴ Nau, p. 247; Driver ; Hodgson, p. 278-279.

⁵⁵ Dentre os signatários da carta estão o *comes domesticorum* Candidiano (*PLRE* 2, p. 257-258), o *comes* Sofrônio e o *magistri utriusque militiae* Elias (*PLRE* 2, p. 390).

⁵⁶ Vide APÊNDICE A.

(5) Ademais, a imperatriz Pulquéria, freira, e suas freiras jantavam aos domingos no palácio episcopal, após receberem a comunhão; Nestório não admitia isso, o que resultou em grande barulho contra ele da parte dos clérigos e de toda Corte.

(6) Ademais, Nestório apagou a imagem de Pulquéria que estava pintada acima do altar; isso quase o expulsou da igreja.

(7) Ademais, Nestório removeu a estola de Pulquéria, que era tanto estendida sobre o altar no momento da comunhão quanto levado por ela.

(8) Ademais, na grande festa da Páscoa, o imperador tinha o costume de receber a comunhão do santo dos santos [bispo de Constantinopla]; Pulquéria desejou (o mesmo privilégio) [...]. Nestório não admitiu isso, mas um dia em que ela se dirigiu, segundo seu costume, em direção ao santo dos santos, Nestório a viu e perguntou o que aquilo significava; o arqui-diácono Pedro expôs-lhe a coisa; Nestório correu, encontrou-a na porta do santo dos santos, parou-a e não permitiu sua entrada. Pulquéria irritou-se com ele e lhe disse: ‘Deixa-me entrar segundo o meu costume’. Mas ele lhe disse: ‘Esse lugar deve somente ser pisado pelos padres’. E ela disse: ‘Será porque eu não dei a luz a Deus?’. Ele lhe disse: ‘Você deu a luz a Satanás’, e a mandou embora da porta do santo dos santos. Ela partiu irritada, foi encontrar-se com o imperador e lhe contar aquelas coisas. O imperador lhe disse: ‘Por tua vida, minha irmã, e pela coroa que está sobre sua cabeça, eu não cessarei antes de me vingar dele’. Desde aquele dia, ele não teve mais nenhum crédito junto ao imperador (Nestório, *Ep. Cosmas*)⁵⁷.

A recusa de Nestório em admitir o uso do termo *Theotokos* à Virgem Maria e atitudes como as descritas na carta acima em relação à Pulquéria ensejam interpretações diversas, inclusive a acusação de que ele era portador de “uma profunda misoginia”, como o faz Joyce E. Salisbury (2015). Mas, as decisões tomadas por Nestório em relação ao imperador e sua família estavam consoantes à concepção de realeza da sua teologia política: a transcendência divina em relação à humanidade que ele pregava reservava ao imperador um lugar remoto e de difícil acesso. O contato entre soberano e súditos se daria por intermédio do hierarquizado ritual da Corte, a qual o bispo de Constantinopla era um dos integrantes. Logo, os problemas criados em relação à Pulquéria afetavam diretamente o arcabouço simbólico que projetava a família imperial como um modelo de piedade que constituía uma das faces que buscava assegurar a legitimidade ao regime teodosiano.

Ainda, conforme destaca Brown (2002, p. 100-101), “ele pregou contra os mais lascivos aspectos dos jogos no hipódromo, o ponto de união entre o imperador e seu povo”. Essa indicação nos é dada por meio de uma lenda siríaca que relata as atividades de Nestório enquanto bispo da capital imperial:

⁵⁷ Nau, p. 363-364.

Ele suprimiu também os jogos, os teatros, os cantos, os concertos, a dança e todos os divertimentos de que se ocupavam os romanos. Devido a isso, a cidade concebeu um ódio profundo contra ele, de tal sorte que tomaram seu mobiliário e atiraram ao mar. Bem que a cidade o teria odiado, mas o imperador, contudo, o honrava e amava de maneira particular (*Lenda Siríaca de Nestório* apud NAU, 1910, p. vii).

Ou seja, através das tentativas de impor medidas impopulares de interdição dos jogos desfrutados pela população, em consonância com o rigor que caracterizava a vida de um ex-monge, e de restrição do acesso ao imperador e seus familiares ao público, Nestório angariou oposição nos mais diferentes segmentos da sociedade constantinopolitana. Apesar das possíveis vantagens iniciais que levaram Teodósio II a nomear Nestório para a Sé episcopal da capital imperial, suas ações, em consonância com seu pensamento religioso, tentavam isolar o imperador, colocando-o em um lugar tão distante quanto o Deus que ele imaginava. Esse comportamento pesou na decisão do imperador em preteri-lo em favor dos aliados de Cirilo em Constantinopla. Mas a problemática é mais ampla e abarca, também, toda uma conjuntura de afirmação da estrutura organizacional da hierarquia eclesiástica e sua relação com a estrutura administrativa do Império Romano do Oriente. Só poderemos entender a atuação de Teodósio II no conflito, de forma mais profunda, se observarmos o entrelaçamento entre a estrutura administrativa imperial e a organização hierárquica eclesiástica, inclusive aquela situada no Império Romano do Ocidente.

2.4. A sobreposição de problemas políticos, administrativos e teológicos entre a estrutura administrativa imperial e a hierarquia eclesiástica.

Para se entender a instituição do episcopado na Antiguidade Tardia deve se levar em conta as circunstâncias que propiciaram a combinação da autoridade ascética dos bispos com o gradual processo de acúmulo da autoridade decorrente da interseção deles na esfera pública em benefício dos interesses de suas comunidades. Essa autoridade pragmática decorreu, paulatinamente a partir dos séculos IV e V d.C., e sem grandes modificações em relação ao patronato clássico, a partir da assunção pelos bispos das atribuições também reservadas a um patrono da cidade (LEPPELEY, 1998, p. 27). A despeito dessa condição, isso não implicava que os bispos estivessem sido absorvidos na estrutura administrativa imperial na condição de funcionários. Mas, essa atividade patronal rendia-lhes dividendos políticos que eram somados

ao capital moral que também deveriam ser portadores como pré-requisito para a condução religiosa das suas congregações nos caminhos da verdadeira fé. Quanto maior esse capital, de mais poder e autoridade um bispo se via revestido para estender sua influência para além do campo religioso e sua atuação para além da sua comunidade de jurisdição.

Na primeira metade do século V d.C., estabelecia-se como regra a existência de um bispo para cada cidade e a condição de igualdade entre eles (WARD-PERKINS, 2008, p. 400). Abaixo dos bispos, outros integrantes da hierarquia eram compostos por presbíteros, arquiidiaconos, diáconos, leitores e sacerdotes. Em decorrência da importância da Sé episcopal em que eram titulares, ligada à importância da cidade em que estava localizada, observam-se os contornos iniciais da hierarquização da preeminência entre os próprios bispos e da emergência de uma estrutura administrativa eclesiástica que buscava seguir as divisões territoriais e a cadeia de comando da estrutura da administração imperial.

Em vista dessa tendência, nas cidades metrópoles, que eram as capitais das províncias, os bispos passaram a ser denominados de metrópolitas e adquiriram o poder de consagrar os bispos eleitos de todas as cidades dessa província (JONES, 1964, p. 882). Nas capitais de dioceses, como Alexandria e Antioquia, que possuíam um histórico de tradição apostólica, os bispos começaram a ser percebidos como detentores de uma autoridade maior e, com isso, vieram a reivindicar a denominação de arcebispos. Entretanto, os títulos de metrópolita, arcebispo e patriarca somente passaram a ser de uso corrente no VI d.C. (RAPP, 2005, p. 276). A emergência desse princípio de configuração é constatada através da carta em que Cirilo se dirigiu a correigionários que estavam em Constantinopla durante o Concílio de Éfeso, em 431, e na qual se intitula “arcebispo”. Como Cirilo se sentia em patamar superior na hierarquia, o objetivo da missiva era dar instruções para que seus colegas que estavam na capital imperial alertassem as autoridades do apoio que Nestório vinha recebendo do *comes* Candidiano e dos soldados sob o seu comando com o intuito de evadir-se daquela reunião:

Cirilo, arcebispo de Alexandria, aos bispos Comário e Potamão e ao arquiandrita dos mosteiros, meu senhor, Dalmácio, e a Timóteo e Eulógio, amados e mais queridos presbíteros dedicados a Cristo, saudações especiais. Esperamos o honorável Nestório vir e arrepende-se das más palavras que ele usou depois que foi consagrado e pedir perdão ao santo concílio, mesmo que fosse perigoso conceder perdão a ele, pois não é permitido conceder perdão a um homem que prega tais coisas, pois ele perverteu o mundo todo e enfraqueceu a devotada fé das igrejas. Se alguém ousar proferir uma única palavra reveladora contra nossos mais reverenciados e cristãos imperadores, justamente tolerando a censura das leis, não deve ele ser tudo mais que totalmente ímpio, que tenta distorcer

nosso santo ministério e tenta destruir a economia que o santo e benevolente unigênito Filho de Deus Pai cumpriu para nossa salvação e livrar todos abaixo do céu do pecado e da morte? (ACO, I, 1, 2, p. 66-68)⁵⁸.

Assim como as elites que compunham a *boulé* (conselho municipal) das cidades orientais, os bispos advogavam perante as esferas locais e superiores da administração imperial em favor de causas individuais ou mesmo na defesa dos interesses de suas comunidades como um todo. É ilustrativa, também, a farta correspondência que o bispo nestoriano Teodoreto de Ciro manteve com funcionários imperiais nesse sentido, conforme indicamos anteriormente. Exemplo dessa disposição são as cartas do bispo Sinésio de Cirene que, na passagem do IV para o V século d.C., manteve uma profícua correspondência com funcionários imperiais para tratar de assuntos diversos relacionados a problemas da sua província (ROQUES, 2009, p. 525-526).

Entretanto, esse novo papel que os bispos passaram a desempenhar não significava que a maioria deles era oriunda dos segmentos superiores da população. Diferente do que ocorria com o ingresso das elites nos conselhos municipais, não havia regras censitárias como pré-requisito para a ascensão ao episcopado. Essa percepção é verificada através da condição iletrada de alguns bispos que atenderam ao Concílio de Éfeso II, em 449. Na lista de votações daquela reunião, constata-se a presença de bispos cujos nomes foram registrados por outros colegas em decorrência da impossibilidade de aporem suas próprias assinaturas nos documentos oficiais (ACO, II, 1, p. 194-195).

Além dessa constatação, através de um relato de Nestório acerca de um bispo que fazia oposição às suas ideias por ocasião do Concílio de Éfeso II, em 449, percebe-se que bispos eram extraídos de segmentos variados das comunidades:

Etérico era um camponês inculto que nem chegava mesmo a colocar as coisas claramente: era, de fato, um eunuco que tinha crescido em casa como os escravos e foi dado ao grande palácio imperial. Como ele tinha uma grande ambição de poder e de grandeza foi escolhido para bispo, mas não

⁵⁸ Κύριλλος ἀρχιεπίσκοπος Κωμαρίωι Ποτάμωι ἐπισκόποις καὶ τῶι ἀρχιμανδρίτῃ τῶν μοναστηρίων κυρίωι Δαλματίωι καὶ Τιμηέωι καὶ Εὐλόγιωι πρεσβυτέρους καὶ ἐν Χριστῶι ἡγιασμένοις πλεῖστα χαίρειν. Προσεδοκῶμεν ἐλθόντα τὸν τιμιότατον Νεστόριον μεταγῶναι ἐφ' οὗ κειροτόνηται, καὶ συγγνώματον αἰτῆσαι παρὰ τῆς ἀγίας συνόδου, εἰ καὶ ὅτι μάλιστα καὶ οὕτως ἐπικίνδυνον τὸ χαρισασθαι συγγνώμην αὐτῶι οὐ γὰρ ἐνεδέχεται ἀνδρὶ τοιαῦτα κηρύξαντι (πᾶσαν γὰρ διέστρηψε τὴν οἰκουμένην καὶ τὴν θρησκευομένην τῶν ἐκκλησιῶν παρέλυδε πίστιν) χαρίσασθαι συγγνώμην, εἰ γὰρ καὶ ὁ μίαν ἀφεῖναι φωνὴν δύσφημον τολμήσας κατὰ τῶν εὐσεβεστάτων καὶ φιλοχρίστων ἡμῶν βασιλέων δικαίως ὑπομένει τὰς ἐκ τῶν νόμων ἀνανακτήσεις, οὐ μᾶλλον ὁ ἀσεβῆς ὁ σύμπαν τὸ εὐαγὲς ἀνατρέπων ἡμῶν μυστήριον καὶ ἀναιρῶν τὴν οἰκονομίαν ἢν ὁ ἅγιος καὶ φιλόφρων τοῦ θεοῦ πατὴρ υἱὸς μονογενὴς δι' ἡμᾶς ἐπλήρωσε καταξιώσας ἄνθρωπος γενέσθαι, ἵνα πάντας ἡμᾶς σώσῃ καὶ ἀπαλλάξῃ τὴν ὑπ' οὐρανὸν καὶ ἁμαρτιῶν καὶ θανάτου;

tinha as sutilezas para o cargo e nem era inteligente. (Nestório, *Liber*, 487-488)⁵⁹.

A condição do bispo Etérico, descrita por Nestório, decorre do fato de que a educação de um indivíduo (*Paideia*) na Antiguidade Tardia era facultada, sobretudo, aos membros das elites que podiam pagar pela contratação de sofistas, gramáticos e retores que supervisionavam sua formação (CARVALHO, 2010, p. 70). Mesmo se fossem originários de escalões inferiores da sociedade, alguns indivíduos se projetavam na carreira eclesiástica por intermédio de apadrinhamentos que bancassem a educação deles. Esse foi o caso de Cirilo, cuja família fora beneficiada pelo bispo Atanásio de Alexandria e, por longo período, exerceu influência no clero egípcio até o seu sucessor, Dióscoro, empreender perseguições a eles pelo controle dos bens das igrejas (RUSSELL, 2000, p. 4-6). Pouco se conhece sobre a vida de Nestório antes do episcopado, mas percebe-se que, assim como Cirilo, ele gozou de uma educação privilegiada, dada a capacidade que ambos os bispos demonstraram na batalha retórica que travaram durante o conflito.

O domínio da arte de persuasão e o conhecimento dos meandros da administração imperial eram essenciais para o exercício episcopal, principalmente para aqueles bispos que ocupavam as Sés das cidades mais importantes do Império, como Constantinopla, Alexandria e Antioquia. Além dos requisitos educacionais eram requeridas dos candidatos ao episcopado as demonstrações de qualidades morais e espirituais para que guiassem o rebanho sob seus cuidados no caminho da salvação. Esperava-se, ainda, que eles se engajassem nos serviços caritativos aos mais necessitados ou protegessem os membros de suas congregações nas adversidades, como nos casos de viuvez, orfandade, fome, catástrofes naturais e guerras (BROWN, 2002, p. 79-82). Os recursos materiais com que prestavam esses auxílios eram provenientes de fontes diversas, como nos indica Cirilo acerca da origem das rendas eclesiásticas em carta dirigida no final do seu episcopado ao bispo Domo de Antioquia:

Com relação ao dinheiro tomado injustamente [de um bispo deposto] é direito que lhe seja devolvido segundo dois tipos de raciocínio: em primeiro lugar, não era necessário que tal coisa acontecesse; em segundo lugar, é extremamente angustiante e pesa até a exaustão final aos bispos mais tementes a Deus em todo o mundo a contabilidade da gestão das despesas que a eles recaem e que lhes são exigidas, seja das rendas eclesiásticas ou das rendas de outras fontes. Cada um de nós dará conta de nossos erros perante o Juiz de todos. É necessário que os tesouros e bens imóveis da

⁵⁹ Nau, p. 311; Driver ; Hodgson, p. 355.

Igreja sejam preservados e é necessário que a gestão dos gastos que ocorrem na administração do sagrado ministério seja seguramente honrada (Cirilo, *Ep.* 78).⁶⁰

Christopher Haas (1997, p. 117-118) observa que havia sólidos laços de relação patrono-cliente entre o bispo de Alexandria e os marinheiros e capitães de navios que transportavam grãos imperiais. Esses indivíduos eram mesmo propensos a pegar em armas em defesa do bispo contra oponentes locais ou agentes da autoridade imperial. Sendo Alexandria uma metrópole portuária que escoava a produção agrícola do fértil vale do rio Nilo, essa atividade era bastante lucrativa e possibilitou a Cirilo enviar aquela grande quantidade de presentes e de ouro para a Corte imperial, bem como aliciar apoiadores durante o Concílio de Éfeso I, em 431, como ele foi acusado, conforme relato do próprio bispo alexandrino aos bispos Comário e Potamão e ao monge Vítor:

Eu na verdade sei que alguns têm escrito à Constantinopla sobre o meu caráter, que eu trouxe comigo de Alexandria uma multidão de seguidores imprudentes e barcos carregados de grãos. E eles têm levado adiante muitas outras calúnias contra mim, por essa razão foi necessário informar Sua Piedade também sobre essa matéria pelo fato que não há qualquer imprudente me seguindo e todos que me seguem não trazem uma única medida de grão. Deus é minha testemunha que nós temos dado em Éfeso pequenas quantidades de dinheiro aos padeiros para que eles supram diariamente a nossa porção de pão, pois nós estamos aqui isolados com apenas dois atendentes e os clérigos necessários para atender-nos de maneira apropriada. (Cirilo, *Ep.* 108).⁶¹

Desde o governo do imperador Constantino, as igrejas eram subvencionadas com recursos imperiais e os membros da hierarquia eclesiástica estavam isentos da prestação de serviços públicos compulsórios (TESTA, 2009, p. 528). Essa desoneração teria estimulado o ingresso de indivíduos das elites no clero como forma de contornar as obrigações que decorriam para quem auferisse renda suficiente para participar da administração das cidades. Para evitar essa evasão de deveres, leis foram editadas para coibir os abusos, como, por exemplo, a necessidade de se indicar filhos ou parentes em substituição aos *curiales* que desejassem ingressar no clero (RAPP, 2005, p. 282). Mas, outros meios possibilitavam que

⁶⁰ Essa carta não se encontra reproduzida nos *ACO*. A tradução dela foi feita por McEnerney (1987b, p. 94-96, nota 1) a partir de JOANNOU, Périclès-Pierre. *Fonti: Fascicolo IX*. Roma: Tipografia Italo-orientale 'S. Nilo', 1962-1963.

⁶¹ Essa carta não se encontra inclusa nos *ACO*, pois foi traduzida de manuscrito preservado no idioma copta.

indivíduos bem posicionados ingressassem na hierarquia eclesiástica por outras formas. Assim como registramos anteriormente que o *cursus honorum* de um funcionário imperial dos escalões superiores quase sempre culminava com o seu ingresso no Senado de Constantinopla, outra possibilidade de prosseguimento na vida pública começava a se delinear com o ingresso deles no episcopado após o término da prestação de serviços na burocracia imperial. Isso é constatado através do quadro abaixo em que relacionamos alguns funcionários imperiais que, no fim da carreira, optaram por esse caminho:

Quadro 10 – Algumas transferências de carreiras entre funções administrativas e eclesiásticas durante o governo de Teodósio II.⁶²

Nome	Função na administração imperial	Função na hierarquia eclesiástica	PLRE 2 pág.
Irineu 2	<i>comes</i>	Bispo de Tiro	624-625
Antioco 5	PSC	Sacerdote	101
Flávio Tauro 7	PPO e PVC	Bispo de Cotyaeum	439-441
Eusébio 15	<i>agens in rebus</i>	Bispo de Dorileia	430
Teodoro 14	<i>agens in rebus</i>	Diacono	1088

Fonte: PLRE 2

Essa sinalização nos indica o estreitamento com que questões políticas, administrativas e religiosas permeavam as relações entre o episcopado e a burocracia imperial. Claudia Rapp (2005, p. 288) nos indica que:

Embora o bispo nunca tenha sido integrante da *curia* como apenas outro membro, no começo do quinto século sua participação nas atividades públicas é mencionada nas leis. Aqui ele é mais frequentemente encontrado operando em conjunção com os mais altos escalões da sociedade urbana: o *archon* da *curia*, os *potentiores* ou os *honorati*.

Essa proximidade é percebida através da carta que Cirilo enviou a Nestório no início do conflito para protestar contra a teologia da separação das naturezas. Nela, a confluência de

⁶² Essa relação seria certamente mais incrementada se estendêssemos a busca para outros documentos não utilizados nessa pesquisa, inclusive para além do governo de Teodósio II.

problemas trazidos no bojo da *Controvérsia Nestoriana* já fica explicitada logo no início do documento:

Eu ouço dizer que alguns falam com maldade da opinião que tenho de Sua Piedade [Nestório], que eles falam frequentemente em especial por ocasião das *assembleias de pessoas com autoridade*. Eles pensam talvez agradar seus ouvidos, mas eles têm propósitos injustificados sem terem sofrido nenhum dano da minha parte, mas porque eles foram acusados de crimes, e isso corretamente: um de ser injusto com os cegos e os pobres, outro de levantar a espada contra a mãe e o outro de ter roubado dinheiro de outra pessoa com a ajuda de uma serva e de terem sempre uma reputação tal que não se desejaria esse fardo a seus piores inimigos (*ACO*, I, 1, 1, p. 25-28, destaque nosso).⁶³

Nesse trecho da carta, Cirilo reclamava da interferência de Nestório na sentença que ele havia proferido contra cidadãos alexandrinos que haviam praticado delitos comuns. Isso havia se tornado possível porque era facultado que um caso judicial na esfera civil pudesse ser transferido para um tribunal eclesiástico (*audientia episcopalis*), se assim uma das partes concordasse (CHADWICK, 1980, p. 6). Contudo a percepção que se começa a desenvolver no período, a partir da elevação do status de Constantinopla como a “nova Roma”, em 380, era que o bispo da capital oriental detinha preeminência de honra, em relação aos demais bispos da hierarquia eclesiástica, logo após o bispo da cidade de Roma, posição essa que antes era ocupada pela cidade de Alexandria (DROBNER, 2008, p. 451). Em decorrência da sentença desfavorável recebida, os condenados pela corte de Cirilo, em Alexandria, apelaram ao bispo de Constantinopla, Nestório.

Esse pano de fundo em que a hierarquia eclesiástica buscava se organizar nos moldes da estrutura administrativa imperial, além das outras questões que já discorremos anteriormente, também permeou as atuações dos bispos, funcionários imperiais e imperador no desenrolar da *Controvérsia Nestoriana*. Essa situação é mais bem acompanhada através dos Mapas 2 (APÊNDICE M) e 3 (APÊNDICE N) elaborados a partir das listas de votações das deposições dos bispos Nestório e Cirilo, no Concílio de Éfeso I (APÊNDICES G e H), e do bispo Flaviano de Constantinopla, no Concílio de Éfeso II (APÊNDICE I).

⁶³ Καταφλυαροῦσι μὲν, ὡς μανθάνω, τινὲς τῆς ἐμῆς ὑπολήψεως ἐπὶ τῆς σῆς θεοσεβείας, καὶ τοῦτο συχνῶς, τὰς τῶν ἐν τέλει συνόδου καίροφυλακοῦτες μάλιστα, καὶ τάχα πού καὶ τέρπειν οἰόμενοι τὴν σὴν ἀκοὴν καὶ ἀβουλήτους πέμπουσι φωνάς, ἡδίκημένοι μὲν οὐδεν, ἐλεγχθέντες δέ, καὶ τοῦτο χρηστῶς, ὁ μὲν ὅτι τυφλοῦς ἡδίκηει καὶ πένητας, ὁ δὲ ὡς μητρὶ ξίφος ἐπανατείνας, ὁ δὲ θεραπαίνῃ συγκεκρικλωφῶς χρυσίον ἀλλότριον καὶ τοιαύτην ἐσχηκῶς ἀεὶ τὴν ὑπόληψιν, ἣν οὐκ ἂν εὐξαιτό τις συμβῆναι τισιν καὶ τῶν λίαν ἐχθρῶν.

Procederemos à análise do Mapa 1 nesse capítulo para que entendamos as forças político-administrativas adjacentes à emergência do conflito teológico. Reservamos a análise do Mapa 2 para o capítulo seguinte, pois esse procedimento comparativo entre ambos os mapas irá lançar luzes sobre a atuação de Teodósio II, notadamente explicitando o cenário de competição no qual o imperador teve que negociar e intervir. Lá, pretendemos demonstrar que a atuação do imperador se deu tanto no sentido de contornar as questões relativas às divergências teológicas, que poderiam afetar o seu papel de governante, como, também, as estratégias necessárias para fazer frente às forças políticas que se aglutinaram em torno da associação de bispos com funcionários imperiais.

Partimos, nessa primeira análise, de uma carta escrita pelo bispo Celestino de Roma endereçada a Cirilo, em 430. Trata-se de uma resposta à solicitação de Cirilo para que o bispo de Roma enquadrasse Nestório nas regras da ortodoxia que acordaram corretas (ACO, I, 1, 5, p. 10-12). Nessa carta já se começa a delinear o arranjo das forças político-religiosas na defesa dos interesses locais e regionais das duas facções:

É por causa da autoridade de nosso trono, sendo você [Cirilo] adjunto, e usando de nossa sucessão apostólica você executará com escrupulosa severidade a sentença seguinte: que, no espaço de dez dias contados a partir dessa admoestação, ele [Nestório] anatematize por uma confissão escrita seus ensinamentos perversos e que ele afirme fortemente que ele professará de forma comovente a geração do Cristo, a fé que professa a igreja dos romanos, aquela se Sua Santidade e a devoção universal ou caso ele não o faça que Sua Santidade imediatamente tome cuidado daquela igreja [Constantinopla] e saiba que aquele indivíduo deve ser de todo modo removido do nosso corpo, pois não quis aceitar o tratamento dos médicos e, doente vítima de praga, colocou em perdição ele mesmo e os fiéis a ele confiados. Nós escrevemos a mesma carta a nossos santos irmãos e colegas no episcopado João [de Antioquia], Rufo [de Tessalônica], Juvenal [de Jerusalém] e Flaviano [de Filipe] a fim de que seja publicada nossa sentença sobre ele, ou melhor, a sentença de nosso Cristo. (ACO, I, 1, 1, p. 75-77, destaques nossos)⁶⁴.

⁶⁴ συναφθείσης σοι τοίνυν τῆς αὐθεντίας τοῦ ἡμετέρου θρόνου, τῆ ἡμετέροι διαδοχῆι χρησάμενος ταύτην ἐκβιβάσεις ἀκριβεῖ στερρότητι τὴν ἀπόφασιν ἵνα ἢ ἐντὸς δέκα ἡμερῶν ἀριθμουμένων ἀπὸ τῆς ἡμέρας τῆς ὑπομνήσεως ταύτης τὰ κακὰ κηρύγματα ἑαυτοῦ ἐγγράφωι ὁμολογίαι ἀθετήσῃ καὶ ἑαυτὸν διαβεβαιώσῃται ταύτην κατέχειν τὴν πίστιν περὶ τῆς γεννήσεως τοῦ Χριστοῦ τοῦ θεοῦ ἡμῶν ἦν καὶ ἡ Ῥωμαίων καὶ ἡ τῆς σῆς ἀγιότητος ἐκκλησία καὶ ἡ καθόλου καθοσίωσις κατέχει, ἢ ἐὰν μὴ τοῦτο ποιήσῃ, εὐθὺς ἡ σὴ ἀγιότης ἐκείνης τῆς ἐκκλησίας προνοησομένη μάθῃ αὐτὸν παντὶ πρόπῳι ἀπὸ τοῦ ἡμετέρου σωματίον ἀποκινητέον, ὃς οὔτε τῶν θεραπευόντων ἴασιν ἠθέλησε καταδέξασθαι καὶ εἰς ἀπώλειαν αὐτοῦ τε καὶ πάντων τῶν αὐτῷ ἐμπεπιστευμένων καθὼς λοιμώδης ἠπείχθη. Τὰ δὲ αὐτὰ ἐγράψαμεν πρὸς τοὺς ἀγίους ἀδελφοὺς καὶ συνεπισκόπους ἡμῶν Ἰωάννην Ῥοῦφον Ἰουβενάλιον καὶ Φλαβιανόν, ἵνα φανερὰ ᾗ ἡ περὶ αὐτοῦ ἡμῶν, μᾶλλον δὲ ἡ τοῦ Χριστοῦ ἡμῶν θεία ἀπόφασις.

Primeiramente, Celestino associou sua aliança teológica com Cirilo à questão da preeminência episcopal que ambas as Sés, de Roma e de Alexandria, disputavam com Constantinopla. Deve-se considerar aqui que Alexandria não aceitava a liderança eclesiástica de Constantinopla no Oriente por ela não ter um passado apostólico, embora ela fosse o centro político do Império do Oriente. Por outro lado, Celestino acenou sua preferência por Alexandria porque Roma também tinha as suas pendências e reservas em relação à Constantinopla, sobretudo no que se refere às disputas por influência na consagração de bispos da Prefeitura Pretoriana do Ilírico.

Conforme nos indica Bernard Bavant (2012, p. 307-310), a região do Ilírico oriental era percebida como um lugar em que as porções oriental e ocidental do Império se articulavam. Como uma região estratégica no processo de separação do Império, ela foi, sobretudo a partir da segunda metade do século IV d.C., palco de intensas rivalidades entre coimperadores, usurpadores e as elites de ambas as porções do Império que almejavam manter direitos ou estender influência sobre a região. Esse quadro de disputas político-administrativas que perdurava desde o século precedente nos indica que as diferenças entre Celestino e Nestório não se restringiam tão somente às divergências teológicas que ambos nutriam. Mesmo porque, como indicamos anteriormente, os bispos e as elites das cidades frequentemente operavam em conjunto quando determinados assuntos se relacionavam a interesses comuns. As alianças nesses casos eram flexíveis, pois o fator religioso não era o único objeto de um conflito dessa natureza e como observou Giuseppe Zecchini (apud TRAINA, 2009, p. 58) até mesmo “cristãos e pagãos podiam igualmente encontrar-se aliados, se eles tivessem um ideal político compartilhado ou um inimigo comum”.

Outros fatores colaterais à questão teológica pesaram no apoio de Celestino a Cirilo, embora não se possa mensurar o peso de cada um isoladamente. Antes da divisão do Império, em 395, as dioceses da Dácia e da Macedônia, agora compondo essa prefeitura oriental, estavam sob a influência da Sé episcopal de Milão que reivindicava primazia sobre essa extensa região. Com a morte do habilidoso político, bispo Ambrósio, em 397, o poder de influência da região migrou-se de Milão para a cidade de Roma (JONES, 1964, p. 887-889). A partir do estabelecimento da nova geografia política após a divisão imperial, o bispo de

Constantinopla passou a reivindicar autoridade sobre o Ilírico oriental, uma vez que a região era de domínio do Império Romano do Oriente na esfera político-administrativa. Essa disputa por direitos, que certamente não eram apenas eclesiais, teria sido motivo de atritos graves entre Teodósio II e seu tio Honório, inclusive com ameaça de guerra entre Oriente e Ocidente. Mas, em 421, os dois imperadores acordaram que o bispo de Constantinopla não deveria mais interferir naquela região (HUNT, 2008, p. 249; PIETRI, 1984, p. 27).

Mas essa questão esteve longe de ser resolvida, pois ao envolver os bispos Rufo de Tessalônica e Flaviano de Filipe na disputa, Celestino o fazia porque era ciente de que Nestório estava promovendo interferências e incursões no clero dessa região (HALL, 2008, p. 733). Ademais, Nestório havia acolhido diversos indivíduos seguidores do monge bretão Pelágio, cujas doutrinas acerca do dogma da Graça haviam sido fortemente condenadas no Ocidente, sobretudo pela interferência do bispo Agostinho de Hipona. Em carta escrita a Nestório, logo em seguida àquela carta escrita a Cirilo que citamos acima, Celestino repreendeu com veemência o bispo da capital oriental pelo que ele considerava ser uma afronta à autoridade do episcopado romano a presença dos pelagianos em Constantinopla:

Ao nosso bem-amado irmão Nestório, Celestino. Durante alguns dias de nossa vida, depois que a doutrina ímpia de Pelágio e de Celéstio tinha sido muitas vezes condenada, a fé católica esteve em paz, quando o Oriente e o Ocidente alcançaram o tratado de uma sentença unânime daqueles heréticos e daqueles que os seguiam. Imediatamente Ático [então bispo de Constantinopla], de santa memória, o doutor da fé católica, o verdadeiro sucessor do bem-aventurado João [Crisóstomo], *mesmo nesse ponto*, perseguiu tão bem esses heréticos em nome do nosso comum imperador que eles não tiveram nem mesmo a possibilidade de se manterem em Constantinopla. Depois da sua morte nós não ficamos pouco inquietos, no aguardo de saber se aquele que lhe sucederia também seria seu sucessor no respeito à fé ortodoxa, pois é difícil que as boas coisas se prolonguem: frequentemente, de fato, os contrários se sucedem alternativamente. Mas, nós tivemos depois dele como colega o santo Sisínio [antecessor de Nestório], que logo nos deixou, um homem de renome pela sua simplicidade e santidade, que pregou a fé tal qual ele havia encontrado. Sua simples piedade e sua piedosa simplicidade haviam lido, na verdade, que é melhor ser temido (*Rom. 11, 20*) do que buscar a mostrar a profundidade da sua própria inteligência, e em outro lugar que não é necessário examinar atentamente as coisas mais profundas (*Ecles. 3, 22*) e, ainda, ‘Se alguém pregar outra coisa daquela que nós pregamos, que ele seja anátema (*Gal. 1,*

8). (ACO, I, 1, 1, p.77-83, destaque nosso e referências das Escrituras do tradutor)⁶⁵.

Com essa admoestação, Celestino diferenciava a atuação dos bispos João Crisóstomo e Ático, antecessores de Nestório, restringindo a concordância deles à fé de ambos, mas colocando ressalva na atuação do primeiro em vista do histórico de intervenção desse bispo para além da sua área de atuação. João Crisóstomo havia patrocinado a substituição de vários bispos fora da sua jurisdição de competência com o intuito de estender a influência da Sé da capital imperial (LIEBESCHUETZ, 2004, p. 214). Van Nuffelen (2010, p. 444) destaca que “havia muitos sinais de que Nestório identificava-se, como um estrangeiro à igreja de Constantinopla, com João: ele foi o primeiro a celebrar a comemoração de João, e fontes tardias tendem a vê-lo à luz de João, atribuindo medidas similares a ambos os bispos”. Essa percepção do temperamento aguerrido dos antioquenos em extrapolar suas atuações para além das suas jurisdições, somada àquelas razões que já indicamos anteriormente, contribuíram, também, para que Teodósio II indicasse Nestório à Sé de Constantinopla. Essa conduta intervencionista casava com as pretensões do imperador de anular a interferência do Ocidente na região.

Na fronteira oriental, a relativa pacificação com os persas até a morte de Yazdegerd I e, mesmo após isso, a política de valorização da diplomacia em detrimento da guerra, que tanto irritou Prisco de Pânio, deixou Teodósio II liberado para intervir pelos seus direitos na frente ocidental. E ele o fez em diversas ocasiões, o que nos leva a crer que ele tivesse pretensões de reunificação do Império em caso de perigo da ruptura dinástica, tendo em vista o ambiente de instabilidade no Ocidente. Como já indicado, ele enviou tropas para assegurar a ascensão de Valentiniano III contra o usurpador godo João; enviou tropas à África do Norte para conter as invasões vândalas; promulgou o Código Teodosiano com jurisdição para os

⁶⁵ Τῶι ἀγαπητῶι ἀδελφῶι Νεστορίωι Κελεστίνωι. Ἐφ’ ἡμέρας τινὰς τῆς ζωῆς ἡμῶν μετὰ τὸ ἀνόσιον καὶ πολλακίς κατακριθὲν δόγμα Πελαγίου καὶ Κελεστίου ἢ καθολικῆ πίστις εἰρήνευσεν, ὁπότε ἐκείνους μετὰ τῶν ἐπομένων τῆι δόξει αὐτῶν ἢ τε Ἀνατολῆ καὶ Δύσις ἀκοντίωι συμφωνούσης ἀποφάσεως ἔπληξεν. αὐτίκα ὁ τῆς ἀγίας μνήμης Ἀττικὸς ὁ διδάσκαλος τῆς καθολικῆς πίστεως καὶ ἀληθῶς τοῦ μακαρίου Ἰωάννου καὶ εἰς ταῦτα διάδοχος οὕτως ἐκείνους ἐδίωξεν ὑπὲρ τοῦ κοινου βασιλέως, ὥστε αὐτοῖς μηδὲ τοῦ ἐκεῖ ἐστάναι ἄνεσιν συγχωρηθῆναι. ἔσχεν ἡμᾶς μετὰ τὴν ἐκείνου ἔξοδον οὐχ ἢ τυχοῦσα φροντίς ἐκδεχομένους πότερον ὁ ἐκείνον διαδεξόμενος εἴη αὐτοῦ καὶ εἰς τὴν πίστιν διάδοχος, ἐπειδὴ δυσχερές ἐστίν ἐκτείνεσθαι τὰ καλὰ πολλακίς γὰρ ἑαυτὰς ἀμοιβαδὸν αἰ ἐναντιότητες διαδέχονται. ἀλλ’ ἐσχήκαμεν μετ’ ἐκείνον τὸν μέλλοντα ἡμᾶς ταχέως καταλιπεῖν τὸν ἅγιον Σισίνιον εὐδοκιμήσαντα ἐπὶ τε ἀπλότητι καὶ ἀγιότητι κοινωνόν, αὐτὴν τὴν πίστιν ἦν εὖρε, κηρύττοντα. ἀνεγνώκει δηλαδὴ ἢ ἀπλῆ ἐκείνη εὐλάβεια καὶ εὐλαβῆς ἀπλότης δεῖν μᾶλλον φοβεῖσθαι ἢ ἰδίας συνέσεως βάθος ζητεῖν, καὶ ἀλλαγῶ μη δεῖν ἀνερευνᾶν τὰ βαθύτερα, καὶ πάλιν εἰ τις ἄλλο κηρύξειεν παρ’ ὁ ἐκηρύξαμεν, ἀνάθεμα εἴη.

dois Impérios e, ainda, casou sua filha Licínia Eudóxia com o primo Valentiniano III, em 437 (APÊNDICE O).

Essa última estratégia, conforme percebe McEvoy (2013, p. 312), visava prevenir o estabelecimento de laço matrimonial entre aquele imperador ocidental com a filha de algum general influente no Ocidente que pudesse vir a realçar a posição dessas famílias ainda mais no cenário político. Já havia precedente nesse sentido como, por exemplo, os casamentos das filhas do general vândalo Estilicão (*PLRE* 1, p. 853-858), Maria (*PLRE* 2, p. 720), em 398, e Termantia (*PLRE* 2, p. 1111-1112), em 408, com o tio de Teodósio II, Honório. Isso possibilitou grande ascendência daquele general sobre o governo ocidental. Essa estratégia era efetiva, pois para reforçar sua posição no Ilírico, o próprio Teodósio II estabeleceu laço matrimonial com uma família influente naquela região. Nas palavras do cronista Malalas, a imperatriz Eudócia era filha do “riquíssimo filósofo ateniense Leôncio [...] que quando estava para morrer preparou para que sua fortuna fosse herdada pelos seus dois filhos, Valério e Gésio” (MALALAS, *Chronicle*, XIV, 4). Após o casamento entre Teodósio II e Eudócia, Valério foi *Magister Officiorum* e Gésio foi Prefeito Pretoriano do Ilírico (*PLRE* 2, p. 421-422 e 1145).

Portanto, essas tensões da esfera político-administrativa imperial não estavam desvinculadas dos problemas eclesiásticos que as acompanhavam. Dos bispos do Ilírico, Celestino obteve apoio não somente de Rufo de Tessalônica e de Flaviano de Filipe, mas de grande parte dos bispos daquela Prefeitura Pretoriana, conforme indica a lista de votação do Concílio de Éfeso I (APÊNDICE F) e o Mapa 2 (APÊNDICE M). A interferência de Nestório nessa região indica a motivação para essa postura, pois ele estava tentando romper alianças antigas que ligavam a região ao Ocidente. Contudo, a adesão a Cirilo e a Celestino não foi unânime naquela região, o que nos revela a emergência de conflitos de interesses locais em virtude das culturas políticas de qualquer sociedade se caracterizarem por fenômenos plurais. A existência de oposições a esse arranjo é que possibilitava aos bispos de Constantinopla investirem sobre a região.

Através dessa mesma constatação, o apelo de Celestino também encontrou ressonância junto ao bispo de Jerusalém, Juvenal, que, embora estivesse subordinado à Sé de Antioquia, na diocese do *Oriens*, emprestou o seu apoio a Cirilo e foi acompanhado nessa atitude pelos bispos das Províncias da Palestina I, II e III, que votaram, em sua maioria, pela deposição de Nestório (APÊNDICE G). Em carta enviada a Juvenal, em novembro de 430, Cirilo agradeceu o apoio e tentou eximir o aliado de qualquer constrangimento pela deslealdade

praticada ao seu superior hierárquico João de Antioquia, recheando habilmente sua retórica com personagens das Escrituras sagradas:

Ao meu senhor, o mais desejado irmão e colega no ministério Juvenal, Cirilo saúda no Senhor. Eu desejei que o reverendíssimo bispo Nestório, marchando sobre os passos dos homens de renome, seguisse a fé correta: quem, de fato, das pessoas sensatas não desejaria somente aqueles que receberam o destino de conduzir os rebanhos do Salvador fossem bastante testados? Mas desde que a natureza dos negócios se voltou contrariamente às nossas esperanças – aquele que na verdade nós esperávamos que fosse um pastor sincero, nos mostrou-se perseguidor da ortodoxia – é necessário de agora em diante nos lembrar da palavra de Nosso Senhor a todos, o Cristo que diz: ‘Eu não vim trazer a paz sobre a terra, mas a espada, eu vim opor o homem a seu pai’ (*Mt.* 10, 34s.). (*ACO*, I, 1, 1, p. 96-98, destaque e referência das Escrituras do tradutor).⁶⁶

Na mesma linha de Juvenal, os bispos da província de Chipre, também vinculada à diocese do *Oriens*, votaram com Cirilo pela deposição de Nestório. O metrópita de Constância, capital cipriota, reivindicava a autonomia de consagrar os bispos da província sem a interferência de Antioquia (*PRICE*, 2012, p. 404). Portanto, rivalidades locais pesaram na definição dos apoios durante a controvérsia em vista das questões político-administrativas adjacentes. Também é o caso das províncias da Capadócia I e II cujas diferenças, entre ambas, eram antigas e teriam mesmo ocasionado a divisão da antiga província, de mesmo nome, pelo imperador Valente, na segunda metade do século IV d.C. (*BAYNES*, 1926, p. 146-147). No Concílio de 431, o metrópita da Capadócia I, Firmo de Cesareia, votou ao lado de Cirilo e o metrópita da Capadócia II, Eutério de Tiana, alinhou-se com João de Antioquia e seus colegas nestorianos (*APÊNDICES G e H*).

No que se refere ao posicionamento do bispo João de Antioquia, o apelo de Celestino de Roma para que o antioqueno abandonasse Nestório apresentava, também, indicações da preocupação com que as ideias teológicas de Nestório afetavam o próprio imperador:

⁶⁶ Κυρίωι μου ποθεινοτάτωι ἀδελφῶι καὶ συλλειτουργῶι Ἰουβενάλιω Κύριλλος ἐν κυρίωι χαίρειν. Ἠυχόμεν μὲν τοῖς τῶν εὐδοκιμησάντων ἴχνεσι καὶ τῇ ὀρθῇ πίστει κατακολουθεῖν τὸν εὐλαβέστατον ἐπίσκοπον Νεστόριον (τίς γὰρ τῶν εὖ φρονούντων οὐκ ἂν εὔξαιτο δοκιμωτάτους εἶναι τοὺς καθηγεῖσθαι λαχόντας τῶν τοῦ σωτῆρος ποιμνίων;) ἐπειδὴ δὲ παρ’ ἐλπίδας ἢ τῶν πραγμάτων ἡμῖν ἐκβέβηκε φύσις (ὄν γὰρ ἔσεσθαι προσεδοκῶμεν ποιμένα γνήσιον, τοῦτον τῆς ὀρθῆς πίστεως διώκτην εὐρήκαμεν), δεῖ λοιπὸν μνημονεῦσαι τοῦ πάντων ἡμῶν σωτῆρος Χριστοῦ λέγοντος οὐκ ἦλθον βαλεῖν εἰρήνην ἐπὶ τὴν γῆν ἀλλὰ μάχαιραν. ἦλθον γὰρ διχάσαι ἄνθρωπον κατὰ τοῦ πατρὸς αὐτοῦ.

Mas, quando na Santa Igreja de Deus, aquele que é realçado com o nome de bispo, que por conselhos tortuosos desvia do caminho da verdade para o precipício o povo de Cristo e que na grandíssima cidade [Constantinopla] a qual a multidão do mundo inteiro ocorre, por causa da honra do imperador que a habita, então, evidentemente, a lamentação deve ser dupla e maior a solicitude do medo não prevalecer pela rapacidade do lobo (ACO, I, 1, 1, p. 90-91).⁶⁷

Ou seja, Celestino reforça a ideia de que a teologia de Nestório, a qual João de Antioquia também era fiador, diminuía a figura do imperador, assim como Cirilo acusava essa teologia de reduzir Deus a um monarca persa. Percebe-se que para Celestino as multidões acorriam a Constantinopla em vista da presença de um imperador que guardava em si uma estreita conexão com a divindade, que o pensamento nestoriano deturpava, segundo sua concepção. Além do apelo de Celestino, Cirilo também escreveu carta a João de Antioquia para alertar sobre a “invenção da perigosa heresia” (ACO, I, 1, 1, p. 92-93). Apesar disso, verifica-se através do Mapa 2 (APÊNDICE M) que, à exceção das províncias da Palestina e Chipre, que possuíam fortes interesses paralelos a defender, os bispos da diocese do *Oriens* acompanharam em peso a liderança de João de Antioquia.

Devido a constante presença da questão teológica na vida dos indivíduos naquele contexto e a conexão com que bispos e as elites dirigentes trabalhavam na defesa dos interesses das suas cidades, entendemos que o apoio prestado a João de Antioquia era resultado dos anseios que clérigos e leigos, dos segmentos dirigentes e da população, compartilhavam no que melhor acreditavam para os destinos das suas comunidades. A cidade de Antioquia exerceu sua liderança na região, dentre outras razões, em virtude do seu papel como quartel general avançado para o conflituoso histórico bélico que caracterizou o relacionamento entre o Império Romano e o Império Persa. Em virtude desse cenário, Érica C. M. Silva (2012, p. 103-104) destaca que desde os primeiros séculos do Império Romano a cidade foi se afirmando como um “importante centro militar e administrativo, lugar de concentração de tropas, de armazenamento de materiais e ponto de partida de operações militares”. Essa importância é medida pela grande quantidade de enfrentamentos entre os dois Impérios no decorrer dos séculos III e IV d.C., conforme relaciona Beate Dignas e Engelbert Winter (2007, p. 268-272).

⁶⁷ ὅτε δὲ τῆι τοῦ θεοῦ ἱερᾶι ἐκκλησίαι ὁ προβεβλημένος ὑπὸ τῶι ὀνόματι τοῦ ἱερέως αὐτὸν τὸν τοῦ Χριστοῦ δῆμον ἀπὸ τῆς ἀληθείας κατὰ κρημνῶν ἀποστρέφει τῆι οὐκ ὀρθῆι συμβουλῆι καὶ τοῦτο ἐν τῆι μεγίστηι πόλει, εἰς ἣν διὰ τὴν τιμὴν τοῦ ἐνοικοῦντος βασιλείου ἀπὸ παντὸς τοῦ κόσμου συντρέχει τὸ πλῆθος, τότε δηλαδὴ διπλασιαστέος ἐστὶν ὁ θρῆνος καὶ μείζων ἢ φροντίς, ἵνα μήτι ἡ ἀρπαγῆ τοῦ λύκου περιγενομένον κατισχύσιν.

A despeito desse histórico conflituoso entre as duas potências, durante as quatro décadas do governo de Teodósio II, apenas dois curtos conflitos foram registrados na frente oriental (421-422 e 440), em vista da política do imperador de privilegiar a diplomacia em relação ao vizinho. Isso nos leva a crer que as elites da cidade e da região se ressentiram da perda de importância que essa situação gerava. As guerras, apesar dos danos materiais e sociais que produzem, movimentavam a economia da região, não apenas nas operações de reconstrução como também através dos espólios que geravam. Ademais, como destaca John Keegan (2006, p. 30), a guerra abarca muito mais do que a política, ela é expressão da cultura e, frequentemente, determinante de formas culturais em algumas sociedades.

Desse modo, as elites antioquenas e regionais se ressentiram da perda de importância que toda uma cultura de guerra havia gerado, desde longa data, que em várias ocasiões anteriores havia levado o imperador a estabelecer residência oficial em Antioquia nos períodos de maior intensidade bélica. Pela ausência dos enfrentamentos armados contra os persas, nos parece que a beligerância dos orientais foi transferida para o plano cultural na forma de um conflito teológico como forma de manter prestígio e visibilidade. Através da afirmação da visão de mundo que defendiam, com todas as implicações que a questão teológica carregava para a vida prática da sociedade, esperavam criar uma comunidade imaginada para todo o Império sob as bases do pensamento cultural antioqueno. O espírito bélico que caracterizou essas tentativas de hegemonia político-cultural, tendo tanto Antioquia quanto Alexandria como centro de irradiação, é medido pela ferocidade retórica com que as cartas imperiais e episcopais e as memórias de Nestório foram escritas.

A despeito da maior parte dos bispos nestorianos se concentrar na porção oriental do Império do Oriente de acordo com o Mapa 2 (APÊNDICE M) essa representação cartográfica não reflete no seu todo a realidade das forças políticas que se aglutinavam em torno dos projetos de Cirilo e Nestório. O apoio a Nestório transcendia àquela região, conforme passamos a indicar. A cartografia foi construída com base nas listas oficiais de votações dos bispos que atenderam às reuniões separadas do Concílio de Éfeso I presididas por Cirilo, em 22 de junho, e por João de Antioquia, em 26 de junho, ambas em 431. Mas, o Concílio deveria ter feito a sua primeira reunião no dia 7 de junho do mesmo ano, conforme determinação imperial (*ACO*, I, 1, 2, p. 66-68). Nessa data, Nestório e Cirilo já se encontravam na cidade de Éfeso e deveriam aguardar a chegada de todas as delegações para que reunião fosse iniciada com a presença unânime dos bispos convocados (*ACO*, I, 1, 1, p.

117, carta de Cirilo ao povo de Alexandria). Entretanto, a delegação dos bispos orientais, liderada por João de Antioquia, atrasou sua chegada alegando dificuldades no caminho. Para se justificar, João escreveu a Cirilo:

Ao meu senhor o amantíssimo de Deus e santíssimo colega de ministério Cirilo, João saúda no Senhor. Eu não estou pouco zangado por atrasar alguns dias enquanto Vossa Santidade já está presente em Éfeso. Mais ainda do que a necessidade é o seu desejo que me pressiona para acabar rapidamente a viagem. De qualquer maneira, pelas orações de Tua Santidade eu estou agora às portas depois de submetido às grandes dores da viagem. Há de fato trinta dias – esse é o número de dias que o período de tempo da viagem comporta – que eu estou a caminho, sem me ser dado absolutamente nenhum repouso, embora muitos senhores bispos, muito amados de Deus, foram tomados de indisposições na estrada e muitos dos cavalos caíram em decorrência da intensidade do caminho. Rogo, pois, Senhor, para que cheguemos sem tristeza essas cinco ou seis etapas que nos faltam e aceleremos para beijar sua santa cabeça que nos é sagrada. (ACO, I, 1, 1, p. 119).⁶⁸

A despeito da indicação de João de que chegaria em breve a Éfeso, Cirilo não aguardou a chegada da delegação antioquena e deu início ao Concílio sob sua própria presidência. Nessa ocasião, ele conseguiu a aprovação dos doze anátemas que havia lançado contra Nestório e o depôs do episcopado, não sem os protestos do representante imperial, o *comes* Candidiano:

Mas, quando você [Cirilo] fez isso como você demorou tanto tempo sem sofrer nenhum inconveniente, se você não estava livre de inquietude a respeito desse assunto? Também você desdenhou e desprezou Candidiano que queria impedir o início de um Concílio parcial. Você tinha a força para fazer aquilo e não se deixou convencer [por Candidiano] porque te servia de meio para convencer mesmo os infiéis. (Nestório, *Liber*, 161).⁶⁹

⁶⁸ Τῶν δεσπότη μου τῶι θεοφιλεστάτῳ καὶ ἀγιωτάτῳ συλλειτουργῶι Κυρίλλῳ Ἰωάννης ἐν κηρίῳ χαίρειν. Οὐδὲ ἐμὲ μετρίως δάκνει τὸ ὅλως τῆς ὑμετέρας ὀσιότητος εἰς τὴν Ἐφεσον παραγενομένης τὰς μικρὰς ταύτας ὑστερήσαι ἡμέρας. τῆς γὰρ χρείας ὁ περὶ τὴν σὴν ἀγιωσύνην πόθος πλέον μοι ἔγκειται συντόνως τὴν ὁδὸν ἐξανύσαι. εἰμὶ γοῦν εὐχαῖς τῆς σῆς ὀσιότητος ἐπὶ θύραις λοιπόν, πολὺν ὑποστάς τὸν τῆς ὁδοιορίας πόνον ἡμέρας γὰρ ἔχω τριάκοντα (τοσοῦτον γὰρ ὁ κύκλος τῆς ὁδοῦ ἔχει) ὀδεύων, οὐδαμοῦ οὐδ' ὅλως ἐνδιδοῦς ἐμαντῶι, ἐνίων τῶν κυρίων τῶν θεοφιλεστάτων ἐπισκόπων ἀνωμαλία κατὰ τὴν ὁδὸν χρησαμένων, ζώων δὲ πολλῶν πεπτωκότων ἀπὸ τῆς συντόνου ὁδοιορίας. εὐχου οὖν, δέσποτα, καὶ ταύτας τὰς πέντε ἢ ἕξ μονὰς καὶ ἀλύπως ἡμᾶς ὀδεῦσαι καὶ δραμεῖν καὶ περιπτύξασθαι τὴν ἱερὰν ἡμῖν καὶ ὀσίαν κεφαλὴν.

⁶⁹ Nau, p. 98; Driver; Hodgson, p. 106.

Além dessa manobra (abrir o Concílio na ausência da delegação antioquena), o bispo alexandrino, logo na primeira sessão, iniciou a estratégia de constranger bispos presentes que apoiavam Nestório, pressionando-os a assinarem a lista que pedia a condenação do seu oponente. Do dia 22 até a chegada de João no dia 26 de junho, a lista de assinatura da sessão ciriliana (*ACO*, I, 1, 2, p. 3-7) permaneceu aberta para que os apoiadores de Nestório fossem coagidos a assiná-la (APÊNDICE G; *ACO*, I, 1, 2, p. 55-64). Dentre os bispos que apoiavam Nestório, presentes na sessão do dia 22, sessenta e oito deles protestaram contra a abertura antecipada do Concílio (*ACO*, I, 4, p. 28-30)⁷⁰. Richard Price (2012, p. 407) calcula que dentre esse universo de bispos que juntamente com Candidiano reagiram a esse artifício, quase a metade ou mudou de lado ou não aguentou a pressão exercida pela facção ciriliana e assinou a ata de deposição de Nestório⁷¹. João de Antioquia denunciou a manobra em cartas ao Senado (*ACO*, I, 1, 5, p. 127-128) e ao povo de Constantinopla:

Nós chegamos à cidade de Éfeso, o Deus protetor do universo conduziu o espírito dos nossos mais piedosos imperadores amigos do Cristo a essa decisão. Nós encontramos a cidade repleta de tumultos, todo o Concílio grandemente perturbado, a grande Igreja imitando a agitação das águas marinhas: era Cirilo o bispo de Alexandria e Menão de Éfeso que, à maneira de furacões, suscitaram essa horrorosa tempestade. O egípcio temia que nós examinássemos os capítulos da sua falsa doutrina que se acordavam à impiedade de Apolinário e o condenássemos como herético, o outro temia que isso se repetisse na cidade sobre sua negligência geral. Eles conspiraram e tomaram uma resolução em comum. O primeiro reuniu cinquenta egípcios, o segundo mais de trinta asiáticos e se assistindo de outros ganharam uns e enganaram outros por medo. Eles não queriam aguardar pelo encontro completo dos mais santos bispos vindos de toda parte, mas desprezaram as leis eclesiásticas e trataram tudo de modo estranho e ilegal. Como do alto de uma acrópole, eles exortaram toda a plebe a tratamentos irreverentes. Eles enviaram marinheiros e clérigos egípcios e camponeses asiáticos para as casas dos bispos e lhes faziam as piores ameaças, eles aterrorizavam os mais frágeis, eles marcavam suas casas por fora para que fossem imediatamente reconhecíveis aqueles que deviam ser assediados e eles forçavam os

⁷⁰ Existem variações nas quantidades dos signatários entre as várias listas que foram preservadas, sejam nas versões latinas ou gregas. Houve movimentos de uma facção para outro no decorrer dos primeiros dias do Concílio ou mesmo as variações podem ser em decorrência de adulterações propositais ou erros na transmissão dos manuscritos. Richard Price (2012, p. 395) acredita que, a despeito dessas variações, as distorções não são significativas estatisticamente. Também acreditamos que os dados que colhemos através dos manuscritos indicados nos APÊNDICES G e H, embora com essas imperfeições, nos proporcionam uma visão aproximada das correlações de forças entre as facções da hierarquia eclesiástica oriental.

⁷¹ Os nomes desses bispos estão destacados com (*) na lista da sessão de 22 de junho de 431 (*ACO*, I, 1, 2, p. 55-64 – APÊNDICE G).

infortunados a consentirem com suas medidas ilegais. (*ACO*, I, 1, 5, p. 128-129).⁷²

Desse modo, a lista inicial da sessão de 22 de junho que depôs Nestório, presidida por Cirilo, continha cento e cinquenta e quatro signatários (*ACO*, I, 1, 2, p. 3-7). Mas, com as pressões exercidas pelos cirilianos essa lista alcançou a subscrição de cento e noventa e sete bispos (*ACO*, I, 1, 2, p. 55-64; APÊNDICE G), contra os cinquenta e três que assinaram a lista de João de Antioquia que depunha Cirilo (*ACO*, I, 4, p. 37-38; APÊNDICE H). Essa disposição nos leva a crer que havia clara intenção de direcionar o resultado da reunião a favor dos cirilianos. Sobretudo, porque conforme nos indica Sylvain Destephen (2008a, p. 112), as delegações de bispos de regiões pró-cirilianas estavam sobrerrepresentadas no Concílio, pois havia maior número de representantes das dioceses do Egito e da Asiana. Nesse sentido, o atraso de João de Antioquia pode ter sido intencional, como um recurso para inviabilizar o Concílio, pois ele sabia, desde a convocação da reunião pelo imperador, em novembro de 430, que a posição da facção nestoriana seria desfavorável.

Essa forma de representatividade escolhida por Teodósio II em ambos os Concílios, o de 431 e o de 449, será objeto de análise no próximo capítulo, em que discutiremos a atuação do imperador. Contudo, antecipamos a percepção de que Teodósio II assim procedeu porque tentou criar um equilíbrio entre as forças políticas, pois havia notado um maior apoio a Nestório por parte da Corte e da administração imperial e, desse modo, tentou compensá-la na esfera eclesiástica. Essa situação de busca de equilíbrio, portanto, fazia parte da política imperial de manobrar com as partes no sentido de manter ambas as facções sob controle e a unidade imperial em torno do grupo político que o imperador representava.

Percebemos que essa política foi mantida até a morte de Cirilo, em 444, após a qual as forças antioquenas, agora tendo como expoente o bispo Teodoreto de Ciro, iniciaram nova

⁷² Ἀφικόμεθα γὰρ εἰς τὴν Ἐφεσίων πόλιν, τοῦ κηδεμόνος τῶν ὄλων θεοῦ τῶν εὐσεβεστάτων καὶ φιλοχρίστων ἡμῶν βασιλεῶν τὴν διάνοιαν εἰς τοῦτο κινήσαντος, καὶ εὔρομεν τὴν τε πόλιν θορύβου παντὸς πεπληρωμένην καὶ τὴν ἅπασαν οὐ μετρίως ταραττομένην καὶ κλύδωνα θαλάττιον τὴν ἁγίαν ἐκκλησίαν μιμουμένην, Κυρίλλου τοῦ πρὶν Ἀλεξανδρείας ἐπισκόπου καὶ Μέμνονος τοῦ Ἐφεσίου δίκην καταιγίδων τὸν χαλεπὸν τοῦτον ἐγειράντων χειμῶνα. Δείσαντες γὰρ ὁ μὲν Αἰγύπτιος ἵνα μὴ τὰ κεφάλαια τῆς αἰρετικῆς αὐτοῦ κακοδοξίας τὰ τῆι Ἀπολιναρίου δυσσεβεαῖα συμβαινόντα ἐρευνήσαντες ὡς αἰρετικὸν αὐτὸν κατακρίνωμεν, ὁ δὲ τῆς ἄλλης αὐτοῦ ραιθυμίας τὰ κατὰ ὃ μὲν πεντήκοντα Αἰγυπτίους ἐπισκόπους, ὁ δὲ Ἀσιανούς πλεον ἢ τριάκοντα συναγαγὼν καὶ ἄλλους τινὰς τοὺς μὲν ἀπάτηι, τοὺς δὲ φόβωι προσλαβόμενοι, οὐκ ἐβουλήθησαν μὲν ἀναμεῖναι τὸ κοινὸν τῶν πανταχόθεν ἀφικνουμένων ἀγιωτάτων ἐπισκόπων συνέδριον, καταφρονήσαντες δὲ τῶν ἐκκλησιαστικῶν θεσμῶν καὶ πάντα ἀτόπως καὶ παρανόμως διαπραξάμενοι, ὡς ἐξ ἀκροπόλεως μὲν δυσσεβεῖν ἅπασι παρακελεύονται, ναύτας δὲ καὶ κληρικοὺς Αἰγυπτίους καὶ ἀγροίκους Ἀσιανούς εἰς τὰς τῶν ἐπισκόπων οἰκίας ἀποστέλλοντες καὶ τὰ ἀνήκεστα ἀπειλοῦντες καὶ φόβον τοῖς σαθροτέροις ἐπικρεμῶντες καὶ τὰς οἰκίας ἔξωθεν ἐπιγράφοντες, ὡς ἐπισήμους εἶναι τοὺς πολιορκηθῆναι ὀφείλοντας, ἠνάγκαζον συντίθεσθαι τοῖς ὑπ' αὐτῶν παρανόμως γεγενημένοις.

ofensiva para imporem como ortodoxos os postulados de Nestório. Nesse momento, a política imperial foi readequada e culminou com a convocação do Concílio de Éfeso II, em 449. Nesse Concílio, Teodósio II radicalizou na sua política religiosa e apoiou o agora arquiemandrita de Constantinopla, Eutiques, que advogava a união das naturezas de modo mais contundente e aprofundado do que a doutrina ciriliana.

A atuação de Teodósio II nesses dois Concílios e nas negociações que foram empreendidas no intervalo entre ambos é que iremos analisar no capítulo seguinte, dando destaque à documentação escrita pelo próprio imperador. Sem levarmos em conta o contexto mais amplo que também norteou as ações do imperador, o resultado da análise nos levaria a um sentido parcial dessa atuação, notadamente nos remetendo tão somente à questão teológica, como tantas outras análises já produziram. Em resumo, retomamos os pontos principais abordados nesse capítulo aos quais nos atentaremos para fornecer a nossa narrativa sobre a atuação imperial na *Controvérsia Nestoriana*, no capítulo seguinte:

- 1) A questão teológica como legitimadora da natureza do poder imperial e as implicações que ela trazia no seu bojo para a percepção de qual modelo de imperador as forças em oposição queriam implantar para toda a sociedade romana oriental;
- 2) A divisão da hierarquia eclesiástica nas facções ciriliana e nestoriana, entendendo que essa divisão não se restringia ao clero, mas envolvia os demais segmentos leigos da sociedade, em especial para essa pesquisa, os funcionários imperiais;
- 3) A presença de uma Corte imperial e de funcionários da burocracia que tendiam a apoiar as ideias de Nestório, em vista dos interesses que esses segmentos perseguiam por maior participação na administração imperial;
- 4) As relações de interesses que Teodósio II nutria sobre o Império do Ocidente no sentido de assegurar a manutenção da dinastia teodosiana;
- 5) A constante ameaça representada pelo Império Persa em relação às províncias da fronteira oriental do Império Romano, que poderia redundar em um projeto de mudança de esfera de influência, pela associação entre clero e funcionários, como aquele verificado em relação à Armênia pouco tempo antes da eclosão da *Controvérsia Nestoriana*.

CAPÍTULO 3 NEGOCIANDO PODERES: TEODÓSIO II E A MANUTENÇÃO DA UNIDADE IMPERIAL POR MEIO DA DIVERSIDADE POLÍTICO-RELIGIOSA.

3.1. Considerações iniciais.

A nossa perspectiva de leitura acerca das ações tomadas pelo imperador Teodósio II na mediação do conflito liderado pelos bispos Cirilo de Alexandria e Nestório de Constantinopla adquiriu seus primeiros contornos a partir da metodologia empregada no trato com a documentação, que esboçamos no Capítulo 1 dessa pesquisa.¹ A catalogação das cartas imperiais e episcopais inseridas na obra *Acta Conciliorum Oecumenicorum* – Tomos I e II (*Epistularum Collectio M e Actio I*) e o cruzamento das informações nelas contidas com os tratados escritos por Cirilo e Nestório nos possibilitou vislumbrar a formação de redes de alianças em torno dos projetos político-religiosos nas quais se inseriam ambos os bispos. A junção desse procedimento com a ampliação dos contextos internos e externos que delinearam os desdobramentos da controvérsia, detalhados no Capítulo 2, contribuiu para agregar à nossa percepção do conflito novos atores que até então não haviam sido contemplados pela historiografia: os funcionários imperiais. Esse novo segmento que identificamos atuando em sinergia de interesses com os bispos – e não apenas como meros intermediários no fluxo da cadeia de comando entre imperador e bispos – descortinou outra possibilidade de leitura que nos permite distanciar das interpretações que, ainda na atualidade, têm a percepção de que:

É possível que Teodósio II sobreviveu tanto tempo como imperador porque ele era o fantoche de todos, mas fraqueza em um imperador dificilmente era uma garantia de longevidade – testemunha Geta ou Severo Alexandre. Teodósio II parece ter se baseado em ajuda para todas as suas realizações; e

¹ Entendemos que as ações tomadas pelo imperador nos negócios do seu governo eram resultado das estratégias elaboradas conjuntamente com os segmentos que apoiavam a centralização do poder imperial em torno dele. Tais estratégias eram colocadas em prática a partir de negociações com os demais segmentos que detinham poder no Império e requeriam que fossem contemplados na partilha do poder. Conforme indicado no capítulo anterior, dentre os segmentos que percebemos ter apoiado de forma constante o imperador desde o início do conflito encontravam-se o clero egípcio, os monges e os funcionários encarregados de prestarem serviços pessoais ao imperador (*cubicularii*). Se por vezes citamos apenas o imperador como tendo tomado determinada decisão, o que pode vir a sugerir que ele a tomara de forma isolada, não significa que não estejamos cientes que tais ações, por vezes, tenham sido formuladas de maneira colegiada com auxiliares imediatos, mas queremos com isso indicar, como também acreditam Kelly (2013), Thomas Graumann (2013), Millar (2006), Wessel (2001), que após o seu período de minoridade, Teodósio II também exerceu papel ativo nas decisões do seu governo.

parece improvável que ele poderia ter conseguido sobreviver por conta própria (CHEW, 2006, p. 208).

Na política, nenhum indivíduo é capaz de obter e manter poder político em torno de si sem que para isso tenha de exercer um trabalho constante com as demais forças que atuam no espaço social no sentido de assegurar uma *fides*, uma *auctoritas* que o legitime em sua posição de comando (BOURDIEU, 2006, p. 188-189). Essa característica relacional inerente ao poder político e às demais formas de poderes não significa perceber como fraqueza de Teodósio II a postura de negociação que dele foi requerida, seja em relação a aliados ou adversários, em uma sociedade bastante heterogênea, sobretudo como verificamos no contexto da sociedade romana oriental na Antiguidade Tardia.

Nesse sentido, a fim de oferecer outra perspectiva de leitura para a participação do imperador, bispos e funcionários imperiais no conflito, buscaremos demonstrar, neste terceiro e último capítulo, que ao inserirmos esses funcionários, como outro segmento a ser contemplado nas negociações relativas à definição da doutrina, podemos melhor entender as mudanças de posições de Teodósio II no decorrer do conflito, alternâncias essas que foram marcantes para a historiografia rotulá-lo como um governante dependente, incapaz e flutuante nas suas decisões. Em nosso entendimento, a atuação do imperador visava estabelecer a doutrina que definiria sua posição na estrutura de poder e essa posição teria de ser negociada com os funcionários que participavam na sustentação e legitimação do sistema imperial. Esse novo quadro de negociações pode ser mais bem entendido por meio das cartas produzidas pelo próprio Teodósio II nas diferentes fases do conflito. Em vista da multiplicidade de acontecimentos que irromperam e se entrelaçaram no decorrer da controvérsia, delimitamos para análise neste capítulo algumas circunstâncias nas quais julgamos que a documentação nos esclarece as negociações entre imperador, funcionários e bispos, quais sejam: 1) a nomeação de Nestório para o episcopado de Constantinopla; 2) a convocação do Concílio de Éfeso I, em 431; 3) as negociações durante este Concílio; 4) as negociações da *Fórmula da Reunião*, em 433; 5) a realização do Sínodo de Constantinopla, em 448; e 6) a realização do Concílio de Éfeso II, em 449.

3.2. Aproximando o adversário: a nomeação de Nestório para o episcopado de Constantinopla, em 428.

Algumas explicações foram levantadas pelas historiografias antiga e moderna para se entender os motivos que levaram Teodósio II a nomear Nestório para a chefia da Sé episcopal de Constantinopla, em 428. Sócrates de Constantinopla (*Hist. eccl.*, VII, 29, 1-2) registrou que as qualidades de detentor de voz poderosa e exímio orador teriam sido preponderantes na escolha do antioqueno. Cirilo, por sua vez, acreditava que a nomeação se dera em virtude da campanha feita pelo bispo João de Antioquia junto ao imperador no sentido de emplacar um aliado oriental nesse posto estratégico (*ACO I*, 1, 2, p. 66-68). Nestório também justificou sua própria escolha ao acreditar que ela teria ocorrido em virtude da ausência de alguém de dentro do clero de Constantinopla que pudesse apaziguar e unir as diferentes facções que disputavam espaço e liderança na hierarquia eclesiástica da capital imperial (Nestório, *Liber*, 377-378)². Essas perspectivas são endossadas por historiadores como Bevan (2005, p. 68-74) e Wessel (2004, p. 102).

Conforme já indicamos anteriormente, tratava-se de prerrogativa imperial a escolha do bispo de Constantinopla, mas ao optar pela confirmação de Nestório, o movimento efetuado pelo imperador nos parece a primeira situação de aparente contradição no conflito, se não a analisarmos dentro do que acreditamos ser uma estratégia política de negociação que não incluía apenas o clero, mas também os funcionários imperiais a ele associados, cujos interesses se inseriam em um contexto ampliado. Um dos precedentes que nos parece não contar a favor da nomeação de Nestório estava relacionado ao conflituoso episcopado de João Crisóstomo, também de origem antioquena, que ocupara o posto de bispo de Constantinopla na passagem dos séculos IV-V d.C.

Devemos considerar, ainda, como já expusemos no capítulo anterior, que a teologia advogada por Nestório não favorecia a construção de uma imagem que centralizasse o poder imperial na figura do imperador. E os princípios que alicerçavam as ideias de Nestório se inseriam em uma cultura político-religiosa já enraizada no pensamento de teólogos originários da Diocese do *Oriens*, na qual a região de Antioquia estava inserida. Desse modo, entendemos que Teodósio II tenha sustentado a indicação de Nestório, mesmo estando ciente dos problemas que poderiam decorrer dessa escolha, como mais tarde viriam a ser confirmados

² Nau, p. 242-243; Driver; Hodgson, p. 273-274.

(Nestório, *Ep. Cosmas*), em virtude da necessidade maior e imediata de trazer para perto de si forças políticas que pudessem vir a seguir o caminho trilhado, naquele mesmo ano de 428, pelo clero e pelas aristocracias da Armênia, que depuseram seu rei com a ajuda do rei da Pérsia (TRAINA, 2009, p. 1-6). Conforme indica Nicholas Constatas (2003, p. 104), os soberanos persas tendiam a favorecer nos seus domínios o clero cristão que adotava a corrente doutrinal diofisista, mais tarde rotulada de nestoriana, bem como viriam a explorar e apoiar essa mesma vertente doutrinal também dentro do clero armênio para interferirem na política daquele reino em detrimento da influência romana.

Atento a esses movimentos, Teodósio II delegou ao *MVM* do Oriente Flávio Dionísio, cujos dados prosopográficos indicam ser natural da diocese da Trácia (Quadro 7), as negociações nesse momento junto ao Império Persa, bem como a escolta de Nestório a Constantinopla. Desse modo, o imperador declinou de delegar tal tarefa a um dos generais de exército oriundos da diocese do *Oriens*. Parece-nos que nessa atitude estava embutido o receio de que acordos entre funcionários imperiais associados a Nestório pudessem ser implementados com os persas em prejuízo das relações externas do Império do Oriente naquela região de fronteira (APÊNDICE L – Mapa 1). Apesar disso, Teodósio II não deixou de prestigiar as elites orientais ao buscar aproximar-se delas como forma de desestimular possíveis alianças nos moldes daquela ocorrida na Armênia. Além de chamar Nestório para a chefia do episcopado da capital, no mesmo período, o imperador nomeou para cargos estratégicos Flávio Florêncio, oriundo da Síria, como Prefeito Pretoriano e Antioco 10, natural de Antioquia, como *Quaestor Sacri Palatii* (Quadros 2 e 4).

Portanto, o confronto com os persas e a perda de influência na Armênia nos parece pesar na decisão de Teodósio II de convocar Nestório e, com isso, trazer para perto de si e partilhar poder com o clero e o segmento de funcionários imperiais da região de Antioquia. Pois, como havia percebido Brown, citado anteriormente, não se tratou de uma coincidência a *Controvérsia Nestoriana* ter eclodido após a fixação do imperador e sua Corte na cidade de Constantinopla, na geração anterior ao governo de Teodósio II, indicando que uma das razões para a emergência dela foi o distanciamento e centralização do poder imperial em relação a regiões mais remotas do Império. Basta lembrar, também como já indicamos, que Nestório não estava sozinho nas ações que empreendeu no curto período do seu episcopado e, também, nos acontecimentos relacionados ao Concílio de Éfeso I e seus desdobramentos. Além de estar apoiado em expressiva fração do clero da diocese do *Oriens* (APÊNDICE M – Mapa 2), ele mantinha estreitas relações com funcionários civis e militares da Corte imperial que compartilhavam projetos político-religiosos comuns de maior participação nas políticas

imperiais. Essas relações podem ser verificadas através da troca epistolar entre funcionários e bispos nestorianos, e naquelas cartas em que ambos os segmentos são citados durante as diferentes fases do conflito.³

Dadas essas considerações e atentos às ações imperiais ao longo do conflito, a percepção que temos é a de que Teodósio II e o núcleo que o assessorava de forma mais direta nunca tenha apoiado Nestório, nem pessoal, nem teologicamente, devido à incompatibilidade que a doutrina por ele advogada apresentava para os projetos político-religiosos de maior participação do imperador na estrutura do poder imperial. Contudo, em circunstância especial relacionada ao contexto externo das relações imperiais, o imperador tenha lançado mão daquele bispo, em uma estratégia até agora pouco compreendida pela historiografia. A estratégia imperial, desse modo, almejou, com essa medida, equilibrar as forças políticas, aproximando Nestório e aliados do núcleo de poder de modo a compensar a pouca autonomia que as províncias romanas possuíam em relação ao governo central, se comparado à estrutura administrativa do Império persa e daquela que passou a vigorar na Armênia. Essa possibilidade de análise se torna plausível na medida em que Lee (2013a, p. 103) percebe que Teodósio II ficava apreensivo com as vitórias dos seus generais nas poucas guerras ocorridas durante o seu governo, pela possibilidade de fortalecimento deles e de suas intenções de obterem mais prestígio e poder. Daí, mais uma vez, entendermos a irritação de Prisco de Pânio, também funcionário imperial, com o imperador pela sua estratégia de favorecer negociações em lugar do enfrentamento direto contra os persas e os povos germânicos.

Nestório, entretanto, pelos registros que deixou, parece não ter tido a dimensão da trama em que estava envolvido e, por isso, teve uma percepção diversa dos movimentos do jogo político imperial, pois atribuía toda sua desventura à ambição de Cirilo sobre o episcopado de Constantinopla, embora, também, não tenha deixado de nutrir sentimento de traição em relação ao imperador:

Você [Cirilo] tinha todo o apoio do Império e eu somente o nome do imperador, não para dominar você, nem para me manter, nem para minha própria ajuda, mas sim para assegurar minha obediência. É por não estar servido da força da Igreja, nem das forças dos chefes, nem da força do Império que eu cheguei a essa extremidade. Eu que tinha para mim os chefes, o imperador e o episcopado de Constantinopla, eu que tive paciência

³ Essa percepção é amparada na catalogação das cartas imperiais (APÊNDICE A), nas quais os funcionários imperiais são correspondentes ou citados, bem como em outros documentos não trabalhados diretamente nessa pesquisa, mas que trazem fartas evidências nesse sentido como, principalmente, as cartas do bispo Teodoro de Ciro, conforme os trabalhos de Jean-Nöel Guinot (2009) e Adam Schor (2011).

em relação aos heréticos, tive a dor de ser expulso por você (Nestório, *Liber*, 147).⁴

Cirilo, por sua vez, parece ter se concentrado na disputa por preeminência que na esfera eclesiástica de Alexandria mantinha de longa data com Antioquia em relação à Constantinopla e, nesse momento, passou a disparar cartas e tratados teológicos para os demais bispos, funcionários e família imperial em busca de apoio. Tem-se registro que cópias do seu tratado *Contra Nestório*, composto na primavera de 430, foram remetidas, nesse período, para funcionários e familiares imperiais (RUSSELL, 2000, p. 130-131). Essa atitude lhe valeu severa repreensão de Teodósio II, pois o bispo alexandrino, mesmo advogando a doutrina que entendemos ser a de preferência do imperador, com essa atitude, interferia na distribuição e equilíbrio de forças que o poder imperial tentava manter entre as elites de todo o Império:

Mas agora nós tomamos cuidado da paz na Igreja. Saiba que tu tens perturbado muito como não deverias fazer e não há nada de surpreendente para alguém que já saiu da medida não pare sua investida às igrejas e a seus colegas de sacerdócio, mas acredite, sobre nós mesmos, algo indigno de nossa piedade. Senão, qual a razão há para que tu escrevas certas coisas à mais piedosa Augusta Eudócia, minha esposa, e outras coisas a minha irmã a mais piedosa Augusta Pulquéria? Certamente, por essas cartas, Tua Piedade ou pensa em jogar desentendimento entre nós ou bem esperais o fazer. Se isso tivesse ocorrido, se isso tivesse assim passado é bastante reprovável que alguém que esteja separado de nós por tão grande distância interfira nos nossos negócios de maneira tão indiscreta; e se isso não foi assim, querer que isso aconteça é para qualquer pessoa, menos para um padre (*ACO I*, 1, 1, p. 73-74).⁵

A despeito de toda a retórica contundente em que demonstrou sua contrariedade pela interferência de Cirilo na política imperial, e diferentemente da forma inflexível com que trataria Nestório mais tarde, por ocasião do encerramento de Concílio de Éfeso I, em 431, Teodósio II prosseguiu a carta para, logo em seguida, conceder perdão a Cirilo e dar a ele a possibilidade para que levasse a disputa para o foro que considerava mais adequado, o

⁴ Nau, p. 89; Driver; Hodgson, p. 96.

⁵ πάντα δὲ ἴσθι συγκινήσας οὐχ ὡς ἐχρῆν, καὶ θαυμαστὸν οὐδὲν τὸ μέτρον ἐκβεβηκότα μὴ μέχρι τῶν ἐκκλησιῶν καὶ τῶν συνιερέων στήσαι τὴν ἐπιχείρησιν, ἀλλὰ καὶ περὶ ἡμῶν αὐτῶν πιστεῦσαι τῆς ἡμετέρας τι εὐσεβείας ἀνάξιον. ἢ τίνα εἶχε λόγον ἕτερα μὲν πρὸς ἡμᾶς καὶ τὴν εὐσεβεστάτην αὐγούσταν Εὐδοκίαν τὴν ἐμὴν σύμβιον ἐπιστέλλειν, ἕτερα δὲ πρὸς τὴν ἐμὴν ἀδελφὴν τὴν εὐσεβεστάτην αὐγούσταν Πουλχερίαν; ἢ διχονοεῖν ἡμᾶς αὐήθης ἢ διχονοήσκειν ἤλπισας ἐκ τῶν τῆς σῆς θεοσεβείας γραμμάτων. τοῦτο δὲ καὶ γεγονός, εἴπερ οὕτως εἶχεν, ἐκ περιεργίας εἰδέναι τὸν οὕτω πόρρωθεν ὄντα παντελῶς ἐστὶν ἐπίσογον, καὶ μὴ γεγονός ποιῆσαι βούλεσθαι παντὸς μᾶλλον ἢ ἱερέως.

Concílio, que na maneira como foi concebido, como veremos mais adiante, viria a favorecer a facção ciriliana:

Portanto, porque você não ignora nisso o que é nosso, saiba que as igrejas e o Império estão unidos e que eles o serão mais ainda sob nossa ordem com o socorro da providência do Deus salvador, **e que nós perdoamos Tua Piedade, para que você não tenha pretexto e possa dizer que foi acusado por causa da sua doutrina de fé.** Essa doutrina, nós queremos que ela seja examinada no santo Concílio e que prevaleça o que os padres julgarem bom, seja que o partido vencido obtenha o perdão da parte dos padres, seja que não o obtenha (ACO I, 1, 1, p. 73-74, destaque nosso).⁶

É interessante notar que também nesse momento, Cirilo escreveu um longo tratado sobre a sua posição doutrinal, entremeado pela exaltação das competências e habilidades do imperador, intitulado *Discurso de Cirilo, arcebispo de Alexandria, ao mais piedoso imperador Teodósio sobre a verdadeira fé relativa ao Nosso Senhor Jesus Cristo*⁷ (ACO I, 1, 1, p. 42-72). No que pode sugerir a uma alusão implícita a Nestório, que, na concepção de Cirilo, não adorava o verdadeiro Deus, o bispo alexandrino entremeou ao seu discurso uma história que parece querer lembrar ao imperador a ascendência persa do agora bispo de Constantinopla. Cirilo não estava contando uma história inocente, ele buscava fazer essa comparação, usando figuras do passado, para mostrar ao imperador o perigo que Nestório representava para a segurança do Império como um todo, sobretudo em relação à política praticada com a Pérsia, em virtude das alianças que poderia agregar em torno de si:

Certo homem da Babilônia da Pérsia, Rapsachés era seu nome, tomou por assim dizer todo o país dos judeus e após ter devastado esse país, a Samaria, ele se voltou contra Jerusalém tendo sob as mãos um exército infinito, com uma cavalaria forte e não fácil de submeter, bastante terrível de se encontrar, e de uma infantaria tão numerosa quanto a areia. Em seguida, tendo colocado suas máquinas de guerra contra a muralha e todas as preparações do cerco e se entregando arrogantemente aos acessos de demência bárbara, ele declarava que tomaria a cidade santa e as outras cidades e **ele insultava a Glória infável e propagava coisas injuriosas, lançando livremente sua**

⁶ ὁρμῆς μέντοι μιᾶς καὶ τῆς αὐτῆς προθέσεως τὰ τε τῶν ἐκκλησιῶν τὰ τε τῶν βασιλέων μέλη χωρίζειν βούλεσθαι ὡς οὐκ οὔσης ἀφορμῆς ἑτέρας εὐδοκιμήσεως. ὡς ἂν οὖν εἰδείης ὅποιον τὸ ἡμέτερον, καὶ τὰς ἐκκλησίας ἴσθι καὶ τὴν βασιλείαν ἠνῶσθαι καὶ ἔτι μᾶλλον κελυόντων ἡμῶν ἐνωθήσεσθαι σὺν τῇ τοῦ σωτῆρος προνοίᾳ θεοῦ καὶ δεδῶσθαι τῇ σῆι θεοσεβείᾳ συγγνώμην, ὡς ἂν μὴ πρόφασις εἴη μηδὲ λέγειν δύναιτο διὰ τοὺς ὑπὲρ τῆς εὐσεβεῖας ἐγκεκλησθαι λόγους. γυμνασθῆναι γὰρ τοῦτος ἐπὶ τῆς ἱερᾶς συνόδου βουλόμεθα καὶ κρατεῖν ὡς ἂν καλῶς ἔχειν δόξειεν, εἴτε μεταλαμβάνοιεν συγγνώμης εἴτε μὴ παρὰ τῶν πατέρων οἱ νικηθέντες.

⁷ Λόγος προσφωνητικὸς πρὸς τὸν εὐσεβέστατον βασιλέα Θεοδόσιον περὶ τῆς ὀρθῆς πίστεως τῆς εἰς τὸν κύριον ἡμῶν Ἰησοῦν Χριστὸν παρὰ Κυρίλλου ἀρχιεπισκόπου Ἀλεξανδρείας.

língua contra Deus com intemperança e sem freio (ACO I, 1, 1, p. 42-72, destaque nosso).⁸

Logo, essas evidências nos levam a crer que a associação inicial entre Teodósio II e Nestório se deu em virtude das conveniências políticas do momento estratégico que envolvia as relações com o Império Persa. Corrobora essa percepção os acontecimentos relacionados ao desenrolar do Concílio de Éfeso I, em 431, em que o bispo da capital imperial foi removido do seu ofício sem que nenhuma intervenção do imperador fosse tomada no sentido auxiliá-lo, como mostraremos mais adiante. Daí o sentimento de traição que Nestório nutriu em relação à postura de Teodósio II. Ao que nos parece, os problemas causados por Nestório, tanto internamente em Constantinopla quanto por meio das intervenções que promoveu fora da sua jurisdição episcopal, parecem superar as condições políticas para que o imperador pudesse mantê-lo próximo do núcleo de poder. A carta endereçada por Teodósio II a Cirilo e a carta imperial de convocação do Concílio, emitida em 19 de novembro de 430, às quais passaremos analisar em seguida, são complementares para indicar as intenções da política imperial de negociação com as facções em conflito.

3.3. A carta imperial de convocação do Concílio de Éfeso I: omissões que revelam intenções.

Se por um lado, Teodósio II mostrou sua irritação na carta a Cirilo por este investir sobre membros da Corte em favor do seu projeto político-religioso, por outro lado, a concessão do perdão ao bispo alexandrino, mais adiante na mesma carta, e a forma com que o imperador planejou a realização do Concílio, de 431, nos demonstra a intenção de favorecer, nesse momento, a facção ciriliana, em oposição ao peso político que havia sido dado a Nestório, e àqueles que compartilhavam suas ideias, através da sua convocação para o

⁸ Ἀνὴρ τις τῶν ἐκ Βαβυλῶνος τῆς Περσικῆς (Ραφάκης οὗτος ἦν) εἶλε μὲν ἅπασαν ὡς ἔπος εἰπεῖν τὴν τῶν Ἰουδαίων χώραν, καταδηλώσας δὲ σὺν αὐτῇ τὴν Σαμάρειαν ἐπ’ αὐτὴν ἦει τὴν Ἱερουσαλὴμ μυριάσιν πληθῆσι τῶν ὑπὸ χεῖρα δορυφορούμενος καὶ φάλαγγα μὲν ἵππικὴν οὐκ εὐχείρωτον ἔχων, μᾶλλον δὲ καὶ δυσάντητον, ὀπλίτην δὲ πεζομάχων ταῖς ψάμμοις ἰσάριθμον. εἶτα τῶι τείχει περιστήσας τὰς ἐλεπόλεις καὶ τὴν τοῦ πολέμου παρασκευὴν ἀπονοίαις τε βαρβαρικαῖς οὐ μετρίως ὠφρωμενος, αἰρήσειν μὲν κατὰ κράτος ταῖς ἄλλαις ὁμοῦ καὶ αὐτὴν ἔφασκε τὴν ἁγίαν πόλιν καὶ τῆς ἀρρέτου δόξης κατεθρασύνετο καὶ παλιμφήμους ἠφίει φωνάς, ἀκρατῆ καὶ ἀχάλινον ἐπὶ θεῶι τὴν γλῶσσαν ἀνείς.

episcopado de Constantinopla. Com a proporção do conflito entre Cirilo e Nestório se avolumando a partir da busca de apoio por ambos, tanto no clero quanto entre os funcionários imperiais, Teodósio II convocou o Concílio com o objetivo de resolver as “disputas relativas às necessidades da Igreja e às necessidades públicas” (ACO I, 1, 1, p. 115).

Segundo indica Fraisse-Coué (1995, p. 517), o Concílio teria sido convocado pelo imperador por solicitação inicial de Nestório. A estratégia desse pedido por parte do bispo constantinopolitano era a de dar uma resposta à condenação que lhe havia sido imposta pelo bispo Celestino, em Sínodo realizado em Roma, ocorrido em agosto de 430. Celestino dera o prazo de dez dias, a partir da decisão conciliar, para que Nestório retratasse sua doutrina, sob a pena de excomunhão, ocasião em que o bispo romano delegou a Cirilo a supervisão do cumprimento desse veredito (ACO I, 1, 1, p. 75-77). Acreditamos, também, que na perspectiva de Nestório, o Concílio seria o foro adequado para responder ao Sínodo realizado em Alexandria, em novembro de 430, ocasião em que Cirilo havia lançado seus doze anátemas contra ele (ACO I, 1, 1, p. 33-42). A carta de convocação desse primeiro Concílio (ACO I, 1, 1, p. 114-116), endereçada a Cirilo e aos demais bispos metrópolitas, é reveladora das intenções do imperador, tanto por aquilo que ela determina, de maneira um tanto vaga, quanto por aquilo que omite, se a compararmos à carta convocatória do segundo Concílio de Éfeso, em 449 (ACO II, 1, p. 68-69), que será analisada mais adiante.

Conforme percebe Graumann (2013, p. 112), embora Teodósio II enfatize os problemas prementes relacionados à disputa teológica, a seção de abertura da carta é paradoxal, pois dilui as diretivas para a resolução do conflito teológico dentro de um conjunto mais amplo de outras preocupações não relacionadas diretamente a ele. Ou seja, o imperador se preocupava mais em relação ao comportamento pessoal que se esperava que Cirilo e os demais bispos seguissem na reunião. Essa preocupação se sobressaía à questão doutrinal em si, cuja atenção central deveria ser o objetivo principal do Concílio:

Os Césares autocratas Teodósio e Valentiniano, vencedores, triunfantes, grandíssimos, muito reverentes a Deus, augustos, ao bispo Cirilo. A condição de nosso Estado depende da piedade em relação a Deus e há um grande parentesco e afinidade entre os dois. Eles estão, de fato, mutuamente ligados e crescem cada um pelo progresso do outro, de sorte que a verdadeira religião brilha sustentada pela conduta justa e que o Estado prospera quando é sustentado por ambos. Intermediários entre a Providência e os homens, nós somos, de um lado, os servidores da Providência para o crescimento do Estado, e, por outro lado, passando em revista, por assim dizer, a todos os nossos súditos, nós fazemos com que eles vivam em piedade e se conduzam como convém aos piedosos. *Tomamos cuidado, como necessário, de um e de outro, pois não é possível que, se*

*reivindicações são levantadas em [apenas] um dos dois, nós não nos importemos semelhantemente do outro – nós nos importamos, antes de tudo, de fazer com que a condição da Igreja permaneça tal que ela convenha a Deus e seja vantajosa para nosso tempo, que essa condição conheça a ausência de problemas graças à concórdia de todos, **que ela conheça a ausência de facção graças à paz nos negócios eclesiásticos, que a piedosa religião permaneça irreprochável e que aqueles que fazem parte do clero e do grande sacerdócio se mantenham ao abrigo de toda reprovação quanto à sua vida** (ACO I, 1, 1, p. 114-115, destaques nossos)⁹.*

Em vista dessa exortação inicial relativa aos objetivos do Concílio, a ênfase de Teodósio II recaiu na necessidade de se harmonizar as relações entre o Estado e a Igreja, não no sentido dar resolução ao imbróglio teológico, mas ressaltando a imperiosa necessidade de uma boa conduta dos bispos. A historiografia, inclusive Graumann (2013, p. 121), tem entendido que a preocupação de Teodósio II foi no sentido de evitar que o mau comportamento dos bispos naquela reunião pudesse ser susceptível da anulação dos procedimentos conciliares por parte da facção que se sentisse prejudicada, devido, talvez, pelo conhecimento que o imperador detinha das táticas usadas pelos bispos nos Concílios realizados no século anterior. Uma vez que tais reuniões conciliares, conforme demonstrou Dvornik (1951, p. 18-19), obedeciam às mesmas regras rígidas que controlavam as sessões do Senado de Constantinopla, o imperador preocupava-se em evitar que a inobservância dos aspectos formais inviabilizasse a definição da fé correta. Mas entendemos, na sequência da mesma carta, que as intenções do imperador estavam além das preocupações com as formalidades:

Considerando, portanto, que esses resultados possam prevalecer pelo amor de Deus e a caridade mútua dos piedosos, frequentemente já, por causa dos acontecimentos ocorridos durante esses tempos, nós pensamos que um Concílio caro a Deus, [da parte] dos mais santos bispos de todos os lugares seria necessário; entretanto, nós hesitamos a convocá-lo em virtude do

⁹ Αὐτοκράτορες Καίσαρες Θεοδόσιος καὶ Οὐαλεντινιανὸς νικηταὶ τροπαιοῦχοι μέγιστοι ἀεισέβαστοι αὐγουστοὶ Κυρίλλω ἐπισκόπω. Ἦρτηται τῆς εἰς θεὸν εὐσεβείας ἢ τῆς ἡμετέρας πολιτείας κατάστασις καὶ πολὺ ταύταις ἔνεστι τὸ συγγενές τε καὶ προσφυές. ἔχονται γὰρ ἀλλήλων καὶ ἑκατέρα τῇ τῆς ἐτέρας συναύξεται προκοπῇ, ὥστε τὴν μὲν ἀληθῆ θρησκευίαν τῇ δικαιοπραγίᾳ, τὴν δὲ πολιτείαν ὑπ' ἀμφοτέρων συγκροτουμένην ἐκλάμπειν. βασιλεύειν οὖν τεταγμένοι παρὰ θεοῦ σύνδεσμοὶ τε τῆς τῶν ὑπηκόων εὐσεβείας τε καὶ εὐπραγίας τυγχάνοντες, ἀρραγὲς αἰεὶ τὸ προσφυές τούτων φυλάττομεν, τῇ τε προνοίᾳ καὶ ἀνθρώποις μεσιτεύοντες ἐκείνῃ μὲν ὑπουργοῦμεν εἰς τὴν τῆς πολιτείας αὔξησιν, διὰ πάντων δὲ ὡς εἰπεῖν τῶν ὑπηκόων γινόμενοι τούτους εὐσεβεῖν τε καὶ πολιτεύεσθαι κατὰ τὸ εὐσεβέσι πρέπον παρασκευάζομεν. ἑκατέρου δεόντως ἐπιμελούμενοι (οὐδὲ γὰρ ἔνεστι τὸν θατέρου μεταποιούμενον μὴ ὁμοίως καὶ τοῦ ἐτέρου φροντίσαι) σπουδῆν τιθέμεθα πρὸ τῶν ἄλλων τὴν ἐκκλησιαστικὴν κατάστασιν θεῶι πρέπουσαν καὶ τοῖς ἡμετέροις καιροῖς πρόσφορον διαμένειν ἔχειν τε ἐκ τῆς τῶν πάντων ὁμονοίας τὸ ἀτάραχον καὶ διὰ τῆς ἐν τοῖς ἐκκλησιαστικοῖς πράγμασιν εἰρήνης τὸ ἀστασίαστον προσεῖναί τε τῇ εὐσεβεῖ θρησκευίᾳ τὸ ἀνεπίληπτον καὶ τοὺς εἰς τὸν κλῆρον τὴν τε μεγάλην ἱερωσύνην τελοῦντας πάσης τῆς κατὰ τὸν βίον μέμψεως ἀπηλλάχθαι.

aborrecimento que causaria a Suas Piedades [refere-se à distância e ao deslocamento dos bispos]. Mas hoje as disputas relativas às necessidades da Igreja e às necessidades públicas, que estão ligadas, demonstram que esse Concílio era bastante necessário e que não se podia mais evitá-lo. É porque, se negligenciarmos no exame de negócios tão úteis eles irão piorar, o que seria estranho à piedade dos nossos tempos. [Por isso] Tua Piedade se ocupará – que isso seja dito com a ajuda de Deus – *de se apresentar depois do santo dia de Páscoa* [19 de abril de 431], *à cidade de Éfeso, na Ásia, no dia do santo Pentecoste* [07 de junho de 431] *fazendo com que venha contigo à mesma cidade alguns não muitos dos mais santos bispos da província* sob tua obediência e aprovação, de tal modo que não faltem aqueles que atendem a maioria das igrejas da dita província e que ofereçam vantagem para esse Concílio. (ACO I, 1, 1, p. 115, destaque nosso)¹⁰.

A retórica do imperador é contraditória, pois ao mesmo tempo em que ele constatou a gravidade do problema expressou, também, a hesitação em convocar os bispos, alegando preocupar-se com o bem-estar deles, devido às penosas circunstâncias que eles seriam submetidos durante o deslocamento a Éfeso. Como discutiremos mais adiante, esse foi o argumento aproveitado pelo bispo João de Antioquia, aliado de Nestório, para justificar o atraso da sua delegação em atender ao Concílio. Essa manobra veio contribuir para tumultuar a reunião e a atmosfera beligerante que se formou naquela ocasião nos dá a impressão de que Teodósio II estava ciente de que conduzia os bispos para se enfrentarem num campo de guerra, o que Nestório constatou mais tarde e registrou nas suas memórias:

Você [Cirilo] barrou a eles [aliados de Nestório] todas as rotas que levavam ao imperador, você os recebeu a golpes de pedras e bastões, você os encurralou em lugares perigosos, onde homens [bispos] estrangeiros que não conhecem o caminho não podiam escapar. Eles vieram na esperança de que o imperador colocasse ordem e, assim, eles tinham medo de fugir daqueles que os atormentavam, até que o imperador enviou uma tropa de soldados para salvá-los. Havia um grupo inumerável de pessoas que vivia na rebelião: no momento em que fui chamado de Éfeso esse grupo era formado de egípcios, monges de Constantinopla, pessoas que haviam sido expulsas dos monastérios. (Nestório, *Liber*, 397).¹¹

¹⁰ ταῦτα τε συννορῶντες διὰ τῆς εἰς θεὸν ἀγάπης καὶ τῆς φιλαλλήλου γνώμης τῶν εὐσεβοῦντων κρατύνεσται, πολλάκις μὲν ἤδη διὰ τὰ κατὰ καιρὸν συμπεσόντα ἀναγκαίαν τὴν τῶν ἀπανταχόθεν ἀγιωτάτων ἐπισκόπων θεοφιλῆ σύνοδον ἠγησάμεθα, ὀκνηρότεροι δὲ ὅμως περὶ τὸν σκυλμὸν τῆς αὐτῶν θεοσεβείας γεγόναμεν. ἀλλ' ἢ τῶν νῦν ἀναγκαίων ἐκκλησιαστικῶν τε καὶ τῶν ταύταις συνημμένων δημοσίων χρειῶν ζήτησις χρεωδεστάτην τε καὶ ἀπαραίτητον ταύτην ἀπέδειξεν, ὅθεν ὡς ἂν μὴ τὰ τῆς προκειμένης τῶν οὕτω χρησίμων ἐξετάσεως ἀμελούμενα τὴν ἐπὶ τὸ χεῖρον λάβοι ῥοπὴν, ὅπερ ἐστὶ τῆς τῶν ἡμετέρων καιρῶν εὐσεβείας ἀλλότριον, φροντίσει ἢ σὴ θεοσεβεία μετὰ τὸ ἐπιόν, σὺν θεῷ δὲ εἰρήσθω, ἅγιον πάσχα εἰς τὴν Ἐφεσίων τῆς Ἀσίας παραγενέσθαι κατ' αὐτὴν τῆς ἀγίας πεντηκοστῆς τὴν ἑμέραν, ὀλίγους οὖς ἂν δοκιμάσειεν, ἐκ τῆς ὑπ' αὐτὴν τεταγμένης ἐπαρχίας ἀγιωτάτους ἐπισκόπους εἰς τὴν αὐτὴν συνδραμεῖν παρασκευάσασα, ὥστε καὶ τοὺς ἀρκοῦντας ταῖς κατὰ τὴν αὐτὴν ἐπαρχίαν ἀγιωτάταις ἐκκλησίαις καὶ τοὺς τῆι συνόδῳ ἐπιτηδεύουσιν μηδαμῶς ἐλλείψαι.

¹¹ Nau, p. 255; Driver; Hodgson, p. 288.

No trecho do corpo da carta imperial que destacamos acima (ACO I, 1, 1, p. 115), duas informações são relevantes para entender a situação de enfrentamento a que chegaria o Concílio, conforme descreveu Nestório. Apesar de toda a preocupação expressada pelo imperador com a boa ordem e o comportamento dos participantes, as decisões tomadas por ele nos parecem cruciais para a configuração do ambiente caótico que se instalaria. Sempre tomando por parâmetro a carta imperial que convocaria o segundo Concílio, em 449, merecem ser analisados: 1) o hiato de praticamente seis meses entre a convocação e a realização da reunião, 2) o critério vago da quantidade de bispos de cada província que deveriam participar e 3) o local escolhido para a realização da reunião. É possível fazer conjecturas em relação a essas determinações, desde leituras que avaliam que medidas dessa natureza demonstravam a falta de habilidade, inexperiência e incapacidade do imperador em lidar com questões políticas, como também inferir, assim como acreditamos, que as ações de Teodósio II, juntamente com aqueles que o assessoravam, eram manobras que visavam direcionar o resultado que melhor conviesse aos seus interesses, ou seja, a deposição de Nestório pelo Concílio e a afirmação da doutrina de união defendida por Cirilo.

Vislumbramos que as instruções emanadas da carta imperial contribuíram para implementar uma estratégia imperial que visava transpor a batalha retórica que se dava por meio da troca de cartas para o enfrentamento na arena dos bispos reunidos em Concílio. Nessa circunstância, ficaria mais claro para Teodósio II as alianças formadas em torno de Cirilo e Nestório, não apenas no clero, mas sobretudo em relação aos funcionários imperiais. Portanto, o prazo de aproximadamente seis meses entre a convocação e a realização do Concílio possibilitou que as facções cooptassem aliados e estabelecessem estratégias visando melhor enfrentar o oponente.¹² Essa disposição pode ser percebida através da intensa troca epistolar nesse período (APÊNDICES A, C e E). Uma dessas cartas, conforme reproduzimos abaixo, foi endereçada por Cirilo ao bispo Juvenal de Jerusalém, cujo superior na hierarquia era João de Antioquia. Nesse caso, a carta contribuiu para que Cirilo obtivesse êxito em persuadir Juvenal a apoiá-lo na rivalidade preexistente entre as Sés episcopais de Antioquia e Jerusalém. Esta última empreendia esforços no sentido de tornar-se autônoma em relação à primeira, a quem estava subordinada na hierarquia eclesiástica (JONES, 1964, p. 882; KENNEDY, 2008, p. 601):

¹² Esse tempo extenso decorreu do fato de o Concílio ter sido convocado às vésperas do inverno no hemisfério norte, de modo que sua realização se desse próximo ao início do verão, período que propiciava melhores condições de viagens.

Eu tinha desejado que o mais reverendo bispo Nestório marchasse nos passos dos homens de renome e seguisse a fé correta (quem dentre as pessoas sensatas não desejaria que aqueles que receberam o quinhão de dirigir os rebanhos do Salvador fossem bastante experimentados?). Mas, desde que a natureza dos negócios se voltou contra nossas esperanças (aquele que de fato pensávamos que fosse um pastor sincero nos revelou um perseguidor da ortodoxia), é necessário, agora, nos lembrar da palavra de Nosso Senhor a todos, o Cristo diz: ‘Eu não vim trazer a paz à terra, mas a espada, eu vim opor o homem ao seu pai’. Se, portanto, a guerra contra os pais não é susceptível de reprovação e culpa, ao contrário é cheia de todo louvor, quando decidimos lutar de comum esforço para a glória do Cristo, como não é de modo algum necessário nos cingir de um zelo caro a Deus? – enquanto chorando como tendo perdido um irmão – e de dizer a quase todos os habitantes da terra: ‘Se alguém é pelo Senhor, que venha a mim’. [...] É necessário agora escrever ao mais pio imperador, amigo do Cristo, e a todas as pessoas com autoridade e os aconselhar a não preferir um homem em lugar da piedade em relação a Cristo, conciliar a certeza no mundo através da ortodoxia e afastar as ovelhas do mau pastor, caso ele não ceda aos conselhos de todos (ACO I, 1, 1, p. 96-98).¹³

Se o fator tempo favoreceu ambas as facções em suas estratégias de ação para o Concílio, duas outras diretivas constantes da carta favoreceram a facção ciriliana. A primeira relacionava-se à intenção de Nestório de que o Concílio fosse realizado em Constantinopla, onde, apesar de parcela da comunidade lhe fazer oposição, as condições pareciam mais favoráveis para que ele controlasse a agenda da reunião. Contudo, Teodósio II determinou que a assembleia se realizasse em Éfeso, cidade ligada ao imaginário de adoração da Virgem *Theotokos* (SHOEMAKER, 2006, p. 71-76) e cujo bispo, Menão, se aliou a Cirilo, aliança essa que pode ser entendida tanto por afinidades doutrinárias como pelo fato de já ser constante as intervenções dos bispos de Constantinopla na província da Ásia, região de jurisdição da metrópole de Éfeso, conforme indicamos no capítulo anterior.

A segunda situação que desfavorecia os nestorianos relacionava-se ao modo, conforme observa Destephen (2008, p. 105), como os imperadores da dinastia teodosiana determinavam a forma de representação episcopal nos Concílios. No caso do Concílio de Éfeso I,

¹³ Ηὐχόμεν μὲν τοῖς τῶν εὐδοκιμησάντων ἴχνησι καὶ τῇ ὀρθῇ πίστει κατακολουθεῖν τὸν εὐλαβεστάτον ἐπίσκοπον Νεστόριον (τίς γὰρ τῶν εὖ φρονούντων οὐκ ἂν εὐξαιτο δοκιμωτάτους εἶναι τοὺς καθηγεῖσθαι λαχόντας τῶν τοῦ σωτῆρος ποιμνίων;), ἐπειδὴ δὲ παρ’ ἐλπίδας ἢ τῶν πραγμάτων ἡμῖν ἐκβέβηκε φύσις (ὄν γὰρ ἔσεσθαι προσεδοκῶμεν ποιμένα γνήσιον, τοῦτον τῆς ὀρθῆς πίστεως διώκτην εὐρήκαμεν), δεῖ λοιπὸν μνημονεῦσαι τοῦ πάντων ἡμῶν σωτῆρος Χριστοῦ λέγοντος οὐκ ἦλθον βαλεῖν εἰρήνην ἐπὶ τὴν γῆν, ἀλλὰ μάχαιραν. ἦλθον γὰρ διχάσαι ἄνθρωπον κατὰ τοῦ πατρὸς αὐτοῦ, εἰ δὲ δὴ καὶ πρὸς γονέας ἡμῖν ὁ πόλεμος ἀνεγκλητός, μᾶλλον δὲ καὶ παντὸς ἐπαίνου μεστός, ὅτε τῇ τοῦ Χριστοῦ δόξει συναθλεῖν ἐγνώκαμεν, πῶς οὐκ ἀνάγκη πᾶσα, καίτοι δακρύνοντας ὡς ἀδελφὸν ἀπολέσαντας, τὸν θεοφιλῆ περιζώσασθαι ζῆλον καὶ μόνον οὐχὶ τοῖς ἀνὰ πᾶσαν τὴν γῆν ἐκεῖνο εἰπεῖν εἴ τις πρὸς κύριον, ἴτω πρὸς με. [...] δεῖ δὲ ἡμᾶς ἀναγκαίως καὶ τῷ φιλοχρίστῳ καὶ εὐσεβεστάτῳ βασιλεῖ, καὶ ἅπασιν δὲ τοῖς ἐν τέλει γράψαι καὶ συμβουλευσαί μὴ προτιμῆσαι τῆς εἰς Χριστὸν εὐσεβείας ἄνθρωπον, ἀλλὰ χαρίσασθαι τῇ οἰκουμένῃ τὸ βέβαιον εἰς πίστιν ὀρθὴν καὶ ποιμένον ἀπαλλάξαι πονηροῦ τὰ θρέμματα, εἰ μὴ ταῖς ἀπάπτων εἰκει συμβουλαῖς.

entendemos que a não indicação dos limites de representação das delegações foi crucial para que Teodósio II direcionasse o resultado de acordo com sua preferência. Ao determinar que cada metrópolita levasse “alguns” bispos, sem especificar a quantidade, o imperador produziu a seguinte distorção na representatividade, que também pode ser espacialmente visualizada no APÊNDICE M – Mapa 2:

Quadro 11 – Representatividade dos bispos por dioceses no Concílio de Éfeso I (431).

Dácia	Macedônia	Trácia	Asiana	Pôntica	Oriens	Egito
2	23	14	91	24	52	46
Dividida	Maioria pró-Cirilo	Maioria pró-Nestório	Maioria pró-Cirilo	Dividida	Maioria pró-Nestório	Pró-Cirilo

Fontes: ACO I, 1, 2, p. 55-64; ACO I, 4, p. 37-38; DESTEPHEN, 2008a, p. 110; PRICE, 2012, p. 2-9.

Contando com a maioria dos bispos a seu favor, Cirilo ainda recebeu o reforço de dois outros bispos, Projeto e Arcádio, e do sacerdote Filipe, que representavam o bispo de Roma (ACO I, 1, 7, p. 137). Também havia um representante do metrópolita Capreolo de Cartago, o diácono Bessula. Tem-se registro, ainda, que havia sido convocado, através de cópia da mesma carta endereçada aos metrópolitas, o bispo Agostinho de Hipona para que atendesse ao Concílio junto com os demais bispos do Oriente. Sabe-se dessa convocação, uma vez que o exemplar da carta dirigida a Agostinho é perdida, em razão do anúncio feito no Concílio por Bessula de que aquele bispo havia morrido em 28 de agosto de 430, acontecimento ainda desconhecido tanto do imperador quanto dos presentes no Concílio (ACO I, 1, 1, p. 114). Bevan (2010, p. 347-352) argumenta que tal convite fora feito por Teodósio II uma vez que havia observado que a controvérsia também se difundira para o Ocidente. Essa propagação do conflito pode ser percebida através do pedido do diácono Leão, futuro bispo de Roma, para que o monge João Cassiano escrevesse um trabalho contra as doutrinas de Nestório. O resultado foi uma severa condenação de Cassiano por meio do tratado *De Incarnatione contra Nestorium*, em que acusava Nestório da prática de adocionismo.

Como no seu tratado Cassiano também desferiu contundentes ataques contra os pelagianos (João Cassiano, *De incarnatione*, I, 1-6) antes de chegar ao seu foco nas acusações contra Nestório, Bevan (2010, p. 352) interpreta a convocação de Agostinho na perspectiva de

que para “Nestório e seu patrono Teodósio o melhor modo de colocar um obstáculo entre Roma e Alexandria seria limpar o bispo de qualquer suspeita de simpatia pelagiana”. Nessa perspectiva, Agostinho seria o bispo ideal para tal fim, em vista da polêmica que se envolvera contra os pelagianos no Ocidente. Contudo, a nossa percepção caminha no sentido contrário de entender a convocação de Agostinho, que não se tratava de um bispo metropolitano, na estratégia traçada pelo imperador para o Concílio de reforçar o contingente que iria condenar Nestório, justamente, acusando-o de pelagianismo, diferentemente do que sugere Bevan. Teodósio II direcionou o Concílio para remover Nestório do episcopado, algo que ele próprio poderia ter feito, uma vez que era sua a prerrogativa, mas não sem recair sobre ele o ônus político de se desfazer de um bispo que granjeara sólida aliança entre influentes funcionários imperiais civis e militares e cuja convocação havia se inserido num contexto mais amplo de negociações externas.

Apesar do favorecimento por parte do imperador que percebemos em relação à facção ciriliana, por meio do direcionamento da composição da reunião e das vagas diretivas que deu para os objetivos do Concílio, sem definir uma linha doutrinal de sua preferência, Teodósio II era, contudo, imperador tanto de cirilianos quanto de nestorianos e necessitava administrar expectativas de ambas as facções. Isso fez com que ele transferisse um problema de difícil resolução, em que qualquer decisão tomada desagradaria indivíduos poderosos que contribuíam para sustentar a sua posição, sobretudo os funcionários imperiais que estavam associados às facções, e levasse o problema para a arena do Concílio:

A mesma carta foi escrita por nossa divindade sobre o supracitado Concílio aos bispos caros a Deus de todas as metrópoles, de tal modo que, o Concílio estando reunido, seja dissipado o problema contrário aos cânones eclesiásticos resultante das questões em litígio, que correção seja feita às medidas tomadas em desacordo com a regra e que *a estabilidade seja assegurada à piedade em relação a Deus e em vantagem dos negócios públicos*, estando bem entendido que nenhuma inovação seja feita em privado por alguns perante o mais santo Concílio, e a sentença que deve ser dada por ele sobre todas as coisas seja através de um voto comum. Nós estamos persuadidos que cada um dos bispos mais amigos de Deus cumpra ao que o mais santo Concílio é solicitado de modo urgente por nosso decreto em razão dos negócios eclesiásticos e ecumênicos, se apressem para deliberar o melhor de seus conselhos sobre questões tão importantes e caras a Deus. Nós não permitiremos, além disso, na grande preocupação que temos nessas coisas, que ninguém falte, e não haverá nenhuma desculpa perante Deus e perante nós para aquele que não se apresentar prontamente na data indicada e no lugar fixado. Pois, aquele que, estando convidado ao Concílio sacerdotal, não acorrer com ardor mostrará que ele não tem uma boa consciência. Que Deus te guarde por muito tempo, mais santo e piedoso

Padre. Dado no décimo terceiro dia antes das calendas de dezembro [19 de novembro de 430], em Constantinopla, sob o consulado de nossos senhores, os eternos Augustos Teodósio, pela décima terceira vez, e Valentiniano, pela terceira vez. (ACO I, 1, 1, p. 115-116, destaque nosso)¹⁴.

O contraste entre discurso e prática é evidente, pois, ao que nos parece, o resultado do Concílio que menos era esperado pelo poder imperial, dada a polaridade do momento, era a unidade das facções em torno de um pensamento comum. Ciente de que a unidade entre dois projetos político-religiosos fosse inatingível, percebemos que Teodósio II entendia que a estabilidade imaginada por ele “em vantagem dos negócios públicos” se daria, nesse momento, pela existência da diversidade de pensamento que manteria o equilíbrio de forças no interior de um Império heterogêneo. Nem mesmo pensamos ser do interesse do soberano criar consenso em torno da definição que já há muito tempo fora estabelecida pelo credo de Niceia para unir a Igreja, conforme entende Wessel (2001, p. 306), uma vez que o problema não era exclusivamente teológico. Hugh Elton (2009, p. 141), por sua vez, supõe que Teodósio II desejava unidade, mas estava menos preocupado sobre qual forma de pensamento religioso deveria predominar. Ao contrário, julgamos que o melhor cenário para Teodósio II seria uma unidade calcada em torno de um projeto cristológico que realçasse a centralidade da sua posição, como aquele defendido pelos cirilianos, mas na impossibilidade de que tal situação fosse alcançada naquele momento ele tratou, furtivamente, de guarnecer a posição de Cirilo com as medidas preparatórias que emitiu, ou deixou de explicitar, sobre a realização do Concílio. A frente formada pela associação entre nestorianos e funcionários imperiais que almejaram maior participação na estrutura administrativa requereu essa estratégia por parte do imperador.

A vinculação que Teodósio II realizou nas suas cartas entre os negócios do Estado e da Igreja nos leva a entender que a sua preocupação não recaia apenas em gerenciar o conflito

¹⁴ γέγραπται γὰρ τὰ ἴσα παρὰ τῆς ἡμετέρας θειότητος περὶ τῆς προλεχθείσης ἀγιωτάτης συνόδου τοῖς θεοφιλέσιν ἐπισκόποις τῶν ἀπανταχοῦ μητροπόλεων, ὥστε τούτου γενομένου τὴν τε ἐκ τῶν ἀμφισβητούμενων συμβαίνουσιν ταραχὴν κατὰ τοὺς ἐκκλησιαστικούς κανόνας διαλυθῆναι καὶ τὴν ἐπὶ τοῖς οὐ δεόντως γενομένοις δοθῆναι διόρθωσιν τῆι τε περὶ θεὸν εὐλαβείαι καὶ τῆι τῶν δημοσίων λυσιτελείαι ὑπάρξει τὸ βέβαιον, δηλαδὴ μηδεμιᾶς πρὸ τῆς ἀγιωτάτης συνόδου καὶ τοῦ μέλλοντος παρ’ αὐτῆς κοινῆι ψήφωι ἐφ’ ἅπασι δίδοσθαι τύπου καινοτομίας ἰδία παρά τινων γινομένης. καὶ πεπεισμέθα μὲν ἕκαστον τῶν θεοφιλεστάτων ἱερέων γνόντας ἐκκλησιαστικῶν τε καὶ οἰκουμενικῶν πραγμάτων χάριν τὴν ἀγιωτάτην σύνοδον τούτοις ἡμῶν τῶι θεσπίσματι κατεπείγεσθαι συνδραμεῖν σπουδαίως τοῖς οὕτως ἀναγκαίοις καὶ εἰς θεοῦ ἀρέσκειαν τὰ δυνατὰ συμβαλοῦμενον, καὶ ἡμεῖς δὲ τούτων πολλὴν ποιούμενοι φροντίδα ἀπολιμπάνεσθαι οὐδένα φορητῶς ἀνεξόμεθα οὐδεμίαν τε ἔξει πρὸς θεὸν οὐδὲ πρὸς ἡμᾶς ἀπολογίαν ὃ μὴ παραχρήμα κατὰ τὸν προειρημένον καιρὸν εἰς τὸν ἀφορισθέντα τόπον σπουδαίως παραγενόμενος. καὶ γὰρ ὁ καλούμενος εἰς ἱερατικὴν σύνοδον καὶ μὴ προθύμως συντρέχων οὐκ ἀγαθῆς εἶναι δείκνυται συνειδήσεως. Ὁ θεὸς σε διαφυλάξει πολλοῖς χρόνοις, πάτερ ὀσιώτατε καὶ εὐλαβέστατε. Ἐδόθη τῆι πρὸ δεκατριῶν Καλανδῶν Δεκεμβρίων ἐν Κωνσταντινουπόλει ὑπατείας τῶν δεσποτῶν ἡμῶν Θεοδοσίου τὸ τρισκαιδέκατον καὶ Οὐαλεντινιανοῦ τὸ τρίτον τῶν αἰωνίων αὐγούστων.

entre os bispos, mas havia também a necessidade em conduzir o Concílio de modo que a questão administrativa relacionada aos funcionários também fosse contemplada na mesma ocasião, uma vez que ambas as coisas eram indissociáveis e isso não passava despercebido à sua atenção, conforme carta enviada ao bispo Acácio de Bereia e ao anacoreta Simão Estilita:

Absolutamente nada foi omitido por nós das medidas que tivemos que tomar para a defesa da nossa religião, e isso Tua Santidade o saberá depois de tomar conhecimento por meio do reverendo bispo de Antioquia e dos outros santos bispos. Isso aconteceu nesse momento de rivalidades e controvérsias que até hoje – embora tivéssemos tentado – têm-nos impedido de solucionar em virtude da quantidade dos nossos afazeres. Entretanto, nossa decisão é firme em não renunciar ao esforço que o bom Deus nos concedeu para rogar pela união da santa Igreja. De modo que convém que Tua Santidade peça com todo zelo essas coisas a Deus, para que ele se faça manifestar nos sacerdotes de bom renome da religião romana (ACO I, 1, 1, p. 11).¹⁵

3.4. O enfrentamento das facções no Concílio de Éfeso I (431).

O discurso de Teodósio II de que nada omitira em relação às medidas adotadas visando solucionar o conflito contrasta com a estratégia demonstrada na carta de convocação do Concílio, transcrita anteriormente, em que as intenções do imperador se mostram vagas. Mas as intenções de Teodósio II visando direcionar os resultados do Concílio se tornam mais claras a partir da *sacra*¹⁶ enviada para a abertura daquela reunião. Esse documento emitido pelo imperador deveria ser lido pelo seu representante oficial na sessão que autorizaria a abertura da reunião. Somado à forma com que o imperador determinou a representatividade das delegações, que em nossa percepção favoreceu a facção ciriliana, a indicação de um aliado de Nestório para representá-lo reforça a ideia de jogo duplo da estratégia imperial, de modo a deixar transparecer que o poder imperial era um árbitro neutro na disputa. Contudo,

¹⁵ Οὐδὲν παντελῶς ἡμῖν παραλέλειπται τῶν ὑπὲρ τῆς ἑαυτῶν ὀφειλόντων σπουδασθῆναι θρησκευίας καὶ τοῦτο ἀκριβῶς εἴσεται σου ἢ ὁσιότης παρὰ τοῦ εὐλαβεστάτου ἐπισκόπου Ἀντιοχείων καὶ τῶν λοιπῶν μαθοῦσα τῶν σὺν αὐτῶι ἁγίων ἐπισκόπων. γεγένηται δὲ τινες περὶ τὸ πρᾶγμα φιλονεικία καὶ δυσκολία, ἃς ἐξαλεῖψαι πειραθέντες ὑπὸ τῶν πολλῶν τέως πραγμάτων διεκωλύθημεν οὐ μὴν ἀποστῆναι ταύτης τῆς σπουδῆς αἰρεσόμεθα, πρὶν ἂν ἡμῖν ὁ ἀγαθὸς θεὸς τὴν τῶν ἁγίων ἐκκλησιῶν ἔνωσιν χαρίσοιτο δι' ὑμετέρων εὐχῶν, ὥστε προσήκει μετὰ πάσης σπουδῆς ταῦτα παρὰ τοῦ θεοῦ τὴν σὴν αἰτεῖν ἀγιότητα, τῆς Ῥωμαικῆς θρησκευίας ἱερέας ἐπιδείξαντα εὐδοκίμους.

¹⁶ Carta imperial que deveria ser lida perante o Concílio reunido autorizando o início dos trabalhos.

reafirmamos nossa percepção de que a estratégia foi a de organizar o Concílio de modo a promover o enfraquecimento da facção nestoriana e, desse modo, não se comprometer perante os funcionários que apoiavam o bispo antioqueno, mas dos quais ele também necessitava incluir nas negociações para manter a unidade imperial.

Nesse sentido, apesar de Teodósio II ter favorecido os cirilianos por meio de medidas como determinar que o Concílio fosse realizado em uma cidade hostil a Nestório e de permitir maior representatividade da facção ligada a Cirilo, por outro lado nomeou um funcionário imperial aliado a Nestório para representá-lo na reunião. Ao tomar essa última atitude, Teodósio II passou a percepção, sentida por Nestório e, frequentemente, encampada até hoje pela historiografia, de que favorecia o bispo antioqueno, conforme acreditam Fraise-Coué (1995, p. 516), Bevan (2005, p. 150) e Graumann (2013, p. 113). Ao contrário, entendemos que a estratégia era fazer com que Cirilo e seus aliados executassem a tarefa de destituir Nestório e enfraquecer os funcionários que o apoiavam sem que o imperador se comprometesse perante essas forças políticas. A *sacra* de abertura do Concílio e os desdobramentos que ela provoca respaldam essa nossa percepção:

Nós nos preocupamos grandemente de tudo o que é vantajoso ao Estado, mas, particularmente das coisas relacionadas à piedade, pois dessas coisas resultam em acréscimo para os homens todos os outros bens. Por essa razão, nós escrevemos recentemente sobre a reunião de Vossa Piedade à cidade metrópole de Éfeso. *Mas como necessitaria também que nos preocupássemos da boa ordem e da tranquilidade apropriadas às consultas do vosso mais santo Concílio, nós não negligenciamos nesse ponto, de modo que haja, de toda parte, ausência de problema no Concílio. Nós estamos persuadidos de que Vossa Piedade não tem necessidade de uma ajuda externa para procurar a paz com os outros, contudo, pertence à nossa precaução bem regular o assunto da piedade, que não pode ser negligenciado.* Desse modo, o magnífico Candidiano, conde das sagradas coisas domésticas, recebeu a ordem de ir ao vosso santo Concílio e, sem tomar parte de nenhuma das questões ou moções sobre os mais piedosos dogmas (não é permitido que quem não esteja na lista dos mais santos bispos se imiscua nos exames eclesiásticos) e de manter distância da supramencionada cidade as pessoas comuns e os monges que já estão reunidos lá por causa do Concílio, porque não há necessidade de que aqueles estranhos ao exame do dogma, que deve acontecer livre de problemas e, por essa razão, causem impedimentos às definições que devam ser estabelecidas em paz por Vossa Santidade; além disso, que ele [Candidiano] assegure que nenhuma dissensão nascida da antipatia se estenda adiante, de modo que o exame do vosso santo sínodo não sofra mais impedimento e que a busca exata da verdade não seja contrariada pela repercussão que poderia advir, para que, enfim, cada um, escutando pacientemente aquilo que é dito, dê sua opinião ou se oponha à opinião enunciada, e que, assim, todo o exame instituído sobre o modo de proposição e de solução seja decidido sem

nenhum problema e que, por um voto comum de Vossa Santidade, e receba uma decisão judicial não facciosa e que agrade a todos. Antes de tudo, o mesmo magnífico Candidiano recebeu de nossa divindade a ordem de velar de toda maneira de que nenhum membro do vosso mais santo Concílio, sob o pretexto de retornar para casa ou querer vir até nossa divina Corte imperial ou de decidir a ir a outro lugar, deixe o lugar que foi fixado para o exame, de velar também que não seja absolutamente colocando em questão nenhuma outra questão relacionada à discussão em jogo sobre o santo dogma, antes que a dúvida levantada ao assunto tenha sido resolvido e que as proposições contribuam à verdadeira investigação do dogma, examinadas com exatidão, obtendo ao fim somente aquilo que convém com a religião ortodoxa. *Que Vossa Piedade saiba que agrada à Nossa Serenidade que nenhum processo, pecuniário ou criminal, seja levantado contra quem quer que seja perante o vosso mais santo Concílio ou diante do tribunal civil de Éfeso, se chegar, talvez, a um e a outro de levantar tal processo, mas que toda instrução a esse assunto seja estabelecida nessa ilustre cidade* [Constantinopla]. *Agradou-nos, igualmente, que o magnífico Irineu acompanhe o mais santo e caro a Deus bispo dessa ilustre cidade, Nestório, por amizade apenas, sem que ele deva participar em qualquer coisa nos planos de vosso mais santo Concílio e aos negócios do ilustríssimo Candidiano que nós enviamos.* (ACO I, 1, 1, p. 120-121, destaques nossos).¹⁷

¹⁷ Πάντων μὲν τῶν κοινῇ λυσιτελούντων πολλὴν φροντίδα ποιούμεθα, διαφερόντως δὲ τῶν εἰς εὐσέβειαν ἠκόντων, δι' ὧν καὶ τῶν λοιπῶν ἀγαθῶν ἡ χορηγία τοῖς ἀνθρώποις προσγίνεται. διὰ τοι τοῦτο συνελθεῖν τὴν ὑμετέραν θεοσέβειαν εἰς τὴν Ἐφεσίων μητρόπολιν τὰ εἰκότα γεγραφήκαμεν, ἐπειδὴ δὲ ἐχρῆν καὶ τῆς πρεπούσης εὐταξίας τε καὶ ἡσυχίας τῇ διασκέψει τῆς ἀγιωτάτης ὑμῶν συνόδου δεόντως φροντίσαι, οὐδὲ τοῦτο παρήκαμεν ὥστε αὐτῇ πανταχόθεν ὑπάρξει τὸ ἀτάραχον. καὶ πεπεισμεθα μὲν ὡς οὐδεμιᾶς τῆς ἔξωθεν βοηθείας εἰς τὸ καὶ ἑτέροις εἰρήνην παρασχεῖν δεῖται ὑμῶν ἢ θεοσέβεια, ἣν δὲ καὶ τοῦτο τῆς ἐμμελοῦς ἡμῶν περὶ τὴν εὐσέβειαν προνοίας μὴ παριδεῖν. ἐντέταλται τοίνυν Κανδιδιανὸς ὁ μεγαλοπρεπέστατος κόμης τῶν καθωσιωμένων δομεστικῶν ἄχρι τῆς ἀγιωτάτης ὑμῶν διαβῆναι συνόδου καὶ μηδὲν μὲν ταῖς περὶ τῶν εὐσεβεστάτων δογμάτων γινόμεναις ζητήσεσιν ἢ γοῦν εἰσηγήσεσι κοινωνῆσαι (ἀθέμιτον γάρ τὸν μὴ τοῦ καταλόγου τῶν ὀσιωτάτων ἐπισκόπων τυγχάνοντα τοῖς ἐκκλησιαστικοῖς σκέμμασιν ἐπιμίγνυσθαι), τοὺς κοσμικοὺς δὲ καὶ μονάζοντας τοὺς τε ἤδη διὰ τοῦτο συνηγμένους καὶ τοὺς συνάγεσθαι μέλλοντας τῆς αὐτῆς παντὶ τρόπῳ χωρίσαι πόλεως, ἐπειδὴ περ οὐ χρὴ τοὺς κατ' οὐδὲν ἀναγκαίους ὄντας τῇ μελλούσῃ τοῦ δόγματος διασκέψει κινεῖν θορύβους καὶ διὰ τοῦτο ἐμποδίζειν τοῖς εἰρηνικῶς τυπωθῆναι παρὰ τῆς ὑμετέρας ἀγιωσύνης ὀφείλουσι, καὶ φροντίσαι τοῦ μὴ τινα διχόνοιαν ἐξ ἀντιπαθείας ἐπὶ τλέον παραταθῆναι, ὡς ἂν μὴ ἐκ τούτου ἢ τῆς ἀγιωτάτης ὑμῶν συνόδου παρεμποδίζοιτο διάσκεψις καὶ ἡ ἀκριβὴς τῆς ἀληθείας ζήτησις ἐκ τῆς ἐγγινομένης τυχὸν ἀτάκτου περιηγήσεως διακρούηται, ἀνεξεκικάως δὲ τῶν λεγομένων ἕκαστον ἀκροώμενον προστιθέναι τὸ δοκοῦν ἢ ἀντιτιθέναι καὶ οὕτως πᾶσαν κατὰ πρότασιν τε καὶ λύσιν τὴν περὶ τοῦ ἀληθοῦς δόγματος ἔρευναν δίχα τινὸς παραχῆς διακριθῆναι καὶ κοινῇ τῆς ὑμετέρας ἀγιότητος ψήφῳ ἀστασιαστὸν τε καὶ τὸν πᾶσιν ἀρέσκοντα τύπον λαβεῖν. πρωτοτύπως δὲ παρὰ τῆς ἡμετέρας θειότητος ὁ αὐτὸς μεγαλοπρεπέστατος ἀνὴρ Κανδιδιανὸς ἐντέταλται παντὶ πρόπῳ παραφωλάττειν μηδένα τῶν τῆς ἀγιωτάτης ὑμῶν συνόδου, ὡς οἴκαδε ἐπανιόντα ἢ καὶ τὸ θεῖον ἡμῶν στρατόπεδον καταλαβεῖν βουλόμενον ἢ καὶ ἀλλαχού του ἀφικεῖσθαι προηρημένον, ἀπολιπεῖν τὸν ἀφορισθέντα τῇ διασκέψει τόπον μῆτε μὴν ἑτέραν τὸ παράπαν προτεθῆναι ἐκκλησιαστικὴν ζήτησιν ἢ τινῶν ἐξαιτούντων ἢ ὀπωσοῦν ἐκ τινος ἀνακύπτουσιν ὑποθέσεως μὴ συντείνουσιν εἰς τὴν προκειμένην τοῦ ἀγίου δόγματος διάσκεψιν, πρὶν ἂν πᾶσα ἢ περὶ τούτου κινουμένη λυθῇ ἀμφισβήτησις καὶ τὰ εἰς τὴν ἀληθῆ αὐτοῦ ἔρευναν συντελοῦντα πρὸς ἀκριβείαν ζητηθέντα τέλους τύχηι τοῦ τῇ ὀρθοδόξῳ θρησκευαί συμβαίνοντος. Γινωσκέτω δὲ ὑμῶν ἢ θεοσέβεια δεδόχθαι τῇ ἡμετέρῃ γαληνότητι μηδεμίαν ἢ ἐπὶ τῆς ἀγιωτάτης ὑμῶν συνόδου ἢ καὶ ἐν δημοσίῳ αὐτόθι δικαστηρίῳ χρηματικὴν ἢ ἐγκληματικὴν κατὰ τινος κινήθῃν αἰτίας, εἴ τι τυχὸν ταύτην εἶναι συμβαίνοι, πᾶσαν δὲ τὴν περὶ τούτων διάγνωσιν συγκροτηθῆναι κατὰ ταύτην τὴν μεγαλῶνυμον πόλιν, Εἰρηναῖον δὲ τὸν μεγαλοπρεπέστατον ἄνδρα φιλίας μόνης χάριν συνεκδεδημηκέναι τῷ ἀγιωτάτῳ καὶ θεοφιλεστάτῳ ἐπισκόπῳ τῆσδε τῆς μεγαλῶνυμου πόλεως Νεστορίῳ μῆτε τοῖς σκέμμασι τῆς ἀγιωτάτης ὑμῶν συνόδου μῆτε μὴν τοῖς ἐγχειρισθεῖσι τῷ παρ' ἡμῶν ἀποσταλέντι ἐνδοξοτάτῳ ἀνδρὶ Κανδιδιανῷ κατὰ τινα λόγον κοινωνήσοντα.

A preocupação frisada por Teodósio II de manter a boa ordem no Concílio mostrou-se praticamente inviável quando ele nomeou o *comes* Candidiano para representá-lo naquela ocasião. Na data previamente estipulada pelo imperador para o início do Concílio, em 07 de junho de 431, Cirilo encontrava-se presente em Éfeso e havia trazido consigo quase meia centena de bispos egípcios e um número expressivo de monges da mesma região (*ACO I*, 1, 1, p. 116; *ACO I*, 1, 1, p. 117). Além desse contingente, o bispo alexandrino contava com o apoio do metrópolita Menão, que congregava em torno de si a maior parte dos bispos da província da Ásia (*ACO I*, 1, 5, p. 13-15). Mais tarde, no dia 12 de junho, o contingente de apoio a Cirilo seria reforçado pela chegada do bispo Juvenal de Jerusalém acompanhado de mais dezesseis bispos aliados (*ACO I*, 1, 5, p. 126). Nestório também se encontrava presente em Éfeso acompanhado de uma comitiva de dezesseis bispos e uma escolta militar sob o comando do amigo e *comes* Irineu (*ACO I*, 1, 2, p. 66-68; RUSSELL, 2000, p. 46). Outra parte dos bispos que iria engrossar o apoio a Nestório era composta por bispos aliados oriundos da diocese do *Oriens* e liderados pelo bispo João de Antioquia, que somente chegaria a Éfeso no dia 26 de junho (*ACO I*, 1, 3, p. 16-17). Com o intuito de justificar o atraso da sua delegação, João de Antioquia enviou a seguinte carta a Cirilo por intermédio de dois emissários, os bispos aliados Alexandre de Apamea e Alexandre de Hierápolis, que a entregaram a Cirilo, em Éfeso, no dia 21 de junho:

Eu não estou pouco chateado de ter atrasado alguns dias enquanto Vossa Santidade já se encontra presente em Éfeso. Mais ainda do que a necessidade é o desejo de Tua Santidade que me incita a concluir rapidamente a viagem. De qualquer maneira, pelas preces de Tua Santidade eu estou agora próximo, depois de ter sofrido grandes dores em minha viagem. Eis que há trinta dias – esse é o número de dias que a viagem requer – que eu estou a caminho, sem me ser dado absolutamente, nenhum repouso, de modo que vários dos mais amados em Deus bispos foram tomados de indisposição na estrada e muitos cavalos tombaram pela intensidade da marcha. Rogo, pois, Senhor, para que alcancemos, e sem tristeza, essas cinco ou seis etapas que nos restam e rapidamente possamos beijar tua santa cabeça que nos é santa (*ACO I*, 1, 1, p. 119).¹⁸

¹⁸ Οὐδὲ ἐμὲ μετρίως δάκνει τὸ ὄλωσ τῆς ὑμετέρας ὀσιότητος εἰς τὴν Ἐφεσον παραγενομένης τὰς μικρὰς ταύτας ὑστερήσαι ἡμέρας. τῆς γὰρ χρείας ὁ περὶ τὴν σὴν ἀγίωσύνην πόθος πλέον μοι ἔγκειται συντόμως τὴν ὁδὸν ἐξανύσαι. εἰμὶ γοῦν εὐχαῖς τῆς σῆς ὀσιότητος ἐπὶ θύραις λοιπόν, πολλὴν ὑποστάς τὸν τῆς ὁδοιορίας πόνον. ἡμέρας γὰρ ἔχω τριάκοντα (τοσοῦτον γὰρ ὁ κύκλος τῆς ὁδοῦ ἔχει) ὀδεύων, οὐδαμοῦ οὐδ' ὄλωσ ἐνδιδοὺς ἐμαυτῶι, ἐνίων τῶν κυρίων τῶν θεοφιλεστάτων ἐπισκόπων ἀνωμαλῖαι κατὰ τὴν ὁδὸν χρησαμένων, ζώων δὲ πολλῶν πεπτωκότων ἀπὸ τῆς συντόμου ὁδοιορίας. εὐχου οὖν, δέσποτα, καὶ ταύτας τὰς πέντε ἢ ἕξι μονὰς καὶ ἀλύπως ἡμᾶς ὀδεῦσαι καὶ δραμεῖν καὶ περιπτύξασθαι τῆνιερὰν ἡμῖν καὶ ὀσίαν κεφαλὴν.

Mais adiante, Nestório enviou carta a Teodósio II relatando o ambiente que antecedeu a chegada do bispo João de Antioquia e sua delegação a Éfeso, marcado por hostilidades por parte do anfitrião Menão em colaboração com os bispos e monges que haviam viajado do Egito juntamente com Cirilo:

Convocados à cidade de Éfeso por Vossa Piedade e vindo sem nenhum atraso nós quisemos, obedecendo a vossas piedosas cartas, aguardar os bispos mais caros a Deus vindos de todos os lugares, principalmente os mais santos bispos da grande cidade de Antioquia e os metrópolitas mais caros a Deus de seu entourage [...]. Contudo, como nós vimos que os bispos do Egito se irritavam, acreditando que nós usávamos de atrasos sem razão, nós prometemos reunir com eles quando o magnífico *comes* das coisas domésticas Candidiano, enviado por Vossa Piedade por essa razão, desejava nos convocar: nós fizemos saber a ele pelos bispos caros a Deus. Depois que Sua Magnificência [Candidiano] teve conhecimento que o mais santo João, bispo da grande cidade de Antioquia, e seus companheiros estavam próximos da cidade [Éfeso] – *pois os magistriani*¹⁹ *enviados por ele o disseram* – e que outros mais caros a Deus bispos do Ocidente haviam sido anunciados, ele recomendou a todos aguardarem a vida de todos conforme os decretos de Vossa piedosa Sublimidade. Então, de forma obediente, fizemos aquilo que tinha sido escrito por Vossa Piedade. Mas, os egípcios e os bispos da Ásia, sem terem considerado o bem comum das Igrejas, sem ter aceitado o projeto pacífico e legítimo de Vossa Piedade e, em vez disso, pisando sobre as leis eclesiásticas e imperiais, evitaram a confissão de fé justificada e unânime e, desejosos talvez de rasgar o corpo da Igreja, formando um Concílio à parte, fazendo, assim, uma escolha contrária à boa ordem da Igreja e aos termos da recente carta de Vossa Piedade. Pois, na carta enviada por Vossa Piedade, vós prescrevestes que fosse exposta por todos uma mesma fé que concordasse com os textos evangélicos e apostólicos e aos dogmas dos Santos Padres. Mas, sem considerar nenhuma dessas prescrições, os acima mencionados bispos agiram de acordo com a vontade deles, como Vossa Majestade poderá saber pela boca de todos. Eles espalharam os soldados da escolta deles na ágora e encheram a cidade de tumulto, fazendo ronda em nossas casas, atacando e tumultuando nossa assembleia comum, nos ameaçando das piores extremidades: era o bispo Menão que era o chefe dessa sedição, ele nos fechou as portas das santas igrejas, dos santos *martiria*²⁰ e da santa basílica dos Apóstolos, para que, caçados como estávamos, nós não pudéssemos nem mesmo nos refugiar lá; ao mesmo tempo ele [Menão] abriu àqueles [cirilianos] a Grande Igreja e permitiu que eles reunissem, e ele ameaçou de morte a nós todos (ACO I, 1, 5, p. 13-15, destaque nosso).²¹

¹⁹ *Magistriani*: funcionários subordinados ao *Magister officiorum* e juntamente com os *agentes in rebus* compunham o corpo de mensageiros e fiscais do correio público (BARNISH; LEE; WHITBY, 2008, p. 172).

²⁰ Construções destinadas a celebrar a memória dos mártires, no qual a cripta continha a tumba ou o relicário do santo (MARAVALL, 2005, p. 241).

²¹ Εἰς τὴν Ἐφεσίῳ πόλιν συγκληθέντες ὑπὸ τῆς ὑμετέρας εὐσεβείας καὶ ἀνυπερθέτως παραγενόμενοι, ἐβουλήθημεν τοῖς εὐσεβέσιν ὑμῶν ἐπόμενοι γράμμασιν ἀναμεῖναι τοὺς πανταχόθεν ἀφικνουμένους θεοφιλεστάτους ἐπισκόπους, μάλιστα δὲ τὸν ἀγιώτατον τῆς Ἀντιοχείῳ μεγαλοπόλεως καὶ τοὺς σὺν αὐτῷ θεοφιλεστάτους μητροπολίτας [...] ὡς δὲ εἶδομεν τοὺς ἀπ' Αἰγύπτου δυσχεραίνοντας καὶ οἰμένους ἡμᾶς ἀπλῶς ἀναβολαῖς κεχρηῆσθαι, ὑπεσχόμεθα συνεδρεῖν, ὅπῳ ταν ὁ μεγαλοπρεπέστατος κόμης τῶν καθωσιωμένων

A historiografia se inclina a endossar os argumentos de João de Antioquia relativos ao atraso da sua chegada a Éfeso, pois não discutem os possíveis outros motivos que podem estar relacionados a esse evento (TEJA, 1995, p. 104-111; BEVAN, 2005, p. 157-160). Contudo, o próprio Cirilo suspeitava que aquela ação fora intencional, quanto relatou a aliados que se encontravam em Constantinopla os esforços que empreendeu para que Nestório apresentasse sua defesa prévia antes da chegada dos seus aliados:

O tempo designado para o Santo Concílio pelos nossos mais divinos imperadores foi a santa festa de Pentecostes. Pois a primeira carta pela qual fomos chamados tem essa convocação. Chegamos à cidade de Éfeso antes do dia apontado (pois não era apropriado desconsiderar os decretos imperiais). Mas quando ouvimos que o mais reverendo e amoroso em Deus bispo de Antioquia, João, estava vindo, nós esperamos por dezesseis dias, mesmo que todo Concílio gritasse e dissesse que ele não queria tomar parte no Concílio, pois temia que o honorável Nestório, que tinha estado originalmente na Igreja sob ele, sofreria a deposição do ofício e, talvez, o assunto o envergonhasse. *E a experiência mostrou, mais tarde, isso ser verdadeiro, porque ele adiou sua chegada.* Pois alguns dos mais reverendos bispos do Oriente que estavam com ele tendo chegado antes disseram: “Nosso senhor, o bispo João, ordenou que disséssemos a Vossa Reverência:

δομεστίκων Κανδιδιανός ἀπό τῆς ὑμετέρας εὐσεβείας τούτου χάριν ἀποσταλεῖς συγκαλέσαι ἡμᾶς βουλευθῆναι ταῦτα δὲ καὶ διὰ θεοφιλεστάτων ἐπισκόπων ἐδηλώσαμεν. ἐπειδὴ δὲ ἔγνω αὐτοῦ ἡ μεγαλοπρέπεια καὶ τὸν ἀγιώτατον Ἰωάννην τὸν τῆς Ἀντιοχείων μεγαλοπόλεως ἐπίσκοπον καὶ τοὺς σὺν αὐτῷ πλησίον ὄντας **(τούτο γὰρ αὐτῷ οἱ ἀποσταλέντες ὑπ’ αὐτοῦ ἐδήλωσαν μαγιστριανοί)**, καὶ ἄλλοι δὲ ἠγγέλθησαν ἐκ τῆς Δύσεως θεοφιλέστατοι ἐπίσκοποι, παρηγγύησεν ἅπασιν ἀναμεῖναι πάντων τὴν παρουσίαν κατὰ τὰ δόξαντα τῇ εὐσεβεῖ ὑμῶν κορυφῇ. καὶ ἡμεῖς μὲν τὴν ἡσυχίαν ἠγαπήσαμεν εἴξαντες τοῖς γραφεῖσιν ὑπὸ τῆς ὑμετέρας εὐσεβείας. Αἰγύπτιοι δὲ καὶ Ἀσιανοὶ οὐτε τὸ κοινῇ συμφέρον ταῖς ἐκκλησίαις λογισάμενοι οὐτε τὸν εἰρηνικὸν καὶ ἔννομον τῆς ὑμετέρας εὐσεβείας σκοπὸν ἀποδεξάμενοι, μᾶλλον δὲ καὶ τοὺς ἐκκλησιαστικοὺς καὶ τοὺς βασιλικούς θεσμοὺς πατήσαντες ἔφυγον μὲν τὴν ἀκόλουθον καὶ σύμφωνον τῆς πίστεως ὁμολογίαν, ῥῆξαι δὲ ἴσως τὸ ἐκκλησιαστικὸν ἐθέλησαντες σῶμα καθ’ ἑαυτοὺς συνηθροίσθησαν, ἀλλότρια τῆς ἐκκλησιαστικῆς ἀκολουθίας ἐργαζόμενοι καὶ τῶν ἀρτίως γραφέντων παρὰ τῆς ὑμετέρας εὐσεβείας γραμμάτων. μίαν γὰρ παρὰ πάντων σύμφωνον ἐκτεθῆναι πίστον ἐν τοῖς ὑπὸ τῆς ὑμετέρας εὐσεβείας ἀποσταλεῖσι διηγορεύσατε γράμμασι πρόσφορον τοῖς τε εὐγγελικοῖς καὶ ἀποστολικοῖς γράμμασι καὶ τοῖς τῶν ἁγίων πατέρων δόγμασιν. ἀλλ’ οὐδὲν τούτων λογισάμενοι οἱ προειρημένοι καθ’ αὐτοὺς μὲν ἔπραξαν ἅ ἐπραξαν, ἅ παρὰ πάντων τὸ ὑμέτερον εἴσεται κράτος, τοὺς δὲ σὺν αὐτοῖς στασιώτας εἰς τὴν ἀγορὰν διασπείραντες συγχύσεως τὴν πόλιν ἐνέπλησαν, τὰς οἰκίας ἡμῶν περιόντες δημοσίαι, ἐπιόντες τὸ κοινὸν ἡμῶν συνέδριον <καὶ> διαταράττοντες, ἀνήκεστα ἄττα ἀπειλοῦντες, Μέμνονος τοῦ ἐπισκόπου ἐξάρχου τῆς στάσεως γενομένου καὶ τὰς μὲν ἀγίας ἐκκλησίας καὶ τὰ ἅγια μαρτύρια καὶ τὸ ἅγιον Ἀποστόλιον ἡμῖν ἀποκλείσαντος, ἵνα μηδὲ προσφυγεῖν ἐλαυνόμενοι δυνηθῶμεν, ἐκείνοις δὲ τὴν μεγάλην ἐκκλησίαν ἀνοίξαντος καὶ συνεδρεῦειν ἐκεῖ παρασκευάσαντος καὶ πᾶσιν ἡμῖν θάνατον ἀπειλήσαντος.

‘Se eu estou atrasado, faça o que você deve fazer’’. (ACO I, 1, 2, p. 66-68, destaque nosso).²²

Acreditamos que a suspeita de Cirilo é a que nos parece mais plausível uma vez que, como se pode observar na carta de Nestório a Teodósio, acima citada, o bispo constantinopolitano avisou ao imperador que Candidiano se mantinha informado, por intermédio dos funcionários conhecidos como *magistriani*, dos movimentos da delegação oriental quando essa ainda encontrava-se a caminho de Éfeso. Essa comunicação entre funcionários imperiais, sobretudo por Candidiano que apoiava os nestorianos, nos leva a conjecturar, assim como o fez Cirilo, de que possa ter havido um acordo entre aquele funcionário e João de Antioquia para que a chegada da delegação oriental fosse postergada. O intuito seria criar uma situação conturbada que fosse desfavorável a Cirilo, a Menão e aos seus partidários. João de Antioquia e Candidiano já haviam percebido que a forma pela qual o imperador havia organizado a representatividade do Concílio era-lhes desfavorável. O objetivo da facção nestoriana nesse momento se voltou para a estratégia de contrariar o imperador e tumultuar e inviabilizar o Concílio, pois sabiam que mesmo com a chegada de João e sua delegação os orientais ainda permaneceriam em número inferior aos cirilianos.

A percepção de que o atraso consistiu de manobra dos nestorianos é reforçada pelo lance seguinte no qual Candidiano foi peça central e que resultou ainda mais na deterioração do ambiente que viria a inviabilizar o Concílio. Na manhã do dia 22 de junho Cirilo abriu o Concílio e assumiu a presidência da reunião sem aguardar a chegada de João de Antioquia e sua delegação. Essa atitude resultou na seguinte admoestação de Candidiano ao bispo alexandrino, conforme transcrito por Nestório no *Livro de Heraclides*:

Desde que eu vim à cidade de Éfeso, eu nada pedi além do que o vosso santo Concílio terminasse na paz e na concórdia sobre os negócios da fé ortodoxa, como o fiel e vitorioso imperador assim determinou. Você sabe disso. Eu só tenho o testemunho da verdade, de que eu não me ocupei de nada senão disso. Quando eu soube que você reuniu na santa igreja contra a vontade dos outros bispos, antes da chegada de João, bispo de Antioquia, e dos bispos

²² Δέδοται μὲν οὖν τῇ ἀγίᾳ συνόδῳ προθεσμία ἢ ἀγία πεντηκοστὴ παρὰ τῶν θεοφιλεστάτων ἡμῶν βασιλέων (τὸ γὰρ πρῶτον γράμμα δι' οὗ κεκλήμεθα, τοῦτο ἔχει τὸν τύπον), κατηντήσαμεν δὲ ἐπὶ τὴν Ἐφεσίων πόλιν πρὸ τῆς ὀρισθείσης ἡμέρας, οὐ γὰρ ἦν καταφρονῆσαι δεσποτικῶν θεσπισμάτων. ἐπειδὴ δὲ ἀκηκόαμεν ἔρχεσθαι τὸν εὐλαβεστάτον καὶ θεοφιλέστατον τῆς Ἀντιοχείων ἐπισκοπον Ἰωάννην, περιεμείναμεν ἡμέρας δεκαεξί, καίτοι πάσης τῆς συνόδου καταβρώσης καὶ λεγούσης ὅτι ἐκεῖνος οὐ βούλεται συνεδρεῦσαι, δέδιδε γὰρ μὴ ἄρα καθαίρεσιν ὑπομείνη ὁ τιμωτάτος Νεστόριος ληφθεὶς ἐκ τῆς ὑπ' αὐτὸν ἐκκλησίας, καὶ ἴσως τὸ πρᾶγμα αἰσχύνεται. ὃ καὶ ἔδειξεν ἡ πείρα τὸ λοιπὸν ἀληθινῶς, ὑπερέθετο γὰρ τοῦ ἐλθεῖν. προλαβόντες γὰρ τινὲς τῶν σὺν αὐτῷ εὐλαβεστάτων ἐπισκόπων ἐκ τῆς Ἀνατολῆς ἔφησαν, «ἐνετείλατο ἡμῖν ὁ κύρις Ἰωάννης ὁ ἐπίσκοπος εἰπεῖν τῇ θεοσεβείᾳ ὑμῶν ὅτι ἐὰν βραδύνω, πράττετε ὃ πράττετε”.

que o acompanhavam, eu não cessei, desde o dia anterior em que você estava disposto a fazer isso, de rogar e suplicar a cada um de não pensar em fazer um Concílio parcial. Ainda no dia seguinte, quando vocês estavam reunidos na mesma santa igreja, eu não hesitei em vir rapidamente junto a você e dar conhecimento do que queria o imperador, se bem que isso foi supérfluo, já que você já tinha conhecimento por meio das cartas endereçadas por ele. Seja como for, eu te instruí da vontade do nosso piedoso imperador, dizendo que a vontade dele era essa: que vossa fé fosse estabelecida sem desordem nem problema, por todos em concórdia, e que o Concílio se reunisse em partes, porque a fé de nossa ortodoxia seria conduzida pela discórdia e cisma. Ademais, quando vossa Reverência nos pediu que fosse lida a carta enviada ao Concílio pelo fiel e piedoso imperador, eu tive dificuldade de fazê-lo – eu não recuso de dizer – porque aqueles que haviam recebido a ordem de estar no santo Concílio ainda não estavam reunidos. Mas quando vossa Piedade me disse que não sabia o que o imperador queria e ordenava, pareceu-me necessário, se bem que todos os bispos não estavam presentes, de vos apresentar sua adorável e augusta carta (Nestório, *Liber*, 170-172).²³

A leitura da *sacra* de abertura do Concílio feita por Candidiano antes da chegada de todos os bispos convocados tem sido interpretada como uma manobra de Cirilo para condenar Nestório na ausência da maior parte dos seus aliados, uma vez que as decisões conciliares deveriam ser tomadas por unanimidade para serem consideradas válidas. Russell (2000, p. 47-18) dentre outros, por exemplo, considera que Candidiano tenha sido ingênuo ao entrar no jogo de Cirilo que, de forma astuta, havia desafiado a autoridade do funcionário e solicitado que ele lesse o documento para o exclusivo fim de que os presentes ficassem cientes das intenções do imperador. De modo diferente, não entendemos que tenha havido essa ingenuidade da parte de um funcionário imperial que representava o imperador em uma reunião que seria de importância estratégica para a definição de uma ortodoxia. Interpretamos essa passagem como fazendo parte da estratégia de salvação da facção nestoriana elaborada em conjunto por Candidiano e João de Antioquia, que se iniciou com o atraso da chegada dos bispos orientais ao Concílio.

Em decorrência da leitura intempestiva da *sacra*, Cirilo deu o Concílio por iniciado e, no mesmo dia, votou a condenação da doutrina de Nestório e a sua deposição do ofício episcopal (*ACO* I, 1, 2, p. 55-64; APÊNDICE G). Esse objetivo foi alcançado, sobretudo pela intimidação que foi empreendida contra os bispos de outras localidades do Império que já se encontravam em Éfeso, mas que protestaram por terem sido forçados a assinar a deposição de Nestório na ausência de todos os bispos convocados, pois isso contrariava a determinação imperial (*ACO* I, 4, 28-30). Essa atitude foi o suficiente para que, mais tarde, com a chegada

²³ Nau, p. 103-104; Driver; Hodgson, p. 114.

de João de Antioquia e sua comitiva, no dia 26 de junho, fosse instalado um Concílio paralelo que veio a depor Cirilo e Menão de Éfeso, em razão de ter desconsiderado as ordens imperiais e de terem confirmado os doze anátemas contra Nestório, gerando, assim, um impasse no Concílio (ACO I, 4, p. 37-38; APÊNDICE H).

Ambas as facções enviaram seus relatos a Teodósio II sobre os acontecimentos relacionados à excomunhão recíproca dos líderes das duas facções. Do lado ciriliano, um relatório encabeçado pela assinatura do bispo Flaviano de Filipe foi enviado ao imperador por intermédio do *magistrianus* Paládio:

Mas, desde que o magnífico comes Candidiano preferiu a amizade de Nestório à ortodoxia, ele se apressou de captar a audiência de Vossa Piedade antes que Vossa Majestade soubesse exatamente o que foi feito, antes que recebesse os processos verbais, antes que tivesse considerado o que se passou, desde que ele se apressou a sugerir a Vossa Piedade o que a ele era caro e favorável a Nestório antes que Vossa Majestade conhecesse a verdade pela leitura dos processos verbais, nos quais não nutrimos nenhuma malícia em relação a Nestório, mas de termos exposto os dogmas da ortodoxia, nós lhe comparamos as doutrinas pregadas por Nestório, suas cartas e suas predicacões públicas e damos a nossa sentença, com o santo Evangelho colocado no meio de nós e nos mostrando a presença do mestre universal, o Cristo. Nós pedimos, pois, a Vossa Majestade de não se dignar de acolher nenhum daqueles que colocam a amizade de um homem ante a preocupação com a ortodoxia [piedade] (ACO I, 3, p. 96-98).²⁴

O mesmo funcionário Paládio foi portador do relato do bispo João de Antioquia, que apresentava os argumentos da facção nestoriana a Teodósio II:

Este, piedoso imperador, este é o fundamento da ortodoxia, de destruir todas as decisões tomadas ilegalmente por eles e já minadas anteriormente pelos cânones, de prescrever em primeiro lugar que o exame dos dogmas se faça no Concílio que foi reunido. Pois, quando nós lemos com louvores infinitos os decretos que nos foram recentemente trazidos, nós julgamos a terra bem-aventurada de ser governada por tal cetro e por tal Império. Mas, mesmo que isso que ordenaste excede toda admiração, piedosíssimos imperadores, mesmo que nos é necessário de apresentar ante Vossa Majestade uma defesa

²⁴ ἀλλ' ἐπειδὴ τὴν φιλίαν Νεστορίου τῆς εὐσεβείας προτιμῶν ὁ μεγαλοπρεπέστατος κόμης Κανδιδιανὸς ὑφαρτάσαι τὴν ἀκοὴν τῆς ὑμετέρας εὐσεβείας ἐσπούδασε πρὶν καταμαθεῖν ἀκριβῶς τὰ πεπραγμένα τὸ ὑμέτερον κράτος, πρὶν δέξασθαι τὰ ὑπομνήματα, πρὶν ἐπιστῆσαι τοῖς γεγενημένοις, ἐσπούδασεν αὐτὸς τὰ αὐτῶι φίλα καὶ κεχαρισμένα Νεστορίω ἀναδιδάξαι τὴν ὑμετέραν εὐσέβειαν πρὶν γνῶναι τὸ ὑμῶν κράτος τὸ ἀληθὲς ἐκ τῆς τῶν πραχθέντων ὑπομνημάτων ἀναγνώσεως ἐν οἷς δεικνύμεθα οὐδεμίαν κατὰ Νεστορίου δυσμένειαν γυμνάζοντες, ἀλλ' αὐτὰ τῆς εὐσεβείας ἐκθέμενοι τὰ δόγματα, οἷς παραβαλόντες τὰ ὑπὸ Νεστορίου κηρυττόμενα, ἔχοντα τὸν ἔλεγχον ἐκ τῶν γραμμάτων Νεστορίου ἐπιστολῶν τε καὶ τῶν ἐν δημοσίῳ γενομένων διαλέξεων, τὴν ψῆφον ἐξηγέκαμεν, τοῦ ἁγίου εὐαγγελίου ἐν μέσῳ κειμένου καὶ δεικνύοντος ἡμῖν παρόντα τὸν τῶν ὅλων δεσπότην Χριστόν, δεόμεθα τοίνυν τοῦ ὑμετέρου κράτους μηδένα παραδοχῆς ἀξιωθῆναι τῶν προτιμώντων ἀνθρώπου φιλίαν τῆς εὐσεβείας.

sobre o que nos foi forçado, uma vez chegados a cidade de Éfeso, de pronunciar uma sentença de condenação contra aqueles que, a princípio, haviam pisado em vossos decretos. Essa gente, impulsionada por sua consciência maldosa, queriam confirmar e renovar as doutrinas contrárias à ortodoxia de Apolinário e Ário, doutrinas sobre as quais Cirilo de Alexandria enviou recentemente à cidade imperial capítulos com anatematismos cheios de toda espécie de superstição, e antes que eles tivessem sido colocados a fiscalizar os dogmas divinos, eles viram somente o ódio e a inimizade quando ousaram levar contra vossos piedosos decretos uma sentença tão iníqua contra o trono da cidade imperial de Constantinopla (ACO I, 1, 5, p. 125-127).²⁵

Além desses relatos conflitantes dirigidos ao imperador por ambas as facções, o fluxo de cartas em direção a Constantinopla foi intenso nesse momento. O Concílio reunido por Cirilo insistia em justificar ao imperador a abertura dos trabalhos na ausência dos bispos orientais (ACO I, 3, 85-87) e a deposição e excomunhão de Nestório (ACO I, 2, p. 27-64; ACO I, 3, p. 109-111) e, do lado nestoriano, João de Antioquia e o Concílio reunido por ele enviaram cartas rumo à Constantinopla para protestar contra as condições em que foram recebidos em Éfeso (ACO I, 1, 5, p. 125-127), para dar satisfações do atraso da delegação antioquena (ACO I, 1, 5, p. 124-125; ACO I, 1, 5, p. 124), para justificar a deposição de Cirilo e Menão (ACO I, 1, 5, p. 129-131) e para pedir a suspensão da confirmação dos anátemas de Cirilo contra Nestório (ACO I, 1, 5, p. 133-135; ACO I, 1, 7, p. 67-68; ACO I, 1, 7, p. 78-79).

João de Antioquia ainda enviou cartas relatando ao Prefeito Pretoriano e ao *Magister Militum* (não identificados na documentação) para registrar as ameaças sofridas a partir das ações de Cirilo e de Menão (ACO I, 1, 5, p. 132-133), ao *cubicularius* Escolastício pedindo que intercedesse junto ao imperador (ACO I, 1, 5, p. 133), a Pulquéria e Eudócia relatando que os decretos do imperador e as ordens de Candidiano estavam sendo descumpridos (ACO I, 1, 5, p. 131-132) e ao Senado de Constantinopla para acusar Cirilo de difundir o arianismo e o apolinarismo (ACO I, 1, 5, p. 127-128).

²⁵ Τοῦτο, εὐσεβεῖς, τοῦτο ὀρθοδοξίας σύστασις τὸ λῦσαι πάντα τὰ ἀθέσμως ὑπ' ἐκείνων γεγενημένα καὶ τοῖς κανόσιν ἤδη προλελυμένα, τὸ ἐν πρώτῃ τάξει προστάξει τὴν ἐξέτασιν τῶν δογμάτων ἐν τῇ συνελθούσῃ συνόδοι γενέσθαι. ἔμακαρίσαμεν <οὖν> τὴν οἰκουμένην, τὰ πρόσφατον ἡμῖν κομισθέντα ὑμῶν θεσπίσματα σὺν ἐπαίνοις μυρίοις ἀναγνόντες, ἐφ' οἷσι σκίπτροις καὶ ἐφ' οἷσι βασιλείαι διακυβερνᾶται. ἀλλ' ὡσπερ ταῦτα παντὸς θαύματός ἐστιν ἐπέκεινα ὅσα προστετάχατε, εὐσεβέστατοι βασιλεῖς, οὕτω καὶ ἡμῖν ἀναγκαῖα ἐστὶν ἢ πρὸς τὸ ὑμέτερον κράτος ἀπολογία περὶ ὧν συνηλάθημεν ἐν τῇ Ἐφεσίων γενόμενοι πόλει καταψηφισασθαι καὶ κατακρῖναι τοὺς ἐκ προοιμίων τὰ ὑμέτερα πατήσαντας θεσπίσματα, τοὺς ἐπειδὴ ὑπὸ τοῦ οἰκείου συνειδότητος ἠλαύνοντο, κυρῶσαι θελήσαντας καὶ ἀνανεῶσαι τὰ Ἀπολιναρίου καὶ Ἀρείου δόγματα κατὰ τῆς εὐσεβείας ἐφ' οἷς Κύριλλος ὁ Ἀλεξανδρείας πρώην εἰς τὴν βασιλίδαν πόλιν κεφάλαιά τινα μετὰ ἀναθεματισμῶν ἐξέπεμψε μετὰ πάσης ἐθελοθηρισκειας, τοὺς πρὶν ἄψωνται τῆς τῶν θείων δογμάτων ἐρεύνης, πρὸς ἔχθραν καὶ ἀπέχθειαν ἰδόντας ἐν οἷς ἐτόλμησαν παρὰ τὰ ὑμέτερα εὐσεβῆ θεσπίσματα ψῆφον οὕτως ἄδικον ἐξενεγκεῖν κατὰ τοσοῦτου θρόνου τῆς βασιλίδος πόλεως Κωνσταντινουπόλεως.

Ainda em carta dirigida a Teodósio II, João de Antioquia solicitou ao imperador que corrigisse as distorções relativas ao número de representantes que cada delegação poderia dispor de modo a não prejudicar os orientais, caso um novo Concílio viesse a ser convocado com o intuito de tentar solucionar o conflito:

Pois, a fim de que não se produza nenhum problema no Concílio comum, que Vossa Sublimidade, amiga do Cristo, ordene que cada metrópolita tenha junto a ele somente dois bispos, desde que obedecendo a carta de Vossa Piedade nós trouxemos aqui somente esse número, enquanto poderíamos ter conosco, se fosse necessária uma grande multidão, um grande número, exatamente instruídos nos dogmas divinos e de modo nenhum como a massa ignorante em teologia dos egípcios e asiáticos. Se isso não acontecer, necessariamente haverá confusão de novo. Pois, os egípcios são cinquenta, os asiáticos sob Menão, o chefe da tirania, são quarenta, e os heréticos da Panfília, dito messalianos, são doze, sem contar aqueles que estão com o mesmo metrópolita e outros que foram depostos e excomungados de diversos modos por sínodos ou bispos, que são nada mais do que uma massa de homens perfeitamente ignorantes dos dogmas divinos e cheios de problemas e tumultos. Nós rogamos e suplicamos a Vossa Piedade de pensar novamente sobre a coisa e, por vosso piedoso decreto habitual, melhore a paz do Concílio (ACO I, 1, 5, p. 125-127).²⁶

A resposta de Teodósio II às profusões de petições dos bispos de ambas as facções presentes ao Concílio e levando em consideração os relatos fornecidos pelo *comes* Candidiano foi levada a Éfeso pelo *magistrianus* Paládio, em carta datada de 29 de junho, e, mais uma vez, são esclarecedoras da natureza político-administrativa do conflito:

Pelo relato do magnificetíssimo *comes* das coisas domésticas sagradas, Candidiano, Nossa Piedade soube que alguns incidentes tumultuosos e contrários à boa ordem aconteceram na metrópole de Éfeso. Nem os mais piedosos bispos se reuniram todos juntos, como eu havia decretado – embora o bispo da grande cidade de Antioquia estivesse próximo de Éfeso com outros metrópolitas – nem os bispos já presentes examinaram juntos e não chegaram a acordo, nem discutiram os pontos de fé na maneira exigida ou como estava contido nas cartas imperiais que nós sucessivamente enviamos,

²⁶ ὥστε τοίνυν μηδεμίαν ταραχὴν ἢ θόρυβον ἐν τῷ κοινῷ γενέσθαι συνεδρίῳ, θεσπισάτω ὑμῶν ἢ φιλόχριστος κορυφήδου ἐκάστωι μητροπολίτη <ἐπισκόπους> συνεῖναι, ἐπειδὴ καὶ ἡμεῖς τοῖς τῆς ὑμετέρας εὐσεβείας γράμμασιν εἴξαντες τοσοῦτους ἐπαγόμεθα, δυνάμενοι εἴτερ ἄρα πλήθους ἢν χρεία, πλείστους ἔχειν μεθ' ἑαυτῶν τοὺς τὰ θεῖα δόγματα ἀκριβῶς ἐπισταμένους καὶ οὐδὲν τῷ ἀμαθεῖ τῶν θείων πλήθει Ἀσιανῶν καὶ Αἰγυπτίων εὐκότας. εἰ γὰρ τοῦτο μὴ γένοιτο, ἀνάγκη σύγχυσιν αὐθις γενέσθαι, Αἰγυπτίων μὲν ὄντων πεντήκοντα, Ἀσιανῶν δὲ τῶν ὑπὸ Μέμνονα τὸν τῆς τυπαννίδος ἡγεμόνα τεσσαράκοντα καὶ τῶν ἐν Παμφυλίᾳ αἰρετικῶν Μεσαλιανιτῶν λεγομένων δώδεκα χωρὶς τῶν συνόντων τῷ αὐτῷ μητροπολίτη καὶ ἑτέρων καθηρημένων καὶ ἀκοινωνητῶν κατὰ διαφόρους τρόπους ὑπὸ συνόδων ἢ ὑπὸ ἐπισκόπων γεγενημένων, οἵτερ εἰσὶν οὐδὲν ἕτερον ἢ πλῆθος ἀνθρώπων οὐδὲν μὲν ἀκριβῆς τῶν θείων δογμάτων ἐπισταμένων, ταραχῆς δὲ καὶ θορύβων μεστῶν. δεόμεθα τοίνυν καὶ ἰκετεύομεν τὴν ὑμετέραν εὐσεβείαν αὐθις φροντίσαι, ἐπιτείνειν δὲ τῇ εἰρήνῃ τῷ συνήθει ὑμῶν εὐσεβεῖ θεσπίσματι.

mas as coisas se passaram de tal modo que se tornou evidente o ódio que alguns têm pelos outros por causa da ligação que de um modo ou de outro já tinha sido decidido e não puderam nem mesmo se abrir a uma dissimulação que pudesse fazer crer que as coisas tinham sido conduzidas com reflexão. É por isso que Nossa Divindade decidiu que arbitrariedades não terão mais lugar e que procedimentos inconsequentes parem, examinando-se, primeiramente, como foram decretados, os problemas relacionados à ortodoxia e, além disso, o que fosse resolvido pelo Concílio teria valor para todos. Nossa Piedade não apoia os prejulgamentos nascidos de uma pesquisa artificial e ela está totalmente infeliz com o que se passou, até que os dogmas da ortodoxia sejam examinados por todo o Concílio e até foi enviado um funcionário do nosso palácio sagrado, junto com o magnífico *comes* Candidiano, que por nossa ordem toma conhecimento do que acontece e impede a desordem, *ela [Nossa Piedade] ordena que nenhum dos bispos reunidos saia da cidade de Éfeso e nem venha à nossa divina Corte e nem volte para sua localidade*. Que não seja permitido a ninguém, e que ninguém espere contrariar sem medo, essa carta é suficiente para alertar Vossa Piedade, do medo que alguém [deva ter] de acrescentar alguma coisa diferente ao que deve ser feito. *Que Vossa Santidade saiba que foi ordenado aos claríssimos governadores das províncias de não permitir absolutamente ninguém de retornar a sua casa ou cidade sem nossa ordem*. É necessário, de fato, segundo o que deve agradar a Deus, tudo seja examinado sem espírito de inveja, com verdade, e sancionado por Nossa Piedade, de tal modo que *Nossa Divindade não se preocupe dos homens, nem do santíssimo e caríssimo a Deus, Nestório, nem de nenhum outro, mas da própria verdade e do dogma*. (ACO I, 1, 3, p. 9-10, destaques nossos).²⁷

²⁷ Τοῦ μεγαλοπρεπεστάτου κόμητος τῶν καθισσιωμένων δομestikῶν Κανδιδιανοῦ γνωρίσαντος μεμάθηκεν ἡ ἡμετέρα εὐσεβεία ταραχῶδῶς τινὰ καὶ παρὰ τὸ προσῆκον κατὰ τὴν Ἐφεσίων γεγονέναι μητρόπολιν, οὔτε πάντων, ὥσπερ ἐδέδοκτο, τῶν θεοσεβεστάτων ἐπισκόπων συνελλυθότων, καίτοι τοῦ τῆς μεγαλοπόλεως Ἀντιοχείας ἐπισκόπου πλησιάζειν ἤδη σὺν ἑτέροις μητροπολίταις μέλλοντος, οὔτε τῶν ἤδη παραγεγονότων συσκευασμένων ἢ ὁμονοησάντων ἀλλήλοις οὔτε μὲν τὰ περι τῆς πίστεως καθ' ὃν ἐχρῆν τρόπον ἐξετασάντων ἢ ὥσπερ τοῖς ἀεὶ καταπεμφθεῖσι θείοις ἡμῶν περιείχεται γράμμασιν, ἀλλὰ ὥστε δήλην εἶναι τὴν τινῶν πρὸς τινὰς ἀπέχθειαν διὰ πολλὴν τὴν περὶ τὰ ὅπως οὖν δόξαντα σπουδὴν οὐδὲ παρακαλύμματι χρῆσασθαι δυνηθέντων, δι' ὃ νομίσειεν ἂν τις λογισμῶι τὰ γεγονότα πεπρᾶχθαι. ὅθεν δέδοκται τῇ ἡμετέραι θειότητι χώραν μὲν τὴν τοιαύτην μηδαμῶς ἔχειν ἀθηντίαν, τῶν δὲ ἀνακολούθως γεγονότων ἀργούντων τοὺς περὶ τῆς εὐσεβείας λόγους, ὥσπερ ἐδέδοκτο, πρῶτως ἐξετασθῆναι καὶ κατὰ τὸ κοινῇ πάσῃ τῇ συνόδῳ δοκοῦν εἰς τὸν ἐξῆς χρόνον κρατεῖν, οὐκ ἀνεχομένης τῆς ἡμετέρας εὐσεβείας τῶν ἐξ ἐπιτηδεύσεως προλημμάτων, οὕτω δὲ ἐπὶ τοῖς γεγονόσιν ἀγανακτούσης, ὥστε κελεύειν μέχρις ἂν καὶ παρὰ πάσης τῆς συνόδου τὰ τῆς εὐσεβείας ἐξετασθῆι δόγματα καὶ ἀποσταλῆι τις ἐκ τοῦ θείου ἡμῶν παλατίου ἅμα τῷ μεγαλοπρεπεστάτῳ Κανδιδιανῶι τῷ κόμητι τὰ πεπραγμένα κατὰ κελευσιν ἡμετέραν εἰσόμενος καὶ κωλύσων τὰ ἀνακόλουθα, μήτε ἀποστῆναι τινὰ τῶν συνειλεγμένων ἐπισκόπων τῆς Ἐφεσίων πόλεως μήτε μὲν ἐπὶ τὸ θεῖον ἡμῶν ἐλθεῖν στρατόπεδον ἢ ἐπὶ τὴν ἑαυτοῦ πατρίδα ἀναστρέψαι. ὥστε γὰρ μηδενὶ τοῦτο ἐξεῖναι μηδὲ ἐλπίζειν ἀδεῶς προβήσεσθαι, ἱκανὰ μὲν καὶ ταυτὰ ἐστὶ τῇ ἡμετέραι θεοσεβείᾳ παρεγγυῆσαι τὰ γράμματα, μήτι καὶ ἕτερον παρὰ τὴν ἡμετέραν κελευσιν τοῖς γεγονόσι προσθεῖναι, ἴστω δὲ ἡ ἀγιότης ὑμῶν ὡς καὶ τοῖς λαμπροτάτοις ἄρχουσι τῶν ἀπαρχῶν ἐπέσταλται μηδένα παντελῶς εἶσαι εἰς τὴν ἑαυτοῦ πατρίδα καὶ πόλιν δίχα ἡμετέρας κελεύσεως ὑποστρέψαντα δεχθῆναι, χρῆ γὰρ πάντα κατὰ τὸ τῷ θεῷ μέλλον ἀρέσειν δίχα φιλονεικίας καὶ μετὰ ἀληθείας ἐξετασθέντα οὕτω παρὰ τῆς ἡμετέρας εὐσεβείας βεβαιωθῆναι, ὡς οὐχ ὑπὲρ ἀνθρώπων νῦν οὐδὲ μέντοι τοῦ ἀγιωτάτου καὶ θεοφιλεστάτου ἐπισκόπου Νεστορίου ἢ ἑτέρου τινός, ὑπὲρ δὲ αὐτοῦ τοῦ δόγματος καὶ τῆς ἀληθείας αὐτῆς φροντίδα ποιουμένης τῆς ἡμετέρας θειότητος.

Os trechos destacados na carta de Teodósio II acima evidenciam as preocupações do imperador com as interferências externas que ocorriam no jogo político para a definição da doutrina. Por mais que Teodósio II utilizasse do seu poder para impor o medo a quem desobedecesse às determinações imperiais, a estratégia adotada por ele e seus auxiliares parece ter saído do controle a partir das ações tomadas por Candidiano e João de Antioquia. Pois, nem mesmo a determinação de que ambas as facções chegassem a um acordo sobre o dogma foi alcançado nesse momento (ACO I, 1, 3, p. 9-10). A frustração a essas ordens levou Teodósio II a radicalizar na condução da sua política ao determinar o afastamento de Candidiano das atribuições anteriormente delegadas e nomear o funcionário João, que exercia a função de *Comes sacrarum largitionum*, oficial de mais alto posto do que seu antecessor e em seguida promovido a *Magister officiorum* (PLRE 2, p. 596; APÊNDICE K). João chegou a Éfeso no começo de agosto portando carta do imperador com as seguintes instruções aos bispos:

Quão grande zelo nós sempre mostramos pela piedade e a fé ancestral, pensamos ter mostrado evidências pelos testemunhos e asseguramos que aquilo tem ao menos sido manifestado a todos os habitantes da terra pela convicção recente de vosso mais santo Concílio. Como se, aliás, ao sofrer uma controvérsia levantarmos a cabeça fosse pouco, nós escrevemos a Vossa Santidade para se reunir espontaneamente para que fosse encontrada rapidamente uma solução e, embora não supuséssemos que o trabalho para a piedade fosse penoso à Vossa Piedade, contudo para nossa providência imperial nós diminuimos a dificuldade desse trabalho pela conveniência do tempo e do lugar. ***Nós escolhemos, na verdade, a cidade de Éfeso porque ela é facilmente acessível por terra e por mar e que ela fornece amplamente àqueles que a habitam os víveres necessários tirados dos frutos nativos e importados***, de modo que os piedosos desejos de Nossa Serenidade e aqueles do vosso mais santo Concílio se acordassem e passassem fortemente à ação. ***Nós aprovamos a deposição de Nestório, de Cirilo e de Menão que Vossa Piedade nos deu conhecimento, mas nós condenamos todas vossas manobras***, mantendo, no tocante ao Cristianismo, a fé e a ortodoxia recebidas das tradições ancestrais e que o mais santo Concílio reunido sob o defunto Constantino sancionou unanimemente. Cada um dos membros do vosso mais santo Concílio se ocupará de que toda controvérsia chegue ao fim e os escândalos sejam removidos, ao entrar em

paz e concórdia ao lugar a que pertence. (ACO I, 1, 3, p. 31-32, destaques nossos).²⁸

Na carta acima, Teodósio II demonstrava ter entendido perfeitamente as manobras interpostas pela facção nestoriana no sentido de que o Concílio fosse inviabilizado, sobretudo ao enfatizar que a escolha da cidade de Éfeso se dera no sentido de ser acessível a todas as delegações. E já que as facções haviam se autoexcomungado, o imperador confirmou as deposições de Nestório, Cirilo e Menão. Além disso, ainda conforme relato do próprio bispo de Alexandria em carta dirigida a clérigos aliados em Constantinopla, com a chegada do *comes* João, o próprio Cirilo juntamente com Nestório e Menão foram colocados sob prisão, por ordens do imperador:

Desde quando a carta dos mais reverendos e amados em Cristo imperadores foi lida para que a deposição dos três fosse dita ser recebida, nós temos sido mantidos sob a guarda e desde então nem sabemos o resultado. Entretanto, nós damos graças ao Cristo porque temos sido considerados dignos de seu nome não só por nos tornarmos prisioneiros, mas por suportar todas as outras coisas. Pois o assunto não é sem recompensa. O Concílio [liderado por Cirilo] não suportou estar em comunhão com João [de Antioquia], mas resistiu, dizendo, “Contemplem nossos corpos, contemplem nossas igrejas, contemplem nossas cidades. Você tem o poder. É impossível para nós comunicar com aqueles do Oriente a menos que as representações da sua hipocrisia contra nossos colegas bispos sejam eliminadas, e eles confessem a

²⁸ Οσον περί την εὐσεβειαν καὶ τὴν προγονικὴν πίστιν ἔχοντες ζῆλον διατελοῦμεν, ἐκ πολλῶν ἡγούμεθα τῶν προλαβόντων ἐναργῶς δεδηλωῆσθαι, οὐχ ἥκιστα δὲ καὶ ἐκ τῆς ἐναγχος ἐπὶ τῇ κλήσει τῆς ἀγιωτάτης ὑμῶν συνόδου τοῦτο φανερόν γεγενῆσθαι πᾶσι τοῖς κατὰ τὴν οἰκομένην πεπιστευκάμεν. οὐδὲ γὰρ πρὸς βραχὺ ἀνακυψάσης τινὸς ἀμφισβητήσεως ἀνασχόμενοι, ὑπὲρ τοῦ θάπτον τὴν ταύτης παρακολουθήσαι λύσιν σπουδαίως συνελθεῖν τὴν ὁσιότητα ὑμῶν ἐπεστείλαμεν, καὶ οὐδαμῶς ἡγούμενοι τὸν ὑπὲρ εὐσεβείας πόνον τῇ θεοσεβείᾳ ὑμῶν ἔσεσθαι φορτικόν, ἐπεκουφίσσαμεν ὁμως βασιλικῇ προνοίᾳ τὴν τούτου δυσχέρειαν ἐπιτηδειότητι καιροῦ τε καὶ τόπου. τὴν γὰρ Ἐφεσίων ἀφορίσαμεν πόλιν τοῖς τε ἐκ γῆς καὶ θαλάσσης εὐπρόσιτον, καὶ πάντων δὲ τῶν οἰκείων καὶ ἐπεισάκτων καρπῶν τὰ χρειώδη τοῖς ἐνδιατρίβουσιν ἀφθόνως παρέχουσαν, ὥστε τὸν τῆς ἡμετέρας γαληνότητος εὐσεβῆ σκοπὸν καὶ τῆς ἀγιωτάτης ὑμῶν συνόδου συνδραμεῖν τε ραιδίως καὶ εἰς ἔργον ἀχθῆναι. ὅθεν καὶ νῦν τὴν γνωρισθεῖσαν παρὰ τῆς θεοσεβείας ὑμῶν Νεστορίου καὶ Κυρίλλου καὶ Μέμνονος καθαίρεσιν ἐδεξάμεθα, τῶν δὲ ἄλλων τῶν παρ’ ὑμῖν πραχθέντων κατέγνωμεν, τὴν περὶ τὸν Χριστιανισμὸν πίστιν καὶ ὀρθότητα φυλάττοντες, ἣν ἐκ πατέρων καὶ προγόνων παρειλήφαμεν καὶ ἣν ἡ ἀγιωτάτη σύνοδος ἢ ἐπὶ τοῦ τῆς θείας λήξεως Κωνσταντίνου γενομένη συμφώνως ἐκύρωσε. φροντίσει τοίνυν ἕκαστος τοῦ ἀγιωτάτου ὑμῶν συλλόγου, λυθείσης πάσης ἀμφισβητήσεως κοπέντων τε τῶν σκανδάλων, μετ’ εἰρήνης καὶ ὁμοιοῦς εἰς τὴν οἰκειαν ἐπανελθεῖν.

verdadeira fé. Pois eles são suspeitos de falar, pensar e concordar com o ensinamento de Nestório”. (ACO I, 1, 3, p. 50-51).²⁹

Ou seja, com a prisão dos bispos passava-se a impressão de que Teodósio II agia de forma equidistante em relação às duas facções. Diante da resistência de ambas as partes em estabelecerem um acordo, o imperador renovou suas tentativas de negociação e determinou que sete delegados de cada lado se reunissem com ele no palácio de Rufinianai, nas imediações da cidade de Calcedônia (ACO I, 1, 7, p. 71; Nestório, *Liber*, 395³⁰). Liderados pelos bispos Teodoreto de Ciro, do lado nestoriano, e Acácio de Melitene, do lado ciriliano, as duas delegações discutiram suas posições perante o imperador e produziram uma série de relatos sobre o que teria se passado nesse encontro ocorrido no dia 11 de setembro do mesmo ano (ACO I, 1, 7, p. 76-77). Em um desses relatos, os bispos nestorianos reportaram, aos colegas que permaneceram em Éfeso, a reação de Teodósio II que pensaram ser positiva aos argumentos deles contra os cirilianos e indicavam a percepção que tinham de que o núcleo de funcionários em torno do imperador, o consistório, apoiava a doutrina defendida por eles:

Graças às preces de Vossa Santidade nós tivemos a audiência do mais piedoso imperador e, com a ajuda de Deus, nós triunfamos até o presente sobre nossos adversários na luta, ao ponto que todas nossas visões foram aprovadas pelo nosso imperador amigo do Cristo, e os dizeres dos nossos adversários pareciam inadmissíveis e inconsequentes. Embora eles fizessem menções a Cirilo em todas as direções e pedissem que ele fosse convocado e apresentasse, ele mesmo, sua defesa, até agora eles não persuadiram, mas a eles foi dito que o discurso da verdadeira religião devia ser colocado em movimento e que a fé dos bem-aventurados padres devia prevalecer. Nós, igualmente, confundimos Acácio [bispo de Melitene] que havia proposto nos registros que a dinvidade era passível, e nosso piedoso imperador ficou tão indignado que sacudiu seu robe púrpura e deu um salto para trás por causa da blasfêmia. *Nós vimos também todo o consistório que grandemente*

²⁹ ἀναγνωσθέντος δὲ τοῦ γράμματος τῶν εὐσεβεστάτων καὶ φιλοχρίστων βασιλέων, δι’ οὐ αἱ τῶν τριῶν καθαιρέσεις ἐλέγοντο εἶναι δεκταί, ἐφρουρούμεθα τέως, οὐδὲ εἰδότες τὸ ἐκβησόμενον. πλὴν εὐχαριστοῦμεν τῷ Χριστῷ, ὅταν καταξιωθῶμεν ὑπὲρ τοῦ ὀνόματος αὐτοῦ οὐ δεσμῶται γενέσθαι μόνον, ἀλλὰ γὰρ καὶ τὰ ἕτερα πάντα ὑπομεῖναι, οὐ γὰρ ἄμισθον τὸ πρᾶγμά ἐστιν. οὐκ ἠνέσχετο δὲ ἡ σύνοδος κοινωνῆσαι Ἰωάννην, ἀλλ’ ἐνίσταται λέγουσα, ἰδοὺ τὰ σώματα, ἰδοὺ αἱ ἐκκλησίαι, ἰδοὺ αἱ πόλεις, ἐξουσίαν ἔχετε. ἡμᾶς κοινωνῆσαι ἀδύνατον τοῖς Ἀνατολικοῖς, ἂν μὴ λυθῆι τὸ κατασκευασθὲν ἐκ τῆς αὐτῶν συκοφαντίας κατὰ τῶν συλλειτουργῶν ἡμῶν, ὁμολογήσωσι δὲ καὶ πίστιν τὴν ὀρθήν. καταγινώσκονται γὰρ τὰ Νεστορίου καὶ λαλοῦντες καὶ γρονοῦντες καὶ ὁμολογοῦντες.

³⁰ Nau, p. 253-254; Driver; Hodgson, p. 286.

aprovou aquilo que lutamos pela verdadeira religião. (ACO I, 1, 7, p. 77, destaque nosso).³¹

Enquanto que do lado dos cirilianos o incompreensível gesto imperial de prender Cirilo e Menão foi seguido de intensas negociações e protestos visando a restauração de ambos, conforme relato da delegação ciriliana, em Calcedônia, enviado aos aliados que se encontravam em Constantinopla:

Que Vossa Piedade saiba que permanecemos em Éfeso como em uma prisão, e faz três meses que estamos aqui trancados, sem que tenhamos permissão de enviar mensagens sem perigo ou medo, nem por mar nem por terra, à Corte imperial ou a qualquer outro lugar [...] Encontramo-nos em grande dificuldade, ansiávamos de escrever a Vossa Piedade, sabendo que, você ocupa o posto de filho legítimo para o Concílio ecumênico e não aceita, de forma alguma, que a fé ortodoxa seja traída, você se jogará aos pés do mais piedoso imperador amigo do Cristo com grande súplica e pranto e com essa carta para dar a ele conhecimento de tudo que nos preocupa. Pois nós não condenamos os mais santos súditos e caríssimos a Deus bispos Cirilo e Menão, mas nós os vemos como dignos de grande aprovação e de coroas, aqueles que sozinhos e primeiro, mais que todos os outros, movidos do zelo conforme Deus e se empregaram de todo modo para eliminar o arauto da impiedade, o ímpio Nestório, e para que as igrejas sejam purgadas de tal corrupção. Pois, não aceitamos hoje estar separados da camunhão dos acima mencionados mais santos bispos, mas nos consideramos como o maior ganho de ser exilados com eles. (ACO I, 1, 3, p. 51-53).³²

³¹ Διὰ τῶν εὐχῶν τῆς ὑμετέρας ὁσιότητος γέγονεν ἡμῖν συντῆχια πρὸς τὸν εὐσεβέστατον ἡμῶν βασιλέα καὶ τῆς θείας ῥοπῆς τυχόντες περιεγενόμεθα τέως τῶν τὰ ἐναντία φρονούντων ἐν τοῖς ἀγῶσιν, ὡς πάντα μὲν τὰ ἡμέτερα δεχθῆναι παρὰ τῷ φιλοχρίστῳ ἡμῶν βασιλεῖ, τὰ δὲ ὑπ' ἐκείνων λεχθέντα ἄδεκτα φανῆναι καὶ ἀνακόλουθα. ἄνω γὰρ καὶ κάτω Κυρίλλου μνημονεύοντες καὶ παρακαλοῦντες αὐτὸν κληθῆναι καὶ αὐτὸν ὑπὲρ ἑαυτοῦ ἀπολογήσασθαι, μέχρι τοῦ παρόντος οὐκ ἔπεισαν, ἀλλ' ἤκουσαν ὡς χρῆ τὸν περὶ τῆς εὐσεβείας κινήθηνα λόγον καὶ κρατυνθῆναι τὴν πίστιν τῶν μακαρίων πατέρων. Διηλέξαμεν δὲ καὶ Ἀκάκιον καταθέμενον ἐπὶ ὑπομνημάτων παθητὴν εἶναι τὴν θεότητα, καὶ τοσοῦτον ἐδυσχέρανεν ὁ εὐσεβῆς ἡμῶν βασιλεὺς, ὡς τινάξασθαι τὴν πορφυρίδα καὶ εἰς τουπίσω χωρῆσαι διὰ τὸ τῆς βλασφημίας μέγεθος. εἶδομεν δὲ καὶ ὄλον τὸ κονισιόριον σφόδρα ἡμᾶς ἀποδεξάμενον ὡς ὑπὲρ εὐσεβείας ἀγωνιζομένους.

³² τοιγαροῦν εἰδέτω ἡ ὑμετέρα εὐλαβεια φρουρᾶς οὐδὲν πλέον ἡμᾶς τὴν Ἐφεσίων οἰκεῖν καὶ τριμηναῖον χρόνον λοιπὸν ἐν ταύτῃ κατακεκλειῆσθαι, μήτε διὰ θαλάσσης μήτε διὰ γῆς ἀκινδύνως καὶ ἀδεῶς ἐκπέμπειν τινὰς ἐπὶ τὸ εὐσεβὲς στρατόπεδον ἢ ἐφ' ἕτερον τόπον συγχωρουμένους. [...] ἐν ἀμυχαναῖα τοῖνον ὑπάρχοντες οὐ μικρᾶ, πρὸς τὴν ὑμετέραν γράψαι θεοσεβειαν ἐσπουδάσαμεν, εἰδότες ὅτι τέκνων γνησίων τῇ οἰκουμηνικῇ συνόδῳ ἐπέχοντες τάξιν καὶ τὴν ὀρθόδοξον πίστιν προδοθῆναι μηδαμῶς ἀνεχόμενοι μετὰ πολλῆς ἰκεσίας καὶ δακρῶν καὶ τουτωνῶν τῶν γραμμάτων προσπίπτοντες τῷ εὐσεβεστάτῳ καὶ φιλοχρίστῳ βασιλεῖ διδάξετε τὰ καθ' ἡμῶν ἅπαντα. ἡμεῖς γὰρ οὔτε κατέγνωμεν τῶν προειρημένων ἀγιωτάτων καὶ θεοφιλεστάτων ἐπισκόπων τῶν περὶ Κύριλλον καὶ Μέμνονα, ἀλλὰ καὶ μεγάλῃ αὐτοὺς ἀποδοχῆς καὶ στεφάνων ἀξίους ἡγοῦμεθα, μόνους καὶ πρώτους ὑπὲρ τοὺς ἄλλους ἅπαντας ζῆλωι τῷ κατὰ θεὸν κινήθεντας καὶ παντοίους γενομένους ἐκκόψαι τὸν τῆς ἀσεβείας κήρυκα τὸν ἀσεβέστατον Νεστόριον καὶ τὰς ἐκκλησίας τοῦ τοιοῦτου καθαρθῆναι μύσους, οὔτε δὲ νῦν ἀνεχόμεθα τῆς τῶν προειρημένων ἀγιωτάτων ἐπισκόπων κοινωνίας χωρισθῆναι, ἀλλὰ καὶ συνεξορισθῆναι τοῖσι κέδρος ἡγοῦμεθα μέγιστον.

Essa reunião em que o imperador empreendeu negociações com os representantes das duas facções também não logrou alcançar resultados para o fim do impasse. Em vista disso, Teodósio II emitiu um édito, no final de outubro de 431, dissolvendo o Concílio e, mais uma vez, tratou de transparecer equidistância em relação às forças políticas que se opunham:

Nós colocamos a paz das Igrejas antes de toda outra ocupação, nós quisemos vos reunir não somente por nossos funcionários³³, mas por nós mesmos, convencidos que seria ímpio da parte de nossa realeza que as Igrejas fossem divididas por nossa negligência e porque não teríamos feito tudo o que fosse possível. Mas, desde que foi impossível a vós vos unirdes e que Vossa Reverência não consentiu em entrar em discussão sobre as coisas em litígio, nós decretamos que os bispos orientais retornem aos seus lugares de origem e suas igrejas e que o Concílio de Éfeso seja dissolvido na condição de que Cirilo retorne à Alexandria e que Menão permaneça em Éfeso. *Por outro lado, nós queremos fazer saber à Vossa Piedade que, enquanto vivamos, não podemos condenar os orientais, pois eles não nos convenceram de ter cometido nenhum crime, nada tendo a discutir com eles.* Pois, se resta alguma intenção de paz, escolha a paz sem litígio e façanos saber. Senão, dado o que escrevemos a vós, parta imediatamente. *Nós não somos responsáveis, mas Deus conhece quem é.* (ACO I, 1, 7, p. 142, destaques nossos).³⁴

Nesse édito Teodósio II claramente associou os funcionários de escalão superior como parte interessada no conflito, inclusive sugerindo, no final do documento, a existência de alguém ou alguns, sob o conhecimento de Deus, que estavam impedindo a obtenção de um acordo doutrinário. Entendemos que não haveria qualquer obstáculo que dificultasse Teodósio II a optar por determinada corrente teológica que aliasse a sua crença aos seus interesses se sua necessidade fosse apenas negociar com bispos que não conseguiam, por motivos doutrinários, chegar a um consenso. A existência de uma terceira força política agindo em conjunto com os bispos requeria que o imperador e seus auxiliares transparecessem uma postura equidistante, embora tivessem que manobrar para que seus objetivos fossem

³³ Festugière (1982, p. 622) traduz a palavra *ἄρχων* por “magistrado”, que, para o período, entendemos ser mais bem traduzida, de acordo com McCormick (2008, p. 136), por “funcionário” ou “líder”, ou seja, um funcionário de escalão superior.

³⁴ Ἡμεῖς τὴν τῶν ἐκκλησιῶν εἰρήνην ἀπάσης ἄλλης ἀσχολίας προτιμήσαντες, οὐ μόνον διὰ τῶν ἡμετέρων ἀρχόντων, ἀλλὰ καὶ δι’ ἐαυτῶν συναγαγεῖν ὑμᾶς ἐβουλήθημεν, ἀσεβὲς εἶναι καὶ ἀνάξιον τῆς ἡμετέρας βασιλείας πιστεύσαντες τὸ ῥαθυμούντων ἡμῶν καὶ μὴ πάντα ὅσα ἐνδέχεται, ποιούντων διαρεθῆναι τὰς ἐκκλησίας. ἐπειδὴ δὲ οὔτε ἐνωθῆναι ὑμᾶς γεγένηται δυνατόν οὔτε εἰς τοὺς λόγους τοὺς περὶ τῶν ἀμφισβητουμένων ἐλθεῖν ἠθέλησεν ἡ ὑμέτερα εὐλάβεια, τετυπώκαμεν τοὺς Ἀνατολικοὺς ἐπισκόπους ἀπελθεῖν εἰς τὰς ἐαυτῶν πατρίδας καὶ τὰς ἐκκλησίας καὶ τὴν σύνιδον διαλυθῆναι τὴν ἐν Ἐφέσῳ ἐπὶ τῷ Κύριλλον εἰσελθεῖν ἐν Ἀλεξανδρείᾳ καὶ Μέμνονα μείναι ἐν Ἐφέσῳ. τοσοῦτον γὰρ δηλοῦμεθα, οὐδὲν γὰρ ἐπὶ ἡμῶν ἠλέγχθησαν οὐδενὸς αὐτοῖς συζητῆσαι θελήσαντος. εἰ οὖν ἔστι σκοπὸς εἰρήνης, ἐλόμενοι ταύτην ἀφιλονείκως γνωρίσατε ἡμῖν, εἰ δὲ μή γε, εὐθέως πρὸς ἃ γεγράφαμεν, τῆς ἐκδημίας φροντίσατε, οὐχ ἡμῶν ὄντων αἰτίων, ἀλλὰ τοῦ θεοῦ τοῦς αἰτίους γινώσκοντος.

alcançados de modo que não fossem diretamente associados ao fortalecimento de uma facção em detrimento da outra. Se o imperador foi explícito em relação ao destino de Cirilo e Menão, liberando-os da punição do cerceamento de liberdade anteriormente imposta, no que se refere a Nestório, também excomungado pelo Concílio, percebe-se no édito a ausência de qualquer instrução clara nesse sentido, somente autorizando a partida dos “bispos orientais”. Isso pode decorrer do fato de Teodósio II já estar ciente do pedido de retirada voluntária de Nestório para o seu monastério, conforme podemos ter conhecimento através da carta recebida do Prefeito Pretoriano do Oriente, Antioco 7 (APÊNDICE K), e da resposta a ela:

Nós demoramos muito tempo para tomar uma decisão do que foi determinado pelo Concílio, assim muitos nos acusam e importunam. Mas, desde que recebemos uma carta de Tua Santidade onde nos diz que a permanência em Éfeso foi dolorosa e que de agora em diante Tua Piedade deseja partir, nós escrevemos àqueles que devem te servir durante todo o caminho, seja se quiser navegar, seja se preferir viajar pela Ásia e pela Pôntica, para que eles se coloquem ao seu serviço até o manastério. Nós demos ordens para que você goze do *cursus publicus* e da anona, pedindo à filantropia de Deus que Tua Santidade se porte bem e viva segundo o seu desejo. Pois temos confiança de que você não tem necessidade de consolação, tendo em conta a prudência da tua alma e tuas inumeráveis e eminentes qualidades. (ACO I, 1, 7, p. 71).³⁵

Elencamos o Prefeito Antioco dentre aqueles funcionários que se alinhavam a Nestório. Segundo dados prosopográficos, ele era natural de Antioquia e fazia parte de uma linhagem familiar que servia ao Império Romano de longa data. Também o tratamento amigável a que se dirige a Nestório na carta, e a boa vontade com que demonstrou pelo bem-estar do bispo durante o seu retorno, nos indica a existência de laços de amizade ou políticos, cuja percepção que tivemos é reforçada pela carta-reposta de Nestório:

Nós recebemos a carta de Tua Magnificência pela qual soubemos que nos foi prescrito pelo mais pio e célebre imperador de permanecer temporariamente [διαγωγὴν] no monastério. Nós abraçamos o presente desse decreto: na verdade, nada é melhor do que se retirar por motivo de piedade. Mas, ***eu suplico a Vossa Magnanimidade de não cessar ante ao pio imperador as recomendações necessárias sobre o assunto da religião,***

³⁵ Τὰ διὰ τῆς συνόδου γενέσθαι δοξάντα κρίνειν ἐπὶ πλεῖστον ἀνεβαλόμεθα, καίτοι σφόδρα πολλῶν αἰτιωμένων καὶ ἐνοχλούντων, ἐπειδὴ δὲ γράμματα ἡμῖν τῆς σῆς ὀσιότητος ἀπεδόθη δηλοῦντα ἀνδρῆ γεγονέναι τὴν ἐν Ἐφέσῳ διατριβὴν καὶ καταθύμιον εἶναι λοιπὸν τῆι σῆι θεοσεβείᾳ τὴν ἐκδημίαν, ἀπεστείλαμεν τοὺς ὑπηρετήσασθαι διὰ τῆς ὁδοῦ πάσης ὀφείλοντας, εἴτε πλεῦσαι εἴτε διὰ τῆς Ἀσίας ἢ τῆς Ποντικῆς ὁδεῦσαι δόξειεν, ὥστε μέχρι τοῦ μοναστηρίου ὑπηρετήσασθαι. καὶ ἀγγαρεῖας δὲ καὶ ἀννόνας πεπόμφαμεν, παρὰ τῆς τοῦ θεοῦ φιλανθρωπίας αἰτοῦτες ὑγιαίνειν σου τὴν ὀσιότητα καὶ διάγειν καταθυμίως. παραμυθίας γάρ σε μὴ χρῆζειν πιστεύομεν, πρὸς τὴν ἔμφορᾶν σου ψυσὴν ὀρῶντες καὶ τὰ μυρία πλεονεκτήματα.

para que as bravatas de Cirilo sejam condenadas por Sua Piedade e ele notifique por uma carta imperial essa condenação para todas as igrejas ortodoxas, para que não seja dito que os propósitos de Cirilo foram condenados pelo imperador sem carta imperial de modo a não ser motivo de escândalo para os simples e que essa condenação não passe por verdadeira. Essa escolha seria decente para o teu espírito contribuir o possível no socorro da verdade. É suficiente te dizer isso, a ti que todas as coisas foram confiadas e te mostra digna de aprovação. (ACO I, 1, 7, p. 71, destaques nossos).³⁶

Percebe-se na carta acima que Nestório solicitou, inclusive, que Antioco intercedesse junto ao imperador para que Cirilo fosse condenado formalmente, algo a quem se pediria somente se se tratasse de um aliado político. Nota-se, ainda, que Nestório parece estar empregando uma tática política de solicitar ao imperador de se retirar “temporariamente” para o monastério de origem, mas na esperança de que fosse reconvocato para assumir as funções episcopais na capital imperial, após os funcionários aliados a ele obtivessem a condenação de Cirilo e sua doutrina, algo que ele e sua facção de bispos não haviam logrado no Concílio. Entretanto, nesse meio tempo, o imperador e sua equipe também movimentaram as suas peças no tabuleiro do xadrez político e, frustrando todas as expectativas de Nestório, permitiram que os sete bispos da facção ciriliana que haviam se reunido com ele em Rufinianai entrassem em Constantinopla e consagrassem o aliado Maximiano, mesmo a despeito dos bispos orientais implorarem ao imperador que nenhuma nomeação fosse feita sem o devido exame da fé (ACO I, 1, 7, p. 74-75). Tentando se opor a essa decisão imperial, os bispos orientais que estiveram reunidos em Calcedônia escreveram uma contestação ao imperador, indicando-nos como as questões administrativas e religiosas estavam inteliadas:

Pois, tu não encontrarás na Pérsia, imperador, uma dupla doutrina do Cristianismo e nossa religião não será considerada grande por eles [persas] se estamos divididos e que ninguém julga entre nós e ninguém participará santamente de duplos discursos ou mistérios, nem irá desviar piamente tantos Padres e santos sem reprovação e nem mais a prosperidade do Império será atribuída às preces de dois partidos mutuamente contrários e nos oporemos grandemente à elevação dos inimigos da religião, e ainda se

³⁶ Ἐδεξάμεθα τῆς σῆς μεγαλοπρεπείας τὰ γράμματα, ἐν οἷς παρὰ τοῦ εὐσεβεστάτου καὶ παννυμῆτου βασιλέως μεμαθήκαμεν ἡμῶν τὴν ἐπὶ τοῦ μοναστηρίου προστετάχθαι **διαγωγὴν**, καὶ τὸ τῆς διατυπώσεως ἡσπασάμεθα δῶρον, οὐδὲν γὰρ ἡμῖν τοῦ δι' εὐσέβειαν ἰδισμού προτιμότερον. ἐκεῖνο δὲ τὴν ὑμετέραν παρακαλῶ μεγαλόνιον τὰς περὶ τῆς θρησκείας πρὸς τὸν εὐσεβέστατον βασιλέα συνεχῶς ὑπομνήσεις ποιεῖσθαι ὥστε τῶν κατεγνωσμένων παρὰ τῆς εὐσεβείας τῆς αὐτοῦ Κυρίλλου φλυαριῶν διὰ βασιλικοῦ γράμματος δημοσιεῦσαι ταῖς τῶν ὀρθοδόξων ἐκκλησίαις πανταχοῦ τὴν κατάγνωσιν, ἵνα μὴ τὸ χωρὶς γραμμάτων τοῦ εὐσεβοῦς βασιλέως λέγεσθαι τὰ Κυρίλλου παρ' αὐτοῦ κατεγνώσθαι τοῖς ἀπλουστέροις σκανδάλων παράσχηται πρόφασιν ὡς οὐ μετὰ ἀληθείας λεγόμενα. καὶ ταῖς σαῖς δὲ πρέπον ἂν εἶν φρεσι τὰ δυνατὰ τῇ τῆς ἀληθείας συνεισφέρειν συνηγορίαί, ἀρκεῖ γὰρ τοσοῦτον εἰπεῖν πρὸς σὲ τὸν διὰ πάντων ὡς ἐπιστεύθης, εὐδόκιμον.

poderá enumerar uma infinidade de outros danos da sua funesta disputa. (ACO I, 1, 7, p. 72-74).³⁷

Desse modo, o pedido de Nestório de uma retirada temporária deu o pretexto para o imperador tornar como definitiva a deposição do líder de uma doutrina contrária às suas pretensões políticas e de alguém que causara sérios problemas entre o clero e a população da capital imperial. Essa decisão de Teodósio II encontra-se expressa em um relato inserido no manuscrito *Collectio Vaticana*, provavelmente redigido por partidários e preservado pela tradição manuscrita ciriliana:

Quando os bispos subiram a Constantinopla, sete de cada partido, o imperador estava plenamente assegurado de que o santo Concílio ecumênico havia agido, em tudo, em conformidade com os cânones e a boa ordem ao depor Nestório. Assim, aprovando o Concílio, ele condenou os orientais e banuiu de agora em diante Nestório e ordenou que os deputados do santo Concílio que entrassem na igreja e ordenassem um bispo para a santa igreja de Constantinopla. Feito isso, eles ordenaram o bispo Maximiano. Após isso, o imperador ordenou que todos os bispos retornassem aos seus lugares de origem, mas João de Antioquia permaneceu em Constantinopla, perseverando eles na separação. (ACO I, 1, 7, p. 67).³⁸

Outra carta de Cirilo a Maximiano, datada do final de outubro de 431, logo após a chegada do bispo egípcio à Alexandria, em 25 de outubro de 431 (Sócrates, *Hist. eccl.*, VII, 37), delinea os contornos políticos desse arranjo:

Convém, eu penso, dizer hoje também, *quando Tua Perfeição obteve o sacerdócio que desejávamos para ti*, “Que o céu regozige e que se exulte toda a terra”, que ela [Tua Perfeição] grite com alegria segundo a palavra do profeta. [...]. Mas nós arrancamos a rede insciável daquele que nos perseguia e fomos salvos pelo nosso Salvador, a todos o Cristo, como nós acreditamos que ele é Deus, como nós professamos que é Portadora de Deus aquela que

³⁷ οὐ γὰρ διπλᾶς Χριστιανισμοῦ πέμψεις, βασιλεῦ, εἰς Περσίδα διδασκαλίας, οὐδέ τι μέγα διχονοούντων ἡμῶν καὶ οὐδενὸς διακρίνοντος παρ’ ἐκεῖνοις νομισθῆσεται τὸ ἡμέτερον, οὐδὲ διπλοῖς εὐαγῶς κοινωνήσει τις λόγοις ἢ μυστηρίοις οὐδὲ μὴν εὐσεβῶς τοσοῦτων ἀποστήσεται πατέρων καὶ ἁγίων ἀκαταγνώστων, ἀλλ’ οὐδὲ τὰ τῆς βασιλείας χρηστὰ ταῖς τῶν ἀλλήλοις ἐναντία φρονούντων εὐχαῖς ἐπιγραφῆσεται, οὐδὲ μικρὸς ὁ γέλωας ἔσται ὃν τοῖς ἐχθροῖς τῆς εὐσεβείας ὀφλήσομεν, καὶ μυρίας δὲ ἄλλας τῆς πονηρᾶς ἂν τις φιλονεικίας αὐτῶν καταλέξει βλάβας.

³⁸ Ἀνελθόντων ἐν Κωνσταντινουπόλει τῶν ἑπτὰ καὶ ἑπτὰ ἐπισκόπων ἐξ ἑκατέρου μέρους ἐπληροφορήθη ὁ βασιλεὺς ὡς ἡ ἁγία καὶ οἰκουμένη συνόδος πάντα κανονικῶς καὶ ἀκολουθῶς πράξασα καθεῖλε Νεστόριον. δι’ ὃ καὶ ἀποδεξάμενος αὐτοὺς κατέγνω τῶν Ἀνατολικῶν καὶ λοιπὸν ἐξώρισε μὲν Νεστόριον, ἐκέλευσε δὲ τοὺς ἐκ τῆς ἁγίας συνόδου εἰσελθεῖν εἰς τὴν ἐκκλησίαν καὶ χειροτονῆσαι ἐπίσκοπον τῇ ἁγίᾳ Κωνσταντινουπολιτῶν ἐκκλησίᾳ. καὶ εἰσελθόντες ἐχειροτόνησαν Μαξιμιανὸν ἐπίσκοπον. καὶ μετὰ τοῦτο ἐκέλευσεν ὁ βασιλεὺς πάντας τοὺς ἐπισκόπους ἕκαστον ἀπελθεῖν εἰς τὴν ἑαυτοῦ χώραν τε καὶ πόλιν, ἔμεινε δὲ Ἰωάννης ὁ Ἀντιοχείας καὶ οἱ μετ’ αὐτοῦ ἐν τῇ χωρίσει ὄντες.

deu à luz segundo a carne, vamos a ele dizendo “Tu nos vivificarás e nós não nos distanciaremos de ti, nós damos graças a teu nome pelos séculos”. Todos esses bens três vezes desejáveis nos foram concedidos pela sentença divina, inefavelmente vinda do alto, e mediante o aviso dos decretos celestes do mais pio imperador amigo do Cristo. *Convinha à Serenidade dos príncipes que eles triunfassem não somente sobre os inimigos visíveis, mas, também, sobre outros invisíveis, que eles [os imperadores Teodósio II e Valentiniano III] esmagassem sem dúvidas as falanges bárbaras*, que tornassem ineficazes as maldades do diabo e que, graças à Tua Piedade, dessem segurança àqueles que creem no Cristo. Pois, aquele que fazia barulho na Igreja e que abria sua boca intemperante para blasfêmias contra o Cristo se retirou da Corte santa e divina e em seu lugar jorrou e verdejou Tua Perfeição como uma planta de paz segundo a palavra da Escritura, e isso também é uma dádiva brilhante do pio imperador, que seja bem entendido e como já foi dito que veio trazer a sentença celeste. (ACO I, 1, 3, p. 72-74, destaques nossos).³⁹

Embora Russell (2000, p. 51) considere que Maximiano tratava-se de um homem inofensivo a ambas as facções, o empenho que Cirilo demonstrou na sua eleição, conforme destacamos na carta acima, indica que o novo bispo da capital imperial era um aliado do bispo alexandrino. Também conforme indicam os dados prosopográficos de Maximiano (APÊNDICE J), ele teria sido amigo de infância do bispo Celestino de Roma, um aliado de primeira hora de Cirilo, tanto no que se refere às questões doutrinárias quanto nas divergências em relação a litígios jurisdicionais, sobretudo no que se refere à região do Ilírico. Em relação aos inimigos invisíveis aos quais se refere Cirilo, conjecturamos se tratarem dos funcionários imperiais que apoiavam Nestório, sobretudo aqueles originários da porção mais oriental do Império Romano do Oriente. Muitos deles eram de etnia germânica (sobretudo os funcionários militares, daí a referência de Cirilo às “falanges bárbaras”), de confissão não cristã ou cristã ariana, o que nos leva a entender, também, a insistência de Cirilo em rotular Nestório de pagão ou ariano.

³⁹ Πρέπειν οἶμαι καὶ νῦν εἰπεῖν, τῆς σῆς τελειότητος τὴν πολυεύτων ἡμῖν λαχούσης ἱερωσύνην, εὐφρανθήτω ὁ οὐρανὸς ἄνωθεν, χαίρω δὲ καὶ ἡ σύμπασα γῆ καὶ βοάτω μετ’ εὐφροσύνης κατὰ τὴν τοῦ προφήτου φωνήν. [...]. ἀλλ’ ἐξηγήμεθα μὲν ἡμεῖς τῆς τοῦ θηρεύοντος ἀπλήστου παγίδος, σεσώσμεθα δὲ διὰ τοῦ πάντων ἡμῶν σωτῆρος Χριστοῦ, ὃν καὶ θεὸν εἶναι πιστεύοντες, ὁμολογοῦντες δὲ θεοτόκον καὶ τὴν κατὰ σάρκα τεκοῦσαν αὐτόν, αὐτῶι πρόσμιεν λέγοντες ζωώσεις ἡμᾶς καὶ οὐ μὴ ἀποστῶμεν ἀπὸ σοῦ, καὶ τῶι ὀνόματί σου ἐξομολογησόμεθα εἰς τοὺς αἰῶνας. ἀπάντων δὲ τούτων ἡμῖν τῶν τριποθήτων ἀγαθῶν γέγονε πρόξενος ἡ θεία τε καὶ ἀπόρρητος καὶ ἄνωθεν ψῆφος καὶ ἡ τοῖς ἄνωθεν νεύμασι συντρέχουσα γνώμη τοῦ εὐσεβεστάτου καὶ φιλοχρίστου βασιλέως. ἔπρεπε γὰρ τῆι γαληνότητι αὐτῶν μὴ μόνον ὄρατους καταπαλαίειν ἐχθρούς, ἀλλὰ γὰρ πρὸς τούτοις καὶ ἀοράτους, καὶ βαρβαρικὰς μὲν συνθραύειν φάλαγγας, ἀπράκτους δὲ καὶ τὰς τοῦ διαβόλου δυστροπίας ἀποτελεῖν καὶ τοῖς εἰς Χριστὸν πιστεύουσι διὰ τῆς σῆς θεοσεβείας πρυτανεύειν τὴν ἀσφάλειαν. ὁ μὲν γὰρ εἰκῆι βατταρίζων ἐν ἐκκλησίαις καὶ ταῖς κατὰ Χριστοῦ δυσφημίαις ἀκρατὲς ἀνοίγων τὸ στόμα τῆς ἱερᾶς τε καὶ θείας ὑπεχώρησεν αὐλῆς, ἀντανέφυ δὲ καὶ ἀνεβλάστησεν ἡ σὴ τελειότης ὡς φυτὸν εἰρήνης κατὰ τὸ γεγραμμένον, ξένιον δὲ καὶ τοῦτο λαμπρὸν βασιλέως εὐσεβοῦς, προηγουμένης, ὡς ἔφην, τῆς ἄνωθεν ψήφου.

Teodósio II não logrou, portanto, por intermédio do Concílio, obter um acordo entre as facções que resultasse no bem do Estado, conforme repetidamente ele apregoava ser a sua intenção por meio dos seus próprios escritos. Mas, a nossa percepção é a de que essa intenção do imperador visava mais permanecer no plano retórico do discurso do que produzir um efeito concreto de obtenção de unidade através de um acordo que jamais seria alcançado em se tratando de um confronto entre culturas políticas tão distintas e enraizadas nos imaginários dos seus adeptos. Desse modo, a estratégia imperial na fase seguinte do conflito foi prosseguir na mesma tática de produzir enfrentamentos diretos e fazer pequenas concessões possíveis a ambos os grupos de modo a transparecer insensação da sua parte.

3.5. A continuidade das negociações: da *Fórmula da Reunião*, em 433, ao exílio de Nestório, em 436.

Teodósio II operava dentro de um sistema político marcado pela diversidade entre os grupos que davam sustentação à sua posição. E, nesse sentido, como lembrava René Rémond (2003, p. 24), os antagonismos produzidos em função de uma dada realidade política diversa proporciona ao governante uma margem de independência e liberdade que o capacita a arbitrar conflitos, invocando, para isso, o interesse superior da coletividade (como no caso de Teodósio II que invocava o bem do Estado e da Piedade) e, através desse discurso, manobrar em favor de uma agenda que venha a contemplar a segurança da sua posição individual. E foi nesse sentido de manter o equilíbrio entre as forças políticas por meio do estímulo ao enfrentamento direto entre elas que percebemos a continuidade das manobras de Teodósio II na fase imediata do conflito.

Tendo o Concílio sido dissolvido, o imperador determinou o imediato reinício das negociações, conforme carta enviada ao bispo João de Antioquia:

Como nós pensamos, portanto, encontrar a solução de tão grande mal ao ponto de onde esse mal tirou sua origem e que cuidamos com solicitude que isso seja corrigido para que o vício da contenção não se propague e avance passo a passo, nós decidimos, todos estando de acordo conosco, e o mais santo bispo dessa cidade ilustre e todos os mais caros a Deus bispos que se encontravam em passagem aqui e todo seu clero para ajustar os membros da fé ortodoxa uma vez estreitamente unidos e agora dispersos pelo fato do

acidente que ocorreu, que vocês, nós queremos dizer você e o mais reverendo bispo de Alexandria, Cirilo, se encontrem, resolvam o mal entendido e a controvérsia entre vocês; *os mais reverendos bispos que eu falava atestam que, se você subscrever a deposição de Nestório e anatematizar sua doutrina, não permanecerá nenhuma causa de desentendimento, mas imediatamente o mais santo bispo da ilustre Roma, Celestino, e todos os bispos da fé ortodoxa em todo lugar entraram em comunhão com Tua Piedade*, os outros que pelos menos precisarem ser corrigidos, recebam facilmente a solução conveniente que você cuidará, após necessariamente ter assumido e estarem persuadidos em privado e em comum. (ACO I, 1, 4, p. 3-5, destaque nosso).⁴⁰

Nesse momento, Teodósio II indicou para representá-lo nas negociações entre Cirilo e João de Antioquia o tribuno e notário Aristolau (APÊNDICE K; *PLRE* 2, p. 146-147). Aristolau era um funcionário de escalão intermediário e diferentemente do *comes* Candidiano, a sua atuação indica que ele tendeu a favorecer a facção ciriliana. Como ponto de partida nas negociações, Teodósio II exigiu que João de Antioquia subscrevesse a deposição de Nestório e, por outro lado, determinou que Cirilo retirasse seus anátemas contra a doutrina nestoriana (Nestório, *Liber*, 399)⁴¹. Como forma de dar mais credibilidade às negociações, Teodósio II também solicitou ao anacoreta Simão Estilita (ACO I, 1, 4, p. 5) e ao decano bispo oriental Acácio de Bereia (APÊNDICE J) para que intermediassem um acordo entre ambos os bispos a partir daquelas determinações iniciais. No pedido a Acácio, o imperador deixou registrado, em razão do conflito, não só a preocupação com a questão teológica, mas, também, em relação à sua posição pessoal, da dinastia que representava e do Império que governava:

Reconhecido de fato que nessa avançada idade Tua Piedade leve ao fim esse combate: se você apoiar, você será proclamado vencedor dos combates que desde muito tempo você valentemente executou. Nós estamos seguros que você terá sucesso por meio de muitas orações, teus conselhos, tua autoridade, e *nós te pedimos hoje ainda, como de costume, de permanecer zeloso tanto quanto possível nas tuas preces à divindade e de invocar mais*

⁴⁰ τὴν τοσούτον τοίνυν κακοῦ λύσιν, ὅθεν καὶ τὴν ἀρχὴν εἴληφεν, εὐρασθαι προσδοκίσαντες καὶ ἐπιμελῶς ὅπως ἂν τοῦτο κατορθωθεῖν, φροντίσαντες, ἵνα μὴ ἔρπον ἐπινεμηθῆι πλέον τὸ τῆς φιλονεικίας ἐλάττωμα, τοῦ ἔσκοπήσαμεν, πάντων ἡμῖν συνδραμόντων, τοῦ τε ἀγιωτάτου τῆς ἐνδόξου ταύτης πόλεως καὶ πάντων τῶν εὐρεθέντων ἐνταῦθα θεοφιλεστάτων ἐπισκόπων καὶ τοῦ παντὸς αὐτῶν κλήρου, εἰς τὸ τὰ καλῶς πρόην ἡνωμένα δυστήνου τε πάθους παρεισπεσόντος διασπασθέντα τῆς ὀρθοδόξου πίστεως μέλη συναρμόσαι, ὥστε ἡμᾶς, σέ τε φαμέν καὶ τὸν εὐλαβέστατον ἐπίσκοπον τῆς Ἀλεξανδρέων Κύριλλον, συμβάντας ἀλλήλοις ἀποθέσθαι τὴν μεταξὺ ἡμῶν δυσχέρειαν τε καὶ ἀμφισβήτησιν, ἐπαγγεिलाμένων ὧν προείπομεν εὐλαβεστάτων ἀνδρῶν ὡς εἰ ὑπογράφοις τῆι καθαιρέσει Νεστορίου καὶ τὴν τοῦτου ἀναθεματίζοις διδασκαλίαν, οὐδὲ μία περιλειφθήσεται ἀμφιβολίας ἀφορμὴ, ἀλλ' εὐθὺς καὶ ὁ ἀγιώτατος ἐπίσκοπος Κύριλλος καὶ αὐτοὶ οἱ μετ' αὐτοῦ, καὶ ὁ ὀσιώτατος δὲ τῆς ἐνδόξου Ῥώμης ἐπίσκοπος Κελεστίνος καὶ πάντες οἱ πανταχοῦ τῆς ὀρθοδόξου πίστεως ἱερεῖς τῆι σῆι θεοσεβείαι κοινωνήσουσι, τῶν ἄλλων, εἴ γέ τινα εἴν τὰ ὀφείλοντα διορθωθῆναι, τὴν πρέπουσαν εὐχερῶς δεχομένων λύσιν, ἣν αὐτοὶ ἀναγκαίως ἀναλαβόντες καὶ συμπεΐσαντες ἑαυτοὺς ἰδίαι τε καὶ κοινῆι πάντας ἐπάξετε.

⁴¹ Nau, p. 256; Driver; Hogdson, p. 289.

laboriosamente a bondade e a assistência divina para nós, para nossa descendência e para todos os negócios do nosso Império. (ACO I, 1, 7, p. 146, destaque nosso).⁴²

A percepção que Cirilo teve em relação à postura de Acácio nas negociações indica que ele agiu francamente em favor dos nestorianos, conforme o bispo alexandrino registrou em carta ao aliado bispo Rábula de Edessa (ACO I, 4, p. 140). Nesse momento, os bispos orientais, liderados por João de Antioquia, ainda nutriam a esperança de que o imperador pudesse lhes ser mais favorável e condenasse Cirilo e reconvocasse Nestório para ocupar o episcopado de Constantinopla. Cirilo, por sua vez, tinha a nítida sensação de que a sua posição parecia ser insustentável e ele realmente viesse a ser deposto e exilado. Essa percepção se parecia plausível uma vez que os bispos Acácio, João de Antioquia e Paulo de Emesa⁴³ exigiam a retirada dos doze anátemas contra Nestório como condição para a celebração do acordo, conforme condição inicial do imperador:

Mas isso é plenamente dizer que devemos negar a verdadeira fé e concordar com as blasfêmias de Nestório. Se nós destruirmos nossos escritos que são corretos e irrefutavelmente afirmam a verdade e luta pela verdadeira fé, então nós aprovaremos aqueles que são os escritos de Nestório e seremos admiradores da sua insanidade. (ACO I, 4, p. 140).⁴⁴

Apesar da fragilidade em que Cirilo se encontrava, o bispo alexandrino possuía uma clara percepção do funcionamento da estrutura administrativa imperial, que embora o imperador fosse o centro dessa estrutura, uma parcela do poder também emanava das elites de funcionários que orbitavam o centro dessa constelação representado pelo próprio imperador (MILLAR, 2006; DESTEPHEN, 2007, p. 386). Nesse sentido, Cirilo pode ter percebido, mais uma vez, que o seu destino seria decidido por meio do embate entre as forças que se congregavam em torno do imperador e as forças políticas que apoiavam Nestório. E para

⁴² πρέπει γὰρ ἐν τούτοις ταῖς γήραι καὶ τοῦτον τὸν ἄθλον ἀνύσαι τὴν σὴν θεοσέβειαν, ὃν ἀγωνισάμενος ὢν πάσαι γενναίως κατώρθωσας, νικητῆς ἀνακηρυχθήσῃ. καὶ τοῦτο εὖ ἴσμεν ὡς εὐχαῖς τε καὶ συμβουλαῖς καὶ αὐθεντίαν διαπράξῃ, τὰ δὲ συνήθη καὶ νῦν ἐξαιτούμεν ὥστε εὐχαῖς ταῖς πρὸς τὸ κρεῖττον ἐπιμένειν σπουδαιότερον, ὅσον οἶόν τέ ἐστι, καὶ ἐπιπυνώτερον τὴν ἐκεῖθεν ἡμῖν τε καὶ τοῖς ἐξ ἡμῶν καὶ πᾶσι τοῖς τῆς βασιλείας τῆς ἡμετέρας πράγμασιν εὐμένειαν καὶ ἐπικουρίαν <προ>καλεῖσθαι.

⁴³ O bispo Paulo de Emesa atuou como mensageiro e negociador levando cartas de João de Antioquia a Cirilo e vice-versa.

⁴⁴ hoc autem clare dicere est quod oporteat nos rectam fidem denegare et Nestorii consentire blasfemiis. si enim nostra exterminamus, quae se bene habent et inexplorabiliter et asserunt ueritatem et rectae fidei militant, approbabitur ea quae sunt Nestorii, et omnes erimus eius ammirantes insaniam.

entender esse momento do conflito é emblemática a carta dirigida pelo secretário, Epifânio, ao bispo Maximiano de Constantinopla (*ACO I*, 4, p. 222-224), complementada pelo o anexo a ela (*ACO I*, 4, p. 224-225), no qual são listadas quantias expressivas de ouro e outros presentes a serem entregues a funcionários na Corte sobre os quais Cirilo identificou que deveria agir em favor da sua delicada posição.

Obviamente, a referida carta e seu anexo não estão inseridos nas coleções de documentos preservados pela tradição manuscrita ciriliana. Elas foram, entretanto, transmitidas em versão latina da *Collectio Casinensis*, de procedência nestoriana conforme indicamos no Capítulo 1. Consequentemente, trata-se de um documento muito pouco explorado pela historiografia no que se refere à percepção que tivemos da associação entre bispos e funcionários durante o conflito. Quase sempre as análises desses dois documentos ficam restritas a demonstrar como a compra de favores era institucionalizada como instrumento de persuasão na administração de Teodósio II (BATIFFOL, 1911; RUSSELL, 2000, p. 52).

Entretanto, as ações tomadas por Cirilo e seus aliados a partir de uma análise mais acurada daquela carta e seu anexo reforçam a nossa perspectiva de analisar a atuação de Teodósio II a partir da inserção dos funcionários imperiais como atores no conflito. A investida de Cirilo é reveladora de como ela foi importante para que Teodósio II freasse o avanço dos bispos orientais e seus aliados na Corte imperial no sentido de favorecer Nestório. Esse avanço das forças nestorianas pode ser medido pela aflição com que Epifânio abordou o bispo Maximiano para que este se empenhasse em favor do bispo alexandrino em Constantinopla:

Pois enquanto previamente os bispos do Oriente solicitaram que os documentos que seu mais santo irmão Cirilo propôs [os doze anátemas contra Nestório] e, por anatematizar, estes devem ser deixados de lado, isto é, ele [Cirilo] deve colocar-se fora da Igreja Católica; nesta matéria, meu senhor, meu mais santo pai Cirilo resistiu e manteve dizendo que o santo e grande Concílio disse, reconhecendo o poder que decretou que é a correta e verdadeira fé, e sujeitou João [de Antioquia], com o resto [bispos orientais] à excomunhão. “E agora”, ele [Cirilo] diz, “devo eu fazer a paz com eles e derrubar um julgamento conciliar?”. Além disso, o mais admirável tribuno Aristolau, insistiu para que ele realizasse coisas divinamente sancionadas. E meu senhor Cirilo, o mais santo em todas as coisas, por necessidade ordenou que, uma vez que um anátema foi imposto, sua santidade [João] deveria dizer que ele propôs todas aquelas coisas não de acordo com um significado herético, mas o que quer que pareça repreensível foi dito com zelo e ardor em relação ao nosso senhor, Jesus Cristo, que foi negado por Nestório, e, além disso, que todos [os bispos] do Oriente anatematizem Nestório e seus

ensinamentos e, então, eles serão recebidos para o propósito da paz. (*ACO I*, 4, p. 222).⁴⁵

A preocupação de Cirilo ainda residia no fato de que Nestório, mesmo afastado das funções episcopais e recolhido no monastério em Antioquia, ainda permanecia negociando acordos políticos a fim de que tivesse seus direitos eclesiásticos restabelecidos na Sé de Constantinopla, o que acarretaria, em contraponto, a condenação do bispo alexandrino:

Entretanto, quando o mais magnificente Aristolau ordenou àqueles que estavam com João [de Antioquia] e o senhor Acácio [de Bereia], porque o senhor Acácio deveria impelir João, eles enviaram Paulo [bispo de Emesa], evitando isso, tanto que nada sobre ele [Nestório] seria mantido em memória, mas ele deveria estar em sossego. Assim sendo, desde que, meu senhor, meu mais santo pai Cirilo foi retido por uma severa doença, parecia melhor que essas questões fossem adiadas. Entretanto, depois de alguns dias, Paulo, o bispo, mostrou para o mais magnificente tribuno uma carta do mais ímpio João no sentido de que os bispos do Oriente, e aqueles que estão mais longe, não permitissem que isso fosse feito e a carta continha certas páginas daquele ímpio, isto é, de Nestório. (*ACO I*, 4, p. 222).⁴⁶

Aos presentes listados no anexo da carta de epifânio a Maximiano e despachados de Alexandria para a Corte imperial, conforme indicamos no capítulo anterior, foi acrescida de expressiva soma em ouro direcionada aos membros da Corte (*ACO I*, 4, p. 224-225). A quantidade de libras de ouro relacionada na carta de Epifânio perfaz a significativa soma de 2.530 (duas mil, quinhentas e trinta) libras.⁴⁷ A quantia parece ter sido suficiente para que

⁴⁵ nam dum prius id Orientales expeterent ut capitula quae sanctissimus frater uester Cyrillus exposuit, haec ipse anathematizans * id est <se> extra ecclesiam catholicam faceret, in hoc idem dominus meus sanctissimus pater Cyrillus recertabatur atque dicebat quod sancta et magna synodus, agnoscens quorum uirtute sanciuuit, ea rectae et sanae fidei esse, et Iohannem cum reliquissegregationi subiecit. et quomodo, inquit, ego cum eis faciam pacem et euertam synodale iudicium? ammirandissimus autem tribunes Aristolaus insistebat ei utdiuinitus sancita perageret. et hoc ex necessitate disposuit per omnia sanctissimus dominus meus Cyrillus ut eius quidem sanctitas anathemate interposito dicat quod non circa haeticum intellectum haec ipsa exposuerit, sed quicquid et uidetur reprehensibile esse, zelo et calore circa dominum nostrum Iesum Christum, qui abnegates est Nestorio, dictum est, Orientales, autem cuncti anathematizent Nestorium eiusque sententiam et ita suscipiantur ad pacem.

⁴⁶ hoc autem mandante magnificentissimo Aristolao eis qui circa Iohannem sunt et domnum Acacium, quod deberet dominus Acacius Iohannem compellere, direxerunt Paulum, uitantes hoc ut de illo nihil in memoria haberetur, sed ille quiesceret. igitur domino meo santissimo patre Cyrillo magna aegritudine detento, placuit ista differri. post aliquot autem dies ostendi magnificentissimo tribuno Paulus episcopus litteras impiissimi Ioannis quod episcopo Orientis et qui ulterius sunt, hoc fiery non sinant, quae et habebant quasdam illius impii, id est Nestorii paginas.

⁴⁷ Uma libra romana corresponderia no sistema métrico atual a aproximadamente 325 gramas (BATIFFOL, 1911, p. 255; HENDY, 1985, p. 338). Portanto, a soma de 2.530 libras de ouro distribuídas na Corte imperial pela igreja de Alexandria corresponde, em termos atuais, a aproximadamente 820 (oitocentos e vinte) quilos. Para uma noção do que representava essa quantidade no período, Prisco de Pânio (*Frag. hist.*, 5), registrou que o acordo de paz entre Teodósio II e o rei Átila, dos Hunos, previa o pagamento, pelos romanos, da soma de 2.100 (duas mil e cem) libras de ouro por ano.

aqueles cortesãos pudessem interceder em favor dos cirilianos, conforme relatou o *comes* Irineu aos bispos orientais. Irineu provavelmente encontrava-se na capital imperial com o objetivo de tentar neutralizar as manobras dos cirilianos:

É com dor que me foi possível agora escrever a Vossa Santidade e encontrar um correio que eu quero para minha carta, para que eu faça conhecer a Vossa Dileção segundo Deus os resultados que se têm tidos dos negócios presentes pela caridade do Cristo. Quando eu cheguei à cidade imperial, os egípcios haviam me precedido em três dias. Todos os perigos que tão logo eu suporrei e quando da minha entrada na cidade não é fácil de contar, pois não os posso expor por uma carta. Os admiráveis que haviam me precedido, usando de todos os meios cômodos e apropriados – é suficiente dizer somente isso⁴⁸ - cercaram por assim dizer os ouvidos de todos, buscando seduzir uns pelas primeiras mentiras vindas, acostumando outros a calúnias contra nós, persuadindo todos em público e em privado, de modo que os altos funcionários, os homens constituídos em dignidades e as pessoas que ocupam diversos cargos militares foram persuadidas de que a surpreendente deposição de Nestório ocorrera após um exame regular, de um julgamento correto e porque os mais caros em Deus bispos haviam votado unanimemente contra quem haviam condenado à revelia. (*ACO* I, 1, 5, p. 135-136).⁴⁹

O documento que relaciona as doações aos funcionários da Corte indica, ainda, que somente para um funcionário, o *comes* Amônio, foram destinadas 1.500 (mil e quinhentas) libras, que pela quantidade excessiva em relação aos demais funcionários, pode nos sugerir, embora isso não esteja explícito na carta, que parte pode ter sido repassada para o próprio imperador, conforme Nestório nos dá pista nesse sentido:

Ele [imperador] prolongou minha deposição e permaneceria sem se reconciliar com aqueles [cirilianos], a fim de me colocar em situação de necessidade, desfrutando de suas importunações e dos seus pedidos em favor de Cirilo, a fim de que se acreditasse que a sabedoria imperial havia sido vitoriosa sobre suas intenções. ***Mas não era resultado da mudança da sua vontade [do imperador], que na origem foi direcionada a mim somente na***

⁴⁸ Festugière (1982, p. 569, nota 2) considera que Irineu referia-se ao envio dos presentes e ouro à Corte imperial.

⁴⁹ Μόγισ μοι νῦν ἐνεγένετο καὶ ἐπιστεῖλαι πρὸς τὴν ὁσιότητα ὑμῶν καὶ τῶν γραμμάτων εὐρεῖν οἷον ἐβουλόμην διάκονον ἵνα τὰ ἐπὶ τοῖς προκειμένοις ἐκβάντα διὰ τῆς χάριτος τοῦ Χριστοῦ γνωρίσω τῆι κατὰ θεὸν ὑμῶν διαθέσει. ἤλθομεν γὰρ εἰς τὴν βασιλεύουσαν πόλιν τρεῖς με τῶν Αἰγυπτίων προλαβόντων ἡμέρας, ὄσους δὲ λοιπὸν εὐθὺς καὶ παρ’ αὐτὴν ὑπέστην κινδύνους τῆν εἴσοδον, οὐδὲ λόγῳ ράιδιον ἐξειπεῖν, μὴ τι γε δι’ ἐπιστολῆς παραστήσαι. προεισελθόντες γὰρ οἱ βέλτιστοι καὶ πᾶσι προσφόρως καὶ καταλλήλως χρησάμενοι (ἄρκει γὰρ τοσοῦτον εἰπεῖν), πάντων ὡς εἰπεῖν τὰς ἀκοὰς προκατέλαβον, τοὺς μὲν ταῖς ψευδολογίαις ὡς ἔτυχον δελεάζοντες, τοὺς δὲ καθ’ ἡμῶν ταῖς συκοφαντίαις προσεθίζοντες, ἅπαντας δὲ κοινῆι καὶ κατ’ ἰδίαν συμπείθοντες, ὥστε καὶ τοὺς μεγάλους ἄρχοντας καὶ τοὺς ἐν ἀξιώμασι τελοῦντας καὶ τοὺς ἐν στρατείαις διαφόροις πεισθῆναι ὅτι περ καὶ ἐξετάσεως ἀκολουθού γεγεννημένης καὶ κρίσεως παρακολουθησάσης καὶ πάντων ὁμοῦ τῶν θεοφιλεστάτων ἐπισκόπων μίαν καὶ τὴν αὐτὴν ἐξενεγκόντων ψῆφον κατὰ τοῦ παρ’ αὐτῶν ἐρήμην κατακριθέντος ἢ θαυμαστῆ γέγονεν ἐκείνη καθαίρεσις.

aparência, até que ele encontrasse o tempo propício para vender-me por bens. (Nestório, *Liber*, 385, destaque nosso).⁵⁰

O jogo duplo com que o imperador conduziu as negociações resultou novamente em um cenário em que nenhuma das duas facções logrou ter a sua posição assegurada. Contudo, esse era o melhor dos cenários para Teodósio II, uma vez que, impossibilitado de declarar seu apoio à corrente doutrinária ciriliana, ele se mantinha superior na disputa ao atuar como árbitro e manter a sensação de equilíbrio entre as forças políticas de sustentação ao seu governo. A *Fórmula da Reunião*, concluída em 433, foi celebrada tanto por Cirilo quanto João de Antioquia (*ACO* I, 1, 4, p. 15-20) como se uma solução definitiva tivesse sido alcançada. Mas, esse acordo foi celebrado na base de concessões de pontos doutrinários e posições pessoais fundamentais para cada parte e que até então pareciam ser inegociáveis. Desse modo, ao passo que Cirilo teve de aceitar uma fórmula doutrinária que implicava uma noção dualista da divindade, João de Antioquia foi forçado a excomungar Nestório. Nesses termos era de se esperar que tal solução também não fosse duradoura.

Logo, contestações de ambos os lados emergiram. Cirilo foi requisitado por antigos aliados a dar explicações sobre a sua postura (*ACO* I, 1, 3, p. 90-101; *ACO* I, 1, 4, p. 31-32; *ACO* I, 1, 4, p. 35-37; *ACO* I, 1, 6, p. 151-162; *ACO* I, 4, p. 231; Cirilo, *Ep.*, 57)⁵¹, inclusive uma delas, ao bispo Acácio de Melitene, da província da Armênia I, parece lhe ter causado especial constrangimento. O bispo armênio, inicialmente apoiador de Nestório, havia sido convencido por Cirilo a mudar de posição. A partir de então, Acácio havia se tornado um dos grandes acusadores de Nestório. A sua mudança pode ter se dado por meio da concordância dos argumentos doutrinários entre ambos, mas também reforçada pelo alinhamento de ambos os bispos em decorrência de interesses nas disputas relacionadas aos cleros ciriliano e nestoriano no reino da Armênia⁵², indicando-nos, assim, que outros tantos condicionantes pesavam nas decisões de apoio de alguns bispos, como parece ter ocorrido em outros casos que, a título de exemplo, citamos:

⁵⁰ Nau, p. 247; Driver; Hodgson, p. 279.

⁵¹ Cartas de Cirilo para Valeriano de Icônio, Dinato de Nicópolis, Eulógio, Sucenso de Diocesareia, Moisés de Antiarado e Máximo de Antioquia, respectivamente.

⁵² A questão Armênia ainda parece se constituir uma preocupação de unidade das províncias romanas da Armênia I e Armênia II. Em 436, o bispo Proclo de Constantinopla, que havia substituído Maximiano, morto em 434, escreveu seu Tomo aos Armênios, dirigido ao clero ciriliano do antigo reino da Armênia, agora uma espécie de satrapia persa, instando-o a condenar as ideias do bispo Teodoro de Mopsuéstia, precursor da doutrina nestoriana. De acordo com Sarkissian apud Nicholas Constas (2003, p. 104, nota 77) “condenar abertamente Teodoro serviria aos oponentes de Sahak [bispo armênio] como inegável evidência da sua ligação com a igreja bizantina, e, ao mesmo tempo, do seu antagonismo à igreja nestoriana favorecida pelo governo persa”.

Quadro 12 – Apoio político-religioso e rivalidades locais.

BISPO/CIDADE	PROVÍNCIA	DIOCESE	APOIO
Rábula de Edessa	Osroena	<i>Oriens</i>	Cirilo
Ibas de Edessa (sucessor de Rábula)	Osroena	<i>Oriens</i>	Nestório
Firmo de Cesareia	Capadócia I	Pôntica	Cirilo
Eutério de Tiana	Capadócia II	Pôntica	Nestório
Teodoto de Ancira	Galácia I	Pôntica	Cirilo
Pio de Pessino	Galácia II	Pôntica	Nestório
Regino de Constância	Chipre	<i>Oriens</i>	Cirilo
Olímpio de Carpasia	Chipre	<i>Oriens</i>	Nestório

Fonte: Price, 2012; APÊNDICE M (Mapa 2).

Em carta escrita a Acácio de Melitene para justificar a celebração do acordo que comprometia a doutrina da união, Cirilo indicou a pressão exercida por Teodósio II naquela ocasião:

O mais piedoso imperador amigo do Cristo, que tomou com fervor cuidado das santas igrejas, considerou intolerável que elas ficassem em dissensão. Portanto, ele convocou o mais reverendo e mais piedoso bispo da igreja de Constantinopla, Maximiano, e muitos outros bispos que se encontravam lá, e ele examinou a fundo como suprimiria o desentendimento entre as igrejas e como os mistérios divinos seriam trazidos de volta à paz. [...] Eles disseram também [ao imperador] que o mais piedoso bispo de Antioquia devia anatematizar as doutrinas de Nestório e confessar por escrito sua deposição e que, para o que lhe causa suas mágoas próprias, o bispo de Alexandria devia ignorar, por razão de caridade, e não levar em conta o ultrage recebido em Éfeso, embora fora muito sofrido e difícil de suportar. Portanto, como o piedoso imperador deu seu consentimento e se alegra por essas proposições, meu senhor, o claríssimo tribuno e notário Aristolau foi enviado para colocá-las em execução. (ACO I, 1, 4, p. 20-31).⁵³

⁵³ Ὁ εὐσεβέστατος καὶ φιλόχριστος βασιλεὺς τὴν ὑπὲρ τῶν ἁγίων ἐκκλησιῶν φροντίδα πλείστην τε ὄσσην καὶ ἀναγκαίαν ποιούμενος οὐ φορητὴν ἡγεῖτο τὴν τούτων διχόνοιαν μεταπεμψάμενος τοῖνυν τὸν εὐλαβέστατον καὶ θεοσεβέστατον ἐπίσκοπον τῆς ἁγίας Κωνσταντινουπολιτῶν ἐκκλησίας Μαξιμιανόν, καὶ ἑτέρους δὲ πλείστους τῶν αὐτόθι κατελιμμένων, τίνα δὴ τρόπον ἐκ μέσου μὲν γένοιτ' ἂν τῶν ἐκκλησιῶν ἢ διαφορᾶλῃσονται δὲ πρὸς εἰρήνην οἱ τῶν θείων μυστηρίων ἱερουργοί, διεσκέπτετο. [...] ἔφασκόν τε ὅτι τὸν τῆς Ἀντιοχείας θεοσεβέστατον ἐπίσκοπον Ἰωάννην ἀναθεματίσαι χρὴ τὰ Νεστορίου δόγματα καὶ ἐγγράφως ὁμολογήσαι τὴν καθαίρεσιν αὐτοῦ καὶ τό γε ἦκον εἰς λύτας ἰδίας ὁ τῆς Ἀλεξανδρείας ἐπίσκοπος ἀμνημονήσει τε διὰ τὴν ἀγάπην καὶ παρ' οὐδὲν ἡγήσεται τὸ ὑβρίσθαι κατὰ τὴν Ἐφεσίω, καίτοι παγγάλεπόν τε καὶ δύσοιστον ὄν. συναινέσαντος τοῖνυν καὶ ἡσθέντος ἄγαν ἐπὶ τούτοις τοῦ εὐσεβεστάτου βασιλέως, ἀπεστάλη τοῦτο αὐτὸ κατορθώσων ὁ κύριός μου ὁ θαυμασιώτατος τριβούνος καὶ νοτάριος Ἀριστόλαος.

No que se refere aos bispos orientais, muitos deles não aceitaram entrar em comunhão com João de Antioquia, em vista de esse metropolitano ter confirmado a excomunhão de Nestório. Alguns nestorianos, como Alexandre de Hierápolis e outros dezessete bispos que não se reconciliaram com João, e também muito menos com Cirilo, foram deportados para trabalhos forçados em minas no Egito (DRIVER; HODGSON, 2002, p. xxiv). Mas, uma situação particular envolvendo os bispos da Cilícia é emblemática e reforça os motivos do envolvimento de funcionários imperiais no conflito, conforme carta do bispo Melécio de Mopsuéstia ao metropolitano da Cilícia II, Maximino de Anazarbo:

A respeito desse decano, também ele disse que enviou um funcionário para futuras reconciliações entre eles. Na verdade, era totalmente uma simulação cênica para favorecer João [de Antioquia] diante de um pagamento combinado de ouro [para forçar os nestorianos da Cilícia a se reconciliarem com João]. Pois, assim como nos foi anunciado que o admirabilíssimo juiz viria aqui, que também fora governador em Constantinopla e que tinha conhecimento de cada uma das coisas que foram feitas, sem dúvida por causa dele a carta imperial foi dada totalmente contra nós [bispos nestorianos da Cilícia]. Mas, por tudo isso, o magnificentíssimo prefeito Tauro, tomando conhecimento disso e, na verdade, como que movido por um ímpeto divino, não permitiu que ela [a carta imperial] fosse publicada, influenciando até o imperador, implorando, a partir disso, futuras ruínas das cidades e disse abertamente que *assim como é na Trácia, será na Cilícia, que quase sozinha permanece devendo pagar tributos*, se permitir implementar isso; e assim fez a carta imperial nula de todas as maneiras. (ACO I, 4, p. 155, destaque nosso).⁵⁴

Melécio relatava que um agente de João de Antioquia, em Constantinopla, teria oferecido ouro a funcionários da Corte para que decreto imperial fosse emitido e ordenasse que bispos dissidentes entrassem em comunhão com o metropolitano antioqueno. Entretanto, o Prefeito Pretoriano do Oriente Flávio Tauro Seleuco Cirilo teria se posicionado contra uma possível ordem de Teodósio II nesse sentido, declarando que distúrbios iriam irromper e que “assim como a Trácia está, a Cilícia será”, em alusão a situações semelhantes que já ocorriam em outras regiões do Império. Mas a preocupação maior de Tauro era que tais distúrbios viessem a reduzir o fluxo da arrecadação de taxas na região.

⁵⁴ ob hoc enim decanum quoque se direxisse dixit ut reconciliationes inter utrumque futurae ministrum. erat uero totum scaenica simulatio ad praestandum Iohanni pro auri acceptione composita. sicut enim nuntiauit nobis qui hic uenit ammirandissimus iudex, qui et praesens tunc Constantinopolim fuit et unumquodque eorum quae gesta sunt, nouit, quippe cuius erat causa, sacra quidem contra nos data est plena; sed per omnia magnificentissimus Taurus praefectus hoc cognoscens et sicut re uera diuino aliquo impetu motus, illam quidem publicari non siuit, intrans uero ad principem, futuras ex hoc euersiones obtestatus est urbium et aperte dixit quod qualis est Thracia, talis et Cilicia erit, quae paene sola remansit ad tributa soluenda, si hoc impleri permiserit, et sic uacare sacram modis omnibus fecit (tradução nossa e de Beatriz Ribeiro Gratti).

Elton (2009, p. 140-142) vislumbra duas possíveis razões para a oposição de Tauro a emissão do decreto imperial: a convicção religiosa do funcionário alinhado ao clero nestoriano ou simplesmente uma preocupação administrativa relacionada à coleta de impostos, uma vez que tal tarefa estava afeita a seu cargo na administração imperial. Inclina-mos-nos a considerar a atitude do funcionário a partir da perspectiva de que se tratava tanto de razões administrativas quanto religiosas. Conforme dados prosopográficos, Tauro pertencia a uma família em que por gerações seus membros ocuparam o posto de Prefeito Pretoriano. Seu avô Flávio Tauro 3 (*PLRE* 1, p. 879-880) já havia ocupado a função na Itália e na África, o pai Aureliano (*PLRE* 1, p. 128-129) e o tio Eutiquiano (*PLRE* 1, p. 319-321) exerceram a mesma atividade no Oriente, cargo este que permaneceu entre os membros do clã até o século VI d.C. O nome do funcionário, assim como o do seu avô, Tauro, pode sugerir que o local de origem da família era a região da Cilícia ou Isauria ou que ela prestava homenagem àquela região onde se encontram geograficamente situados os montes Tauro e a cidade portuária de Seleucia (JONES, 1937; APÊNDICE L – Mapa 1). Conforme discutimos no capítulo anterior, até mesmo acidentes geográficos poderiam entrar na composição dos nomes de membros das elites na Antiguidade Tardia. Ou seja, a oposição do Prefeito Tauro à ingerência do imperador em região específica onde ocorria um conflito de bispos, em que interesses econômicos estavam envolvidos, nos indica a defesa de uma cultura política, por parte do funcionário, contrária à centralização de decisões locais desse tipo nas mãos da administração na distante capital imperial. Vale ressaltar, conforme se pode observar pela lista de votação dos bispos que depuseram Cirilo no Concílio paralelo de Éfeso, em 431, reunido por João de Antioquia, que metrópolitas e bispos da Cilícia e Isáuria se alinharam com os projetos político-religiosos nestorianos (APÊNDICE H; *ACO* I, 4, p. 37-38).

Com a celebração da *Fórmula da Reunião*, em 433, não havia mais expectativas de retorno de Nestório à chefia do episcopado de Constantinopla. Mesmo assim, o antigo bispo da capital imperial parece que ainda congregava articulações políticas em torno de si. Em decorrência disso, Teodósio II determinou o banimento de Nestório para um oásis em uma ilha do rio Nilo, no interior do Egito (*Ep. Cosmas*, 10 e 13), justamente em um local em que ele seria mantido em vigilância pelo seu oponente, em condições hostis e afastado dos seus aliados, sejam eles do clero ou funcionários da administração imperial.

No sentido de perceber o papel atuante de Teodósio II nesse processo de forçar o acordo que o condenava, Nestório deixou registrado que, embora tenha sido condenado, a confissão de fé dualista que ele defendia é que saíra vitoriosa por meio da *Fórmula da Reunião*:

O imperador era a mão que os conduzia pela força [...] Todos aqueles que nos compreendem entenderam – pois sofriam conosco da violência que era feita por ordem do imperador – que eles [imperador e cirilianos] me levaram a uma extremidade semelhante. [...] Depois de receber o que desejava ele [imperador] os reuniu [Cirilo e João de Antioquia] *para uma paz aparente e ele sabia que não aproveitava daquilo que tinha sido feito contra mim; mas a profissão de fé pela qual tinham me feito a guerra foi confirmada.* (Nestório, *Liber*, 452-453, destaque nosso).⁵⁵

E ainda:

[Cirilo] encheu navios de toda sorte de ornamentos e de presentes para o imperador, para a família imperial e para os cortesãos segundo a posição e segundo a dignidade, tanto quanto tinha. [...] Ele recebeu todas as honras, ao ponto de se assentar com o imperador no primeiro assento, eu quero dizer no assento do imperador, enquanto este [imperador] se assentava no segundo, e aquilo aconteceu no palácio, em carruagem e em público, a fim de que o trono do imperador fosse santificado por sua presença. (Nestório, *Liber*, 480).⁵⁶

3.6. O avanço das forças político-religiosas de inclinação nestoriana e o Sínodo de Constantinopla, em 448.

Reafirmamos a percepção de que abordagem adotada pelo poder imperial no gerenciamento da *Controvérsia Nestoriana* foi aquela de administrar o conflito através de concessões que eram feitas a ambas as facções. Isso porque, mesmo que se obtivesse um consenso em torno de alguma definição, como se tentou obter por meio da *Fórmula da Reunião*, as duas facções se encarregariam de renovar o conflito, pois este trazia no seu cerne elementos estruturais relacionados à partilha de poder na sociedade romana oriental. Corroborar essa percepção o fato de que, mesmo após o enquadramento de João de Antioquia, constrangido a aceitar os termos de excomunhão de Nestório por meio do compromisso de 433 e o banimento deste bispo, em 436, as forças político-religiosas que davam sustentação ao

⁵⁵ Nau, p. 290-191; Driver; Hodgson, p. 330.

⁵⁶ Nau, p. 306-307; Driver; Hodgson, p. 350.

projeto ancorado na cultura político-religiosa antioquena permaneceram ativas, embora os atores se renovassem.

Constata-se isso por meio da eclosão do episódio seguinte, relacionado ao confronto entre o arquiadrita Eutiques e o bispo Flaviano, sucessor do bispo Proclo na Sé episcopal de Constantinopla. Os documentos nos permitem novamente analisar a atuação imperial por intermédio da realização do chamado Sínodo Residente⁵⁷, que se reuniu na capital imperial, em novembro de 448. Foi debatido nessa reunião o aprofundamento da união das naturezas que Eutiques operava na doutrina ciriliana. O Sínodo fora presidido pelo então bispo de Constantinopla no momento, Flaviano, que se apresentava como defensor da *Fórmula da Reunião*, na qual se encontrava subjacente à noção de separação das naturezas, presente na doutrina nestoriana. No contexto em que agora se desdobrava essa nova fase do conflito, percebe-se que mesmo com o distanciamento de Nestório da arena central dos acontecimentos seus aliados ainda se encontravam mobilizados na defesa dos interesses político-religiosos que a sua doutrina representava.

No que se refere ao bispo Flaviano, Bevan e Patrick Gray (2008, p. 618) considera que:

Para os historiadores, Flaviano tornou-se um enigma; quase nada é conhecido do seu contexto ou sua posição doutrinal. [...] pode ter sido precisamente porque Flaviano era um descolorido apoiador do *status quo* que ele foi selecionado para suceder um bispo tão dinâmico quanto Proclo. Dele não seria esperado expressar qualquer nova opinião sobre questões cristológicas e sustentaria, obedientemente, a paz de 433.

A afirmação de que pouco se conhece sobre o contexto de Flaviano não nos permite afirmar que ele tenha sido confirmado bispo de Constantinopla por Teodósio II em função da sua inexpressividade política. Afirmações nesse sentido parecem se apegar aos relatos de Nestório que tentou vitimizar Flaviano em decorrência da agressividade com que ele foi tratado por Eutiques e seus aliados, mais adiante, por ocasião do concílio de Éfeso II, em 449:

Flaviano era um homem que se conduzia pela retidão e modéstia. Ele não tinha grande capacidade para falar em público e publicar seus discursos. Assim, aquele que acusava todos os bispos teve a audácia [...] eu quero dizer Eutiques. Como ele [Eutiques] não era bispo, ele se dava esse papel graças ao poder imperial: aquele [papel] de bispo dos bispos. Era ele quem dirigia

⁵⁷ O bispo de Constantinopla possuía a prerrogativa de convocar os bispos de outras localidades que porventura se encontrassem na capital imperial para aconselhá-lo em matérias regulares ou na tomada de decisões mais importantes. Essa reunião era conhecida como “Sínodo Residente” (σύνοδος ἐνδημοῦσα) (HALL, 2008, p. 738).

os negócios da Igreja e se servia de Flaviano como de um servidor para todas as ordens que eram dadas a Constantinopla, e aquele [Flaviano] por causa da sua grande humildade não sabia o que se preparava. (Nestório, *Liber*, 459-460).⁵⁸

Acreditamos que nenhum indivíduo lograria ocupar o importante e prestigioso cargo político-religioso de bispo da capital imperial se não estivesse ancorado em apoio político que sustentasse a sua indicação. A despeito de ser prerrogativa do imperador a confirmação da nomeação, havia a necessidade de que ela fosse negociada e isso explica as elevações ao episcopado tanto de Nestório antes quanto de Flaviano agora, pois entendemos que, apesar de defenderem uma teologia contrária aos interesses de Teodósio II, esses dois bispos possuíam apoio político dentre parcela significativa da aristocracia de funcionários imperiais, a quem o imperador não poderia desprezar em proveito do equilíbrio de forças que o sustentava.

Se os dados prosopográficos de Flaviano são escassos antes da sua ascensão ao episcopado, no sentido de indicar seu pertencimento político-religioso ao núcleo que desde o início do conflito se alinhara a Nestório, contudo sua atuação contra o arquiemandrita Eutiques nos mostra que ele foi um convicto defensor da separação das naturezas. Mas, uma questão que se torna também intrincada de ser entendida nesse momento foram os motivos que levaram o atual bispo de Roma, Leão, a se aliar à fórmula doutrinal de origem nestoriana, contida na *Fórmula da Reunião*, sendo que seus antecessores, Celestino e Sisto compactuaram com Cirilo na condenação do diofismo nestoriano (Nestório, *Liber*, 474-475)⁵⁹.

Entretanto, ao se atentar para o contexto político administrativo tanto imperial quanto eclesiástico, percebe-se que naquele período inicial do conflito o alinhamento entre Cirilo e Celestino e, posteriormente, Sisto tenha sido estimulado pela interferência de Nestório em Sés episcopais sob a influência de Roma, sobretudo naquelas localizadas na Prefeitura Pretoriana do Ilírico. Pode-se conjecturar com isso que na primeira metade do seu governo Teodósio II possa não ter tido o apoio político suficiente das elites para manter a hierarquia eclesiástica da região sob o abrigo do bispo de Constantinopla, uma vez que ele havia aceitado, em negociação com o seu tio Honório, em 421, que o bispo de Roma mantivesse a prerrogativa de confirmar a ordenação de metrópolitas na região governanda administrativamente pelo Império oriental, algo enfaticamente reivindicado pelo bispo de Constantinopla (PIETRI, 1984, p. 27).

⁵⁸ Nau, p. 294; Driver; Hodgson, p.294-295.

⁵⁹ Nau, p. 302-304; Driver; Hodgson, p. 345-347.

Como a divisão do Império era recente devia haver ainda fortes interesses das aristocracias ocidentais em manter influência naquela região limítrofe entre os dois Impérios.⁶⁰ Nesse sentido, devemos entender que essa questão não se tratava apenas de algo afeito à administração na esfera da hierarquia eclesiástica. Mas, se naquele primeiro momento do governo, que comportou um longo período de minoridade, Teodósio II se viu politicamente impossibilitado de unificar a questão eclesiástica dentro de uma região que administrativamente já fazia parte do seu Império, nessa segunda metade da sua administração o capital político acumulado ao longo de quase quatro décadas frente à chefia do poder imperial do Oriente talvez já o fizesse sentir credenciado a agir no sentido de impor seus interesses e daqueles que o sustentavam. Entretanto, mais uma vez, negociações nessa linha de atuação necessitavam contemplar o apoio dos funcionários e bispos que se alinhavam na facção nestoriana.

Devido às diversas intervenções que o governo de Teodósio II teve que empreender na defesa e socorro do Império do Ocidente, governado pela mesma dinastia, mas já em início de desagregação político-administrativa, acreditamos, assim como Traina (2009, p. 41) e Chew (2006), que Teodósio II ensaiava os contornos de uma nova reunificação dos Impérios do Oriente e do Ocidente sob a sua liderança, situação essa que desagradaria as elites ocidentais, que expressaram seu descontentamento através do apoio do bispo Leão de Roma ao bispo Flaviano de Constantinopla, situação totalmente oposta àquela verificada no tempo de Celestino e Nestório, ocorrida em contexto distinto. Uma carta de Gala Placídia, tia de Teodósio II e mãe de Valentiniano III (APÊNDICE O) à Pulquéria, irmã do imperador, traduzida e reproduzida por Millar (2006, p. 38), demonstrava essa preocupação com o avanço da influência de Constantinopla sobre os negócios de Roma, após a realização do Concílio de Éfeso II que veio a depor o bispo Flaviano e consagrar a doutrina da união das naturezas de Cirilo, agora aprofundada e propagada por Eutiques:

Então é apropriado, mais santa e venerável filha Augusta, que a piedade deva prevalecer. Portanto, pode sua clemência, em acordo com a fé católica, uma vez mais, como sempre tem sido conosco, agora do mesmo modo compartilhar nossos objetivos⁶¹, de modo que tudo que foi feito nesse

⁶⁰ Os interesses político-administrativos das aristocracias ocidentais ainda deviam ser bastantes presentes na Prefeitura Pretoriana do Ilírico. Conforme Bavant (2012, p. 308), no quarto século, o termo Ilírico designava o conjunto das três Dioceses civis da Macedônia, Dácia e Panônia, que faziam parte, desde 337, da Prefeitura do Ilírico, Itália e África. O nascimento do Ilírico protobizantino foi resultado de um duplo movimento, que constituiu primeiramente uma Prefeitura Pretoriana do Ilírico à parte e, posteriormente, a anexação da Panônia à Prefeitura da Itália, ficando as Dioceses da Dácia e da Macedônia ligadas à *pars Orientis*.

⁶¹ Pulquéria foi afastada da Corte por Teodósio II e apoiava o bispo Flaviano.

desordenado e miserável Concílio [de Éfeso, em 449] deve de todo modo ser destruído e com todas as questões permanecendo em suspense, que o caso da Sé episcopal [de Constantinopla] deva ser encaminhado à Sé apostólica, na qual o abençoado Pedro, o primeiro dos apóstolos, que também tinha as chaves do reino dos céus, foi o primeiro bispo. Pois, nós devemos em todas as coisas conceder primazia para aquela imortal comunidade que preenche o mundo todo com a dominação da sua própria *virtus*, e garante o globo ser governado e preservado pelo nosso Império (ACO II, 3, 1, p. 13, tradução de Fergus Millar).

Conforme indicamos no Quadro 8, do capítulo anterior, o interesse militar de Teodósio II na manutenção da integridade territorial e da dinastia teodosiana no Império do Ocidente é atestado pelo envio de tropas contra as incursões dos povos germânicos e tentativas de usurpações naquele império homólogo. Também uma iniciativa que indicava as pretensões de retorno na união político-administrativa entre Oriente e Ocidente é percebida pela conclusão, em 438, do projeto de sistematização do *corpus* de leis que serviria ao ordenamento jurídico de ambas as porções. O princípio de senioridade sobre seu colega ocidental, Valentiniano III, expresso na emissão das leis e a utilização da língua latina na esfera administrativa do Império do Oriente (MILLAR, 2006, p. 1-38), inclusive na redação das leis presentes no Código, indicam, em nossa perspectiva, as intenções de Teodósio II de passar uma percepção de unidade que poderia vir a resultar na concretização de uma unidade de fato.

Todos esses sinais emitidos e ações empreendidas por Teodósio II nas áreas militar, administrativa, eclesiástica e legislativa nos levam a crer que as elites ocidentais não estavam dispostas a aceitar um projeto de unidade que retirasse autonomia de uma região que já iniciava seu processo de fragmentação político-administrativa que daria origem a diversos reinos autônomos no período medieval. Nesse sentido é que entendemos a mudança da estratégia dos bispos de Roma em apoiarem projetos político-religiosos diferentes em momentos distintos. Portanto, assim é que consideramos como plausível a possibilidade de que o senado da cidade de Roma tenha oferecido ao general oriental Ardabur Aspar (PLRE 2, p. 164-169), um não cristão originário de Antioquia e que identificamos ter sido apoiador de Nestório, o posto de imperador do Ocidente, conforme indicamos através de dados prosopográficos no capítulo anterior.⁶²

⁶² Embora as circunstâncias e a data da oferta não sejam esclarecidas (PLRE 2, p. 168), a menção da existência de um potencial acordo dessa natureza nos indica a existência do elo de interesses entre as elites ocidentais e os funcionários de inclinação nestoriana no Oriente para fazerem frente à política centralizadora de Teodósio II.

A condenação de Eutiques no Sínodo de 448, que advogava um projeto cristológico de aprofundamento da noção de união das naturezas, contra o qual se colocavam agora, lado a lado, inimigos de outrora, como o bispo de Roma e os apoiadores da doutrina de Nestório, teve início através das denúncias levadas adiante pelo agora bispo Eusébio de Dorileia (APÊNDICE J)⁶³. Eusébio foi o mesmo indivíduo que, no início da controvérsia, paradoxalmente, havia denunciado Nestório (RUSSELL, 2000, p. 34-35). Esses eventos que permearam a realização do Sínodo de Constantinopla, de 448, só podem ser entendidos à luz do contexto em que percebemos o acirramento do jogo de forças entre o imperador e a aristocracia de altos funcionários que defendiam a doutrina de Nestório, por se tratar da ideologia que melhor promovesse a partilha de poder.

Teodósio II e seus estrategistas alimentaram, nesse momento, um processo que culminaria na realização do Concílio de Éfeso II, no ano seguinte, no qual iriam apoiar a fórmula doutrinal ciriliana conservadora apresentada, nesse momento, por Eutiques. Essa doutrina viria, no ano seguinte, como abordaremos no item seguinte, a ser imposta pela força e não mais negociada com os segmentos que apoiavam Nestório, seja no clero ou na administração imperial. Nesse sentido, algumas indicações contextuais traduzidas por uma sucessão de acontecimentos desfavoráveis ao imperador e sua família vinham se desenrolando desde o exílio de Nestório, em 436. Acreditamos que tais reveses foram primordiais para o abandono da estratégia negocial até então adotada pelo imperador ao longo de todo o conflito.

A ascensão da influência persa sobre o antigo reino da Armênia no início do episcopado de Nestório parece que ainda produzia seus efeitos. Essa persistência pode ser verificada pelo surgimento da obra *Tomo aos Armênios*, escrita pelo bispo Proclo de Constantinopla, sucessor de Maximiano, em 436, no mesmo ano de exílio de Nestório. Essa obra trata-se de uma carta endereçada ao bispo armênio Sahak (Isac). Por meio dela, Proclo deu apoio ao clero de orientação ciriliana naquela região, dentre os quais Sahak, que fazia oposição ao clero nestoriano que se associara à aristocracia local e às forças persas. A carta de Proclo respondia a questionamentos de Sahak e aliados a respeito da possibilidade da

⁶³ Eusébio atuou, em ambas as circunstâncias, em consonância com os propósitos de Teodósio II de condenar Nestório e Flaviano, respectivamente. Entretanto, não podemos afirmar que tenha agido de forma deliberada. Quando iniciou a denúncia contra Nestório, ele era um funcionário de segundo escalão na administração imperial (*agens in rebus*). No *Livro de Heraclides*, Nestório o descreve como sendo natural de Alexandria (Nestório, *Liber*, 462). Logo após a condenação e deposição do bispo da capital imperial, em 431, Eusébio foi nomeado bispo da cidade de Dorileia, na Província da Frígia *Salutaris*. Por ter iniciado a denúncia contra Flaviano, em 448, ele seria, mais tarde, condenado pelo Concílio de Éfeso II, em 449. Eusébio foi preso, juntamente com o bispo Flaviano, naquela ocasião. Mas, enquanto Flaviano morreu a caminho do exílio, em virtude dos maus tratos, Eusébio conseguiu fugir para Roma e foi recebido em comunhão pelo bispo Leão (*PLRE* 2, p. 430-431).

condenação das obras do bispo Teodoro de Mopsuéstia, precursor das ideias de Nestório (WICKHAM, 1983, p. 27).

Segundo nos indica Constatas (2003, p. 104), Proclo iniciou o tomo endereçando-o “aos bispos presbíteros e arquiemandritas da Santa Igreja Ortodoxa através de toda a Armênia”, informação relevante, pois nos indica que Proclo estava se dirigindo a toda a região que compreendia a Armênia histórica, ou grande Armênia, na qual se inseriam as províncias da Armênia I e II situadas na Diocese da Pôntica do Império Romano do Oriente (APÊNDICE L – Mapa 1). O bispo Acácio de Melitene, metrópita da província da Armênia II e Rábula de Edessa, metrópita da província de Osroena, que fazia limites com a agora Armênia persa, ainda questionavam nesse momento os termos da *Fórmula da Reunião*, de 433, na qual Cirilo aceitara a doutrina das duas naturezas originada nas ideias de Teodoro inseridas na doutrina de Nestório, conforme indicado na carta de Cirilo ao bispo Rábula (Cirilo, *Ep.*, 74)⁶⁴. As preocupações tanto de Acácio de Melitene quanto de Rábula em questionar o novo posicionamento de Cirilo parecem estar relacionadas ao fortalecimento da facção nestoriana naquela estratégica região de fronteira. Após a morte de Rábula, por exemplo, o episcopado de Edessa seria ocupado por Ibas, que se destacaria, juntamente com o bispo Teodoreto de Ciro, como ardoroso defensor da reabilitação de Nestório (DAVIS, 1990, p. 164-167; CAMELOT, 2006, p. 84-85). Em vista daquele antigo precedente criado no reino da Armênia, devemos considerar que o fortalecimento dos nestorianos na fronteira armênia poderia ter sido percebido por Teodósio II como uma ameaça a integridade do Império a partir da investida dos persas, que ensaiavam um novo conflito armado, que ocorria no ano de 440.

Parece-nos, também, que a situação ia adquirindo uma crescente instabilidade para a posição imperial, que ficou desguarnecida com a morte de João de Antioquia, em 440, e Cirilo de Alexandria, em 444. Ambos os bispos eram as garantias de que seus respectivos aliados aceitassem os termos estabelecidos no acordo de 433, que Teodósio II os havia compelido a assinar. Além dessas mudanças desfavoráveis ao imperador, ocorridas na hierarquia eclesiástica, a situação tomava rumo semelhante em relação ao aparato administrativo e à família imperial. Conforme Bevan (2005, p. 509-516) e Martindale (1980, p. 130)⁶⁵ indicam, há evidências de que, em torno dos anos 438 e 439, morreu em idade bem jovem o herdeiro de Teodósio, seu filho Arcádio. A falta de um herdeiro que pudesse dar continuidade à dinastia teodosiana pode ter influenciado na mudança de direcionamento da

⁶⁴ Esta carta preservada em versão siríaca, não constando do tomo I dos *Acta Conciliorum Oecumenicorum* (McENERNEY, 1987b, p. 77, nota 1).

⁶⁵ *PLRE* 2, p. 130 – Arcadius 1.

condução do conflito. Na ausência de um sucessor que continuasse o princípio dinástico que se firmava desde Teodósio I (APÊNDICE O), é possível perceber a existência de planos para eliminar antecipadamente um imperador que não deixaria herdeiros e atrapalhava os planos das aristocracias orientais por maior participação na distribuição do poder. Por isso, é relatado que no final do seu governo Teodósio II temia que seus generais se aventurassem em tentativas de usurpações do poder imperial ou atentassem contra sua vida (Prisco, *Frag. hist.*, 15, 4 ; *PLRE* 2, p. 690 – *Lucius* 2). Portanto, esse seria mais um elemento a condicionar o posicionamento contrário do imperador em relação aos funcionários que davam apoio a Nestório.

Esse temor de Teodósio II pode ter contribuído para que o conflito bélico iniciado contra a Pérsia, em 440, fosse novamente motivo de rápida resolução pela via diplomática. A possibilidade de vitória de algum dos seus generais nesse conflito armado levaria ao aumento do prestígio deles em detrimento da posição do imperador. Ademais, o rei da Pérsia poderia estar agindo ao ser instigado por uma verdadeira diáspora de cidadãos romanos que fugiram para o Império vizinho após o banimento de Nestório (DRIVER; HODGSON, 2002, p. xxix) e a edição de lei contra seus seguidores (Nestório, *Liber*, 513-514).⁶⁶ Sobre esse conflito, os escritores romanos Teodoreto de Ciro (Séc. V d.C.), Isac de Antioquia (Séc. V d.C.) e o escritor armênio Elishe (Séc. VI d.C.) descreveram o contexto em que Teodósio II e sua equipe tiveram de agir. A estratégia imperial adotada parece ser a de esvaziar o conflito contra os persas por meio do pagamento em dinheiro e desviar o exército romano para longe daquela fronteira:

Quando eles [os persas] souberam que os romanos estavam muito ocupados, eles marcharam contra as cidades vizinhas, violando o tratado de paz. ***Ninguém veio ajudar aqueles sob ataque, pois o imperador, confiante na paz, havia enviado seus generais e soldados para outras guerras*** (Teodoreto de Ciro apud GREATREX; LIEU, 2002, p. 44, destaque nosso). ***Quando os persas saquearam nossas fronteiras, muitas pessoas de dentro da cidade de Nisibis se juntaram a eles***. Mas, depois de pouco tempo o exército que tinha vindo para a nossa fronteira foi perdido, [junto] com os que haviam se juntado a ele e, desse modo, seus registros foram destruídos. (Isac de Antioquia apud GREATREX; LIEU, 2002, p. 45, destaque nosso). E na sua excessiva loucura, como um animal selvagem feroz, ele [rei da Pérsia] atacou o país dos gregos; ele atingiu até a cidade de Nisibis e devastou por meio de assalto muitos distritos dos romanos e ateou fogo em todas as igrejas. [...] ***Então o abençoado imperador Teodósio, porque era amante da paz em Cristo, não desejava sair contra ele na batalha, mas enviou até ele [rei dos persas] um homem cujo nome era Anatólio, que era***

⁶⁶ Nau, p. 327; Driver; Hodgson, p. 374.

seu comandante do Oriente, com muitos tesouros. (Elishe apud GREATREX; LIEU, 2002, p. 45, destaque nosso).

No que se refere às “outras guerras” mencionadas pelo bispo Teodoreto, Lee (2013b, p. 103) percebe que, em relação aos enfrentamentos contra os vândalos e os hunos, na década de 440, Teodósio II deixava transparecer regozijos nas derrotas e ansiedades nas vitórias de seus generais, em virtude das ambições políticas deles.⁶⁷ O direcionamento das tropas para os conflitos da frente ocidental parece-nos que era feita de forma estratégica para desguarnecer a região da fronteira persa, na qual uma vitória de algum general, como o *magister* Anatólio citado por Elishe, comprometido na disputa teológica ao lado da facção nestoriana, poderia representar perigo para a unidade imperial naquela região. Esse perigo poderia se dar por um acordo entre as aristocracias romanas orientais e o rei persa nos moldes daquele efetuado pelos armênios, que coincidiu com o conflito ocorrido duas décadas antes. Parece que Teodósio II se antecipava no pagamento de pesados tributos aos persas para evitar tal associação. Some-se a esse possível cenário, a presença de grande contingente de cidadãos romanos apoiadores de Nestório que se exilaram na Pérsia (DRIJVERS, 2009, p. 445), sobretudo na antiga cidade romana de Nisibis, que desde meados do século IV d.C., após as negociações que finalizaram a derrota do imperador Juliano, fora transferida para o domínio dos persas, durante o governo do imperador Joviano (363-364) (Amiano, *Hist.*, 25.7; DARYAEE, 2011, p. 183).⁶⁸

Ainda no que se refere ao fortalecimento dos funcionários nestorianos nesse momento, no ano de 441, o patrício, ex-Cônsul, ex-Prefeito de Constantinopla e ex-Prefeito Pretoriano do Oriente, Flávio Tauro Seleuco Ciro (*PLRE* 2, p. 336-339) teria sido eleito bispo de Cotyaeum, na Província da Frígia Salutaris, após ter sido exonerado das suas atividades públicas, acusado de paganismo e de ter tido suas propriedades confiscadas por Teodósio II. O metrópita daquela Província, o bispo Severo de Sinada, apoiou Nestório por ocasião do Concílio de Éfeso I, e foi um dos bispos que protestou contra as intimidações impetradas por Cirilo e Menão, naquela ocasião, contra os bispos que contestaram a abertura do Concílio na

⁶⁷ Entendemos que os conflitos bélicos entre o Império Romano do Oriente e as tribos hunas e germânicas também condicionaram a atuação do poder imperial na *Controvérsia Nestoriana*. Contudo, a nossa análise se detém naqueles enfrentamentos ocorridos contra os persas em virtude da disponibilidade de informações da documentação utilizada na pesquisa.

⁶⁸ A presença de nestorianos na cidade de Nisibis nesse período é também indicada por Wace e Piercy (1999, p. 170-171) por meio dos dados prosopográficos do bispo metrópita nestoriano Barsuma (435-489), que após ser expulso da cidade de Edessa pelo bispo Rábula, iniciou a propagação do nestorianismo na Ásia oriental. Greatrex (2014, p. 165-166) também registra o fechamento da Escola de Edessa, em 489, que difundia os ensinamentos nestorianos, e a sua transferência para a cidade de Nísibis.

ausência da delegação dos bispos orientais (*ACO I*, 4, p. 28-30; PRICE, 2012, p. 401). Ainda sobre Ciro, Prisco de Pânio (*Frag. hist.*, 3A) descreve que, devido a popularidade do Prefeito, “a multidão no Hipódromo gritou o dia inteiro para ele: ‘Constantino fundou a cidade, Ciro restaurou-a’”. Wessel (2001, p. 306-307) reproduz o argumento de Prisco de que Teodósio II agiu contra seu ex-funcionário por inveja, pois o imperador é quem desejava passar a imagem de herdeiro de Constantino como um grande defensor da doutrina de Niceia. Portanto, Wessel analisa a questão apenas por um dos ângulos da qual ela era composta, a disputa religiosa, não se adentrando para os aspectos político-administrativos que o conflito encerra quando se insere os funcionários imperiais como atores dessa trama.

Concomitante a essas questões militares, a Corte imperial foi tomada de grande agitação pela notícia de que a imperatriz Eudócia havia cometido adultério justamente com um amigo de infância de Teodósio II, o *ex-Magister officiorum* Paulino (Nestório, *Liber*, 520).⁶⁹ Tais acusações nos parecem emergir com o propósito de desestabilizar a posição imperial, pois reforçavam um cenário que já era conturbado pelas disputas teológicas e militares. Conforme constata Wendy Mayer (2006, p. 205-213), ao analisar as acusações que anteriormente haviam sido feitas contra a imperatriz Eudóxia, mãe de Teodósio II, constata que ataques dessa natureza visavam minar a reputação de um membro feminino da família imperial por parte das facções hostis a ele na Corte imperial. Eudócia, a esposa de Teodósio II, era até então, como indicamos anteriormente, retratada por autores contemporâneos como Sócrates (*Hist. eccl.*, 47), por exemplo, como portadora de altas qualidades como a piedade, a humildade e a filantropia, sendo, por isso, honrada com o título de *Augusta*, ou seja, igual ao seu marido no que se refere aos predicados necessários para sustentação do arcabouço ideológico da realeza sagrada. Assim como Pulquéria, portanto, Eudócia era uma das peças chave que contribuía para que o regime fosse justificado pela aura de piedade que tanto era requisitada pela ideologia político-religiosa que legitimava a dinastia teodosiana.

Desse modo, em nosso entendimento, atacar a imperatriz era, ao mesmo tempo, uma tentativa de minar o poder político de Teodósio II e da dinastia a qual pertencia. Essa tentativa de desestabilizar o regime por parte dos adversários do imperador é mais bem entendida por meio da atitude tomada por Teodósio II para o caso. Ao passo que o funcionário imperial Paulino fora sentenciado à morte, a imperatriz Eudócia se retirou em peregrinação para a Palestina, se estabelecendo naquela região até sua morte em 460, ficando reconhecida por ter

⁶⁹ Nau, p. 331; Driver; Hodgson, p. 378-379.

sustentado a doutrina estabelecida em Éfeso II, mesmo após a morte do imperador (Evágrio, *Hist. eccl.*, I, 20; SOWERS, 2008, p. 25-26).

A quantidade de ações que indicam um avanço das forças nestorianas foi ainda acrescida pela publicação, em 447, do tratado *Eranistes*, de autoria do bispo Teodoreto de Ciro. Teodoreto visava com essa obra criar polêmica ao escrever o tratado na forma de diálogo no qual ironizava a doutrina da “uma natureza encarnada” de Cirilo de Alexandria (SCHOR, 2011, p. 120-124). Além disso, à revelia do imperador (*ACO* I, 1, 4, p. 66-67), o antigo aliado de Nestório, o *comes* Irineu, que havia sido exilado juntamente com aquele bispo, retornou, nesse momento, do seu exílio e foi consagrado bispo da metrópole de Tiro, na província da Fenícia I, reduto nestoriano.

Também na mesma década de 440, Harries (2013, p. 78) observa que duas significativas inovações no que se refere ao poder dos altos funcionários que serviam no Consistório e no Senado de Constantinopla. A primeira se refere à delegação em que Teodósio II cedia ao Questor e ao Prefeito Pretoriano do Oriente a condição de juízes supremos de apelações em processos judiciais, instância, até então, ocupada apenas pelo imperador. A segunda inovação se referia às leis que eram produzidas no Consistório e que, doravante, deveriam ser apreciadas pelo Senado antes de receberem a chancela imperial. Tais situações, tivessem sido elas negociadas de comum acordo com o imperador ou impostas por pressão dos funcionários e das aristocracias que buscavam maior participação na administração imperial, indicam que o imperador estava sendo compelido a ceder poder para as aristocracias de funcionários e senadores, que anteriormente haviam ocupado cargos na administração imperial.

A convergência de todas essas circunstâncias políticas, religiosas, administrativas e militares que pressionavam o imperador na década de 440 nos leva a crer que a reação de Teodósio II se inicia justamente com a convocação de Flaviano, em 446, para ocupar o episcopado da capital imperial, por ocasião da morte do bispo Proclo, e a subsequente realização do Sínodo de Constantinopla, em 448. A tática usada por Teodósio II ao convocar Flaviano guardava semelhanças com aquela utilizada por ocasião da nomeação de Nestório. Necessitava-se primeiramente de acomodar adversários para, em seguida, preparar as condições para que o próprio inimigo se enveredasse em tramas políticas que culminariam na sua destruição política. Na mesma linha, ainda, o imperador fez uso do concurso dos aliados de outrora: os monges de Constantinopla e os eunucos da Corte imperial. Segundo Nestório nos indicou, o próprio monge Eutiques que fora acusado no Sínodo de violar a *Fórmula da Reunião*, que até esse momento era considerada o paradigma da ortodoxia, incentivou o seu

acusador, o bispo Eusébio de Dorileia, a prosseguir na sua denúncia ao aconselhá-lo nos seguintes termos:

Deus te enviou [Eusébio] para isso. *Não que lhe falte alguma coisa, pois o imperador a tudo previu e preparou, mas para que tu te regozijas na tua aflição, se isso acontecer novamente por teu intermédio*; por exemplo, se tu fores encontrar o imperador culpando aqueles que têm desejo de admitir duas naturezas, tu dirás para não deixar sem efeito as coisas que ocorreram no Concílio do teu tempo [Éfeso I] (Nestório, *Liber*, 462-463, destaque nosso).⁷⁰

Entretanto, confiante de que estaria satisfazendo o desejo do imperador ao denunciar a doutrina de Eutiques, Eusébio, contrariamente, ao iniciar o processo que redundaria na condenação de Eutiques desencadeou a oportunidade e deu argumentos para Teodósio II convocar o segundo Concílio de Éfeso no ano seguinte. Segundo Nestório:

[Eusébio] acusou esse sujeito [Eutiques] perante Flaviano no Sínodo que estava reunido com ele em Constantinopla. [Eutiques] permaneceu nos seus erros e continuou a mostrar sua impiedade, confessando que o corpo do Cristo não era consubstancial conosco, como para alcançar não a duas naturezas, mas a uma natureza. Esse caso perturbou o imperador, e ele [o imperador] buscou para que esse [Eutiques] não fosse deposto. Ele [imperador] não escutou e preparou tudo para a deposição de Flaviano e o restabelecimento de Eutiques. (Nestório, *Liber*, 466).⁷¹

A interpretação historiográfica que nos parece mais analítica e recente acerca dos acontecimentos que envolveram a participação do imperador nesse Sínodo, realizado em Constantinopla, em 448, é fornecida por Bevan e Gray (2008, p. 617-657). Entretanto, esses autores restringem a atuação do imperador e dos funcionários à resolução de um conflito na esfera religiosa, sem adentrar para as questões político-administrativas adjacentes, nem mesmo se atentam para nenhum dos acontecimentos relacionados ao contexto político, administrativo e militar que explanamos anteriormante. Em resumo, a tese de Bevan e Grey

⁷⁰ Nau, p. 296; Driver; Hodgson, p. 338.

⁷¹ Nau, p. 298; Driver; Hodgson, p. 340.

sustenta que era objetivo do imperador Teodósio II assegurar a paz na Igreja⁷² e, para isso, em meados de 448, ele dispunha de algumas trilhas a percorrer: 1) convocar outro Concílio para obter outra fórmula doutrinal sem a presença de postulados nestorianos e que fosse aceitável por ambas as facções; 2) revogar a *Fórmula da Reunião* e impor uma ortodoxia puramente ciriliana; e, 3) defender a *Fórmula da Reunião*, a despeito dos seus garantidores, Cirilo e João de Antioquia já estarem mortos. O principal argumento para sustentar essas percepções é o de que o funcionário imperial Flávio Florêncio (*PLRE* 2, p. 478-480; APÊNDICE K), que Teodósio II permitiu participar do Sínodo, sem direito a voto, mas com direito a participar dos debates (diferentemente do que ocorrera em Éfeso I com o *comes* Candidiano), era um aliado do imperador, pois, de acordo com o único argumento daqueles autores para sustentar essa afirmação, seria algo impensável que um funcionário graduado da administração imperial agisse contra as ordens do imperador (BEVAN; GREY, 2008, p. 652).

Ao discordarmos dessa percepção, pois entendemos que a intervenção do imperador se deu no sentido proposital de que Eutiques, embora seu aliado, viesse a ser condenado no Sínodo presidido por Flaviano. Essa condenação reavivaria o conflito, possibilitando, assim, que Teodósio II convocasse outro Concílio para se realizar em Éfeso no ano seguinte, em 449, conforme já reafirmamos. Como iremos demonstrar no item seguinte que analisará esse segundo Concílio, o imperador optou por radicalizar na questão doutrinal, apoiando a união das naturezas de Cirilo agora aprofundada por Eutiques, em vista do cenário adverso relativo ao avanço dos nestorianos contra ele e sua família, conforme mencionamos anteriormente. Embora não seja mencionado nem nas cartas analisadas nem no *Livro de Heraclides*⁷³, o funcionário ao qual são atribuídas todas as manobras referentes a implementação dessa estratégia do poder imperial era o eunuco Crisáfio (APÊNDICE K). Crisáfio foi um articulador político que atuou conjuntamente com o imperador e que era proveniente justamente dos quadros de funcionários *cubicularii*, que percebemos que desde o primeiro Concílio de Éfeso, em 431, articulavam com Teodósio II as estratégias para o conflito. Embora silencioso em nossa documentação, Crisáfio é citado em outros documentos como tendo se aliado ao monge Eutiques para arquitetar as estratégias imperiais. Isso é indicado nos

⁷² Como estamos indicando no decorrer de toda argumentação da nossa pesquisa, acreditamos não haver a possibilidade de Teodósio II ter tido por objetivo principal tentar a paz na Igreja. Mesmo se essa viesse a ser a sua intenção, ele nunca conseguiria tal intento, em virtude da disputa abarcar outros componentes além da questão teológica. Entendemos que negociar o conflito aproveitando-se da diversidade dos atores envolvidos é que possibilitava o controle das forças político-religiosas em confronto. Nossa percepção é a de que essa política ele empreendia com o auxílio, principalmente, dos funcionários *cubicularii* (eunucos), de Cirilo, quando ainda vivo, e da sua facção e do segmento monástico.

⁷³ Contudo, conforme já citamos anteriormente, Nestório indica no *Livro de Heraclides* 375 (Nau, p. 241; Driver; Hodgson, p. 272) que os eunucos estavam na retaguarda das ações do imperador.

relatos não contemporâneos ao conflito como os de Evágrio Escolástico (*Hist. eccl.*, I, 10; II, 39) e João Malalas (*Chron.*, XIV, 19). Após a morte de Teodósio II, em 450, Crisáfio foi sumariamente executado a mando da facção agora instalada no poder, liderada pelo novo imperador Marciano e sua esposa Pulquéria⁷⁴, que defendiam a cristologia diofisista presente na *Fórmula da Reunião* e que convocariam o Concílio de Calcedônia para legitimar essa doutrina (TOUGHER, 2008, p. 140).

Portanto, para entendermos a estratégia imperial, que foi traçada em conjunto pelo imperador e seus aliados, sobretudo os *cubicularii* representados pelo eunuco Crisáfio, para esse Sínodo de 448, devemos, também, entender, de quem se tratava o funcionário Flávio Florêncio, autorizado pelo imperador a participar da reunião e, por isso, Bevan e Grey entendem ser aliado de Teodósio II. Florêncio havia sido um ex-Prefeito Pretoriano e também ocupou a prestigiosa posição de Cônsul. No momento em que lhe foi autorizado participar do Sínodo, exercia o patriciado. Ele era natural da Síria, mesma região de Nestório e em torno da qual se concentrava as forças políticas nestorianas (APÊNDICE M – Mapa 2). Correspondia-se com o bispo Teodoreto de Ciro e nas cartas que esse bispo endereçava a Florêncio os assuntos iam desde agradecimentos pela intercessão contra a reclusão que havia sido imposta àquele bispo pelo imperador até pedir apoio para nomeação de aliados para o episcopado da sua região. Tudo indica, ainda, que Florêncio tenha sido um próximo apoiador de Nestório, quando este ocupava o episcopado, uma vez que é registrado que ele tenha tido a mesma disposição moralizante do bispo, pois patrocinou, com o próprio dinheiro, o fechamento de bordeis em Constantinopla (*PLRE* 2, p. 478-480). Portanto, em vista dessas evidências, somos mais inclinados à tese de Schwartz⁷⁵ (apud BEVAN; GREY, 2008, p. 651-652) (à qual os dois autores contestam por entenderem que Florêncio era um aliado do imperador na defesa da *Fórmula da Reunião*) de que o imperador e Crisáfio envolveram Florêncio no Sínodo de modo que um prestigiado funcionário nestoriano obtivesse sucesso na condenação de Eutiques. A partir dessa condenação, o imperador poderia alegar irregularidades no Sínodo, como mais tarde viria a fazer, ao acusar o bispo Flaviano de adulterar as atas da

⁷⁴ Apesar dos estudos de Holum (1982) e Chew (2006) sobre as atuações das mulheres imperiais no governo de Teodósio II, ainda há, em nossa perspectiva, a necessidade de ser mais bem detalhada a atuação de Pulquéria nos conflitos durante o governo do seu irmão e na sua participação nos eventos que culminaram no seu casamento com o funcionário Marciano e sucessão após a morte de Teodósio II. Ela, assim como o imperador, adotou atitudes ambíguas em relação aos seus apoios, como, por exemplo, se alinhar a correntes doutrinárias distintas como, por exemplo, ora a Cirilo ora a Flaviano. No decorrer dessa pesquisa, não nos foi possível determinar se ela ambicionava projetos políticos próprios, como acredita Chew, ou se atuava como linha auxiliar do imperador na administração da controvérsia.

⁷⁵ A tese de Schwartz é apresentada em: SCHWARTZ, Eduard. *Der Prozess des Eutyches. Sitzungberichte der bayerischen Akademie der Wissenschaften, pilosophisch-historische Klasse Abt. 5*, 1929, p. 1-52 (BEVAN; GREY, 2008, p. 617, nota 1).

reunião para prejudicar Eutiques (Nestório, *Liber*, 470)⁷⁶. Assim, Teodósio II encontrou argumento para convocar um Concílio ecumênico e, dessa vez, não negociou, mas impôs sobre a facção nestoriana, composta por clérigos e funcionários imperiais, a doutrina da união das naturezas de Cirilo agora defendida e atualizada pelo monge Eutiques.

3.7. O Concílio de Éfeso II: conexões políticas, administrativas e religiosas no final do governo de Teodósio II (449-450).

Portanto, a somatória de acontecimentos verificados nas esferas política, administrativa, religiosa e militar, além daqueles relacionados à vida pessoal de Teodósio II, como a morte do seu filho Arcádio e o escândalo de uma possível infidelidade envolvendo a imperatriz Eudócia, nos indicam a emergência de ameaças à estabilidade da posição do imperador no regime imperial. Isso levou Teodósio II e seus auxiliares a corrigirem os rumos das ações que, até então, percebíamos se guiarem pela estratégia de negociar e abrir espaço de participação política as facções em confronto. Para isso, mais uma vez, Teodósio II se cercou daqueles mesmos segmentos do clero e da administração imperial que lhe apoiara desde o início. Os *cubicularii* agora estavam representados pelo eunuco Crisáfio, os monges por intermédio de Eutiques e de Barsuma e o episcopado de Alexandria, pela figura do sucessor de Cirilo, o bispo Dióscoro. Mas, ao contrário da fase inicial do conflito, o bispo de Roma, Leão, nesse momento, perfilava sua atuação em campo oposto, conforme já indicado.

As cartas do imperador que nos permitem analisar as estratégias imperiais empregadas nesse segundo Concílio apresentam diretrizes mais específicas em comparação com as instruções vagas que nortearam a convocação do Concílio de 431. E tais instruções não se restringiram apenas à *sacra* imperial dirigida aos bispos para dar início ao Concílio, mas, também, foram reforçadas por meio de cartas enviadas pelo imperador a Dióscoro, ao arquiandrita Barsuma, aos funcionários que representariam o poder imperial naquela

⁷⁶ Nau, p. 300-301; Driver; Hodgson, p. 342-342.

reunião e à autoridade local em Éfeso representada pelo procônsul da província da Ásia. Na primeira carta ao bispo Dióscoro, que já emanava orientações sobre como deveria ser composta a representatividade do Concílio, Teodósio II nos indicava suas intenções de atuar por meio de táticas políticas mais incisivas no sentido de obter resultados de seu interesse, abdicando, desse modo, dos esforços de negociação que até então havia caracterizado a sua administração:

Está claro para todos que a paz de nosso Estado e de todos os negócios humanos é mantida e afirmada pela piedade em relação à Divindade, e que se Deus é favorável, as coisas são de natureza a prosperar e a serem governadas de acordo com as nossas opiniões. Pois, tendo obtido o Império da Providência divina, necessariamente nós velamos com o maior cuidado pela piedade e pela boa conduta dos nossos súditos, de tal sorte que a verdadeira religião e nosso governo brilhem consolidados pelo puro culto a Deus e pela piedade. Pois, como agora uma disputa de repente surgiu relativa à observância do dogma católico e apostólico de nossa fé ortodoxa, disputa essa que, como é natural, tira de todos os lados opiniões diversas, problemas e perturba os sentidos e as almas dos homens. Estimando que não seja suportável negligenciar tal delito, pois negligenciando-o não pareça levar a um ultraje contra o próprio Deus, nós decidimos que se reúnam os bispos mais santos e caros a Deus, que tenham a melhor reputação no que se refere à piedade e à fé ortodoxa e verdadeira para que, a partir de pesquisa exata tendo sido feita, seja dissipada essa vã contestação e que seja confirmada a fé verdadeira e cara a Deus, isto é, a fé ortodoxa.

Por isso, Tua Santidade, tendo tomado com ela dez dos mais reverendos bispos dentre os metrópitas naturais de tua diocese e dez outros mais santos bispos ornados de ciência e de virtude, renomados perante todos pela retidão, conhecimento e ensinamento da fé inerente e verdadeira, se apressará de chegar sem atraso à metrópole da Ásia, Éfeso, nas próximas calendas de agosto [01/08/449]; ninguém deve se apresentar perante o mais santo Concílio além das pessoas acima mencionadas, de modo que os mais santos e caros a Deus bispos aos quais prescrevemos de se reunirem por nossa ordem imperial estando juntos na cidade acima mencionada e tendo instituído uma pesquisa muito exata – todo erro perverso seja policiado – e que seja confirmado e brilhe o dogma habitual da fé ortodoxa e verdadeira e muito cara ao nosso Salvador, o Cristo; dogma que todos no futuro conservarão inquebrantável e inabalável com o favor de Deus. Se alguém escolher negligenciar esse Concílio tão necessário e tão caro a Deus e não estiver na data e lugar acima fixados, não terá nenhuma desculpa perante a Divindade e perante a Nossa Piedade e mantendo em má consciência a convenção sacerdotal será ferido na sua alma. ***Nós decretamos que Teodoreto, o bispo da cidade de Ciro, a quem já ordenamos de se dedicar unicamente a sua igreja, não compareça a esse santo Concílio antes que todo o santo Concílio uma vez reunido decida que ele assista e seja participante. Se algum desacordo surgir sobre esse assunto, nós***

prescrevemos que o santo Concílio se reúna sem ele e siga as ordens recebidas. (ACO II, 1, p. 68-69, destaques nossos).⁷⁷

Apesar de interferir na composição dos membros do Concílio ao excluir dele a presença do bispo Teodoreto de Ciro, uma das principais lideranças que ao lado do bispo Flaviano defendia os postulados da doutrina nestoriana, incorporada na *Fórmula da Reunião*, o imperador buscou corrigir as distorções de representatividade que observamos no Concílio de Éfeso I ao definir a quantidade de metrópolitas e demais bispos de cada Diocese que deveriam participar (Quadro 11; APÊNDICE M – Mapa 2). Desse modo, a representação ficou distribuída conforme mostra abaixo:

⁷⁷ Ἄρασι δῆλον καθέστηκεν ὅτι περὶ ἢ τῆς ἡμετέρας πολιτείας κατάστασις καὶ πάντα τὰ ἀνθρώπινα τῆι περὶ τὸ θεῖον εὐσεβείαι συνέχεται τε καὶ κρατύνεται καὶ τοῦ κρείττονος εὐμενοῦς τυγχάνοντος δεξιῶς καὶ κατὰ γνώμην προβαίνειν πέφυκεν καὶ διοικεῖσθαι τὰ πράγματα. βασιλεύειν τοίνυν παρὰ τῆς θείας λαχόντες προνοίας, τῆς τῶν ὑπηκόων εὐσεβείας τε καὶ εὐπραγίας ἀναγκαίως πλείστην ὄσπιν φροντίδα ποιούμεθα, ὥστε καὶ τὴν ἀληθῆ θρησκείαν καὶ τὴν καθ' ἡμᾶς πολιτείαν τῆι περὶ τὸ κρείττον εὐκρινεῖ θεραπείαι τε καὶ εὐσεβείαι συγκροτουμένας ἐκλάμπειν. ἐπὶ τοῦ παρόντος τοίνυν ἀνακυψάσης ἐξαίφνης ἀμφιβολίας τινὸς εἰς τὴν τοῦ καθολικοῦ καὶ ἀποστολικοῦ δόγματος τῆς ἡμετέρας ὀρθοδόξου πίστεως παραφυλακῆν, ἥτις, ὡς εἰκός, διαφόροις ἐννοίαις ἀνθέλκουσα διαταράττει καὶ συγχεῖ τὰς τῶν ἀνθρώπων αἰσθήσεις τε καὶ ψυχάς, οὐκ ἀνεκτὸν νομίσαντες τὸ τοιοῦτον ἀπόπημα παριδεῖν, ὡς ἂν μὴ τοῦτο παροφθὲν εἰς ὕβριν αὐτοῦ τοῦ κρείττονος ἀνατρέχειν δόξειεν, ἐθεσπίσαμεν κατὰ ταυτὸν συνελθόντων ὀσιωτάτων καὶ θεοφιλεστάτων ἀνδρῶν, οἷς πλείστος εὐσεβείας τε καὶ τῆς ὀρθοδόξου καὶ ἀληθινῆς πίστεως λόγος καθέστηκεν, πᾶσαν μὲν τοιαύτην ἀκριβοῦς ζητήσεως προτεθείσης διαλυθῆναι ματαίαν ἀμφισβήτησιν, τὴν δὲ ἀληθινὴν καὶ τῶι θεῶι φίλην, τουτέστι τὴν ὀρθόδοξου κρατυνθῆναι πίστιν. καὶ ἡ σὴ τοιγαροῦν ὀσιότης προσλαβοῦσα σὺν ἑαυτῇ δέκα μὲν εὐλαβεστάτους ἐπισκόπους τῶν ὑπὸ τὴν αὐτὴν διοίκησιν μητροπολίτας, ἑτέρους δὲ δέκα ὀσιωτάτους ἐπισκόπους λόγῳ τε καὶ βίῳν κεκοσμημένους, ὀρθότητι καὶ τῆς ἀπλανοῦς καὶ ἀληθινῆς πίστεως εἰδήσει τε καὶ διδασκαλίαι παρὰ πᾶσιν ἐκλάμποντας, ταῖς πλησίον Καλάνδαις Αὐγούσταις τὴν Ἐφεσίων μητρόπολιν τῆς Ἀσίας καταλαβεῖν ἀνυπερθέτως σπουδάσει, μηδενὸς ἑτέρου δηλαδὴ παρὰ τοὺς προειρημένους τῆι ἀγιωτάτη συνόδῳ παρενοχλήσοντος, ὡς ἂν πάντων ὁμοῦ τῶν ὀσιωτάτων καὶ θεοφιλεστάτων ἐπισκόπων, οὓς συνελθεῖν διὰ θεῶν ἡμῶν συλλαβῶν ἐθεσπίσαμεν, κατὰ τὴν προγεγραμμένην συνδραμόντων πόλιν καὶ ἀκριβεστάτην προθέντων ἔρευνάν τε καὶ ζήτησιν πᾶσα μὲν ἐκποδῶν σκαῖα γένηται πλάνη, κρατυνθεῖν δὲ καὶ συνήθως ἐκλάμψοι τὸ τῆς ὀρθοδόξου καὶ ἀληθινῆς καὶ προσφιλεστάτης τῶι σωτήρι ἡμῶν Χριστῶι πίστεως δόγμα, ὅπερ ἅπαντες εἰς τὸν ἔπειτα χρόνον ἀρραγῆς καὶ ἀσάλευτον παραφυλάξουσιν εὐμενοῦς ὄντος τοῦ κρείττονος. εἰ δὲ τις τὴν οὕτως ἀναγκαίαν καὶ τῶι θεῶι φίλην παριδεῖν ἔλοιτο σύνοδον καὶ μὴ πάσῃ δυνάμει κατὰ τὸν προειρημένον καιρὸν τὸν ἀφορισθέντα καταλάβοι τόπον, οὐδεμίαν μὲν ἔξει πρὸς τὸ κρείττον ἢ πρὸς τὴν ἡμετέραν εὐσεβείαν ἀπολογίαν, ἱερατικὴν δὲ παραιτούμενος συλλογὴν οὐκ ἀγαθῶι συνειδότητι τὴν ψυχὴν ἀναγκαίως πληγήσεται. Θεοδώρητον μέντοι τὸν ἐπίσκοπον Κύρου τῆς πόλεως, ὃν ἤδη ἐκελεύσαμεν τῆι ἰδίαι αὐτοῦ μόνει ἐκκλησίαι σχολάζειν, θεοπίζομεν μὴ πρότερον ἔλθειν εἰς τὴν ἀγίαν σύνοδον, ἐὰν μὴ πάσῃ τῆι ἀγίαι συνόδῳ συνελθούσῃ δόξῃ καὶ αὐτὸν παραγενέσθαι καὶ κοινωνὸν γενέσθαι τῆς αὐτῆς ἀγίας συνόδου, εἰ δὲ περὶ αὐτοῦ διχονοία τις ἀνακύψοι, χωρὶς αὐτοῦ τὴν ἀγίαν σύνοδον συνελθεῖν καὶ τυπῶσαι τὰ κελευσθέντα προστάττομεν.

Quadro 13 – Representatividade dos bispos por dioceses no Concílio de Éfeso II (449).

Dácia	Macedônia	Trácia	Asiana	Pôntica	Oriens	Egito
01	20	04	34	11	41	24
Pró-Eutiques	Pró-Eutiques	Pró-Eutiques	Pró-Eutiques	Pró-Eutiques	Pró-Eutiques	Pró-Eutiques

Fonte: DESTEPHEN, 2008a, p. 110; ACO II, 1, p. 184-195; APÉNDICE N – Mapa 3.

É interessante notar no quadro acima que em decorrência desse arranjo do imperador, a Diocese do *Oriens*, que, como temos demonstrado desde o início do conflito, tratava-se de um reduto nestoriano, exceto em relação àqueles bispos que seguiam a liderança de Juvenal de Jerusalém, enviou o maior número de bispos (41). Apesar da cultura politico-religiosa predominante na Diocese do *Oriens* incorporar a doutrina nestoriana, todos os bispos daquela circunscrição votaram pela condenação de Flaviano e a favor da doutrina de Eutiques, que agora era defendida por Teodósio II. E, para reforçar ainda mais a determinação de favorecer essa disposição, o imperador autorizou, conforme a carta abaixo, o arquiandrita Barsuma, que fazia oposição aos nestorianos, a participar do Concílio e dando-lhe direito a voto, uma prerrogativa até então somente reservada aos bispos:

Não escapou à Nossa Piedade o combate a que se encontram os mais pios e mais santos arquiandritas que lutam no Oriente pela fé ortodoxa e que se desviam, com horror, de alguns bispos das cidades do Oriente que sofrem da impiedade de Nestório, enquanto *laicos ortodoxos* partilham dos combates desses mesmos mais piedosos arquiandritas. ***Pois, desde que Tua Santidade suportou tão grande fadiga pela fé ortodoxa e que isso veio ao conhecimento de Nossa Piedade***, nós estimamos ainda que Tua Santidade, que tem bom nome pela pureza de vida e fé ortodoxa, se desloque à cidade de Éfeso e, representando os mais piedosos arquiandritas no Oriente, ***se assente com o santo Concílio que recebeu ordem de se reunir lá e tome com os demais santos padres e bispos as decisões que agradem a Deus.*** (ACO II, 1, p. 71, destaques nossos).⁷⁸

⁷⁸ Οὐκ ἔλαθεν τὴν ἡμετέραν εὐσέβειαν ἐν οἷω καθεστήκασιν ἀγῶνι οἱ ἐν τοῖς μέρεσιν τῆς Ἐώιας θεοσεβέστατοι καὶ ἀγιώτατοι ἀρχιμανδρίται τῆς ὀρθοδόξου πίστεως ὑπερμαχοῦντες καὶ τινὰς τῶν ἐν ταῖς Ἀνατολικαῖς πόλεσιν ἐπισκόπους τὴν Νεστορίου δυσσέβειαν νοσοῦντας ἀποστρεφόμενοι, τῶν ὀρθοδόξων λαῶν συναγωνιζόμενων τοῖς αὐτοῖς θεοσεβεστάτοις ἀρχιμανδρίταις. ἐπειδὴ τοίνυν καὶ ἡ σὴ ἀγίωσῆν διὰ τὴν ὀρθόδοξον πίστιν τοσοῦτον ὑπομεμένηκεν κάματον καὶ πρὸς τὴν ἡμετέραν εὐσέβειαν παρεγένετο, δίκαιον εἶναι νομίζομεν τὴν σὴν ὀσιότητα ἐπὶ καθαρότητι βίου καὶ ὀρθοδόξῳ πίστει εὐδοκιμοῦσαν τὴν Ἐφεσίων καταλαβεῖν πόλιν καὶ τὸν τόπον ἐπέχουσιν πάντων τῶν ἐν τῇ Ἐώσια θεοσεβεστάτων ἀρχιμανδριτῶν συνεδρεῦσαι τῇ ἐκεῖσε τυπωθείσῃ συνελθεῖν ἀγία συνόδοι καὶ μετὰ τῶν ἄλλων ἀγίων πατέρων καὶ ἐπισκόπων τὰ τῷ θεῷ ἀπέσκοντα τυπῶσαι.

A carta do imperador acima transcrita nos indica o acirramento do confronto entre as facções, cuja documentação, agora, deixa transparecer de forma mais clara a atuação de indivíduos que não pertenciam à hierarquia eclesiástica através do uso da expressão “laicos ortodoxos”. Além da participação privilegiada, há registros de que Barsuma tenha levado consigo algo em torno de mil monges no sentido de coagir os participantes do Concílio a condenarem o bispo Flaviano e a absolverem o seu colega Eutiques (WACE; PIERCY, 1999, p. 170). Na sequência, em nova carta enviada ao bispo Dióscoro, Teodósio II, demonstrando sua preocupação em definir as regras do Concílio, confirmou suas intenções em relação a Barsuma:

Alcançou os ouvidos de Nossa Serenidade que muitos dos mais reverendos arquiemandritas orientais ao mesmo tempo em que laicos ortodoxos se fatigam e lutam pela fé ortodoxa nas várias cidades do Oriente contra alguns bispos que sofre da impiedade de Nestório. Por essa razão, aprouve a Nossa Divindade que o mais piedoso presbítero e arquiemandrita Barsuma, que tem bom renome pela pureza de sua vida e pela fé ortodoxa, vá à cidade de Éfeso e lá representando todos os mais piedosos arquiemandritas do Oriente assente com Tua Santidade e todos os santos padres reunidos lá e que assim sejam decididas todas as coisas que agradem a Deus. Aceite, portanto, Tua Piedade, considerando que toda nossa solicitação se relaciona a fé ortodoxa, ***acolher com favor o dito mais reverendo arquiemandrita e faça com que ele participe de vosso santo Concílio***. Dado nos idos de maio [15/05/449] em Teralos sob o consulado do glorioso Protógenes e do Cônsul a designar. Uma carta de mesmo conteúdo foi enviada a Juvenal, o mais reverendo bispo da igreja de Jerusalém. (ACO II, 1, p. 71, destaque nosso).⁷⁹

A disposição do poder imperial era assegurar uma agenda para o Concílio de modo que a doutrina da união das naturezas fosse agora estabelecida como ortodoxa, sem que houvesse nenhuma concessão aos nestorianos nos moldes das negociações que ocorreram por ocasião da *Fórmula da Reunião*, em 433. Essa determinação é reforçada pelas instruções que foram dadas aos funcionários imperiais Elpídio e Eulógio que representariam o imperador no Concílio:

⁷⁹ Ἦλθεν εἰς ἀκοὰς τῆς ἡμετέρας γαληνότητος ὅτι πολλοὶ τῶν εὐλαβεστάτων κατὰ τὴν Ἐώϊαν ἀρχιμανδριτῶν ἅμα τοῖς ὀρθοδόξοις λαοῖς πρὸς τινὰς λεγομένους νοσεῖν τὴν Νεστορίου δυσσεβείαν ἐπισκόπους ἐν τισιν τῶν Ἀνατολικῶν πόλεων δυσχεραίνουσι τε καὶ ἀγωνίζονται ὑπὲρ τῆς ὀρθοδόξου πίστεως. Τοῦτου τοίνυν ἕνεκα ἔδοξεν τῆι ἡμετέραι θειότητι τὸν θεοσεβέστατον πρεσβύτερον καὶ ἀρχιμανδρίτην Βαρσουμᾶν ἐπὶ καθαρότητι βίου καὶ ὀρθοδόξῳ πίστει εὐδοκιμοῦντα παραγενέσθαι εἰς τὴν Ἐφεσίων πόλιν καὶ τὸν τόπον ἐπέχοντα πάντων τῶν ἐν τῇ Ἀνατολῇ θεοσεβεστάτων ἀρχιμανδριτῶν συνεδρεῦσαι τῇ τε σῆι ὀσιότητι καὶ πᾶσι τοῖς ἐκεῖσε συνεργομένοις ἀγιωτάτοις πατράσιν οὕτω τε τὰ τῶι θεῶι ἀρέσκοντα περὶ πάντων τυπωθῆναι. καταξιώσάτω τοίνυν ἡ σὴ θεοσέβεια συνορῶσα ὡς πᾶσα ἡμῖν φροντίς περὶ τῆς ὀρθοδόξου πίστεως καθέστηκεν, εὐμενῶς τε τὸν προειρημένον εὐλαβέστατον ἀρχιμανδρίτην ὑποδέξασθαι καὶ παρασκευάσαι αὐτὸν τῆς ὑμετέρας ἀγίας συνόδου κοινωνῆσαι. Ἐδόθη Εἰδοῖς Μαΐαις ἐν Θηράλλωι ὑπατείας Πρωτογένους τοῦ λαμπροτάτου καὶ τοῦ δηλωθησομένου. Τῶι αὐτῶι τύτῳ Ἰουβενάλῳ τῶι εὐλαβεστάτῳ ἐπισκόπῳ ἐκκλησίας Ἱεροσολύμων.

No precedente santo Concílio de Éfeso a blasfêmia a respeito de Deus do ímpio Nestório foi acusada e por esse motivo ele recebeu a sentença apropriada da parte dos santos padres lá reunidos. Mas, desde que agora uma nova contenda surgiu contra a fé divina, nós decretamos que ocorra um segundo Concílio em Éfeso, com pressa que seja rapidamente subtraída a raiz do mal; para que seja expulso de todos os lugares o problema que afeta o dogma, nós guardamos o espírito puro na correção e na prece e que isso seja à segurança do Estado e dos bens humanos. Logo, por essa razão, nós escolhemos Tua Excelência e o honorável Eulógio, tribuno e notário do Pretório, para que sirvam à fé como que vocês cuidem de um modo geral para render um culto correto e puro à Divindade e que vocês possam executar diligentemente nossas ordens no tocante ao que for feito no santo Concílio e impedir que qualquer tumulto ocorra. ***Se vocês virem alguém se entregar ao problema e ao tumulto em prejuízo da santa fé, coloque-o sob chave e nos informem.*** Façam com que tudo se proceda em boa ordem, ***assistam ao julgamento e o façam de modo que o exame da maior parte do santo Concílio seja rápido e circunspecto*** e que nos seja dado conhecimento. ***Que aqueles que julgaram anteriormente o mais reverendo arquiandrita Eutiques assistam às sessões e se mantenham em paz, mas que não julguem no papel de juízes e que aguardem a sentença comum de todos os outros santos padres, desde que são seus próprios julgamentos que serão agora examinados.*** Enfim, que não se levante nenhum negócio relacionado a dinheiro antes que se tenham alcançado as questões relativas à fé. Por todas essas razões nós temos procurado uma assistência civil por meio de uma carta ao honorável proconsul e a assistência dos soldados que se encontram no local, de tal modo que, sem falar no seu próprio zelo, fortalecido por essas ajudas, vocês possam suficientemente colocar em prática as ordens recebidas, realizações que estão acima de todos os outros bens na medida em que as coisas divinas sobrepeçam às humanas, e de modo que vocês nos façam conhecer o que é feito nessa disputa. Um escrito sobre as mesmas coisas foi enviado ao honorável Eulógio, tribuno e notário (ACO II, 1, p. 72, destaques nossos).⁸⁰

⁸⁰ Τῆς μὲν ἤδη γενομένης πρότερον ἐν Ἐφέσῳ ἁγίας συνόδου ἡ Νεστορίου τοῦ δυσσεβοῦς πρὸς τὸν θεὸν βλασφημία γέγονεν αἰτία καὶ διὰ τοῦτο τὴν ἀξίαν παρὰ τῶν συνελθόντων ἐκεῖδε ἁγίων πατέρων ἐδέξατο ψῆφον, ἐπειδὴ δὲ καὶ νῦν ἕτερα πάλιν ἀμφισβήτησις κατὰ τῆς θείας ἐγγίγεται πίστεως, τὴν δευτέραν ταύτην ἐν Ἐφέσῳ γενέσθαι σύνοδον ἐθεσπίσαμεν, πάντη τοῦ κακοῦ τὴν ρίζαν ἀποτμηθῆναι σπουδάζοντες, ἵνα πανταχόθεν τὴν ταραχὴν ἐκβαλόντες τοῦ δόγματος καθαρὸν τῆς εὐχῆς φυλάττωμεν ἐπὶ τῶν λογισμῶν τὸ δίκαιον καὶ γένηται τοῦτο τῆς πολιτείας ἀσφάλεια καὶ τῶν ἀνθρώπων καλῶν. διὰ τοῦτο τοίνυν τὴν τε σὴν θαυμασιότητα καὶ Εὐλόγιον τὸν περιβλεπτον τριβούνον καὶ νοτάριον πραιτωριανὸν πρὸς τὴν τῆς πίστεως διακονίαν ἐπελεξάμεθα ὡς ὑπειλημένους τὰ τε ἀλλὰ ὀρθῶς καὶ καθαρῶς τὰ κατὰ τὸ κρεῖττον θρησκευόντας καὶ δυναμένους αὐτοὺς τε τοῖς ἡμετέροις κελεύσμασιν γνησίως διακονήσασθαι περὶ τῶν ἐν Ἐφέσῳ παρὰ τῆς ἁγίας συνόδου πραττομένων καὶ μηδένα θόρυβον μηδαμῶθεν συγχωρῆσαι γενέσθαι, ἀλλὰ καὶ εἴ τινα συνίδοιτε ταραχαῖς καὶ θορύβοις χρώμενον ἐπὶ βλάβῃ τῆς ἀγιωτάτης πίστεως, τοῦτον ἐν ἀσφαλεῖ ποιήσασθαι καὶ γνωρίσαι ἡμῖν, καὶ ἐν τάξει μὲν προβῆναι τὰ τῆς ὑποθέσεως, παρεῖναι δὲ τῇ κρίσει καὶ παρασκευάσαι ταχεῖαν καὶ ἐπεσκεμμένην τὴν παρὰ τῆς ἁγίας συνόδου δοκιμασίαν γενέσθαι τε καὶ γνωρισθῆναι ἡμῖν, τῶν πρὶν δικασάντων Εὐτυχεῖ τῷ εὐλαβεστάτῳ ἀρχιμανδρίτῃ παρόντων μὲν καὶ ἡσυχάζόντων, τάξιν δὲ δικαστῶν μὴ ἐπεχόντων, ἀλλὰ τὴν κοινὴν πάντων τῶν ἄλλων ἁγίων πατέρων περιμενόντων ψῆφον, ἐπειδὴ τὰ παρ' αὐτῶν κεκριμένα νῦν δοκιμάζεται, μὴ ἐξεῖναι δὲ μηδὲν ἕτερον κινεῖν χρηματικὸν κεφάλαιον, πρὶν ἂν περαιωθῆναι τὰ τῆς ὀρθοδόξου πίστεως. διὰ τοῦτο γὰρ καὶ τὴν πολιτικὴν διὰ τῶν πρὸς τὸν περιβλεπτον ἀνθύπατον γραφέντων καὶ τὴν ἐν τοῖς τόποις ὑμῖν στρατιωτικὴν ἀπνεύμαμεν βοήθειαν, ὥστε ὑμᾶς πρὸς ταῖς οἰκείαις σπουδαῖς καὶ ταύταις ὀχυρωθέντας ταῖς ἐπικουρῖαις ἀρκέσαι δυνηθῆναι πρὸς τὴν τῶν προσταχθέντων πλήρωσιν τῶν ἄλλων ἀπάντων καλῶν ἀμείνω τυγχάνουσαν, ὅσῳ τὰ θεῖα τῶν ἀνθρώπων, καὶ γνώριμα ἡμῖν καταστήσῃ τὰ ἐπὶ ταύτῃ τῇ αἰτίᾳ πραττόμενα. Τῷ αὐτῷ τύτῳ Εὐλογίῳ τῷ περιβλεπτῷ τριβούνῳ καὶ νοταρίῳ.

Se no Concílio de Éfeso I, em 431, as instruções vagas redundaram no impasse em que nenhuma fórmula doutrinal veio a ser definida e as facções se autoescomungaram, agora o imperador determinou estreita tolerância para aqueles que buscassem inviabilizar a reunião por meio de tumultos, determinando, inclusive, a imediata prisão daqueles que agissem nesse sentido. Teodósio II indicou, ainda, que os funcionários Elpídio e Eulógio teriam a prerrogativa de participar dos debates doutrinários. Isso reforça a percepção de que esses dois funcionários faziam parte do núcleo daqueles funcionários que, juntamente com os *cubicularii*, estavam aliados com a disposição do imperador de restabelecer Eutiques e sua doutrina. Determinação essa que se mostrava diametralmente oposta àquela de nomear o funcionário nestoriano Candidiano para representar o poder imperial no Concílio de Éfeso I e não dar a ele o direito de participar das discussões doutrinárias. Naquela ocasião, Candidiano deveria atuar apenas para manter a ordem, função essa que nesse momento do segundo Concílio parece ter sido incumbida com mais ênfase e de forma mais intimidatória não aos representantes do imperador no Concílio, mas a uma autoridade destacada na própria metrópole de Éfeso, conforme ordens endereçadas por Teodósio II ao procônsul da Ásia⁸¹:

No precedente Concílio de Éfeso a blasfêmia do ímpio Nestório em relação a Deus foi acusada e por essa razão ele recebeu a sentença apropriada da parte dos santos padres lá reunidos. Mas, desde que agora uma nova contenda surgiu contra a fé divina, nós decretamos que ocorra o segundo Concílio em Éfeso, apressando para que seja completamente removida a raiz do mal; para que o problema, que afeta o dogma, seja expulso de todos os lugares, nós nos guardamos puros no espírito da correção e da prece e que isso seja a segurança do Estado e dos bens humanos. Por essa razão, nós escolhemos para esses negócios o honorável *comes* Elpídio, do divino Consistório e Eulógio, o honorável tribuno e notário, enquanto homens apropriados para servirem à piedade e sobre os quais se têm suficiente testemunho. Nós queremos que você lhes preste assistência nas suas necessidades: eles estão encarregados de remover toda desordem das sessões do Concílio e eles receberam ordens de Nossa Serenidade de não permitir absolutamente nenhum tumulto. *Se soubermos por eles que você negligenciou nossos*

⁸¹ Conforme destacamos no Capítulo 2, na hierarquia dos governadores de Províncias, o procônsul respondia diretamente ao imperador, não necessitando seguir a cadeia de comando que passava pelo vicário da Diocese nem do Prefeito Pretoriano.

comandos e que não atendeu suas necessidades, nós ordenaremos que tua negligência seja tua perdição. (ACO II, 1, p. 73, destaque nosso).⁸²

Ou seja, Teodósio II e as forças que apoiavam o projeto político-religioso de união das naturezas não pouparam esforços no sentido de assegurar a vitória de forma incondicional, no Concílio de Éfeso II, das proposições doutrinárias de Eutiques. Para isso, determinaram a configuração da representatividade dos participantes, a interdição de opositores e a presença do segmento monástico secundado por expressivo contingente de monges, além do reforço dos funcionários imperiais da administração central e local como forma de exercer máxima pressão sobre os participantes eclesiásticos que apoiavam o projeto nestoriano. A coação a que os bispos presentes no Concílio foram submetidos pode ser verificada pela unanimidade dos bispos que votaram pela absolvição de Eutiques e a confirmação da sua doutrina, inclusive por todos os quarenta e um bispos que representavam a Diocese do *Oriens*, conforme indicado no Quadro 13.

Em uma terceira carta a Dióscoro de Alexandria, escrita antes do Concílio, o imperador indicou-nos que todo esse aparato visava ainda enfrentar aqueles que, não necessariamente poderiam estar alojados no meio eclesiástico, mas que estavam exercendo ostensivamente nos bastidores do conflito resistência à implantação da ortodoxia do interesse imperial:

Recentemente, decretamos que Teodoreto, o bispo da cidade de Ciro, não assista ao mais santo Concílio até que o santo Concílio decida a seu respeito, rejeitando-o por ter ousado produzir uma exposição de fé contrária àquela que escreveu Cirilo, de santa memória, o defunto bispo da grande cidade de Alexandria. ***De outro lado, desde que é possível que alguns partidários de Nestório se esforcem em lhe prestar socorro para que de todo modo ele [Teodoreto] assista ao santo Concílio***, por essa razão julgamos necessário escrever a Tua Piedade essa carta imperial, pela qual manifestamos claramente à Tua Piedade e a todo o santo Concílio que, seguindo os

⁸² Τῆς μὲν ἤδη γενομένης πρότερον ἐν Ἐφέσῳ ἁγίας συνόδου ἡ Νεστορίου τοῦ δυσσεβοῦς πρὸς τὸν θεὸν βλασφημία γέγονεν αἰτία καὶ διὰ τοῦτο τὴν ἄξιαν παρὰ τῶν συνελθόντων ἐκεῖσε ἁγίων πατέρων ἐδέξατο ψῆφον, ἐπειδὴ δὲ καὶ νῦν ἕτερα πάλιν ἀμφισβήτησις κατὰ τῆς θείας ἐγγήγερται πίστεως, τὴν δευτέραν ταύτην ἐν Ἐφέσῳ γενέσθαι σύνοδον ἐθεσπίσαμεν, πάντη τοῦ κακοῦ τὴν ρίζαν ἀποτμηθῆναι σπουδάζοντες, ἵνα πανταχόθεν τὴν ταραχὴν ἐκβαλόντες τοῦ δόγματος καθαρὸν τῆς εὐχῆς φυλάττωμεν ἐπὶ τῶν λογισμῶν τὸ δίκαιον καὶ γένηται τοῦτο τῆς πολιτείας ἀσφάλεια καὶ τῶν ἀνθρωπίνων καλῶν. διὰ τοῦτο καὶ Ἐλπίδιον τὸν περιβλεπτον κόμητα τοῦ θεοῦ ἡμῶν συνεδρίου καὶ Εὐλόγιον τὸν περιβλεπτον τριβούνον καὶ νοτάριον πρὸς τὴν ὑπόθεσιν ἐπελεξάμεθα ὡς πρέποντας τῇ εὐσεβείᾳ διακονήσασθαι, ἱκανῶς ἐπὶ ταύτῃ μαρτυρηθέντας. οἷς βουλόμεθα πρὸς τὴν χρεῖαν παρὰ σοῦ συνεισενεχθῆναι βοήθειαν, ταραχὴν μὲν ἐξελάσαι τῶν πραττομένων ἐπιτραπεῖσιν, μηδένα δὲ μηδαμόθεν συγχωρῆσαι γενέσθαι θόρυβον κελυσθεῖσιν παρὰ τῆς ἡμετέρας γαληνότητος, παρ' ὧν εἰ καταμάθοιμεν ἡμεληκέναι σε τῶν θεσπισθέντων καὶ μὴ πρὸς ἃ βούλονται, διακονήσασθαι, σὴν βλάβην τὴν σὴν ῥαθυμίαν γενέσθαι προστάξομεν.

cânones dos santos Padres e não somente por causa de Teodoro, mas ainda de todos os outros que atenderam ao Concílio atualmente reunido, *nós procuramos em Tua Piedade autoridade e presidência*, pois estamos convencidos que o mais piedoso *arcebispo* de Jerusalém, Juvenal, e o mais piedoso arcebispo Talássio igualmente zelosos da ortodoxia serão de mesma opinião de Tua Santidade que, por graça de Deus, brilha pela nobreza da vida e da correção da fé. Nós não toleraremos aqueles que de algum modo tentem acrescentar ou subtrair o que quer que seja da exposição definida pelos santos Padres de Niceia e depois em Éfeso, [eles] não terão liberdade de palavra no santo Concílio, mas nós queremos que eles estejam sob a corte de vosso julgamento, desde que é por isso que decidimos que o santo Concílio se reúna. Foi escrita uma carta de mesmo conteúdo a Juvenal, o mais reverendo bispo de Jerusalém. (ACO II, 1, p. 74, destaques nossos).⁸³

A carta ainda nos indica que foi reservado ao bispo Dióscoro a presidência do Concílio e ficou assegurado que o bispo Juvenal de Jerusalém, antigo membro da facção ciriliana, também estivesse ciente do papel que deveria desempenhar ao lado do bispo alexandrino. Interessante notar que nessa carta acima, no preâmbulo dela e no corpo do texto, Teodósio II utilizou-se da forma de tratamento “arcebispo” ao se referir aos bispos Dióscoro de Alexandria, Juvenal de Jerusalém e Talássio de Cesareia, na Província da Capadócia I (APÊNDICE J)⁸⁴. Isso nos indica que o imperador estava agora disposto a atribuir uma posição superior na hierarquia eclesiástica àqueles bispos alinhados ao seu projeto político-religioso de união das naturezas. A intenção de instituir esse projeto e não o negociar com as forças opositoras, fossem eclesiásticas, civis ou militares, foi frisada na *sacra* de abertura, que atrelava, novamente, a importância da “fé ortodoxa em Deus” para o benefício do “nosso Império”, conforme destacamos abaixo:

⁸³ Πρώην μὲν Θεοδώρητον τὸν ἐπίσκοπον Κύρου τῆς πόλεως ἐθεσπίσαμεν εἰς τὴν ἀγιωτάτην μὴ ἀπαντῆσαι σύνοδον, μέχρις ἂν τὰ δοκοῦντα ἐπ’ αὐτῶι ἡ ἀγία τυπώσῃ σύνοδος, ἀποστραφέντες αὐτὸν ὡς ἐπιχειρήσαντα ἐναντία ἐκθέσθαι οἷς συνέγραψεν περὶ τῆς πίστεως ὁ τῆς ἀγίας μνήμης Κύριλλος ὁ τῆς μεγαλοπόλεως Ἀλεξανδρέων γενόμενος ἐπίσκοπος, ἐπειδὴ δὲ ἐνδέχεται τινὰς τῶν τὰ Νεστορίου φρονούτων ἐπιχειρήσαι σπουδῆν αὐτῶι συνεισενεγκεῖν εἰς τὸ ἐκ παντὸς τρόπου εἰς τὴν ἀγίαν παραγενέσθαι συνόδον, τούτου ἕνεκα ἀναγκαῖον ἠγησάμεθα τοῖσδε τοῖς θείοις γράμμασιν χρήσασθαι πρὸς τὴν σὴν θεοσεβείαν, δι’ ὧν δῆλον ποιούμεν τῇ τε σῇ θεοσεβείᾳ καὶ πάσῃ τῇ ἀγίᾳ συνόδῳ ὅτιπερ ἡμεῖς ἐπόμενοι τοῖς κανόσι τῶν ἀγίων πατέρων οὐ μόνον ἕνεκα Θεοδώρητου, ἀλλὰ καὶ τῶν ἄλλων πάντων τῶν ἀνηκόντων τῇ νῦν συναθροισζομένῃ ἀγίᾳ συνόδῳ τὴν αὐθεντίαν καὶ τὰ πρωτεῖα τῇ σῇ θεοσεβείᾳ παρέχομεν, ἐπιστάμενοι ἀκριβῶς ὡς καὶ ὁ θεοσεβέστατος *ἀρχιεπίσκοπος* Ἱεροσολύμων Ἰουβενάλιος καὶ ὁ θεοσεβέστατος ἀρχιεπίσκοπος Θαλάσσιος καὶ πᾶς τοιοῦτος θερμὸς τῆς ὀρθοδοξίας ἐραστὴς καὶ ζηλωτὴς ὁμογνώμονες ἔσονται τῇ σῇ ἀγιωσύνη ἐκλαμπούσῃ διὰ τὴν τοῦ θεοῦ χάριν ἐπὶ τε τῇ τοῦ βίου σεμνότητι καὶ τῇ ὀρθοτάτῃ πίστει. τοὺς γὰρ κατὰ τι προσθήκην τινὰ ἢ μείωσιν τῶν ἐκτεθέντων περὶ τῆς πίστεως παρὰ τῶν ἀγίων ἐν Νικαίᾳ πατέρων καὶ μετὰ ταῦτα ἐν Ἐφέσῳ ἐπιχειρήσαντας εἰπεῖν οὐδεμίαν παντελῶς παρρησίαν ἐν τῇ ἀγίᾳ συνόδῳ ἔχειν ἀνεχόμεθα, ἀλλὰ καὶ ὑπὸ τὴν ὑμετέραν εἶναι κρίσιν βουλόμεθα, ἐπειδὴ καὶ τούτου ἕνεκα καὶ νῦν τὴν ἀγίαν σύνοδον συγκροτηθῆναι διετυπώσαμεν. Τῶι αὐτῶι τύπῳ [ἐγράφῃ] καὶ Ἰουβενάλιῳ τῶι εὐλαβεστάτῳ ἐπισκόπῳ Ἱεροσολύμων.

⁸⁴ Note-se que a Sé episcopal de Cesareia da Capadócia I desde o início do conflito foi um reduto de apoio das ideias cirilianas de união das naturezas enquanto a Sé episcopal de Tiana, na Província da Capadócia II, consistia de um bastião de apoio aos nestorianos.

Nós quisemos que as santas igrejas de Deus fossem estabelecidas ao abrigo de todo problema e que vós mesmos, firmemente ligados às vossas mais santas igrejas celebrassem como de costume os ofícios do culto da Divindade e que isso não fosse para vocês de grande fadiga e aflição. Mas, o mais caro em Deus bispo Flaviano procurou incitar a revolta no tocante a santa fé em acusações contra o mais reverendo arquiemandrita Eutiques; ele instituiu um tribunal e começou alguns procedimentos; nós, tendo frequentemente escrito ao dito bispo mais caro a Deus, quisemos para esse problema que foi levantado, persuadidos que nos satisfaz a fé ortodoxa levada em tradição pelos santos Padres de Niceia, fé que o santo Concílio de Éfeso confirmou. Assim como, embora muitas vezes tenhamos suplicado ao dito mais piedoso bispo de se desviar desse intento, de modo que aquilo não tornasse uma causa de problema para toda a terra habitada, ele não aceitou; nós temos considerado que ele não estava seguro que tal disputa sobre a fé fosse agitar além de vosso santo Concílio e daqueles que presidem por todas as santas igrejas e nós julgamos necessário que Vossas Santidades se reúnam para que, tendo tomado conhecimento do que se fez lá e da enquete instituída, vocês removam toda raiz diabólica, removam das santas igrejas aqueles que favorecem ou aprovam a blasfêmia do ímpio Nestório e decidam que a fé ortodoxa seja guardada firme e inquebrantável, *desde que toda nossa esperança e a força de nosso Império depende da fé ortodoxa em Deus e de vossas santas preces.* (ACO II, 1, p. 73-74, destaque nosso).⁸⁵

Enquanto todo esse aparato pré-conciliar era construído pelo poder imperial para enquadrar a hierarquia eclesiástica resistente a Eutiques, Teodósio II não descuidou dos membros da facção nestoriana alojados nas elites orientais e que tentariam atuar sobre os bispos reunidos no Concílio, conforme nos descreveu Nestório no *Livro de Heraclides*:

Ele [imperador] exigiu, com um furor selvagem, os serviços ainda não pagos. As economias eram fixadas em público e denunciadas perante a multidão. Todo bispo que não tomasse partido de Eutiques era pego. Todo o imposto que eles tinham de pagar para ele [Teodósio II] e aos imperadores

⁸⁵ Ἐβουλόμεθα μὲν ἔξω πάσης ταραχῆς τὰς ἀγίας τοῦ θεοῦ ἐκκλησίας καθεστάναι καὶ ὑμᾶς ταῖς ὑμετέραις ἀγιωτάταις ἐκκλησίαις προσκαρτεροῦντας συνήθως τὰ πρὸς τὴν τοῦ κρείττονος θεραπείαν ἱεουργεῖν καὶ μὴ τοσοῦτον ὑμῖν προσγενέσθαι πόνον τε καὶ συντριβὴν, ἐπειδὴ δὲ ὁ θεοφιλέστατος ἐπίσκοπος Φλαβιανὸς τινὰ περὶ τῆς ἀγίας πίστεως ἀνακινεῖν ἐβούλετο πρὸς τὸν εὐλαβέστατον ἀρχιμανδρίτην Εὐτυχῆ καὶ κριτήριον συναγαγὼν τινὰ πράττειν ἤρξατο, ἡμεῖς μὲν πολλὰκις ἀποστείλαντες πρὸς τὸν αὐτὸν θεοφιλέστατον ἐπίσκοπον ἠβουλήθημεν ἀναστεῖλαι τὴν κινουμένην ταραχὴν, πεπεισμένοι ἄρκειν ἡμῖν τὴν παραδοθεῖσαν παρὰ τῶν ἀγίων πατέρων τῶν ἐν Νικαίαι ὀρθόδοξον πίστιν, ἣν καὶ ἡ ἀγία σύνοδος ἡ ἐν Ἐφέσῳ ἐβεβαίωσεν, ἐπειδὴ δὲ πολλὰκις ἡμῶν δυσωποῦντων τὸν αὐτὸν θεοσεβέστατον ἐπίσκοπον ἀποστῆναι τῆς τοιαύτης ζητήσεως, ὥστε μὴ τοῦτο αἴτιον γενέσθαι θορύβου πάσῃ τῇ οἰκουμένῃ, οὐκ ἠνέσχετο, ἐννοήσαντες ὅτι περ οὐκ ἔστιν ἀσφαλὲς παρεκτὸς τῆς ἀγίας ὑμῶν συνόδου καὶ τῶν πανταχοῦ πρωτεύοντων τῶν ἀγίων ἐκκλησιῶν τοιαύτην ζήτησιν περὶ πίστεως ἀνακινεῖσθαι, ἀναγκαῖον ἐνομίσαμεν συνελθεῖν τὴν ὑμετέραν ἀγιωσύνην, ὥστε ὑμᾶς τὰ πεπραγμένα ἐνταῦθα καταμαθόντας καὶ τὴν κινήθεισαν ζήτησιν, πᾶσαν μὲν διαβολικὴν ἐκκόψαι ρίζαν καὶ τοὺς τὴν τοῦ ἀσεβοῦς Νεστορίου βλασφημίαν ζηλοῦντας ἢ συγκροτοῦντας ἐκ τῶν ἀγίων ἐκκλησιῶν ἐκβαλεῖν, τὴν δὲ ὀρθόδοξον πίστιν βεβαίαν καὶ ἀσάλευτον τυπῶσαι παραφυλαχθῆναι, ἐπειδὴ περ πᾶσα ἡ ἡμετέρα ἐλπίς καὶ ἡ τῆς ἡμετέρας βασιλείας ἰσχύς τῆς εἰς τὸν θεὸν ὀρθοδόξου πίστεως ἤρτηται καὶ τῶν ὑμετέρων ἀγίων προσευχῶν.

predecessores era exigido de uma só vez. Quanto àqueles que eram ilustres ou de famílias mais altas, ele exigia publicamente, causando horror, uma grande soma de ouro. [...] Ele [imperador] fez gemer e cair de joelhos a nobreza romana. (Nestório, *Liber*, 467).⁸⁶

Portanto, nessa fase, romperam-se os ciclos de negociações que o poder imperial vinha até então mantendo com os nestorianos, fossem eles do clero ou da administração imperial. Ainda nas memórias de Nestório, essa estratégia foi executada de forma sumária e com violência exacerbada. O imperador, nesse momento, atuou diretamente contra os opositores, sem utilizar-se das concessões que efetuava no passado:

Ele [imperador] preparou os acusadores para que dissessem que os atos que tinham sido feitos em Constantinopla [no Sínodo de 448] contra Eutiques eram falsos. [...] Graças ao favor que lhes davam o imperador, eles [os acusadores de Flaviano] usavam em toda parte de violência, a fim de que Flaviano, pressionado ao ponto de não ter nenhuma resposta para as acusações lançadas contra ele, rendesse subitamente a alma, ficasse surpreso e percesse. [...] Tudo isso [Concílio] ocorreu para que a fé não fosse examinada, mas para que Flaviano fosse deposto a partir do que foi preparado fora do Concílio e para que se aceitassem sem exames os erros de Eutiques. (Nestório, *Liber*, 470-472).⁸⁷

Os bispos apoiadores da doutrina das duas naturezas, dentre os quais os de maior expressão eram Flaviano de Constantinopla, Teodoreto de Ciro, Domo de Antioquia, Irineu de Tiro (antigo *comes* Irineu) e Ibas de Edessa, foram depostos do episcopado. Com isso, entendemos que esse esvaziamento da facção nestoriana na hierarquia eclesiástica e a condenação da doutrina diofisista como herética enfraqueceram politicamente de forma implacável a oposição ao poder imperial, conforme descreveu Nestório:

Ele [Flaviano] foi removido como que por lobos e leões pelos *comes* ante os quais havia ocorrido a deposição; ele foi retirado e empurrado; todos diziam e faziam coisas diferentes; ele foi abandonado e afligido por todos e seu espírito se encheu de amargura. Eles o entregaram aos soldados e lhes ordenaram de tirá-lo para fora dos lugares santos; eles o arrastaram e colocaram em prisão e ele não podia mais respirar. Antes que ele houvesse recuperado e tomado ar vivo e puro e antes que ele houvesse se alimentado para recobrir um pouco de forças, eles o entregaram ao chefe e eles ordenaram com ameaças que levassem aquele homem todo machucado. Ele

⁸⁶ Nau, p. 298-299; Driver; Hodgson, p. 340-341.

⁸⁷ Nau, p. 300-302; Driver; Hodgson, p. 342-344.

não podia suportar a fadiga do caminho [rumo ao exílio]. Parecia que o imperador não se preocupava com sua vida, mas buscava unicamente puni-lo e não tê-lo vivo. [...] Assim, arrastado, ele resistiu somente quatro dias [...] e eles olharam sua morte como uma festa. (Nestório, *Liber*, 494-495).⁸⁸

No que se refere ao posicionamento do bispo Leão de Roma, que apoiava o bispo Flaviano, após o encerramento do Concílio observam-se as tentativas desse bispo de convencer Teodósio II anular o Concílio. Com o auxílio de Gala Placídia, a tia de Teodósio II, Leão tentou junto ao imperador, sem sucesso, realizar outro Concílio em Roma em substituição àquela reunião de 449 que denominou de “Latrocínio de Éfeso” (Leão, *Ep.*, 37, 44, 56; MILLAR, 2006, p. 230).⁸⁹

Conforme observou Lee (2013a) o governo de Teodósio II foi repleto de paradoxos e o exemplo que esse historiador forneceu para indicar sua constatação é o fato de a dinastia teodosiana ter tido como um dos seus pilares de sustentação a defesa de uma ortodoxia lastreada nos princípios emanados do Concílio de Niceia, ocorrido em 325, mas, apesar disso, comportar na sua administração, sobretudo no que se refere à administração civil e militar indivíduos pertencentes a outras orientações político-religiosas, inclusive não cristãs. No que se refere à interpretação que extraímos da atuação do imperador, constatamos que o grande trunfo do governo de Teodósio II, que o torna paradoxal ao nosso olhar, foi a manutenção da unidade imperial por quatro décadas, por meio da negociação com a ampla diversidade que caracterizava a sociedade romana oriental na Antiguidade Tardia. Em julho de 450, Teodósio II morreu vítima de um acidente que sofreu ao cair do seu cavalo (Nestório, *Liber*, 506)⁹⁰. Chew (2006, p. 208) considera que esse acidente tenha sido provocado por inimigos que se aproveitariam do seu desaparecimento, não pela relevância daquele imperador em si, mas para destruir o poder que a sua irmã Pulquéria tinha sobre ele e o Império. Em nossa percepção, se Teodósio II foi assassinado, o que não deixa de ser uma hipótese plausível, tal fato ocorreu em virtude do imperador e do seu *entourage* se virem impossibilitados de manter a unidade imperial em torno dele, por meio das habilidosas estratégias de negociação com a diversidade político-religiosa constituída pela associação entre bispos e funcionários imperiais que por bom tempo, para nós, foi a marca que caracterizou seu governo. Nesse sentido, sua atuação no

⁸⁸ Nau, p. 315-316; Driver; Hodgson, p. 361-362.

⁸⁹ Não encontramos traduções para uma língua moderna das cartas trocadas entre os bispos Leão de Roma e Teodósio II e a família imperial, entre o Concílio de Éfeso II (449) e a morte do imperador (450). Essas cartas encontram-se preservadas nos *ACO* II, 4 e foram listadas por Millar que nos indica que o teor delas se refere aos esforços dos ocidentais para que um novo Concílio fosse realizado em substituição ao anterior (MILLAR, 2006, p. 230-231).

⁹⁰ Nau, p. 322-323; Driver; Hodgson, p. 368-369).

conflito entre Cirilo e Nestório, em torno de questões doutrinárias que contribuíam na percepção da centralidade do seu poder, não pode ser entendida se não agregarmos a associação que bispos e funcionários imperiais mantiveram durante o conflito.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As intrincadas questões cristológicas que permearam a definição de uma ortodoxia cristã não podem ser desconsideradas quando das análises das relações de poder que buscavam definir determinado modelo de Estado na Antiguidade Tardia. Nesse sentido, o governo de Teodósio II se constitui em vasto campo para essas análises, que podem ser empreendidas por meio da farta documentação relacionada aos Concílios da Igreja patrocinados por esse imperador. Nessas reuniões conciliares, percebe-se que tais definições teológicas estavam condicionadas à imensa diversidade de interesses político-religiosos e administrativos regionais que animavam as culturas político-religiosas das elites do vasto Império Romano do Oriente. Tais elites formadas por membros da hierarquia eclesiástica e funcionários da administração imperial, civis e militares, atuaram em blocos no sentido de assegurar suas participações em uma estrutura que tendia a centralizar-se na figura imperial. Desse modo, como mediador de um conflito em que ele próprio estava inserido, uma vez que a concepção da soberania a ele outorgada dependia da definição da natureza de certo tipo de divindade imaginada, a atuação de Teodósio II, na *Controvérsia Nestoriana*, foi percebida em consonância ao viés de leitura que se imprimiu aos documentos de cunho altamente propagandístico, produzidos e feitos circular pelas duas principais facções em confronto.

Cirilianos e nestorianos, por longo tempo, montaram os seus próprios dossiês que traziam embutidos versões personalizadas da imagem imperial que melhor convinha aos seus interesses político-religiosos. Registros conciliares, cartas e tratados inseridos em diferentes tradições manuscritas abarcam não somente o período do governo de Teodósio II, mas, também, daquelas administrações imperiais que o sucederam, uma vez que o conflito se estendeu até o período das invasões árabes, que subtraíram as regiões do Egito e da Síria da esfera de influência político-administrativa de Constantinopla, nas primeiras décadas do século VII d.C. Os documentos produzidos e preservados por aquela corrente teológica de viés nestoriano, por exemplo, que veio a ser vencedora no Concílio de Calcedônia, em 451, e que reverteria os dogmas impostos por Teodósio II, no Concílio de Éfeso II (449), embutem uma imagem francamente depreciativa do imperador, qualificando-o de despreparado para o exercício das suas altas funções administrativas, sobretudo no que tange ao gerenciamento da controvérsia.

A partir de um amplo leque de evidências que inserem os funcionários imperiais nas negociações da *Controvérsia Nestoriana*, inclusive aquelas que indicam a presença desses

mesmos funcionários do período teodosiano influenciando, mais tarde, a definição diofisista da divindade em Calcedônia, logo em seguida à morte de Teodósio II, é que propusemos testar a hipótese de que Teodósio II não estava negociando somente a unidade doutrinal em torno de uma ortodoxia com membros da hierarquia eclesiástica. Por mais relevantes que essas definições teológicas representavam no imaginário social do período, o imperador estava negociando, também, a unidade imperial em torno de elementos culturais, políticos, administrativos e territoriais, com outros grupos detentores de poder, representados pelas aristocracias de funcionários que contribuíam para legitimar a sua posição de governante. Demonstramos, assim, que Teodósio II estava comprometido com a definição de fé de inspiração ciriliana, pois essa ideologia é que melhor contribuía para preservar a sua privilegiada posição de poder e da sua dinastia. Mas, a despeito disso, o imperador necessitava inserir nas negociações aqueles segmentos comprometidos com o projeto nestoriano, dado o peso político deles, sobretudo por se situarem nas estratégicas regiões de fronteiras com o Império Persa. Alternar posições de acordo com as circunstâncias políticas de cada momento, manobrando e administrando a diversidade, foi o jogo da política imperial por mais de quatro décadas de governo no sentido de manter a unidade imperial. Paradoxalmente, essa mesma habilidade política que percebemos na atuação imperial foi utilizada para descrever o imperador como vacilante pelos adversários, que viam no projeto centralizador ciriliano, aquele preferido por Teodósio II, um empecilho a maior participação política.

Portanto, os resultados colhidos nessa pesquisa decorrem da introdução de novos atores políticos na *Controvérsia Nestoriana*, até então não contemplados nas análises da atuação de Teodósio II no conflito. A percepção da presença desse segmento foi passo fundamental para que oferecêssemos a perspectiva de leitura exposta no decorrer do trabalho. Mas, a complexidade que caracterizou o ambiente político-religioso da atuação imperial ainda requer a atenção para outras forças políticas que condicionaram a atuação de Teodósio II. Novas pesquisas devem ser aprofundadas no sentido de avaliar a influência das elites ocidentais, persas e germânicas na administração do conflito que teve seu foco inicial no Império Romano do Oriente. Como indicamos anteriormente, alianças poderiam ser estabelecidas ao sabor das necessidades estratégicas locais imediatas e aquelas relacionadas à política externa. Não apenas Teodósio II adotou essa política de alternância que melhor convinha a sua atuação. Outro exemplo disso foi Leão de Roma, que como auxiliar do bispo Celestino, no início do conflito, incumbiu o monge João Cassiano de produzir um duro tratado contra as ideias de Nestório. Em outra ocasião, entretanto, quando alçou a chefia do

episcopado de Roma, o bispo Leão apoiou fortemente o bispo Flaviano de Constantinopla na defesa da *Fórmula da Reunião*, que embutia preceitos dualistas claramente inspirados na cristologia nestoriana. Isso nos leva a crer que as elites romanas ocidentais estavam verdadeiramente preocupadas e reticentes em endossar um projeto cristológico centralizador no momento em que o Império Romano do Ocidente iniciava a sua trajetória de fragmentação, o que resultaria na criação de novas unidades político-administrativas.

Estudar a atuação de Teodósio II na *Controvérsia Nestoriana* é, ademais, como se fosse o ato de puxar o fio de novelo sem fim, que pode desdobrar em questionamentos para além das fronteiras romanas e da própria periodização denominada de Antiguidade Tardia (que não deve ficar circunscrita somente à história romana). Tais questionamentos nos levam a conjecturar, por exemplo, que peso aquelas ideologias político-religiosas forjadas na primeira metade do século V d.C. contribuíram para, até mesmo, a configuração da ausência de um Estado em determinados períodos e regiões medievais ou mesmo a posterior centralização do poder régio no início da Idade Moderna? Religião e política estiveram, até agora, separadas somente na vontade expressada pelos teóricos racionalistas. Levantamos aqui questionamentos instigantes, que, no futuro, necessitariam ser analisados por equipes que não considerassem as barreiras artificiais das periodizações históricas e nem a separação artificial das diferentes esferas da vida social, como a política, a religião, a administração e a economia. Maior diálogo entre temporalidades e maior ênfase na complexidade representada pela diversidade social são fundamentais para que a disciplina histórica agregue novos entendimentos para processos históricos interligados, mas que têm sido analisados isoladamente. Esperamos ter contribuído para o debate historiográfico iniciado nas últimas décadas acerca do governo de Teodósio II. Trabalhos instigantes têm sido produzidos nesse sentido, conforme relacionamos em nossa bibliografia.

BIBLIOGRAFIA

1. Fontes.

ACTA CONCILIORUM OECUMENICORUM. Tomus I et II. Edidit Eduard Schwartz et al. Berlin et Leipzig: Walter de Gruyter & Co., 1914-.

ACTS OF THE COUNCIL OF CHALCEDON, THE. Vol. I. Translated with an introduction and notes by Richard Price and Michael Gaddis. Liverpool: Liverpool University Press, 2005.

AMIANO MARCELINO. **Historia**. Edición de Maria Luisa Harto Trujillo. Madrid: Akal/Clásica, 2002.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. Diversos tradutores. São Paulo: Ed. Paulus, 2006.

CLAVIS PATRUM GRAECORUM: A Cyrillo Alexandrino ad Iohannem Damascenum, Vol. III. Cvra et stvdio Mavritii Geerard. Turnhout: Brepols, 1979.

CYRIL OF ALEXANDRIA. **Letters 1-50**. The Fathers of the Church. Vol. 76. Translated by John I. McEnerney. Washington/DC: The Catholic University of Press, 1987a.

_____. **Letters 51-110**. The Fathers of the Church. Vol. 77. Translated by John I. McEnerney. Washington/DC: The Catholic University of Press, 1987b.

_____. **A Collection of unpublished syriac letters of Cyril of Alexandria**. Translated by Rifaat Y. Ebied and Lionel R. Wickham. Louvain: Peeters Publishing Secrétariat du Corpus Scriptorum Christianorum Orientalium, 1975.

_____. **Select Letters**. Edited and Translated by Lionel R. Wickham. Oxford: Clarendon Press, 1983.

_____. **Five Tomes Against Nestorius**. Trad. Edward Bouverie Pusey. Oxford: James Parker and Co., and Rivingtons, 1881.

CYRILLE D'ALEXANDRIE. **Lettres Festales**. Tome III. Trad. Marie-Odile Boulnois et Bernard Meunier. Paris: Les Éditions du Cerf, 1998.

_____. **Contre Julien**. Tome I, Livres I e II. Introduction, texte critique, traduction et notes par Paul Burguière et Pierre Évieux. Paris: Éditions du Cerf, 1985.

_____. Adresse de Cyrille, archevêque d'Alexandrie, au très pieux empereur Théodose sur la vraie foi relative à Notre Seigneur Jésus-Christ. In: **Éphèse et Chalcédoine : actes des conciles**. Traduits par André-Jean Festugière. Paris: Éditions Beauchesne, 1982, p. 69-108.

ÉPHÈSE ET CHALCÉDOINE : ACTES DES CONCILES. Traduits par André-Jean Festugière. Paris: Éditions Beauchesne, 1982.

EUSÈBE DE CÉSARÉE. **Louanges de Constantin**. Introduction, traduction originale and notes par Pierre Maraval. Paris : Les Éditions Du Cerf, 2001.

ÉVAGRE LE SCHOLASTIQUE. **Histoire Ecclésiastique**. Livres I-III. Trad. A.-J. Festugière ; B. Grillet ; G. Sabbah. Paris : Éditions du Cerf, 2011.

JEAN CASSIEN. **Traité d'incarnation** : Contre Nestorius. Trad. Anne-Marie Vannier. Paris : Éditions du Cerf, 1999.

JULIAN. Against the galilaeans. In: **The Works of the Emperor Julian**. Vol. III. Trad. Wilmer Cave Wright. Cambridge: Loeb Classical Library, 1923, p. 319-427.

JULIANO. **Contra los galileos**. Introducciones, traducción y notas por José Garcia Blanco y Pilar Jiménez Gazapo. Madrid: Editorial Gredos, 1982.

LACTANTIUS. De Mortibus Persecutorum. In: GWYNN, David. M. **Christianity in the Later Roman Empire: a Sourcebook**. London: Bloomsbury, 2015, p. 22-23.

LEÃO MAGNO. Tomo a Flaviano. In : _____. **Sermões**. 2a. Ed. Trad. Monjas Beneditinas da Abadia de Santa Maria. São Paulo: Paulus, 2005, p. 202-213.

LEO THE GREAT, POPE. **Letters**. Trad. Johann Peter Kirsch. The Catholic Encyclopedia, v. 9. New York: Robert Appleton Company, 1910. 1 CD-ROM.

MALALAS. **Chronicle**. Translation by Elizabeth Jeffreys, Michael Jeffreys and Roger Scott. Melbourne: Australian Association for Byzantine Studies, 1986.

NESTORIUS. **The Bazaar of Heracleides**. Translated from the syriac by G. R. Driver and Leonard Hodgson. Oxford: Oxford University Press/Clarendon Press, 2002.

_____. **Le Livre d'Heraclide de Damas**. Traduit en français par F. Nau avec le concours P. Bedjan et M. Brière. Paris: Letouzey et Ané Éditeurs, 1910.

_____. Lettre à Cosme d'Antioche. In: _____. **Le Livre d'Heraclide de Damas**. Traduit en français par F. Nau avec le concours P. Bedjan et M. Brière. Paris: Letouzey et Ané Éditeurs, 1910, p. 361-366.

NOTITIA DIGNITATUM. Nueva edición crítica y comentario historico por Concepción Neira Faleiro. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 2005.

PRISCUS. **The Fragmentary History of Priscus**. Tranlated with an introduction by John Given. Christian Roman Empire Series. Vol. 11. Merchantville: Evolution Publishing, 2014.

PSEUDO-LIBÂNIO. **Epistolimaioi Caractheres**. In: Lettres pour toutes circonstances. Trad. Pierre-Louis Malosse. Paris: Les Belles Lettres, 2004, p. 21-39.

SOCRATE DE CONSTANTINOPE. **Histoire Ecclésiastique**. Livro VII. Vol. 5. Trad. Pierre Périchon et Pierre Maraval. Paris: Les Éditions Du Cerf, 2007.

SOZOMÈNE. **Histoire Ecclésiastique**. Trad. André-Jean Festugière et Bernard Grillet. Paris: Les Éditions du Cerf, 2008.

THEODORET. **Letters**. Translated by Bomfield Jackson. Revised and edited for New Advent by Kevin Knight from Nicene and Post-Nicene Fathers, Second Series, Vol. 3. Buffalo: Christian Literature Publishing, 1892. 1 CD-ROM.

_____. **Eranistes**. Translated by Bomfield Jackson. Revised and edited for New Advent by Kevin Knight from Nicene and Post-Nicene Fathers, Second Series, Vol. 3. Buffalo: Christian Literature Publishing, 1892. 1 CD-ROM.

2. Livros e periódicos

ABRAMOWSKI, Luise. Histoire de la recherche sur Nestorius et le nestorianisme. **Istina Revue Trimestrielle**, v. XL, p. 44-55, 1995.

ALLEN, Pauline; NEIL, Bronwen. **Crisis Management in Late Antiquity – 410-590 CE: a survey of the evidence from episcopal letters**. Leiden: Brill, 2013.

ALTANER, Berthold; STUIBER, Alfred. **Patrologia: vida, obras e doutrina dos Padres da Igreja**. 2ª ed. Trad. Monjas Beneditinas. São Paulo: Paulinas, 1988.

ANASTOS, Milton V. Nestorius was Orthodox. **Dumbarton Oaks Papers**, v. 16, p. 117-140, 1962.

BADEL, Christophe; INGLEBERT, Hervé. **Grand Atlas de l'Antiquité romaine**. Paris: Éditions Autrement, 2014.

BAGNALL, Roger S. (Ed.). **Egypt in the Byzantine World, 300-700**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

BARCELÓ, Pedro. The Deconstruction of the Emperor in the IVth. Century. In: HERNÁNDEZ DE LA FUENTE, David. (Ed.). **New Perspectives on Late Antiquity**. Cambridge: Cambridge Scholars Publishing, 2011, p. 23-39.

BARNISH, Sam; LEE, A.D.; WHITBY, Michael. Government and administration. In: CAMERON, Averil; WARD-PERKINS, Bryan; WHITBY, Michael. (Ed.). **Late Antiquity: Empire and Successors, A.D. 425-600**. The Cambridge Ancient History. Vol. XIV. Cambridge: Cambridge University Press, 2008, p. 164-206.

BASLEZ, Marie-Françoise. **Comment notre monde est devenu chrétien**. Tours: Éditions CLD, 2008.

BASSETT, Sarah. **The Urban Image of Late Antique Constantinople**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

BATIFFOL, Pierre. Les présents de Saint Cyrille à la cour de Constantinople. **Bulletin d'ancienne littérature et d'archéologie chrétiennes**, v. 1, p. 247-264, 1911.

BAVANT, Bernard. L'Illyricum. In: MORRISSON, Cecile. (Ed.). **Le Monde Byzantin I: L'Empire romain d'Orient (330-641)**. Paris: Presses Universitaires de France, 2012, p. 307-351.

BAYNES, Norman H. Alexandria and Constantinople: a study in ecclesiastical diplomacy. **The Journal of Egyptian Archaeology**, v. 12, n. 3-4. p. 145-156, 1926.

BERARDINO, Angelo di. **Dictionnaire Encyclopédique du Christianisme Ancien**. 2v. Paris: Éditions du Cerf, 1990.

BERSTEIN, Serge. A cultura política. In: RIOUX, Jean Pierre; SIRINELLI, Jean-François. **Para uma história cultural**. Lisboa: Editorial Estampa, 1998, p. 349-363.

_____. Culturas políticas e historiografia. In: AZEVEDO, Cecília et al. (Org.). **Cultura política, memória e historiografia**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2009, p. 29-46.

BETHUNE-BAKER, James F. (1908). **Nestorius and his teaching**: a fresh examination of the evidence. Eugene: Wipf and Stock Publishers, 1998.

BEVAN, George A. **The Case of Nestorius**: Ecclesiastical politics in the East, 428-451 CE. Thesis (Degree of doctor of Philosophy). Graduate Department of Classics. University of Toronto, 2005.

_____; GRAY, Patrick T. R. The Trial of Eutyches: a new interpretation. **Byzantinische Zeitschrift**, v. 101, n. 2, p. 617-657, 2008.

_____. Augustine and the Western Dimension of the Nestorian Controversy. **Studia Patristica**, v. XLIX, p. 347-352, 2010.

BLÁZQUEZ, Gustavo. Exercícios de apresentação: Antropologia Social, Rituais e Representações. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; MALERBA, Jurandir. (Org.). **Representações**: contribuição a um debate transdisciplinar. Campinas: Papyrus, 2000, p. 169-198.

BLOCKLEY, Roger C. The Dynasty of Theodosius. In: CAMERON, Averil; GARNSEY, Peter. (Ed.). **The Late Empire, A.D. 337-425**. The Cambridge Ancient History. Vol. XIII. Cambridge: Cambridge University Press, 2008a, p. 111-137.

_____. Warfare and diplomacy. In: CAMERON, Averil; GARNSEY, Peter. (Ed.). **The Late Empire, A.D. 337-425**. The Cambridge Ancient History. Vol. XIII. Cambridge: Cambridge University Press, 2008b, p. 411-436.

BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. **Dicionário de Política**. 2 v. 11a. ed. Trad. João Ferreira. Brasília: Editora UnB, 1998.

BOULNOIS, Marie-Odile. **Le Paradoxe Trinitaire chez Cyrille d'Alexandrie**: Herméneutique, analyses philosophiques et argumentation théologique. Paris: Institut d'Études Augustiniennes, 1994.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 9a. ed. Trad. Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

_____. **A economia das trocas simbólicas**. 6ª Ed. Vários tradutores. São Paulo: Perspectiva, 2007.

_____; CHARTIER, Roger. **O sociólogo e o historiador**. Trad. Guilherme J. F. Teixeira. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

BOYD, William Kenneth. **The Ecclesiastical Edicts of the Theodosian Code**. New York : The Columbia University Press, 1905.

BRAATEN, Carl E. Modern interpretations of Nestorius. In: **Church History**, v. 32, n. 3, p. 251-267, 1963.

BROCK, Sebastian. L'Église de l'Orient dans l'Empire sassanide jusqu'au VI^e. Siècle et son absence aux conciles de l'Empire romain. **Istina Revue Trimestrielle**, v. XL, p. 25-43, 1995.

BROWN, Peter. **Pouvoir et persuasion dans l'Antiquité tardive**: vers un Empire chrétien. Traduit de l'anglais par Pierre Chuvin. Paris: Éditions du Seuil, 1998.

_____. **Poverty and leadership in the later Roman empire**. Hanover: University Press of New England, 2002.

BUENACASA PEREZ, Carles. Un aspect de la correspondance des empereurs au Bas-Empire : les rescrits impériaux et la façon de légiférer sur des sujets chrétiens. In : DELAMIRE, Roland ; DESMULLIEZ, Janine ; GATIER, Pierre-Louis. (Ed.). **Correspondances** : documents pour l'histoire de l'Antiquité tardive. Lyon : Maison de l'Orient et de la Méditerranée, 2009, p. 169-181.

BURY, John Bagnell. **History of the Later Roman Empire**. London: Macmillan & Co. Ltd., 1923.

CAMELOT, Pierre-Thomas. **Éphèse et Chalcédoine (341-451)** : Histoire des conciles oecuméniques. Tome II. Paris : Fayard, 2006.

CAMERON, Averil. **Christianity and the Rhetoric of Empire**: the development of Christian discourse. Los Angeles : University of California Press, 1994.

_____; WARD-PERKINS, Bryan; WHITBY, Michael. (Ed.). **Late Antiquity**: Empire and Successors, A.D. 425-600. The Cambridge Ancient History. Vol. XIV. Cambridge: Cambridge University Press, 2008a.

_____; GARNSEY, Peter. (Org.). **The Late Empire, A.D. 337-425**. The Cambridge Ancient History. Vol. XIII. Cambridge: Cambridge University Press, 2008b.

_____. **Dialoguing in Late Antiquity**. Washington: Harvard University Press, 2014.

CANFORA, Luciano. **Le copiste comme auteur**. Traduit de l'italien par Laurent Calvié et Gisèle Cocco. Toulouse: Anacharsis Éditions, 2012.

CARRIÉ, Jean-Michel. Préface. In : BLAUDEAU, Philippe. **Alexandrie et Constantinople (451-491)** : de l'histoire à la géo-ecclésiologie. Rome : École Française de Rome, 2006, p. vii-xv.

CARVALHO, Margarida Maria de. **Paideia e Retórica no séc. IV d.C.**: a construção da imagem do imperador Juliano segundo Gregório Nazianzeno. São Paulo: Annablume, 2010.

_____; FIGUEIREDO, Daniel de. O significado do *Contra* nos discursos político-religiosos da Antiguidade Tardia: O *Contra os Galileus* do imperador Juliano – 361-363 d.C. In: CERQUEIRA *et al.* (Org.). **Saberes e poderes no Mundo Antigo**: Estudos Ibero-latino-americanos. Vol. II - Dos poderes. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2013, p. 213-226.

CHADWICK, Henry. The Role of the Christian Bishop in Ancient Society. In: HOBBS, Edward C.; WUELLNER, W. (Ed.). **The Role of the Christian Bishop in Ancient Society**. Berkeley: The Center for Hermeneutical Studies, 1980, p. 1-24.

_____. **The Early Church**: the story of emergent Christianity from the apostolic age to the dividing of the ways between the Greek East and the Latin West. London: Penguin Books, 1993.

CHARTIER, Roger. **A história ou a leitura do tempo**. Trad. Cristina Antunes. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

_____. **A ordem dos livros**: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII. 2a. ed. Trad. Mary Del Priore. Brasília: Editora UnB, 1998.

_____. **A história cultural**: entre práticas e representações. 2. ed. Tradução de Maria Manuela Galhardo. Algés: Difel, 2002.

CHASTAGNOL, André. **La Préecture Urbaine à Rome sous le Bas-Empire**. Paris: Presses Universitaires de France, 1960.

_____. **Les Fastes de la Préfecture de Rome au Bas-Empire**. Paris: Nouvelles Éditions Latines, 1962.

CHAUI, Marilena. *O retorno do teológico-político*. In: CARDOSO, Sérgio (Org.). **Retorno ao republicanismo**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004, p. 93-134.

CHESNUT, Roberta C. The two prosopa in Nestorius' *Bazaar of Heracleides*. **Journal of Theological Studies**. v. 29, n. 2, p. 392-409, 1978.

CHEW, Kathryn. Virgins and Eunuchs: Pucheria, Politics and the Death of Emperor Theodosius II. **Historia: Zeitschrift für Alte Geschichte**, bd. 55, h. 2, p. 207-224, 2006.

CHEYNET, Jean-Claude. **Histoire de Byzance**. Paris: Presses Universitaires de France, 2005.

CONSTAS, Nicholas. **Proclus of Constantinople and the Cult of the Virgin in Late Antiquity**. Leiden: Brill, 2003.

CROSS, F. L.; LIVINGSTONE, L. A. **The Oxford Dictionary of the Christian Church**. Oxford/UK: Oxford University Press, 1997.

CROSSAN, John Dominic; REED, Jonathan L. **Em busca de Paulo**: como o apóstolo de Jesus opôs o reino de Deus ao Império Romano. 2ª ed. Trad. Jaci Maraschin. São Paulo: Paulinas, 2007.

DAGRON, Gilbert. **Emperor and Priest**: the imperial office in Byzantium. Translated by Jean Birrel. Cambridge : Cambridge University Press, 2003.

DARYAEE, Touraj. The Sasanian Empire (224-651 CE). In: _____. (Ed.). **The Oxford Handbook Iranian History**. Oxford: Oxford University Press, 2011, p. 177-197.

DAVIS, Leo Donald. **The First Seven Ecumenical Councils (325-787)** : Their History and Theology. Colledgeville: The Liturgical Press, 1990.

DELLA TORRE, Robson M. G. **O concílio de Éfeso (431) e suas « atas »** : um estudo sobre o desenvolvimento das coleções documentais relativas à controvérsia nestoriana e os desafios para o seu uso como fontes históricas. Tese (Doutorado em História). 510f. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas e Sociais – UNICAMP/Universidade Estadual de Campinas, 2017.

DELMARE, Roland. **Les Institutions du Bas-Empire Romain de Constantin à Justinien**: les institutions civiles palatines. Paris: Les Éditions du Cerf, 1995.

_____. **Largesses Sacrées et Res Privata**: l'*aerarium* imperial et son administration du IVe. au VIe. Siècle. Rome: École Française de Rome, 1989.

DESTEPHEN, Sylvain. L'idée de représentativité dans les conciles théodosiens. **Antiquité Tardive**, tome 16, p. 103-118, 2008a.

_____. (Ed.). **Prosopographie Chrétienne du Bas-Empire** – Diocèse d'Asie (325-641). Paris: Centre d'histoire et civilisation de Byzance, 2008b.

_____. Bulletin critique de Fergus Millar, A Greek Roman Empire. Power and Belief under Theodosius II (408-450), Berkeley: University of California Press, 2006 (Sather Classical Lectures, 64), p. xxvi-279. ISBN : 0-520-24703-5. In: **Antiquité Tardive**, n. 15, p. 383-387, 2007.

DEVREESEE, Robert. Les Actes du Concile d'Éphèse. **Revue des Sciences Philosophiques et Théologiques**. n. 2 et 3. Paris: Libraire Lecoffre, p. 223-242, 408-431, 1929.

DIGNAS, Beate; WINTER, Engelbert. **Rome and Persia in Late Antiquity**: Neighbours and Rivals. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

DIJKSTRA, Roald ; POPPEL, Sanne Van ; SLOOTJES, Danielle. (Ed.). **East and West in the Roman Empire of the Fourth Century**: an end to unity ? Leiden : Brill, 2015.

DRAKE, Harold A. Topographies of power in Late Antiquity and beyond. In : RAPP, Claudia; _____. (Ed.). **The City in the Classical and Post-Classical World**: changing contexts of power and identity. Cambridge: Cambridge University Press, 2014, p. 217-239.

_____. Intolerance, Religious Violence and Political Legitimacy in Late Antiquity. In: **Journal of the American Academy of Religion**. v.79, n. 1, p. 193-235, March 2011.

DRIJVERS, Jan Willem. The *divisio regni* of 364: The End of Unity? In: DIJKSTRA, Roald ; POPPEL, Sanne Van; SLOOTJES, Danielle. (Ed.). **East and West in the Roman Empire of the Fourth Century**: an end to unity ? Leiden: Brill, 2015, p. 82-96.

_____. Rome and the Sasanid Empire : Confrontation and Coexistence. In: ROUSSEAU, Philip; RAITHEL, Jutta. (Ed.). **A Companion to Late Antiquity**. Chichester: Wiley-Blackwell, 2009, p. 441-454.

DRINKWATER, John. Maximinus to Diocletian and the 'crisis'. In: BOWMAN, Alan K.; GARNSEY, Peter; CAMERON, Averil. (Ed.). **The Crisis of Empire, A.D. 193-337**. The Cambridge Ancient History. Vol. XII. Cambridge: Cambridge University Press, 2005, p. 28-66.

DRIVER, Godfrey R.; HODGSON, Leonard. Introduction. (1925). In: NESTORIUS. **The Bazaar of Heracleides**. Translated from the syriac by G. R. Driver and Leonard Hodgson. Oxford: Oxford University Press, 2002, p. ix-xxxv.

DROBNER, Hubertus R. **Manual de patrologia**. 2. ed. Tradução de Orlando dos Reis e Carlos Almeida Pereira. Petrópolis: Vozes, 2008.

DVORNIK, Francis. Emperors, Popes, and General Councils. **Dumbarton Oaks Papers**, v. 6, p. 3-23, 1951.

EBBELER, Jennifer. Mixed Messages: the play of epistolary codes in two late antiquity latin correspondences. In: MORELLO, Ruth; MORRISON, Andrew D. (Ed.). **Ancient Letters: classical and late antiquity epistolography**. New York: Oxford University Press, 2007, p. 301-323.

EDWARDS, Robert W. Isauria. In: BOWERSOCK, Glen W.; BROWN, Peter; GRABAR, Oleg. (Ed.). **Late Antiquity: a guide to the postclassical world**. Cambridge: Harvard University Press, 1999, p. 515-516.

EHRMAN, Bart D. **Como Jesus se tornou Deus**. Trad. De Lúcia Britto. São Paulo : Leya, 2014.

ELIAS, Norbert. **A sociedade de Corte**. Trad. Pedro Sussekind. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

ELTON, Hugh. Imperial Politics at the Court of Theodosius II. In: CAIN, Andrew; LENSKI, Noel. (Ed.). **The Power of Religion in Late Antiquity**. Farnham: Ashgate Publishing, 2009, p. 133-142.

ERRINGTON, R. Malcolm. **Roman imperial policy: from Julian to Theodosius**. Chapel Hill : The University of North Carolina Press, 2006.

FAIRBAIRN, Donald. Allies or Merely Friends? John of Antioch and Nestorius in the Christological Controversy. **The Journal of Ecclesiastical History**, v. 58, n. 3, p. 383-399, 2007.

FESTUGIÈRE, André-Jean. Avant-propos. In: **Éphèse et Chalcédoine** : actes des conciles. Traduits par André-Jean Festugière. Paris: Éditions Beauchesne, 1982, p. 11.

FINLEY, Moses I. **Política no mundo antigo**. Trad. Gabinete Editorial de Edições 70. Lisboa: Edições 70, 1997.

FLOWER, Richard. **Emperors and Bishops in Late Roman Invective**. Cambridge: Cambridge University Press, 2013.

FLUSIN, Bernard. **La Civilization Byzantine**. 3ª ed. Paris: Presses Universitaires de France, 2012a.

_____. La culture écrite. In: MORRISSON, Cecile. (Ed.). **Le Monde Byzantin I** : L'Empire romain d'Orient (330-641). 2ª ed. Paris: Presses Universitaires de France, 2012b, p. 257-279.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 14ª ed. Trad. Laura Fraga A. Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

FOURNET, Jean-Luc. Esquisse d'une anatomie de la lettre antique tardive d'après les papyrus. DELAMIRE, Roland ; DESMULLIEZ, Janine ; GATIER, Pierre-Louis. (Ed.). **Correspondances** : documents pour l'histoire de l'Antiquité tardive. Lyon : Maison de l'Orient et de la Méditerranée, 2009, p. 23-66.

FRAISSE-COUÉ, Christiane. Le débat théologique au temps de Théodose II : Nestorius. In : PIETRI, Charles ; PIETRI, Luce (Ed.). **Naissance d'une Chrétienté (250-430)**. Paris : Desclée, 1995, p. 499-550.

FRIGHETTO, Renan. **Antiguidade Tardia**: Roma e as monarquias romano-bárbaras numa época de transformações – Séculos II-VIII. Curitiba: Juruá, 2012.

FUNARI, Pedro Paulo. Introdução. In: _____ (Org.). **As religiões que o mundo esqueceu**. São Paulo: Contexto, 2012, p. 7-9.

_____. **Antiguidade Clássica**: a história e a cultura a partir dos documentos. 2ª ed. Campinas: Editora Unicamp, 2003.

_____; CHEVITARESE, André Leonardo. **Jesus histórico**: uma brevíssima introdução. Rio de Janeiro: Kline, 2012.

GADDIS, Michael. The Political Church: Religion and the State. In: In: ROUSSEAU, Philip; RAITHEL, Jutta. (Ed.). **A Companion to Late Antiquity**. Chichester: Wiley-Blackwell, 2009, p. 512-524.

GALVÃO-SOBRINHO, Carlos R. **Doctrine and Power**: theological controversy and Christian leadership in the later Roman Empire. Los Angeles: University California Press, 2013.

GARSOÏAN, Nina G. Αρμενία μεγάλη και επαρχία μεσοποταμίας. In: **EYΨYXIA**: Mélanges offerts à Hélène Ahrweiler. Paris : Publications de la Sorbonne, 1998, p. 239-264.

GAVRILYUK, Paul. *Theopathea*: Nestorius's main charge against Cyril of Alexandria. **Scottish Journal of Theology**, v. 56, n. 2, p. 190-207, 2003.

GEERARD, Maurice. **CLAVIS PATRUM GRAECORUM**: A Cyrillo Alexandrino ad Iohannem Damascenum, Vol. III. Cvra et studio Mavritii Geerard. Turnhout: Brepols, 1979.

GIBBON, Edward. **Declínio e queda do Império Romano**. Trad. José Paulo Paes. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

GIDDENS, Anthony; SUTTON, Philip W. **Conceitos essenciais da Sociologia**. Trad. Claudia Freire. São Paulo: Editora Unesp, 2016.

GIRARDET, Raoul. **Mitos e mitologias políticas**. Trad. Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

GONÇALVES, Bruna Campos. **Comparações dos conceitos de Realeza de Temístio e Amiano Marcelino**: os casos de Joviano e Valentiniano (363-375 d.C.). São Paulo: Annablume, 2015.

GRAUMANN, Thomas. 'Reading' the first Council of Ephesus (431). In: PRICE, Richard; WHITBY, Mary. (Ed.). **Chalcedon in Context**: Church Councils 400-700. Liverpool: Liverpool University Press, 2011, p. 27-44.

_____. Theodosius II and the politics of the first Council of Ephesus. In: KELLY, Christopher. (Ed.). **Theodosius II** : rethinking the Roman Empire in late Antiquity. Cambridge : Cambridge University Press, 2013, p.109-129.

GREATREX, Geoffrey ; BARDILL, Jonathan. Antiochus the «Praepositus»: A Persian Eunuch at the Court of Theodosius II. **Dumbarton Oaks Papers**, v. 50, p. 171-197, 1996.

_____.; LIEU, Samuel N. C. **The Roman Eastern Frontier and the Persian Wars**. Part II – AD 363-630: A narrative sourcebook. London and New York: Routledge, 2002.

_____. Deux notes sur Théodose II et les perses. **Antiquité Tardive**, tome 16, p. 85-91, 2008.

_____. L'Influence Byzantine sur la Perse Sassanide. In: SAKEL, D. (Ed.). **Byzantine Culture**: papers from the Conference 'Byzantine Days of Istanbul' May 21-23 2010. Ankara: Turk Tarih Kurumu, 2014, p. 163-174.

GRILLMEIER, Aloys. **Christ in Christian Tradition**: from the apostolic age to Chalcedon (451). Translated by John Bowden. Atlanta: John Knox Press, 1975.

GUARINELLO, Norberto Luiz. **Ensaio sobre História Antiga**. (Tese de Livre-Docência). 330p. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, 2014.

GUINOT, Jean-Nöel. Une contribution à l'histoire de la crise nestorienne : la correspondance de Théodoret de Cyr. In : DELMAIRE, Roland ; DESMULLIEZ, Janine ; GATIER, Pierre-Louis. (Ed.). **Correspondances** : documents pour l'histoire de l'Antiquité tardive. Lyon : Maison de l'Orient et de la Méditerranée, 2009, p. 437-460.

GWYNN, David M. **Christianity in the Later Roman Empire**: a sourcebook. London/New York, 2015.

HAAS, Christopher. **Alexandria in Late Antiquity**: Topography and Social Conflict. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1997.

HADOT, Pierre. **O que é a Filosofia Antiga?** 2a. ed. Trad. Dion Davi Macedo. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

HAGGE, John. Ties that bind: ancient epistolography and modern business communication. **Journal of Advanced Composition**, v. 9, p. 26-44, 1989.

HALL, Stuart George. The organization of church. In: CAMERON, Averil; WARD-PERKINS, Bryan; WHITBY, Michael. (Ed.). **Late Antiquity**: Empire and Successors, A.D. 425-600. The Cambridge Ancient History. Vol. XIV. Cambridge: Cambridge University Press, 2008, p. 731-744.

HARRIES, Jill. Men without women : Teodosius' consistory and the business of government. In: KELLY, Christopher. (Ed.). **Theodosius II** : rethinking the Roman Empire in late Antiquity. Cambridge : Cambridge University Press, 2013, p. 67-89.

HEATHER, Peter. Senators and Senates. In : CAMERON, Averil; GARNSEY, Peter. (Ed.). **The Late Empire, A.D. 337-425**. The Cambridge Ancient History. Vol. XIII. Cambridge: Cambridge University Press, 2008, p. 184-210.

HENDERSON, John. "...when who should walk into the room but...": Epistoliteraty in Cicero, Ad Qfr. 3.1. In: MORELLO, Ruth; MORRISON, Andrew D. (Ed.). **Ancient Letters**: classical and late antiquity epistolography. New York: Oxford University Press, 2007, p. 37-85.

HENDY, Michael F. **Studies in the Byzantine Monetary Economy - c. 300-1450**. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.

HOLUM, Kenneth G. **Theodosian Empresses: Women and Imperial Dominion in Late Antiquity**. Los Angeles: University of California Press, 1982.

HONORÉ, Tony. Some Quaestors of the Reign of Theodosius II. In: HARRIES, Jill; WOOD, Ian. (Ed.). **The Theodosian Code: studies in the imperial Law of late antiquity**. 2^a ed. Bristol: Bristol Classical Press, 2010, p. 68-94.

HUNT, David. The church as a public institution. In: CAMERON, Averil; GARNSEY, Peter. (Ed.). **The late empire, AD 337-425: The Cambridge Ancient History, Vol. XIII**. Cambridge: Cambridge University Press, 2008, p. 238-276.

INGLEBERT, Hervé. Les discours de l'unité romaine au quatrième siècle. In : DIJKSTRA, Roald ; POPPEL, Sanne Van ; SLOOTJES, Danielle. (Ed.). **East and West in the Roman Empire of the Fourth Century : an end to unity ?** Leiden : Brill, 2015, p. 9-25.

JANIN, Raymond. Rôle des commissaires impériaux byzantins dans les conciles. **Revue des études byzantines**, tome 18, p. 97-108, 1960.

JARRY, Jacques. Hérésies et factions à Constantinople du Ve. au VIIe. Siècle. **Syria**, tome 37, fascicule 3-4, p. 348-371, 1960.

JENKINS, Keith. **A história refigurada: novas reflexões sobre uma antiga disciplina**. Trad. Roberto Cataldo Costa. São Paulo: Contexto, 2014.

JONES, Arnould Hugh Martin. **The later roman empire, 284-602: A social, economic and administrative survey**. 2 v. Baltimore: Johns Hopkins University, 1964.

_____. **The cities of the Eastern Roman Provinces**. Oxford: Clarendon Press, 1937.

_____; MARTINDALE, John R.; MORRIS, J. **The Prosopography of the Later Roman Empire, AD 260-395**. Cambridge: Cambridge University Press, 1971.

KANTOROWICZ, Ernst H. **Os dois corpos do rei: um estudo sobre teologia política medieval**. Trad. Cid Knipel Moreira. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

KEEGAN, John. **Uma história da Guerra**. Trad. Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

KELLY, Christopher. (Ed.). **Theodosius II: Rethinking the Roman Empire in late Antiquity**. Cambridge: Cambridge University Press, 2013.

_____. Rethinking Theodosius. In: _____. (Ed.). **Theodosius II: Rethinking the Roman Empire in late Antiquity**. Cambridge: Cambridge University Press, 2013, p. 3-64.

_____. Emperors, government and bureaucracy. In: CAMERON, Averil; GARNSEY, Peter. (Ed.). **The late Empire, A.D. 337-425**. The Cambridge Ancient History vol. XIII: Cambridge: Cambridge University Press, 2008, p. 138-183.

KENNEDY, Hugh. Syria, Palestine and Mesopotamia. In: CAMERON, Averil; WARD-PERKINS, Bryan; WHITBY, Michael. (Ed.). **Late antiquity, Empire and Successors. A. D. 425-600**. The Cambridge Ancient History - Vol. XIV. Cambridge: Cambridge University Press, 2008, p. 588-611.

KOENRAAD, Verboven; CARLIER, Myrian; DUMOLYN, Jan. A Short Manual to the Art of Prosopography. In: KEATS-ROHAN, Katherine. S. B. (Ed.). **Prosopography Approaches and Applications**. Oxford: University of Oxford/Linacre College, 2007, p. 35-69.

LANÇON, Bertrand. **Le monde romain tardif : IIIe.-VIIe. Siècle ap. J.-C.** Paris: Armand Colin Éditeurs, 1992.

LANIADO, Avshalom. Parenté, relations et dévotion : le phénomène de polyonomie chez les dignitaires de l'Empire Protobyzantin (Ve.-VIe. Siècles). In: BADEL, Christophe ; SETTIPANI, Christian. (Ed.). **Les stratégies familiales dans l'Antiquité Tardive**. Paris : De Boccard, 2012, p. 27-55.

LE GLAY, Marcel et al. **A History of Rome**. 4^a ed. Chichester: Wiley-Blackwell, 2009.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 5^a ed. Trad. Bernardo Leitão et al. Campinas: Editora UNICAMP, 2003.

_____. **O imaginário medieval**. Trad. Manuel Ruas. Lisboa: Editorial Estampa, 1994.

LEE, A. Doug. The Eastern Empire: Theodosius to Anastasius. In: CAMERON, Averil; WARD-PERKINS, Bryan; WHITBY, Michael. (Ed.). **Late antiquity: Empire and Successors, A. D. 425-600**. The Cambridge Ancient History. Vol. XIV. Cambridge: Cambridge University Press, 2008, p. 33-62.

_____. Theodosius and his generals. In: KELLY, Christopher. (Ed.). **Theodosius II : rethinking the Roman Empire in late Antiquity**. Cambridge : Cambridge University Press, 2013a, p. 90-108.

_____. **From Rome to Byzantium - AD 363 to 565: the transformation of ancient Rome**. Edinburgh : Edinburgh University Press, 2013b.

LEPELLEY, Claude. Le patronat épiscopal aux IVe. et Ve. Siècles : continuités et ruptures avec le patronat classique. In : REBILLARD, Éric ; SOTINEL, Claire. (Ed.). **L'Évêque dans la cité du IVe. au Ve. Siècle : image et autorité**. Rome : École Française de Rome, 1998, p. 17-33.

LEYSER, Conrad. Monasticism. In: BOWERSOCK, Glen W.; BROWN, Peter; GRABAR, Oleg. (Ed.). **Late Antiquity: a guide to the postclassical world**. Cambridge/MA: Harvard University Press, 1999, p. 583-584.

LIÉBAERT, Jacques. **Os Padres da Igreja**. Séculos I – IV. Trad. Nadyr Salles Penteadó. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

LIEBESCHUETZ, John H. W.G. **Barbarians and Bishops: Army, Church, and State in the Age of Arcadius and Chrysostom**. Oxford: Clarendon Press, 2004.

LOOFS, Friedrich. **Nestorius and his place in the history of Christian doctrine**. Cambridge: Cambridge University Press, 1914.

LOT, Ferdinand. **O Fim do Mundo Antigo e o Princípio da Idade Média**. Trad. Emanuel Godinho. Lisboa: Edições 70, 1980.

LYMAN, J. Rebecca. **Christology and cosmology: models of divine activity in Origen, Eusebius and Athanasius**. Oxford: Clarendon Press, 1993.

MACHADO, Carlos Augusto Ribeiro. **Imperadores imaginários: política e biografia na História Augusta**. (Dissertação de Mestrado). 152p. FFLCH/Universidade de São Paulo, 1998.

MAGALHÃES, Julio Cesar. Arianistas. In : FUNARI, Pedro Paulo. (Org.). **As Religiões que o Mundo esqueceu**: como os egípcios, gregos, celtas, astecas e outros povos cultuavam seus deuses. São Paulo: Contexto, 2012, p. 87-101.

MALATIAN, Teresa. Narrador, registro e arquivo. In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tânia Regina de. (Org.). **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Editora Contexto, 2009, p. 195-221.

MALLEY, William J. **Hellenism and Christianity**: the conflict between hellenic and Christian wisdom in the *Contra Galilaeos* of Julian the Apostata and the *Contra Julianum* of St. Cyril of Alexandria. Roma: Università Gregoriana Editrice, 1978.

MALOSSE, Pierre-Louis. Introduction. In: PSEUDO-LIBÂNIO. **Epistolimaioi Caractheres**. In: *Lettres pour toutes circonstances*. Trad. Pierre-Louis Malosse. Paris: Les Belles Lettres, 2004, p. 11-19.

MANGO, Cyril. **Le développement urbain de Constantinople (IVe.-VIIe. Siècles)**. Paris : De Boccard, 2004.

MANGO, Marlia Mundell. Building and Architecture. In : CAMERON, Averil; WARD-PERKINS, Bryan; WHITBY, Michael. (Ed.). **Late Antiquity**: Empire and Successors, A.D. 425-600. The Cambridge Ancient History. Vol. XIV. Cambridge: Cambridge University Press, 2008, p. 918-971.

MARAVAL, Pierre. Introduction. In: EUSÈBE DE CÉSARÉE. **Louanges de Constantin**. Introduction, traduction originale et notes par Pierre Maraval. Paris: Les Éditions Du Cerf, 2001, p. 9-71.

_____. **Le Christianisme de Constantin à la conquête arabe**. 3a. ed. Paris : Presses Universitaires de France, 2005.

MARKUS, Robert A. **O Fim do Cristianismo Antigo**. Trad. João Rezende Costa. São Paulo : Paulus, 1997.

MARROU, Henri-Irénée. **L'Église de l'Antiquité Tardive – 303-604**. Paris: Éditions du Seuil, 1985.

MARTINDALE, John R. **The Prosopography of the Later Roman Empire**. Cambridge: Cambridge University Press, 1980.

MATTHEWS, John Frederick. **Western Aristocracies and Imperial Court. AD 364-425**. Oxford: Clarendon Press, 1975.

MATHISEN, Ralph. Les mariages entre romains et barbares comme stratégie familiale pendant l'Antiquité Tardive. In: BADEL, Christophe ; SETTIPANI, Christian. (Ed.). **Les stratégies familiales dans l'Antiquité Tardive**. Paris : De Boccard, 2012, p. 153-166.

MAYER, Wendy. Doing Violence to the Image of an Empress : The Destruction of Eudoxia's Reputation. In : DRAKE, Harold. (Ed.). **Violence in Late Antiquity** : Perceptions and Practices. Aldershot : Ashgate, 2006, p. 205-213.

McCORMICK, Michael. Emperor and Court. In: CAMERON, Averil; WARD-PERKINS, Bryan; WHITBY, Michael. (Ed.). **Late Antiquity**: Empire and Successors, A.D. 425-600. The Cambridge Ancient History. Vol. XIV. Cambridge: Cambridge University Press, 2008, p. 135-163.

- McENERNEY, John I. Introduction. In: CYRIL OF ALEXANDRIA. **Letters 1-50**. The Fathers of the Church. Vol. 76. Washington: The Catholic University of Press, 1987a, p. 1-9.
- _____. Notas. In: **Letters 51-110**. The Fathers of the Church. Vol. 77. Translated by John I. McEnerney. Washington/DC: The Catholic University of Press, 1987b.
- McEVOY, Meaghan A. **Child Emperor Rule in the Late Roman West, AD 367-455**. Oxford: Oxford University Press, 2013.
- McGUCKIN, John Anthony. **St. Cyril of Alexandria - The Christological Controversy: its history, theology and texts**. Leiden: Brill, 1994.
- MILES, Richard. Epistolography. In: BOWERSOCK, Glen Waren; BROWN, Peter; GRABAR, Oleg. (Ed.). **Late Antiquity: a guide to the postclassical world**. Cambridge/MA: Harvard University Press, 1999a, p. 428-429.
- _____. Introduction: constructing identities in late antiquity. In: _____. (Ed.). **Constructing identities in late antiquity**. London: Routledge, 1999b, p. 1-15.
- MILLAR, Fergus. **A Greek Roman Empire: Power and belief under Theodosius II – 408-450**. Los Angeles: University California Press, 2006.
- _____. The Syriac Acts of the Second Council of Ephesus (449). In: PRICE, Richard; WHITBY, Mary. (Ed.). **Chalcedon in Context: Church Councils 400-700**. Liverpool: Liverpool University Press, 2011, p. 45-69.
- _____. **The Emperor in the Roman World (31 BC – AD 337)**. Londres: Duckworth, 1977.
- MOATTI, Claudia. Mobility and identity between the second and the fourth centuries: the “cosmopolitization” of the Roman Empire. In: RAPP, Claudia; DRAKE, Harold A. (Ed.). **The City in the Classical and Post-Classical World: changing contexts of power and identity**. Cambridge: Cambridge University Press, 2014, p. 130-152.
- MOMIGLIANO, Arnaldo. The Disadvantages of Monotheism for a Universal State. The University of Chicago Press, **Classical Philology**, v. 81, n. 4, p. 284-297, 1986.
- MORELLO, Ruth; MORRISON, Andrew D. (Ed.). **Ancient Letters: classical and late antiquity epistolography**. New York: Oxford University Press, 2007.
- MORRISON, Cécile. Les événements/perspective chronologique. In: _____. (Ed.). **Le Monde Byzantin I: L’Empire romain d’Orient (330-641)**. Paris: Presses Universitaires de France, 2012, p. 3-47.
- MUDROVICIC, María Inés. Por que Clio retornou a Mnemosine? In: AZEVEDO, Cecília; et. al. (Org.). **Cultura Política: memória e historiografia**. Trad. Ronald Polito. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009, p. 101-116.
- NAU, François. Introduction. In: NESTORIUS. **Le Livre d’Heraclide de Damas**. Traduit en français par F. Nau avec le concours P. Bedjan et M. Brière. Paris: Letouzey et Ané Éditeurs, 1910, p. v-xxviii.
- NEIRA FALERO, Concepción. Introducción. In: **Notitia Dignitatum**. Nueva edición crítica y comentario histórico por Concepción Neira Faleiro. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 2005, p. 29-45.

OLIVEIRA, Julio Cesar Magalhães de. O conceito de Antiguidade Tardia e as transformações da cidade antiga: o caso da África do Norte. Campinas: **Revista de E. F. e H. da Antiguidade**, n. 24, p. 125-137, jul. 2007/jun. 2008.

_____. **Potestas Populi**: participation populaire et action collective dans les Villes de l'Afrique romaine tardive (vers 300-430 apr. J.-C.). Turnhout: Brepols, 2012.

PAGELS, Elaine. **Adam, Eve, and the Serpent**. New York: Vintage Books, 1989.

_____. **Os Evangelhos Gnósticos**. Trad. Marisa Mota. Rio de Janeiro: Objetiva, 2006.

PIETRI, Charles. La géographie de l'Illyricum ecclésiastique et ses relations avec l'Eglise de Rome (Ve.-VIe. Siècles). In: DAGRON, Gilbert. (Ed.). **Villes et Peuplement dans l'Illyricum Protobyzantin**. Rome: École Française de Rome, 1984, p. 21-62.

_____; PIETRI, Luce. (Ed.). **Prosopographie Chrétienne du Bas-Empire – Italie (313-604)**. Vol. 1, A-K. Rome: École Française de Rome, 1999.

_____; _____. (Ed.). **Prosopographie Chrétienne du Bas-Empire – Italie (313-604)**. Vol. 2, L-Z. Rome: École Française de Rome, 2000.

PIGANIOL, André. **L'Empire Chrétien (325-395)**. 2^a ed. Paris: Presses Universitaires de France, 1972.

PRICE, Richard. Polites and Bishops' Lists at the First Council of Ephesus. **Annuario Historiae Conciliorum**, v. 40, p. 395-420, 2012.

_____; GADDIS, Michael. General introduction. In : **Acts of the Council of Chalcedon**, Vol. I. Translated with an introduction and notes by Richard Price and Michael Gaddis. Liverpool: Liverpool University Press, 2007, p. 1-85.

PUSEY, Edward Bouverie. Preface. In: CYRIL OF ALEXANDRIA. **Five Tomes Against Nestorius**. Trad. E. B. Pusey. Oxford: James Parker and Co., and Rivingtons, 1881, p. vii-cv.

RAPP, Claudia. **Holy Bishops in Late Antiquity : The Nature of Christian Leadership in an Age of Transition**. Los Angeles: University of California Press, 2005.

REBILLARD, Éric. **Les chrétiens de l'Antiquité tardive et leurs identités multiples : Afrique du Nord, 200-450 après J.-C.** Paris : Les Belles Lettres, 2014.

RÉMOND, René. Uma história presente. _____. **Por uma história política**. 2a. ed. Trad. Dora Rocha. Rio de Janeiro : Editora FGV, 2003, p. 13-36.

RIVES, James. Religion in the Roman Empire. HUSKINSON, Janet. (Ed.). **Experiencing Rome: culture, identity and power in the Roman Empire**. London: Routledge, 2000, p. 245-275.

ROQUES, Denis. Les Lettres de Synésios de Cyrène : problèmes et méthodes. In : DELMAIRE, Roland ; DESMULLIEZ, Janine ; GATIER, Pierre-Louis. (Ed.). **Correspondances : documents pour l'histoire de l'Antiquité tardive**. Lyon : Maison de l'Orient et de la Méditerranée, 2009, p. 515-552.

RUBENSTEIN, Richard E. **Quando Jesus se tornou Deus**. Trad. Marija C. Mendes. Rio de Janeiro : Ed. Fissus, 2001.

- RUBIN, Ze'ev. The sasanid monarchy. In: CAMERON, Averil; WARD-PERKINS, Bryan; WHITBY, Michael. (Ed.). **Late Antiquity: Empire and Successors, A.D. 425-600**. The Cambridge Ancient History. Vol. XIV. Cambridge: Cambridge University Press, 2008, p. 638-661.
- RÜSEN, Jörn. **Reconstrução do passado**. Trad. Asta-Rose Alcaide. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2007.
- RUSSELL, Norman. **Cyril of Alexandria**. The Early Church Fathers. London and New York: Routledge, 2000.
- SALISBURY, Joyce E. **Rome's Christian Empress: Galla Placidia Rules at the Twilight of the Empire**. Baltimore: John Hopkins University Press, 2015. (E-book).
- SAUGET, Joseph-Marie. Porphyry of Gaza, bishop. In: BERARDINO, Angelo di. (Ed.). **Encyclopedia of Ancient Christianity**. Downers Grove/Illinois : InterVarsity Press, 2013, p. 3257.
- SCHLINKERT, Dirk. Between emperor, court, and senatorial order: the codification of the Codex Theodosianus. **Ancient Society**, v. 32, Leuven: Peeters, p. 283-294, 2002.
- SCHOR, Adam. M. **Theodoret's People: social network and religious conflict in late Roman Syria**. Los Angeles: University of California Press, 2011.
- SCIPIONI, Luigi I. **Ricerca sulla cristologia de 'Libro di Eraclide' di Nestorio**. Friburgo: Edizioni Universitarie Friburgo Svizzera, 1956.
- SHOEMAKER, Stephen J. **Ancient traditions of the Virgin Mary's dormition and assumption**. Oxford: Oxford University Press, 2006.
- SILVA, Érica C. M. **Conflito político-cultural na Antiguidade Tardia: O 'Levante das Estátuas' em Antioquia de Orontes (387 d.C.)**. Tese (Doutorado em História). 272f. Faculdade de Ciências Humanas e Sociais – UNESP/Franca, 2012.
- SILVA, Gilvan Ventura da. **Reis, santos e feiticeiros: Constâncio II e os fundamentos da Basileia – 337-361**. Vitória: Edufes, 2003.
- SILVA, Semíramis Corsi. **O Império Romano do sofista grego Filóstrato nas viagens da 'Vida de Apolônio de Tiana' (Século III d.C.)**. Tese (Doutorado em História). 399f. Faculdade de Ciências Humanas e Sociais – UNESP/Franca, 2014.
- SIRINELLI, Jean-François. Des cultures politiques. In: _____. (Ed.). **Histoire des droites en France: Cultures**. Tome 2. Paris: Gallimard, 1992.
- SORO, Bawai. La condamnation de Nestorius au Concile d'Éphèse. **Istina Revue Trimestrielle**, v. xliii, p. 179-213, 1998.
- SOWERS, Brian Patrick. **Eudocia : the making of a homeric Christian**. Thesis (Degree of doctor of Philosophy). Department of Classics of the College of Arts and Sciences. University of Cincinnati, 2008.
- SPINELLI, Miguel. **Helenização e recriação de sentidos: a filosofia na época da expansão do Cristianismo – Sécs. II, III e IV**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.
- STEVENSON, Walter. Eunuchs and early Christianity. In: TOUGHER, Shaun. (Ed.). **Eunuchs in Antiquity and Beyond**. London: Duckworth, 2002, p. 123-142.

STEWART-SYKES, Alistair. Melito, Sardis, and the Quartodecimans. In : _____. **The Lamb's High Feast: Melito, *Peri Pascha* and the Quartodeciman Paschal Liturgy at Sardis.** Leiden: Brill, 1998, p. 1-29.

SYME, Ronald. **The Roman Revolution.** Oxford: Clarendon Press, 1939.

TEJA, Ramón. **La "Tragedia" de Efeso (431): herejia y poder en la Antigüedad Tardía.** Santander: Servicio de Publicaciones de la Universidad de Cantabria, 1995.

TESTA, Rita Lizzi. The Late Antique Bishop: image and reality. In: ROUSSEAU, Philip; RAITHEL, Jutta. (Ed.). **A Companion to Late Antiquity.** Chichester: Wiley-Blackwell, 2009, p. 525-538.

THOMSON, Robert W. Armenia in the fifth and sixth century. In : CAMERON, Averil; WARD-PERKINS, Bryan; WHITBY, Michael. (Ed.) **Late Antiquity: Empire and Successors, A.D. 425-600.** The Cambridge Ancient History. Vol. XIV. Cambridge: Cambridge University Press, 2008, p. 662-677.

TOUGHER, Shaun. **The Eunuch in Byzantine History and Society.** London and New York: Routledge, 2008.

_____. In or out? Origins of court eunuchs. In: _____. (Ed.). **Eunuchs in Antiquity and Beyond.** London: Duckworth, 2002, p. 143-160.

TRAINA, Giusto. **428 AD: an ordinary year at the end of the Roman Empire.** Translated by Allan Cameron. Princeton: Princeton University Press, 2009.

TRAPP, Michael. **Greek and latin letters: an anthology with translation.** Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

VAN NUFFELEN, Peter. Episcopal Succession in Constantinople (381-450). **Journal of Early Christian Studies**, v. 18, n. 3, p. 425-451, 2010.

_____. Playing the Ritual Game in Constantinople (379-457). In: GRIG, Lucy; KELLY, Gavin. (Ed.). **Two Romes: Rome and Constantinople in Late Antiquity.** Oxford: Oxford University Press, 2012, p. 183-200.

VEYNE, Paul. O que era um imperador romano? In: _____. **O Império Greco-Romano.** Trad. Marisa Rocha Motta. Rio de Janeiro: Elsevier, 2009, p. 1-34.

_____. **Quando o nosso mundo se tornou cristão.** Trad. Artur Morão. Lisboa: Edições Texto & Grafia, 2009.

WACE, Henry; PIERCY, WILLIAN C. **A Dictionary of Christian Biography and Literature to the End of the Sixth Century A.D.,** with an Account of the Principal Sects and Heresies. Grand Rapids, MI: Christian Classics Ethereal Library, 1999.

WARD-PERKINS, Bryan. The cities. In : In: CAMERON, Averil; GARNSEY, Peter. (Ed.). **The Late Empire, A.D. 337-425.** The Cambridge Ancient History. Vol. XIII. Cambridge: Cambridge University Press, 2008, p. 371-410.

WATTS, Edward. Theodosius II and his legacy in anti-chalcedonian communal memory. In: KELLY, Christopher. (Ed.). **Theodosius II : rethinking the Roman Empire in late Antiquity.** Cambridge : Cambridge University Press, 2013, p. 269-284.

WEBER, Max. **Sociologia das Religiões.** Trad. Paulo Osório de Castro. Lisboa : Relógio d'Água Editores, 2006.

WESSEL, Susan. Nestorius, Mary and Controversy in Cyril of Alexandria *Homily IV*. **Annuario Historiae Conciliorum**, v. 31, p. 1-49, 1999.

_____. The Ecclesiastical Policy of Theodosius II. **Annuario Historiae Conciliorum**, v. 33, p. 285-308, 2001.

_____. **Cyril of Alexandria and the Nestorian Controversy**: the making of a Saint and of a heretic. Oxford: Oxford University Press, 2004.

WICKHAM, Lionel R. Introduction and notes. In: **Cyril of Alexandria**: select letters. Edited and translated by Lionel R. Wickham. Oxford: Clarendon Press, 1983.

WIPSYCKA, Ewa. The institutional church. In: BAGNALL, Roger S. (Ed.). **Egypt in the Byzantine World**: 300-700. Cambridge: Cambridge University Press, 2010, p. 331-349.

WOLF, Greg. Only connect ? Network analysis and religious change in the Roman World. **Hélade**, v. 2, n. 2, p. 43-58, 2016.

APÊNDICES

APÊNDICE A

CARTAS DOS OU AOS IMPERADORES E FUNCIONÁRIOS IMPERIAIS (E CARTAS EM QUE IMPERADORES E FUNCIONÁRIOS FORAM CITADOS)

Informações sobre o catálogo:

- 1) As cartas selecionadas se referem a documentos relacionados a imperadores, membros da família imperial e funcionários da administração imperial, durante o governo do imperador Teodósio II (408-450); são cartas nas quais esses segmentos se apresentam como correspondentes ou nelas foram citados;
- 2) Os documentos extraídos da obra *ACO I, 1* (Tomo I, volume 1) se referem a manuscritos preservados nos idiomas grego *Collectio Vaticana* (*ACO I, 1, 1-6*) e *Atheniensis* (*ACO, I, 1, 7*) e latino *Collectio Casinensis pars prior* (*ACO, I, 3*), traduzidos por André-Jean Festugière para a língua francesa;
- 3) Esses documentos estão relacionados aos eventos pré-Concílio de Éfeso I (431), *Fórmula da Reunião* (433) e seus desdobramentos;
- 4) As demais coleções em versões latinas indicadas no catálogo *Collectio Veronensis* (*ACO, I, 2*), *Casinensis pars altera* (*ACO, I, 4*) e *Palatina, Sichardiana, Quesneliana, Winteriana* (*ACO I, 5*), foram listadas para indicar que outras tradições manuscritas preservaram versões traduzidas em latim dos documentos produzidos originalmente em grego.
- 5) No que se refere às cartas de membros da hierarquia (emitentes ou receptores), os documentos estão inventariados na obra *Corpus Christianorum/Clavis Patrum Graecorum*, Tomo III, de Maurice Geerard (1979);
- 6) Conforme indica Festugière no prefácio da sua tradução, os documentos da *ACO I, 1* foram preservados em homenagem a Cirilo de Alexandria;
- 7) As demais coleções foram preservadas tanto por cirilianos quanto por nestorianos (MILLAR, 2006, p. 242-244);
- 8) Os documentos relativos ao Concílio de Éfeso II (449) até a morte de Teodósio II (450) foram extraídos da transcrição da primeira sessão do Concílio de Calcedônia (*ACO II, 1*);

- 9) Os *acta* do Concílio de Éfeso II foram preservados apenas em versão siríaca, mas foram lidos e registrados em grego na primeira sessão do Concílio de Calcedônia (451) e traduzidos para a língua inglesa por Richard Price e Michael Gaddis (*Codex Venetus 555; Epistularum M*);
- 10) Salvo algumas poucas exceções, as cartas não são datadas. Sugerimos uma datação de acordo com o seu conteúdo tomando por base os seguintes eventos: posse de Nestório no episcopado de Constantinopla (abril/428), Concílio de Éfeso I (junho/431), Fórmula da Reunião (433), exílio de Nestório (436), morte de Cirilo (444), sínodo de Constantinopla (novembro/448) e Concílio de Éfeso II (agosto/449);
- 11) As cartas não se encontram dispostas cronologicamente nos manuscritos. Estabelecemos um ordenamento no sentido de tentar contemplar a sucessão dos eventos descritos;
- 12) Cruzamos as informações colhidas no material acima indicado com os relatos fornecidos por Nestório no *Livro de Heraclides*, que também catalogamos nos Apêndices B e D;

ACO (versão grega)	ACO (versão latina)	Ed. Festugière	LH¹	Data	Remetente	Destinatário
I, 1, 1, p. 114-116 (<i>Vat.</i>) ²	-	Doc. 25 p. 173-175	165- 167	19 nov/ 430	Teodósio II e Valentiniano III	À Alexandria e ao bispo Cirilo
<p>Sacra de convocação do Concílio de Éfeso I. Teodósio convoca Cirilo e os bispos metrópolitas do Egito para o Concílio a ser realizado em Éfeso, no dia da festa de Pentecostes de 431. Justifica a convocação, apesar dos transtornos que causará aos bispos, pelas necessidades por que passam a Igreja e as coisas públicas. Não serão permitidas ausências e nada alheio a essas coisas. Que as deliberações sejam tomadas em conjunto por todos.</p>						
I, 1, 1, p. 90-91 (<i>Vat.</i>)	-	Doc. 12 p. 134	-	430	Celestino de Roma	João de Antioquia
<p>Celestino conclama João de Antioquia a seguir a doutrina defendida por ele e Cirilo de Alexandria. Nestório está causando problemas na Igreja de Constantinopla, cidade onde habita o imperador.</p>						
I, 1, 1, p. 73-74 (<i>Vat.</i>)	I, 3, p. 47-48 (<i>Cas. prior</i>)	Doc. 8 p. 109-111	147, 153	Nov/ 430	Teodósio II e Valentiniano III	Cirilo de Alexandria
<p>Teodósio repreende fortemente Cirilo por ter enviado cartas a ele, a sua esposa Eudóxia e a sua irmã Pulquéria. Para Teodósio, a intenção de Cirilo era “lançar desentendimentos entre nós”. Para o imperador, é reprovável que alguém que está tão distante se intrometa de maneira indiscreta nos seus negócios. Afirma que Cirilo quer suscitar divisão entre as coisas da Igreja e dos imperadores. Teodósio afirma que não irá tolerar esse tipo de coisas. Adianta que irá reunir um Concílio [ao que tudo indica, de início, em Constantinopla] para dirimir os problemas da fé.</p>						
I, 1, 1, p. 77-83 (<i>Vat.</i>)	-	Doc. 10, p. 116-124	193- 195	30/ 11/ 430	Celestino de Roma	Nestório de Constantinopla
<p>Celestino repreende Nestório sobre a presença de pelagianos em Constantinopla. Afirma ter recebido os escritos de Nestório por intermédio do magnífico Antioco. Nestório deve se sujeitar a fé das igrejas de Roma e Alexandria caso não queira de ser anatematizado.</p>						

¹ Refere-se à reprodução do documento no *Livro Heraclides* ou assunto relacionado.

² Significa ACO, Tomo I, Volume 1, 1 (*Collectio Vaticana*), páginas 114-116.

I, 1, 1 p. 120-121 (<i>Vat.</i>)	I, 3, p. 51-52 (<i>Cas. prior</i>)	Doc. 31, p. 186-187	162-167, 169-177	Junho de 431	Teodósio II e Valentiniano III	<i>Sacra</i> ao Concílio de Éfeso I
<p>Instruções ao Concílio enviadas por intermédio do <i>comes</i> Candidiano. Os bispos não podem se ausentar do Concílio, nem tratar de outros assuntos alheios à definição da verdadeira fé. Candidiano deve se ater apenas à boa ordem e não se imiscuir em assuntos de definição do dogma. Nestório foi autorizado, por questão de amizade, ser acompanhado pelo <i>comes</i> Irineu, que também não deve interferir nos trabalhos.</p>						
I, 1, 2, p. 3-7 (<i>Vat.</i>)	I, 2, 27-31 (<i>Ver.</i>)	Doc. 33, p. 191-195	-	22 Junho 431	Concílio de Éfeso	-
<p>Lista dos bispos reunidos na sessão do dia 22 de junho de 431 do Concílio de Éfeso, no décimo terceiro consulado de Teodósio e terceiro de Valentiniano.</p>						
I, 1, 3, p. 3-5 (<i>Vat.</i>)	I, 3, p. 85-87 (<i>Cas. prior</i>)	Doc. 81, p. 315-318	147-194	Junho 431	Concílio de Éfeso I	Teodósio II e Valentiniano III
<p>Relatório do Concílio aos imperadores. Registram o atraso de dezesseis dias de João de Antioquia e dos bispos orientais, mas acreditam se tratar de dificuldades apresentadas pela rota. Tentam justificar o início do Concílio, em 22 de junho de 431, sem a presença de todos como ordenado pelos imperadores. Convidaram Nestório várias vezes a participar, mas ele se recusou. Nestório através de recados ao Concílio não desistiu das suas ideias, por isso foi considerado destituído canonicamente e considerado herético.</p>						
I, 1, 3, p. 10-13 (<i>Vat.</i>)	-	Doc. 84, p. 327-331	176	Julho de 431	Concílio de Éfeso I	Teodósio II e Valentiniano III
<p>Relatório do Concílio enviado ao imperador por intermédio do <i>magistrianus</i> Paládio e assinado pelo bispo Flaviano de Filipe. Afirma que Candidiano preferiu a amizade a Nestório que a ortodoxia. Candidiano se apressou a captar a atenção do imperador antes que lhe fosse dado conhecimento do que fora feito. Pedem que Candidiano seja enviado perante o imperador, juntamente com cinco deputados do Concílio para esclarecer o que foi feito. Lista o nome de trinta e três bispos que sustentam o dogma de Nestório.</p>						

I, 1, 5, p. 13-15 (<i>Vat.</i>)	I, 4, p. 30-31 (<i>Cas. alt.</i>)	Doc. 146 p. 534- 536	147, 161- 178	431	Nestório de Constantinopla	Teodósio II
Relato do que se passou no Concílio antes da chegada do bispo de Antioquia. Nestório pede a Teodósio que não dê atenção aos ataques bárbaros dos bispos cirilianos contra ele e seus seguidores. Pede que eles sejam retirados sem perigo de Éfeso, pois suas vidas estão em risco.						
I, 1, 2, p. 55-64 (<i>Vat.</i>)	-	Doc. 62, p. 247- 255	399- 402	22 Junho 431	Concílio de Éfeso	-
Sentença do Concílio contra Nestório e assinatura dos bispos. Esse documento foi enviado aos imperadores.						
I, 1, 5, p. 125- 127 (<i>Vat.</i>)	I, 4, p. 40 (<i>Cas. Alt.</i>)	Doc. 154 p. 547- 549	176	431	João de Antioquia e Sínodo Oriental	Teodósio II e Valentiniano III
Carta entregue ao imperador por intermédio do funcionário imperial Paládio. Relata as condições em que foram recebidos em Éfeso por Menão, os egípcios e os asiáticos. Todas as igrejas foram fechadas a eles.						
I, 1, 5, p. 132- 133 (<i>Vat.</i>)	I, 4, p. 49 (<i>Cas. alt.</i>)	Doc. 161 p. 562- 563	373	431	João de Antioquia e seu Sínodo	Prefeito Pretoriano (Tauro?) e Magister Militum
Relata que ele e seus seguidores estão sendo ameaçados por Cirilo e Menão.						
I, 1, 5, p. 133 (<i>Vat.</i>)	I, 4, p. 50 (<i>Cas. alt.</i>)	Doc. 162 p. 564- 565	373- 374	431	João de Antioquia e seu Sínodo	<i>Praepositus Sacri Cubiculi Escolástico</i>
Pede interferência de Escolástico junto ao imperador para resolver as questões disputadas.						

I, 1, 5, p. 131- 132 (<i>Vat.</i>)	I, 4, p. 48-49 (<i>Cas. alt.</i>)	Doc. 160 p. 560- 561	371	431	João de Antioquia	Pulquéria e Eudócia
A insolência de Cirilo e Menão o constrange. Estão agindo de maneira oposta aos decretos do imperador e às ordens de Candidiano. Cirilo e Menão foram declarados excluídos do episcopado.						
I, 1, 5, p. 124- 125 (<i>Vat.</i>)	-	Doc. 152 p. 544	161, 206	431	Bispos Orientais	Teodósio II
Relatam ao imperador o motivo do atraso para chegada a Éfeso, em 07 de junho de 431. Acusam os cirilianos de desobedecerem às ordens imperiais emitidas por Candidiano. Explicam os motivos das deposições de Cirilo e Menão.						
I, 1, 5, p. 124s. (<i>Vat.</i>)	-	Doc. 153 p. 545	164	431	Bispos Orientais	Teodósio II
Relato ao imperador sobre o que se passou e a causa da chegada em atraso ao Concílio. Dificuldades no caminho e fome em Antioquia retardaram a partida.						
I, 1, 5, p. 127- 128 (<i>Vat.</i>)	-	Doc. 156 p. 551- 552	161- 178	431	João de Antioquia	Senado de Constantinopla
Relata os acontecimentos em Éfeso e a desobediência dos cirilianos às ordens imperiais e ao <i>Comes</i> Candidiano.						
I, 1, 5, p. 129- 131 (<i>Vat.</i>)	I, 4, p. 46-47 (<i>Cas. alt.</i>)	Doc. 158 p. 555- 557	195- 197	431	João de Antioquia e Sínodo Oriental	Teodósio II e Valentiniano III
Pede ao imperador para colocar pronta correção na tirania que tem sido cometida contra a ortodoxia pelos cirilianos. Sobre a deposição de Cirilo e Menão.						

I, 1, 5, p. 131 (<i>Vat.</i>)	I, 4, p. 48 (<i>Cas. alt.</i>)	Doc. 159 p. 558- 559	175	431	João de Antioquia e Sínodo Oriental	Teodósio II e Valentiniano III
Esse relato foi entregue, juntamente com o anterior (158), ao <i>Comes</i> Irineu para que seja levado ao imperador. Parece que os cirilianos fazem tudo o que querem e a eles (orientais) não é permitido. Não há como suspender os capítulos heréticos de Cirilo.						
I, 1, 5, p. 133- 135 (<i>Vat.</i>)	I, 4, p. 50-51 (<i>Cas. alt.</i>)	Doc. 163 p. 566- 568	175	431	João de Antioquia e Sínodo Oriental	Teodósio II e Valentiniano III
Relato enviado ao imperador por intermédio do <i>Comes</i> Irineu. Pede ao imperador que ordene que todos os bispos subscrevam o credo de Niceia.						
I, 1, 7, p. 78-79 (<i>Ath.</i>)	-	Doc. V, 68 p. 596- 597	399- 400	431	Bispos orientais em Éfeso	Teodósio II e Valentiniano III
Fazem pressão sobre o imperador para persuadi-lo que os capítulos de Cirilo são contra a fé ortodoxa.						
I, 1, 7, p. 67-68 (<i>Ath.</i>)	I, 4, p. 55-57 (<i>Cas. alt.</i>)	Doc. II, 48 p. 578- 580	399- 402	431	João de Antioquia e Sínodo Oriental	Teodósio II e Valentiniano III
Os capítulos emitidos por Cirilo são contra os ensinamentos evangélicos e apostólicos. Ele ousa anatematizar todos os homens de hoje e de ontem. A esses capítulos, conforme é de conhecimento do <i>comes</i> João, João afirma que se reuniu em Concílio e condenou todos os bispos que os subscreveram.						

I, 1, 3, p. 28-30 (<i>Vat.</i>)	I, 3, p. 109-111 (<i>Cas. prior</i>)	Doc. 92 p. 352- 355	195	431	Concílio de Éfeso	Imperadores
Nestório foi convocado três vezes e não aceitou comparecer ao Concílio. João de Antioquia chegou com seus partidários e excomungou Cirilo e Menão.						
I, 1, 3, p. 5-9 (<i>Vat.</i>)	I, 3, p. 169-173 (<i>Cas. prior</i>)	Doc. 82 p. 319- 324	161- 164	Junho de 431	Carta do Concílio de Éfeso I	Celestino de Roma
<p>Informa que João de Antioquia havia mandado o seguinte recado por intermédio dos metrópolitas Alexandre de Apamea e Alexandre de Hierápolis: “João exorta-nos a anunciar a Vossa Piedade que se ocorrer dele se atrasar, não adiem o Concílio, façam aquilo que deva ser feito”.</p> <p>Após dezesseis dias, com a chegada de João, ele reuniu seu próprio Concílio, com trinta homens, e depôs Cirilo e Menão, acusando-os de apolinaristas. Contudo, o Concílio se manteve em comunhão com ambos.</p> <p>Foi lida no Concílio a minuta das atas de deposição de pelagianos e celestianos (Celéstio, Pelágio, Juliano, Persídio, Floro, Marcelino, Oriente e daqueles que partilham dos seus sentimentos).</p>						
I, 1, 2, 64-69 (<i>Vat.</i>)	-	Doc. 66- 67, p. 257- 261	152- 159	431	Bispos em Constantinopla	-
Relato de bispos que se encontravam em Constantinopla sobre a reação do clero, população e imperador acerca da notícia de deposição de Nestório.						
I, 2, 5, p. 128- 129 (<i>Ver.</i>)	-	-	-	Junho 431	João de Antioquia	Povo de Constantinopla
João de Antioquia fala sobre a convocação do Concílio de Éfeso I pelos imperadores. Faz um relato da perseguição empreendida por Cirilo e Menão de Éfeso aos bispos que protestaram contra a abertura do Concílio parcial sem a presença dos bispos orientais.						

I, 1, 3, p. 14-15 (<i>Vat.</i>)	I, 3, p. 95-96 (<i>Cas. prior</i>)	Doc. 86 p. 334- 335	193- 199	431	Clero de Constantinopla	Concílio de Éfeso
<p>Confirmam a decisão do Concílio de depor Nestório. A carta recebida do concílio anteriormente (documento 85) foi enviada aos imperadores. Tudo deve ser conduzido de acordo com a patronagem dos bispos reunidos no Concílio e dos imperadores. Assinam: Dalmácio, Tigrio, Sampsônio, Maximiano, João, Evandro, Modestiano, Adélfio, Filote, Eulógio, Basiliscos, Florêncio e todo o clero de Constantinopla.</p>						
I, 1, 3, p. 15-26 (<i>Vat.</i>)	I, 3, p. 99-109 (<i>Cas. prior</i>)	Docs. 87- 90 p. 336- 348	175- 182	16 e 17 Julho 431	Cirilo de Alexandria, Menão de Éfeso e Concílio de Éfeso	Ao Concílio e a todas as províncias e cidades
<p>Deposição de Nestório, João de Antioquia e dos demais trinta e três bispos que participaram do Concílio de depôs Cirilo e Menão.</p>						
I, 1, 3, p. 31-32 (<i>Vat.</i>)	I, 3, p. 111-112 (<i>Cas. prior</i>)	Doc. 93 p. 356- 357	385- 386	431	Sacra dos Imperadores	Concílio de Éfeso
<p>Enviada por intermédio do <i>Comes</i> João. Teodósio confirma as deposições de Nestório, Cirilo e Menão.</p>						
I, 1, 3, p. 33-36 (<i>Vat.</i>)	I, 3, p. 117-119 (<i>Cas. prior</i>)	Doc. 95 p. 361- 364	391- 397	431	Concílio de Éfeso	Constantino- politanos
<p>Refere-se a uma orientação aos bispos enviados pelos cirilianos a Constantinopla para fazer valer os seus direitos contra os bispos orientais.</p>						
I, 1, 3, p. 32-33 (<i>Vat.</i>)	I, 3, p. 112-114 (<i>Cas. prior</i>)	Doc. 94 p. 358- 360	386- 387	431	Concílio de Éfeso	Imperadores
<p>Resposta à Sacra de deposição de Nestório, Cirilo e Menão. Carta enviada via <i>Comes</i> João. Pede o cancelamento da condenação de Cirilo e Menão.</p>						

I, 1, 3, p.13-14 (<i>Vat.</i>)	I, 3, p. 94-95 (<i>Cas. prior</i>)	Doc. 85 p. 332- 333	189	Junho de 431	Concílio de Éfeso	Aos Constantino- Politanos
<p>Informa que Nestório foi destituído do sacerdócio. Conclama o clero e o povo de Constantinopla a consagrar outro bispo. Assinam: Cirilo de Alexandria, Filipe (padre da Igreja dos Apóstolos), Juvenal de Jerusalém, Projeto e Arcádio (legados de Roma), Firmo de Cesareia da Capadócia, Flaviano de Filipe, Menão de Éfeso, Teodoro de Ancira, Veriniano de Perge e aqueles que depuseram Nestório (mais de duzentos bispos segundo a carta).</p>						
I, 1, 3, p. 9-10. (<i>Vat.</i>)	I, 3, p. 91-92 (<i>Cas. prior</i>)	Doc. 83 p. 325- 326	170- 178	29 Junho 431	Teodósio II e Valentiniano III	Concílio de Éfeso
<p>Carta enviada por intermédio do funcionário Paládio. Teodósio tomou conhecimento dos tumultos ocorridos no Concílio por intermédio do relato de Candidiano. Nada que não seja deliberado por todo o Concílio terá validade. Afirma que está enviando outro oficial do palácio que, juntamente com Candidiano, tomem conhecimento do que ocorre e impeçam desordens. Nenhum bispo deve se ausentar de Éfeso, nem comparecer à Corte. Os governadores das províncias foram avisados dessa ordem. Tudo o que for decidido deverá ser sancionado por ele [Teodósio]. Afirma não estar preocupado com as pessoas, nem mesmo com Nestório, mas com a verdade dos dogmas da fé.</p>						
I, 1, 3, p. 46-47 (<i>Vat.</i>)	I, 3, p. 115-116 (<i>Cas. prior</i>)	Doc. 101 p. 381- 383	370- 373	431	Menão de Éfeso	Clero de Constantinopla
<p>Descreve os problemas que os cirilianos têm enfrentado em Éfeso por conta dos funcionários imperiais. Pede que enviem esforços para que eles sejam removidos de lá. Cita Candidiano e Irineu.</p>						
I, 1, 3, p. 47-48 (<i>Vat.</i>)	I, 3, p. 116-117 (<i>Cas. prior</i>)	Doc. 102 p. 385- 386	388	431	Cirilianos em Éfeso	Imperadores
<p>Petição em que pedem a Teodósio II a liberação de Cirilo e Menão.</p>						

I, 1, 3, p. 49-50 (<i>Vat.</i>)	-	Doc. 103 p. 387- 389	370	431	Clero de Constantinopla	Teodósio II
Súplica do clero de Constantinopla em favor de Cirilo e Menão. Teodósio teria sido persuadido por aqueles que estiveram separados do Concílio.						
I, 1, 3, p. 51-53 (<i>Vat.</i>)	I, 3, p. 117-119 (<i>Cas. prior</i>)	Doc. 105, p. 392- 394	374	431	Cirilianos em Éfeso	Clero em Constantinopla
Relata os acontecimentos da deposição de Cirilo e Menão. Pede interseção junto ao imperador Teodósio II. Os bispos alegam que estão retidos em Éfeso, muitos deles enfermos e que não podem enviar mensagens nem mesmo à Corte Imperial.						
I, 1, 7, p. 71 (<i>Ath.</i>)	I, 4, p. 64 (<i>Cas. alt.</i>)	Doc. III, 56 p. 582	370, 384	431	Nestório de Constantinopla	Antioco, Prefeito
Nestório diz que recebeu a ordem do imperador de se recolher no seu monastério. Espera que os propósitos de Cirilo sejam condenados pelo imperador.						
I, 1, 3, p. 36-39 (<i>Vat.</i>)	I, 3, p. 176-177 (<i>Cas. prior</i>)	Doc. 96 p. 365- 368	391- 397	431	Bispos Orientais	Constantino- politanos
Refere-se a uma procuração enviada pelos nestorianos a seus bispos que estavam em Constantinopla para fazer valer seus direitos contra os cirilianos.						
I, 1, 3, p. 42-43 (<i>Vat.</i>)	-	Doc. 98 p. 374- 375	391- 397	13 Ago 431	Bispos cirilianos em Constantinopla	Concílio De Éfeso
Resposta ao documento 96. Os bispos cirilianos em Constantinopla estão tentando obter uma atitude benevolente do imperador.						

I, 1, 3, p. 43-44 (<i>Vat.</i>)	I, 3, p.141-142 (<i>Cas. prior</i>)	Doc. 99 p. 376- 378	397- 399	431	Concílio de Éfeso	Bispos cirilianos em Constantinopla
Resposta ao documento 98. Instruções aos bispos cirilianos em Constantinopla de como proceder para o imperador anular a condenação de Cirilo e Menão.						
I, 1, 4, p. 3-5 (<i>Vat.</i>)	-	Doc. 120 p. 467- 469	398	431/ 432	Teodósio II e Valentiniano III	João de Antioquia
Enviada através do tribuno Aristolau, convocando João de Antioquia e mais alguns dos seus bispos a se reunirem com ele em Nicomédia. Finalidade de obter um acordo com os cirilianos.						
I, 1, 7, p. 71 (<i>Ath.</i>)	-	Doc. IV, 57 p. 583	392- 393	Set/ 431	Teodósio II	Flaviano de Filipe
Sacra endereçada a Flaviano que se dirigia a Calcedônia para se reunir com o imperador, juntamente com outros bispos indicados pelo Concílio.						
I, 1, 7, p. 76-77 (<i>Ath.</i>)	-	Doc. V, 65 p. 592- 593	396- 397	11/ Set/ 431	Ações dos orientais em Calcedônia	Aos orientais em Éfeso
Os bispos orientais em Calcedônia não conseguiram entrar em Constantinopla por causa da sedição dos monges. Eles aguardam o imperador chegar a Calcedônia para a audiência.						
I, 1, 7, p. 72-73 (<i>Ath.</i>)	I, 4, p. 71-73 (<i>Cas. alt.</i>)	Doc. V, 62 p. 584- 587	391- 394	Set/ 431	João de Antioquia e Sínodo Oriental	Teodósio II e Valentiniano III
Primeira contestação dos bispos orientais, que estavam em Calcedônia, aos imperadores sobre os motivos de serem negadas a eles a entrada em Constantinopla.						

I, 1, 7, p. 74-75 (<i>Ath.</i>)	I, 4, p. 74-75 (<i>Cas. alt.</i>)	Doc. V, 63 p. 587- 590	391- 394	Set/ 431	João de Antioquia e Sínodo Oriental	Teodósio II e Valentiniano III
Segunda contestação. Imploram que nenhuma ordenação para o lugar de Nestório seja feita antes que seja estabelecida a regra da verdadeira fé.						
I, 1, 7, p. 77 (<i>Ath.</i>)	-	Doc. V, 66 p. 593- 594	400- 403	Set/ 431	Dos bispos orientais em Calcedônia	Aos bispos orientais em Éfeso
Afirmam que tiveram audiência com o imperador e que todos os seus pontos de vistas foram aprovados.						
I, 1, 7, p. 75-76 (<i>Ath.</i>)	I, 4, p. 76-77 (<i>Cas. alt.</i>)	Doc. V, 64 p. 590- 592	395- 399	Set/ Out/ 431	João de Antioquia e Sínodo Oriental	Teodósio II e Valentiniano III
Terceira contestação. Afirmam que eles têm suplicado dia e noite para que o imperador, os funcionários, os soldados, os padres e leigos não abandonem a fé ortodoxa.						
I, 1, 5, 135-136 (<i>Vat.</i>)	I, 4, p. 60-61 (<i>Cas. alt.</i>)	Doc. 164 p. 569- 572	400	431/ 432	Irineu, <i>Comes</i>	Bispos Orientais
Irineu relata a situação encontrada por ele em Constantinopla: todos os altos funcionários, homens constituídos em dignidades e pessoas que ocupam diversos cargos militares foram persuadidos a acreditar que a deposição de Nestório se deu em exame regular.						
I, 1, 3, p. 67 (<i>Vat.</i>)	I, 3, p. 180-181 (<i>Cas. prior</i>)	Doc. 109- 110 p. 414- 415	384- 387	431	Teodósio II	-
Decreto imperial destituindo Nestório. Confirmação de Maximiano como bispo de Constantinopla. Cópia desse decreto foi enviada por meio de carta ao Prefeito do Pretório Isidoro.						

I, 1, 7, p. 79-80 (<i>Ath.</i>)	-	Doc. V, 69 p. 598- 600	370- 372	Set/ Out/ 431	Teodoro de Ciro	Alexandre de Hierápolis
Relata os esforços que estão sendo empreendidos junto ao imperador para que Cirilo e Menão não fossem restaurados.						
I, 1, 7, p. 77 (<i>Ath.</i>)	-	Doc. V, 67 p. 594- 596	372	Set/ Out/ 431	Bispos orientais em Éfeso	Bispos orientais em Calcedônia
Orientam os bispos em Calcedônia para que atuem junto ao imperador pela deposição dos heréticos e supressão dos capítulos de Cirilo.						
I, 1, 3, p. 65-66 (<i>Vat.</i>)	I, 3, p. 174-176 (<i>Cas. prior</i>)	Doc. 108 p. 411- 413	391	Out/ 431	Cirilianos em Éfeso	Imperadores
Relação dos bispos indicados pelos cirilianos para se encontrarem com o Teodósio II em Constantinopla, através da ordem imperial transmitida pelo <i>Comes</i> João.						
I, 1, 7, p. 81 (<i>Ath.</i>)	-	Doc. V, 70 p. 600- 601	387	Out/ 431	Bispos orientais em Constantinopla	Bispos orientais em Éfeso
Os bispos orientais têm envidados esforços junto ao imperador e aos funcionários imperais para que possam retornar para suas Sés.						
I, 1, 7, p. 142 (<i>Ath.</i>)	-	Doc. VII, 97 p. 622	-	Out/ Nov/ 431	Teodósio II	Concílio de Éfeso
Sacra liberando os bispos para suas cidades. Cirilo já se encontrava em Alexandria desde 31 de outubro de 431.						
I, 1, 7, p. 97 (<i>Ath.</i>)	-	Doc. VII, 97 p. 622	368- 370	Final 431	Teodósio II e Valentiniano III	Concílio de Éfeso
Autoriza os bispos a retornarem às suas Sés e restaura Cirilo e Menão.						

I, 1, 7, p. 67-68 (<i>Ath.</i>)	I, 3, p. 111-112 (<i>Cas. prior</i>)	Doc. I, 45 p. 575- 577	385- 386	431/ 432	<i>Comes</i> João	Teodósio II e Valentiniano III
Relato <i>comes</i> João ao imperador Teodósio. Afirma que está se esforçando de toda maneira possível para que não se produza seitas e cismas contra a religião ortodoxa.						
I, 1, 1, p. 112 (<i>Vat.</i>)	-	Doc. 23 p. 169	-	Verão de 432	Teodósio II e Valentiniano III	Acácio de Bereia e Simão, o Estilita
Teodósio pede a intercessão de Acácio de Bereia, o decano dos bispos orientais, e de Simão, o anacoreta, ambos com reputação de homens santos, como mediadores do conflito. Segundo Russel (2000, p. 53 e nota 118, p. 221), essa carta foi levada à Antioquia pelo tribuno Aristolau, acompanhado do mestre de ofícios Máximo. Ela acompanhava as cartas de Teodósio que seriam entregues a João de Antioquia e Cirilo. A presença de Máximo, também mencionado na carta de Acácio para Alexandre de Hierápolis (<i>ACO</i> , I, 1, 7, p. 146), era implementar a ameaça de coerção contida no último parágrafo da carta do imperador a João de Antioquia (<i>ACO</i> I, 1, p. 5).						
I, 1, 4, p. 5 (<i>Vat.</i>)	-	Doc. 121 p. 470- 471	-	Verão/ 432	Teodósio II e Valentiniano III	Simão Estilita
Teodósio apela para Simão conduzir a paz na Igreja.						
I, 1, 7, p. 142 (<i>Ath.</i>)	-	Doc. VIII, 103 p. 623- 624	398	432/ 433	Teodósio II	Acácio de Bereia
Entregue por meio do tribuno Aristolau. Teodósio pede a mediação de Acácio para resolver o impasse entre cirilianos e nestorianos.						
I, 1, 7, p. 146- 147 (<i>Ath.</i>)	-	Doc. VIII, 106 p. 625- 626	398	433	Acácio de Bereia	Alexandre de Hierápolis
Acácio recebeu Aristolau e o <i>magistriano</i> Máximo que chegaram de Alexandria com uma carta de Cirilo. Encaminha a carta de Cirilo para que Alexandre constate o seu rigor de argumentação.						

I, 1, 7, p. 160- 161 (<i>Ath.</i>)	-	Doc. VIII, 123 p. 647- 649	-	433	João de Antioquia	Maximiano de Constantinopla
Carta entregue pelo tribuno Aristolau. João que manifestar de viva voz, por meio de Aristolau, a afeição que tem por Maximiano.						
I, 1, 7, p. 146 (<i>Ath.</i>)	-	Doc. VIII, 105 p. 624	398	433	Acácio de Bereia	João de Antioquia
Proposição de acordo entregue por intermédio do tribuno Aristolau.						
I, 1, 7, p. 156- 157 (<i>Ath.</i>)	-	Doc. VIII, 119 p. 639- 642	403- 452	433	João de Antioquia	Bispos Orientais
Anuncia que a paz entre cirilianos e orientais foi concluída.						
I, 1, 7, p. 158- 160 (<i>Ath.</i>)	-	Doc. VIII, 121 p. 647- 649	403- 452	433	João de Antioquia	Sisto de Roma
Comunica a restauração da paz com os cirilianos. Afirma que aceita a deposição de Nestório e esta em comunhão com Maximiano de Constantinopla. Tudo isso por zelo dos mais pios imperadores.						
I, 1, 7, p. 157- 158 (<i>Ath.</i>)	I, 4, p. 127-128 (<i>Cas. alt.</i>)	Doc. VIII, 120 p. 642- 644	370- 371, 400- 452	433	João de Antioquia	Teodósio II
Relato ao imperador sobre a paz feita com os cirilianos. Carta enviada por intermédio do tribuno Aristolau.						

I, 1, 3, p. 69-70 (<i>Vat.</i>)	I, 3, p. 182-183 (<i>Cas. prior</i>)	Doc. 112 p. 418- 419	-	433	Prefeitos Pretorianos do Oriente e Ilírico	-
Cópia do édito dos Prefeitos Pretorianos do Ilírico Flávio Antêmio Isidoro e do Oriente Flávio Simplício contra os nestorianos.						
I, 1, 7, p. 71 (<i>Ath.</i>)	-	Doc. III, 55 p. 581	-	433	Prefeito do Pretório Antioco	Nestório
Antioco informa a Nestório que foi autorizada a sua retirada para o seu monastério de origem.						
-	-	-	Ed. Nau, p. 362- 366	Aprox. 435	Candidiano e outros	Cosmas
Manuscrito em versão siríaca. Carta endereçada a certo Cosmas, um apoiador de Nestório em Antioquia. Enviada por Candidiano (<i>comes</i>), Elias (<i>stratelates</i>), Sofrônio (<i>comes</i>), Elias e Paulo (monges), Artemon (<i>paramonarios</i>), Pedro (arquidiácono), Patérnio (tesoureiro) e outros não identificados. A carta é dividida em três partes: 1ª) trata da vida de Nestório e suas ações em Constantinopla (1-10); 2ª) sobre os milagres de Nestório no exílio (10-14) e 3ª) conclusão (15). As partes 1 e 2 foram compostas aproximadamente no período em que Nestório foi exilado (435) e a segunda parte trata-se de uma interpolação posterior (aprox. 458). Há discussões se a carta é original, contudo ela é representativa do envolvimento de altos funcionários imperiais no conflito. Trad.: NAU, 1910, p. 362-366.						
I, 1, 4, p. 66-67 (<i>Vat.</i>)	I, 4, p. 204 (<i>Cas. alt.</i>)	Doc. 138- 139, p. 518	189	Fev/ e Abr/ 448	Teodósio II e Valentiniano III	-
Decreto imperial contra os nestorianos e Irineu, bispo de Tiro e Édito do Prefeito Pretoriano.						

II, 1, 1, p. 68-69 (<i>Actio I</i>)	-	Sessão I, doc. 24, p. 683- 685	473	30/ Mar/ 449	Teodósio II e Valentiniano III	Dióscoro de Alexandria
<p>Teodósio II informa a Dióscoro sobre a convocação do Concílio de Éfeso II. Os termos da convocação são amigáveis, muito diferentes da carta em que convocou Cirilo para o Concílio de Éfeso I. Teodósio afirma que proibiu Teodoreto de Cirilo (partidário das duas naturezas) de atender ao Concílio. Carta também traduzida por: PRICE; GADDIS, 2007, p. 132-134 (Vol. 1).</p>						
II, 1, 1 p. 71 (<i>Actio I</i>)	-	Sessão I, doc. 47, p. 687	473	15/ Mai/ 449	Teodósio II e Valentiniano III	Dióscoro de Alexandria
<p>Teodósio informa a Dióscoro que está enviando o arquiandrita Barsuma como representante de todos os arquiandritas do Oriente, para tomar assento junto com ele no Concílio. A finalidade é ajudar Dióscoro combater as ideias de Nestório. Uma cópia dessa carta foi enviada a Juvenal de Jerusalém. PRICE; GADDIS, 2007, p. 136-37 (Vol. 1).</p>						
II, 1, 1, p. 71 (<i>Actio I</i>)	-	Sessão I, doc. 48, p. 688	482	14/ Mai/ 449	Teodósio II e Valentiniano III	Arquiandrita Barsuma
<p>Convocação de Barsuma para o Concílio de Éfeso II. A justificativa é de que o arquiandrita é reconhecido por sua pureza de vida e fé ortodoxa. PRICE; GADDIS, 2007, p. 137 (Vol. 1).</p>						
II, 1, 1 p.72-73 (<i>Actio I</i>)	-	Sessão I, doc. 49, p. 688- 689	483- 493	449	Teodósio II e Valentiniano III	Elpídio, <i>comes</i> do divino Consistório
<p>Instrução imperial com cópia para Eulógio. Teodósio nomeia Elpídio e o tribuno e notário Eulógio para acompanharem o Concílio de manter a ordem e que as decisões sejam tomadas de forma rápida e mantendo-o sempre informado. Aqueles que julgaram previamente Eutiques podem atender ao Concílio, mas sem tomar parte. Teodósio irá escrever ao proconsul para que dê apoio por meio de autoridades civis e militares locais para que todas as instruções sejam cumpridas. PRICE; GADDIS, 2007, p. 137-138 (Vol. 1).</p>						

II, 1, 1, p. 73 (<i>Actio I</i>)	-	Sessão I, doc. 50, p. 689- 690	494- 495	449	Teodósio II e Valentiniano III	Proclo Proconsul da Ásia
Teodósio solicita que Proclo mantenha a ordem e evite distúrbios. O não cumprimento desse decreto ensejará que ele seja responsabilizado pela sua negligência. PRICE; GADDIS, 2007, p. 138-139 (Vol. 1).						
II, 1, 1, p.73-74 (<i>Actio I</i>)	-	Sessão I, doc. 51, p. 690	496	449	Teodósio II e Valentiniano III	Concílio de Éfeso II
Pede ao Concílio que extirpe as raízes diabólicas dos ensinamentos de Nestório. PRICE; GADDIS, 2007, p. 139-140 (Vol. 1).						
II, 1, 1, p. 74 (<i>Actio I</i>)	-	Sessão I, doc. 52, p. 690- 691	473	06/ Ago/ 449	Teodósio II e Valentiniano III	Dióscoro de Alexandria
Teodósio delega a presidência do Concílio ao bispo Dióscoro. Sabe que os bispos Juvenal de Jerusalém e Talássio de Cesareia da Capadócia Prima estarão com ele. Aqueles que fizerem qualquer adição ou subtração às exposições de fé de Niceia e Éfeso I, ao juízo de Dióscoro, não terão direito de se manifestar. PRICE; GADDIS, 2007, p. 140 (Vol. 1).						
II, 1, 1, p. 3-4 (<i>Ep. M</i>)	-	-	-	449/ 450	Leão de Roma	Teodósio II
Negociações relativas a convocação de um novo Concílio em substituição ao de Éfeso II. Carta extraída do epistolário de Leão Magno. In: LEO THE GREAT, POPE. Letters . Trad. Johann Peter Kirsch. The Catholic Encyclopedia, v. 9. New York: Robert Appleton Company, 1910. 1 CD-ROM.						
II, 1, 1, p. 5 (<i>Ep. M</i>)	-	-	-	449/ 450	Teodósio II	Valentiniano III
Negociações posteriores ao Concílio de Éfeso II. Carta extraída do epistolário de Leão Magno. In: LEO THE GREAT, POPE. Letters . Trad. Johann Peter Kirsch. The Catholic Encyclopedia, v. 9. New York: Robert Appleton Company, 1910. 1 CD-ROM.						

II, 1, 1, p. 5-6 (<i>Ep. M</i>)	-	-	-	449/ 450	Teodósio II	Gala Placília
Negociações posteriores ao Concílio de Éfeso II. Carta extraída do epistolário de Leão Magno. In: LEO THE GREAT, POPE. Letters . Trad. Johann Peter Kirsch. The Catholic Encyclopedia, v. 9. New York: Robert Appleton Company, 1910. 1 CD-ROM.						
II, 1, 1, p. 6-7 (<i>Ep. M</i>)	-	-	-	449/ 450	Licínia Eudóxia	Teodósio II
Negociações posteriores ao Concílio de Éfeso II. Licínia Eudóxia e Pulquéria se aliaram a Leão de Roma para anulação do concílio. Carta extraída do epistolário de Leão Magno. In: LEO THE GREAT, POPE. Letters . Trad. Johann Peter Kirsch. The Catholic Encyclopedia, v. 9. New York: Robert Appleton Company, 1910. 1 CD-ROM.						
II, 1, 1, p. 7 (<i>Ep. M</i>)	-	-	-	449/ 450	Teodósio II	Valentiniano III
Negociações pós Concílio de Éfeso II. Carta extraída do epistolário de Leão Magno. In: LEO THE GREAT, POPE. Letters . Trad. Johann Peter Kirsch. The Catholic Encyclopedia, v. 9. New York: Robert Appleton Company, 1910. 1 CD-ROM.						
II, 1, 1, p. 7-8 (<i>Ep. M</i>)	-	-	-	449/ 450	Teodósio II	Gala Placília
Negociações pós Concílio de Éfeso II. Carta extraída do epistolário de Leão Magno. In: LEO THE GREAT, POPE. Letters . Trad. Johann Peter Kirsch. The Catholic Encyclopedia, v. 9. New York: Robert Appleton Company, 1910. 1 CD-ROM.						
II, 1, 1, p. 8 (<i>Ep. M</i>)	-	-	-	449/ 450	Teodósio II	Licínia Eudóxia
Negociações pós Concílio de Éfeso II. Carta extraída do epistolário de Leão Magno. In: LEO THE GREAT, POPE. Letters . Trad. Johann Peter Kirsch. The Catholic Encyclopedia, v. 9. New York: Robert Appleton Company, 1910. 1 CD-ROM.						

APÊNDICE B
CATÁLOGO DO LIVRO *HERACLIDES, DE NESTÓRIO*
(ASSUNTOS E REFERÊNCIAS)

Observações sobre o catálogo:

- 1) O *Livro de Heraclides* foi composto por Nestório, provavelmente entre os anos de 435 e 450, no idioma grego;
- 2) É composto de duas partes: a primeira é apresentada na forma de um diálogo em que Nestório responde a questões teológicas apresentadas por um interlocutor, Sofronius; a segunda parte corresponde à defesa da sua posição doutrinal e relato histórico da controvérsia;
- 3) O presente Apêndice B cataloga passagens dessa segunda parte em que imperadores e funcionários imperiais são citados. Os demais assuntos do livro são catalogados no Apêndice H como forma de auxiliar na contextualização;
- 4) A obra foi preservada a partir de um manuscrito no idioma siríaco, do século XI ou XII;
- 5) Ambos os catálogos foram feitos a partir da leitura de duas traduções de cópias desse manuscrito: a tradução francesa de François Nau (1910) e a tradução inglesa de G. R. Driver e Leonard Hodgson (2002);
- 6) Fornecemos os assuntos dos parágrafos e as páginas das respectivas edições;
- 7) Relacionamos esses assuntos aos conteúdos dos APÊNDICES A (Cartas imperiais) e C (Cartas da correspondência epistolar de Cirilo de Alexandria em que imperadores e funcionários foram citados).

Parágrafos	Edição F. Nau (páginas)	Edição Driver & Hodgson (páginas)	Cartas dos Apêndices A e C vinculadas ao assunto
147	89	96	A) I, 1, p. 73-74 I, 3, p. 85-87 I, 1, 5, p. 13-15, 125-127 e 132 I, 1, 7, p. 76 C) 31, 64, 70, 71, 105, 107, 110
<p>Nestório acusa Cirilo de ter reunido uma trupe de monges e bispos contra ele (certamente se referindo ao Concílio de Éfeso I). Cirilo teria colocado em desordem a Igreja e nenhum dos “chefes” impediu isso. Enquanto Cirilo tinha toda a força do Império a seu favor, Nestório contava somente com o nome do imperador. “É por eu não estar servido da força da Igreja, nem da força dos chefes, nem da força do império que eu cheguei nessa extremidade. Eu que tinha para mim os chefes, o imperador e o episcopado de Constantinopla, eu que tinha tido paciência em relação aos heréticos, tive a dor de ser expulso por ti”. A ambição de Cirilo o fez meter a mão na igreja de Constantinopla, coisa que não seria suportada por nenhuma outra cidade.</p>			
148	89-90	96	A) I, 1, 7, p. 75 I, 1, p. 120 I, 1, 5, p. 135 C) 10, 16, 23, 70, 96, A4
<p>Nestório afirma que também possuía auxiliares, mas não entre aqueles que lutam com mãos armadas. Fala, ainda, dos motivos que levaram a <i>Augusta</i> Pulquéria a apoiar Cirilo.</p>			
151	91	98-99	A) I, 3, p. 94-95 I, 2, p. 64 C) 27, A2
<p>As facções do povo foram ao palácio episcopal em Constantinopla para chegar a um acordo. Os partidários de Apolinário chamavam Maria de “Portadora de Deus” e os de Fótió, “Portadora do homem”. Nestório afirma que pensava que esses dogmas já haviam sido rejeitados quando ele ainda estava em Antioquia.</p>			
152	92	99-100	A) I, 3, p. 94-96 I, 2, p. 64 seq. e 115-116 C) 10, 70, 109
<p>Nestório chama Maria de “Mãe de Cristo”. Os clérigos de Alexandria que estavam em Constantinopla enganaram os clérigos dessa cidade para não admitirem a locução “Portadora de Cristo”. Nestório culpa a ambição dos buscavam o episcopado e a interferência do clero de Alexandria.</p>			

153	92	100	A) I, 1, p. 73-74 e 77-83 I, 2, p. 64 seq. I, 1, 5, p. 13-15 e 135 I, 1, 7, p. 72 C) 10, 23, 27, 28, 70, 109
<p>Esses clérigos também fizeram intrigas junto ao imperador e pediram que Nestório fosse julgado. Os partidários de Cirilo em Constantinopla questionam Nestório por não condenar os acusadores de Cirilo como caluniadores. Nestório responde: “Eu não tenho necessidade de uma amizade que me faça culpado de iniquidades, mas somente daquelas que operam em acepção de pessoa às obras de Deus”.</p>			
154	93-94	100	A) I, 2, p. 64 seq. I, 3, p. 115-116 C) 10, 23, 37, 44, 70, 108, 109
<p>Segundo Nestório, Cirilo criou uma inimizade (levou para o lado pessoal) a fim de desafiá-lo como inimigo e usar de fraude segundo o seu costume e encobrir as acusações levadas contra ele. Reproduz parte da carta de Cirilo ao clero de Constantinopla para provar que não estava dizendo fantasia, mas a verdade.</p>			
155	94	101	A) I, 2, p. 64 seq. C) 10, 23, 27, 28, 37, 44, 70, 108, 109
<p>Parte da carta de Cirilo ao clero de Constantinopla. Segundo Nestório, a inimizade que Cirilo passou a nutriu por ele não era por Deus, pela religião, nem pela fé.</p>			
156	94-95	102	A) I, 2, p. 64 seq. C) 10, 23, 27, 28, 37, 44, 70, 108, 109
<p>Restante da carta. Cirilo recebe pedido dos clérigos em Constantinopla, aliados a ele, para representarem contra Nestório junto ao imperador. Cirilo pede que isso não seja feito ainda, pois Nestório poderia acusá-lo de herético ao imperador. Mas, se de outra maneira eles quiserem impelir um julgamento a acusação deve ser dirigida a outras autoridades.</p>			
157	95	102-103	A) I, 1, p. 73-74 I, 2, p. 64 seq. C) 40
<p>Nestório afirma que a discussão dele com Cirilo não é pelos negócios, pelos bens, por justiça, por rivalidade ou outras razões, nem antes, nem desde que ele se tornou bispo de Constantinopla. “Estávamos distantes em tantas coisas, como Alexandria está distante de Constantinopla, pois são diferentes os interesses dessa e daquela”. Mas havia uma causa e o próprio Cirilo a proclamou claramente: que Nestório não o ajudou a resistir aos seus acusadores. Se Cirilo estava tomando tantas precauções era porque seus acusadores tinham razão. Nestório reproduz a carta nº 2 (de Cirilo a Nestório) para corroborar essa afirmação.</p>			

158	95-96	103-104	A) I, 2, p. 64 seq. C) 60
Na carta Cirilo acusa Nestório de ter agitado toda Alexandria e os monges do Egito com os seus ensinamentos. Por que, então, ao invés de lhe escrever uma carta de inimizade, não escreveu uma carta de amizade para que encontrassem uma maneira de resolver o problema?			
159	96-97	104	A) I, 2, p. 64 seq. I, 5, p. 135 C) 10, 23, 27, 28, 37, 44, 70, 108, 109
Mas Cirilo levou o problema para dentro de Constantinopla, colocando todas as igrejas e todos os mosteiros contra mim, ao ponto de mesmo os insensíveis se comoverem.			
160	97	104-105	C) 60
Cirilo procurar fazer crer que Nestório é seu inimigo por causa da religião, por causa do escândalo provocado pela recusa de dizer que Maria é Portadora de Deus.			
161	97-98	106	A) I, 1, 5, p. 13-15, 124 seq. e 127 seq. I, 3, p. p. 85-87 e 169-173 I, 5, p. 124 C) 23, 27
[Aqui o assunto muda, pois uma parte foi arrancada do manuscrito]. Nestório fala acerca da demora da chegada dos bispos orientais a Éfeso, em junho de 430. [Os bispos aliados de Cirilo depuseram Nestório em 22 de junho de 431. Não esperaram a chegada do bispo João de Antioquia, que chegou com os bispos orientais quatro dias depois.] Nestório diz que o representante do imperador Candidiano tentou evitar esse Concílio parcial por parte dos cirilianos. A alegação de Cirilo para abrir o Concílio parcial foi que os bispos estavam ficando doentes e, alguns, até morrendo.			
162-163	98-99	106-107	A) I, 1, p. 120 I, 1, 5, p. 13-15 e 127 seq. I, 3, p. 96-98 e 169-173 C) 23
Diante da ordem de Candidiano, os bispos que não aceitaram o Concílio parcial (sessenta e oito metrópolitas) enviaram um protesto a Cirilo, acompanhados de Candidiano. [Início da transcrição do protesto].			

164	99-100	108	A) I, 1, p. 120 I, 1, 5, p. 13-15, 124 e 127 seq. I, 3, p. 91-92, 115-116 e 169-173 C) 23
<p>Além do protesto dos bispos, Nestório fala da admoestação feita pelo <i>comes</i> Candidiano. Mas, mesmo a despeito das cartas enviadas por João de Antioquia e pelos oficiais, informando que os bispos orientais se aproximavam de Éfeso, os partidários de Cirilo se voltaram contra Candidiano para convencê-lo: “levantaram suas mãos aqueles que, por causa da fome e das doenças, não podiam nem permanecer de pé e não escutavam nem o que lhes dizia as cartas que o imperador enviou a todos”.</p>			
165	100	108-109	A) I, 1, p. 114-116 e 120 I, 1, 5, p. 13-15, 127 e 131-132 C) 23, 107, 110, A4
<p>Candidiano ordenou-lhes para que não realizassem um Concílio parcial, mas que, em comum, votassem o que seria o Concílio. [Segue trecho da <i>sacra</i> imperial de abertura do Concílio]. Esse trecho da carta imperial diz que Candidiano não deve tomar parte nas discussões do Concílio.</p>			
166-167	101-102	110-111	A) I, 1, p. 114-116 e 120 I, 1, 5, p. 13-15 e 127 seq. C) 23, 27, 28, 35, 71, 95, 107
<p>Ele [Candidiano] que estava entre os adversários, foi expulso com numerosos gritos, assovios e ameaças de morte se ele participasse do Concílio. A partir daí se nomearam a autoridade do “Concílio geral”. Os bispos que não tomaram parte dessas discussões protestaram, dizendo ser necessário aguardar aqueles que ainda estavam a caminho. Nestório transcreve a <i>sacra</i> imperial com as instruções do imperador sobre o Concílio.</p>			
168	102	111	A) I, 1, p. 73-74 e 120 I, 1, 5, p. 13-15 e 127 seq. C) 23, 95
<p>Nestório afirma que os cirilianos não leram e nem quiseram escutar o que lhes era dito. “Porque eles sabiam dessas coisas, eles não permitiram que fosse lido a eles e esconderam essa fala que, comparável a uma profecia divina, mostrava claramente isso que se fazia para eles, ou melhor, ante o indício disso que tinha sido feito por ele [Cirilo], o imperador adivinhava do que ele era capaz de fazer e indicou isso antes nos seus escritos”.</p>			

169	102-103	111-112	A) I, 1, p. 120 I, 1, 5, p. 13-15 e 127 seq. I, 3, p. 96-98 C) 23, 28, 31
<p>“Eles disseram, nas suas transgressões, coisas que contradizem as palavras do imperador. É, então, por divisão e por um pretexto de disputa que uma sincera controvérsia é resolvida por aqueles que buscam sinceramente? [...] Que farei eu agora? Acusarei Candidiano de não ter guardado as cartas imperiais e de ter feito uma tal sedição de bispos contra bispos e também contra ele que tinha ordens de velar pela boa ordem? [...] A ele não convinha, aliás, ser outra coisa que um porta-voz”.</p>			
170	103	112-113	A) I, 1, p. 120 I, 1, 5, p. 13-15 e 127 seq. I, 3, p. 91-92 I, 1, 5, p. 127 C) 23
<p>“No entanto, o que foi feito para enganar [Candidiano] era considerado por eles como um jogo. Eu não tenho nada mais a dizer; pois ele os conjurou, depois de suas ordens, de nada fazer antes que todos não estivessem reunidos, segundo a ordem imperial”.</p>			
171	103-104	114	A) I, 1, p. 120 I, 1, 5, p. 13-15 e 127 seq. I, 3, p. 91-92 C) 23
<p>Segundo Nestório, Candidiano teria dito: Ademais, quando Vossa Reverência [Cirilo] nos pediu que a carta do fiel e piedoso imperador, que foi enviada ao santo Concílio, fosse lida, eu tive, primeiramente, dificuldade de fazê-lo – eu não recusei a ler – porque aqueles que tinham recebido ordem de estar no santo Concílio, não estavam ainda todos reunidos. Mas quando Vossa Piedade me disse que não sabia o que o imperador queria e ordenado que fosse, me pareceu...”</p>			
172	104	114	A) I, 1, p. 120 I, 1, 5, p. 13-15, 124 e 127 seq. I, 3, p. 91-92 C) 24, 27, 28
<p>[cont.] “Porque vocês não aceitaram nada disso que foi dito por mim, mas fui violentamente expulso por vocês...”</p>			

173	104-105	115	A) I, 1, p. 120 I, 1, 5, p. 13-15 e 127 seq. I, 3, p. 91-92 C) 23, 107
<p>[Continuação do que Candidiano teria dito aos bispos no Concílio de Éfeso I] “Não receio de vos repetir ainda: que Vossas Santidades sejam persuadidos e saibam o que quer nosso piedoso imperador: que na presença de todos os bispos que foram convocados por Sua Autoridade, tudo o que é controverso seja decidido e a verdadeira fé colocada em evidência. É porque eu coloquei em evidência nesse protesto a carta que foi enviada ao vosso Santo Concílio, assim como as cartas que me foram escritas por Seu Principado, tudo isso de modo a que, enquanto vocês conheçam a sua vontade, vocês cessem isso que presumem fazer. [...]”</p>			
174	105	116	A) I, 1, p. 120 I, 1, 5, p. 13-15 e 127 seq. I, 3, p. 91-92 C) 23
<p>“[...] Saibas, ainda, que um exemplar dessa carta foi enviada a nosso mestre, o piedoso imperador”. [22/06/431] [final da admoestação de Candidiano]. Segundo Nestório, eles [cirilianos] desprezaram tudo isso, e não respeitaram seus chefes e o imperador. “Eles, de fato, tinham as coisas que lhes eram transmitidas pelo poder e todas aquelas que eram contra mim eles as consideraram como um jogo. Por meu aviso, Candidiano sabia disso e estava assustado por eles, e ele ficou somente nas palavras e não ousou chegar aos atos e afligir aqueles que faziam tais coisas. Por qual conta tem você [Cirilo] para fazer aquilo que os próprios bárbaros ousaram jamais fazer?”</p>			
175	105-106	116-117	A) I, 1, p. 120 I, 1, 5, p. 13-15, 127, 131 e 133-135 I, 3, p. 91-92, 99-109 e 115-116 C) 23, 27, 95, 108
<p>“Para mim que perguntei que havia um julgamento, eu protestei a todos que não deviam me julgar antes que fossem reunidos todos aqueles que tinham sido chamados a julgar.” Nestório questiona o poder de Cirilo em julgá-lo, nem que ele poderia escolher a si mesmo para presidir o Concílio. [...] “E você acusa Candidiano, João de Antioquia e Irineu.” [...] “Quando (o barulho) disso chegou ao imperador, que eles tinham ousado contra a lei colocada ao alcance deles por Candidiano, e disso que eles tinham feito contra eles [Candidiano, João e Irineu], ele respondeu claramente a todos”.</p>			

176	106	117-118	A) I, 1, p. 120 I, 1, 5, p. 13-15 e 125-127 I, 3, p. 91-92, 96-98 e 99-109 C) 23, 27, 28, 107
<p>[Carta do imperador que foi enviada para o oficial Paládio]. “Nosso império tomou conhecimento das cartas de Candidiano, o ilustre conde dos mais santos domésticos, do tumulto que se passou em Éfeso, metrópole, e não como convinha. Pois todos os piedosos bispos aos quais eu mandei reunir não estavam ainda reunidos e a chegada do bispo João de Antioquia, com os outros metrópólitans, estava muito próxima; ademais, mesmo os bispos que estavam presentes não se combinavam e acordaram todos, então não podia haver uma investigação da fé como necessitaria, segundo as cartas que foram sempre enviadas para nós. Mas a inimizade de alguns por outros é evidente e, por causa disso, eles procuram agir segundo suas opiniões, sem nem mesmo de usar um véu nem fazer crer a alguém que eles fizeram com reflexão o que fizeram. Em consequência, pareceu (bom)”...</p>			
177	107	118	A) I, 1, p. 120 I, 1, 5, p. 13-15 e 127 seq. I, 3, p. 91-92, 96-98 e 99-109 C) 23, 27, 28, 107
<p>“... ao nosso Império que não deve haver lugar para audácia de ninguém e que tudo isso que foi feito por eles contra isso que convém seja anulado. Que se comece por estudar as palavras tocantes à fé, como nos pareceu bom e segundo a decisão e o bom grado de todo o Concílio, para ser observado de agora em diante. Nosso Poder não admite isso que foi feito com astúcia e antecipação.” Nestório diz que Cirilo acusou Candidiano de ter mentido ao imperador por amizade a ele.</p>			
178	107-108	119	A) I, 1, p. 120 I, 1, 5, p. 13-15 e 127 seq. I, 3, p. 91-92, 96-98 e 99-109 C) 23
<p>[Relato que Cirilo enviou ao imperador contra o relato enviado por Candidiano]. “Nós mostramos, assim, que nenhuma inimizade contra Nestório não nos afastou, mas nós definimos a doutrina da piedade e quando a comparamos com aquelas de Nestório pareceu esta merecedora de reprovação e depois das cartas escritas por Nestório e das homilias que ele fez, nós levamos a sentença a público, o Santo Evangelho foi colocado junto e mostramos que o Cristo, mestre do universo, esteve presente (entre nós)!” Nestório: Cirilo não deu nenhuma explicação por ter transgredido a ordem imperial.</p>			

179	108	119-120	A) I, 1, p. 77-83 I, 3, p. 99-109 e 169-173 C) 35
Nestório acusa Cirilo de também ter lançado o bispo de Roma à defecção tornou em vão o Concílio universal.			
180	108	120	A) I, 3, p. 85-87; 96-98, 99-109, 116-117 C) 23
Nestório: Cirilo instruiu os bispos com maldades e também o conde (?) encarregado dele, sobre as coisas que depositou como verdade no (seu) relato, para informar o imperador. Tudo isso porque Cirilo não quis esperar quatorze dias a mais.			
181	109	120-121	A) I, 1, 5, p. 124 I, 3, p. 99-109 C) 23, 27
Restante da carta de Cirilo ao imperador: acusa João de Antioquia de retardar o Concílio por vinte um dias (sugere que foi de propósito).			
182	109-110	121	A) I, 3, p. 85-87 e 99-109 C) 23, 27
Nestório refuta essa acusação. Se João de Antioquia tivesse chegado a tempo, teria o ajudado a convencer os demais bispos não deixar Cirilo fazer o que fez.			
183	110	121	A) I, 1, p. 120 C) 23, 35, 95
Nestório: Cirilo não esperou conforme a ordem do imperador porque temia ver sua doutrina e suas próprias atitudes em exame e julgamento. Não tinha confiança no que escrevia. Fez tudo por inimizade e não por verdade. Ao contrário do que afirma Cirilo que Nestório teria escrito que ele fugiu do julgamento porque não tinha confiança no que escreveu.			

184	110-111	122-123	A) I, 3, p. 96-98 C) 27
<p>Segundo Nestório, Cirilo nem fez conta de dizer palavras que seriam temíveis para ele: “haverá um julgamento, se restituirá a razão e se responderá questões”, pois a palavra de Cirilo era cheia de maldade consciente. Mas por que? [Segue trecho da Carta de Cirilo ao imperador como resposta]. Cirilo pede ao imperador que mande Candidiano e mais cinco bispos a Constantinopla para relatar o que foi feito no Concílio.</p>			
185	111-112	123-124	A) I, 3, p. 96-98 C) 23, 33, 34
<p>Nestório argumenta: um (Candidiano, que não era bispo) contra cinco (bispos). Mas esses eram parte do conflito. Esses bispos iam acusar Candidiano de ter amizade com Nestório. Por que Cirilo não sugeriu, ao invés disso, que ambos fossem a Constantinopla? Cirilo não propôs isso porque seu discurso não tinha base de se sustentar na verdade.</p>			
186	112	124	A) I, 1, p. 114-116 I, 1, 5, p. 131-132 C) 23
<p>O que aconteceria se Candidiano dissesse ante ao imperador que Cirilo não reuniu todo o Concílio e leu a carta com instruções do imperador, que não quis escutar?</p>			
187	112-113	125-126	A) I, 3, p. 85-87 C) 24, 28
<p>Nestório questiona: “Por que, antes da reunião de todos os bispos do Concílio, você fez um Concílio parcial contra a ordem recebida?”</p>			
188	113	126	A) I, 1, p. 114-116 C) 23, 24
<p>Nestório diz que Cirilo poderia ter respondido: “Foi agradável a nós”. Por que não aguardou João de Antioquia sabendo que sua chegada estava próxima? “Porque não queriam avaliar o assunto junto com ele”. Por que Cirilo não puniu também os bispos de Roma que se atrasaram? “Porque eram seus aliados”. A causa de atraso de João é aceita por todos, menos por Cirilo, que é estranho a toda filantropia e aos sofrimentos humanos. Cirilo não culpa a si mesmo nem quando é repreendido pelo imperador.</p>			

189	114	126-127	A) I, 3, p. 94-95 I, 4, p. 66-67 C) 23
<p>Nestório: o imperador parecia não estar brincando com você [Cirilo] e você não persuadiu aqueles que te reprimiram com razão e nem respondeu as coisas que ele [imperador] te reprovava. Seu poder é fraco, porque não havia ouro. Mas eles disseram: “Estamos que estamos reunidos e que levamos, canonicamente por unanimidade, uma sentença de deposição contra o herético Nestório: nós estávamos em mais de duzentos bispos, reunidos de todo o universo com a adesão de todo Ocidente”. Nestório diz que se Cirilo estava com mais de duzentos bispos e não pediu a eles que dissessem nenhuma verdade?”</p>			
190	114-115	127-128	A) I, 3, p. 94-95 C) 24
<p>Nestório duvida das duzentas assinaturas que Cirilo disse dispor dos bispos que o condenaram. Pergunta: “Por que o imperador te repreendeu e te censurou?” [reproduz trecho da carta do imperador]. Cirilo teria respondido ao imperador de modo a enganá-lo.</p>			
191	115	128	A) I, 2, p. 7-64 C) 24, 28, 35, 95
<p>Cirilo fez tudo sem esperar aqueles que estavam longe e sem aceitar o conselho daqueles que estavam presentes, mas se separou com aqueles que o apoiavam e examinou a fé à parte. Colocaram as coisas sob seu ponto de vista e deram a solução. Nomeou como Concílio geral aquele em que estavam todos os bispos.</p>			
192	115-116	128-129	A) I, 3, p. 94-95; 99-109 e 169-173 C) 23, 24, 27, 28, 35, 71, 95, 107
<p>Nestório diz que com esse relato quis mostrar a todos como Cirilo fez sua reunião e seu julgamento.</p>			
193-194	116-117	129-132	A) I, 1, p. 77-83 I, 3, p. 85-87, 95-96, 109-111 e 112-114 C) 23, 24, 27, 28, 35, 71, 95, 107
<p>Nestório reproduz trecho da Ata do Concílio de Éfeso I para mostrar como as coisas foram feitas contra ele.</p>			

195	117	132	A) I, 1, 5, p. 129-131 I, 1, 7, p. 69 I, 3, p. 95-96 e 109-111 C) 23, 24, 27, 28, 35, 71, 95, 107
<p>Para Nestório, portanto, Cirilo era seu perseguidor, acusador e juiz. Fez tudo com arbitrariedade, inclusive excluindo João de Antioquia do Concílio, que tinha sido convocado pelo imperador. “Reuniu aqueles que o agradavam, os de longe e os próximos, e constituiu o tribunal. Eu fui convocado por Cirilo para o Concílio, que nem era o chefe. Quem era o juiz? Cirilo. Quem era o acusador? Cirilo. Quem era o bispo de Roma? Cirilo. Cirilo era tudo. Cirilo era bispo de Alexandria e tomou lugar do santo e venerável bispo de Roma, Celestino”.</p>			
196	117-118	132-133	A) I, 1, 5, p. 129-131 I, 1, 7, p. 69 I, 3, p. 95-96 C) 23, 24, 27, 28, 35, 71, 95, 107
<p>Nestório questiona a necessidade de um Concílio, uma vez que Cirilo era tudo. Como Menão [bispo de Éfeso] disse: “Desde o fim fixado nas cartas do imperador, amante de Cristo, dezesseis dias se passaram.” E como ele mesmo era o mestre do Concílio decretou: “Cirilo, bispo de Alexandria, disse: Esse grande e santo Concílio teve suficiente paciência esperando a chegada dos bispos amigos em Deus, cuja vinda era esperada”.</p>			
197	118-119	133-134	A) I, 1, 5, p. 129-131 I, 1, 7, p. 78 I, 3, p. 95-96 C) 23, 27
<p>Nestório argumenta sobre o atraso dos bispos orientais. Que eles a necessidade de se atrasarem dezesseis dias ou mais, para descansar do cansaço da viagem, da rota do navio, para repouso daqueles que estavam doentes. Não havia necessidade de tanto rigor. O dia da abertura deveria ser fixado pelo conde. Cirilo usurpou uma autoridade que não era sua.</p>			

198	119	134	A) I, 3, p. 95-96 e 176-177 I, 1, 7, p. 77-78 C) 23, 95
<p>Nestório e os bispos não aderiram ao Concílio de Cirilo, que usando de tal violência que não se acredita quando se conta. “Os sediciosos encheram a cidade de homens ociosos e de camponeses, reunidos por Menão, bispo de Éfeso, ele estava à frente e os fazia correr em armas pela cidade, de sorte que cada um de nós devia fugir e se esconder, usar de prudência e escapar com tristeza a um grande medo. É Fácil também ver pela linguagem daqueles que foram enviados para me chamar ao Concílio [...]: ‘ele morreu e sua boca foi fechada sob suas blasfêmias’.”</p>			
199	119-120	134-135	A) I, 3, p. 94-96 e 109-111 C) 16, 23, 95
<p>“Quando aquilo foi dito, vejamos ainda as palavras de Juvenal: ‘Juvenal, bispo de Jerusalém diz: pois uma tropa de romanos [soldados] cercou sua casa e porque os piedosos bispos estavam vindo e disseram: não deixe ninguém se aproximar, é evidente que não é com boa consciência que ele recusou a vir ante o Concílio’. Nestório argumenta que estava apenas protegendo sua vida.</p>			
200	120	135-136	A) I, 1, 5, p. 13-15 I, 1, 7, p. 74-75 C) 35, 38
<p>Sequência do relato de Nestório sobre o que lhe foi feito em Éfeso.</p>			
201-202	120-122	136	C) 40
<p>Nestório diz que suscitaram os bispos Teodoto de Ancira e Acácio de Melitene para o acusarem. Teodoto diz que havia falado com Nestório, mas não contara a conversa a Cirilo, que nem lhe perguntou sobre o que se falou. Teodoto diz: “Eu sofro pelo amigo, mas a religião me é mais cara do que toda amizade. É-me, pois, necessário, se bem que com grande tristeza, dizer a verdade sobre as coisas que me são perguntadas. Eu não acho, no entanto, que nosso testemunho seja necessário, pois seu sentimento está manifestado nas cartas a tua Piedade: ele disse, nesse ponto, não poder ser atribuído a Deus, quer dizer ao único Filho, que recusou as coisas humanas, ele disse ainda nessa mesma conversa que não convinha dizer de Deus que ele amamentou, nem que nasceu de uma virgem e novamente diz o seguinte: Eu não disse que Deus tem idade de dois ou três meses”. Nestório diz que Teodoto fala como testemunha do juiz acusador, Cirilo, que aceitou isso sem nenhum exame.</p>			

205	123-124	138-139	C) 40
Nestório fala das acusações do bispo Acácio de Melitene.			
206	124	139-140	A) I, 1, 5, p. 124 seq. C) 35, 38, 40
Relato de Acácio de Melitene: “Logo que eu cheguei a Éfeso, eu tive uma discussão com esse homem, que viemos a nos falar; quando eu percebi que ele não falava corretamente, eu me esforcei por todos os meios para corrigi-lo e distanciar de suas ideias. Via que ele confessava de lábios para se distanciar de tal opinião. Depois de ter esperado dez ou doze dias, eu comecei a falar em favor da fé ortodoxa e eu via que ele se opunha; senti que ele caía em dois diferentes maus: além de uma questão que era inoportuna, ele impôs à necessidade daqueles que lhe respondiam ou de negar absolutamente que a divindade do Filho único encarnou ou de confessar, o que é uma impiedade, ou que a divindade do Pai e do Espírito Santo se encarnaram com o Verbo”.			
207	124-125	140	C) 35, 38, 40
Nestório considera absurda e contraditória essa questão levantada pelo bispo Acácio de Melitene.			
208	125	140-141	C) 35, 38, 40
Segue na sua contestação teológica ao bispo Acácio de Melitene e forma como foi conduzido o seu julgamento em Éfeso I.			
366	235-236	263-264	A) I, 3, p. 169-173 C) 24, 32, 92, 95, 107, 108, 109
Nestório afirma que foi condenado pelo Concílio de Éfeso I, sem dificuldades ou hesitações. Fizeram tudo apressadamente para que aqueles que estavam por vir não chegassem a tempo (os orientais e os enviados de Roma). Resumo da fala de Acácio de Melitene contra Nestório.			
367	236	264-265	A) I, 1, 5, p. 125-127 e 131-132 C) 24, 107, 108
Os partidários de Cirilo e de Menão circularam pela cidade portando armas para compelir aqueles que não os apoiavam.			

368	236-237	266-267	A) I, 1, 5, p. 129-131 e 133-135 I, 1, 7, p. 72-75, 97 e 169 C) 23, 24, 95, 107, 108
<p>Não havia ninguém para impedir nem socorrer o terror. “Tudo aquilo era dirigido contra nós, assim nós utilizamos o socorro do imperador e a força dos chefes dos soldados que estavam descontentes com o que se passava e deixavam, no entanto, fazer”. Os orientais chegaram e se nomearam em Concílio geral e depuseram do episcopado aqueles que suscitaram todo esse mal (Cirilo e Menão).</p>			
369	237-238	267-268	A) I, 1, 7, p. 97 I, 3, p. 99-109 C) 27, 34, 49, 60, 71
<p>Aos demais, eles [orientais] anatematizaram. Fizeram conhecer por cartas toda aquela desordem ao imperador. Disseram as causas que os fizeram agir desse modo: porque o Concílio não pode examinar o que tinha causado divisão na Igreja, ou seja, os doze capítulos escritos por Cirilo contra Nestório.</p>			
370	238	268	A) I, 1, 7, p. 71, 79 e 97 I, 3, p. 109-111 e 115-116 C) 33, 71
<p>Cirilo também escreveu ao imperador fazendo várias acusações a João de Antioquia, como se ele o tivesse deposto pela amizade que João devotava a Nestório. Eles [cirilianos] queriam que os orientais confirmassem a deposição de Nestório e anulassem as de Cirilo e Menão. Segundo Nestório, os orientais procediam de acordo com as ordens do imperador.</p>			
371	238-239	268-269	A) I, 1, 5, p. 131-132 I, 1, 7, p. 69-75, 79 e 157 I, 3, p. 115-116 C) 27, 28, 108
<p>Carta de João de Antioquia e outros bispos que estavam reunidos com ele ao imperador: “Como recebemos a ordem por vossas cartas, nós viemos à metrópole de Éfeso e encontramos os negócios da Igreja conduzidos por toda sorte de perturbações e de guerras intestinas. Pois Cirilo de Alexandria e Menão de Éfeso se reuniram e juntaram uma grande multidão de companheiros: eles não deixaram celebrar a santa festa de Pentecostes nem os ofícios da noite e da manhã”.</p>			
372	239	269-270	A) I, 1, 7, p. 69-75, 77, 79 e 157 I, 3, p. 115-116 C) 27, 28, 108
<p>[Cont. carta de João de Antioquia] “Ademais, a fome que reinou em Antioquia, os motins diários do povo, as numerosas e continuadas chuvas fora da estação e o perigo oriundo do ciclone que chegou à cidade, nos retiveram numerosos dias na própria cidade [Antioquia].”</p>			

373	239-240	270-271	A) I, 1, 5, p. 133 I, 3, p. 111-112 e 115-116 C) 27, 28
Os partidários de Cirilo quando viram a tendência do imperador [que o Concílio se reunisse com todos os bispos] se excitaram em desordem e sedição, se sublevaram contra os grandes e os chefes que não se aderiram a eles. Ainda levaram com eles aqueles dos mosteiros, mesmo aqueles que eram de diversas seitas heréticas, inclusive, judeus e pagãos.			
374		271-272	A) I, 1, 5, p. 133 C) 94, 96, A4
Os cirilianos se aliaram até aos pagãos para amaciar, demover o espírito do imperador contra aquilo que ele tinha resolvido (a reunião do Concílio). Deram uma grande quantidade de bens àqueles que se aproximavam deles. “Eu não tinha nada a ajuntar: o imperador fez na prática o contrário de tudo aquilo ao qual ele parecia manter”.			
375	241	272	A) I, 1, 7, p. 76 I, 3, p. 95-96 C) 23, 105, 107
“Eles prepararam ainda outras maldades. Pois eles fizeram reuniões de padres e tropas de monges e mantiveram conselhos contra mim, os ajudando nesse objetivo. Eles tinham por auxiliares nessas coisas todos os eunucos do imperador”. Todos os monges teriam ficado contra Nestório. O imperador tinha grande admiração pela vida monástica. Os cirilianos escolheram como seu chefe, a fim de causar espanto ao imperador, o arquiandrita Dalmácio. A multidão de monges cantou o ofício a fim de que toda a cidade [Constantinopla] se reunisse a eles para que fossem ao imperador e impedir sua vontade.			
376	241-242	272-273	A) I, 3, p. 95-96 C) 23, 105
O imperador repreende Dalmácio por ter deixado o seu mosteiro [fala do imperador]. Dalmácio respondeu que foi Deus que o aconselhou a se dirigir ao imperador para dizer que o imperador estava pecando contra ele mesmo quando pecava sobre o Concílio. O Concílio [de Cirilo] já havia julgado e o imperador não deveria mudar seu julgamento.			
377	242-243	273-274	A) I, 3, p. 95-96 C) 23, 105
Teodósio responde a Dalmácio que não via nenhuma inquietude em Nestório e nenhuma causa para depô-lo. O imperador disse que não estava preocupado de ter ordenado Nestório, pois havia oferecido o posto antes a Dalmácio que o havia recusado. Afirma que não estava se vingando por isso. Dalmácio teria sido a causa de tudo aquilo e não ele [imperador]. Outros monges também haviam recusado o pedido.			

378	243	274	A) I, 1, 7, p. 76 I, 3, p. 180-181 C) 31, 35, 94, 96, A4
<p>“Não teria eu rogado ao próprio clero de Constantinopla escolher aquele que convinha? Não teria dito a mesma coisa aos bispos: ‘É a vocês que pertence eleger e consagrar o bispo?’”</p>			
379	243-244	274-275	A) I, 3, p. 180-181 C) 23
<p>Segundo relato de Nestório, o imperador afirmou que o clero não era unânime, os bispos divididos e o povo da mesma maneira. Uns combatiam os outros. Por isso coube ao imperador a escolha. Por isso ele também achou que não convinha fazer bispo de Constantinopla alguém da própria cidade, pois todos odiavam uns aos outros. Assim, buscou um homem estrangeiro que era conhecido por ser ilustre por suas palavras e obras [havia um desse gênero em Antioquia e chamava-se Nestório]. O imperador teria feito Nestório vir pela própria vontade dele [que era mais cara ao imperador do que a Nestório]. Mas quando Nestório chegou a Constantinopla não foi estimado. “Em que teria falhado esse homem?”</p>			
380	244-245	275-276	A) I, 3, p. 169-173 C) 23, 105
<p>Segue o que o imperador continuava a dizer a Dalmácio (segundo Nestório): Nestório não teria sido julgado por todos, mas pelos bispos de Alexandria e Roma que queriam briga-lo a obedecer suas decisões. O próprio Nestório teria pedido o julgamento, mas reprovou seus acusadores por não tê-lo acusado corretamente. Pois ele era bispo e deveria ser julgado pelos seus pares e não pelo imperador. Deixou esse poder para o Concílio. Era para cessar a divisão que Nestório desejou um julgamento.</p>			
381	245	276	A) I, 3, p. 95-96 C) 23, 105
<p>Repete que Nestório não recusou o julgamento, mas o cumprimento do Concílio que se reuniu parcialmente para julgá-lo. Isso não agradou ao imperador. Imperador manifestou sua vontade de que o Concílio tivesse se reunido com todos os bispos, não parcialmente. Para o imperador o bispo João de Antioquia fez bem ao depor Cirilo e Menão. Repreende Dalmácio: “Em que pecou aquele que pediu para esperar aqueles que estavam longe, de não infringir o regulamento que havia sido dado e de não criar cisma no Concílio? Seria necessário depor por isso aquele que não transgrediu em nada o que havia se decido fazer, mas que foi deposto ao se deixar julgar por todos sem recusar?”</p>			

382	245-246	276-277	A) I, 1, 7, p. 142 e 146 C) 23, 105
<p>No final Teodósio teria dito: “Eu não vejo nenhuma causa de culpa nesse homem, eu sou, pois, inocente, assim como meu império e meus parentes, dessa iniquidade.” Dalmácio assegurou para si, ante ao imperador, que o deixasse se ocupar de tudo o que se referisse a Nestório, pois a iniquidade seria dele perante o julgamento de Cristo. Após essa fala, segundo Nestório, o imperador decretou e confirmou tudo que havia sido feito contra ele.</p>			
383	246	277-278	A) I, 2, p. 64 I, 3, p. 94-95
<p>Segundo Nestório, todos os heréticos, que haviam sido condenados por ele se regozijaram e festejaram todos juntos com a sentença do imperador. (Isso pode indicar que Nestório havia perseguido várias correntes heterodoxas em Constantinopla).</p>			
384	246-247	278	A) I, 3, p. 115-117 e 180-181 I, 1, 7, p. 71 C) 23, 24, 27, 28, 35
<p>Agora não se sabia se as igrejas pertenciam aos heréticos ou aos ortodoxos. Era grande a concórdia e o zelo para adotar a fé do Concílio e confessar o Deus passível. Ocuparam-se de sedição, perseguição e coisas análogas. “Aproveu ao imperador que eu permanecesse deposto e que Cirilo e Menão permanecessem do mesmo modo. Pensava-se que ele fazia isso para nos obrigar a entrar em acordo e para que recebêssemos uns aos outros. Ele prolongaria minha deposição para nos trazer numa única vontade. Ele (prolongou minha deposição) e ficou sem se reconciliar com aqueles, a fim de que, sem uma reconciliação com os outros, ele poder usar-nos em um propósito.”</p>			
385	247-248	278-279	A) I, 1, 7, p. 67 I, 3, p. 111-112, 174-176 e 180-181 C) 94, 96, A4
<p>“Mas não foi assim, mas, seja por causa do seu propósito do começo, ele estava na verdade apenas em aparência do meu lado, até que ele encontrou tempo propício para vender-me por bens. De qualquer maneira, eu cheguei lá”. Nestório relata que quando o conde João (<i>comes largitionum</i>) foi enviado a Éfeso ele pensou que fosse para promover a reconciliação entre ele e Cirilo. Para surpresa de todos, o <i>comes</i> João se recusou a falar com Nestório e fazer um novo julgamento. Mas logo tudo veio à luz: “ambos, ele que vendeu a verdade, isto é, João, e aquele que a vendeu ainda mais, isto é, Cirilo, quando o ouro da iniquidade foi exigido”.</p>			

386	248	279-280	A) I, 1, 7, p. 67 e 69 I, 3, p. 111-112, 112-114 e 180-181 C) 27, 28
<p>Nestório relata como o <i>comes</i> João manipulou a leitura da carta do imperador diante de todos a fim de prejudicá-lo. Fez isso em acordo com Cirilo e Menão, pois já estava coberto de ouro. Somente leu as partes que eram desfavoráveis a ele e omitiu no que o imperador se referia a Cirilo.</p>			
387	248-249	280-281	A) I, 1, 7, p. 81 I, 3, p. 111-112, 112-114 e 180-181 C) 23, 105
<p>Não deram nenhuma resposta sobre o que ousaram fazer contra a ordem do imperador. “Depois que eu fui colocado em custódia, eles fizeram o mesmo com Cirilo, como para fazer crer que nós não retornaríamos para nossas cidades e – isso que tinha sido por ordem do imperador – que nós não seríamos recebidos pelos chefes nem por aqueles responsáveis de cuidar das cidades. Enfim, ele me pediu que eu ficasse em minha cidade, que me agradaria, não por uma permissão, mas por meu pedido. Eu já havia pedido isso várias vezes àqueles que tinham a confiança do imperador e que pareciam ser meus amigos. [...] Como ele [imperador] não tinha nada contra minha pessoa, nenhum motivo de me acusar ao ponto de me fazer partir e de me depor de Constantinopla eles [cirilianos] vieram com o pretexto da fé”.</p>			
388	249	281-282	A) I, 1, 7, p. 142 I, 3, p. 116-117 C) 23, 33, 105
<p>Cirilo ficou sob custódia por algum tempo e depois, sem que nenhum daqueles que estavam cuidando para que ele não retornasse à Alexandria, nada fizeram para impedir que ele deixasse Éfeso. Mesmo isso foi preparado e comprado com presentes, pois Cirilo transgrediu as ordens imperiais e deixou a cidade livremente. Ele escapou das penas merecidas para aqueles que transgridem as ordens imperiais. “Mais tudo aquilo aconteceu por causa da cólera fingida e enganosa que o imperador dedicava contra ele, que era da mesma sorte da sua amizade por mim”.</p>			
389	249-250	282	C) 23, 33, 105
<p>Nestório afirma que não deixaram nenhuma dúvida de que tinham mentido.</p>			

390	250-251	282-283	A) I, 3, p. 109-111 C) 23, 24, 95
<p>Nestório reclama por que o Concílio de Cirilo não o havia procurado para interrogá-lo e repreendê-lo como fez os antecessores dele: Alexandre contra Ário, Timóteo contra Gregório [Nazianzo], Teófilo contra João Crisóstomo. “Não há acusador que seja juiz do seu adversário à distância”.</p>			
391	251	283-284	A) I, 1, 7, p. 72 seq. e 74 seq. I, 3, p. 111-112, 117-119, 174-176 e 176-177 C) 23, 105
<p>Diz Nestório que o imperador o traiu, não o socorreu. O imperador ordenou que as deposições dos dois lados feitas pelos Concílios [de Cirilo e João de Antioquia], seriam mantidas sem recriminações. Cada lado deveria escolher sete bispos para ir a Constantinopla e diante dele expor a controvérsia.</p>			
392	251-252	284	A) I, 1, 7, p. 71-72 seq., 74 seq. e 76 I, 3, p. 117-119 e 176-177 C) 34, 35, 36, 40
<p>Nessa ocasião os orientais denunciaram ao imperador que os cirilianos estavam introduzindo um Deus passível. O imperador teria ficado trêmulo ao ouvir essas blasfêmias e disse: “Eu não tenho nada com aqueles que são assim”. Não usou da violência, mas que se buscasse a verdade por todas as maneiras possíveis.</p>			
393	252-253	284-285	A) I, 1, 7, p. 71-72 seq., 74 seq. e 158 I, 3, p. 117-119, 174-176 e 176-177 C) 31, 35, 92
<p>Apesar disso, o imperador permitiu que os cirilianos entrassem em Constantinopla e ordenassem outro bispo para a cidade no lugar de Nestório. “Onde se encontra, pois, o julgamento? E diante de quem [...] Alguém dirá talvez: isso evidentemente é uma brincadeira, inacreditável, não somente contra mim, mas contra a fé”.</p>			
394	253	285-286	A) I, 1, 7, p. 72 seq. I, 3, p. 117-119 e 176-177 C) 94, 96, A4
<p>Por cartas e muitas outras coisas Cirilo corrompeu aqueles que estavam próximos do imperador e das imperatrizes e pediu que não houvesse outro Concílio de todos os bispos juntos [cirilianos e nestorianos]. Está nas cartas e Cirilo não pode se esconder disso.</p>			

395	253-254	286	A) I, 1, 7, p. 72 seq. I, 3, p. 117-119 e 176-177 C) 33, 34, 48
Em relação a tudo isso, o imperador agiu com indulgência em relação aos cirilianos. “Eu que era celebrado fui oprimido e como sabem muitas testemunhas, ele me condenou”. Relato das coisas que foram feitas quando os sete bispos de cada lado foram enviados à Constantinopla.			
396	254-255	287-288	A) I, 1, 7, p. 75-76 I, 3, p. 117-119 e 176-177 C) 27, 28
Nestório acusa Cirilo de ter barrado as rotas que davam acesso aos bispos orientais ao imperador.			
397	255	288	A) I, 1, 7, p. 75-76 I, 3, p. 117-119 e 176-177 C) 107
“Assim, eles [orientais que tentavam chegar à Constantinopla] tiveram dificuldades em escapar daqueles que os atormentavam, até que o imperador enviou uma tropa de soldados para salvá-los.” Essa tropa era formada de egípcios, de monges de Constantinopla, daqueles que tinham sido expulsos dos monastérios e daqueles que tinham sido expulsos por algum motivo e que estavam ardentes pela sedição. Cirilo teria comprado, à vista de todos, os monges com roupas e alimentos, que eram doados à guisa de pagamento para apoiá-lo.			
398	255-256	288-289	A) I, 1, 5, p. 5 I, 1, 7, p. 75 seq., 142 e 146 C) 35, 59, 60
Um decreto foi enviado pelo imperador, através da intervenção de Aristolau, para obrigar os bispos orientais a aceitarem o que havia sido feito contra Nestório.			
399	256	289-290	A) I, 1, 7, p. 69 seq., 78, 156 e 158 I, 2, p. 7-64 C) 33, 34, 35, 40, 47, 48, 93, A3
A paz que Cirilo fez com os bispos orientais, que o reprovavam e não admitiam a deposição de Nestório, foi feita por ordem do imperador. Por que Cirilo aceitou a fé que não aceitava antes? Como Cirilo escondeu os capítulos [doze anátemas] pelos quais ele havia sido condenado antes? Como aceitaram a minha deposição aqueles que não aceitavam os seus anátemas?			

400	256-257	290	A) I, 1, 3, p. 95-96 I, 1, 5, p. 135 seq. I, 1, 7, p. 69 seq., 77, 78 e 146 e 157 C) 33, 34, 35, 40, 47, 48, 93, A3
Nestório interroga o porquê do acordo entre Cirilo e João de Antioquia. Um lado, pela deposição de Nestório, o outro, pela supressão dos anátemas. Faziam para agradar ao imperador.			
401-402	257-258	290-292	A) I, 1, 5, p. 131 I, 1, 7, p. 69 seq., 77 e 157 I, 2, p. 7-64 C) 33, 34, 35, 37, 38, 40, 59, 60
Se os anátemas fossem anulados, anular-se-ia, também, a deposição de Nestório. Tanto Cirilo quanto João de Antioquia diziam que havia sido o outro que cedera. Os dois dizem a mesma coisa.			
403	258-259	292	A) I, 1, 7, p. 69 seq., 77, 156 e 158 C) 33, 34, 35, 37, 38, 40, 59, 60
Foi para não se expor ao perigo de ser acusado de herético que João de Antioquia aceitou fazer a paz, mas sem escrever os anátemas na Fórmula da União. Fez isso por uma obrigação imperial e não por um julgamento justo.			
404-452	259-289	293-330	A) I, 1, 7, p. 156, 157 e 158 C) 40, 44
Nestório reproduz trechos e comenta a carta enviada por Cirilo ao bispo Acácio de Melitene. Nessa carta Cirilo tenta dar explicações a aliados que o censuravam pelos termos em que foi feita a paz com os bispos orientais. Também o bispo João de Antioquia é censurado por seus aliados. Nestório buscar destacar as contradições de Cirilo no que se refere ao seu posicionamento teológico.			
453	290-291	330	A) I, 3, p. 180-181 C) 33, 34, 35, 37, 38, 40, 59, 60
O imperador era mão que conduzia todos pela força. Até aqui Cirilo ainda figurava entre os heréticos. Nestório diz que sofria pela violência que era feita por ordem do imperador. Uma fé tinha que ser publicada para pacificar a Igreja. Isso demandava a deposição de Nestório, que foi feita sem julgamento. A profissão de fé, pela qual me tinham feito a guerra, foi confirmada.			

454	291	331-332	C) 40, 44, 66, 70, 71, 72, 73, 74
Os partidários de ambas as facções se rebelaram contra essa profissão de fé. Agora Cirilo e seus partidários se voltavam contra os Padres já falecidos Diodoro de Tarso e Teodoro de Mopsuéstia.			
455-459	291-294	332-336	C) 40, 44, 66, 70, 71, 72, 73, 74
Cirilo escreveu um tratado contra Diodoro e Teodoro e enviou a todos. Ele queria anatematizá-los. Cirilo condenou os escritos que eram dirigidos contra Apolinário.			
460	294-295	336-337	A) II, 1, 1 C) 72
Depois de Próclo, Flaviano foi bispo de Constantinopla. Eutiques acusava todos os bispos, mesmo aqueles que já estavam mortos. Mesmo não sendo bispo, Eutiques se dava o papel de bispo dos bispos, graças ao poder imperial. Flaviano, que era um homem humilde, era manipulado por Eutiques, que dirigia todos os negócios da Igreja. Eutiques mandava embora da Igreja, como heréticos, todos aqueles que não partilhavam das suas opiniões. Ele usava do poder imperial e não queria que se falasse em duas naturezas no Cristo. Ele se consolidou graças ao poder imperial e todo o Oriente entrou em confusão.			
461	295	337-338	A) II, 1, 1
Flaviano percebeu que as igrejas estavam novamente em distúrbio, assim como estavam divididos os monastérios e o povo. Flaviano suplicou a Eutiques que tivesse piedade das igrejas.			
462	295-296	337-338	A) II, 1, 2, p. 8-9
Eusébio de Alexandria, que era bispo de Dorileia, foi até Eutiques para reafirmar a sua luta contra a heresia de Nestório. Eutiques incentivou Eusébio e disse que não lhe faltava nada, pois o imperador tudo previu e preparou.			
463	296-297	338	A) II, 1, 1
“Se você [Eusébio] for até o imperador para culpar aqueles que admitem duas naturezas, diga para não deixar sem efeito as coisas que aconteceram no Concílio do teu tempo”. Eusébio argumenta que esse trabalho não seria possível, pois a paz, que foi alcançada depois do Concílio de Éfeso, uniu orientais e cirilianos.			

464	297	338-339	A) II, 1, 1
Eutiques reforça a tese da união.			
465	297-298	339-340	A) II, 1, 2, p. 8-9
Eusébio acusa Eutiques de não professar a fé dos ortodoxos. Todos anatematizaram o pensamento de Eutiques como ímpio.			
466	298	340	A) II, 1, 1
Eusébio acusou Eutiques diante de Flaviano em um Concílio que se realizava em Constantinopla. Eutiques continuou nos seus erros. Isso perturbou o imperador, que não depôs Eutiques e preparou tudo para a deposição de Flaviano. Bispo de Roma condena Eutiques. “O imperador distanciou Flaviano do resto dos bispos e os fez acompanhar Eutiques, insultando aqueles que estavam com Flaviano e não lhe testemunhando nenhuma consideração, seja em particular ou diante dos grandes.”			
467	298-299	340-341	A) II, 1, 1
“Ele [imperador] exigiu, com um furor selvagem, exigir deles serviços sem remissão. As economias eram fixadas em público e eram denunciadas diante da multidão. Todo bispo que não tomasse partido de Eutiques era pego. Todo o imposto que eles tinham de pagar para ele e para os imperadores predecessores era exigido de uma só vez. Quanto àqueles que eram ilustres ou de famílias mais altas, ele exigia publicamente, causando horror, uma grande soma de ouro.” O imperador não teve misericórdia de Eusébio, o acusador de Eutiques. “Ele fez gemer e cair de joelhos a nobreza romana”.			
468	299	341-342	A)
Flaviano se prostrou diante no imperador quando este foi à igreja na festa da Páscoa. O imperador o insultou e exigiu de Flaviano, sem atraso, o que lhe era devido. Flaviano argumentou que não tinha bens próprios, pois era pobre. Nem se ele vendesse todos os bens da Igreja não seria suficiente para pagar o ouro exigido.			

469	299-300	342	A) II, 1, 1
<p>O imperador teria dito “Eu não quero saber, mas exijo o ouro de qualquer maneira”. E mandou fundir publicamente os vasos sagrados da Igreja. O imperador convocou um Concílio geral para depor Flaviano. Ele não teve nenhum socorro da Corte Imperial. “Isso ocorreu, dizem, pela escolha e cuidados da irmã do imperador, e ela não queria mostrar em nada seu poder sobre os negócios internos”. (ver nota 3, p. 299-300).</p>			
470	300-301	342-343	A) II, 1, 1
<p>O imperador preparou os acusadores para que dissessem que os atos feitos contra Eutiques em Constantinopla eram falsos. Ele preveniu os bispos que estavam indecisos como o bispo de Ancira e Cesareia da Capadócia.</p>			
471-472	301-302	343-344	A) II, 1, 1
<p>Tudo que foi feito no Concílio [Éfeso II] não foi para que a fé fosse examinada, mas foi preparado antes para depor Flaviano e para admitir os erros de Eutiques antes que fossem examinados.</p>			
473	302	344-345	A) II, 1, 1
<p>“Por que eles tinham vergonha do bispo de Roma, eles se voltaram em direção do bispo de Alexandria, como também em direção daqueles que estavam inclinados a tomar partido e que eram inimigos do bispo de Constantinopla.” Em Éfeso (449), os bispos de Alexandria e Constantinopla se entenderam e se aliaram naturalmente contra o bispo de Constantinopla. O bispo de Alexandria [Dióscoro] que tomou preeminência no Concílio e interrogava como se tivesse poder.</p>			
474	302-303	345-346	A) II, 1, 1
<p>Juliano e Hilário, representantes do bispo de Roma [Leão] queriam primeiro ler a carta enviada ao concílio por Leão. Dióscoro decretou o contrário, que deveria ser lido primeiro o que já tinha sido feito [deposição de Flaviano].</p>			

475	303-304	346-347	A) II, 1, 1
<p>Nestório acusa Dióscoro de conhecer previamente o que Leão havia escrito sobre esse assunto ao imperador, às imperatrizes e a Flaviano, por isso contrariou a ordem de leitura dos documentos. Dióscoro teria negligenciado as advertências do bispo de Antioquia [Domo] que não queria a deposição de Flaviano. Dióscoro afirma que iria contentar o imperador que estava irritado com Flaviano.</p>			
476	304	347-348	A) II, 1, 1
<p>Depois das palavras de Dióscoro, o bispo de Antioquia se aliou a ele na deposição de Flaviano. Nestório afirma que Flaviano foi deposto como ele, sem julgamento. Somente eram ouvidos no Concílio aqueles que agradavam ao imperador e a Eutiques.</p>			
477-478	304-305	348-349	A) II, 1, 1
<p>Dióscoro fez do bispo de Antioquia um instrumento contra o bispo de Roma e Flaviano. Depois que Domo subscreveu a deposição de Flaviano, o próprio Dióscoro promoveu a deposição de Domo. (Vide nota 1, p. 304-305). Embora Dióscoro pensasse como Flaviano, pensava ainda mais no imperador.</p>			
479	305-306	349-350	C) 94, 96, A4
<p>Do que se passou a respeito de Cirilo quando se lhe reclamou dinheiro (vide também parágrafos 384-388). Cirilo se empenhou com duas mil libras de ouro para que tudo aquilo que foi feito contra Nestório fosse confirmado. João (<i>comes</i>) prometeu dar essa soma ao imperador.</p>			
480	306-307	350	A)
<p>Cirilo foi convidado pelo imperador para ir com ele a Éfeso, no templo de João Evangelista. Cirilo encheu navios de presentes ao imperador, à família imperial e aos cortesãos conforme a dignidade. Ele recebeu todas as honras ao ponto de se sentar com o imperador.</p>			

481	307-308	350-351	A) II, 1, 1
Retorno ao julgamento feito por Dióscoro. Concílio de Éfeso II (449). Antes de Flaviano entrar no Concílio, Dióscoro havia tomado acento no lugar do bispo de Constantinopla. Os <i>comes</i> que estavam encarregados do Concílio fizeram silenciar os bispos que queriam falar a favor de Flaviano.			
482	308	351-352	A) II, 1, 1
Todos aqueles que estavam com Eutiques (os monges) tinham grande confiança e poder ao ponto de levarem aos chefes e aos habitantes da cidade tudo que lhes era relatado. Todos os homens lhes eram submissos e os serviam quer quisessem ou não.			
483	308-309	352	A) II, 1, 1
Espíões observavam quem entrava na casa de Flaviano. Por esse motivo não tinha como não se associar ao partido de Eutiques. Eles separaram Flaviano, Eusébio de Dorileia e todos os seguidores e não deixaram participar do Concílio.			
484	309	352-353	A) II, 1, 1
Maltrataram e humilharam os opositores de Eutiques na presença dos condes, que eram assistentes.			
485-487	309-311	353-355	A) II, 1, 1
Muitos bispos que reconheciam as duas naturezas depois de encarnação, como Seleuco de Amaseu do Ponto, foram compelidos a se arrependerem e se aliarem aos acusadores de Flaviano. O propósito visível era colher assinaturas para a deposição de Flaviano, como a do bispo Etérico.			
488-490	311-313	355-358	A) II, 1, 1
Segundo Nestório, Etérico era um camponês inculto, que não chegava a aprender as coisas claramente. Era de fato um eunuco que tinha crescido nas casas como escravo e tinha sido dado ao grande palácio imperial. Como tinha grande ambição de poder e grandeza, foi escolhido para bispo, mas não tinha as sutilezas para o cargo e nem era inteligente. Assim como Etérico, Dióscoro enganou outros bispos, fazendo isso diante do imperador.			

491	313-314	358	A) II, 1, 1
Bispos Eusébio e Talássio desmentiram Flaviano de que as Atas do Concílio não haviam sido examinadas. Concordaram com Dióscoro: “Ninguém impediu sua santidade [Flaviano] de falar.” Eusébio disse que verificou as Atas e Eutiques foi encontrado sem condenação.			
492	314-315	358-359	A) II, 1, 1
Isso foi examinado também na presença do silentiário Magno, que também nada encontrou. Estevão também foi chamado para dar testemunho por Dióscoro. Foi assim que aconteceu a Flaviano, um homem sem experiência e conhecimento das artimanhas dos egípcios.			
493	315	359-360	A) II, 1, 1, p. 152-153
Ante tudo o que lhe fizeram Flaviano disse: “Se parece bom a todos e se julgarem que as opiniões de Eutiques são ortodoxas, se parecer bom a todos me parece bom também. Eu assino, para manter com vocês as ideias de ortodoxia, contem-me entre aqueles bispos que necessitam de perdão.”			
494	315-316	360-361	A) II, 1, 1, p. 35-36
Mesmo assim, Flaviano foi deposto e foi levado pelos “lobos e leões” (os <i>comes</i> , diante dos quais tinha ocorrido a deposição).			
495	316	361-362	A) II, 1, 1
Flaviano foi submetido a muitos maus tratos. Ordenaram que os soldados o levassem, mas ele não aguentou as fadigas do caminho. Eles lembraram que o imperador não se preocupava com sua vida e buscava puni-lo e não o manter vivo. Descrição dos sofrimentos de Flaviano. Nestório afirma que ambos pensavam as mesmas coisas.			
496	316-317	362	A) II, 1, 1
“O imperador lhes deu poder contra todo o mundo. Não tinham mais em conta os chefes, bispos, nem todo mundo, nem inimigos, nem servidores”.			

497-505	317-322	362-368	Carta a Cosmas
Aqui Nestório começa a descrever os males que aconteceram por causa da transgressão da verdadeira fé: diversas calamidades (fome, falta de chuva, calor, granizo, terremotos, catifeiros, receios e fugas). Bárbaros e citas fizeram muitos cativos, etc.			
506	322-323	368-369	
Morte de Teodósio II.			
507-514	323-327	369-374	A) I, 1, 7, p. 71 I, 3, p. 183-183
Nestório continua descrevendo as injustiças que ele e Flaviano foram submetidos, ambos depostos por um julgamento não justo.			
515	327-328	375-376	A) I, 1, p. 120
Nestório afirma que tudo que fizeram contra ele no primeiro Concílio de Éfeso foi por causa da amizade que o imperador e os grandes da Corte tinham por ele.			
516-520	328-331	316-379	-
Continua falando das injustiças da sua deposição e exílio e faz profecias catastróficas para os romanos em consequência da adoção da doutrina incorreta sobre Deus.			
521	331	379-380	-
Fim: “Regozija-te comigo, deserto, meu amigo, meu alimentador e minha residência, a ti, também, exílio, minha mãe, mesmo depois da minha morte guardarás meu corpo até a ressurreição pela vontade de Deus. Amém.”			

APÊNDICE C

CATÁLOGO DA CORRESPONDÊNCIA EPISTOLAR DO BISPO CIRILO DE ALEXANDRIA EM QUE IMPERADORES E FUNCIONÁRIOS FORAM CITADOS.

Observações sobre o catálogo:

- 1) Cirilo e a maioria dos seus correspondentes escreveram suas cartas em grego. Essas cartas podem ser datadas entre os anos de 412 e 444;
- 2) A maioria delas foi preservada por meio de manuscritos medievais no idioma grego e em traduções latinas;
- 3) As cartas 40, 44, 45, 46, 55, 74, 100 a 105 foram preservadas no idioma siríaco e as cartas 106 a 110 em copta;
- 4) Utilizamos a tradução para a língua inglesa feita por John I. McEnerney, que em 1987 reuniu as 115 cartas conhecidas do epistolário ciriliano e as publicou em conjunto pela *The Catholic University America of Press*. O tradutor enumera as cartas de 1 a 110, mais Anexos de 1 a 5;
- 5) No seu trabalho, McEnerney privilegiou os manuscritos gregos (*Collectio Vaticana e Atheniensis*), mas algumas cartas só foram preservadas em tradução latina, copta e siríaca;
- 6) Indicamos no catálogo a localização das cartas nos *Acta* (versão grega e latina) e as páginas em que foram listadas na obra *Clavis Patrum Graecorum*; cartas não localizadas nos *Acta* também foram indicadas no catálogo a partir de traduções feitas por McEnerney da obra *Patrologiae Cursus Completus*, J. P. Migne;
- 7) As cartas listadas neste APÊNDICE C são aquelas em que Cirilo se correspondeu com os imperadores e funcionários imperiais ou naquelas em que foram citados; as demais cartas estão relacionadas no Apêndice E, como forma de subsídio contextual;
- 8) Salvo algumas poucas exceções, as cartas não são datadas. Sugerimos uma datação de acordo com o seu conteúdo tomando por base os seguintes eventos: posse de Nestório no episcopado de Constantinopla (abril/428), Concílio de Éfeso I (junho/431), Fórmula da Reunião (433), exílio de Nestório (435), morte de Cirilo (444);
- 9) Indicamos, ainda, que o catálogo aqui ora apresentado encontra-se em construção e será constantemente aperfeiçoado no transcorrer da pesquisa.

<i>ACO</i> (versão grega)	<i>ACO</i> (versão latina)	<i>PG</i>	<i>CPG</i>	Nº	Data	Remetente	Destinatário
-	-	77, p. 348- 352	5375, p. 48; 5652, p. 106	75	412/ 415	Ático de Constantinopla	Cirilo de Alexandria
Trata da inscrição do nome de João Crisóstomo nos dípticos das Igrejas, a pedido do imperador.							
-	-	77, p. 352- 360	5376, p. 49	76	412/ 415	Cirilo de Alexandria	Ático de Constantinopla
Respondendo a carta anterior, Cirilo não concorda com essa matéria. “Pela reconciliação de quem você coloca fora os muros da Igreja do Egito e a corte sob o prefeito do Egito, Arcádia, Tebaida, Líbia e Pentápolis e causa dores para tantas igrejas?”							
-	-	-	5397, p. 53	97	Após 428	Cirilo de Alexandria	Teodósio II, imperador
Aqueles que dizem que houve uma mistura ou confusão em Deus, o Verbo, a Igreja anatematiza.							

I, 1, 1, p. 25-28 (Vat.)	I, 2, p. 37-39 (Ver.) I, 3, p. 20-22 (Cas. prior) I, 5, p. 49-51 (Pal.) I, 5, p. 337-340 (Ques.)	-	5304, p. 31	4	24/02/430	Cirilo de Alexandria	Nestório de Constantinopla
<p>Cirilo diz que tomou conhecimento da réplica de Nestório, e ele a fez mirando a reunião dos oficiais. Cirilo faz alusão a certos indivíduos alexandrinos que foram condenados por ele, mas que Nestório acolheu suas queixas em Constantinopla. Cirilo afirma que as diferenças entre as naturezas não são destruídas após a união. A unidade da Igreja não pode ser quebrada.</p>							
-	-	-	5306, p. 32	6 e 7	Verão 430?	Cirilo de Alexandria	Nestório de Constantinopla
<p>Cirilo adverte Nestório que desista das suas blasfêmias, pois não é poderoso para lutar contra Deus. Lembra a Cirilo o que aconteceu aos judeus, inimigos de Jesus, a Simão, o mago, a Juliano, o imperador, e a Ário. Essas cartas foram preservadas somente por meio de manuscritos árabes. Hans Van Loon (2009, p. 262) considera que provavelmente não se tratam de cartas autênticas.</p>							
I, 1, 1, p. 110-112 (Vat.)	I, 5, p. 52-55 (Pal.)	-	5309, p. 33	10	429	Cirilo de Alexandria	Clérigos em Constantinopla
<p>Cirilo se refere ao um sacerdote de nome Anastácio, certamente aliado de Nestório, que o acusou nos seguintes termos: “Se ele próprio [Cirilo] diz que o santo Concílio [Niceia] não fez menção ao nome Portadora de Deus”. Cirilo rebate afirmando que se aquele Concílio assim o fez agiu corretamente, pois não se tratava de um assunto daquele momento.</p>							
I, 1, 1, p. 96-98 (Vat.)	I, 3, p. 41-42 (Cas. prior)	-	5316, p. 34	16	Nov/430	Cirilo de Alexandria	Juvenal de Jerusalém
<p>Cirilo usa de artifícios retóricos para colocar Juvenal contra seu superior na hierarquia do Oriente, o bispo João de Antioquia. Cirilo diz que eles devem escrever ao imperador e a todos aqueles com autoridade contra Nestório.</p>							

I, 1, 2, p. 66-68 (<i>Vat.</i>)	I, 3, p. 87-89 (<i>Cas. prior</i>)	-	5323 p. 36	23	Jun/ 431	Cirilo de Alexandria	Comário, Potamon, Dalmácio e outros
<p>Os destinatários estão em Constantinopla. Mesmo depois de chegar a Éfeso, Nestório continua a proferir suas ideias distorcidas. O dia apontado pelo imperador para a abertura do Concílio foi na festa de Pentecostes. Ele chegou bem antes a Éfeso, pois não é adequado desconsiderar uma ordem imperial. Os bispos estão aguardando João de Antioquia há dezesseis dias. Muitos dizem que ele não deseja tomar parte no Concílio, pois teme ficar embaraçado com a deposição de Nestório, que esteve anteriormente na Igreja sob a autoridade dele. O Concílio se reuniu no dia 22/06/431, na igreja dedicada a Maria. Nestório foi convocado a comparecer mais de uma vez, mas colocou soldados a serviço do <i>comes</i> Candidiano em frente a sua casa para que ninguém se aproximasse dele. De acordo com as leis da Igreja o Concílio depôs Nestório. Cirilo ficou sabendo que relatos de Candidiano têm sido levados à Constantinopla. Pede muito cuidado, pois o memorando de deposição de Nestório ainda não havia sido redigido para ser entregue aos imperadores. [Parece que Candidiano está dificultando isso].</p>							
I, 1, 1, p.117- 118 (<i>Vat.</i>)	I, 3, p. 84-85 (<i>Cas. prior</i>)	-	5324, p. 36- 37	24	Jun/ 431	Cirilo de Alexandria	Clero e Povo de Alexandria
<p>O Concílio se reuniu em Éfeso, no dia 22 de junho de 431, com mais de uma centena de bispos. A população inteira da cidade permaneceu aguardando a sentença do Concílio. Quando a deposição foi confirmada, todos oraram e agradeceram a Deus. Cirilo afirma quando os documentos envolvendo a deposição forem finalizados enviará rapidamente para conhecimento em Alexandria.</p>							
I, 1, 3, p. 16-17 (<i>Vat.</i>)	I, 2, p. 75-76 (<i>Ver.</i>) I, 3, p. 99- 100 (<i>Cas. prior</i>)	-	5395, p. 52	95	431 durante o Concílio	Cirilo de Alexandria e Menão de Éfeso	Concílio de Éfeso
<p>Carta que vem depois da de nº 24. Nestório foi convocado pela terceira vez e não compareceu ao Concílio em Éfeso. João de Antioquia também foi chamado, mas sua casa estava guardada por soldados, que não deixaram ninguém se aproximar.</p>							

I, 1, 3, p. 45-46 (<i>Vat.</i>)	I, 3, p. 114-115 (<i>Cas. prior</i>)	-	5327, p. 37	27	Ago/431	Cirilo de Alexandria	Clero e Povo de Constantinopla
<p>Cirilo ficou bastante preocupado quando soube que o <i>comes</i> João não trazia as notícias corretas de Constantinopla, como se o Concílio tivesse aceitado uma deposição canônica e infiel de Nestório. Um relato foi feito pelo Concílio, que se sentiu ofendido pela carta imperial e que o Concílio não aceita a deposição dos três [a carta de Teodósio determinava não só a deposição de Nestório, mas também a deposição e prisão de Menão e Cirilo]. Cirilo quer que as coisas que foram feitas por João de Antioquia sejam consideradas nulas [Após a chegada de João e os demais bispos orientais a Éfeso, eles se reuniram num contra-Concílio e depuseram Cirilo e Menão]. O Concílio de Cirilo escreveu para o imperador defendendo Menão e Cirilo e condenando as ações de João de Antioquia e seus seguidores. “Deixe todos saberem dessas coisas através de Vossas Reverências, [...] para que o homem acima mencionado [<i>comes</i> João], depois que retornar [a Constantinopla] não relate algo diferente para deliciar os ouvidos de algumas pessoas”.</p>							
I, 1, 3, p. 50-51 (<i>Vat.</i>)	I, 3, p. 143 (<i>Cas. prior</i>)	-	5328, p. 37	28	Ago/431	Cirilo de Alexandria	Teopempto, Potamon e Daniel
<p>Cirilo diz que está sendo acusado da deposição de Nestório não de acordo com o propósito do Santo Concílio, mas por intrigas que lhes são atribuídas. O <i>comes</i> João teria condenado quem proferia tais coisas, desde que não encontrou verdades nelas. “Ele [João] foi movido pelo zelo divino e não que agradar a mim ou qualquer outra pessoa”. Cirilo afirma que está sob guarda desde a chegada da carta do imperador.</p>							
I, 1, 3, p. 74-75 (<i>Vat.</i>)	-	-	5329, p. 38; 5779, p. 129	29	431	Alípio	Cirilo de Alexandria
<p>Alípio compara Cirilo a Atanásio e Teófilo. “Ele [Atanásio] suportou viver em terra estrangeira por causa da ordem de exílio contra ele por aqueles que estavam no poder”.</p>							

-	-	-	5408 p. 55	108	431	Cirilo de Alexandria	Comário, Potamon e Vítor
<p>Assim que chegou a Éfeso, Cirilo foi chamado por Nestório para a realização dos serviços da noite. Cirilo recusou, pois se aderisse a isso poderiam incitar tumultos e transtornos contra ele. “Alguns têm escrito para Constantinopla sobre o meu caráter, que eu trouxe comigo uma multidão de companheiros imprudentes e navios carregados com grãos”. Carta preservada em copta.</p>							
-	-	-	5409 p. 55	109	431	Cirilo de Alexandria	Comário, Potamon e Vítor
<p>Clérigos de Constantinopla que chegaram a Éfeso antes de Cirilo trouxeram grandes acusações contra Nestório. Eles estavam com grande medo, pois estavam sendo seguidos por um enviado do Palácio [Constantinopla] a fim de impor-lhes barreiras para Constantinopla. Carta em copta.</p>							
-	I, 4, p. 222- 224 (<i>Cas. alt.</i>)	-	5394, p. 52	94	431	Cirilo de Alexandria	Maximiano de Constantinopla
<p>Fragmento. Cirilo diz estar preparado para enviar a Constantinopla o sacerdote Claudiano com ofertas de presentes.</p>							
I, 1, 7, p. 140- 142 (<i>Ath.</i>)	-	-	5392, p. 52	92	431	Cirilo de Alexandria	Acácio de Bereia
<p>Segue o conteúdo da carta 32, posterior à deposição de Nestório e nomeação de Maximiano. Cirilo se diz triste com a carta escrita por Acácio ao imperador sobre o ódio que ele tem a Nestório.</p>							

-	I, 4, p. 222-224 (<i>Cas. alt.</i>)	-	-	A4	433	Epifânio, arquidiácono de Cirilo	Maximiano de Constantinopla
Essa carta é a introdução do catálogo de presentes enviados por Cirilo à Corte de Constantinopla (Carta nº 96). Lista os nomes dos funcionários imperiais e os presentes que deveriam receber, de acordo com a importância de cada um deles. Visava obter apoio desses funcionários a Cirilo junto ao imperador. (Ver também <i>Livro Heraclides</i> , ed. F. Nau, p. 368-369).							
-	I, 4, p. 224-225 (<i>Cas. alt.</i>)	-	5396, p. 53	96	433	Epifânio, arquidiácono de Cirilo	Lista de presentes para a Corte (via Maximiano)
Catálogo de presentes e ouro despachados por Cirilo para membros da Corte em Constantinopla. (Ver também <i>Livro Heraclides</i> , ed. F. Nau, p. 368-369).							
I, 1, 3, p. 72-74 (<i>Vat.</i>)	-	-	5331, p. 38	31	Após Out/ 431	Cirilo de Alexandria	Maximiano de Constantinopla
Cirilo se mostra exultante com a consagração de Maximiano como bispo de Constantinopla no lugar de Nestório. “E de todas aquelas [...] boas coisas o patrono foi o divino, misterioso e sobrenatural decreto e a intenção do mais religioso e cristão imperador, uma intenção que concordou com a intenção do alto.”							
-	-	-	5410 p. 55	110	431	Cirilo de Alexandria	Shenoute, monge
Cirilo escreve: “Há grandes rumores, que me foram comunicados pelo clero que está em Constantinopla, que o piedoso imperador decidiu enviar alguém, dentre aqueles que estão muito próximos a ele, para que eu e você vir até ele. Peço que venha a Alexandria, pois caso necessário, para que embarquemos juntos”. Carta em versão copta.							
-	-	-	5407 p. 55	107	431	Cirilo de Alexandria	Vítor, monge
Cirilo pede a Vitor que esteja de guarda, pois alguns bispos e clérigos que estão em Éfeso desejam levar petições ao imperador para que eles pudessem ser ouvidos no Concílio, ou melhor, o grande prefeito deveria ser ouvido pelo trono ou pelo governador da província. Isso pode perturbar os propósitos do Concílio. “Nós não desejamos ser ouvidos pelos governadores em Éfeso ou, acima de tudo, por um tribunal de justiça asiático, para que não sejamos oprimidos por muitas dificuldades em um país estrangeiro”. Carta preservada apenas no idioma copta.							

I, 1, 7, p. 147- 150 (<i>Ath.</i>)	I, 4, p. 94-98 (<i>Cas. alt.</i>)	-	5333, p. 38	33	Final de 431	Cirilo de Alexandria	Acácio de Bereia
<p>Cirilo não concorda com Acácio de Bereia que exigiu que ele retirasse seus escritos contra Nestório (doze anátemas), uma vez que era consenso de todos a manutenção do credo de Niceia. Teodósio II envia o tribuno Aristolau para obter a paz entre Alexandria e Antioquia. João de Antioquia havia realizado um sínodo primeiro em Antioquia e depois em Bereia junto com Acácio e deliberaram que Cirilo deveria remover seus escritos para que a paz fosse alcançada. Cirilo já se encontrava em Alexandria (24/10/431).</p>							
-	I, 4, p. 140 (<i>Cas. alt.</i>)	-	5334, p. 39	34	432	Cirilo de Alexandria	Rábula de Edessa
<p>Cirilo envia seus escritos contra Nestório para Rábula. O imperador enviou Aristolau para unir as Igrejas em paz. O imperador também escreveu para os antioquenos para que subscrevessem a condenação de Nestório, anatematizassem seus ensinamentos e entrassem em comunhão com os cirilianos. Mas, segundo Cirilo, Acácio de Bereia lhe escreveu uma proposição estranha, como se tivesse sido escrita pelos orientais, pedindo que ele tornasse sem efeito todos os seus escritos contra Nestório, seja em panfletos ou livros. Cirilo não concorda e envia esses escritos para Rábula para mostrar que eles são ortodoxos.</p>							
I, 1, 4, p. 33 (<i>Vat.</i>)	-	-	5335, p. 39; 6335, p. 226	35	432	João de Antioquia	Cirilo, Maximiano e Sisto de Roma
<p>João de Antioquia escreve: “Nós aprovamos também a elevação do amado Maximiano para o bispado da santa igreja de Constantinopla e estamos em comunhão com todos os bispos.”</p>							
I, 1, 4, p. 6-7 (<i>Vat.</i>)	I, 3, p. 184-185 (<i>Cas. prior</i>)	-	5336, p. 39; 6368, p. 232	36	432	Paulo de Emesa	Cirilo de Alexandria
<p>Essa carta trata-se de uma petição de João de Antioquia a Cirilo entregue através do bispo Paulo de Emesa. Por determinação dos imperadores, através do tribuno Aristolau, foi entregue uma mensagem a João de Antioquia e Acácio de Bereia. Os imperadores pedem uma reunião cara a cara entre Cirilo e João para resolver a questão sem perda de tempo. Paulo leva a carta de João de Antioquia aceitando a deposição e excomunhão de Nestório em troca de uma declaração de, por escrito, sobre a verdadeira fé.</p>							

I, 1, 7, p. 39 (<i>Ath.</i>)	I, 4, p. 123-124 (<i>Cas. alt.</i>)	-	5337, p. 39	37	432	Cirilo de Alexandria	Teognosto, Chamosino e Leôncio
<p>Cirilo escreve para esses sacerdotes que estão em Constantinopla. O bispo Acácio de Bereia pediu a Cirilo, pelos bispos do Oriente, através de carta enviada por Aristolau, a supressão de todos os escritos de Cirilo e a aceitação unicamente da profissão de fé de Niceia. Cirilo rejeitou isso e o presbítero Eulógio divulgou. Segundo Cirilo, depois que Paulo de Emesa foi a Alexandria, todas as coisas foram cumpridas de forma segura e pacífica. Cirilo não aceita a volta de Nestório nem entrar em comunhão com ele. Não entrará em comunhão com João de Antioquia até que Paulo de Emesa lhe entregue um documento em que João confesse que a santa Virgem é Portadora de Deus e anatematize os ensinamentos de Nestório. Mas desde que Aristolau possa pensar que Cirilo está atrasando o processo, Cirilo já escreveu uma carta de comunhão, que será trocada com uma carta de deposição e excomunhão de Nestório.</p>							
I, 1, 4, p. 7-9 (<i>Vat.</i>)	I, 3, p. 185- 187 (<i>Cas. prior</i>) I, 2, p. 102- 104 (<i>Ver.</i>)	-	5338, p. 39; 6310, p. 220	38	432	João de Antioquia	Cirilo de Alexandria
<p>João escreve que um encontro entre ele e Cirilo agora é desnecessário agora que estão removendo os desentendimentos entre eles, em razão dos imperadores terem enviado Aristolau para esse fim. Cedendo a essa “piedosa carta” dos imperadores, João imediatamente enviou Paulo de Emesa a Alexandria, o que teria agradado ao bispo Acácio de Bereia. João ordenou a Paulo que colocasse nas mãos de Cirilo uma declaração que está em harmonia com a encarnação de Cristo. A declaração tem o seguinte trecho: “Com esse entendimento de uma união sem fusão, nós confessamos que a Virgem Maria é Portadora de Deus.” Desde que isso foi aceito, João considera removidos todos os desentendimentos e assegura Nestório como deposto e anatematizado.</p>							
I, 1, 7, p. 146- 147 (<i>Ath.</i>)	-	-	-	A2	432/ 433	Acácio de Bereia e João de Antioquia	Cirilo de Alexandria
<p>Carta enviada através do tribuno Aristolau. Informam a Cirilo que concordam com a fé de Niceia e rejeitam quaisquer outras doutrinas introduzidas recentemente e que confundem o povo, seja por meio de cartas ou panfletos.</p>							

I, 1, 7, p. 151- 152 (<i>Ath.</i>)	-	-	-	A3	433	João de Antioquia	Cirilo de Alexandria
Carta enviada por intermédio do bispo Paulo de Emesa relativa ao início das negociações de paz. As proposições ali contidas foram rejeitadas por Cirilo.							
-	I, 4, p. 212 (<i>Cas. alt.</i>)	-	5373, p. 48; 6494, p. 250	73	Após 432	Rábula de Edessa	Cirilo de Alexandria
Rábula escreve que um certo bispo da Cilícia, excelente orador e efetivo na persuasão, falava algumas coisas do púlpito que agradava as pessoas, mas em outros escritos inseriu declarações errôneas e fraudulentas. Acusa Nestório de ter publicado um trabalho de Teodoro como se fosse dele próprio.							
-	-	77, p. 347- 348	5374, p. 48	74	Após 432	Cirilo de Alexandria	Rábula de Edessa
Cirilo chama Rábula de pilar e base da verdade para todos os habitantes do Oriente contra as blasfêmias de Nestório, que têm origem em Teodoro de Mopsuéstia.							
I, 1, 4, p. 15-20 (<i>Vat.</i>)	I, 2, p. 104- 107 (<i>Ver.</i>) I, 3, p. 187- 191 (<i>Cas. prior</i>) I, 5, p. 334- 337 (<i>Ques.</i>)	-	5339, p. 39- 40	39	433	Cirilo de Alexandria	João de Antioquia
Cirilo regozija com o entendimento alcançado depois que os piedosos imperadores os convocaram para isso. O documento de João, levado a Alexandria por Paulo de Emesa, contém, segundo Cirilo, uma irrepreensível confissão de fé de João.							

I, 1, 4, p. 20-31 (<i>Vat.</i>)	I, 3, p. 194-203 (<i>Cas. prior</i>) I, 5, p. 303-307 (<i>Seg.</i>)	-	5340, p. 40-41	40	433	Cirilo de Alexandria	Acácio de Melitene
<p>Cirilo explica a Acácio os termos em que a paz foi feita. O imperador teria dito que João de Antioquia deveria assinar a deposição e anatematizar Nestório. Quanto às ofensas recebidas em Éfeso, Cirilo afirma perdoá-las. Cirilo deveria destruir seus documentos sobre a fé e se ater aqueles do Concílio de Niceia. Nenhum argumento é capaz de persuadi-lo a isso. Os antioquenos mandaram Paulo de Emesa à Alexandria. Cirilo não concordou, à princípio, o documento produzido por Paulo. “Mas ouvi dizer que eles nem eram movidos pelo zelo divino nem se alinharam comigo na luta pelos verdadeiros ensinamentos, mas porque estavam cedendo a lisonjas de homens e arrebatando em causa própria a amizade daqueles em poder na época.” Cirilo exigiu de Paulo que João de Antioquia produzisse uma profissão de fé por escrito. Agora Nestório nega que Cristo nasceu de uma mulher. Cirilo parece já estar sendo questionado pelos seus aliados como tendo mudado de opinião após assinar o acordo com João.</p>							
I, 1, 4, p. 35-37 (<i>Vat.</i>)	I, 3, p. 193-194 (<i>Cas. prior</i>)	-	5344, p. 41	44	433/435	Cirilo de Alexandria	Eulógio, Sacerdote de Alexandria residente em Constantinopla
<p>Cirilo afirma que alguns atacam a exposição de fé que aqueles do Oriente têm feito e perguntam: “Por qual razão o bispo de Alexandria tolerou ou até mesmo elogiou os que dizem existir duas naturezas?” Cirilo tenta se explicar afirmando: “Nós unimos estes, reconhecendo um Cristo, um Filho, o mesmo Senhor, e mais, uma natureza encarnada do Filho”. “Você tem um grande número de cartas no arquivo, que você deve distribuí-las. Leve ao venerável camareiro os dois livros enviados por mim: o <i>Contra as blasfêmias de Nestório</i> e as atas do sínodo contra Nestório. [Wickham, 1983, p. 66-67, nota 8, identifica o camareiro como sendo o <i>Praepositus sacri cubiculi</i> Crisero, o mesmo citado na carta 96].</p>							

I, 1, 7, p. 155 (<i>Ath.</i>)	-	-	5347, p. 43; 6311, p. 221	47	433	João de Antioquia	Cirilo de Alexandria
<p>Cirilo escreve: “Daí ele [Paulo de Emesa] voltou em paz e todas as observações de amizade em relação a você foram perfeitamente cumpridas de nossa parte, pois além das matérias indicadas por sua Santidade, em resposta, temos consultado uns e outros sobre pequenos pontos em que há diferenças de significados, mas envolvendo questões administrativas.” [...] “Receba Vossa Reverência os meus súditos mais piedosos, Amônio e Cássio, não que eles sejam contenciosos com você, mas pelo que foi construído para estabilidade e para o mais justo. Reconheço nossa gratidão ao tribuno Aristolau que nos uniu através de cartas. Que não entre na sua mente que estejamos fazendo algo sem escrúpulo nas questões propostas”.</p>							
I, 1, 4, p. 31-32 (<i>Vat.</i>)	I, 4, p. 225- 226 (<i>Cas. alt.</i>)	-	5348, p. 43	48	432/ 433	Cirilo de Alexandria	Dinato de Nicópolis de Epiro
<p>Cirilo mais uma vez escreve para justificar os termos do acordo feito com João de Antioquia. Escreve que os orientais induziram Acácio de Bereia a solicitar-lhe a supressão dos seus escritos contra Nestório. Quando Paulo de Emesa esteve em Alexandria também pediu que as deposições Paládio, Eutério, Himério e Doroteu fossem canceladas com o intuito de se obter a paz. Cirilo se diz chateado com os irmãos que dizem que ele se retratou nas acusações contra Nestório.</p>							
I, 1, 4, p. 34 (<i>Vat.</i>)	I, 3, p. 192 (<i>Cas. prior</i>)	-	5349, p. 43	49	433	Cirilo de Alexandria	Maximiano de Constantinopla
<p>Cirilo envia a Maximiano e outros bispos as cartas de comunhão com João de Antioquia e demais bispos orientais.</p>							
-	-	-	5405 p. 54	105	433	Cirilo de Alexandria	Dalmácio arquimandrita e outros
<p>Fragmento de carta em que Cirilo informa que João de Antioquia tem escrito a ele nas seguintes palavras: “aqueles que têm sido levados pelas loucuras de Nestório serão instruídos pouco a pouco”, mas se ninguém lutar contra eles permanecerão no erro. (Carta preservada apenas em versão siríaca).</p>							

-	-	-	5403 p. 54	103	433 ou após	Cirilo de Alexandria	João de Antioquia
<p>Longino, o magnífico <i>comes</i> e sua esposa escreveram para Cirilo denunciando que os clérigos das igrejas da Isauria permanecem nos ensinamentos de Nestório. (Carta preservada somente em siríaco).</p>							
-	I, 4, p. 206 (<i>Cas. alt.</i>)	-	5359, p. 45	59	Após 433	Cirilo de Alexandria	Aristolau, o tribuno
<p>Cirilo ficou sabendo através do bispo Beroniciano de Tiro (Fenícia) que os imperadores incumbiram Aristolau de fazer com que todos os bispos do Oriente anatematizem Nestório. “Eu escrevi essas palavras para o meu senhor, o bispo Beroniciano, [que todos devem condenar Nestório] No entanto, eu acho que a força dos decretos imperiais tem a mesma intenção e não iria acrescentar nada ao que foi ordenado por eles”.</p>							
-	I, 4, p. 230 (<i>Cas. alt.</i>)	-	5360, p. 45	60	Após 433	Cirilo de Alexandria	Aristolau, o tribuno
<p>“Não apenas os zelosos bispos de Alexandria, mas também os bispos através de todo o Egito sabem da força dos santos decretos que recentemente foram enviados por Sua Excelência.” Afirma que os orientais anatematizam Nestório apenas de boca e permanecem com suas ideias.</p>							
-	I, 4, p. 210- 211 (<i>Cas. alt.</i>)	-	5371’ p. 48	71	Após 433	Cirilo de Alexandria	Teodósio II, imperador
<p>Cirilo escreve ao imperador para afirmar que os ensinamentos de Diodoro de Tarso e Teodoro de Mopsuéstia estão na base das doutrinas de Nestório. Embora os orientais tenham anatematizado Nestório estão introduzindo os ensinamentos de Diodoro e Teodoro dizendo que são tão ortodoxos quanto os de Atanásio, Gregório e Basílio. “Nestório declarou que seus ensinamentos são os daqueles homens, por isso foi condenado como ímpio pelo Concílio reunido em Éfeso, segundo a vontade de Deus. Uma vez que eles fingem confessar o credo que foi estabelecido no grande e antigo sínodo de Niceia, mas distorcem seu significado em falsas interpretações. Os arquiemandritas ortodoxos do Oriente pediram que eu explicasse o significado do credo e isso foi feito. Era necessário que esse trabalho chegasse aos seus piedosos e amorosos ouvidos, já que, entre outras coisas boas, isso também é parte de sua tranquilidade, que você escolheu, sem deixar de se deliciar com palavras sobre a verdadeira fé.”</p>							

-	I, 4, p. 207 (<i>Cas. alt.</i>)	-	5361, p. 46	61	Após 433	Cirilo de Alexandria	João de Antioquia
<p>Cirilo pede que João advirta os bispos do Oriente que ainda permanecem nos ensinamentos de Nestório.</p>							
I, 1, 7, p. 162- 163 (<i>Ath.</i>)	-	-	5393, p. 52	93	433/ 434	Cirilo de Alexandria	Maximiano de Constantinopla
<p>Segue a carta 49, que tratava da paz entre Cirilo e João de Antioquia. Cirilo diz que alguns homens estão dizendo que ele tem desconsiderado todas as coisas que escreveu contra Nestório. Maximiano parece aborrecido com o acordo entre Cirilo e João de Antioquia.</p>							
-	I, 4, p. 229 (<i>Cas. alt.</i>)	-	5364, p. 46	64	Após 433	Cirilo de Alexandria	Máximo, João e Talássio
<p>Cirilo afirma que esses sacerdotes podem saber através do arquiandrita Adamantio que ele tem escrito a Aristolau sobre os bispos que anatematizaram Nestório somente na língua.</p>							
-	I, 4, p. 228 (<i>Cas. alt.</i>)	-	5370, p. 47	70	Após 433	Cirilo de Alexandria	Lampom, presbítero de Alexandria, em Constantinopla
<p>Cirilo diz que quando estava em Jerusalém um homem nobre servindo de soldado no palácio trouxe-lhe uma extensa carta selada dizendo que recebeu dos ortodoxos de Antioquia, com assinaturas de muitos clérigos monges e leigos. Eles acusavam os bispos do Oriente de manter silêncio sobre Nestório, mas de apegar aos ensinamentos de Teodoro, pai das blasfêmias de Nestório. Cirilo diz que, a pedido do arquiandrita Máximo, está escrevendo um livro que interpreta claramente os padres de Niceia e que será enviado ao imperador e às imperatrizes [Eudóxia e Pulquéria]. Lampon deve apresentá-lo no momento correto.</p>							

-	I, 5, p. 310-315 (<i>Seg.</i>)	-	5366, p. 46; 6312, p. 221	66	Após 434	João de Antioquia	Cirilo de Alexandria
<p>João afirma que o bispo Proclo de Constantinopla escreveu dizendo que estão [ele e Cirilo] negligenciando o que ele escreveu aos armênios [Tomo aos Armênios]. João vê outra monstruosidade: ele está de acordo com os ensinamentos de Teodoro de Mopsuéstia, mas alguns querem lançar anátema contra ele.</p>							
-	-	77, p. 344-345	5372, p. 48	72	Após 434	Cirilo de Alexandria	Proclo de Constantinopla
<p>Cirilo indica que João de Antioquia escreveu para ele informando que outra tormenta se eleva entre eles por causa dos ensinamentos de Diodoro e Teodoro. Tudo parece se afundar ao foi no início. Alguns se aproximaram dos imperadores e pediram que os livros de Teodoro fossem anatematizados, bem como o próprio homem. Mas Teodoro é grande no Oriente e seus escritos excessivamente admirados, embora seus escritos tenham coisas estranhas. Prudência e optar por ficar quieto nessa matéria seriam a melhor coisa. João de Antioquia recebeu uma cópia dessa carta. (Proclo sucedeu a Maximiano na Sé de Constantinopla em 434.).</p>							
-	-	77, p. 383-390	5387, p. 51; 5242, p. 20	87	Espúria Data incerta	Cirilo de Alexandria	Cálculo da Páscoa
<p>Referente ao cálculo da Páscoa. Os astrônomos alexandrinos eram considerados especialistas no cálculo dessa festa, que não tinha uma data fixa naquele tempo. (Carta espúria)</p>							

APÊNDICE D
CATÁLOGO DO LIVRO HERACLIDES, DE NESTÓRIO - CONTEXTUALIZAÇÃO
(ASSUNTOS E REFERÊNCIAS)

Parágrafos	Edição F. Nau (páginas)	Edição Driver & Hodgson (páginas)	Cartas dos Apêndices A e B vinculadas ao assunto
1-11	5	7	-
<p>Prefácio. Nestório diz que irá discutir sobre todas as heresias existentes. “Agora convém, em minha opinião, àquele que quiser pesquisar a verdade com toda diligência, não compor seus discursos com ideias preconcebidas, mas produzir (primeiramente) tudo aquilo que é oposto à verdade e discuti-lo”.</p>			
11-71	5-46	7-48	-
<p>Heresias e cismas. Nestório responde a perguntas formuladas por Sofrônio, detalhando as crenças dos: pagãos, judeus, maquineus, paulinianos, fotianos, arianos, apolinaristas, adocionistas.</p>			
72-125	49-85	46-81	-
<p>: A Palavra tornou-se carne; Cristo mais do que Santo e Profeta; A união das duas naturezas; Cristo como verdadeira encarnação da divindade; o nascimento do Cristo encarnado; a adoração da humanidade de Cristo; a batalha moral do Cristo encarnado; o batismo e a tentação de Cristo; expiação; objeções a uma união natural.</p>			
126-136	85-94	81-88	-
<p>Teorias falsas e verdadeiras; a ênfase dos Evangelhos na humanidade de Cristo; uma união natural faz Deus sofrer.</p>			
137	94-95	88	-
<p>Propósito de Nestório: “Não nos convém tornar nosso livro interminável nem nos ocupar de coisas evidentes, mas, sobretudo, descortinar a cada um, gradualmente, o progresso de tal iniquidade. Eu tinha planejado, apesar de não estar me desviando da retidão dos ortodoxos, e eu não me desviarei disso até a morte. Pela ignorância, todos lutam contra mim, mesmo os ortodoxos. Eles não querem entender e aprender algo de mim. Virá o tempo que eles aprenderão com os heréticos e lutarão contra eles como lutam contra mim.”</p>			

138-146	163-170	186-192	-
Refutação das acusações de Cirilo. Nestório nega a união moral. Duas naturezas, um Cristo.			
149	90	97-98	-
Nestório discorre sobre a heresia de Apolinário, que pregava o mesmo que os arianos. Associa a doutrina de Cirilo a de Apolinário.			
209-210	125-126	141-142	-
parágrafos Nestório discorre sobre a fé de Niceia. “Eu disse e afirmei que a união é em uma única <i>prosôpon</i> no Cristo”.			
211-213	127-129	142-144	-
Cirilo deturpa o credo niceno. “Diversas são as naturezas que vieram a uma verdadeira união, (mas) com as duas (resultou) um Cristo e Filho, não porque a diferença das naturezas foi removida por causa da união, mas porque elas constituíram acima de tudo um Senhor, e Cristo, e Filho”.			
214-216	129-130	145-146	-
Exposição do credo niceno. “Onde, pois, eu disse que Cristo era um simples homem, ou dois Cristos e que não havia um Senhor Jesus Cristo, Filho único de Deus: da união das duas naturezas resultou um <i>prosôpon</i> ?”			
217-221	130-134	147-150	-
Cirilo contradiz os padres de Niceia. “Onde os Padres disseram que Deus, o Verbo, nasceu da carne de uma mulher?”			
222-227	134-137	151-154	-
Cirilo se contradiz. “Você interpreta de fato não para evitar que Deus, o Verbo, seja dito passível e mortal, mas para persuadi-los a dizer que os Padres são proibidos de dizer. O mesmo, claro, nós confessamos um Cristo, que tomou seu nome ao nascimento da bem-aventurada Maria, mas ele é também homem, na morte, na ressurreição, ascensão e ainda na vinda do céu; você o priva de tudo agora”.			

228-229	137-138	155-156	-
<p>Cirilo e a união das naturezas. “Você me diz: ‘você divide’; mas você também; até nas palavras as quais você recorre para me acusar, você diz: ‘Diversas são as naturezas que vêm a uma verdadeira união; das duas provém um único Cristo e Filho, não que a diferença das naturezas foi removida por causa da união’”.</p>			
230-232	138-140	157-158	-
<p>União prosópica, a única possível. “Eu não conheço outra união hipostática com naturezas diferentes, nem alguma outra coisa que convém para a união das naturezas diferentes, senão um único <i>prosôpon</i>, pelo qual e no qual as duas naturezas são conhecidas, atribuindo suas (propriedades) ao <i>prosôpon</i>”.</p>			
233-235	140-142	159-160	-
<p>Duas naturezas em um Filho. “Para os homens, muitos que são filhos (o) são pela distinção e divisão das naturezas, se eles o são pela graça e adoção (que) foi dada a cada um deles; como o imperador honra cada um dos príncipes”.</p>			
236-238	142-144	161-162	-
<p>A inconsistência da causa de Cirilo. “Se você coloca a união hipostática na natureza, você diz como os arianos, que ela é natural e não voluntária”.</p>			
239-247	144-149	163-168	-
<p>União natural e prosópica. Filipenses II, 7-11. “Se você diz que Deus, o Verbo, uniu à carne em hipóstase e que você chama essa união de ‘incompreensível’ e pouco adequada, eu não recusa dizer claramente: ‘São os ímpios que dizem tais coisas e aqueles não ortodoxos’”</p>			
248-253	149-153	169-172	-
<p>Exposição do credo niceno para justificar a correção da sua doutrina.</p>			

254-255	153-155	173-174	-
A verdadeira humanidade Cristo. “Por que você se indigna? Será porque eu lhe reprovei de ter mentido sobre os Padres, pois você disse que os Padres chamaram a santa Virgem Mãe de Deus, enquanto eles mesmos nem fizeram menção à natividade?”			
256-259	155-156	175-176	-
<i>Theotokos</i> , um termo herético. “Que eu fui condenado como um adversário, mas se ninguém empregou aquela expressão [Mãe de Deus], você se levantou com toda sua audácia para introduzir uma palavra que não era admitida. É por isso que eu te pedi (provar o dogma) para te mostrar que (aquela expressão) não tinha sido empregada pelos Padres”. Se a expressão é admitida ou não é o Concílio que deveria julgar. Mas foi somente Cirilo que o conduzi, com violência e colocou todo o Concílio para aprovar a fé que o agradava.			
260-262	156-158	177-178	-
Dificuldades de interpretar Cirilo. “Você admite e nem está escandalizado; você aderiu de pés e mãos a Ário que verdadeiramente disse e sustentou que o Verbo tornou-se homem por uma hipóstase natural e naturalmente unida em hipóstase, sofrendo naturalmente pela sensibilidade os sofrimentos do corpo; e você ousa chamar de consubstancial aquele que suporta a dor.”			
263-264	158-159	179-180	-
Objecções à união natural. “Pois a união não fez desaparecer a diversidade das naturezas e se as diversidades das naturezas subsistem na união, elas estarão separadas pelas diferenças das naturezas, como elas são distintas [?]; como você diz então de mim que eu divido a união como por um distanciamento local, porque eu disse: por causa daquilo que é revestido, eu adoro a vestimenta?”			
265-266	159-161	181-182	-
A encarnação, uma união verdadeira. “[...] eles recusaram minhas palavras ao admitirem que a encarnação aconteceu em (uma) natureza, fazendo a união passível e mutável como Ário, ou então (que eles admitam) impassível como os Padres. Qual lado você se alia? Isso depende de você: do lado dos heréticos ou dos Padres ortodoxos; do lado daqueles que dizem impassível e incorruptível ou daqueles defendem a união à hipóstase, ou daqueles que a ligam ao <i>prosôpon</i> . Por mim, eu digo que a união de Deus, o Verbo, é impassível, imortal e imutável.[...] Eu guardei sem manchas a fé dos trezentos e dezoito Padres que se reuniram em Niceia.			

267-268	161-162	183-184	-
Cristo, o segundo Adão. “Ário e Apolinário tiveram a loucura de dizer que Deus, o Verbo, na sua bondade, aceitou uma maneira de viver terrestre e uma obediência até a morte na sua encarnação”.			
269-270	162-163	185	-
Impassibilidade da divindade. “Quanto à união voluntária, em vista do <i>prosôpon</i> das naturezas, eles [cirilianos] a destruíram, mantendo uma propriedade natural e não voluntária, de sorte que Deus, o Verbo, participa dos sofrimentos da alma e do corpo”.			
271-274	170-173	192-194	-
Ambrósio e Atanásio. “O Cristianismo é em verdade: não se engane... ‘humano é aquele que nasceu da bem-aventurada Maria’... ‘aquele que teve um começo, cresceu e se aperfeiçoou, não é Deus por natureza, bem que ele seja dito ainda por causa da sua manifestação que se fez pouco a pouco”.			
275-276	173-174	195-196	-
Cristo, verdadeiro Deus e homem. “Pela união das essências, eu disse um <i>prosôpon</i> em uma igualdade em tudo isso que forma o <i>prosôpon</i> , ao qual pertence uma essência [<i>ousia</i>] e outra essência, não por separação ou distanciamento, mas nela mesma (<i>prosôpon</i>)”.			
277-279	174-176	197-198	-
O nascimento humano de Cristo. “ <i>E o verbo se fez carne</i> . Não foi dito que o Verbo nasceu da carne.”			
280	176-178	199-200	-
Nestório recorre a Ambrósio. “Eu disse isso: Ele queria ser em seguida de uma mulher, segundo essa (palavra) ‘ele tornou-se’. Você (Ambrósio) definiu que isso não é pela divindade, mas pelo corpo que tomou”.			

281-284	178-180	201-202	-
Nestório recorre a Gregório e Atanásio. “Se você condena minhas opiniões, ser-lhe-ia necessário comparar esses textos (de Atanásio e de Ambrósio) que vieram reforça-las”.			
285-286	180-181	203-204	-
“Comunidade de nomes”. Atanásio e Ambrósio. “Se você reconhece, como Gregório e Atanásio, a natureza humana como aquela que veio de Maria [...] que ele é Deus por manifestação e se distingue de todos os homens.”			
287-289	182-183	205-206	-
Se não há encarnação, não há expiação. Gregório, Atanásio e Ambrósio.			
290-292	184-186	207-208	-
União prosópica. “Você me reprime é porque eu separo as propriedades da união a cada uma das naturezas, de modo que cada uma daquelas subsiste na sua hipóstase.”			
293-294	186-187	209-210	-
Duas naturezas, um Cristo. “Eu disse que o nome de Cristo indica as duas naturezas: de Deus uma natureza e do homem outra.			
295-297	187-189	211-212	-
Se Cristo não foi homem, Deus sofreu.			
298-300	189-190	213-214	-
Realidade da expiação.			
301-302	190-192	215-216	-
Duas naturezas, um Filho.			

303-304	192-194	217-218	-
A distinção das naturezas.			
305-307	194-195	219-220	-
<i>Ousia, hypostasis, prosopon.</i>			
308-310	195-197	221-222	-
A adoração devida a Cristo.			
311-312	197-199	223-224	-
Nestório invoca Gregório.			
313-315	199-201	225-226	-
Nestório nega “dois Filhos”.			
316-318	201-203	227-228	-
Realidade da união em Cristo.			
319-321	203-205	229-230	-
Comentários de Hebreus II, 18.			
322-324	205-207	231-232	-
Duas <i>ousias</i> , um <i>prosôpon</i> .			
325-327	207-209	233-234	-
A união prosópica.			

328-329	209-210	235-236	-
A humanidade do Cristo em Cirilo.			
330-331	210-211	237-238	-
Duas naturezas, um Cristo.			
332-334	211-213	239-240	-
O ensinamento insatisfatório de Cirilo.			
335-336	213-215	241-242	-
Nestório reivindica ser ortodoxo.			
337-339	215-217	243-244	-
A Trindade e a Encarnação.			
340-341	217-219	245-246	-
A união prosópica é ortodoxa.			
342-344	219-221	247-248	-
<i>Communicatio idiomatum</i> . “Do mesmo modo que na Trindade há uma essência de três <i>prosôpons</i> [...] há aqui também um <i>prosôpon</i> de duas essências.”			
345-347	221-223	249-250	-
O sacerdócio de Cristo.			
348-350	223-225	251-252	-
Deus na manifestação, não se deve ser concebido como um homem sem <i>prosôpon.natureza</i> ”.			

351-352	225-226	253-254	-
Duas naturezas, um Redentor.			
353-354	226-228	255-256	-
Argumento da Eucaristia.			
355-358	228-230	257-258	-
Linguagem do Novo Testamento.			
359-360	230-232	259-260	-
Nestório reclama sua ortodoxia.			
361-365	232-235	261-262	-
A união prosópica ortodoxa. Nestório afirma novamente ser ortodoxo.			

APÊNDICE E

CATÁLOGO DA CORRESPONDÊNCIA EPISTOLAR DO BISPO CIRILO DE ALEXANDRIA COM RESUMO DOS ASSUNTOS (CONTEXTUALIZAÇÃO).

<i>ACO</i> (versão grega)	<i>ACO</i> (versão latina)	<i>PG</i>	<i>CPG</i>	Nº	Data	Remetente	Destinatário
-	-	77, p. 376- 377	5385, p. 50	85	Antes de 428	Cirilo de Alexandria	Concílio de Cartago
Cirilo envia cópias autênticas do Concílio de Niceia e anuncia a data da Páscoa.							
-	-	-	5398, p. 53	98	Após 428	Cirilo de Alexandria	Fócio, presbítero em Alexandria
Cirilo tenta se explicar: Se duas substâncias forem misturadas, nenhum delas é preservada depois da mistura.							
I, 1, 1, p. 10-23 (<i>Vat.</i>)	I, 3, p. 3-16 (<i>Cas. prior</i>)	-	5301, p. 31	1	Início 429	Cirilo de Alexandria	Monges do Egito
Cirilo afirma que está preocupado além da medida, pois alguns irmãos (monges) têm chegado à Alexandria com certos rumores que podem destruir a verdadeira fé. Eles indagam se a Virgem Maria deve ser chamada de portadora de Deus ou não. Cirilo quer saber se os monges estão firmes na fé dos Santos Padres, sobretudo naqueles ensinamentos transmitidos por Atanásio.							
I, 1, 1, p. 23-25 (<i>Vat.</i>)	I, 5, p. 51-52 (<i>Pal.</i>) I, 3, p. 16-17 (<i>Cas. prior</i>) I, 2, p. 36-37 (<i>Ver.</i>)	-	5302, p. 31	2	Junho 429	Cirilo de Alexandria	Nestório de Constantinopla
Cirilo tomou conhecimento, através de alguns homens que chegaram à Alexandria, que Nestório estaria o caluniando por causa da carta que ele enviou aos monges (carta anterior). Cirilo convoca Nestório a reconhecer a Virgem Maria como portadora de Deus.							

I, 1, 1, p. 25 (<i>Vat.</i>)	I, 3, p. 17 (<i>Cas. prior</i>)	-	5303, p. 31; 5666 p. 108	3	429	Nestório de Constantinopla	Cirilo de Alexandria
Resposta à carta anterior. Nestório chama Cirilo de intolerante. Nestório reclama da abordagem do sacerdote Lampon, emissário de Cirilo e residente em Constantinopla, que exigiu uma resposta à carta anterior.							
I, 1, 1, p. 109 (<i>Vat.</i>)	I, 3, p. 17-18 (<i>Cas. prior</i>)	-	5307, p. 32	8	Verão 429	Cirilo de Alexandria	Aos Acusadores
Cirilo afirma que apenas expôs aos monges, que estavam escandalizados com as interpretações de Nestório sobre a fé. Afirma que ele e um sínodo egípcio anatematizaram os ensinamentos de Nestório.							
I, 1, 1, p. 108 (<i>Vat.</i>)	I, 3, p. 43 (<i>Cas. prior</i>)	-	5308, p. 32	9	429	Cirilo de Alexandria	Para um discípulo de Nestório
Cirilo afirma que se fosse possível ficaria feliz com a perda de bens e dinheiro para por fim ao sofrimento de um irmão. As igrejas por todo Império estão escandalizadas com os ensinamentos de Nestório.							
I, 1, 1, p. 29-32 (<i>Vat.</i>)	-	-	5305, p. 32	5	430	Nestório de Constantinopla	Cirilo de Alexandria
Resposta de Nestório à carta anterior de no. 3. De forma ríspida, afirma que dispensa os ultrajes de Cirilo em suas cartas como merecedores de serem respondidos no momento adequado. Mas, no que se refere à fé, reafirma a distinção entre as duas naturezas.							
I, 1, 1, p. 98-99 (<i>Vat.</i>)	I, 3, p. 38-39 (<i>Cas. prior</i>)	-	5314, p. 34	14	Verão 430	Cirilo de Alexandria	Acácio de Bereia
Cirilo afirma que nenhum dos bispos ortodoxos, como Atanásio, Basílio, Gregório, Teófilo, Ático, temeu em não chamar a Virgem de Portadora de Deus em seus escritos. Desse modo, como proferiu o bispo Doroteu, eles estão anatematizados. Cirilo afirma que o distúrbio todo começou depois que ele explicou a verdadeira fé aos monges do Egito. Nestório tem reunido certos impostores e homens condenados e prepara mentiras contra ele diante de muitas pessoas. Cirilo diz que emitiu um decreto sinodal contra aqueles que dizem tolices contra o Cristo. Seu objetivo é salvar aqueles que têm sido prejudicados na fé.							

I, 1, 5, p. 10-12 (<i>Vat.</i>)	-	-	5310, p. 33	11	Prima- vera 430	Cirilo de Alexandria	Celestino de Roma
<p>Cirilo acha importante escrever para Celestino e relatar a respeito de quem está agora em Constantinopla administrando a Igreja. Tudo está uma tormenta. Nestório tem a mesma opinião de certo bispo de nome Doroteu, que afirmou: “Se alguém disser que Maria é Portadora de Deus, que seja anatematizado”. Todo o povo se afastou horrorizado, com exceção de uns poucos que o bajulam. Mas quase todos os mosteiros e seus arquiemandritas, bem como muitos senadores não se juntaram a ele. Indica que Nestório tem apoio de Antioquia, mas que os bispos da Macedônia são contra ele. Muitas autoridades em Constantinopla têm escrito a Cirilo para agradecê-lo.</p>							
I, 1, 7, p. 171-172 (<i>Ath.</i>)	-	-	5311, p. 33	11a	Prima- vera 430	Cirilo de Alexandria	Possidônio, diácono
<p>Trata-se de um memorando que encaminha a carta nº 11, que deve ser entregue ao bispo Celestino de Roma por Possidônio, um representante de Cirilo na cidade. Cirilo afirma que Nestório estimulou Celéstio a publicar panfletos contra certo bispo de nome Filipe acusando-o de maniqueu. Celéstio foi discípulo de Pelágio. Este foi condenado no Ocidente ao se envolver em polêmica com o bispo Agostinho de Hipona acerca do dogma da “Graça”. Após essa condenação, alguns seguidores de Pelágio, inclusive Celéstio, teriam recebido abrigo de Nestório em Constantinopla.</p>							
I, 1, 1, p. 75-77 (<i>Vat.</i>)	-	-	5312, p. 33	12	430	Celestino de Roma	Cirilo de Alexandria
<p>Celestino recebe a carta de Cirilo por intermédio de Possidônio. Afirma que se Nestório continuar com seus ensinamentos pervertidos deve-se abrir um julgamento contra ele e separá-lo da comunhão com todos. Celestino diz a Cirilo que desde que ambos estão de acordo com a verdadeira fé e usando da sua autoridade apostólica pede que Cirilo leve adiante o seguinte decreto: se em dez dias Nestório não negar, por escrito, seus ensinamentos, deve ser removido do corpo da Igreja. Celestino escreveu essa mesma instrução para: João de Antioquia, Rufo de Tessalônica, Juvenal de Jerusalém e Flaviano de Filipe.</p>							

I, 1, 1, p. 99-100 (<i>Vat.</i>)	I, 3, p. 39 (<i>Cas. prior</i>)	-	5315, p. 34; 6479, p. 247	15	430	Acácio de Bereia	Cirilo de Alexandria
<p>Acácio afirma que alguns clérigos e leigos de Constantinopla que chegam a Antioquia parecem concordar com a declaração relatada como não tendo um significado oposto à fé apostólica. Mas, desde que a crise exige, Cirilo deve considerar o direito de manifestar a sabedoria do seu ofício episcopal. Já que Cirilo vai atuar como árbitro, ele deve explicar seus termos e repreender os que confundem com a seguinte citação: “Mantenha silêncio, fique quieto” [ironia?] Acácio diz que tomou a liberdade de que o bispo João de Antioquia lesse a carta enviada por Cirilo, pois os desejos de João coincidem com os dele. Todos os bispos do Oriente tem João em alta reverência. Acácio acrescenta no final da carta: “Através das coisas que você diz e das coisas que você faz, as palavras do apóstolo, como a ocasião pede, podem se provar verdadeiras, ‘Se eu desejo usar a autoridade que Deus nos deu para edificação e não destruição, não devo me envergonhar’”. Na nota 10, p. 77, o tradutor para a língua inglesa comenta: “Cirilo não poderia atender a esse pedido prolixo e sutil de clemência em relação a Nestório, considerando as ordens explícitas do Papa (<i>sic.</i>) no fim da carta 12.” Para nós a mensagem de Acácio nada tem de prolixa e sutil.</p>							
I, 1, 1, p.92-93 (<i>Vat.</i>)	I, 3, p. 40-41 (<i>Cas. prior</i>)	-	5313, p. 34	13	Nov/ 430	Cirilo de Alexandria	João de Antioquia
<p>Cirilo informa a João que Nestório escreveu coisas muito estranhas em uma carta que enviou a Celestino de Roma: incluiu na carta uma declaração contra seus oponentes que reconhecem a Virgem como Portadora de Deus. Depois que Nestório enviou muitos panfletos com seus ensinamentos e Celestino, depois de lê-los, disse que Nestório está inventando uma perigosa heresia. Nestório havia escrito para Celestino enviando cópias dos escritos de Cirilo. Cirilo primeiramente soube disse por meio do diácono Possidônio, um clérigo de Alexandria em Roma. Um sínodo em Roma decretou que os ensinamentos de Nestório estão fora de comunhão com o Ocidente. Celestino comunicou isso ao bispo Rufo de Tessalônica e demais bispos da Macedônia, que concordam com essa decisão. Escreveu, também, para o bispo Juvenal de Jerusalém. Cirilo conclama João a também seguir o julgamento de Celestino, de modo a se manter em comunhão com todos os bispos e pelo bem de todo povo.</p>							
I, 1, 1, p. 33-42 (<i>Vat.</i>)	I, 2, p. 45-51 (<i>Ver.</i>) I, 3, p. 26-35 (<i>Cas. prior</i>)	-	5317, p. 34- 35	17	Nov/ 430	Cirilo, com o Sínodo em Alexandria	Nestório de Constantinopla
<p>Cirilo lembra a Nestório que o bispo Celestino condenou seus ensinamentos em um sínodo em Roma. Dirige seus doze anátemas contra Nestório. O terceiro anátema diz: “Se alguém separar as <i>hipostases</i> no único Cristo após a união, associando-as apenas por uma conjunção de acordo com a dignidade, isto é, pela autoridade ou poder, e não por uma combinação de acordo com uma união real, deixe-o ser anátema.”</p>							

I, 1, 1, p. 113- 114 (<i>Vat.</i>)	I, 3, p. 35-36 (<i>Cas. prior</i>)	-	5318, p. 35	18	Nov/ 430	Cirilo, com o Sínodo em Alexandria	Clero e povo de Constantinopla
Cirilo afirma permanecer solidário e em comunhão com clérigos e leigos perseguidos e excomungados por Nestório em Constantinopla.							
I, 1, 5, p. 12-13 (<i>Vat.</i>)	-	-	5319, p. 35	19	Nov/ 430	Cirilo, com o Sínodo em Alexandria	Monges de Constantinopla
Cirilo diz aos monges que ele e Celestino enviaram cartas a Nestório para que ele desista dos seus ensinamentos ímpios. Se ele escolher o contrário, deve ser considerado um estranho entre a assembleia dos bispos e à dignidade dos ensinamentos.							
I, 1, 6, p. 110- 111 (<i>Vat.</i>)	I, 5, p. 142- 143 (<i>Pal.</i>) I, 5, p. 249- 250 (<i>Seg.</i>)	-	5384, p. 50	84	Início 431	Cirilo de Alexandria	Euoptio de Ptolomais
Cirilo trata do livro de Teodoreto de Ciro, enviado por Euoptio, que trata da condenação dos doze anátemas de Cirilo contra Nestório. Esse trabalho de Teodoreto é perdido.							
I, 1, 1, p. 116 (<i>Vat.</i>)	-	-	5320, p. 36	20	Início Jun/ 431	Cirilo de Alexandria	Clero e Povo de Alexandria
Cirilo informa que está a caminho de Éfeso. Se encontra em Rodes e a viagem foi sem medo e perigo.							
-	-	-	5406 p.54	106	431	Cirilo de Alexandria	Vítor, monge
Fragmento de carta em que Cirilo informa estar a caminho de Éfeso e espera que esteja tudo bem. Preservado apenas no idioma copta.							

I, 1, 1, p. 117 (<i>Vat.</i>)	-	-	5321, p. 36	21	Jun/ 431	Cirilo de Alexandria	Clero e Povo de Alexandria
Cirilo já se encontra em Éfeso. Pensa que a hora do Concílio está próxima e que Nestório não escapará do julgamento e condenação de Deus.							
I, 1,1, p. 119 (<i>Vat.</i>)	I, 3, p. 49 (<i>Cas. prior</i>)	-	5322, p. 36; 6307, p. 220	22	Jun/ 431	João de Antioquia	Cirilo de Alexandria
João sabe que Cirilo já se encontra em Éfeso, mas informa que, devido as asperezas do caminho, sua viagem atrasou. Espera, contudo, completar a jornada rapidamente. Paulo e Macário que estão com João também enviam saudações a Cirilo.							
I, 1, 1 p. 118- 119 (<i>Vat.</i>)	-	-	5325, p. 37	25	Jun/ 431	Cirilo de Alexandria	Clero, leigos e povo de Alexandria
“Haja festa também para os mestres e líderes do povo, pois a verdadeira fé está fortalecida e em todos os lugares o Salvador e Deus é glorificado.”							
I, 1, 2, p. 69-70 (<i>Vat.</i>)	I, 3, p. 89- 90 (<i>Cas. prior</i>)	-	5326, p. 37	26	431	Cirilo de Alexandria	Pais dos Monges
Cirilo agradece o encorajamento através de cartas. Afirma que a boca de Nestório foi calada pela autoridade episcopal.							
I, 1, 3, p. 71 (<i>Vat.</i>)	I, 3, p. 179 (<i>Cas. prior</i>)	-	5330, p.38; 5770, p. 127	30	Após Out/ 431	Maximiano de Constantinopla	Cirilo de Alexandria
Maximiano diz: “Nós sabemos algumas coisas, por percebê-las aqui, e outras por ouvirmos, da sua angústia contra os principados daqueles que se opõem a você, contra os governantes da escuridão nesse mundo”. Maximiano diz que desde que foi promovido para a Sé de Constantinopla tem recebido o apoio de Cirilo.							

I, 1, 7, p. 137 (Ath.)	I, 3, p. 180 (Cas. prior)	-	5332, p. 38	32	Após Out/431	Cirilo de Alexandria	Juvenal e legados do Concílio
Cirilo cumprimenta os bispos Juvenal, Flaviano, Arcádio, Projecto, Firmo, Teodoreto, Acácio e Filipe que participaram da eleição de Maximiano em Constantinopla.							
I, 1, 7, p. 143-144 (Ath.)	-	-	-	A1	27/01/432	Sisto de Roma	Cirilo de Alexandria
Sisto eleito bispo de Roma. Relação de Sisto com João de Antioquia e os demais bispos orientais.							
-	-	-	5399, p. 53	99	432?	Cirilo de Alexandria	Monges de Constantinopla
“Nós não dissemos que a natureza da divindade nasceu de uma mulher.”							
-	-	-	5400 p. 53	100	432	Cirilo de Alexandria	Monges de Constantinopla
Cirilo escreve: “Suas Santidades não de convir que eu não sou o tipo de homem que se arrepende das opiniões anteriores.” (Essa carta se apresenta somente na versão em língua siríaca).							
-	-	77, p. 347-348	5374, p. 48	74	Após 432	Cirilo de Alexandria	Rábula de Edessa
Cirilo chama Rábula de pilar e base da verdade para todos os habitantes do Oriente contra as blasfêmias de Nestório, que têm origem em Teodoro de Mopsuéstia.							

I, 1, 7, p. 153 (<i>Ath.</i>)	-	-	5389, p. 51	89	433	Cirilo de Alexandria	João de Antioquia
O conteúdo dessa carta dá sequência àquele da carta nº 39.							
I, 1, 7, p. 115- 116 (<i>Ath.</i>)	-	-	5390, p. 51	90	433	Cirilo de Alexandria	João de Antioquia
Acácio de Bereia escreveu para aqueles em Constantinopla que João de Antioquia enviou Paulo de Emesa a Alexandria para intermediar as negociações de paz. Alguns bispos têm sido condenados por Maximiano de Constantinopla: Heládio de Tarso, Eutério de Tiana, Doroteu de Marcianópolis e Himério de Nicomédia. Cirilo afirma que da parte dele não recebeu nenhum memorando sobre isso nem manteve seu voto de deposição contra quaisquer pessoas. (Vide cartas 11, 36, 37 e 48)							
-	-	77, p. 320- 321	5357, p. 45	57	Após Abr/ 433	Cirilo de Alexandria	Máximo, diácono em Antioquia
Cirilo afirma que ficou sabendo, através do monge Paulo, que Máximo se recusa a entrar em comunhão com João de Antioquia. Talvez porque algumas igrejas de Antioquia ainda pensem como Nestório.							
-	I, 2, p. 107- 108 (<i>Ver.</i>)	-	5351 , p. 43	51	17/set/ 433	Sisto de Roma	Cirilo de Alexandria
Sisto congratula-se com Cirilo pela obtenção da paz com os orientais.							
-	I, 2, p. 108- 110 (<i>Ver.</i>)	-	5352 , p. 44	52	17/set/ 433	Sisto de Roma	João de Antioquia
Sisto informa que já sabe que Nestório está no exílio. João reconhece a eleição de Sisto para a Sé Apostólica (Vide McEnerney, 1987b, p. 8, nota 8). Sisto congratula João pela obtenção da paz na Igreja.							

I, 1, 3, p. 90-101 (<i>Vat.</i>)	-	-	5350, p. 43	50	433	Cirilo de Alexandria	Valeriano de Icônio
Cirilo escreve extensa carta para esse bispo da cidade de Icônio, província da Licaônia (Ásia Menor) para, mais, uma vez, expor a sua doutrina e justificar os termos do acordo com os orientais.							
-	-	-	5404 p. 54	104	433	Cirilo de Alexandria	João de Antioquia
Muitos monges e bispos acusam os bispos da Cilícia de se afastarem da paz da Igreja, expulsando e excomungando sacerdotes, diáconos e arquiemandritas que estão a favor da verdadeira fé em Cristo. Cirilo adverte João que isso deve ser resolvido de maneira firme e rápida. (Carta preservada somente em siríaco).							
-	-	-	5402 p. 54	102	433 ou após	Cirilo de Alexandria	João de Antioquia
Cirilo pede a João que envie uma cartas de admoestação aos bispos da Fenícia que estão difundindo os ensinamentos de Nestório. (Carta preservada somente em siríaco).							
-	-	77, p. 321	5358, p. 45	58	Após 433	Cirilo de Alexandria	Máximo, diácono em Antioquia
Pelo visto João de Antioquia está tendo problemas com os bispos do Oriente por causa da deposição de Nestório. “Eu vejo de relance que o piedoso bispo João necessita de muita caridade, a fim de que possa vencer os rebeldes. [...] Não deixe Sua Reverência seja perturbada e não veja com extrema precisão que agora estão sendo conduzidas.”							
-	I, 4, p. 228- 229 (<i>Cas. alt.</i>)	-	5362, p. 46	62	Após 433	Cirilo de Alexandria	João de Antioquia
Escreve a João para dizer que os que perseverarem na selvageria não devem ser tratados com gentileza.							

-	I, 4, p. 231 (<i>Cas. alt.</i>)	-	5363, p. 46	63	Após 433	Cirilo de Alexandria	João de Antioquia
O bispo Teodoreto de Ciro afirma que abraçou a paz, mas persiste nos ensinamentos de Nestório. “E ainda, se o que fiquei sabendo é verdade, o homem temente a Deus acima mencionado [Teodoreto] deve ganhar a experiência das esporas de Vossa Reverência.”							
-	I, 4, p. 231 (<i>Cas. alt.</i>)	-	5365, p. 46	65	Após 433	Cirilo de Alexandria	Moisés de Antarado (Síria)
“Aqueles que estão com o arquiandrita Máximo têm me aborrecido muito, pois escrevem algumas coisas que pertencem à blasfêmia. E dizem que ouvem isso de você.”							
I, 1, 4, p. 37-39 (<i>Vat.</i>)	-	-	5367, p. 47	67	Após 433	Cirilo de Alexandria	João de Antioquia
Cirilo considera as ideias desacreditadas de Teodoro de Mopsuéstia e Diodoro de Tarso como a origem do pensamento de Nestório.							
-	I, 4, p. 231- 232 (<i>Cas. alt.</i>)	-	5368, p. 47	68	Após 433	Cirilo de Alexandria	Acácio de Melitene, Teodoto de Ancira e Firmo de Cesareia da Capadócia
Proclo de Constantinopla pediu aos bispos do Oriente que anatematizem os ensinamentos de Teodoro de Mopsuéstia, já tem significados adequados aos ensinamentos de Nestório. Então os orientais escreveram para Cirilo afirmando que se isso acontecer uma mancha seria lançada também sobre Atanásio, Basílio, Gregório, Teófilo e o resto.							
-	I, 4, p. 226-227 (<i>Cas. alt.</i>)	-	5369, p. 47	69	Após 433	Cirilo de Alexandria	Acácio de Melitene
Os bispos do Oriente escreveram para Cirilo dizendo não ser necessário desacreditar os ensinamentos de Teodoro, para que aqueles de Gregório, Basílio, Teófilo e Atanásio também não o fossem. Cirilo diz para Acácio: “Embora eles finjam odiar os ensinamentos de Nestório, eles se juntam novamente de uma forma diferente ao admirar os ensinamentos de Teodoro, embora eles estejam contaminados com igual ou pior impiedade”.							

I, 1, 4 p.49-61 (<i>Vat.</i>)	I, 5, p.343- 353 (<i>Win.</i>)	-	5355, p. 44	55	434	Cirilo de Alexandria	Anastácio, Alexandre e outros
Carta endereçada aos sacerdotes Anastácio, Alexandre, Martiniano, João, Pargório e o diácono Máximo. Cirilo escreve que uma vez que as suas ações tem sido questionadas como ortodoxas ele envia o credo dos Padres de Niceia. Parece que se tratam de sacerdotes que se recusavam aceitar a fórmula da Reunião, de 23/04/433.							
I, 1, 4, p. 40-48 (<i>Vat.</i>)	-	-	5341, p. 41	41	433/ 435	Cirilo de Alexandria	Acácio de Citópolis
Cirilo refere-se à discussão do termo “bode-expiatório”.							
-	-	-	5342, 41	42	433/ 435	Cirilo de Alexandria	Rufo de Tessalônica
Cirilo escreve para esse bispo do Ilírico, que o havia apoiado em Éfeso, para dizer que suas ideias estavam sendo deturpadas. Acácio de Melitene também já havia escrito a Cirilo sobre o mesmo assunto.							
-	-	-	5343, p. 41	43	433/ 435	Cirilo de Alexandria	Rufo de Tessalônica
Cirilo diz a Rufo que fez a paz com os orientais porque “é melhor receber de volta aqueles que se arrependem ao invés deles serem adicionados ao grupo daqueles que escolheram pensar como Nestório”. Cirilo envia a Rufo, no sentido de persuadi-lo da ortodoxia da sua doutrina, dentre outros trabalhos de sua autoria, o <i>Cinco Tomos Contra Nestório</i> .							
-	-	77, p. 285- 288	5353, p. 44	53	433/ 435	Cirilo de Alexandria	Sisto de Roma
Fragmento em que Cirilo escreve: “Pois eu nunca posso ser acusado de ter ensinado nada diferente da verdade, nem ter dito que a divina natureza da Palavra foi sujeita a sofrimento.”							

I, 1, 7, p. 164- 165 (<i>Ath.</i>)	-	-	5354, p. 44	54	433	Cirilo de Alexandria	Eusébio, sacerdote em Antioquia
<p>Cirilo escreve que parece que Eusébio não entendeu nada sobre o que foi decidido. Parece que algumas cartas trocadas entre ele e João de Antioquia estão sendo forjadas ou contém acréscimos ao gosto daqueles que detém as opiniões de Nestório. Cirilo informa que, de acordo com o que foi decidido em Éfeso, ele não entrará em comunhão com João de Antioquia a menos que Nestório seja anatematizado por ele. Cirilo diz que perdoa Himério, Heládio, Eutério e Doroteu pelas calúnias contra ele, pois não é adequado a Igreja ficar dividida por causa disso, mas devem anatematizar Nestório e aprovar sua deposição. Mesmo que Heládio de Tarso não tenha opinião ortodoxa, deixe que alguns partam.</p>							
I, 1, 6, p. 151- 157 (<i>Vat.</i>)	I, 4, p. 232-236 (<i>Cas. alt.</i>) I, 5, p. 295-299 (<i>Seg.</i>)	-	5345, p. 42	45	433- 438	Cirilo de Alexandria	Sucenso de Diocesareia
<p>Cirilo escreve: “Nestório tornou-se agora discípulo desse Diodoro, e com a mente escurecida pelos seus livros ele finge que confessa um só Cristo, Filho e Senhor, mas ele próprio também o divide em dois dizendo que o homem indiviso está ligado a Deus, a Palavra, pelo mesmo nome, pela mesma honra e dignidade”. Sucenso parece se tratar de um admirador de Cirilo, mesmo estando em uma igreja na esfera de influência de Antioquia.</p>							
I, 1, 6, p. 157- 162 (<i>Vat.</i>)	I, 4, p. 236- 239 (<i>Cas. alt.</i>) I, 5, p. 299- 302 (<i>Seg.</i>)	-	5346, p. 42	46	433/ 438	Cirilo de Alexandria	Sucenso de Diocesareia
<p>Cirilo responde aos problemas levantados por Sucenso acerca dos pontos debatidos pelos diofisistas da Cilícia, que eram adeptos das ideias de Teodoro de Mopsuéstia. Percebe-se que os seguidores de Nestório, após a sua condenação, passam a defender as doutrinas de Teodoro de Mopsuéstia e Diodoro de Tarso, já mortos, mas reconhecidamente tidos como ortodoxos.</p>							

II, 1, 3, p. 66	-	-	5377, p. 49	77	441/ 444	Cirilo de Alexandria	Domo de Antioquia
Trata-se de uma carta referente a assuntos tardios da vida de Cirilo. Refere-se a questões sobre a tentativa de deposição de um bispo (Atanásio) por seus clérigos. Domo substituiu João de Antioquia.							
-	-	77, p. 361- 364	5378, p. 49	78	441/ 444	Cirilo de Alexandria	Domo de Antioquia
Trata da deposição de um bispo de nome Pedro, que foi se queixar a Proclo de Constantinopla sobre o tratamento recebido. Reclama que além da deposição foi-lhe retirado também o seu dinheiro. Cirilo afirma que os bens da Igreja devem ser preservados.							
-	I, 4, p. 240 (<i>Cas. alt.</i>)	-	5388, p. 51	88	Após 431	Hipácia de Alexandria	Cirilo de Alexandria
Carta espúria, na qual Hipácia teria escrito para Cirilo dizendo que estava de acordo com as ideias de Nestório e, a partir delas, estava preparada para se converter ao cristianismo. Cita a deposição de Nestório, ocorrida em 431, mas Hipácia morreu em 415.							
-	-	77, p. 320	5356, p. 45	56	Data incerta	Cirilo de Alexandria	Genádio, sacerdote e arquimandrita
Cirilo escreve dizendo saber que Genádio está aborrecido com Proclo de Constantinopla por ele ter recebido em comunhão o bispo de <i>Aelia Capitolina</i> [Juvenal de Jerusalém], cujas leis da Igreja da Palestina não reconhecem como líder. Pede que entre em comunhão com Proclo.							
III, p. 201- 202	-	-	5381, p. 49	81	Data incerta	Cirilo de Alexandria	Monges da Cítia
Sobre aqueles que se opõem à condenação dos ensinamentos de Orígenes. Cirilo escreve que se Orígenes é um professor da Igreja, então os eunomianos, arianos e pagãos exultam.							

-	-	77, p. 376	5382, p. 50	82	Data incerta	Cirilo de Alexandria	Anfilóquio de Icônio
Discorre acerca da heresia dos messalianos, que foram condenados pelo Concílio de Side, em 390, presidido por Anfilóquio, e novamente condenados no Concílio de Éfeso, em 431.							
-	-	77, p. 1065-1077	5383, p. 50	83	Data incerta	Cirilo de Alexandria	Calosírio de Arsinoe
Contra aqueles que confessam que a divindade teve uma configuração humana (Vide Wickham, 1983, p. 214-221)							
-	-	77, p. 377-384	5386, p. 51	86	Espúria Data incerta	Cirilo de Alexandria	Leão de Roma
Referente ao cálculo da data da Páscoa. (Carta espúria) Essa carta apareceu na Irlanda, no início do século VII d.C.							
-	I, 5, p. 314-315 (Seg.)	-	5391, p. 51	91	Espúria Data incerta	Cirilo de Alexandria em nome de Teodoro	João de Antioquia
Cirilo percebeu o zelo que João e todos os que estão com ele têm em relação a Teodoro de Mopsuéstia. O Concílio de Éfeso nem citou o nome do homem por razões de prudência e devido a maior honra dele entre os orientais, embora suas ideias não fossem saudáveis. A excomunhão dele poderia ser motivo de desunião na Igreja (Vide carta 66). Há uma versão alternativa dessa carta, que parece espúria (vide McEnerney, 1987b, p. 138, nota 1).							
-	-	-	5401 p. 53	101	Espúria Data incerta	Cirilo de Alexandria	Rábula de Edessa
Trata-se de uma carta preservada apenas no idioma siríaco. Parece ser espúria, pois apresenta algumas inconsistências em relação ao pensamento de Cirilo. Pode ter sido usada para fins propagandísticos entre os orientais.							

-	-	-	-	A5	Data incerta	Cirilo de Alexandria	Sínodo de Cartago
Carta alternativa a de nº 85, que é espúria, referente à fixação da data da Páscoa.							
-	-	77, p. 364-365	5379, p. 49	79	Data incerta	Cirilo de Alexandria	Bispos da Líbia e Pentápolis
Trata da administração da Igreja no Egito. Alguns monges expulsos dos monastérios por terem se casado estão agora sendo ordenados clérigos, recém saídos do leito nupcial.							
-	-	77, p. 365-372	5380, p. 49	80	Cerca de 377	Cirilo de Alexandria	Ótimo, bispo
Essa carta não foi escrita por Cirilo. Sua autoria parece ser de Basílio de Cesareia, em 377. Assunto: Cain teve que satisfazer a justiça sete vezes pelo seu crime. O primeiro dos pecados de Cain foi a inveja pela preferência de Abel. Essa carta pode ter sido incluída na coleção ciriliana por engano, ou não. Pode ter sido incluída intencionalmente com finalidades propagandísticas.							

APÊNDICE F
CATÁLOGO DO LIVRO “CINCO TOMOS CONTRA NESTÓRIO”,
DE CIRILO DE ALEXANDRIA

TOMO	ACO	PG	Ed. Pusey	CPG
I	I, 1, 6 (Vat.) p. 13-34	p. 9-58	p. 1-37	5217 p. 10
<p>Nesse capítulo, Cirilo centra os seus argumentos na defesa do epíteto <i>Theotokos</i>, acusando Nestório de “rebaixar a Virgem” (p. 7) ao estabelecer uma separação entre as naturezas humana e divina no momento da encarnação de Cristo.</p> <p>Cirilo estabelece diálogo com as homilias proferidas por Nestório a partir do início do seu episcopado em Constantinopla, em 428. No início de 429, Cirilo já havia tomado conhecimento do teor das pregações de Nestório, conforme pode ser indicado pela sua <i>Carta Festal</i> pronunciada naquele ano. Nestório fez circular um livro dessas homilias e é nítida a preocupação de Cirilo com os danos que os ensinamentos de Nestório poderiam produzir “na cabeça dos leitores” (p. 4). A obra pode ser datada de princípios de 430.</p> <p>Demonstrando estar bem informado do que se passava na capital imperial, Cirilo faz menção do que teria dito um oponente de Nestório, que identificamos se tratar de Eusébio, posteriormente bispo de Dorileia: “Pois enquanto dentro da igreja [Nestório] usava palavrório profano, certo homem, daqueles de grande piedade, embora dentre os leigos, mas que não tinha aceitado aqueles ensinamentos, movido por fervoroso e devotado zelo e com lancinante grito disse que a Palavra, que em si é antes dos tempos, passou também por uma segunda geração, a saber, segundo a carne e junto de uma mulher”. (p. 26). Embora Cirilo identifique a existência de adversários de Nestório em Constantinopla, parece, ainda, muito preocupado com os “aplausos” que Nestório estaria recebendo quando proferia suas homilias. (p. 14-15).</p> <p>Apesar de Cirilo, à primeira vista, direcionar as suas divergências com Nestório para o plano da disputa de ideias, o que se percebe é a tentativa de expandir a sua esfera de influência através da edição e circulação do <i>Contra Nestório</i> para outras regiões do Império. Isso pode ser identificado através de cópias desse tratado que ele também enviou junto com algumas cartas que escrevia (ACO I, 1, 4, p. 35-37; ACO I, 1, 6, p. 151; ACO I, 1, 6, p. 157; ACO I, 4, p. 222-224). Em especial, destacamos a carta de nº 96, que relacionava diversos funcionários da Corte Imperial que deveriam receber substantiva quantia de ouro e presentes e, para o camareiro imperial, em especial, uma cópia dessa obra.</p>				

Demais assuntos tratados nesse tomo:

- A verdade dos escritos humanos deve ser testada pelas Escrituras (p. 1-3);
- Sobre os erros dos arianos (p. 36) e contra o Espírito Santo (p. 28);
- Maria portou Deus, mas não excluiu a geração eterna, nem a tornou um objeto de adoração [como uma deusa] (p. 38).

No que se refere às divergências teológicas entre ambos, extraímos a seguinte passagem:

“Pois agora eu devo citar o autor das palavras que foram compiladas nesse livro. A primeira de todas as passagens em que monta um forte ataque ao termo *Theotokos*. Porque ele se repete com frequência e nós, conseqüentemente, precisamos passar pelas mesmas ideias um grande número de vezes. Eu, sinceramente, peço perdão por essa repetição que não é da minha escolha. Pois nós decidimos que qualquer que seja o impulso do seu argumento, devemos nos opor a ele. Isso é o que ele diz então quando pronunciou o termo *Theotokos*, de forma doentia como aplicada para a santa Virgem: Muitas vezes perguntei a eles (isto é, aqueles que o contradizem [a Nestório]): ‘Você diz que a divindade nasceu da santa Virgem?’ No mesmo instante eles atacam com a frase: ‘Quem, eles dizem, é tão doente com tal blasfêmia ao dizer que ela deu nascimento ao templo, nela estava Deus concebido pelo Espírito?’ Então eu respondi a isso: ‘O que está errado, então, sobre nosso conselho de evitar essa expressão e aceitar o significado comum das duas naturezas?’ Em seguida, parece-lhes que o que dissemos é blasfêmia. Ou admitam claramente que a divindade nasceu da abençoada Maria ou evitem essa expressão. Por que vocês dizem a mesma coisa que eu falo, mas fingem que não estão dizendo?’” (CIRILO, *CN*, I, Proêmio).

“Mas em Cristo nós vemos a natureza humana, como experimentando um novo começo da raça humana, gozando liberdade de acesso a Deus. Pois ele disse claramente: ‘o governante deste mundo está vindo e ele não tem nenhum poder sobre mim’ (Jn 14:30)”. (ibidem).

TOMO	ACO	PG	Ed. Pusey	CPG
II	I, 1, 6 (<i>Vat.</i>) p. 34-53	p. 58-112	p. 38-80	5217 p. 10
<p>Aqui Cirilo expressa a fórmula: “Uma natureza encarnada de Deus, a Palavra”</p> <p>Considerações sobre as ideias de Cirilo e o que ele atribui a Nestório: “Mas o inventor dessa última impiedade, embora ele pretenda dizer que o Cristo é uno, divide completamente as naturezas e as coloca à parte, dizendo que elas não vieram juntas. Ele emprega pretextos para seus pecados e inventa uma espécie de conjunção referindo, unicamente, como eu tenho dito, a uma igualdade de status., como na verdade será demonstrado através de suas próprias palavras. Ele entende a Palavra de Deus habitando em Cristo como ocorre em um homem comum. Ele as divide usando para isso os Evangelhos, para atribuir-lhes [aos Evangelhos], algumas vezes, exclusivamente à Palavra sozinha e, outras vezes exclusivamente ao homem nascido de uma mulher. Mas como não está para além da disputa para qualquer pessoa que o Unigênito, sendo Deus por natureza, tornou-se homem, não simplesmente por meio de uma conjunção, como ele diz, mas por uma verdadeira união que é inefável e transcendente à compreensão? Desse forma, Ele é concebido como primeiro e único e cada palavra é própria a Ele e tudo será dito através de uma pessoa. Pois a natureza encarnada da Palavra é imediatamente concebida como única depois da união. Pois um ser humano é um, mas composto de elementos diferentes, ou seja, alma e corpo. Mas é necessário notar aqui que nós dissemos que o corpo unido de Deus, a Palavra, é dotado de uma alma racional. E seria útil acrescentar o seguinte: a carne, pelo princípio da sua própria natureza, é diferente da Palavra de Deus e, inversamente, a natureza da Palavra é, essencialmente, diferente da carne. No entanto, mesmo que apenas os elementos nomeados sejam concebidos como diferentes e separados em uma dissimilaridade de naturezas, Cristo é, no entanto, concebido como um de ambos, a humanidade e a divindade vindas juntas numa verdadeira união” (CIRILO, <i>CN</i>, II, Proêmio).</p> <p>Cirilo compara a união das naturezas ao relacionamento entre os governantes [Teodósio II e Valentiniano III]: “Por que, então, você finge que é correto na fé dizendo que o Senhor Jesus Cristo é uno e, em seguida, corta-o em duas <i>persona</i> e hipóstases, desonrando a verdadeira união através da qual Cristo é uno e único e chama isso, ignorantemente, de conexão de honra? O que é esse modo de conexão? Você não desconhece que nessa vida, queridos são aqueles ricos em honra dos governantes para a fama mundial? Ainda eles estando, por vezes, em igual dignidade são separados um do outro em seres individuais, apesar do desejo de pensarem e fazerem a mesma coisa. Mas se o tipo de rank fosse um laço qualquer os unindo apenas como um físico para uni-los, eles sendo em igualdade de honra ou rank, não teriam sido separados um do outro em pessoas e mente, de modo a ser um e outro. Onde, então, devemos colocar a sua conexão, como ela operou? persuadi-los a ser uma liga? deviam vir juntos em uma união mística? Você não pode dizer isso, porque a razão tem revelado que aquela conexão [mística] é totalmente fraca entre ambos” (CIRILO, <i>CN</i>, II, 1).</p>				

TOMO	ACO	PG	Ed. Pusey	CPG
III	I, 1, 6 (<i>Vat.</i>) p. 53-75	p. 112-168	p. 81-124	5217 p. 10
<p>Assuntos tratados:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Salmos, XVIII, 11, a profundidade do mistério de Cristo; - Dádivas através da Encarnação; - Isaías, XIV, 14, 15, o Filho Encarnado; - O alto sacerdócio e a Encarnação. <p>“Pois reconhecemos que, de acordo com a natureza do corpo ou do princípio da humanidade que é perfeito em si mesmo, a Palavra de Deus, o Pai, colocou-se ao nosso lado e tornou-se como nós em todos os aspectos, exceto no pecado. Eu devia interrogá-lo quando disse ‘Será que Deus, a Palavra, teve irmãos que se assemelhavam à divindade?’ O que o santíssimo Paulo tinha em mente quando escreveu para certas pessoas: “Meus filhinhos, com quem eu compartilho as dores do parto até que Cristo seja formado em vós”! (Gal. 4, 19) e em outra passagem para aqueles que por meio da fé atingiram a perfeição do espírito: ‘E todos nós, com os rostos desvendados, contemplando a glória do Senhor, somos transformados à sua semelhança, de um grau de glória a outro, pois isso vem do Senhor, que é o Espírito. Agora o Senhor é Espírito e onde está o Espírito do Senhor há liberdade (2 Cor. 3:18, 17)? Será que ele disse isso aos gálatas como se eles não tivessem as qualidades de liberdade corporal em relação ao que é da descendência de David segundo a carne, mas está em trabalho árduo com eles para que Cristo possa, de alguma forma, ser gravado neles e formados de acordo com a carne?’” (CIRILO, <i>CN</i>, III, 2).</p>				

TOMO	ACO	PG	Ed. Pusey	CPG
IV	I, 1, 6 (<i>Vat.</i>) p. 75-91	168-208	p. 125-154	5217 p. 10

Assuntos tratados:

- Na Santa Trindade cada pessoa existe, ainda que cada trabalho seja o trabalho da Trindade como um todo;
- Significado de “Feito carne”;
- Cristo dá o Espírito como o seu próprio e trabalha como Deus através do seu próprio Espírito;
- O Espírito Santo da Verdade de Cristo;
- A carne de Cristo desperta na Eucaristia, porque ele é a carne da Palavra;
- Seu tipo é o Cordeiro, seu modo o mistério;
- Nestório confessou que a divindade e a humanidade pertencem ao Mesmo e contradiz-se;
- Ninguém ensina a confusão da Pessoas em Cristo.

TOMO	ACO	PG	Ed. Pusey	CPG
V	I, 1, 6 (<i>Vat.</i>) p. 91-106	p. 208-248	p. 155-184	5217 p. 10
<ul style="list-style-type: none"> - Judeus desacreditaram em Cristo, seguidos por alguns professores cristãos; - O filho de Deus por natureza deu seu próprio corpo à morte para salvar-nos, embora sua Divindade não pudesse sofrer; - A vida não pode morrer, ainda que morta na carne; - O impassível sofreu no seu próprio corpo; - Jesus é a palavra feita homem; - O palpável e visível Deus todo poderoso; - A natureza humana do Filho compartilha a eterna glória do Filho; - A morte do corpo de Cristo levantou uma promessa para nós. 				

APÊNDICE G

**BISPOS QUE SUBSCREVERAM A SETENÇA DE DEPOSIÇÃO DE NESTÓRIO NO
CONCÍLIO DE ÉFESO I, SESSÃO DE 22 DE JUNHO DE 431 – ACO I, 1, 2, p. 55-64**

1	Cirilo de Alexandria (metrópólitá) Egito	19	Epifânio de Creteia Honória
2	Juvenal de Jerusalém (metrópólitá) Palestina I	20	Eusébio de Heracleia Honória
3	Flaviano de Filipe Macedônia	21	Anísio de Tebas Hellas/Acaia
4	Firmo de Cesareia (metrópólitá) Capadócia I	22	Dominino de Opus Hellas/Acaia
5	Menão de Éfeso (metrópólitá) Ásia	23	Agátocles de Coroneia Acaia
6	Acácio de Melitene (metrópólitá) Armênia II	24	Gregório de Ceraso Ponto Polemoniáco
7	Teodoto de Ancira (metrópólitá) Galácia I	25	Parálio de Andrapa Helenoponto
8	Paládio de Amaseia (metrópólitá) Helenoponto	26	Calicrato de Naupactis Hellas/Acaia
9	Anfilóquio de Side (metrópólitá) Panfília II	27	Nícias de Mégara Hellas/Acaia
10	Icônio de Gortina (metrópólitá) Creta	28	Docimásio de Maroneia Rodope
11	Félix de Apolônia Epiro Nova	29	Luciano de Topiro Rodope
12	Daniel de Colônia Capadócia II	30	Enépio de Maximianópolis Rodope
13	Perigene de Corinto (metrópólitá) Hellas/Acaia	31	Regino de Constância (metrópólitá) Chipre
14	Helânico de Rodes (metrópólitá) Ilhas	32	Saprício de Pafos Chipre
15	Ciro de Afrodísia (metrópólitá) Cária	33	Temístio de Iaso Cária
16	Dinato de Nicópolis (metrópólitá) Epiro Vetus	34	Perrébio de Salto Tessália
17	Eucário de Durráchio (metrópólitá) Epiro Nova	35	Apitoneto de Heracleia Cária
18	Senécio de Scodra (metrópólitá) Prevalitana	36	Espudásio de Ceramo Cária

37	Fileto de Amizão Cária	58	Máximo de Asso Ásia
38	Arquelau de Mindo Cária	59	Máximo de Cime Ásia
39	Apela de Cibira Cária	60	Alexandre de Arcadiópolis Ásia
40	Fânias de Harpasa Cária	61	Teodoro de Anineto Ásia
41	Promáquio de Alinda Cária	62	Eusébio de Magnésia Ásia
42	Andério de Chersoneso Creta	63	Eusébio de Clazomena Ásia
43	Paulo de Lapa Creta	64	Teodósio de Mastaura Ásia
44	Zenóbio de Cnosso Creta	65	Eutrópio de Euaza Ásia
45	Teodoro de Dodona Epiro Vetus	66	Filipe de Pérgamo Ásia
46	Dião de Tebas Tessália	67	Afóbio de Colon Ásia
47	Secundiano de Lâmia Tessália	68	Doroteu de Mirina Ásia
48	Teodoro de Equineu Tessália	69	Eutálio de Colofon Ásia
49	Heracleão de Trales Ásia	70	Timóteo de Briula Ásia
50	Euporo de Hipaepa Ásia	71	Atanásio de Paro Ilhas
51	Rodo de Paleópolis Ásia	72	Esíquio de Parium Helesponto
52	Tíchico de Eritrae Ásia	73	Eusébio de Aspona Galácia I
53	Nestório de Sião Ásia	74	Filomeno de Cina Galácia I
54	Eutíquio de Teodosiópolis Ásia	75	Zenão de Curion Chipre
55	Modesto de Anaia Ásia	76	Triboniano de Primópolis Pamfília
56	Teosébio de Priene Ásia	77	Numéquio de Selge Panfília II
57	Teodoto de Nisa Ásia	78	Evágrio de Soli Chipre

79	Cesário de Arca Armênia II	101	Ereniano de Mira Lícia
80	João de Proconeso Helesponto	102	Cirilo de Coela Europa
81	Nésio de Coribrasso Panfília II	103	Hermógenes de Rinocolura Egito
82	Acácio de Cotena Panfília II	104	Eusébio de Pelusa Egito
83	Sólón de Carália Panfília II	105	Euóptio de Ptolomais Egito
84	Nectário de Senea Panfília II	106	Foebamon de Coptos Egito
85	Matidiano de Coracésio Panfília II	107	Paulo de Fragonis Egito
86	Tariano de Lirbe Panfília II	108	Macedônio de Xoís Egito
87	Teodulo de Elusa Palestina III	109	Pedro de Oxirinco Egito
88	Filadelfo de Gracianópolis Ásia	110	Adélfio de Onufris Egito
89	Teoctisto de Focéia Ásia	111	Atanásio de Paralo Egito
90	Rufino de Gabae Palestina II	112	Heráclio de Tínia Egito
91	João de Augustópolis Palestina III	113	Silvano de Copritis Egito
92	Romano de Ráfia Palestina I	114	Ciro de Acaia Egito
93	Fido de Jopa Palestina I	115	Marino de Heliópolis Egito
94	Eanes de Sicomazão Palestina I	116	Macário de Metelis Egito
95	Pauliano de Maiuma Palestina I	117	Adélfio de Sais Egito
96	Teodoro de Arindela Palestina III	118	Metrodoro de Leontópolis Egito
97	Pedro de Parebole Palestina	119	João de Hefesto Egito
98	Paulo de Anthedon Palestina I	120	Estratégio de Antribes Egito
99	Natiras de Gaza Palestina I	121	Lampétio de Cásio Egito
100	Saidas de Faeno Palestina III	122	Teopempto de Cabasa Egito

123	Eusébio de Nilópolis Egito	146	Arginos de Pompeiópolis Paflagonia
124	Crisário de Afrodítópolis Egito	147	Heládio de Adramítio Ásia
125	Alexandre de Cleópatris Egito	148	Estevão de Teos Ásia
126	Teão de Setrites Egito	149	Idduas de Esmirna Ásia
127	Theona de Psinches Egito	150	Aristônico de Laodiceia Frígia Pacatiana
128	Heraclides de Heracleopolis Magna Egito	151 (*)	Venâncio de Hierápolis Frígia Pacatiana
129	Aristóbolo de Thmuis Egito	152	Silvano de Ceratapa Frígia Pacatiana
130	Amon de Buto Egito	153	Constâncio de Diocleia Frígia Pacatiana
131	André de Hermópolis Magna Egito	154 (*)	Hermolau de Atuda Frígia Pacatiana
132	Macário de Antaeópolis Egito	155 (*)	Asclepiades de Trapezópolis Frígia Pacatiana
133	Sabino de Panópolis Egito	156 (*)	João de Lesbos Ilhas
134	Heráclio de Tamiatis Egito	157 (*)	Pedro de Prusa Bitínia
135	Isaac de Helearchia Egito	158 (*)	Eugênio de Apolônia Bitínia
136	Zenóbio de Barca Pentápolis/Egito	159	Calinique de Apameia Bitínia
137	Zenão de Teucheira Egito	160 (*)	Atanásio de Deulto Hemimonto
138	Abrão de Ostracine Egito	161	Valeriano de Icônio (metrópolita) Licaônia
139	Hieracis de Aphnaeum Egito	162 (*)	Pio de Pessino (metrópolita) Galácia Salutaris
140	Samuel de Disthys Egito	163	Thomas de Derbe Licaônia
141	Daniel de Darnis Egito	164	Martírio de Ilistra Licaônia
142	Sopáter de Septimiace Líbia/Egito	165	Ablábio de Amório Galácia Salutaris
143	Alípio de Sele Egito	166 (*)	Diógenes de Ionópolis Paflagônia
144	Amônio Panephysis Egito	167	Letoeus de Lívia Palestina I
145	Bosfório de Gangra (metrópolita) Paflagônia	168 (*)	Severo de Sinada (metrópolita) Frígia Salutaris

169	Dômino de Cotiaeon Frígia Salutaris	184	Paulo de Erymna Panfília II
170	Eustácio de Docimion Frígia Salutaris	185 (*)	Timóteo de Termesso e Eudócia Panfília I
171 (*)	Dalmácio de Cízico (metropólita) Helesponto	186 (*)	Aedésio de Isinda Panfília I
172 (*)	Timóteo de Tomi (metropólita) Cítia	187	Tomás de Valentinianópolis Ásia
173 (*)	Atanásio de Scepsis Helesponto	188 (*)	Libânio de Paleópolis Panfília I
174 (*)	Maiônio de Sardis (metropólita) Lídia	189	Euprepios de Byzia Europa
175 (*)	Teofânio de Filadélfia Lídia	190	Teodoro de Gadara Palestina II
176 (*)	Fusco de Tiatira Lídia	191	Dáfino de Magnésia Ásia
177	Timóteo de Germe Helesponto	192 (*)	Veriniano de Perge (metropólita) Panfília I
178 (*)	Cômodo de Trípolis Lídia	193	Pavisco de Apolinópolis Egito
179 (*)	Eutério de Estratoniceia Lídia	194	Eulógio de Terenute Egito
180 (*)	Paulo de Daldis Lídia	195	Isaac de Taua Egito
181 (*)	Limênio de Saitas Lídia	196	Eudóxio de Choma Lícia
182 (*)	João de Aureliópolis Lídia	197	Aristocrato de Olímpia Lícia
183 (*)	Teodoro de Ataleia Panfília I		

(*) Bispos que assinaram essa lista de deposição de Nestório, embora tenham protestado contra a abertura do Concílio sem a presença da delegação antioquena (ACO I, 4, p. 28-30).

APÊNDICE H

**BISPOS QUE SUBSCREVERAM A SETENÇA DE DEPOSIÇÃO DE CIRILO DE
ALEXANDRIA E MENÃO DE ÉFESO NO CONCÍLIO DE ÉFESO I, SESSÃO DE 26
DE JUNHO DE 431 – ACO I, 4, p. 37-38**

1	João de Antioquia (metrópola) Síria I	17	Macário de Laodiceia Síria I
2	Alexandre de Apamea (metrópola) Síria II	18	Aprígio de Cálcis Síria I
3	Fritila de Heracleia (metrópola) Europa	19	Teosébio de Quios Bitínia
4	João de Damasco (metrópola) Fenícia Libanense	20	Policrônio de Heracleia Cária
5	Himério de Nicomédia (metrópola) Bitínia	21	Gerôntio de Claudiópolis Isáuria
6	Doroteu de Marcianópolis (metrópola) Mésia Segunda	22	Cirilo de Adana Cilícia I
7	Heládio de Tarso (metrópola) Cilícia I	23	Ciro de Tiro (metrópola) Fenícia I
8	Alexandre de Hierápolis (metrópola) Eufratense	24	Ausônio de Himéria Osroena
9	Maximino de Anazarbo (metrópola) Cilícia II	25	Aurélio de Irenópolis Isáuria
10	Dexiano de Selêucia (metrópola) Isáuria	26	Policrônio de Epifaneia Síria II
11	Eutério de Tiana (metrópola) Capadócia II	27	Melécio de Neocesareia Eufratense
12	Basílio de Larissa (metrópola) Tessália	28	Moisés de Arado e Antarado Fenícia I
13	Astério de Amida (metrópola) Mesopotâmia	29	Heládio de Ptolomais Fenícia I
14	Antioco de Bostra (metrópola) Arábia	30	Hesíquio de Castabala Cilícia II
15	Teodoreto de Ciro Eufratense	31	Tariano de Augusta Cilícia I
16	Paulo de Emesa Fenícia Libanense	32	Salústio de Coricos Cilícia I

33	Valentino de Malos Cilícia I	44	Juliano de Larissa Síria II
34	Jacó de Dorostolo Mésia II	45	Pedro de Trajanópolis (metrópólita) Rodope
35	Marciano de Abritos Mésia II	46	Pausiano de Hipata Tessália
36	Zósio de Esbo Arábia	47	Teoquisto de Cesareia Tessália
37	Daniel de Faustinópolis Capadócia II	48	Filtácio de Teodosianópolis Capadócia II
38	Eustácio de Parnaso Capadócia II	49	Olímpio de Carpasia Chipre
39	Juliano de Sardica (metrópólita) Dácia Mediterrânea	50	Máximo de Demétrias Tessália
40	Diógenes de Seleucobelo Síria II	51	Teofânio de Filadélfia Lídia
41	Helíade de Zeugma Eufratense	52	Rábula de Edessa (metrópólita) Osroena
42	Plaçon de Laodiceia Fenícia Libanense	53	Petrônio de Neve Arábia
43	Marcelino de Arca Fenícia I		

APÊNDICE I

BISPOS QUE SUBSCREVERAM A SETENÇA DE DEPOSIÇÃO DE FLAVIANO DE CONSTANTINOPLA NO CONCÍLIO DE ÉFESO II, EM 449 – ACO II, 1, p. 194-195.

1	Dióscoro de Alexandria (metrópólitá) Egito	17	Fótio de Tiro (metrópólitá) Fenícia I
2	Juvenal de Jerusalém (metrópólitá) Palestina I	18	Teodoro de Damasco (metrópólitá) Fenícia Libanense
3	Domo de Antioquia (metrópólitá) Síria I	19	Juliano de Távio Galácia I
4	Estevão de Éfeso (metrópólitá) Ásia	20	Florêncio de Sardis (metrópólitá) Lídia
5	Talássio de Cesareia (metrópólitá) Capadócia I	21	Mariniano de Sinada (metrópólitá) Frígia Salutaris
6	Eusébio de Ancira (metrópólitá) Galácia I	22	Musônio de Nissa (metrópólitá) Capadócia I
7	João de Sebasteia (metrópólitá) Armênia I	23	Constantino de Bostra (metrópólitá) Arábia
8	Ciro de Afrodísia (metrópólitá) Cária	24	João de Nicópolis Armênia I
9	Erasístrato de Corinto (metrópólitá) Hellas/Acaia	25	Acácio de Ariarateia Armênia II
10	Quintiliano de Heracleia Europa	26	Estevão de Hierápolis (metrópólitá) Eufratense
11	Melécio de Lárisa (metrópólitá) Tessália	27	Ático de Nicópolis Epiro Vetus
12	Diógenes de Cízico (metrópólitá) Helesponto	28	Domo de Apameia (metrópólitá) Síria II
13	Basílio de Seleucia (metrópólitá) Isauria	29	Anastácio de Tessalônica (metrópólitá) Macedônia
14	João de Rodes (metrópólitá) Ilhas	30	Eustácio de Beirute Fenícia I
15	Teodoro de Tarso (metrópólitá) Cilícia I	31	Nunéquio de Laodiceia (metrópólitá) Frígia Pacatiana
16	Romano de Mira Lícia	32	Candidiano de Antioquia (metrópólitá) Psídia

33	Estevão de Anazarbo (metrópólitá) Cilícia II	55	Hermógenes de Cassandreia Macedônia I
34	Gerôntio de Selêucia Síria I	56	Diogeniano de Remesiana Dácia Mediterrânea
35	Rufino de Samosata Eufratense	57	Lúcio de Bereia Macedônia
36	Índimo de Irenópolis Isauria	58	Ciríaco de Trocnade Galácia Salutaris
37	Timóteo de Balaneia Síria II	59	Teoctisto de Pessino Galácia II
38	Teodósio de Canata Arábia	60	João de Messene Acaia
39	Eutíquio de Adrianópolis Épiro Vetus	61	Atanásio de Opus Acaia
40	Cláudio de Aquiasmo Épiro Vetus	62	Teodoro de Claudiópolis Isáuria
41	Simeão de Amida (metrópólitá) Mesopotâmia	63	Olímpio de Constância Chipre
42	Seleuco de Amaseia (metrópólitá) Helenoponto	64	Leôncio de Ascalão Palestina I
43	Pedro de Gangra (metrópólitá) Paflagônia	65	Fotino de Lida Palestina I
44	Lúcio de Dirráchio (metrópólitá) Epiro Nova	66	Anastácio de Aerópolis Palestina III
45	Antônio de Liquinido Macedônia	67	Teodósio de Amato Palestina I
46	Marcos de Euroeia Epiro Vetus	68	Paulo de Miúma Palestina I
47	Vigilâncio de Lárissa Síria II	69	Zósimo de Menois Palestina I
48	Basílio de Trajanópolis Rodope	70	Baruque de Sozusa Palestina I
49	Docimásio de Maroneia Rodope	71	Heráclio de Azoto Palestina I
50	Constantino de Demétria Tessália	72	João de Tiberíades Palestina I
51	Alexandre de Sebaste de Tarso Cilícia I	73	Musônio de Zoara Palestina III
52	Sozão de Filipe Macedônia	74	Dionísio de Sicomazão Palestina I
53	Eusébio de Dobero Macedônia	75	Caiúma de Faeno Palestina III
54	Maximino de Serra Macedônia	76	Constâncio de Sebaste Palestina I

77	Zebeno de Pela Palestina II	98	Ciríaco de Heracleia Trácia
78	Alípio de Bacata Palestina I	99	Olímpio de Sozópolis Pisídia
79	Policrônio de Antipatris Palestina I	100	Florêncio de Tenedo Ilhas
80	Pancrácio de Lúvia Palestina I	101	Etérico de Esmirna Ásia
81	Auxiliaus (<i>foederati</i> Sarraceno)	102	Basso de Sião Ásia
82	Dominino de Plateia Acaia	103	Daniel de Cadi Frígia Pacatiana
83	Teodósio de Mastaura Ásia	104	Simáquio de Atuda Frígia Pacatiana
84	Ciríaco de Aegea Ásia	105	Fileto de Ceraseis Lídia
85	Flaviano de Adramitio Ásia	106	Maras de Dionísia Arábia
86	Ciríaco de Lebedo Ásia	107	Urânio de Himério Osrhoene
87	Leôncio de Magnésia Ásia	108	Teopempto de Cabasa Egito
88	Eutrópio de Pérgamo Ásia	109	Calosírio de Arsinoe Egito
89	Genádio de Teos Ásia	110	João de Hefesto Egito
90	Olímpio de Augaza Ásia	111	Heraclides de Heracleópolis Arcádia/Egito
91	Máximo de Trales Ásia	112	Isac de Heleárquia Egito
92	Juliano de Hipaepa Ásia	113	Gemelino de Eritro Pentápolis/Egito
93	Crisânio de Bagis Lídia	114	Apolônio de Tânis Tebaida Sup./Egito
94	Policarpo de Tabala Lídia	115	Genádio de Hermópolis Egito
95	Paulo de Trípoli Lídia	116	Ciro de Babilônia Augustânica/Egito
96	Epifânio de Perge Panfília	117	Atanásio de Busiris Egito
97	Pedro de Chersoneso Creta	118	Fotino de Teucheira Egito

119	Teófilo de Cleopatris Egito	130	Isaías de Hermópolis Egito
120	Pásmio de Paralo Egito	131	Mariano de Gaza Palestina I
121	Sosias de Sozusa Pentápolis/Egito	132	Martírio de Gortina Creta
122	Teodulo de Tesila Pentápolis/Egito	133	Genádio de Cnido Cária
123	Teodoro de Barca Pentápolis/Egito	134	Barsuma arquimandrita
124	Rufo de Cirene Pentápolis/Egito	135	Doroteu de Neocesareia Eufratense
125	Zenão de Rinocolura Augustânica/Egito	136	Patrício de Tiana (metrópita) Capadócia II
126	Lúcio de Zígris Líbia	137	Eunômio de Nicomédia (metrópita) Bitínia
127	Auxônio de Sebenito Egito	138	Calógero de Claudiópolis Ponto
128	Isac de Tauá Egito	139	Genádio de Cnosso Creta
129	Filocalo de Zagilis Líbia		

APÊNDICE J

CATÁLOGO PROSOPOGRÁFICO DE ALGUNS MEMBROS DA HIERARQUIA ECLESIÁSTICA QUE ESCREVERAM CARTAS CONSTANTES NOS APÊNDICES “A” OU “C” OU FORAM CITADOS NESSES DOCUMENTOS E NO *LIVRO DE HERACLIDES* (APÊNDICE B)

Acácio de Bereia. Bispo de Bereia, da transliteração do grego *Beroea*, atual cidade de Alepo, na Síria. Em 404 d.C. assumiu a liderança do Sínodo do Carvalho, ao lado de Teófilo de Alexandria, tio de Cirilo, por ocasião da deposição do bispo João Crisóstomo da Sé Episcopal de Constantinopla. Desaprovou os anátemas de Cirilo contra Nestório, pois via neles traços da heresia apolinarista. Atuou como mediador entre as duas facções durante a *Controvérsia Nestoriana*, para que se chegasse ao acordo da *Fórmula da Reunião* (433). Muito reverenciado, ganhou o título de “pai e mestre de todos os bispos”. Presume-se que tenha morrido em torno dos cento e dez anos de idade (aprox. 322-433). Embora tenha tentado se mostrar isento, a percepção é de que tenha apoiado a facção nestoriana. Contemporâneo de Simão Estilita, ambos eram considerados homens-santos com quem o imperador Teodósio II se aconselhava. (*ACO*, I, 1, 1, p. 112; *ACO*, I, 1, 7, p. 115-116; *ACO*, I, 1, 7, p. 140-142; *ACO*, I, 1, 7, p. 142; *ACO*, I, 1, 7, p. 146-147; *ACO*, I, 1, 7, p. 147-150; *ACO*, I, 1, 4, p. 6-7; *ACO*, I, 1, 4, p. 7-9; *ACO*, I, 1, 4, p. 31-32; *ACO*, I, 1, 7, p. 39; *ACO*, I, 4, p. 140).

Acácio de Melitene. Bispo de Melitene, na província da Armênia II, diocese da Pôntica. Durante o período de espera dos bispos orientais, que eram aguardados para o Concílio de Éfeso (431), Nestório reuniu seus apoiadores nos seus alojamentos, dentre eles o bispo Acácio. Conforme viria a relatar nas sessões do Concílio, Acácio teria se escandalizado por ouvir Nestório afirmar que nem o nascimento da Virgem nem a amamentação no peito poderiam ser atribuídos a Deus. Segundo Acácio, Nestório havia dito que em torno de dois ou três meses de idade o bebê não pode ser falado como Deus. Norman Russell (2000) acredita que a defecção de Acácio do partido nestoriano pode ter dado um impulso moral a Cirilo para reunir o Concílio de Éfeso, mesmo na ausência dos bispos orientais. Votou pela deposição de Nestório na sessão do dia 22 de junho do

Concílio de Éfeso I¹. Acácio também chefiou a delegação dos bispos que apoiava Cirilo na reunião convocada pelo imperador, em 14 de setembro de 431, próximo à Calcedônia, com a finalidade de resolver o impasse criado no Concílio. Morreu em 438. (Nestório, *Liber*, 201-202, 206-208, 366, 404-452; *ACO*, I, 1, 2, p. 55-64; *ACO*, I, 1, 4, p. 20-31; *ACO*, I, 4, p. 231-232; *ACO*, I, 4, p. 226-227; Cirilo, *Ep.*, 42).

Acácio de Citópolis. Bispo de Citópolis, na região da Síria, a quem Cirilo endereçou uma carta a respeito do bode-expiatório. Cirilo encaminhou, também, cópias dessa carta aos bispos orientais, inclusive João de Antioquia, juntamente com o tratado *Contra Juliano*. O objetivo de Cirilo foi demonstrar como o imperador Juliano deveria ter sido refutado não como havia sido feito por Teodoro de Mopsuéstia, mestre de Nestório (*ACO*, I, 1, 4, p. 40-48).

Adamantio. Juntamente com Máximo, João e Talássio parece se tratar de um clérigo dentro de Antioquia que fazia oposição a Nestório e ao bispo João de Antioquia, seu superior (*ACO*, I, 4, p. 229).

Aedesio. Diácono, provavelmente de Constantinopla, citado em carta endereçada por Cirilo a Ático, bispo de Constantinopla, acerca da restauração do nome de João Crisóstomo dos dípticos das igrejas (Cirilo, *Ep.*, 75).

Agátocles de Coroneia. Bispo de Coroneia, na província de Acaia, diocese da Macedônia. Votou pela deposição de Nestório na sessão de 22 de junho de 431, do Concílio de Éfeso I (*ACO*, I, 1, 2, p. 55-64).

Alexandre. Ao que tudo indica, trata-se de indivíduo antioqueno, que juntamente com os outros destinatários da carta constante em *ACO*, I, 1, 4, p. 49-61, remetida por Cirilo, faziam oposição ao bispo João de Antioquia na própria Diocese do Oriente (*ACO*, I, 1, 4, p. 49-61).

Alexandre de Apamea. Bispo metropolitano de Apamea, na província da Síria I, partidário de Nestório. Junto com Alexandre de Hierápolis foi portador da carta de João de Antioquia

¹ Conforme a lista de bispos que votaram pela deposição de Nestório na sessão de 22 de junho de 431, do concílio de Éfeso I (APÊNDICE G), os nomes dos signatários assinalados com (*) apesar de votarem pela condenação de Nestório apresentaram protestos por terem sido compelidos a assinarem a ata da sessão daquele dia sob ameaça, inclusive física, por parte da facção ciriliana (*ACO*, I, 4, p. 28-30). São eles: Venâncio de Hierápolis, Hermolau de Atuda, Asclepiades de Trapezópolis, João de Lesbos, Pedro de Prusa, Eugênio de Apolônia, Atanásio de Deulto, Pio de Pessino, Diógenes de Ionópolis, Severo de Sinada, Timóteo de Termesso, Aedésio de Isinda, Libânio de Paleópolis, Dalmácio de Cízico, Timóteo de Tomi, Atanásio de Scepsis, Maiônio de Sardis, Teofânio de Filadélfia, Fusco de Tiatira, Veriniano de Perge, Cômodo de Trípolis, Eutério de Estratoniceia, Paulo de Daldis, Limênio de Saitas, João de Aureliópolis, Teodoro de Ataleia.

ao Concílio de Éfeso I para justificar o seu atraso. Votou pela deposição de Cirilo e Menão de Éfeso, na sessão de 26 de junho de 431, do Concílio reunido em Éfeso. (*ACO*, I, 1, 1, p. 119; *ACO*, I, 4, p. 37-38; Nestório, *Liber*, 188).

Alexandre de Hierápolis. Bispo da metrópole de Hierápolis, na província Eufratense, diocese do Oriens, partidário de Nestório. Junto com Alexandre de Apamea foi portador da carta de João de Antioquia ao Concílio de Éfeso I para justificar o seu atraso. Votou pela deposição de Cirilo e Menão de Éfeso, na sessão de 26 de junho de 431, do Concílio reunido em Éfeso. (*ACO*, I, 1, 1, p. 119; *ACO*, I, 4, p. 37-38; Nestório, *Liber*, 188).

Alípio. Parece se tratar de algum sacerdote da Diocese do Egito. Escreveu carta para Cirilo, provavelmente no ano de 431, comparando o bispo alexandrino a Atanásio e Teófilo (*ACO*, I, 1, 3, p. 74-75).

Anfilóquio de Side. Bispo metropolitano da cidade de Side, província da Panfília, diocese da Asiana. Votou pela condenação de Nestório no Concílio de Éfeso I (*ACO*, I, 1, 1, 2, p. 55-64).

Anastácio 1. Sacerdote do círculo de Nestório, em Constantinopla. Pregou um sermão na Grande Igreja da cidade, em novembro de 429, denunciando o termo *Theotokos*, provavelmente em novembro de 428 (*ACO*, I, 1, 1, p. 110-112).

Anastácio 2. Sacerdote em Antioquia. Fez oposição ao nestorianismo e ao bispo João de Antioquia (*ACO*, I, 1, 4, p. 49-61).

Anísio de Tebas. Bispo da cidade de Tebas, na província da Acaia, diocese da Macedônia. Votou pela deposição de Nestório na sessão de 22 de junho de 431, do Concílio de Éfeso I (*ACO*, I, 1, 2, p. 55-64).

Antioco de Bostra. Bispo metropolitano de Bostra, província da Arábia, diocese do Oriens. Votou pela condenação de Cirilo e Menão de Éfeso na sessão de 26 de junho de 431, do Concílio de Éfeso I (*ACO*, I, 4, p. 37-38).

Aprígio de Cálcis. Bispo de Cálcis, província da Síria I, diocese do Oriens. Votou pela condenação de Cirilo e Menão de Éfeso na sessão de 26 de junho de 431, do Concílio de Éfeso I (*ACO*, I, 4, p. 37-38).

Arcádio. Trata-se de um bispo a quem Cirilo endereça uma carta de congratulação pela eleição do bispo Maximiano para a Sé de Constantinopla, ocorrida em 25 de outubro de 431, em substituição a Nestório (*ACO*, I, 1, 7, p. 137).

Aristocrato de Olímpia. Bispo da cidade de Olímpia, na província da Lícia, diocese da Asiana. Votou pela deposição de Nestório na sessão de 22 de junho de 431, do Concílio de Éfeso I (*ACO*, I, 1, 2, p. 55-64).

Astério de Amida. Bispo metropolitano de Amida, província da Mesopotâmia, diocese do Oriens. Votou pela condenação de Cirilo e Menão de Éfeso na sessão de 26 de junho de 431, do Concílio de Éfeso I (*ACO*, I, 4, p. 37-38).

Ático. Bispo de Constantinopla, sucedeu ao bispo Arsácio, em março de 406. Ático morreu em 10 de outubro de 426. Nasceu em Sebaste, na Armênia, e inicialmente ingressou na vida monástica por meio de monges macedonianos. Transferiu-se para Constantinopla e adotou a fé ortodoxa e logo foi ordenado presbítero. Foi um dos grandes adversários do bispo João Crisóstomo, que foi deposto e sucedido por Arsácio, em 404. (*ACO*, I, 1, 1, p. 98-99; Cirilo, *Ep.*, 75, 76).

Ausônio de Himéria. Bispo de Himéria, província de Osroena, diocese do Oriens. Votou pela condenação de Cirilo e Menão de Éfeso na sessão de 26 de junho de 431, do Concílio de Éfeso I (*ACO*, I, 4, p. 37-38).

Barsuma. Arquimandrita de um monastério na Síria. Fez oposição aos nestorianos durante o Concílio de Éfeso II, em 449. Foi convocado pelo imperador Teodósio II para que atendesse ao Concílio, inclusive, mesmo não sendo bispo, com direito a voto. Era apoiador de Eutiques e Dióscoro de Constantinopla. A morte do bispo Flaviano de Constantinopla foi atribuída à violência sofrida por Barsuma e os monges que ele liderava (*ACO*, II, 1, 1, p. 71; *ACO*, II, 1, 1, p. 72-73; *ACO*, II, 1, 1, p. 194-195; Nestório, *Liber*, 495).

Basílio de Larissa. Metropolitano de Larissa, província de Tessália, diocese da Macedônia. Votou pela deposição de Cirilo e Menão de Éfeso, na sessão de 26 de junho de 431, do Concílio reunido em Éfeso (*ACO*, I, 4, p. 37-38).

Beroniciano. Bispo em Tiro, na Fenícia. Escreveu para Cirilo informando acerca do decreto do imperador Teodósio II que os bispos do Oriente deveriam anatematizar os

ensinamentos de Nestório. A observância do cumprimento do decreto esteve a cargo do tribuno e secretário Aristolau (*ACO*, I, 4, p. 230).

Bufa. Trata-se de um diácono a quem Cirilo afirmou, em correspondência com um informante em Constantinopla, ter recebido um panfleto calunioso, provavelmente elaborado por Fótio, contra o trabalho que ele enviou aos monges, acusando-o de deificar a humanidade do Unigênito (*ACO*, I, 1, 1, p. 110-112).

Calicrato de Naupactis. Bispo na província de Acaia, diocese da Macedônia. Votou pela deposição de Nestório na sessão de 22 de junho de 431, do Concílio de Éfeso I (*ACO*, I, 1, 2, p. 55-64).

Calosírio. Bispo de Arsinoe, atualmente Fayum, Egito. Além dessa carta é conhecido através da Ata do Concílio de Éfeso II, em 449, ocasião em que falou e subscreveu a favor do monge Eutiques (Cirilo, *Ep.*, 83; *ACO*, II, 1, p. 194-195).

Celestino de Roma. Sucedeu a Bonifácio como bispo de Roma, em 10 de setembro de 422. Romano de nascimento. Visitou Milão durante o episcopado de Ambrósio. Apoiou Cirilo durante a *Controvérsia Nestoriana*. Morreu em 26 de julho de 432 e foi sucedido por Sisto III. Partidário de Cirilo contra Nestório, a quem delegou fazer cumprir a condenação de Nestório no Sínodo realizado em Roma, no final de 430. Nomeou como legados no Concílio de Éfeso I os bispos Arcádio, Projeto e o sacerdote Filipe. Solicitou ao monge João Cassiano que desse parecer sobre a doutrina de Nestório (*ACO*, I, 1, 1, 5, p. 10-12; *ACO*, I, 1, 1, p. 33-42; *ACO*, I, 1, 1, p. 77-83; *ACO*, I, 1, 1, p. 90-91; *ACO*, I, 1, 5, p. 12-13; *ACO*, I, 1, 1, p. 75-77; *ACO*, I, 1, 1, p. 92-93; *ACO*, I, 1, 7, p. 171-172; *ACO*, I, 3, p. 169-173; Nestório, *Liber*, 195).

Celéstio. Seguidor de Pelágio, que, segundo Cirilo, teria sido acolhido por Nestório em Constantinopla (*ACO*, I, 3, p. 169-173).

Chaeremão. Uma das pessoas que haviam sido condenadas por Cirilo, em Alexandria, e recorreram ao bispo Nestório, alegando abuso do bispo alexandrino (*ACO*, I, 1, 1, p. 110-112).

Charmosino. Sacerdote que estava em Constantinopla e a quem Cirilo dá instruções acerca das negociações que foram empreendidas, por meio do tribuno Aristolau e o bispo Paulo de Emesa, no sentido de se chegar a um acordo com os bispos orientais por ocasião das negociações da *Fórmula da Reunião* (*ACO*, I, 1, 7, p. 39).

Ciro de Afrodísia. Bispo Metropolitano de Afrodísia, na província da Cária, diocese da Asiana. Votou pela deposição de Nestório na sessão de 22 de junho de 431, do Concílio de Éfeso I (*ACO*, I, 1, 2, p. 55-64).

Comário. Bispo no Egito, que provavelmente se encontrava em Constantinopla e a quem Cirilo destina informações sobre o andamento do concílio de Éfeso, em 431 (*ACO*, I, 2, p. 66-68; *ACO*, I, 1, 3, p. 50-51; Cirilo, *Ep.*, 108, 109).

Dalmácio. Arquimandrita em Constantinopla. Foi uma das opções do imperador para substituir Sisínio, morto em 428, como bispo em Constantinopla. Dalmácio foi preterido ou recusou a indicação em favor de Nestório, que havia sido indicado pelo bispo João de Antioquia. Uma vez que Nestório tentou controlar os monges de Constantinopla, no sentido de restringir as atividades que exerciam fora dos monastérios, Dalmácio passou a fazer forte oposição a ele dentro de Constantinopla. Foi um dos canais de comunicação entre Cirilo e o imperador (*ACO*, I, 3, p. 95-96; *ACO*, I, 1, 2, p. 66-68; Cirilo, *Ep.*, 105; Nestório, *Liber*, 375-382).

Daniel 1. Bispo que estava em Constantinopla. Tratou-se de um interlocutor de Cirilo quando o bispo alexandrino esteve detido em Éfeso por ordem do imperador (*ACO*, I, 1, 3, p. 50-51).

Daniel 2. Tratou-se de um sacerdote que intermediou comunicações entre Cirilo e os bispos Acácio de Melitene, Firmo de Cesareia na Capadócia e Teodoto de Ancira (*ACO*, I, 4, p. 231-232).

Daniel de Colônia. Bispo da cidade de Colônia, na província da Capadócia II, diocese da Pôntica. Votou pela deposição de Nestório na sessão de 22 de junho de 431, do Concílio de Éfeso I (*ACO*, I, 1, 2, p. 55-64).

Daniel de Faustinópolis. Bispo da cidade de Faustinópolis, província da Capadócia II, diocese da Pôntica. Votou pela deposição de Cirilo e Menão de Éfeso, na sessão de 26 de junho de 431, do Concílio reunido em Éfeso (*ACO*, I, 4, p. 37-38).

Dexiano de Selêucia. Bispo metropolitano de Selêucia, província da Isáuria, diocese do Oriens. Votou pela deposição de Cirilo e Menão de Éfeso, na sessão de 26 de junho de 431, do Concílio reunido em Éfeso (*ACO*, I, 4, p. 37-38).

Dídimo. Leitor e interlocutor de Cirilo com os demais bispos do Egito (Cirilo, *Ep.* 110).

Dinato de Nicópolis. Bispo metropolitano da província de Epiro Vetus, diocese da Macedônia.

Cirilo tratou com esse bispo acerca das negociações que estavam sendo empreendidas no sentido de um acordo entre ele e João de Antioquia, sob intermediação do tribuno Aristolau e o bispo Paulo de Emesa. Votou pela deposição de Nestório na sessão de 22 de junho de 431 do Concílio de Éfeso I (*ACO*, I, 1, 4, p. 31-32; *ACO*, I, 1, 2, p. 55-64).

Diógenes de Seleucobelo. Bispo da cidade de Seleucobelo, província da Síria II, diocese do Oriens. Votou pela deposição de Cirilo e Menão de Éfeso, na sessão de 26 de junho de 431, do Concílio reunido em Éfeso (*ACO*, I, 4, p. 37-38).

Dióscoro de Alexandria. Sucedeu a Cirilo no episcopado de Alexandria, em 444. Foi convocado por Teodósio II para presidir o Concílio de Éfeso II, em 449, em apoio ao monge Eutiques. Perseguiu os parentes de Cirilo em Alexandria. Foi condenado no Concílio de Calcedônia, em 451 (*ACO*, II, 1, 1, p. 68-69; *ACO*, II, 1, 1, p. 71; *ACO*, II, 1, 1, p. 74; Nestório, *Liber*, 473-478, 481, 488-492).

Docimásio de Maroneia. Bispo da cidade de Maroneia, na província de Rodope, diocese da Trácia. Votou pela deposição de Nestório na sessão de 22 de junho de 431, do Concílio de Éfeso I (*ACO*, I, 1, 2, p. 55-64).

Domo. Sobrinho do bispo João de Antioquia a quem sucedeu após a morte deste, em 441. Em 447, consagrou o *comes* Irineu, amigo de Nestório, como bispo de Tiro, consagração em seguida anulada pelo imperador Teodósio II. Foi um dos primeiros acusadores de Eutiques. Foi amigo do bispo Teodoreto de Ciro. Votou pela deposição do bispo Flaviano de Constantinopla, no Concílio de Éfeso II, em 449 (*ACO*, II, 1, p. 194-195; *ACO*, II, 1, 3, p. 66; Cirilo, *Ep.* 78; Cartas nº 77 e 78; Nestório, *Liber*, 475-478).

Doroteu de Marcianópolis. Bispo metropolitano de Marcianópolis, na diocese da Mésia. Apoiou Nestório através de sermões em que afirmava “Se alguém disser que Maria não é portadora de Deus, deixe-o ser anátema”. Esteve no Concílio de Éfeso, juntamente com João de Antioquia, e assinou a ata depondo Cirilo e Menão de Éfeso (*ACO*, I, 1, 1, p. 109; *ACO*, I, 1, 5, p. 10-12; *ACO*, I, 1, 1, p. 98-99; *ACO*, I, 1, 4, p. 31-32; *ACO*, I, 1, 7, p. 164-165; *ACO*, I, 1, 7, p. 115-116).

Epifânio. Arquidiácono e secretário de Cirilo. Foi ele quem escreveu a carta (*ACO*, I, 4, p. 222-224) e o catálogo de presentes que a acompanha (*ACO*, I, 4, p. 224-225) destinada ao bispo Maximiano de Constantinopla para que tais presentes e expressiva quantidade

de ouro fossem distribuídos na Corte imperial. Epifânio escreveu a carta durante um período de enfermidade de Cirilo (*ACO*, I, 4, p. 224-225; *ACO*, I, 4, p. 222-224).

Epifânio de Creteia. Bispo na província de Honória, diocese da Pôntica. Votou pela deposição de Nestório na sessão de 22 de junho de 431, do Concílio de Éfeso I (*ACO*, I, 1, 2, p. 55-64).

Espudásio de Ceramo. Bispo na província da Cária, diocese da Asiana. Votou pela deposição de Nestório na sessão de 22 de junho de 431, do Concílio de Éfeso I (*ACO*, I, 1, 2, p. 55-64).

Eulógio. Sacerdote alexandrino e agente de Cirilo em Constantinopla. (*ACO*, I, 1, 2, p. 66-68; *ACO*, I, 1, 3, p. 50-51; *ACO*, I, 1, 7, p. 39; *ACO*, I, 1, 4, p. 35-37; *ACO*, I, 4, p. 222-224).

Euóptio. Bispo de Ptolemais, cidade da província da Líbia Pentápolis, diocese do Egito. Aliado de Cirilo. Uma carta que Cirilo escreveu a ele, em 431, figura como o prefácio do trabalho de Cirilo refutando o bispo Teodoreto de Ciro, que por sua vez havia escrito um tratado contra os “Doze Anátemas”, de Cirilo, contra o bispo Nestório. Votou pela deposição de Nestório na sessão de 22 de junho de 431, do Concílio de Éfeso I (*ACO*, I, 1, 2, p. 55-64; *ACO*, I, 1, 6, p. 110-111).

Eusébio de Dorileia. Antes de se tornar bispo foi *agens in rebus* no serviço imperial. Foi um dos protagonistas iniciais da *Controvérsia Nestoriana* ao condenar as ideias de Nestório. Durante o Sínodo de Constantinopla (448), já como bispo de Dorileia, atuou na condenação de Eutiques. Posteriormente foi excomungado no Concílio de Éfeso II (449). Refugiou-se na cidade de Roma após a sua condenação. Foi reabilitado no Concílio de Calcedônia, em 451. (Nestório, *Liber*, 462-467, 483, 491; *PLRE* 2, p. 430-431; WACE, 1999, p. 537-539).

Eusébio de Heracleia. Bispo na província de Honória, diocese da Pôntica. Votou pela deposição de Nestório na sessão de 22 de junho de 431, do Concílio de Éfeso I (*ACO*, I, 1, 2, p. 55-64).

Eusébio de Antioquia. Sacerdote em Antioquia que recebeu uma carta de Cirilo no decorrer das negociações da *Fórmula da Reunião*, em 433. (*ACO* I, 1, 1, 7, p. 164-165).

Eustácio de Parnaso. Bispo da província da Capadócia II, diocese da Pôntica. Votou pela deposição de Cirilo e Menão de Éfeso, na sessão de 26 de junho de 431, do Concílio reunido em Éfeso (*ACO*, I, 4, p. 37-38).

Eutério de Tiana. Bispo de Tiana, província da Capadócia II, diocese da Pôntica. Foi condenado pelo bispo Maximiano de Constantinopla por ter apoiado Nestório. Votou pela deposição de Cirilo e Menão de Éfeso, na sessão de 26 de junho de 431, do Concílio reunido em Éfeso (*ACO*, I, 1, 7, p. 154-165; *ACO*, I, 1, 7, p. 115-116; *ACO*, I, 4, p. 37-38).

Eutiques. Arquimandrita em Constantinopla. Foi condenado no Sínodo de Constantinopla (448) por afirmar que após a encarnação do Cristo teria ocorrido uma fusão das naturezas humana e divina. Recebeu apoio do eunuco Crisáfio, do imperador Teodósio II e do bispo Dióscoro de Alexandria por ocasião do Concílio de Éfeso II (449). Foi condenado pelo Concílio de Calcedônia, em 451 (*ACO*, II, 1, 1, p. 72-73; Nestório, *Liber*, 460-462, 464-467, 470-472, 476, 482-484, 491, 493).

Filipe I. Bispo aliado de Cirilo no Concílio de Éfeso, juntamente com Juvenal de Jerusalém, Acácio de Melitene, Firmo de Cesareia na Capadócia, Teodoto de Ancira, Arcádio e Projeto consagraram o bispo Maximiano como substituto de Nestório em Constantinopla, em 431 (*ACO*, I, 1, 7, p. 137).

Firmo de Cesareia. Bispo de Cesareia, província da Capadócia I, diocese da Pôntica. Aliado de Cirilo. Votou pela deposição de Nestório no Concílio de Éfeso, em 431 (*ACO*, I, 1, 7, p. 137; *ACO*, I, 4, 231-232; *ACO*, I, 1, 2, p. 55-64; Cirilo, *Ep.*, 57).

Flaviano. Uma das pessoas que havia sido condenada por Cirilo, em Alexandria, e recorreu a Nestório alegando abuso do bispo alexandrino (*ACO*, I, 1, 1, p. 110-112).

Flaviano de Constantinopla. Substituiu o bispo Proclo na Sé de Constantinopla, em 446. Foi aliado do bispo Leão de Roma na defesa dos postulados da *Fórmula da Reunião*. Condenou o monge Eutiques no Sínodo de Constantinopla, em 448. Foi deposto pelo Concílio de Éfeso II, em 449, acusado de defender ideias nestorianas. Morreu a caminho do exílio em decorrência de maus tratos (Nestório, *Liber*, 460-461, 466, 468-469, 471-472, 474-478, 481, 483, 485-487, 491-495, 507-515).

Flaviano de Filipe. Um bispo aliado de Cirilo durante o Concílio de Éfeso, em 431. Foi procurador do bispo Rufo de Tessalônica durante o Concílio. A cidade de Filipe estava

situada na província da Macedônia, na diocese de mesmo nome, no Ilírico. Foi um dos bispos convocados por Teodósio II para comparecer a Calcedônia, em 431, para tentar uma solução ao impasse de Éfeso I. Votou pela deposição de Nestório no Concílio de Éfeso, em 431 (*ACO*, I, 1, 1, p. 75-77; *ACO*, I, 1, 2, p. 55-64; *ACO*, I, 1, 7, p. 71; *ACO*, I, 1, 7, p. 137; *ACO*, I, 3, p. 94-95; *ACO*, I, 3, p. 96-98).

Fótió. Cirilo acusou Fótió de distribuir panfletos acusando-o de querer deificar a humanidade do unigênito. Na epístola de nº 98 (fragmento), endereçada por Cirilo a Fótió, um sacerdote de Alexandria, se lê: “mas se as duas naturezas foram trazidas misturadas, porque elas são substâncias diferentes, nenhuma delas é preservada, mas ambas desaparecem depois de terem sido misturadas”. Tratou-se de um oponente de Cirilo dentro da própria Alexandria (*ACO*, I, 1, 1, p. 110-112; Cirilo, *Ep.*, 98).

Fritila de Heracleia. Bispo metropolitano da província de Europa, diocese da Trácia. Apoiou Nestório e votou pela deposição dos bispos Cirilo e Menão, na sessão de 26 de junho de 431, do Concílio de Éfeso I (*ACO*, I, 4, p. 37-38).

Genádio. Sacerdote e arquiandrita, provavelmente em Constantinopla. Cirilo recomendou que ele se mantivesse em comunhão com o bispo Proclo. O motivo seria o fato de Proclo receber em comunhão o bispo de Jerusalém de Juvenal a quem as igrejas da Palestina na reconheciam como líder (Cirilo, *Ep.*, 56).

Heládio de Tarso. Bispo metropolitano da província da Cilícia I, na diocese do Oriens. Foi condenado pelo bispo Maximiano de Constantinopla por ter apoiado Nestório. Votou pela deposição dos bispos Cirilo e Menão, na sessão de 26 de junho de 431, do Concílio de Éfeso I (*ACO*, I, 4, p. 37-38; *ACO*, I, 1, 7, p. 115-116; *ACO*, I, 1, 7, p. 164-165).

Heládio de Ptolomais. Bispo na província da Fenícia I, diocese do Oriens. Votou pela deposição dos bispos Cirilo e Menão, na sessão de 26 de junho de 431, do Concílio de Éfeso I (*ACO*, I, 4, p. 37-38).

Helânico de Rodes. Bispo metropolitano da província das Ilhas, diocese da Asiana. Votou pela deposição de Nestório no Concílio de Éfeso, em 431 (*ACO*, I, 1, 2, p. 55-64).

Helíade de Zeugma. Bispo na província de Eufratense, diocese do Oriens. Votou pela deposição dos bispos Cirilo e Menão, na sessão de 26 de junho de 431, do Concílio de Éfeso I (*ACO*, I, 4, p. 37-38).

Hesíquio de Castabala. Bispo na província da Cilícia II, diocese do Oriens. Votou pela deposição dos bispos Cirilo e Menão, na sessão de 26 de junho de 431, do Concílio de Éfeso I (*ACO*, I, 4, p. 37-38).

Himério de Nicomédia. Bispo na província da Bitínia, diocese da Pôntica. Votou pela deposição dos bispos Cirilo e Menão, na sessão de 26 de junho de 431, do Concílio de Éfeso I. Foi condenado pelo bispo Maximiano de Constantinopla por ter apoiado Nestório (*ACO*, I, 4, p. 37-38; *ACO*, I, 1, 4, p. 31-32; *ACO*, I, 1, 7, p. 115-116; *ACO*, I, 1, 7, p. 164-165).

Ibas de Edessa. Bispo metropolitano na província de Osroena, diocese do Oriens. Apoiador de Nestório. Substituto do bispo Rábula de Edessa (Nestório, *Liber*, 476-479).

Icônio de Gortina. Metropolitano da província de Creta, diocese da Macedônia. Votou pela deposição de Nestório na sessão de 22 de junho de 431, do Concílio de Éfeso I (*ACO*, I, 1, 2, p. 55-64).

João. Juntamente com Máximo e Talássio, parece se tratar de um clérigo dentro de Antioquia que fazia oposição a Nestório e ao bispo João de Antioquia, seu superior (*ACO*, I, 4, p. 229).

João de Antioquia. Bispo de Antioquia entre 429 e 448. Indicou Nestório ao imperador para ocupar a Sé Episcopal de Constantinopla. Convocou, em Éfeso, um contra-sínodo à reunião convocada por Cirilo que havia deposto Nestório. Depôs Cirilo e Menão de Éfeso. Foi compelido pelos agentes imperiais a chegar a um acordo com Cirilo e seus seguidores através da *Fórmula da Reunião*, em 433. Enfrentou oposição dos bispos orientais em decorrência desse compromisso. Tais bispos, que não aceitavam a excomunhão de Nestório, doravante passaram a divulgar os ensinamentos de Teodoro de Mopsuéstia, bispo já falecido e que Cirilo indicava como sendo a origem das “blasfêmias” de Nestório. Morreu em 441 e foi substituído pelo seu sobrinho Domo, na Sé de Antioquia (*ACO*, I, 1, 1, p. 75-77; *ACO*, I, 1, 1, p. 90-91; *ACO*, I, 1, 1, p. 96-98; *ACO*, I, 1, 1, p. 99-100; *ACO*, I, 1, 1, p. 112; *ACO*, I, 1, 2, p. 66-68; *ACO*, I, 3, p. 85-87; *ACO*, I, 1, 5, p. 132-133; *ACO*, I, 3, p. 99-109; *ACO*, I, 3, p. 109-111; *ACO*, I, 3, p. 169-173; *ACO*, I, 1, 3, p. 16-17; *ACO*, I, 1, 3, p. 45-46; *ACO*, I, 1, 4, p. 6-7; *ACO*, I, 1, 4, p. 20-31; *ACO*, I, 1, 4, p. 31-32; *ACO*, I, 1, 4, p. 33; *ACO*, I, 1, 4, p. 34; *ACO*, I, 1, 7, p. 39; *ACO*, I, 1, 7, p. 115-116; *ACO*, I, 1, 7, p. 143-147; *ACO*, I, 1, 7, p. 146-147; *ACO*, I, 1, 7, p. 147-150; *ACO*, I, 1, 7, p. 162-163; *ACO*, I, 1, 7, p. 164-165; *ACO*, I, 2, 5, p. 128-

129; *ACO*, I, 1, 4, p. 3-5; *ACO*, II, 1, 3, p. 66; Cirilo, *Ep.*, 57, 58, 72, 105; Nestório, *Liber*, 161, 164, 175-176, 181-182, 188, 195, 370-372, 381, 391, 400-452).

João de Damasco. Metrópita da Fenícia Libanense, diocese do Oriens. Votou pela deposição dos bispos Cirilo e Menão, na sessão de 26 de junho de 431, do Concílio de Éfeso I (*ACO*, I, 4, p. 37-38).

Juvenal de Jerusalém. Ascendeu à chefia da Sé episcopal de Jerusalém em torno do ano de 420. Tudo indica que o objetivo maior do seu episcopado tenha sido a elevação da Sé de Jerusalém a uma posição de superioridade às Sés de Cesareia da Palestina, a quem estava subordinado, e Antioquia, capital da Diocese do Oriente. Foi aliado de Cirilo durante a querela contra Nestório e os bispos orientais. Participou dos Concílios de Éfeso I, em 431, onde desempenhou importante papel na condenação de Nestório, Éfeso II, em 449, e Calcedônia, em 451, quando, neste último, conseguiu a independência de Jerusalém em relação à Sé de Antioquia (*ACO*, I, 1, 1, p. 75-77; *ACO*, I, 1, 1, p. 92-93; *ACO*, I, 1, 1, p. 96-98; *ACO*, I, 1, 2, p. 55-64; *ACO*, I, 1, 7, p. 137; *ACO*, I, 3, p. 94-95; *ACO*, II, 1, 1, p. 71; *ACO*, II, 1, 1, p. 74; *ACO*, II, 1, 1, p. 194-195; Cirilo, *Ep.*, 56; Nestório, *Liber*, 199).

Lampon. Sacerdote alexandrino que estava residindo em Constantinopla e cuidando dos interesses de Cirilo na capital imperial (*ACO*, I, 1, 1, p. 25; *ACO*, I, 4, p. 228).

Leão de Roma. Sucedeu ao bispo Sisto III na Sé episcopal de Roma, em 440. Apoiou Flaviano de Constantinopla na defesa da *Fórmula da Reunião*. Correspondeu-se com Teodósio II condenando a deposição de Flaviano e requisitando a realização de outro concílio em substituição ao de Éfeso II, em 449 (Nestório, *Liber*, 474-475; *PCBE-2*, 2000, p. 1271-1272).

Leôncio. Diácono que estava em Constantinopla e a quem Cirilo deu instruções acerca das negociações que foram empreendidas, por meio do tribuno Aristolau e o bispo Paulo de Emesa, no sentido de se chegar a um acordo com os bispos orientais (*ACO*, I, 1, 7, p. 39).

Luciano de Topiro. Bispo nascido de Topiro, província de Rodope, diocese da Trácia. Votou pela deposição de Nestório na sessão de 22 de junho de 431, do Concílio de Éfeso I (*ACO*, I, 1, 2, p. 55-64).

Macário de Laodiceia Magna. Bispo de Laodiceia Magna, na província da Síria I, diocese do Oriens. Votou pela deposição dos bispos Cirilo e Menão, na sessão de 26 de junho de 431, do Concílio de Éfeso I (*ACO*, I, 4, p. 37-38).

Marcelino de Arca. Bispo da cidade de Arca, província da Fenícia I, diocese do Oriens. Votou pela deposição dos bispos Cirilo e Menão, na sessão de 26 de junho de 431, do Concílio de Éfeso I (*ACO*, I, 4, p. 37-38).

Martiniano. Clérigo em Antioquia. Fez oposição ao nestorianismo e ao bispo João de Antioquia (*ACO*, I, 1, 4, p. 49-61).

Maximiano de Constantinopla. Sua consagração como bispo da capital imperial ocorreu em 25 de outubro de 431, em substituição a Nestório. A ele que Cirilo destinou carta especificando as pessoas na Corte que deveriam receber os presentes e ouro a fim de persuadirem o imperador a adotar uma política imperial mais favorável a Alexandria. Morreu em 12 de abril de 434. Foi sucedido no episcopado por Proclo. Foi amigo de infância do bispo Celestino de Roma, aliado de Cirilo (*ACO*, I, 1, 3, p. 71; *ACO*, I, 1, 3, p. 72-74; *ACO*, I, 1, 4, p. 33; *ACO*, I, 1, 4, p. 34; *ACO*, I, 1, 7, p. 115-116; *ACO*, I, 1, 7, p. 137; *ACO*, I, 1, 7, p. 140-142; *ACO*, I, 1, 7, p. 158-160; *ACO*, I, 1, 7, p. 160-161; *ACO*, I, 1, 7, p. 162-163; *ACO*, I, 3, p. 95-96; *ACO*, I, 3, p. 180-181; *ACO*, I, 4, p. 222-224; *ACO*, I, 4, p. 224-225; Cirilo, *Ep.* 72; BEVAN, 2005, p. 212).

Maximino de Anazarbo. Metrópita da cidade de Anazarbo, província da Cilícia II, diocese do Oriens. Votou pela deposição dos bispos Cirilo e Menão, na sessão de 26 de junho de 431, do Concílio de Éfeso I (*ACO*, I, 4, p. 37-38).

Máximo. Diácono e arquiandrita em Antioquia. Fez oposição ao nestorianismo e ao bispo João de Antioquia. A respeito da *Fórmula de Reunião*, de 433, Cirilo escreveu cartas a ele pregando a necessidade de “acomodação” na matéria (*ACO*, I, 1, 4, p. 49-61; *ACO*, I, 4, p. 229; *ACO*, I, 4, p. 226-227; *ACO*, I, 4, p. 228; Cirilo, *Ep.*, 57, 58).

Melécio de Neocesareia. Bispo na província de Eufratense, diocese do Oriens. Votou pela deposição dos bispos Cirilo e Menão, na sessão de 26 de junho de 431, do Concílio de Éfeso I (*ACO*, I, 4, p. 37-38).

Menão de Éfeso. Bispo metrópita da cidade de Éfeso, província da Ásia, diocese da Asiana. Anfitrião do Concílio de 431 que depôs Nestório de Constantinopla. Aliado de Cirilo de Alexandria. Foi excomungado por João de Antioquia e colocado sob prisão pelo

imperador Teodósio II, provavelmente em virtude dos excessos cometidos durante a realização do Concílio. Estabeleceu que as sessões conciliares devessem ser realizadas na Igreja consagrada à Virgem *Theotokos*, demonstrando a sua tendência de condenar Nestório (*ACO*, I, 1, 2, p. 55-64; *ACO*, I, 1, 3, p. 16-17; *ACO*, I, 1, 3, p. 45-46; *ACO*, I, 1, 5, p. 124-125; *ACO*, I, 1, 5, p. 125-127; *ACO*, I, 1, 5, p. 129-131; *ACO*, I, 1, 5, p. 131-132; *ACO*, I, 1, 5, p. 132-133; *ACO*, I, 1, 7, p. 79-80; *ACO*, I, 1, 7, p. 97; *ACO*, I, 2, 5, p. 128-129; *ACO*, I, 3, p. 18-20; *ACO*, I, 3, p. 94-95; *ACO*, I, 3, p. 99-109; *ACO*, I, 3, p. 109-111; *ACO*, I, 3, p. 111-112; *ACO*, I, 3, p. 112-114; *ACO*, I, 3, p. 115-116; *ACO*, I, 3, p. 116-117; *ACO*, I, 3, p. 117-119; *ACO*, I, 3, p. 141-142; *ACO*, I, 3, p. 169-173; Nestório, *Liber*, 196, 198, 367-368, 370-371, 381, 384, 386; *PCBE-3*, 2008, p. 663-688).

Moisés de Arado e Antarado. Bispo de Arado e Antarado, província da Fenícia I, diocese do Oriens. Votou pela deposição dos bispos Cirilo e Menão, na sessão de 26 de junho de 431, do Concílio de Éfeso I. Cirilo tenta uma reconciliação com ele após os desdobramentos do Concílio de Éfeso, em 431 (*ACO*, I, 4, p. 37-38; *ACO*, I, 4, p. 231).

Nícias de Mégara. Bispo de Mégara, província da Acaia, diocese da Macedônia. Votou pela deposição de Nestório na sessão de 22 de junho de 431, do Concílio de Éfeso I (*ACO*, I, 1, 2, p. 55-64).

Paládio. Bispo (?). Parece ter sido condenado pelo bispo Maximiano de Constantinopla por ter apoiado Nestório (*ACO*, I, 1, 4, p. 31-32).

Parálio de Andrappa. Bispo na província do Helenoponto, diocese da Pôntica. Votou pela deposição de Nestório na sessão de 22 de junho de 431, do Concílio de Éfeso I (*ACO*, I, 1, 2, p. 55-64).

Paregório. Juntamente com diácono e arquiemandrita Máximo e outros, parece se tratar de um clérigo dentro de Antioquia que fazia oposição a Nestório e ao bispo João de Antioquia, seu superior (*ACO*, I, 1, 4, p. 49-61).

Paulo de Emesa. Bispo da cidade de Emesa, na província da Fenícia Libanense, diocese do Oriens. Votou pela deposição de Cirilo e Menão no Concílio de Éfeso I. Foi intermediário entre João de Antioquia e Cirilo durante as negociações da *Fórmula da Reunião*, em 433 (*ACO*, I, 1, 4, p. 6-7; *ACO*, I, 1, 4, p. 7-9; *ACO*, I, 1, 4, p. 15-20; *ACO*,

I, 1, 4, p. 20-31; *ACO*, I, 1, 4, p. 31-32; *ACO*, I, 1, 7, p. 39; *ACO*, I, 1, 7, p. 115-116; *ACO*, I, 1, 7, p. 151-152; *ACO*, I, 1, 7, p. 155; *ACO*, I, 4, p. 37-38).

Perigene de Corinto. Bispo metropolitano da província da Acaia, diocese da Macedônia. Votou pela deposição de Nestório na sessão de 22 de junho de 431, do Concílio de Éfeso I (*ACO*, I, 1, 2, p. 55-64).

Perrébio de Salto. Bispo da cidade de Salto, na província da Tessália, diocese da Macedônia. Votou pela deposição de Nestório na sessão de 22 de junho de 431, do Concílio de Éfeso I (*ACO*, I, 1, 2, p. 55-64).

Placon de Laodiceia. Bispo da cidade de Laodiceia, na província da Fenícia Libanense, diocese do Oriens. Votou pela deposição de Cirilo e Menão no Concílio de Éfeso I (*ACO*, I, 4, p. 37-38).

Policrônio de Heracleia. Bispo da cidade de Heracleia, na província da Cária, diocese da Asiana. Votou pela deposição de Cirilo e Menão no Concílio de Éfeso I (*ACO*, I, 4, p. 37-38).

Possidônio. Clérigo de Alexandria. Um dos interlocutores de Cirilo e o bispo Celestino (*ACO*, I, 1, 1, p. 75-77; *ACO*, I, 1, 1, p. 92-93; *ACO*, I, 1, 5, p. 10-12; *ACO*, I, 1, 7, p. 171-172).

Potamão. Bispo em Constantinopla. Tratou-se de um interlocutor de Cirilo quando o bispo alexandrino esteve detido em Éfeso por ordem do imperador (*ACO*, I, 1, 2, p. 66-68; *ACO*, I, 1, 3, p. 50-51; Cirilo, *Ep.*, 109).

Proclo. Amigo e discípulo de João Crisóstomo. Posteriormente tornou-se secretário do bispo Ático de Constantinopla que o ordenou diácono e sacerdote. Durante o episcopado de Sisínio, substituto de Ático, foi consagrado bispo de Cízico, contudo, a população da cidade impediu a sua posse e ele permaneceu em Constantinopla. Após a morte de Sisínio, a Sé foi ocupada por Nestório. A partir do festival da Virgem, em 429, passou a proferir sermões sobre a Encarnação e atacando a doutrina de Nestório. Apoiou Cirilo. Com a saída de Nestório, a Sé de Constantinopla foi ocupada por Maximiano. Após a morte de Maximiano, na Páscoa de 434, teve permissão de Teodósio II para ocupar o episcopado de Constantinopla. Durante o seu exílio, Nestório alegou nas suas memórias (*Liber Heraclidis*) que ele teria contornado os problemas enfrentados em Constantinopla se não fosse por dois fatores: a ambição daqueles que estavam perseguindo o episcopado, referindo-se a Proclo, e à interferência do clero alexandrino,

referindo-se a Cirilo (*ACO*, I, 1, 4, p. 37-39; *ACO*, I, 1, 4, p. 49-61; *ACO*, I, 4, p. 231-232; *ACO*, I, 5, p. 310-315; Cirilo, *Ep.*, 56, 68, 72, 78; Nestório, *Liber*, 459).

Projeto. Bispo aliado de Cirilo no Concílio de Éfeso, juntamente com Juvenal de Jerusalém, Acácio de Melitene, Firmo de Cesareia, na Capadócia, Teodoto de Ancira, Arcádio e Filipe (*ACO*, I, 1, 7, p. 137).

Rábula de Edessa. Bispo metropolitano de Edessa, na província de Osroena, diocese do Oriens, entre 412 e 435. Foi um dos grandes apoiadores de Cirilo durante o Concílio de Éfeso, em 431. (*ACO*, I, 4, p. 140; *ACO*, I, 4, p. 212; Cirilo, *Ep.*, 57, 74).

Regino de Constância. Bispo metropolitano de Constância, província de Chipre, diocese do Oriens. Votou pela deposição de Nestório na sessão de 22 de junho de 431, do Concílio de Éfeso I (*ACO*, I, 1, 2, p. 55-64).

Rufo de Tessalônica. Bispo de Tessalônica, cidade metrópole na diocese da Macedônia. Aliado de Cirilo. (*ACO*, I, 1, 1, p. 75-77; *ACO*, I, 1, 1, p. 92-93; Cirilo, *Ep.*, 42, 43I).

Saprício de Pafos. Bispo da província de Chipre, diocese do Oriens. Votou pela deposição de Nestório na sessão de 22 de junho de 431, do Concílio de Éfeso I (*ACO*, I, 1, 2, p. 55-64).

Shenoute. Arquimandrita no Egito. Aliado de Cirilo contra Nestório. Liderou uma grande quantidade de monges em viagem a Éfeso, na companhia do bispo Alexandrino. Foi abade do Monastério Branco, em Atripe, no Alto Egito, que chegou a comportar mais de dois mil monges nesse período. Escreveu tratados teológicos e é considerado um dos mais proeminentes eclesiásticos do Egito na Antiguidade Tardia (Cirilo, *Ep.*, 110).

Simão Estilita. Anacoreta com reputação de homem santo. Conselheiro de Teodósio II, sobretudo durante o período de negociação da Fórmula da Reunião (*ACO*, I, 1, 1, p. 112).

Sisto. Bispo de Roma entre 432 e 441, em substituição ao bispo Celestino. Chamado também de Sisto III. Parece ter sido vigilante em manter sob a jurisdição da Sé romana a região da Prefeitura Pretoriana do Ilírico, que após a divisão do Império passou a fazer parte da porção Oriental. O bispo de Constantinopla reivindicava preeminência sobre essa região. Apoiou Cirilo, da mesma forma que o seu antecessor Celestino (*ACO*, I, 1, 4, p. 20-31; *ACO*, I, 1, 4, p. 31-32; *ACO*, I, 1, 7, p. 143-144; *ACO*, I, 2, p. 107-108; Cirilo, *Ep.*, 53).

Sophronas. Uma das pessoas que haviam sido condenadas por Cirilo, em Alexandria, e recorreram ao bispo Nestório, alegando abuso do bispo alexandrino (*ACO*, I, 1, 1, p. 110-112).

Sucenso. Bispo de Diocesareia, na província da Isáuria, diocese do Oriente. Apoiou fortemente Cirilo em oposição ao seu metropolitano Dexiano de Seleucia, que apoiava João de Antioquia e Nestório (*ACO*, I, 1, 6, p. 151-157; *ACO*, I, 1, 6, p. 157-162).

Talássio. Juntamente com Máximo, João e outros, parece se tratar de um clérigo dentro de Antioquia que fazia oposição a Nestório e ao bispo João de Antioquia, seu superior (*ACO*, I, 4, p. 229).

Talássio de Cesareia. Bispo de Cesareia, na Província de Capadócia I que atendeu ao Concílio de Éfeso II, em 449, e foi citado em carta de Teodósio II a Dióscoro de Alexandria como sendo aliado, juntamente com o bispo Juvenal de Jerusalém, das doutrinas de Eutiques em julgamento naquele Concílio. Foi substituto de Firmo de Cesareia naquela Sé episcopal (*ACO* II, 1, p. 74; WACE; PIERCY, 1999, p. 433).

Teodoreto de Ciro. Bispo de Ciro, na província de Eufratense, diocese do Oriens. Escreveu um trabalho contra os Doze Anátemas que Cirilo havia lançado contra Nestório. Possuía parentesco com Nestório, a quem defendeu desde o início do conflito. Votou pela condenação de Cirilo e Menão no Concílio de Éfeso I. Escreveu um tratado atacando a união das naturezas de Cirilo: *Eranistes*. Estabeleceu correspondência epistolar com vários funcionários imperiais, sobretudo alguns ligados à área militar. Foi impedido por Teodósio II de participar do Concílio de Éfeso II, em 449 (*ACO*, I, 1, 6, p. 110-111; *ACO*, I, 1, 7, p. 79-80; *ACO*, I, 1, 7, p.137; *ACO*, I, 4, p. 37-38; *ACO*, I, 4, p. 231; *ACO*, II, 1, 1, p. 68-69).

Teodoro de Mopsuéstia. O mesmo que Teodoro da Cilícia, a quem Cirilo atribuía a origem dos pensamentos “heréticos” de Nestório (Cirilo, *Ep.* 74; *ACO*, I, 1, 4, p. 37-39; *ACO*, I, 1, 6, p. 157-162; *ACO*, I, 4, p. 210-211; *ACO*, I, 4, p. 212; *ACO*, I, 4, p. 231-232; *ACO*, I, 5, p. 310-315; Nestório, *Liber*, 454).

Teodoto de Ancira. Bispo metropolitano da província da Galácia I, diocese da Pôntica. Aliado de Cirilo no Concílio de Éfeso, juntamente com Juvenal de Jerusalém, Acácio de Melitene, Firmo de Cesareia na Capadócia, Projeto, Arcádio e Filipe. Votou pela

deposição de Nestório na sessão de 22 de junho de 431, do Concílio de Éfeso I (*ACO*, I, 1, 2, p. 55-64; *ACO*, I, 4, p. 231-232; Cirilo, *Ep.*, 75).

Teognosto. Sacerdote que estava em Constantinopla e a quem Cirilo dá instruções acerca das negociações que foram empreendidas, por meio do tribuno Aristolau e o bispo Paulo de Emesa, no sentido de se chegar a um acordo com os bispos orientais (*ACO*, I, 1, 7, p. 39).

Teopempto. Sacerdote no Egito. Encontrava-se em Constantinopla como agente de Cirilo, que destinou a ele informações sobre o andamento do concílio de Éfeso, em 431 (*ACO*, I, 1, 3, p. 50-51).

Timóteo. Bispo no Egito, que provavelmente se encontrava em Constantinopla e a quem Cirilo destinou informações sobre o andamento do concílio de Éfeso, em 431 (*ACO*, I, 1, 2, p. 66-68; *ACO*, I, 1, 3, p. 50-51).

Valeriano de Icônio. Bispo da metrópole de Icônio, província da Licaônia, diocese da Asiana. Votou pela deposição de Nestório na sessão de 22 de junho de 431, do Concílio de Éfeso I. Cirilo buscou justificar a ele os termos do acordo que alcançou com o bispo João de Antioquia, em 433 (*ACO*, I, 1, 2, p. 55-64; *ACO*, I, 1, 3, p. 90-101).

Vitor 1. Uma das pessoas que havia sido condenadas por Cirilo, em Alexandria, e, posteriormente, recorreu ao bispo Nestório, alegando abuso do bispo alexandrino (*ACO*, I, 1, 1, p. 110-112).

Vitor 2. Monge egípcio que parece se tratar de um agente de Cirilo em Constantinopla (Cirilo, *Ep.*, 107, 109).

APÊNDICE K
CATÁLOGO PROSOPOGRÁFICO

Alguns funcionários imperiais, membros da família de Teodósio II e agregados na Corte imperial de Constantinopla.

Obs.: Catálogo construído a partir da própria documentação da pesquisa, da obra *Prosopography of the Later Roman Empire (PLRE 2)* e subsídio da bibliografia consultada.

Ablabio. (*Ablabius 3*). Funcionário doméstico do *quaestor sacri palatii* do Oriente (*QSP*).

Uma das influentes pessoas na Corte a quem Cirilo encaminhou, em 431, presentes no intuito de angariar apoio aos seus interesses por ocasião do Concílio de Éfeso (*ACO, I, 4, p. 224-225; PLRE 2, p. 2*).

Amâncio. (*Amantius 2*). Considerado um eunuco que gozava de grande influência sobre Teodósio II (*PLRE 2, p. 66*).

Amônio. (*Ammonius 3*). Foi *comes* na Corte Oriental. Está na lista das pessoas que receberam presentes de Cirilo (*ACO, I, 4, p. 222-224; PLRE 2, p. 71*).

Anatólio. (*Fl. Anataolius 10*). *Magister militum per Orientem* (433-446 e de 450-451), cônsul (440) e patrício (447-451). Participou das negociações da *Fórmula da Reunião*, em 433. Trata-se do magister mencionado e não nomeado em uma carta escrita por João de Antioquia, em 434. Em 441, defendeu as fronteiras orientais do Império contra as incursões persas e negociou tratados de paz. Recebeu cartas de Teodoreto de Ciro, em 448 e 449, solicitando ajuda para levantar as restrições de locomoção impostas e ele pelo imperador. (*PLRE 2, p. 84-86; ACO, I, 4, p. 224-225*).

Antêmio. (*Anthemius 1*). *PPO Orientis* (405-414), cônsul (405) e patrício. Pai de Antêmio Isidoro 9, sogro de Procópio 2, avô materno de Antêmio 3, imperador do Ocidente (467-472). Era de origem egípcia (*PLRE 2, p. 93-95*).

Antêmio Isidoro. (*Procopius Anthemius 9*). Cônsul (515). Pai do imperador Antêmio 3 e irmão de Marciano 17 (cônsul em 469 e 472) (*PLRE 2, p. 99*).

Antioco. (*Antiochus 5*). *Cubicularius* (404-414), *PSC* no Oriente em 421, patrício. Foi tutor de Teodósio II, nomeado pelo imperador Arcádio. Mantinha correspondência com os

cristãos da Pérsia. É registrado ser de origem persa e foi indicado pelo rei da Pérsia para assumir suas funções na Corte Oriental (*PLRE 2*, p. 101-102; GREATREX, BARDILL, 1996, p. 171-197).

Antioco (Chuzon I). [*Antiochus (Chuzon I) 7*]. *QSP* (429), *PPO Orientis* (430-431), cônsul (431). Nativo de Antioquia. Era avô de Antioco Chuzon 10. Correspondeu por meio de cartas com o bispo Teodoreto de Ciro, aliado de Nestório. É citado em uma carta de Celestino de Roma para Nestório acerca dos pelagianos acolhidos em Constantinopla. Antioco seria o encarregado de enviar os escritos de Nestório a Celestino. Negociou a retirada de Nestório para o seu monastério de origem após a deposição. (*PLRE 2*, p. 103-104; *ACO*, I, 1, 1, 7, p. 71; *ACO*, I, 1, 1, p. 77-83).

Antioco (Chuzon II). [*Antiochus (Chuzon II) 10*]. *PPO Orientis* (448), patrício. Nativo de Antioquia na Síria. Neto de Antioco (Chuzon I) 7. Correspondeu por meio de cartas com o bispo Teodoreto de Ciro, aliado de Nestório. Esteve presente no Concílio de Calcedônia, em 451. (*PLRE 2*, p. 104).

Apolônio. (*Apollonius 3*). *MVM praesentalis* (443-451). Recebeu cartas de Teodoreto de Ciro. Tornou-se cristão em 448. Era apoiador do *MVM* Zenão 6 (*PLRE 2*, p. 121).

Arcádio. (*Arcadius 1*). Possível filho de Teodósio II. Sua morte presumivelmente ocorreu quando ele ainda era muito jovem (*PLRE 2*, p. 130; BEVAN, 2005, p. 509-516).

Ardabur. (*Fl. Ardabur 3*). *MVM per Orientem* (424-425), cônsul (427). Pai de Ardabur Aspar. Era ariano. Comandou o exército romano por ocasião do conflito contra a Pérsia, em 421. Foi enviado por Teodósio II, juntamente com seu filho Aspar, para restaurar a dinastia teodosiana no Ocidente, usurpada por João 6. O futuro imperador Marciano, que substituiu Teodósio II, foi seu *domesticus* antes de servir sob Ardabur Aspar. Foi acusado de traição por se corresponder com os persas (*PLRE 2*, p. 137-138).

Ardabur Aspar. (*Fl. Ardabur Aspar*). *MVM per Orientem* (431-471), cônsul (434). Filho de Ardabur 3. De origem antioquena. Casou-se três vezes e uma das suas esposas era filha do *MVM* Plinta, de quem Aspar era aparentado. Comandou o exército romano oriental em campanhas no Ocidente, em 424, e na África, em 431, contra os vândalos. Participou da campanha contra os hunos, em 441. É registrado que tinha pouca influência sobre Teodósio II. Estava presente no leito de morte de Teodósio II quando este teria indicado seu *domesticus* Marciano como seu sucessor. Em 457, Leão 6,

apoiado por ele, foi indicado para suceder a Marciano. Era de filiação religiosa ariana. Teodoreto de Ciro agradeceu-o, por carta, pela ajuda no fim do seu exílio. Em 469, foi acusado de subornar soldados em tentativa frustrada para assassinar o general isaurio Zenão 7. É registrado que o senado de Roma teria oferecido a Aspar o posto de imperador do Ocidente, que teria recusado (*PLRE* 2, p. 164-169).

Ariobindo. (*Fl. Ariobindus* 2). *MVM per Orientem* (434-449), cônsul (434), patrício (447-449). De origem goda (alano). Serviu na guerra contra a Pérsia, em 421. Correspondeu-se com o bispo Teodoreto, pois era proprietário de terras próximo à cidade de Ciro. Foi um dos comandantes enviados por Teodósio II contra os vândalos, em 441. A expedição foi fracassada pela sua permanência muito tempo na Sicília. Também participou da expedição contra Átila. É reconhecido ter pouca influência sobre Teodósio II (*PLRE* 2, p. 145-146).

Aristolau. (*Aristolaus*). Exerceu a função, no Império Romano do Oriente, de *Vir spectabilis tribunus et notarius*, entre 432 e 435. Em meados de 432, o Imperador Teodósio II encarregou-o de restaurar a unidade da Igreja no Oriente. Ele foi enviado, primeiramente, a Antioquia, a Sé do bispo João e, depois, para Alexandria, a Sé do bispo Cirilo. Retornou novamente a Antioquia a fim de colher a assinatura do bispo João nos documentos da *Fórmula da Reunião*. Em 435, o imperador Teodósio II enviou-o a Cilícia, onde os bispos recusavam a aceitar o acordo de unidade. (*PLRE* 2, p. 146-147; *ACO*, I, 1, 7, p. 147; *ACO*, I, 4, p. 140; *ACO*, I, 1, 4, p. 33; *ACO*, I, 1, 4, p. 6-7; *ACO*, I, 1, 7, p. 39; *ACO*, I, 1, 4, p. 7-9; *ACO*, I, 1, 4, p. 20-31; *ACO*, I, 1, 7, p. 155; *ACO*, I, 1, 4, p. 31-32; *ACO*, I, 4, p. 206; *ACO*, I, 4, p. 230; *ACO*, I, 4, p. 229; *ACO*, I, 5, p. 310-315; *ACO*, I, 1, 7, p. 162-163; *ACO*, I, 4, p. 224-225; *ACO*, I, 1, 7, p. 146-147; *ACO*, I, 4, p. 222-224; Nestório, *Liber*, 398).

Arnegisclo. (*Arnegisclus*). *MVM per Thraciam* (447). Era de origem goda. Foi responsável pelo assassinato do MVM João 13, o vândalo, na Trácia, em 441, por traição. Foi um dos generais derrotados por Átila, em 443 (*PLRE* 2, p. 151).

Artaba. (*Artabas*). *Cubicularius* na Corte do Oriente, pois recebeu os mesmos presentes que Cirilo destinou a Escolástico por ocasião do Concílio de Éfeso I, em 431 (*ACO*, I, 4, p. 222-224; *ACO*, I, 4, p. 224-225; *PLRE* 2, p. 154).

Artaxes. (*Artaxes*). *PSC* no Oriente (442). Participou do Concílio de Calcedônia, em 451. O nome sugere ser de origem persa (*PLRE* 2, p. 154).

Asclepiodoto. (*Asclepiodotus 1*). *PPO Orientis* (423-425), cônsul (423). Identificado como tio materno da imperatriz Eudócia. Registra-se que simpatizava com pagãos e judeus e odiava os cristãos (*PLRE 2*, p. 160).

Candidiano. (*Fl. Candidianus 6*). *Comes domesticorum* no Oriente (431-435). Foi representante dos imperadores Teodósio II e Valentiniano III no Concílio de Éfeso, entre junho de julho de 431. Foi instruído para manter a ordem e verificar se os assuntos tratados se concentravam nas divergências teológicas. Parece que manteve parcialidade a favor dos nestorianos e os bispos orientais sob a liderança de João de Antioquia. Deu retorno acerca das sessões nas quais Cirilo foi condenado e tentou impedir que esse bispo entrasse em contato com o imperador em Constantinopla. Apesar disso, foi incapaz de evitar a condenação de Nestório (*PLRE 2*, p. 257-258; *ACO*, I, 1, 1, p. 120-121; *ACO*, I, 3, p. 96-98; *ACO*, I, 1, 5, p. 131-132; *ACO*, I, 1, 5, p. 124-125; *ACO*, I, 1, 5, p. 127-128; *ACO*, I, 3, p. 91-92; *ACO*, I, 3, p. 115-116; *ACO*, I, 1, 2, p. 66-68; Nestório, *Liber*, 161-167, 169-178, 184-186; *Ep. Cosmas*).

Candidiano. (*Candidianus 3*). *MVM per Orientem* (424). Acompanhou Ardabur 3 e Aspar na campanha contra o usurpador João 6, no Ocidente, em 424 (*PLRE 2*, p. 257).

Ciro. (*Fl. Taurus Seleucus Cyrus 7*). *PVC*(426); *PVC II* e *PPO* (439-441); Cônsul (441). Natural de Panópolis, Província de Tebaida, no Egito. Era poeta e assegurou vários postos na administração imperial. Abandonou o uso do latim na administração do Oriente. Patrocinou a iluminação pública e a reparação dos muros de Constantinopla. Teodósio II via com desconfiança sua popularidade, que o acusou de paganismo. Tornou-se bispo de Cotyaeum, na Província da Frígia, em 443. Após a morte de Teodósio II renunciou ao episcopado e foi restaurado pelo imperador Marciano. (*PLRE 2*, p. 336-339).

Claudiano. (*Claudianus 2*). Provavelmente foi *domesticus* de um alto funcionário na Corte do Oriente. Recebeu presentes de Cirilo (*ACO*, I, 4, p. 222-224; *ACO*, I, 4, p. 224-225; *PLRE 2*, p. 298-299).

Crisáfio. (*Chrysaphius dito Ztummas*) Eunuco *spatarius* no Oriente, de 443-450. Foi muito próximo de Teodósio II durante as negociações do Concílio de Éfeso II, em 449. Prestou ostensivo apoio a Eutiques nessa ocasião. Empreendeu forte oposição ao bispo Flaviano de Constantinopla. Há indicações de que após a morte de Teodósio II ele tenha

sido assassinado a mando de Pulquéria. (*PLRE 2*, p. 295-297; Evágrio, *Hist. eccl.*, I, 5; Malalas, *Chron.*, XXIV, 19).

Crisero. (*Chryseros 1*). *Praepositus sacri cubiculi* (PSC) no Império Romano do Oriente. *Cubicularius* que fez oposição a Cirilo na Corte. Recebeu presentes para apoiar o bispo alexandrino. Nenhuma fonte indica tratar-se de um eunuco, embora tenha exercido a função de *cubicularius* (*ACO*, I, 4, p. 222-224; *ACO*, I, 4, p. 224-225; *PLRE 2*, p. 297; BATIFFOL, 1911, p. 253).

Dionísio. (*Fl. Dionysius 13*). *MVM per Orientem* (428-431, 434-435 e 440), cônsul (429). Nativo da Trácia. Escoltou Nestório de Antioquia a Constantinopla, em 428, quando retornava de uma embaixada junto aos persas relacionada à questão armênia (*PLRE 2*, p. 365-366).

Dominino. (*Domninus 2*). Eunuco *cubicularius* na Corte do Oriente. Nomeado entre os cortesãos que recebeu presentes de Cirilo de Alexandria, em 431 (*ACO*, I, 4, p. 224-225; *PLRE 2*, p. 373).

Domiciano. (*Domitianus 4*). *QSP* no Oriente. Informou os apoiadores de Cirilo de Alexandria na Cilícia de que eles deveriam se reconciliar com os antioquenos ou deveriam deixar suas cidades, em 432/433 (*PLRE 2*, p. 370; *ACO*, I, 4, p. 155).

Droséria. (*Droseria*). *Cubicularia* na Corte Oriental. Recebeu presentes de Cirilo para influenciar pessoas a apoiar os interesses do bispo no Concílio de Éfeso, em 431 (*ACO*, I, 4, p. 222-224; *ACO*, I, 4, p. 224-225; *PLRE 2*, p. 381; BATIFFOL, 1911, p. 255).

Elias. (*Elias 3*). *MVM per Orientem* (435). Uma das pessoas que enviou uma carta a Cosmas de Antioquia, em torno de 435 (Nestório, *Ep. Cosmas*; *PLRE 2*, p. 390).

Elpídio. (*Helpidius 5*). *Comes sacri consistorii* (449). Foi encarregado por Teodósio II de acompanhar o Concílio de Éfeso II, em 449. Foi instruído a manter o imperador informado e a ordem para que as questões fossem resolvidas de forma rápida. Ele deveria impedir que aqueles bispos que condenaram Eutiques no Sínodo de Constantinopla não participassem das decisões em Éfeso II. (*ACO*, II, 1, 1, p. 72-73; *PLRE 2*, p. 536-537).

Escolástico. (*Scholasticus 1*). *Comes et castrensis* (422). De acordo com a primeira e última aparição nas fontes, exerceu atividades na Corte do Oriente por nove anos, entre 422 e 431, como *Vir Spectabilis, Comes et castrensis sacri palatii*. Esse eunuco *cubicularius*

foi mencionado durante o Concílio de Éfeso como um devoto cristão. Está na lista daqueles influentes cortesãos que receberam presentes do bispo Cirilo (*ACO*, I, 4, p. 222-224; *ACO*, I, 4, p. 224-225; *PLRE* 2, p. 982; *BATIFFOL*, 1911, p. 254).

Eubulo. (*Eubulus*). *PPO Illyrici* (436), *QSP* (435). Membro da primeira comissão indicada para compilar o Código Teodosiano, em 429 (*PLRE* 2, p. 403).

Eudócia. [*Aelia Eudocia (Athenais) 2*]. Augusta. Segundo Sócrates Escolástico era filha do sofista ateniense Leôncio. Foi batizada pelo bispo Ático de Constantinopla antes de se casar com o imperador. Seu nome antes do batismo era Athenais. Casou-se com Teodósio II, em 421. Cirilo dedicou a ela e às irmãs imperiais tratados acerca da “verdadeira doutrina” (*ACO*, I, 1, 1, p. 73-74; *ACO*, I, 4, p. 228; *ACO*, I, 4, p. 224-225; Sócrates, *Hist. eccl.*, VII, 22; *PLRE* 2, p. 408-409).

Eulógio. (*Eulogius 2*). Tribuno e notário designado para acompanhar o *comes* Elpídio nas sessões do Concílio de Éfeso II. (*ACO*, II, 1, 1, p. 72-73; *PLRE* 2, p. 419).

Eustáquio. (*Fl. Eustathius 12*). *Domesticus* de alguém influente na Corte Imperial. Recebeu presentes de Cirilo. (*ACO*, I, 4, p. 224-225; *PLRE* 2, p. 436).

Félix. (*Felix 8*). *PSC* no Oriente (434-442). Intermediou as negociações após a *Fórmula de Reunião*, em 433 (*ACO*, I, 4, p. 210; *PLRE* 2, p. 460).

Filipe. (*Philippus 4*). Provavelmente foi *domesticus* de um alto funcionário na Corte do Oriente. Recebeu presentes de Cirilo (*ACO*, I, 4, p. 222-224; *ACO*, I, 4, p. 224-225; *PLRE* 2, p. 875).

Flegécio. (*Phlegetius 1*). *Magister officiorum* (441) (*PLRE* 2, p. 880).

Florêncio. (*Florentius 4*). Assessor do *PPO* (provavelmente Antioco 7 ou Rufino 8) recebeu presentes de Cirilo, em 431 (*ACO*, I, 4, p. 224-225; *PLRE* 2, p. 477; *BATIFFOL*, 1911, p. 254).

Florêncio 7 (*Fl. Florentius 7*). *PVC*, em 422; *PPO Or.*, de 428-429 e de 438-439; Cônsul em 429; Patrício em 444. Natural da Síria. Foi autorizado por Teodósio II a acompanhar o Sínodo de Constantinopla, em 448, que condenou o monge Eutiques, inclusive podendo participar das discussões de fé (*PLRE* 2, p. 478-480).

Gala Placídia. (*Aelia Galla Placidia 4*). Augusta (421-450). Filha de Teodósio I e sua segunda esposa Galla. Meia irmã dos imperadores Honório e Arcádio. Casou-se com o

rei visigodo Ataulfo, em 414, e com Constâncio III, em 417, com quem teve um filho, em 419, o futuro imperador do Ocidente Valentiniano III. Depois da morte do imperador Honório recebeu apoio de Teodósio II contra o usurpador João 6, tornando-se regente de Valentiniano III (*PLRE 2*, p. 888-889).

Gésio. (*Gessius 2*). *PPO Illyrici* (421-443). Irmão da imperatriz Eudócia e de Valério 6. Nativo de Atenas (*PLRE 2*, p. 510-511).

Heleniana. (*Heleniana*). Esposa do Prefeito Pretoriano do Oriente (*PPO*) Antioco 7 ou Rufino 8. Uma das influentes pessoas na Corte a quem Cirilo enviou presentes, esperando que ela assegurasse a ele o apoio do marido no Concílio de Éfeso, em 431 (*PLRE 2*, p. 530; *ACO*, I, 4, p. 224-225; *BATIFFOL*, 1911, p. 254).

Hélio. (*Helion 1*). *Magister Officiorum* (414-427), patricio. Foi enviado, em 422, por Teodósio II à Pérsia para negociar o acordo de paz. Ele conduziu Valentiniano III para assumir o poder imperial em Roma, após a vitória sobre o usurpador João 6 (*PLRE 2*, p. 533).

Hormisda. (*Hormisdas*). *PPO Illyrici* (448), *PPO Orientis* (450). Seu nome sugere descendência persa. Foi substituído por Paládio 9 logo após Marciano tornar-se imperador e não foi incluído entre os dignitários mencionados no Concílio de Calcedônia, em 451 (*PLRE 2*, p. 571).

Inobindo. (*Inobindus*). *MVM per Orientem* (441). Um dos militares enviados por Teodósio II, em 441, contra os vândalos (*PLRE 2*, p. 592).

Irineu. (*Irenaeus 2*). Amigo de Nestório na Corte Imperial. Apresentava o título de *Comes*. Parece que durante o Concílio de Éfeso tentou impedir a comunicação entre Cirilo e seus agentes em Constantinopla. Após a condenação e exílio de Nestório foi ordenado bispo da cidade de Tiro, na Fenícia, pelo bispo Domo de Antioquia. Posteriormente essa ordenação foi revogada a mando do imperador Teodósio II (*ACO*, I, 1, 1, p. 120-121; *ACO*, I, 1, 5, p. 131; *ACO*, I, 1, 5, p. 131-132; *ACO*, I, 3, p. 115-116; *ACO*, I, 1, 5, p. 135-136; *ACO*, I, 4, p. 204; Nestório, *Liber*, 175; *PLRE 2*, p. 624-625).

João 12. (*Ioannes 12*). *CSL* (429-431), *Magister Officiorum* (431-433). Substituiu Candidiano no Concílio de Éfeso, em 431, como representante do imperador Teodósio II. Levou a carta do imperador que depunha e colocava sob prisão os bispos Cirilo, Nestório e Menão de Éfeso. Nestório o acusou de receber dinheiro de Cirilo para que se fizesse um

novo julgamento dele em Éfeso, em 431 (*PLRE 2*, p. 596; *ACO*, I, 1, 7, p. 67-68; *ACO*, I, 3, p. 111-112; *ACO*, I, 3, p. 112-114; *ACO*, I, 3, p. 174-176; *ACO*, I, 1, 7, p. 67-68; *ACO*, I, 1, 3, p. 45-46; *ACO*, I, 1, 3, p. 50-51; Nestório, *Liber*, 385-386, 479).

João 13. (*Ioannes 13*). *MVM per Thracias* (441). De origem vândala. Seu assassinato foi aprovado pela Corte em Constantinopla, sobretudo por influência do eunuco Crisáfio (*PLRE 2*, p. 597).

Lauso. (*Lausus*). Eunuco na Corte imperial em Constantinopla. A documentação indica a sua presença na Corte Oriental, entre os anos de 420 e 436, onde exerceu a função de *Praepositus Sacri Cubiculi* (*PSC*). Parece que esse posto foi conquistado através de gestões de Cirilo junto à imperatriz Pulquéria, no sentido de neutralizar a atuação do *cubicularius* Crisero, que parece atuar a favor de Nestório. Ao que tudo indica, foi uma pessoa muito influente. O escritor Paládio dedicou a sua *Historia Lausiaca* a ele (*ACO*, I, 4, p. 222-224; *ACO*, I, 4, p. 224-225; *PLRE 2*, p. 660-661).

Licinia Eudóxia. (*Licinia Eudoxia 2*). *Augusta* (439-462). Filha de Teodósio II e Aelia Eudócia 2. Foi prometida em casamento a Valentiniano III, em 424, e se casaram, em Constantinopla, em 29 de outubro de 437. Após a morte de Valentiniano III, em 455, ela queria fazer imperador Maioriano, mas, ao contrário, que tomou a chefia do poder imperial foi Petrônio Máximo, que a tomou como sua esposa contra o seu desejo. Havia rumores de que ela teria convidado o rei vândalo Geiserico para atacar Roma e resgatá-la. Sua filha Eudócia casou-se com o filho de Geiserico, Hunerico. Geiserico levou ambas para a África após o saque de Roma, em 455. Somente foi enviada para Constantinopla, juntamente com Gala Placídia, após o casamento da sua filha (*PLRE 2*, p. 410-412).

Longino. (*Longinus 1*). *Comes* no Oriente. Possivelmente, também foi *comes* e *praeses* na Isauria. Escreveu para Cirilo informando que os clérigos das igrejas da Isáuria permaneciam nos ensinamentos de Nestório, mesmo após a condenação deste (Cirilo, *Ep.*, 103; *PLRE 2*, p. 687).

Lúcio. (*Lucius 2*). *MVM praesentalis* (Oriente) (408-450). Era não cristão. Segundo Damásio 2, ele teria tentado matar Teodósio II. Além de Damásio, nenhuma outra fonte cita essa tentativa de assassinato (*PLRE 2*, p. 692).

- Lupicínio.** (*Lupicinus 2*). *Magister Officiorum* (448). Trocou cartas com o bispo Teodoreto de Ciro, que se refere a ele como cristão zeloso (*PLRE 2*, p. 693).
- Magno.** (*Magnus 1*). *Silentiarius* (448-449). Enviado pelo imperador Teodósio II para proteger o monge Eutiques no Sínodo de Constantinopla, em 448 (*ACO*, II, 1, 1, p. 95-95; *ACO*, II, 1, 1, p. 138-139; *ACO*, II, 1, 1, 1, p. 177-178; *ACO*, II, 1, 1, 1, p. 181; Nestório, *Liber*, 492; *PLRE 2*, p. 700).
- Marcela.** (*Marcella 3*). *Cubicularia* na Corte Imperial. Recebeu presentes de Cirilo para influenciar pessoas importantes da Corte a favor do bispo alexandrino (*ACO*, I, 4, p. 222-224; *ACO*, I, 4, p. 224-225; *PLRE 2*, p. 707).
- Marciano.** (*Marcianus 8*). *Augusto* (450-457). De origem trácia ou ilírica. *Domesticus* de Aspar antes de se tornar imperador do Oriente. Casou-se com Pulquéria após a morte de Teodósio II (*PLRE 2*, p. 714-715).
- Martírio.** (*Martyrius 2*). *QSP* (438). *Spectabilis Comes Consistorianus*. Um dos compiladores do Código Teodosiano (*PLRE 2*, p. 731-732).
- Maximino.** (*Maximinus 5*). *QSP* (435). Trabalhou no projeto de compilação do *Código Teodosiano* (*PLRE 2*, p. 742).
- Nomo.** (*Nomus 1*). *Magister Officiorum* (443-446), cônsul (445), patrício. Durante seu ofício, ele foi procurado pelos sobrinhos de Cirilo de Alexandria, morto em 444, Anastácio e Paulo, para que intercedesse contra a perseguição do bispo Dióscoro. Ele emprestou dinheiro a eles a taxas exorbitantes e os forçou a pagar. Correspondeu-se com Teodoreto de Ciro. Foi considerado um influente conselheiro de Teodósio II e amigo do eunuco Crisáfio (*PLRE 2*, p. 785-786).
- Olímpia.** (*Olympias 2*). Mencionada nas fontes como “*domna Olympias*”, juntamente com as *cubiculariae* Marcela e Droséria. Tratou-se de pessoas influente na Corte Oriental, a quem Cirilo se dirigiu, com presentes, para angariar apoio a uma política imperial favorável a Alexandria, durante a *Controvérsia Nestoriana* (*ACO*, I, 4, p. 222-224; *PLRE 2*, p. 798).
- Paládio.** (*Palladius 5*). *Magistrianus*. Durante o mês de junho de 431, ele levou carta do imperador ao Concílio de Éfeso e levou cartas do Concílio e de João de Antioquia à Constantinopla. Durante a guerra com a Pérsia, em 421/422, mantinha Teodósio II

informado dos acontecimentos (*ACO*, I, 1, 3, p. 10-13; *ACO*, I, 1, 5, p. 125-127; *ACO*, I, 3, p. 91-92; *PLRE* 2, p. 819-820).

Paulino. (*Paulinus* 8). *Magister Officiorum* (430). Amigo de infância de Teodósio II. Ele teria ajudado Pulquéria a encontrar uma esposa para o imperador (Eudócia). Em 443, foi acusado de amante da imperatriz e executado no ano seguinte (Nestório, *Liber*, 520; *PLRE* 2, p. 846-847).

Paulo 9. (*Paulus* 9). *Comes consistorianus*. Sobrinho do bispo Cirilo de Alexandria. *Comes consistorianus (spectabilis)* na Corte Oriental, em 431. Foi contatado para entregar uma soma em ouro ao *cubicularius* Escolastício para que este apoiasse Cirilo no seu conflito contra Nestório. (*ACO*, I, 4, p. 224-225; *PLRE* 2, p. 850).

Paulo 10. (*Paulus* 10). *PSC* na Corte oriental (431). Recebeu presentes e ouro de Cirilo de Alexandria por ocasião do Concílio de Éfeso I, em 431. Ao que tudo indica era *cubicularius* de Pulquéria (*PLRE* 2, p. 850; *ACO*, I, 4, p. 223-224; *BATIFFOL*, 1911, p. 253).

Plinta. (*Fl. Plinta*). *MVM praesentalis* (419-438), cônsul (419). De origem goda. Era membro de uma seita ariana em Constantinopla. Parente de Ardabur Aspar, de quem provavelmente era sogro. Trabalhou junto ao bispo João de Antioquia para que este aceitasse a reconciliação com Cirilo, em 432. Correspondeu com o bispo Firmo de Cesareia (aliado de Cirilo) (*PLRE* 2, p. 892-893).

Proclo. *Procônsul da Ásia*. Recebeu carta de Teodósio II, em 449, solicitando que mantivesse a ordem na metrópole de Éfeso, por ocasião do Concílio de Éfeso II (*ACO*, II, 1, 1, p. 73).

Procópio 2. (*Procopius* 2). *MVM per Orientem* (422-424), patrício. Pai do imperador do Ocidente, Antêmio. Foi comandante na guerra contra a Pérsia, em 421 (*PLRE* 2, p. 920).

Pulquéria. (*Aelia Pulcheria*). *Augusta*. Nasceu em 19 de janeiro de 399. *Augusta* entre os anos de 414 e 453. *Aelia Pulquéria*, como seu nome consta nas cunhagens das moedas. Filha do imperador Arcádio e da imperatriz Eudóxia. Irmã de Teodósio II, Flacila, Arcádia e Marina. Teve um papel importante na educação de Teodósio, sobretudo após a morte do pai, Arcádio, em 408, quando o herdeiro contava sete anos de idade. Foi oponente de Nestório e aliada de Cirilo durante o Concílio de Éfeso, em 431, e seus desdobramentos. Fez votos de virgindade perpétua, mas, contudo, casou-se com o

militar Marciano após a morte de Teodósio II, em 450 e apoiou a sua indicação para ocupar o governo. Convocou, junto com o imperador Marciano, o Concílio de Calcedônia, em 451. Morreu em julho de 453. (*ACO*, I, 4, p. 222-224; *ACO*, I, 4, p. 224-225; Nestório, *Ep. Cosmas*; *PLRE* 2, p. 929-930).

Regino. (*Fl. Simplicius Reginus* 4). *PPO Illyrici* (435). Foi um dos funcionários que emitiu o Édito de banimento de Nestório (*ACO*, I, 3, p. 182-183; *PLRE* 2, p. 937).

Romano. (*Romanus* 3). (*PSC*) *Cubicularius* na Corte Oriental. As fontes indicam sua atuação entre 431 e 451. Recebeu presentes de Cirilo através do agente do bispo em Constantinopla, durante a *Controvérsia Nestoriana* (*ACO*, I, 4, p. 222-224; *ACO*, I, 4, p. 224-225; *PLRE* 2, p. 947).

Rufino 8. (*Rufinus* 8). *PPO Orientis* (431-432). Parente de Teodósio II. Correspondeu-se por meio de cartas com Isidoro de Pelusa (*PLRE* 2, p. 953).

Rufino 9. (*Rufinus* 9). Possivelmente *domesticus* do *magister officiorum*. Foi uma das pessoas que recebeu presentes de Cirilo para apoiar os interesses do bispo na Corte (*ACO*, I, 4, p. 224-225; *PLRE* 2, p. 953-954).

Salomão. (*Solomon*). Recebeu presentes de Cirilo para apoiar os interesses do bispo alexandrino, em 431. *Domesticus* de Crisero. (*PLRE* 2, p. 1019; *ACO*, I, 4, p. 224-225).

Salústio. (*Sallustius* 4). *Comes* e *QSP* (424). Trabalhou no projeto de compilação do Código Teodosiano (*PLRE* 2, p. 972).

Simplicio. (*Fl. Simplicius* 12). Provavelmente foi um militar na região da Arábia (*PLRE* 2, p. 1016).

Sofrônio. (*Sophronius* 2). *Comes* (435). Uma das pessoas que enviou uma carta a Cosmas de Antioquia sobre os infortúnios de Nestório (Nestório, *Ep. Cosmas*; *PLRE* 2, p. 1021).

Tauro. (*Fl. Taurus* 4). Prefeito Pretoriano do Oriente, de 433-434 e 445. Recebeu carta de João de Antioquia sobre a ordenação do bispo Proclo de Constantinopla. Atuou nas negociações da *Fórmula da Reunião*, em 433, forçando a reconciliação entre cirilianos e nestorianos. Recebeu cartas do bispo Teodoreto de Ciro (*PLRE* 2, p. 1056-1057; *ACO* I, 1, 5, p. 132s.).

Teodoro 14. (*Theodorus* 14). *Agens in rebus* (409-431), diácono (431-451). Acompanhou Cirilo de Alexandria no Concílio de Éfeso, em 431. Após o Concílio, ele foi aceito para

integrar o clero de Alexandria, mas foi expulso pelo sucessor de Cirilo, o bispo Dióscoro (*PLRE* 2, p. 1088; *ACO*, II, 1, 1, p. 211-212).

Teodoro 16. (*Theodorus 16*). Recebeu presentes de Cirilo. *Domesticus* do *cubicularius* Escolástico (*ACO*, I, 4, p. 224-225; *PLRE* 2, p. 1088).

Valentiniano III. (*Placidus Valentinianus 4*). *Augusto* (425-455). Filho de Constâncio 17 e Gala Placídia. Casou-se com Licínia Eudóxia, filha de Teodósio II. Foi assassinado em 16 de março 455, em Roma (*PLRE* 2, p. 1138-1139).

Valério. (*Valerius 6*). *Magister Officiorum* (435), cônsul (432). Filho de Leôncio 6. Irmão da imperatriz Eudócia e Gésio 2. Natural de Atenas. Em 455, teria escrito para Eudócia incitando-a a abandonar a heresia de Eutiques (*PLRE* 2, p. 1145).

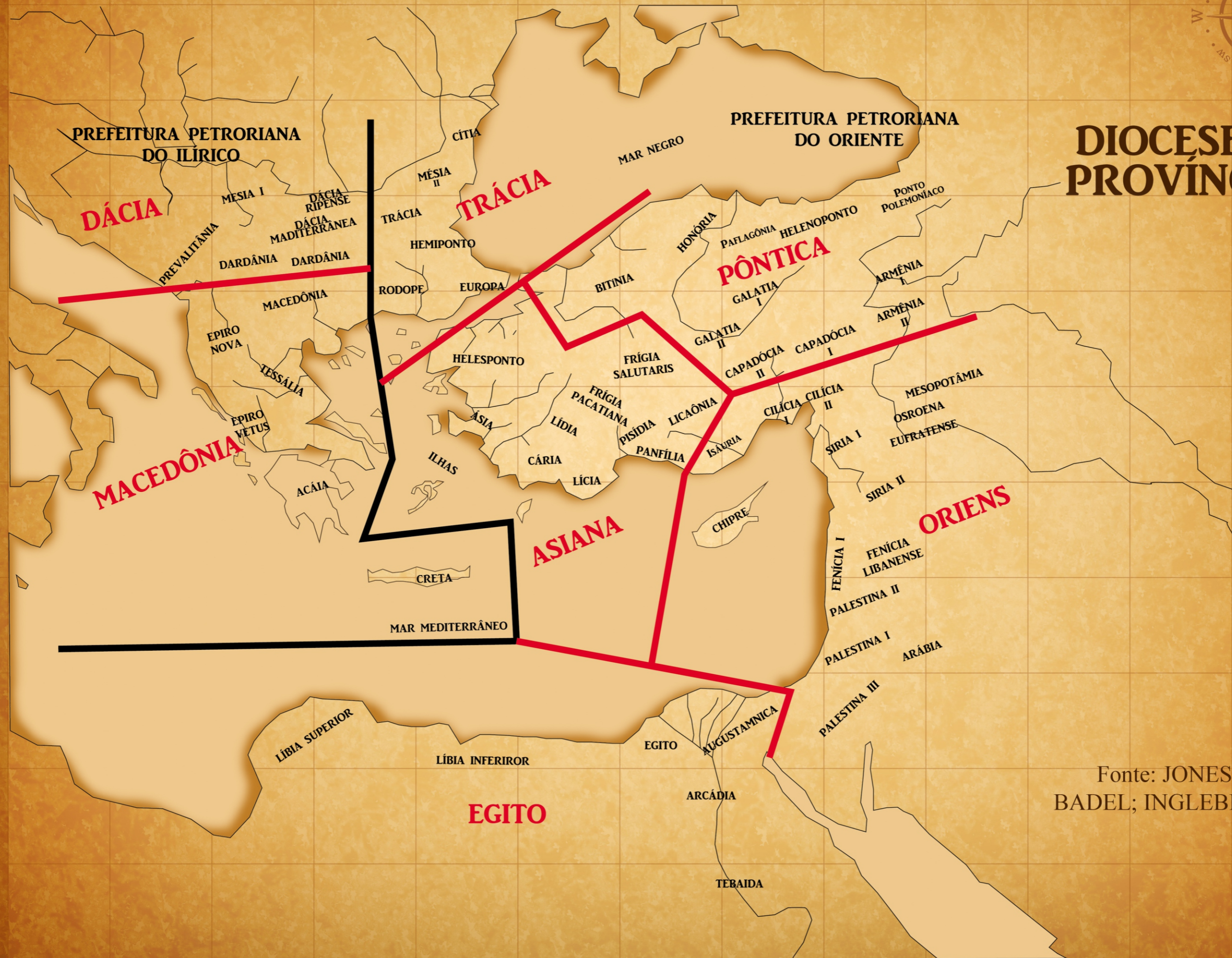
Zenão. (*Fl. Zenon 6*). *MVM per Orientem* (447-451), cônsul (448). Nativo da Isáuria. Correspondeu-se por meio de cartas com o bispo Teodoreto de Ciro. Em 449, resistiu aos esforços de Crisáfio para apaziguar Átila. É registrado que tenha tentado assassinar Teodósio II (*PLRE* 2, p. 1199-1200).

APÊNDICE L MAPA 1

IMPÉRIO ROMANO DO ORIENTE - SÉC V D.C.



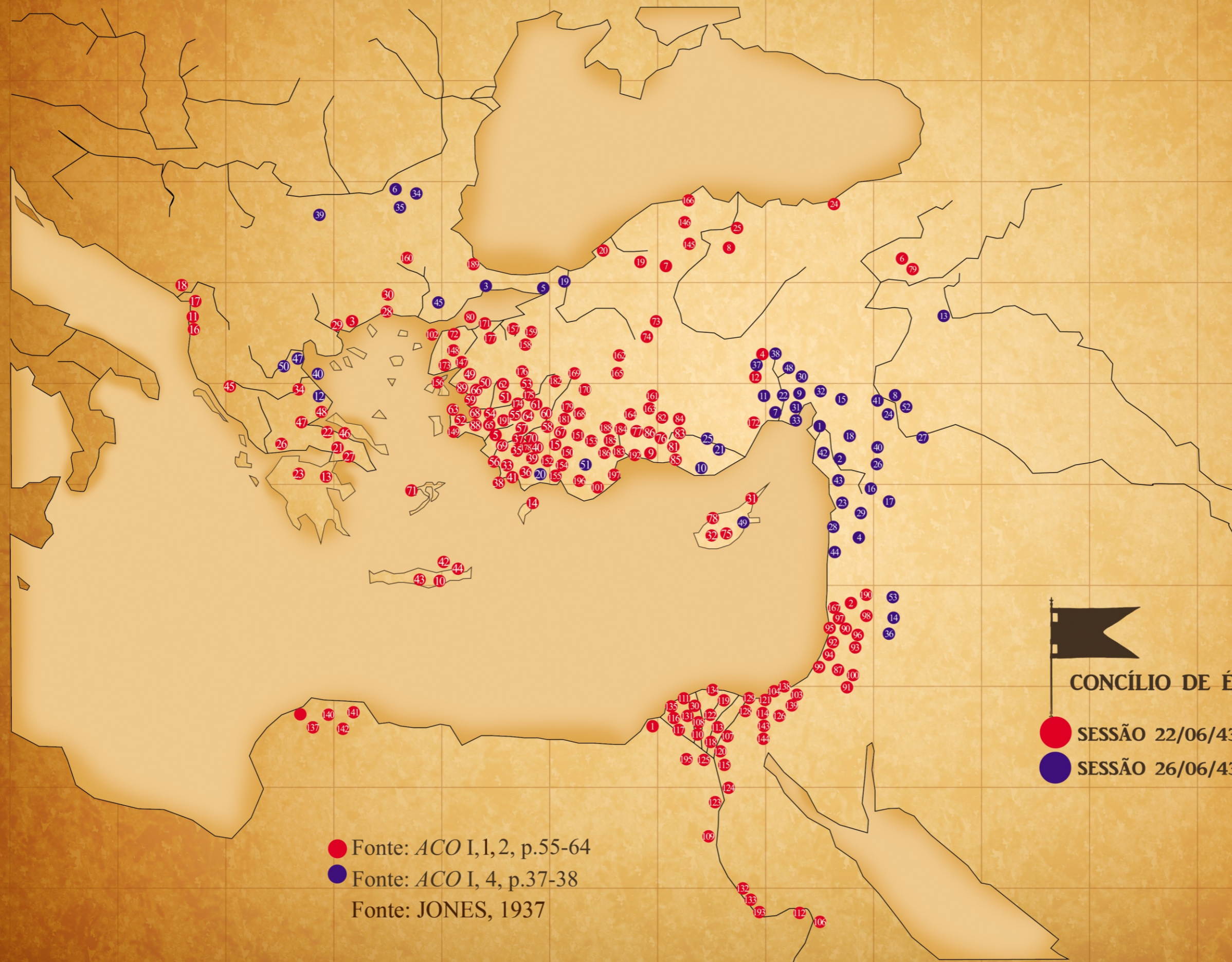
DIOCESES E PROVÍNCIAS






Fonte: JONES, 1937
BADEL; INGLEBERT, 2014.

APÊNDICE M - MAPA 2

IMPÉRIO ROMANO DO ORIENTE SÉC. V D.C



-  **CONCÍLIO DE ÉFESO I, EM 431**
-  **SESSÃO 22/06/431 - PRÓ-CIRILO**
-  **SESSÃO 26/06/431 - PRÓ NESTÓRIO**

● Fonte: *ACO* I,1,2, p.55-64
● Fonte: *ACO* I, 4, p.37-38
Fonte: JONES, 1937

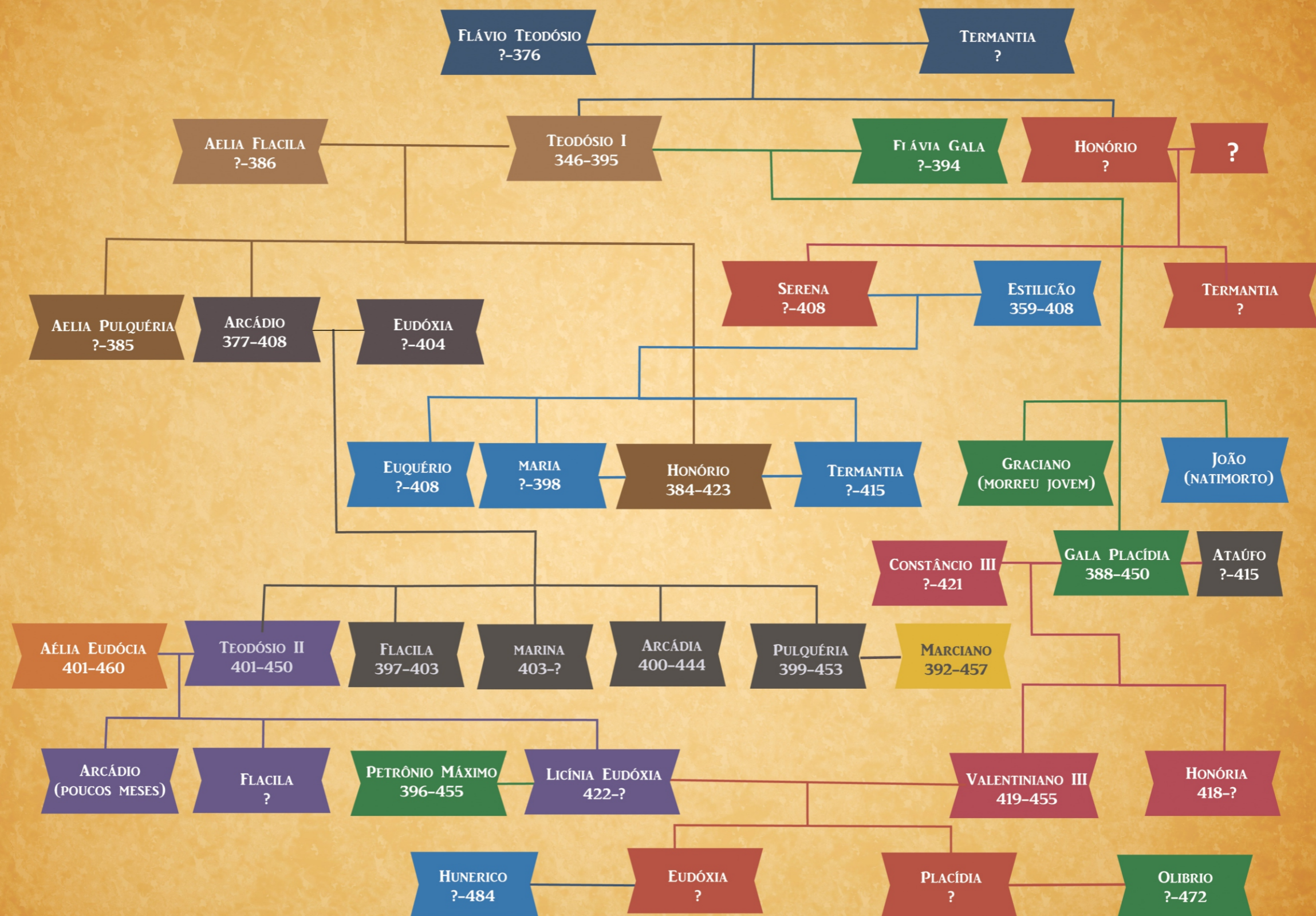
APÊNDICE N - MAPA 3 IMPÉRIO ROMANO DO ORIENTE SÉC. V D.C.



**CONCÍLIO DE ÉFESO II, EM 449
DEPOSIÇÃO DE FLAVIANO**

Fonte: JONES, 1937
ACO II, 1, p. 194-195

APÊNDICE O - DINASTIA TEODOSIANA



FONTES: PLRE - 1 E 2